

COLEÇÃO FÉ EVANGÉLICA

O SER DE DEUS
e as suas obras

A PROVIDÊNCIA

e a sua realização histórica



Heber Carlos de Campos

O Ser de Deus e as suas obras:
A PROVIDÊNCIA

e sua realização histórica

Dr. Heber Carlos de Campos

Editora Cultura Cristã, 2001
Coleção Fé Evangélica, volume 2
Teologia / Obras de Deus / Providência

Doação: George Emanuel



www.semeadoresdapalavra.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

Semeadores da Palavra e-books evangélicos

*** Este e outros livros da Coleção Fé Evangélica poderão ser comprados no site da [Editora Cultura Cristã](http://www.editoraculturacrista.com.br) ***

DEDICATÓRIA

Aos meus queridos filhos, obra da providência divina em nosso lar,

Heber Jr.

Eduardo

Cláudia

que ficaram privados de uma comunhão maior com o seu pai pelo tempo que gastei com este livro, dedico-o com todo amor do coração.

ÍNDICE

PREFÁCIO.....	7
INTRODUÇÃO.....	8
Definição de providência.....	8
A realidade da providência.....	8
O Desprezo à Doutrina da Providência.....	9
CAPÍTULO 1.....	15
RELAÇÃO DA PROVIDÊNCIA COM OUTRAS DOUTRINAS.....	15
Providência e Soberania.....	15
Providência e Decreto.....	20
Providência e Onipotência.....	22
Providência e Criação.....	22
Providência e Cosmovisão.....	23
Providência e História.....	24
Providência e Milagres.....	26
Providência e Oração.....	28
CAPÍTULO 2.....	31
OS INSTRUMENTOS DA PROVIDÊNCIA.....	31
Seres Angelicais.....	31
Seres Humanos.....	34
Nações e reis Ímpios.....	35
Seres Irracionais.....	37
Fenômenos da Natureza.....	38
Sonhos ou Visões.....	39
CAPÍTULO 3	
OS OBJETOS DA PROVIDÊNCIA.....	40
Providência no reino das coisas Inanimadas.....	41
Providência no reino dos seres animados.....	43
Providência no Reino da Criação Viva.....	46
Providência na vida dos Indivíduos.....	46
Providência na vida das nações.....	48
Aplicação.....	52
CAPÍTULO 4.....	54
VERDADES GERAIS SOBRE A PROVIDÊNCIA.....	54
A doutrina da providência nos símbolos de fé.....	54
O autor da providência.....	54
As qualidades da providência.....	56
Necessidade da providência.....	57
Os modos de ação da providência.....	58
Elementos da providência.....	62
CAPÍTULO 5.....	63
A PRESERVAÇÃO PROVIDENCIAL DE DEUS.....	63
Erros que Devem Ser Evitados.....	63
Objetos da Preservação Divina.....	64
Aplicação.....	84
CAPÍTULO 6.....	87
A PROVISÃO PROVIDENCIAL DE DEUS.....	87
Base das Provisões Divinas.....	87

Provisão de Proteção.....	89
Provisão para Necessidades físicas.....	93
Provisão Para Necessidades Emocionais.....	95
Provisão Para Necessidades Espirituais.....	98
Aplicação.....	105
<u>CAPÍTULO 7</u>	
<u>A DIREÇÃO PROVIDENCIAL DE DEUS.....</u>	106
Deus Dirige os caminhos de todos os homens.....	106
Deus Dirige os caminhos dos seus servos.....	109
Os Propósitos da Direção Divina.....	112
Deus Dirige os Ministérios dos do seus servos.....	121
Os Modos Usados por deus Para Dirigir o seu Povo.....	134
Aplicação.....	139
<u>CAPÍTULO 8</u>	145
<u>O GOVERNO PROVIDENCIAL DE DEUS.....</u>	145
Definição de governo providencial.....	145
O padrão do governo Providencial.....	146
As Características do Governo providencial.....	148
Os Instrumentos do Governo Providencial.....	151
Os Objetos do Governo providencial.....	153
Aplicação.....	166
<u>CAPÍTULO 9.....</u>	169
<u>A RETRIBUIÇÃO PROVIDENCIAL DE DEUS.....</u>	169
Objetos da Retribuição Providencial.....	169
Instrumentos de Retribuição providencial.....	174
Propósitos da Retribuição Providencial.....	181
<u>CAPÍTULO 10</u>	
<u>O CONCURSUS PROVIDENCIAL DE DEUS.....</u>	184
Definição de Concursus.....	184
O Concursus exige que haja duas partes ativas.....	185
Concursus da Causa Primária com a Secundária.....	186
Os Objetos do Concursus Divino.....	189
Características do Concursus divino.....	198
O compatibilismo do Concursus.....	200
Ilustrações do Concursus de Deus.....	206
Aplicação	225
<u>CAPÍTULO 11</u>	
<u>CONCEITOS ERRÔNEOS SOBRE A PROVIDÊNCIA.....</u>	228
Conceitos de cosmovisões não-cristãs.....	228
Conceitos de cosmovisões sub-cristãs.....	233
<u>CAPÍTULO 12.....</u>	236
<u>PROVIDÊNCIA E TEODICÉIA.....</u>	236
Definição de teodicéia.....	236
Tipos de teodicéia.....	237
<u>CAPÍTULO 13.....</u>	251
<u>O MAL MORAL E A PROVIDÊNCIA DIVINA.....</u>	251
Natureza de Deus.....	251
Natureza dos seres morais.....	262
Natureza da Lei Moral.....	265
Natureza do mal moral.....	266
A origem do mal moral.....	270
Propósitos do mal moral na providência divina.....	275
reação da Providência divina ao mal moral.....	280
Aplicação.....	285

CAPÍTULO 14.....	293
LIÇÕES SOBRE O MAL MORAL.....	293
O tentador coopera para o nosso bem.....	293
As tentações cooperam para o nosso bem.....	299
Aplicação.....	305
CAPÍTULO 15.....	307
O MAL FÍSICO E A PROVIDÊNCIA DIVINA.....	307
Origem dos males físicos.....	307
A abrangência dos males físicos.....	309
Aplicação.....	320
Variedade dos males físicos nos seres humanos.....	321
Procedência dos males físicos.....	339
Propósitos dos males físicos.....	349
Aplicação.....	352
CAPÍTULO 16.....	361
TRIUNFO DO BEM SOBRE OS MALES FÍSICOS, MORAIS E ESPIRITUAIS.....	361
Triunfo do Bem na Esfera Física.....	362
Triunfo do bem na esfera moral.....	372
Triunfo do Bem na Esfera Espiritual.....	372
O Modus Operandi do Triunfo.....	374
Aplicação.....	377
CAPÍTULO 17.....	379
O SOFRIMENTO HUMANO E A PROVIDÊNCIA.....	379
As razões do sofrimento humano.....	379
O Sofrimento dos Ímpios.....	383
O Sofrimento dos Cristãos.....	390
Atitudes do cristão diante do sofrimento.....	393
CAPÍTULO 18.....	400
OS SOFRIMENTOS EXCLUSIVOS DOS CRISTÃOS.....	400
Sofrimento por causa da Disciplina Divina.....	400
Sofrimento por causa do Amor a Cristo.....	405
Sofrimento por causa da retidão.....	408
Sofrimento por Causa da Pregação do Evangelho.....	412
Sofrimento por causa da fidelidade a Deus.....	413
CAPÍTULO 19	419
OS SOFRIMENTOS EXCLUSIVOS DA LIDERANÇA CRISTÃ.....	419
Sofrimento causado pela perseguição.....	419
Sofrimento causado pelo desconforto da época.....	421
Lições para o obreiro que sofre.....	427
CAPÍTULO 20.....	430
OS PROPÓSITOS PROVIDENCIAIS NO SOFRIMENTO.....	430
Propósitos do Sofrimento entre os ímpios.....	430
Propósitos do sofrimento entre os cristãos.....	431
Aplicação.....	440
CAPÍTULO 21.....	442
OS FRUTOS DA PROVIDÊNCIA NO SOFRIMENTO.....	442
Obediência.....	442
Certeza de Agradar a Deus.....	447
Certeza de Consolação.....	449
Libertação.....	451
Bem-aventurança.....	452
Aplicação:.....	458

<u>CAPÍTULO 22.....</u>	<u>461</u>
<u>TIRANDO LIÇÕES DA PROVIDÊNCIA DIVINA.....</u>	<u>461</u>
<u>Aprenda os princípios da Providência Divina.....</u>	<u>461</u>
<u>Advertências Sobre o Uso indevido da Providência.....</u>	<u>469</u>
<u>Atitudes nossas diante da providência divina.....</u>	<u>472</u>

PREFÁCIO

Sem muita pretensão comecei a estudar o capítulo da providência divina como parte de um segundo livro sobre as obras de Deus, que deveria ser uma continuação do meu primeiro livro sobre teontologia “O Ser de Deus e Seus Atributos”¹, mas quando comecei a escrevê-lo, o assunto da providência se me descortinou de uma maneira extraordinária.

Quando comecei a trabalhar no capítulo sobre a providência eu percebi que não poderia simplesmente escrever aquilo que anteriormente planejara. O assunto se me tornou apaixonante e eu descobri quão ampla é a doutrina da obra providencial de Deus da forma como a Escritura a apresenta. A Palavra de Deus é recheada das ações providenciais de Deus e acabei mergulhando no assunto e me deliciando com ele.

A tentativa que eu fiz é para suprir a lacuna sobre essa matéria em nossa língua. A princípio comecei a trabalhar somente com as divisões clássicas da providência que têm a ver com a preservação, governo e concorrência. Mas, à medida que fui lendo a Escritura e alguns outros livros sobre matéria, a cortina se abriu de uma forma extraordinária e percebi que muito mais coisas na teologia têm a ver com a providência divina. Então, comecei a trabalhar com a provisão divina, com a direção divina, com a retribuição divina. Só não trabalhei com a redenção divina porque este assunto deverá ser tratado num livro em separado, tão grande é a sua importância. Além disso, tentei penetrar no assunto da teodicéia, o que me despertou trabalhar com os males morais e físicos, além de tratar especificamente do sofrimento humano. Cada vez que eu penetrava nessa matéria, mais coisas apareciam. Então, resolvi parar nos capítulos que este livro contém. Do contrário, eu haveria de ir longe demais para os padrões comuns de leitura entre o nosso povo.

Como aconteceu no meu primeiro livro, eu tentei ser mais simples possível no meu método de trabalho e no meu vocabulário. O meu propósito é atingir a liderança cristã da igreja cristã brasileira, os professores de escola dominical, alunos de seminários e, até, professores de seminário que querem ter uma fonte de consulta a mais sobre esse importante assunto.

Após muitos meses exaustivos de trabalho, agora entrego para o público cristão do Brasil esse trabalho fruto de muitos labores, orando para que Deus abençoe a sua doutrina ensinada neste livro.

¹ Heber Carlos de Campos, *O Ser de Deus e Seus Atributos* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999).

INTRODUÇÃO

DEFINIÇÃO DE PROVIDÊNCIA

A palavra portuguesa “providência” vem do latim *providentia*, e a palavra prover do latim *providere*. Etimologicamente, a palavra providência significa primeiro “ver antes” ou “ver de antemão”. Posteriormente, a palavra veio a significar o exercício de todo o cuidado e controle que a infinita previsão de Deus de seus próprios fins e seu conhecimento que seus instrumentos apontados podem sugerir.²

A teologia cristã possui três verdades *a priori*, das quais ela não abre mão: *Deus existens*, que tem a ver com a existência tripessoal de Deus; *Deus volens*, que tem a ver com a decisão de formação do seu plano eterno; *Deus agens*, que tem a ver com a ação de Deus na esfera da sucessão temporal executando o seu plano concebido na eternidade.³

O Deus que Escritura Sagrada apresenta é um Deus criador e que tem grande preocupação com aquilo que cria. Portanto, a doutrina da providência trata de todos os atos externos de Deus que aparecem subseqüentemente à criação. Somente as coisas que vieram à existência é que são objeto das obras providenciais de Deus. Estas *opera ad extra* são a execução temporal e sucessiva do seu plano eterno já estudado na doutrina do decreto.

Portanto, podemos definir a providência divina como a atividade do Deus triúno através da qual ele (a) *provê* as necessidades de suas criaturas, (b) *preserva* todo o universo criado, (c) *dirige* todos os caminhos individualmente; (d) *governa* toda a obra de suas mãos (e) *retribui* todas as obras más e (f) *concorre* em todos os atos de suas criaturas racionais, sejam atos bons ou maus, de modo que nada escapa ao seu controle.

Em outras palavras, podemos dizer que providência pode ser entendida como Deus não somente trazendo as criaturas à existência para o seu próprio prazer, nem somente decretando todas as coisas que têm que acontecer a elas, depois retirando-se para o céu, deixando as coisas acontecendo por si mesmas. Ao contrário, em sua sabedoria infinita e em seu poder absoluto, Deus exerce o seu poder sobre si mesmo (como a causa primeira) para fazer tudo o que quer diretamente, e sobre as coisas deste mundo (causa secundárias), como instrumentos seus, para sustentar, dirigir, prover e governar todas as criaturas e circunstâncias, fazendo com que todas as coisas cooperem para a execução plena dos seus propósitos eternos. Isto é o que chamamos de providência divina.

A REALIDADE DA PROVIDÊNCIA

Não há como negar a existência da obra providencial de Deus, porque não há coisas que venham a acontecer por mero acaso na vida deste mundo

2 A.A. Hodge, *Evangelical Theology* (Edinburgh: Banner of Truth, 1990), 31.

3 *Ibid.*, 31.

e, muito menos, na existência individual das pessoas. Aqueles que negam as obras providenciais de Deus acabam caindo num fatalismo ou na idéia do acaso. O fato é que nenhum ser humano pensa que é absolutamente independente dos eventos que acontecem neste mundo. Os seres humanos não possuem controle sobre os eventos do universo e sobre a vida pessoal deles.

O cristão, como lhe deve ser próprio, crê num Deus transcendente e, ao mesmo tempo, imanente, que está envolvido com a sua criação “sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder” (Hb 1.3) e, sabedor de que ninguém escapa do controle de Deus, como Paulo, ele também crê que “dele e por meio dele e para ele são todas as cousas” (Rm 11.36).

A providência divina não deve ser vista apenas nos atos agradáveis que acontecem na vida dos homens, como as provisões nas horas de necessidade, mas também nos atos de Deus que implicam em sofrimentos e aflições dos seres humanos (o que inclui os seus pecados) que acabam concorrendo, de um lado, para o bem dos que amam a Deus e, de outro lado, para o mal dos que não o amam.

Quando encorajado por sua mulher a amaldiçoar Deus e morrer, por causa dos seus sofrimentos, o crente Jó entendeu que os males que ele sofria provinham das mãos do Todo-Poderoso. Por essa razão, ele replica à sua esposa: “Falas como qualquer doida; temos recebido o bem de Deus, e não receberíamos também o mal?” (Jó 2.10). A mesma perspectiva providencial teve o profeta Oséias, quando sentiu a mão pesada de Deus sobre o seu povo. Então, ele conclama o povo diante da dor: “Vinde, tornemos para o Senhor, porque ele nos despedaçou e nos sarará; fez a ferida, e a ligará” (Os 6.1).

Em sã consciência, nenhum cristão ousará negar a realidade da providência divina na vida de todos os homens. Todavia, somente os cristãos genuínos a reconhecem e por ela dão graças!

O DESPREZO À DOCTRINA DA PROVIDÊNCIA

Não obstante a realidade da providência divina, tem havido um certo desprezo à doutrina da providência nas últimas décadas no mundo chamado cristão. Ela tem sido esquecida ou negligenciada nos ensinamentos de seminários e das igrejas atualmente, no mínimo, por razões teológicas, mas há razões filosóficas e científicas por detrás dessa despreocupação por ela.

Berkouwer escreveu o primeiro capítulo de seu livro sobre a providência falando da crise da doutrina da providência no século XX.⁴ Quase não há nada escrito sobre a providência de Deus nas últimas décadas no cristianismo histórico, se levarmos em conta a grande importância dessa doutrina. Na língua portuguesa praticamente inexistente qualquer publicação substancial a respeito. No entanto, a igreja vai crescendo em tamanho, mas sem o conhecimento da obra providencial de Deus e, por causa dessa lacuna, negativamente falando, vai crescendo também na ignorância desse assunto tão basilar à saúde de sua vida espiritual.

4 G. C. Berkouwer, *The Providence of God*, (Eerdmans, 1952), pp. 9-32.

Precisamos devolver à igreja contemporânea o que ela perdeu no século XX, e que foi crido de uma maneira muito vívida desde o período da Reforma do século XVI. No período das Confissões de fé protestantes houve uma grande ênfase na doutrina da providência, terminando a ênfase no período do escolasticismo protestante. Com muita força as confissões falaram da obra de preservação e governo de Deus sobre todo o universo. Depois, pouco a pouco, o interesse nela foi caindo.

Há algumas razões que, historicamente, levaram a igreja cristã, de um modo geral, a possuir uma certa despreocupação pela doutrina da providência divina.

1) O DESENVOLVIMENTO DO NATURALISMO CIENTÍFICO NO SÉCULO XIX

O século XIX foi marcado pelo desenvolvimento da obra missionária e, portanto, da grande expansão da igreja em todos os continentes. Esse é apenas um lado da história. Ao mesmo tempo em que houve um crescimento numérico, houve também um decréscimo na ênfase doutrinária da igreja, que havia sido típico de períodos anteriores. Com esse enfraquecimento, as brechas para as influências externas na vida da igreja começaram a se tornar maiores. Quanto mais aumentava o calcanhar de Aquiles da Igreja, mais atacável ela veio se tornar. Os ataques do liberalismo teológico emergente começaram a chacoalhar os alicerces da teologia da ortodoxia. Várias doutrinas básicas do cristianismo foram atacadas violentamente durante essa época.

Todavia, mesmo em tempos de crise da igreja, quando outras doutrinas foram objeto de grande crítica (como a doutrina do nascimento virginal, ressurreição e ascensão, que padeceram diante do ataque da teologia liberal no séculos XIX e XX), a princípio a doutrina da providência não sofreu tanto. Ela foi usada por cristãos que começaram a assimilar o pensamento de um evolucionismo cientificista. Por isso, Berkouwer diz que “a doutrina da providência foi freqüentemente usada como um outro modo de afirmar a crença na evolução progressiva do homem.”⁵

Isso quer dizer que, pelo menos a princípio, o estudo da providência não sofreu grande abalo nos primeiros tempos do darwinismo. Mesmo embora o estudo da providência não tenha sofrido forte abalo naquela época, os fundamentos do cristianismo foram alterados pelo ensino do evolucionismo. Os efeitos apareceriam mais tarde na fraqueza da teologia cristã minada por um cientificismo humanista.

O estudo da ciência começou dispensando a idéia do Deus presente neste mundo por enfatizar o naturalismo. Todos os fenômenos acontecidos neste mundo passaram a possuir uma causa natural, dentro dele próprio, nunca tendo uma causalidade fora de si mesmo, isto é, na obra providencial de Deus. A natureza começou a ser estudada como auto-causada. Ao invés de atribuir os fenômenos da natureza a um Princípio causal último que é Deus, os estudiosos começaram a falar da Mãe-Natureza como sendo a explicação causal última das coisas. O nosso mundo tornou-se

⁵ G. C. Berkouwer, *The Providence of God* (Grand Rapids: Eerdmans, 1952), 13.

independente, autônomo e o estudo dos fenômenos físicos ficou trancafiado nas causas naturais.

O aparecimento do estudo das origens das espécies foi apoiado pelo desenvolvimento do deísmo. O deísmo criou o pano-de-fundo teológico que acobertou o desenvolvimento do evolucionismo. Deus estava fora deste mundo, segundo o deísmo, sem possuir qualquer envolvimento com ele e, portanto, todas as explicações sobre os fenômenos acontecidos no universo tinham que ter sua origem na própria natureza. Não sobrou espaço para Deus por causa do naturalismo científico. Portanto, ficou sem sentido o estudo da operação providencial de Deus.

2) O APARECIMENTO DA SUBJETIVIDADE DA RELIGIÃO

Especialmente depois de Friedrich Schleiermacher, tornou-se lugar comum falar-se na religião como alguma coisa não além da subjetividade humana. Toda a manifestação religiosa não passava de uma erupção de sentimentos vindos do coração do homem. Obviamente, essa manifestação religiosa não era o desenvolvimento do *semen religionis* ensinado por João Calvino em suas *Institutas da Religião Cristã* (porque o estudo da teologia de Calvino foi, na prática, deixado de lado), mas apenas um sentimento da própria subjetividade humana, sem que esta fosse despertada pela revelação divina que está fora de nós e causa impacto nos seres humanos.

Embora a religião seja um fenômeno universal entre os humanos — e isto é reconhecido por todos porque a experiência não deixa dúvida — passou a crer-se que ela era apenas uma expressão de nossas necessidades egoístas interiores. Nada mais. Essa corrente filosófica desenvolveu-se com Ludwig Feuerbach, Nietzsche, Marx e Freud.

A idéia da divindade entre os homens nasce em sua subjetividade sem que nunca seja impactada por alguma coisa que proceda de fora de deles. Não há revelação divina que provoque qualquer sentimento de religiosidade. A religião é apenas produto do “eu” carente. Feuerbach

“explicou a religião como um desejo de projeção egoísta e subjetivo. Analisando a religião empiricamente, Feuerbach chegou à conclusão de que os deuses não foram nada além dos desejos projetados e objetivados. O homem, ele disse, era o começo, o meio e o fim da religião; a teologia era antropologia.”⁶

A religião passou a ser um fenômeno puramente humano, sem qualquer relacionamento com alguém de fora da esfera humana. Deus ficou de fora da religião no pensamento de Feuerbach. Quando mais se estuda a religião, mais se conhece o homem, no pensamento de Feuerbach. Por isso que, na teologia antropológica, a noção da interferência providencial de Deus não tem lugar.

O pensamento de Nietzsche levou à mesma conclusão. Para esse pessimista, a fé era a projeção de um ideal do homem, não a resposta humana à intervenção divina no mundo que ele criou. Deus estava morto na

6 Berkouwer, *The Providence of God*, 22.

sua filosofia e a religião não tinha nada a ver com a sua ação no mundo dos homens.

Sigmund Freud não conseguiu fugir da subjetividade da religião. Para ele, a religião era uma “projeção do homem cercado e ameaçado pelos poderes da natureza. Sem defesa contra essas ameaças, o homem procurou por lugares de refúgio.”⁷ A idéia da providência divina surgiu da imaginação dos homens. A providência a que ele se refere é apenas uma projeção daquilo que nós fazemos em favor de nós próprios. Por essa razão, ele disse em uma de suas obras:

“Nós dizemos a nós mesmos que é muito bonito, de fato, que haja um Deus criador do mundo, uma doce providência, uma ordem moral, e uma vida por vir — mas é digno de nota que tudo isto seja exatamente como deveríamos desejar para nós próprios.”⁸

Isto é uma projeção de nossos sentimentos, uma ilusão simplesmente, não o resultado da realidade de um Deus presente entre nós, o seu mundo criado. Com esse sentimento interior projetado, os seres humanos vivem e dele se alimentam. Essa é a providência para suas vidas.

Por causa da carência do “eu” mais tarde, com Karl Marx e o desenvolvimento do materialismo científico do comunismo, a religião veio a ser concebida como o “ópio do povo”, para entorpecê-lo diante dos problemas emergentes. A religião seria apenas um escape para a miséria e os males sociais. Marx foi de encontro à idéia da religião porque ele a virou de cabeça para baixo. Ele disse “Não” à religião cristã. Todavia, a idéia de religião não desapareceu, mas continuou sendo o anestésico para as dores causadas pelos sofrimentos pessoais e sociais do mundo. Ela permaneceu apenas como expressão da subjetividade humana.

Ora, se a religião é apenas uma projeção dos nossos sentimentos interiores, o que ela tem a ver com a intervenção da providência divina? Nada. A religião depende das nossas sensações interiores e não da resposta ao impacto da revelação divina.

3) A ERUPÇÃO DAS DUAS GUERRAS MUNDIAIS

Porque a princípio alguns cristãos começaram a esposar os postulados do naturalismo científico, a doutrina da providência não sofreu um ataque muito violento. Por algum tempo a doutrina da providência ainda sobreviveu dentro do cristianismo histórico. O evolucionismo começou a reinar no século XIX, mas a doutrina da providência divina foi preservada quase que intacta até uma certa altura, quando se deu o irrompimento das duas guerras mundiais, e o otimismo em que o mundo vivia com respeito à bondade do homem, caiu por terra e, com isso, apareceu a dúvida de que Deus continuava a agir providencialmente com bondade em nosso mundo.

Com o desapontamento sobre a bondade humana após a deflagração dos dois grandes conflitos mundiais, muitas pessoas começaram a pender para o agnosticismo que é o resultado do deísmo. Começou-se a duvidar do envolvimento de Deus com este mundo e de sua participação na história

⁷ Ibid., 22.

⁸ Sigmund Freud, *Die Zukunft einer Illusion*, 1928, 53 (Berkouwer, *The Providence of God*, 22).

dele. “Em todo lugar dúvidas profundas foram levantadas como respeito à realidade de Deus; os homens não somente negaram a Providência sobre *todas as coisas*, mas ridicularizaram a idéia por apontarem para a realidade ao redor de nós.”⁹ Com a derrocada da *belle époque*, surgiram com toda força os movimentos emergentes do existencialismo. Foi o renascimento do subjetivismo, mas com características de maior incredulidade. No cenário político houve o surgimento do comunismo que negou a idéia de religião e a considerou como sendo apenas ópio do povo. Desacreditou-se em Deus em muitos círculos do mundo pensante, à medida que os males sociais se tornaram cada vez maiores.

Nunca houve tempo de tantas tempestades filosóficas em que a confissão da igreja protestante sobre a providência divina tenha sofrido tão sério golpe! Com o surgimento das filosofias e com o aumento dos problemas sociais no mundo a pregação sobre a providência divina tornou-se inviável porque as pessoas começaram a duvidar de que havia um Deus preocupado com este grande e sofrido universo. Em alguns círculos cristãos, a ortodoxia do cristianismo entrou em crise e não foi suficientemente forte para reverter a situação. A igreja na Europa estava morrendo à míngua, pois possuía os postulados do liberalismo e, com a perda da fé na bondade humana, ficou sem o suporte que a *belle époque* lhe dava. Berkouwer, um contemporâneo desse tempo de crise disse que “a confissão da providência de Deus tem se tornado, agora mais do que nunca, numa pedra-de-tropeço.”¹⁰ Diante das duas grandes catástrofes mundiais, o cristianismo histórico em algumas terras ficou sem muita coisa que dizer a respeito da providência divina porque, ao invés de aterem-se aos ensinamentos da Escritura sobre como Deus governa a história, ficaram apenas com a experiência amarga dos acontecimentos da época, sem terem explicações que dar aos opositores incrédulos, os adversários do cristianismo.

O cristianismo liberal, que ocupava a maior parte das igrejas européia e americana, falhou em responder às questões levantadas, porque abandonaram a crença na inspiração das Escrituras, e se esqueceram de buscar nela a resposta para os atos providenciais de Deus na história contemporânea. Muitos cristãos sinceros acabaram por ficar na mesma situação do autor do Salmo 73 que, observando a prosperidade dos ímpios e o sofrimento de justos, ficou perplexo e duvidou da bondade providencial de Deus. Como o salmista, muitos acabaram entrando em colapso espiritual e houve crise com respeito à soberania de Deus. Eles falharam no entendimento do relacionamento dos juízos parciais de Deus sobre os seres humanos, por causa dos seus pecados. Eles pensaram que Deus tinha a obrigação de impedir qualquer manifestação de maldade na vida dos homens. Olvidaram-se de que a catástrofe que ameaça a vida no mundo freqüentemente é uma imposição penal (embora apenas parcial) de Deus sobre o mundo pecador. Eles pensaram humanisticamente sobre a história. Esqueceram-se de que Deus conduz a história que de antemão escreveu. Perderam o sentido da verticalidade da relação Deus-homem.

Quando isto acontece, os seres humanos começam a viver sem propósito na vida. Foi nessa hora que a crise existencial se avolumou e tudo acabou sendo “vaidade de vaidades”, à semelhança da cosmovisão do antigo

9 Berkouwer, *The Providence of God*, 14.

10 Berkouwer, *The Providence of God*, 15.

Pregador. O fatalismo, então, passou a ser a crença de muitos, não a crença na providência divina. Berkouwer diz que esse fenômeno passou a ser um resultado da secularização. “Deus é estranho ao homem; e o homem se torna num estranho no mundo de Deus”.¹¹

As duas grandes guerras foram um balde de água fria naqueles que criam num Deus providente e cheio de cuidados pelo mundo. As atrocidades cometidas nas guerras acabaram com as esperanças humanizantes da teologia liberal que já havia dominado as igrejas da Europa e da América do Norte, as duas outrora grandes e pujantes fontes de obra missionária. A ortodoxia protestante foi ficando cada vez mais fraca e, dentro do cristianismo mundial, perdeu seu interesse pelo estudo da providência divina porque, para muitos cristãos que não haviam sido devidamente educados na doutrina, a providência significava unicamente Deus agindo benévola e agradavelmente na vida dos seres humanos de modo que eles são sempre protegidos e guardados de todo mal. Essa visão de providência desapareceu do conceito de muitos cristãos. Em tempos quando Deus exerce seus juízos parciais sobre os homens, fazendo com que desgraças e infortúnios apareçam na vida deles, as mesmas perguntas acontecem: “Por que? Até quando? Onde está o Deus dos cristãos?” O grande interesse no estudo da providência sempre está ligado às benesses que ele envia para o mundo. Quando essas benesses desaparecem, pelo menos temporariamente, o interesse pelo estudo da providência freqüentemente diminui na teologia da igreja.

¹¹ Berkouwer, *The Providence of God*, 19.

CAPÍTULO 1

RELAÇÃO DA PROVIDÊNCIA COM OUTRAS DOCTRINAS

Como deve ser comum nos nossos exercícios teológicos, precisamos aprender a relacionar uma doutrina com outra, pois a fê cristã tem todas as suas doutrinas entrelaçadas. A teologia cristã não é compartimentalizada. Seus vários departamentos são interligados, existindo um grande elo de ligação entre todos eles. Como a criação, a obra da providência é também incompreensível (Jó 37.5-24), pois sobrepassa o nosso entendimento. Não podemos dar todas as explicações para as intervenções divinas na vida deste mundo, mas mesmo sem entender todas as coisas da providência, podemos relacioná-la com outras doutrinas também de difícil entendimento, mas doutrinas que são reconhecidamente bíblicas. Mesmo sem o entendimento completo de tudo o que Deus faz, é perfeitamente possível encontrar um entendimento melhor para uma doutrina quando a comparamos com outras do mesmo sistema.

PROVIDÊNCIA E SOBERANIA

Como a doutrina da criação, a doutrina da providência tem a ver com os atos soberanos de Deus. Moisés reconheceu o que todos nós deveríamos reconhecer a respeito da unicidade divina e de sua soberania. Por isso, ele ordenou ao povo no deserto o seguinte preceito: “Por isso hoje saberás, e refletirás no teu coração, que só o Senhor é Deus em cima no céu, e embaixo na terra; nenhum outro há” (Dt 4.39). Quando se reconhece e se medita nesta texto da Escritura, não há como fugir à idéia de que a soberania de Deus está profundamente enraizada na matéria da providência. A ação providencial de Deus, que é soberana na vida dos seres humanos e de todas as outras criaturas, está claramente afirmada nas Escrituras. Os seres humanos são considerados como nada diante da ação soberana de Deus em suas vidas. Foi exatamente essa a compreensão que o profeta Daniel teve desta matéria, quando disse:

Dn 4.35 - “Todos os moradores da terra são por ele reputados em nada; e segundo a sua vontade ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem possa lhe deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?”

Não poderemos nunca separar as obras providenciais de Deus de sua soberania. Deus age livre e determinantemente na vida dos seres humanos para o cumprimento dos seus propósitos. Sua ação providencial é soberana porque nela ele independe de outras pessoas, ou da vontade de quem quer que seja. Quando ele usa as suas criaturas para o cumprimento de seus

propósitos, não é por que ele depende delas, mas porque ele resolve se servir delas, como veremos em outros capítulos deste livro.

É comum vermos o uso da palavra soberania em nosso meio. Falamos da soberania das nações e mesmo de indivíduos soberanos que governam as nações de nosso pequeno mundo. Essas soberanias são relativas. Os reis e soberanos deste mundo possuem prerrogativas especiais sobre o território do seu domínio, mas o seu poder é relativo à sua capacidade. Todavia, as limitações não pertencem a Deus que possui soberania absoluta sobre as obras da sua criação. É sua prerrogativa Ter todo o poder no céu e na terra e fazer o que quiser do que lhe pertence, pois todas as coisas que ele faz servem para o “louvor da sua glória”. É sua prerrogativa agir com a sua providência carinhosa para com alguns e com sua providência retributiva para com outros, concorrendo para o bem dos primeiros e para o mal dos últimos. É sua prerrogativa dar a uma determinada região chuvas e estações frutíferas e deixar outras sem elas. Nada está sobre Deus. Ele é soberano em todos os seus atos.

Há alguns princípios da soberania divina na sua obra providencial dos quais não podemos abrir mão:

DEUS ESTÁ NO CONTROLE DE TUDO

Quem está no controle deste mundo, Deus ou o diabo? Há uma porção de cristãos que, olhando a situação caótica em que se encontram muitas coisas, pensam que Satanás é o rei deste mundo. Mas o que a Escritura diz é exatamente o contrário. Deus está no absoluto controle do universo que ele criou. Todas as coisas que acontecem em nossa história são o produto de um plano previamente elaborado por Deus. Deus não somente tem um plano, mas ele executa esse plano. Satanás é apenas uma das peças que fazem parte dos propósitos eternos de Deus na vida de sua criação. Satanás não é o rei deste mundo (embora seja esse o seu desejo!), mas Deus. Tudo o que acontece mostra que Deus está no trono, porque “dele e por meio dele e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém” (Rm 11.36).

Deus é absolutamente soberano para controlar cada coisa ou evento que acontece, seja ele bom ou mau. De um modo ou de outro, como veremos adiante, Deus está envolvido em cada evento e em todos os detalhes do desenvolvimento da história do mundo e das pessoas. Se isto não é assim, Deus perde o controle do universo e nenhum de nós pode ter a certeza de que o que Deus diz em sua palavra vai se cumprir. O cumprimento de todos os vaticínios está vinculado ao poder soberano com o qual Deus controla todas as coisas. Se Deus não está no controle de todas as coisas, eu não posso ter esperança de que Deus será triunfante no final da história. Não há esperança para os cristãos se Deus não está no trono, governando o universo com sua onipotência. Por causa da cosmovisão errônea, isto é, por causa das lentes indevidas que as pessoas usam para enxergar o mundo, é que elas pensam que Satanás está no controle.

Quando as pessoas, mesmo as cristãs, atribuem o bem a Deus e o mal a Satanás, elas estão afirmando a heresia do dualismo. Este ensina Deus e o diabo são poderes independentes, como se fossem dois titãs lutando igualmente pelo domínio do universo. Muitos cristãos, por causa dessa

cosmovisão dualista, pensam que Satanás hoje está no controle porque o mal anda prevalecendo.

Algumas pessoas crêem nesse tipo de dualismo porque tentam *proteger* de Deus e tornar a crença deles mais fácil de ser absorvida. Tentam evitar que Deus, de alguma forma, esteja ligado à presença do mal no mundo. Fazendo isso, isto é, atribuindo toda a responsabilidade final do mal a Satanás, tornam a crença do aparecimento do mal uma doutrina mais digerível. Obviamente, é muito mais fácil pensar em Deus como o “sumo bem” e de Satanás como o “sumo mal”. Ainda que essas pessoas consideram o primeiro mais forte e mais poderoso que o segundo, não é assim que a Escritura apresenta o quadro do governo do mundo.

Eu li a respeito de uma enfermeira de um hospital que disse que havia um pastor de uma igreja nos Estados Unidos que, visitando os pacientes de sua igreja naquele hospital e, logo de início, lhes dizia: “Lembre-se, Deus não tem nada a ver com o que você está passando”, numa tentativa de proteger Deus de qualquer problema com o mal. A verdade é que, fazendo isso, esse pastor estava roubando de Deus a responsabilidade pela presença do mal no mundo, que ele próprio assume, como veremos posteriormente, e dando a Satanás a prerrogativa e a responsabilidade de todas as coisas desagradáveis, como se Deus ficasse apenas contemplando impotentemente os atos maus de Satanás.

Esse tipo de crença pode conduzir verdadeiros cristãos ao desespero, pois retira deles a verdadeira idéia de que o bem triunfa sobre o mal, pois este está sob o controle absoluto daquele que é chamado o sumo Bem. Quanto mais o velho “eu” se enfurece, mais a natureza pecaminosa do homem aparece e mais parece que Deus está perdendo a batalha pois ele é um Deus fraco. Então o desespero começa a tomar conta dos cristãos e um sentimento de frustração se avoluma dentro deles. O temor começa a fazer parte da vida deles porque eles aprenderam que o pior ainda está por vir. Temos uma porção de gente em nossa geração de cristãos com esse tipo de depressão espiritual pela falta de compreensão sobre quem rege este mundo.

Temos que ter a coragem de penetrar nos ensinamentos das Escrituras para verificar que as coisas não são de fato assim. Deus é o Senhor absoluto do universo e Satanás é apenas um dos seus “servos”, executando a sua vontade, como veremos logo abaixo.

Deus está no trono e reina absoluto sobre todas as coisas e os cristãos podem descansar nele pois a vitória é de Deus e do seu Cristo. Nenhum cristão precisa ficar desesperado, deprimido ou temeroso. Todas as coisas estão saindo exatamente do modo como Deus planejou desde o princípio. As rédeas deste universo nunca sairão das mãos do Senhor da glória!

TODO MUNDO TRABALHA PARA DEUS

Este princípio é conseqüente do ponto anterior. Deus se serve dos seres racionais para o cumprimento do seu plano neste mundo. Todo mundo é empregado de Deus no exercício de sua obra providencial. Todos têm algum tipo de participação do cumprimento dos propósitos decretivos de Deus que culminam na história do mundo.

O que mais espanta alguns crentes é que Deus usa o próprio Satanás para o cumprimento dos seus santos propósitos. Também os seus demônios servem aos propósitos providenciais de Deus.

Há um exemplo bem típico de Satanás como sendo um trabalhador a serviço de Deus. Em 2 Samuel 24.1 é dito que

“tornou-se a ira do Senhor a acender-se contra os israelitas, e incitou a Davi contra eles, dizendo: Vai, levanta o censo de Israel e de Judá”.

O mesmo episódio é narrado numa espécie de texto paralelo, em 1 Crônicas 21.1 é dito que

“Satanás se levantou contra Israel, e incitou a Davi a levantar o censo de Israel.”

O primeiro texto fala que Deus, em ira, moveu Davi ao censo, e o outro fala que Davi foi movido por Satanás. Ambos, Deus e Satanás estavam envolvidos no mesmo evento. Satanás é o agente para o cumprimento dos propósitos divinos. Observamos claramente nos textos acima que o censo foi uma expressão da ira de Deus sobre o povo, e o instrumento do qual Deus se serviu para executar a sua ira foi a incitação de Satanás. Deus é o soberano patrão e Satanás trabalhando para ele. Deus se serve das suas criaturas para a consecução dos seus planos, porque ele possui o governo absoluto sobre todas as coisas.

Satanás é o trabalhador-capataz mais terrível que o Senhor tem. Todavia, somente aqueles que crêem na soberania divina é que podem compreender a seriedade e a veracidade dessa afirmação.

Os males morais e físicos existem no mundo e isso ninguém pode negar. Satanás tem estado extremamente ocupado na sua terrível tarefa como um dos agentes desses males. Ele não tem tido folga na sua missão de sujeira moral e de miséria física. Sabemos, entretanto, que Deus está no controle de todas as coisas e usa como servos os próprios demônios para o cumprimento de sua vontade. Conquanto todos os males que a humanidade passa venham de Deus, todavia, os demônios são os agentes desses males que, por sua vez, usam também seres humanos. Temos que ter convicção de que a mão de Deus e a do diabo estão, ao mesmo tempo, envolvidas nos atos maus que acontecem no mundo.

Todos os seres criados são servos de Deus. Não há ninguém que fuja desse princípio. Há dois tipos de servo neste mundo. De um lado estão aqueles que conscientemente obedecem e alegremente fazem a vontade de Deus, que está prescrita em sua Palavra. De outro lado, estão aqueles que fazem exatamente o que Deus decretou sem nunca terem a idéia de que estão fazendo a vontade de Deus. Esses odeiam a vontade de Deus prescrita na Escritura e a desobedecem. Contudo, mesmo agindo contra as prescrições de Deus, acabam cumprindo os seus santos desígnios na suas vidas e na vida do mundo. Estes odeiam Deus, mas são seus servos no sentido de cumprirem a sua vontade.

Três reis famosos da antigüidade foram chamados de servos de Deus, embora odiassem o Deus dos israelitas. Um deles é Nabucodonozor e o outro é Ciro. Do primeiro, Deus diz:

“Agora eu entregarei todas estas terras ao poder de Nabucodonozor, rei de Babilônia, *meu servo*, ...todas as nações o servirão a ele, a seu filho e ao filho de seu filho, até que também chegue a vez da sua própria terra, quando muitas nações e grandes reis o farão seu escravo.” (Jr 27.6-7; cf 43.10)

O rei de Babilônia, haveria de ser instrumento nas mãos de Deus para cumprir a vontade de Deus com respeito às nações, e com respeito à própria Jerusalém e, por fim, sofrer uma fragorosa derrota. Deus se serviu do seu servo para realizar os seus propósitos providenciais de juízo sobre outros povos.

O outro rei do qual Deus se serve é Ciro, o rei da Pérsia. Dele Deus diz:

“[Eu] digo de Ciro: *Ele é o meu pastor*, e cumprirá tudo o que me apraz; que digo também de Jerusalém: será edificada; e do templo: será fundado” (Is 44.28).

Depois de Jerusalém ser destruída por Nabucodonozor, do templo ser derrubado, depois da humilhação de setenta anos no cativeiro, o império da Babilônia haveria de ser castigado por Deus, como está escrito no texto transcrito de Jeremias 27.6-7 acima. Deus se serve do “seu pastor” para cumprir a sua vontade. Esse rei ímpio, que cria num dualismo, isto é, cria na idéia de um deus bom e de um deus mau, haveria de ser o servo de Deus para castigar o rei de babilônia e edificar a cidade de Jerusalém e o seu templo.

O outro rei do qual Deus se serve é Senaqueribe, rei da Assíria. Ele foi o servo que Deus usou para ser o julgador do reino do norte, provavelmente em 721 a.C. Senaqueribe é instrumento poderoso nas mãos de Deus. Sobre ele Deus diz:

“Ai da Assíria, cetro da minha ira! A vara em sua mão é o *instrumento* do meu furor. Envio-a contra uma nação ímpia, e contra o povo da minha indignação lhe dou ordens...” (Is 10.5-6).

Senaqueribe não tinha em mente o que Deus tinha. Ele não estava pensando em cumprir os planos de Deus, mas os seus próprios planos e estava pensando em fazer unicamente a sua vontade arrogante, como monarca dos assírios. Todo o pensamento do rei assírio era o de destruir outras nações e saquear suas riquezas. Mas, por detrás dos anseios de Senaqueribe, estava um plano maior de Deus, e Deus nos controle de toda situação, serve-se dos seus servos. Deus estava no controle das emoções e das decisões do rei assírio. Senaqueribe haveria de fazer exatamente o que Deus havia determinado para o destino de Israel. Ele era um funcionário de Deus para o exercício da sua providência!

Todos os reis são instrumentos de Deus. De todos os reis incrédulos pode ser dito que são inimigos de Deus e cumprem apenas os decretos de Deus mesmo sendo desobedientes aos seus preceitos.

O decreto de Deus que, sem dúvida alguma, é decidido antes da fundação do mundo, é a causa primeira do acontecimento de todas as coisas no seu universo. Nada é produto do acaso neste mundo de Deus. Tudo é obra providencial dele. Não obstante seu poder de operar todas as coisas diretamente, Deus faz uso de instrumentos para a realização dos seus propósitos. A isso chamamos “causas secundárias”. Se alguém pergunta: “O que causou determinada pessoa tornar-se uma pessoa cristã?” a resposta a esta pergunta é dupla: A causa primeira é o amor soberano de Deus que a escolheu e a regenerou; a causa secundária é o que Deus usou para trazer aquela pessoa à fé em Jesus: o pregador e a pregação

PROVIDÊNCIA E DECRETO

Todas as obras providenciais de Deus na vida do mundo e de seus habitantes são produto do decreto eterno de Deus, que é o plano de Deus para a totalidade da sua criação. Todas as coisas que acontecem na história do mundo, das nações e dos indivíduos são o produto desse mesmo decreto. O decreto vem primeiro lógica e, então, cronologicamente; a providência é a execução temporal do decreto eterno. Todos os atos da história do mundo foram decretados por Deus antes da fundação do mundo, mas eles são realizados no decorrer do tempo pela obra providencial de Deus (Sl 2.7-8). Portanto, é justo dizer que a providência divina é um corolário necessário do decreto soberano divino. Este último é eterno e a primeira é histórica. Os propósitos eternos de Deus são realizados na nossa história de forma que os seus atos providenciais são o cumprimento do seu plano para o universo e para os indivíduos que nele habitam. O decreto divino “é a causa formal e final da presença e atividade providencial de Deus na história. Ela é o *telos*, o alvo.”¹² Portanto, o alvo pretendido no plano eterno de Deus é concretizado na história através dos atos providenciais de Deus.

Nada do que acontece na vida das pessoas e das nações pode ser entendido como fortuito ou casual. Deus tem o controle sobre todos os eventos de modo que nada do que planejou vem a falhar.

Deus tem o direito e o poder de fazer todas as coisas que ele determina fazer. Essa prerrogativa é singular do Senhor Todo-poderoso. Essa crença na obra decretiva da providência é fundamental para a nossa fé. Sem ela, a história seria uma porção de atos desconectados e sem significado e, além de tudo, sem um alvo a ser atingido, uma história sem *telos*, o que mostra um desgoverno de tudo o que acontece no mundo. Todavia, não é essa a crença do cristianismo histórico que seguimos.

Depois de tratar da soberania e da singularidade de Deus nos capítulos 40 a 45, o profeta Isaías em sua profecia, afirma de modo categórico a realidade do cumprimento dos decretos divinos na história:

Is 46.8-11 – “(8) Lembrai-vos disto, e tende ânimo. Tomai-o a sério, ó prevaricadores. (9) Lembrai-vos das coisas passadas da

¹² Farley, The Providence of God, 24.

antigüidade; que eu sou Deus e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; (10) que desde o princípio anuncio o que há de acontecer, e desde a antigüidade as cousas que ainda não sucederam; que digo: O meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade; (11) que chamo a ave de rapina desde o oriente, e de uma terra longínqua o homem do meu conselho. Eu o disse, eu também o cumprirei; tomei este propósito, também o executarei.”

O profeta está instando seus contemporâneos que duvidavam da ação soberana de Deus na história e que duvidavam da verdade de Deus, sendo infiéis e adúlteros da sã doutrina. Por essa razão, Isaías os chama de “prevaricadores”. Deus fez com que eles tivessem os olhos voltados para o passado. Os acontecimentos da história haveriam de provar as cousas que ele estava por falar a esses prevaricadores. Ele era o único Deus fazia as cousas acontecerem por causa das suas decisões. Nada das suas decisões haveriam de falhar. Da mesma forma que sempre aconteceu nos dias passados, no presente Deus faz acontecer. Os decretos de Deus são infalíveis e tudo o que ele decreta se cumpre. Ele somente tem a prerrogativa de fazer acontecer as cousas que decreta porque ele é o único Deus.

A obra providencial de Deus não é nada mais nada menos do que o cumprimento dos decretos divinos na vida do mundo criado. A história dos homens é o resultado da execução dos decretos divinos. Deus faz o que ele quer e sua vontade nunca pode ser frustrada. Dessa forma, o que ele decide fazer ele faz, porque este é um direito e uma prerrogativa soberana sua.

Se o leitor destas páginas é inimigo da doutrina de Deus, este assunto haverá de incomodá-lo tremendamente. É possível que o leitor chegue até à ira com a doutrina esposada neste livro, porque a doutrina da providência como o cumprimento dos decretos de Deus, haverá de trazer amargura à sua alma. A soberania de Deus transtorna a mente daqueles que são influenciados pelo humanismo vigente em nossa sociedade. A razão do incômodo que esta doutrina trará é por causa da falta de conhecimento de quem o verdadeiro Deus é e faz. Muitos leitores há que adoram um outro Deus, não o Deus e Pai de Jesus Cristo. Este Deus é soberano e faz com que todos os seus planos sejam cumpridos inquestionavelmente, e esta crença traz dissabores em alguns círculos sinergistas muito populosos em alguns lugares.

Essas pessoas se esquecem de que todos nós somos o barro e que Deus é o oleiro. Afinal de contas, ele nos fez do barro e para o pó retornaremos. A Escritura diz que somos barro, que não passamos de cacôs de barro e isso nos humilha. Os seres humanos não são nada diante de Deus, o que vai de encontro ao pensamento deles que se têm a si mesmos em alta conta. Mas a Bíblia destrói as pretensões deles. A narrativa da criação põem os homens no seu devido lugar. Por essa razão, o mundo odeia essa narrativa do Gênesis a nosso respeito. Não é sem razão, portanto, que grande parte dos homens “educados nas ciências” repudia essa parte do Gênesis, considerando-a apenas uma narrativa simbólica ou alegórica da Bíblia.

Deus faz com os seres humanos e com toda a criação aquilo que bem lhe apraz. Não somos e nem agimos independentemente da sua vontade.

Todas a nossa vontade e os nossos desejos, que são expressos de modo livre, estão ligados à vontade decretiva de Deus. Somos feitura dele e, como tal, não temos direito de questionar o seu *modus operandi* nem os seus atos providenciais na vida dos seres humanos ou das nações.

A tendência dos homens incrédulos (e mesmo de alguns cristãos rebeldes contra os ensino da totalidade das Escrituras!) é a de serem independentes de Deus. Esse é o sonho de muitos! Mas Deus corta esse mal pela raiz nas Escrituras. Deus não reparte sua independência com ninguém! Ela é prerrogativa dele somente! Os homens sempre haverão de ser barro nas mãos de Deus, que é o grande oleiro!

O único conforto que as pessoas terão é no reconhecimento da soberania de Deus e no senso de dependência que todos devem ter. Somos criaturas dependentes e esperamos todos em Deus. Em ninguém mais podemos esperar. A alegria de nossa vida está no fato de podemos confiar num Deus grande e poderoso, que tem o mundo inteiro em suas mãos simplesmente porque ele tem toda história em suas mãos, porque a história é o cumprimento dos atos providenciais de Deus decretados na eternidade.

PROVIDÊNCIA E ONIPOTÊNCIA

Este ponto é um corolário do anterior. Assim como Deus é soberano, ele tem que ser poderoso o suficiente para a consecução dos seus planos, que são os seus decretos. Sem o a sua onipotência Deus não poderia fazer o que faz o universo que criou. Tanto a criação como a providência exigem o poder absoluto de Deus. A Escritura fala da “suprema grandeza do poder de Deus” (Ef 1.19). Quase que chega a ser um pleonasma falar da “eficácia da força do seu poder” (Ef 1.19), mas temos que proclamar isso para contrastar o verdadeiro Deus dos deuses criados pela imaginação humana. O seu poder excede toda a nossa compreensão. Pelo seu poder ele não somente “chama à existência as coisas que não existem (Rm 4.17b) — isto é criação — como também pelo mesma virtude “ele sustenta todas as coisas pela palavra do seu poder” (Hb 1.3) — isto é providência. A mesma palavra poderosa que trouxe à existência tudo, também sustenta providencialmente tudo! Portanto, não é sem razão que a Escritura em vários lugares canta que o Onipotente reina!

PROVIDÊNCIA E CRIAÇÃO

Ambas as doutrinas, criação e providência, são nascidas na soberania de Deus e levadas a efeito pela onipotência de Deus. É curioso que na *Confissão de Fé de Westminster* e em outras confissões reformadas, a doutrina da criação vem primeiro e, logo a seguir, a doutrina da providência. Esta última é conseqüente da primeira. Quase todos os teólogos Reformados seguem esta ordem, especialmente no que diz respeito à providência como Preservação e Governo. Criação é um ato terminado e completo enquanto que a Providência é um ato contínuo de Deus naquilo que foi criado (At 17.24, 25).

Especialmente quando trata da preservação e do governo, os assuntos da criação e da providência são atos contínuos. Em geral, os teólogos

reformados da época do escolasticismo protestante do século XVII concordam nesta observação. Por isso, nesses círculos, a preservação (*conservatio*) é identificada como sendo a criação continuada (*continuata creatio*).¹³

Todavia, posteriormente, no século XIX e XX, os teólogos reformados de maior importância, reagiram à idéia da providência como sendo uma espécie de criação continuada. Criação e providência embora interrelacionadas, são coisas distintas. Hodge usou o seguinte raciocínio para combater a idéia exposta acima: “Criação... é a chamada à existência daquilo que antes não existia, enquanto que a preservação é a manutenção daquilo que já existe.”¹⁴ A conclusão de Hodge é a seguinte: se aceitarmos a doutrina da criação continuada, então Deus se torna o único agente e a causa única no universo”. A conclusão de Hodge é que a agência das causas secundárias, isto é, dos anjos e homens, fica negada. Se a providência é uma espécie de criação continuada, então Deus nunca se serve das suas criaturas para exercer a sua obra providencial, o que é uma inverdade.¹⁵

PROVIDÊNCIA E COSMOVISÃO

Por cosmovisão eu me refiro às idéias que uma pessoa tem das principais coisas que a cercam: universo, história, homem, Deus, etc. A cosmovisão são as lentes através das quais enxergamos o mundo que nos rodeia. Ninguém escapa de ter uma cosmovisão. A nossa cosmovisão influencia enormemente a nossa teologia, pois todos os elementos de uma cosmovisão estão interligados muito intimamente.

Há uma passagem muito interessante no livro Primeiro Livro de Reis que mostra como a cosmovisão de uma pessoa determina o seu conceito de providência. No texto abaixo há um diálogo pouco amistoso entre o ímpio rei Acabe e o grande profeta Elias. Eis os termos da conversa:

1 Rs 18.17-18 – “Vendo-o, disse-lhe: És tu, ó perturbador de Israel? Respondeu Elias: Eu não tenho perturbado a Israel, mas tu e a casa de teu pai, porque deixastes os mandamentos do Senhor, e seguistes os Baalins.”

Nas palavras de Acabe e de Elias há a reflexão de dois conceitos bem diferentes de providência em virtude de duas cosmovisões diferentes. Cada um olhou de acordo com as suas próprias lentes, sob prismas diferentes.

Na opinião do rei Acabe, Elias havia perturbado a tranqüilidade de Israel pelo fato dele vociferar contra a vida pecaminosa do casa real. Na visão de acabe a palavra profética tirava a paz do seu reino, porque Elias era um incômodo para a sua vida que não se apartava da idolatria, que era a causa da ruína de Israel. Para o rei Acabe, Israel era o *seu* reino, lhe pertencia, e Elias vinha tirar o sossego de seu reinado.

¹³ Os teólogos reformados dessa época são Cocceius, Amesius, Johannes Braunius, Edward Polhil (Ver Farley, *The Providence of God*, 28).

¹⁴ Charles Hodge, *Systematic Theology*, vol. 1, (Grand Rapids: Eerdmans, edição 1981), 578.

¹⁵ *Ibid.*, 579.

No julgamento do profeta Elias, Israel era o reino de Deus, não de Acabe. Este era um espinho na vida do povo um verdadeiro perturbador da ordem estabelecida por Deus desde há muito. Ele estava levando o povo à idolatria. Portanto, a palavra profética não era de perturbação da nação mas da família real porque esta havia deixado os mandamentos do Senhor.

Observe a diferença entre as interpretações opostas sobre o sentido de providência. O ponto focal aqui é que as cosmovisões dos dois, Acabe e Elias, eram opostas e elas determinaram a teologia da providência de cada um. Este é uma conclusão bem lógica: o conceito que temos de Deus determinará o nosso conceito de providência. O nosso conhecimento do ser divino e de suas obras determinará a interpretação dos fatos que vemos ao nosso redor, tanto na vida da igreja como na do mundo.

Vivemos numa situação religiosa onde cada um pensa de Deus o que quer. Não há paradigmas em nossa sociedade contemporânea. Portanto, a noção de providência varia muito, porque variam os conceitos sobre Deus e sobre o mundo. Nossa cosmovisão determina a visão da ação divina no universo.

PROVIDÊNCIA E HISTÓRIA

A relação entre providência e história está intimamente ligada à idéia que providência tem com soberania. O tema geral de providência diz respeito ao decreto soberano de Deus que é realizado em atos na história. A história é o palco dos atos eternamente decretados pelo Senhor da história. Maurice Roberts fala de dois tipos de providência: de micro-providência e de macro-providência. A primeira tem a ver com as intervenções divinas na vida dos indivíduos e a segunda com as unidades maiores da história, ou seja, os períodos todos da história das nações.¹⁶

Todavia, um estudo sobre a relação entre providência e história exige que o estudioso conheça as Escrituras, pois elas são o registro de como Deus trabalhou na história do ser humano. Somente as Escrituras nos dão um vislumbre da soberania de Deus na história, afirmando que Deus tem o controle sobre todos os eventos.

Contudo, os dois conceitos, providência e história, devem ser vistos de ângulos diferentes. Embora ambos estejam ligados aos decretos de Deus, a história deve ser entendida como a realização dos eventos planejados por Deus na terra sob o ponto de vista da raça humana, enquanto que a providência deve ser analisada do ponto-de-vista teológico.¹⁷

Todavia, para o entendimento do cristão, ambos os conceitos se ajuntam e se completam. Uma visão cristã da história se encaixa completamente no conceito de providência. Nesse sentido, a história é o registro das obras providenciais de Deus entre os homens, pré-ordenadas desde a eternidade.

A história nunca será devidamente entendida a menos que as pessoas entendam o conceito correto de providência de Deus. Se uma pessoa não possui um conceito correto de Deus e de sua obra providencial, a sua

¹⁶ Maurice Roberts, *The Thought of God* (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1995), 30.

¹⁷ Roberts, *The Thought of God*, 39.

interpretação da história será errônea. Foi exatamente o que aconteceu com a famosa obra-prima do historiador inglês Edward Gibbon, que *escreveu* *The Decline and Fall of the Roman Empire* (O Declínio e Queda do Império Romano). Ele atribuiu a queda de Roma ao abandono do paganismo e à sua conversão ao cristianismo. Por causa do seu espírito anti-cristão, Gibbon inverteu a ordem das coisas. Ao invés da queda de Roma estar vinculada à sua podridão moral e espiritual, a culpa caiu na aceitação do evangelho de Jesus Cristo. A noção errônea de providência de Deus prejudicou a sua interpretação da história. O conceito de providência que alguém possui é determinado pelo seu conceito de teologia propriamente dito. Porque a visão distorcida que Gibbon tem de Deus, também distorcido também é o seu conceito de providência.

Todavia, o cristão deve possuir uma interpretação da história com uma outra ótica. Para o cristão, a leitura da história deve ser feita com os óculos da Santa Escritura, onde ele aprende que Deus é o Senhor que planeja a história e a leva a cabo porque ele é soberano, onipotente e tem todos os elementos em suas mãos para concretizar todos os seus planos, os quais ele nem sempre dá a conhecer as suas razões últimas. O cristão nunca poderá ler a história sem ter uma noção bem clara em sua mente sobre quem Deus é. Se o cristão não conhecer a natureza de Deus, ele nunca conhecerá os atos dele!

Quando o cristão não está acordado para o verdadeiro conhecimento de Deus, ele terá uma visão distorcida da providência divina e, como conseqüência, nunca saberá interpretar corretamente a história.

Cristo ensinou-nos um preceito muito importante a respeito da interpretação da história, que não pode ser esquecido. Ele nos forneceu um dado importante sobre o evento mais importante da história que ainda estava por vir, referindo-se ao dia da sua vinda. Em Mateus 24.42 ele usou a expressão “*vigiai*”, para que os cristãos estivessem alertas quanto ao cumprimento de eventos históricos. Observando a história é que vemos Deus agindo providencialmente. Precisamos aprender a observar e a interpretar a história, a fim de vermos a mão de Deus agindo nela. De um fato não podemos escapar: todos os momentos da história, que é a sucessão de eventos no tempo, estão nas mãos e sob a supervisão providencial de Deus.

Todavia, há uma história especial, que diz respeito à revelação de Deus na vida do homens. Ela é conhecida como história bíblica, que é o registro das manifestações redentoras e providenciais de Deus. A história da redenção teve o seu ápice na revelação de Jesus Cristo, embora o término da realização da salvação se dê no último dia da história, quando da ressurreição dos mortos. Todavia, Deus não se manifesta somente em termos redentores, mas age providencialmente na vida de todos os homens, desde que o tempo passou a existir. É por isso que o conceito hebreu de história é linear, isto é, a história caminha para um fim previamente determinado por Deus linearmente. Ela não é uma simples repetição de eventos, mas todos os eventos conduzem a um *telos* proposto e levado a efeito por Deus. A proposição é eterna e a consecução do plano é ou está na história. Deus não está morto, como propalava Friedrich Nietzsche. Ele é um Deus vivo e verdadeiro que age na história do mundo que ele próprio criou, realizando a história através dos atos dos livres-agentes, que são os seres

humanos. Não existe caos no cosmos, mas eventos ordenados que são designados por Deus para o cumprimento do *telos* anteriormente estabelecido pelo Senhor da história. Não há desespero na mente daquele que crê nas obras providenciais de Deus. Nietzsche ensinou uma noção de desespero que muitos hoje ainda absorvem com respeito aos eventos, mas o cristão percebe a história seguindo firme para um fim vitorioso de Cristo Jesus sobre as hostes malignas. O Cordeiro de Deus será vitorioso sobre o mal e porá um fim nele neste mundo que é dele!

PROVIDÊNCIA E MILAGRES

Por milagres refiro-me aos atos sobrenaturais de Deus realizados na história do mundo e percebidos externamente por testemunhas, atos esses que produziram efeitos sobrenaturais na vida das pessoas de tal forma que reconhecidamente somente Deus poderia realizá-los.

Costuma-se dizer que os milagres são uma espécie de violação das leis naturais estabelecidas por Deus. São as ações de Deus *contra naturam*. Não há nenhum problema com essa idéia se nós nos lembramos de que as leis da natureza são leis de Deus, e que elas não operam independentemente dele.¹⁸ O que não podemos fazer nesse caso é atribuir essas leis à própria natureza, como se ela tivesse independência de Deus ou fosse o próprio Deus. Aliás, é muito comum vermos em programas que tratam do mundo animal a afirmação de que todas as cousas procedem da Mãe Natureza, que produz leis maravilhosas para a perpetuação das espécies animais. Essa cosmovisão naturalista deve ser repudiada pelos cristãos que possuem a Escritura como Palavra infalível de Deus. As leis da natureza são leis de Deus e, portanto, Deus tem o direito de dispor de suas leis da natureza para fazer valer outras leis, que têm a ver com as suas intervenções sobrenaturais. As leis da natureza que Deus fez são leis *ordinárias* da sua providência. Todavia, ele usa outras leis, as *extraordinárias*, também para que a sua obra providencial seja executada. Essas leis causam, portanto, suas obras miraculosas.

Uma outra verdade que não pode ser esquecida é a de que os atos miraculosos de Deus não foram realizados secretamente. O próprio Paulo testificou isso, quando de sua defesa perante o rei Agripa:

At 26.26 - “porque tudo isto é do conhecimento do rei, a quem me dirijo com franqueza, pois estou persuadido de que nenhuma destas cousas lhe é oculta; porquanto nada se passou aí, nalgum recanto.”

Todas as intervenções divinas registradas por Lucas nos Atos dos Apóstolos foram à olho visto, sem qualquer segredo. As pessoas viram todos os acontecimentos miraculosos da providência divina na vida da sua igreja.

Esses atos miraculosos divinos foram executados diretamente por ele ou pela agência de alguns de seus apóstolos. Nos primeiros Deus agiu sem o uso de meios, quando ele trouxe à existência as cousas que não existiam, quando traz vida quando há morte, manifestações essas exclusivas do poder imediato de Deus. No segundo caso, que também são milagres, Deus usou instrumentos para a cura de pessoas ou mesmo para a ressurreição de

18 R.C. Sproul, *The Invisible Hand* (Dallas: Word Publishing, 1996), 188.

algumas delas, como está registrado em passagens do próprio livro de Atos dos Apóstolos. Todavia, seja direta ou indiretamente, o poder miraculoso é sempre exercido pelo Deus da providência

Contudo, os milagres não são exclusivos da religião cristã, mas são parte história importante na vida do cristianismo. Se os tiramos do cristianismo este se desfaz. A Escritura é farta de narrativas das intervenções miraculosas de Deus.

Somente após o advento do Iluminismo é que a questão dos milagres começou a ser questionada, porque nesse movimento filosófico a idéia da intervenção sobrenatural foi eliminada da religião cristã, tornando o cristianismo apenas numa religião naturalista. O naturalismo conseqüente passou a vigorar na igreja européia afetando enormemente toda a teologia cristã do velho mundo e em muitos segmentos da igreja na América do Norte.

Todavia, o cristianismo bíblico permanece vivo quando os milagres da história da redenção são levados em conta. Sproul diz que o assunto dos milagres é tão importante que o conceito que temos sobre eles faz com que “o cristianismo permaneça em pé ou caia.”¹⁹ Sem milagres o cristianismo fenece, não há a libertação da escravidão do Egito nem há a gloriosa ressurreição. Se estas coisas não existem então cremos em vão. A batalha de Paulo contra os incrédulos do seu tempo mostram a importância das manifestações miraculosas e sobrenaturais de Deus. O texto de Paulo aos Coríntios é uma evidência da importância dos milagres soteriológicos e providenciais de Deus (Leia 1 Co 15.1-17).

A centralidade da mensagem apostólica está na morte e no milagre da ressurreição de Cristo. O cristianismo é destituído de significado se os milagres não existiram.

Na cosmovisão cristã, diferentemente da cosmovisão naturalista, os milagres fizeram parte da história da redenção e, em sua providência, Deus ainda pode realizá-los se assim bem entende. Não podemos retirar de Deus essa possibilidade dele realizar milagres hoje.

Há os que dizem que um milagre é uma manifestação imediata do poder de Deus. Ora, se um milagre é uma manifestação extraordinária de Deus ou uma manifestação sobrenatural, onde ele age diretamente, sem o uso de recursos naturais ou de meios, então homens não podem fazer milagres, pois estes são prerrogativa divina somente. Deus usou muitas vezes as causas secundárias, usou instrumentos para operar miraculosamente. É o caso de Moisés no tempo da libertação do Egito, por exemplo.

Por milagre eu quero dizer a manifestação divina na vida deste mundo que difere de sua providência ordinária, isto é, através das causas naturais. É o poder de Deus manifestado de forma singular, fora dos padrões naturais, que causa espanto e admiração nos homens, para a consecução de seus decretos. Nesse sentido, podemos dizer que Deus ainda opera sinais e maravilhas, quando ele ouve as orações dos corações aflitos do seu povo, pois ainda ele é o Deus vivo e verdadeiro. Ele está atento às necessidades de do seu povo de um modo notável.

19 R. C. Sproul, *The Invisible Hand* (Dallas: Word Publishing, 1996), 181.

Todavia, não cremos que Deus opere milagres do modo como fazia nos tempos apostólicos, para atestar a autoridade dos apóstolos ou para serem veículos de sua revelação. Não cremos em milagres reveladores de Deus hoje em dia. Cremos sim, numa providência extraordinária de Deus, mas não em milagres no seu sentido mais estrito, como nos tempos da história da redenção.

PROVIDÊNCIA E ORAÇÃO

Jamais oração e providência devem andar separados. São dois companheiros inseparáveis que ninguém jamais pode desconectá-los. Se negarmos um, estaremos negando o outro de tão intimamente ligados eles estão. A oração supõe uma providência divina enquanto que a obra providencial é, em parte, o resultado da oração e está ligada a ela. Todas as vezes que Deus responde a uma oração, ele está agindo providencialmente na vida do seu povo.

QUAL É A RELAÇÃO QUE EXISTE ENTRE PROVIDÊNCIA E ORAÇÃO?

Essa questão aflige a alma do crente e mesmo de ministros da palavra que não possuem uma noção correta da providência nem da oração. Portanto, torna-se necessário dizer algumas coisas sobre a natureza da oração. Em termos práticos, a pergunta dos crentes que não possuem um conhecimento correto da doutrina da providência e de outras correlatas, é a seguinte: “Se em sua providência Deus ordena de antemão todas as coisas que estão para acontecer, qual é a finalidade da oração?” ou “Por que orar se todas as coisas já estão previamente determinadas?”

Devemos orar porque é uma ordem do Senhor

1) A primeira resposta que vem à mente daqueles que são mais esclarecidos, mas simplistas, é esta: “Devemos orar simplesmente porque Deus mandou que orássemos pedindo as coisas de que necessitamos. É uma simples questão de obediência a uma ordem de Deus.” Embora essa resposta seja verdadeira, não fugindo dos parâmetros estabelecidos pela Escritura, ela não responde todas as ânsias de quem faz a pergunta acima honesta e sinceramente, nem exaure as possibilidades de respostas mais elaboradas e justas, que também estão de acordo com o ensino geral das Santas Escrituras, que é o padrão único de fé e prática para os crentes da ortodoxia cristã.

Devemos orar porque somos dependentes de Deus

3) Uma terceira resposta tem a ver com o senso de dependência que possuímos. Oramos não simplesmente porque reconhecemos nossa necessidade, mas também porque reconhecemos que somente Deus tem o poder para dar resposta às nossas necessidades. A oração nos coloca em nosso verdadeiro lugar, no de criaturas dependentes do Deus criador e providente.

Muitos não gostam de orar porque isso implica em humilhação, em sujeição a alguém mais poderoso ou ainda, em confissão de impotência para

resolver os problemas. Todavia, é exatamente assim que Deus quer que nos sintamos: dependentes totalmente de sua providência.

Devemos orar para ver os propósitos de Deus cumpridos

4) Uma quarta resposta tem a ver com o cumprimento dos planos de Deus. Deus não somente determina os fins, mas também os meios para conseguir os fins. Assim como Deus resolveu salvar algumas pessoas pela loucura da pregação, assim também ele resolveu providenciar para as necessidades de suas criaturas usando as orações como um meio para isso.

Há uma ótima ilustração deste ponto. Deus havia dado alguns anos de estio à terra de Samaria e veio uma grande extrema sobre ela (1 Rs 18.2). Elias era o profeta naquela época. Deus havia determinado dar chuva para regar a terra, pois ele anunciara de antemão a Elias o seu propósito. Veja o que ele diz a Elias: “Vai, apresenta-te a Acabe, porque darei chuva sobre a terra” (1 Rs 18.1), mas o fato de saber de antemão que Deus haveria de mandar chuva, Elias orou para que chovesse (Tg 5.17-18) e, então, Deus ouviu a oração de Elias. A providência é soberana de Deus e, no entanto, ele usa as orações do seu povo para Ter as suas providências tomadas. Os planos são de Deus e na sua realização ele usa os instrumentos ou as causas secundárias.

Devemos orar para glorificar o nome de Deus

5) Uma quinta resposta tem a ver com a glorificação do nome de Deus. Quando oramos reconhecemos que não só o poder pertence a Deus, mas que ele tem domínio sobre todas as coisas. Quando reconhecemos isto, nós o glorificamos. Quando Elias orou pedindo chuva, ele reconhecer o controle que Deus possuía sobre todos os elementos da natureza. Quando suplicamos a Deus pelas suas compaixões para com os nossos queridos que ainda não são cristãos, estamos reconhecendo o seu domínio sobre os corações deles e a sua soberana administração da sua bondade. Portanto, as providências de Deus são efetuadas soberanamente por ele, mas ele não dispensa as orações dos seus filhos, porque estas o glorificam sobremaneira. Ore, então, para que Deus seja glorificado mercê de suas providências.

Devemos orar porque é parte do nosso culto a Deus

6) Uma sexta resposta tem a ver com o culto que prestamos a Deus na combinação das orações com a providência divina. Como já foi dito acima, as orações são o instrumento de Deus para a consecução de muitas de suas obras providenciais. Quando isso acontece, nós o cultuamos. Aliás, o que geralmente fazemos quando vamos aos cultos gratulatórios? Vamos agradecer-lhe as bênçãos da sua bondade em nossa vida de família, nossa vida pessoal, nossa vida profissional, e coisas dessa natureza. As respostas às orações geralmente provocam em nós o senso de culto ao Senhor providente. Essa é uma outra razão porque devemos orar.

Providência e oração não são excludentes entre si. Ao contrário, elas se completam maravilhosamente no sentido em que Deus se utiliza delas para ensinar-nos sobre as nossas necessidades, sobre o poder que ele tem para resolver nossas necessidades, sobre o nosso dever glorificar o seu nome e prestar-lhe culto por suas providências e, finalmente, para ensinar-nos que

a oração foi estabelecida por ele para ser instrumento da consecução dos seus planos.

ERROS A SEREM EVITADOS

A oração serve para informar a Deus do que está ocorrendo

A segunda resposta tem a ver com as informações que damos a Deus sobre as nossas necessidades em nossas orações. Este é um erro no qual não podemos cair. Embora Deus tenha ordenado que lhe digamos as coisas de que precisamos, na verdade, Deus não precisa ser informado de nossas necessidades. O nosso Redentor nos ensinou sobre a onisciência divina com respeito às coisas de que necessitamos. Veja o que ele disse:

Mt 6.8 - “Não vos assemelheis pois, a eles; porque Deus, o vosso Pai, *sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais.*”

Portanto, se lhe pedimos, não é para o seu conhecimento ou informação, porque ele é onisciente, mas porque somos necessitados.

A oração serve para alterar os planos de Deus

Nunca pense dessa forma. Jamais Deus altera os seus planos por causa das nossas orações. Ao contrário, as nossas orações cumprem os seus planos. Quando oramos de maneira que não combina com a vontade do Pai celeste, simplesmente ele não nos ouve como lhe pedimos.

Não pense que uma corrente de oração vai alterar o que Deus tem determinado para a vida de uma pessoa ou do mundo. Quando Deus nos desperta para a oração pode ser exatamente que ele esteja querendo dar a uma pessoa (ou a nós próprios) aquilo que lhe pedimos. Mas nunca inverta a ordem das coisas.

A oração coloca você no seu verdadeiro lugar – o de criatura dependente. Nunca sinta-se poderoso diante de Deus com a oração nas mãos, como se ela em si mesma tivesse algum poder e pudesse “dobrar” o coração do Todo-Poderoso.

Quando você ora de maneira correta, na dependência dele, você estará sendo um instrumento para o cumprimento das obras providenciais na vida dos seus queridos, amigos e irmãos na fé. Ore sempre na esperança e na confiança de estar fazendo exatamente o que você deve.

Portanto, ore porque Deus se agrada de ver os seus filhos súplices diante de si; ore porque somente assim você vai conhecer cada vez mais quem é você e Quem ele é; ore porque você, fazendo a vontade dele, estará percebendo quão agradável é estar no caminho da obediência!

CAPÍTULO 2

OS INSTRUMENTOS DA PROVIDÊNCIA

Embora o Deus triúno seja o autor primeiro e causa eficiente e última da providência, ele usa seus instrumentos, que são chamados causas secundárias, para prover, preservar, dirigir, governar e concorrer nos eventos da história do mundo e nas vidas de todos os seres, obras de sua criação.

Esses instrumentos, ou causas secundárias das obras providenciais de Deus são os seres angelicais, seres humanos em geral, nações e reis ímpios, seres irracionais e os fenômenos da natureza.

SERES ANGELICAIS

Os seres celestes, aqueles que foram criados todos de uma só vez, que não formam uma raça, são tomados por Deus para serem instrumentos de sua providência. Eles são chamados freqüentemente na Escritura de “exército do céu”.

Dn 4.35 - “Todos os moradores da terra são por ele reputados em nada; e segundo a sua vontade *ele opera com o exército do céu* e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?”

Todos os anjos são instrumentos das obras providenciais de Deus, sejam eles bons ou maus, eleitos ou reprovados. Ninguém pode impedir a ação providencial de Deus através dos seus instrumentos. Ninguém pode contestar o que Deus faz, nem do modo como ele faz, nem com os instrumentos que ele usa. A argumentação abaixo é uma tentativa de provar escriturísticamente essa verdade sobre a obra providencial de Deus.

Apenas um exemplo nesta parte é suficiente para ver a obra providencial de Deus na vida de seres humanos através de seres angélicos. Deus enviou um de seus anjos para confortar Jesus Cristo (Lc 22.42-44), que era perfeitamente (mas não unicamente) homem. Como tal, em agonia, precisou do conforto do seu Pai. Deus poderia confortá-lo de modo direto, sem o uso de instrumentos, mas ele determinou que um anjo fizesse essa obra providencial.

Sl 91.11-12 – Porque aos seus anjos dará ordens a teu respeito, para que te guardem em todos os teus caminhos. Eles te sustentarão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra.”

Satanás usou indevidamente este texto (Mt 4.6; Lc 4.10-11), mas é verdade que os anjos foram usados por Deus para socorrer Jesus Cristo em suas necessidades. Os anjos são ministros de Deus e ouvem as ordens de

Deus para que sirvam os seres humanos, especialmente o redentor deles. Jesus Cristo disse que todos os anjos estariam ao seu dispor se ele os pedisse ao Pai, a fim de que ele destruísse os seus inimigos, mas os homens fazem somente aquilo que está decretado por Deus. Nunca a ação dos anjos vai de encontro ao plano de Deus. Por essa razão, Jesus não dispôs deles para fazer o que era absolutamente justo (Mt 26.53-54).

ANJOS ELEITOS

Os anjos eleitos são instrumentos que Deus usa para a consecução das suas obras providenciais. Eles permanecem continuamente diante de Deus esperando as suas ordens (Sl 103.20-21). Por essa razão, o escritor aos Hebreus diz que os anjos são “espíritos ministradores enviados para serviço, a favor dos que hão de herdar a salvação” (Hb 1.14).

Acovardado diante do poder da rainha Jezabel e desanimado pela ameaça de morte, Elias fugiu para o deserto. Deitou-se debaixo de um zimbro e pediu a morte para si, e adormeceu. O texto da Escritura diz que um anjo o acordou a fim de que ele tomasse alento com a comida que lhe havia sido trazida. Depois de comer um pão cozido sobre pedras em brasa, Elias se fortaleceu (1 Rs 19.1-8). O anjo foi o instrumento da preservação de Elias, a causa secundária, mas Deus era a causa primária daquela obra providencial.

Quando Pedro estava preso, Deus em sua providência resolveu ouvir as orações da igreja a favor dele, e enviou o seu anjo para libertá-lo de um modo miraculoso (At 12.7-9). Essa manifestação providencial não era uma visão, mas um fato real e colocou Pedro em liberdade para o testemunho entre os irmãos. Todavia, a glória daquela obra providencial era de Deus (v.17). Deus foi a causa primária e o anjo a causa secundária da obra providencial da salvação de Pedro.

ANJOS REPROVADOS

Não somente os anjos eleitos, mas também os reprovados participam da obra providencial de Deus, como instrumentos do seu juízo e do seu desagrado dos homens.

Falando dos males que vieram sobre os egípcios, Asafe se refere aos anjos maus como instrumentos da divina providência na expressão da justiça punitiva de Deus: “Lançou contra eles o furor da sua ira, cólera, indignação e calamidade: legião de anjos portadores de males” (Sl 78.49). Provavelmente eles participaram das pragas das trevas para afligir e horrorizar os egípcios.

Análise de Texto

Deus usou os anjos maus para cumprir os seus propósitos providenciais neste mundo no tempo dos reis maus de Israel. É o caso dos anjos maus que operaram no tempo do rei Acabe.

1 Rs 22.19-23 - (19) “Vi o Senhor assentado no seu trono, e todo o exército do céu estava junto a ele, à sua direita e à sua esquerda.

(20) Perguntou o Senhor: Quem enganará a Acabe, para que suba, e caia em Ramote-Gileade? Um dizia desta maneira, e outro de outra. (21) Então saiu um espírito, e se apresentou diante do Senhor, e disse: Eu o enganarei. Perguntou-lhe o Senhor: Com quê? (22) Respondeu ele: Sairei, e serei espírito mentiroso na boca de todos os seus profetas. Disse o Senhor: Tu o enganarás, e ainda prevalecerás; sai, e faze-o assim. (23) Eis que o Senhor pôs o espírito mentiroso na boca de todos estes teus profetas, e o Senhor falou o que é mau contra ti.”

Há algumas afirmações muito pesadas neste texto de forma que os adversários do conceito reformado de providência possuem muita dificuldade de entender por causa do conceito errôneo que possuem da própria administração que Deus tem do mundo.

1) O verso 19 diz que todos os anjos estavam junto a Deus. Eles são chamados de “exército do céu”. O texto parece indicar que todos os anjos estão na presença de Deus no sentido de todos estarem à disposição dele, para cumprirem as suas ordens, sejam eles bons ou maus. A tendência nossa é pensar que somente os anjos bons estão em sua santa presença, mas não é isto que o texto diz. Esta interpretação é errônea a menos que entendamos que os anjos bons façam coisas más como enganar ou mentir, por exemplo.

2) Era propósito de Deus fazer com que Acabe fosse enganado pelos seus profetas, porque havia confusão entre os profetas sobre esta matéria (veja o verso 20). Deus então, toma o propósito de arranjar anjos que se dirigissem aos profetas do rei Acabe para enganá-lo. Lembre-se de que as obras providenciais de Deus incluem os atos maus dos homens e dos anjos. Esse assunto veremos com detalhes em capítulos subseqüentes.

3) Diante da proposta divina houve um anjo voluntário que se apresentou para a tarefa de enganar os profetas de Acabe (verso 21). Perceba que esse anjo é um espírito, como espíritos são todos os anjos, sejam bons ou maus.

4) O verso 22 mostra a maneira como o anjo haveria de enganar os profetas de Acabe. Um ser santo não poderia praticar qualquer coisa má, porque é contra a sua natureza. No entanto, esse anjo se apresenta para ser mentiroso. Deus consentiu na obra providencial daquele anjo e lhe prometeu sucesso na sua obra.

5) Esta é a parte mais dura de explicar aos adversários da soberania divina. O verso 23 diz que o próprio Deus assume a responsabilidade de ter enganado os profetas de Acabe, pois foi assim que o anjo proclamou, conforme o que Deus havia determinado no final do verso 22.

O próprio Satanás, o chefe dos espíritos malignos, é um instrumento executor das obras providenciais de Deus na vida dos seres humanos. Deus comissionou Satanás para ser o infligidor das aflições a Jó, tirando as suas posses, filhos e, por fim, a sua saúde. Podemos nós negar que tudo o que aconteceu a Jó seja uma expressão da providência? O próprio Jó reconheceu que tudo o que vinha dele era obra de Deus! Todavia, Deus usou os agentes secundários para a execução da sua vontade na vida de Jó. E isto ele faz de modo soberano.

Deus é Senhor o suficiente para usar as suas criaturas racionais para fazer exatamente o que ele quer. Para que os seus decretos providenciais com respeito ao mal sejam cumpridos, ele usa as causas secundárias. Assim, Deus escreve os atos maus da história e faz com que os seus anjos sejam os agentes executores secundários dela.

SERES HUMANOS

A Escritura diz que não somente os anjos, mas também os moradores da terra são instrumentos das obras providenciais de Deus.

Dn 4.35 - “Todos os moradores da terra são por ele reputados em nada; e segundo a sua vontade ele opera com o exército do céu e os *moradores da terra*; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?”

Os homens, os moradores da terra, nas suas mais variadas funções, são os instrumentos para a realização da vontade divina, que é inevitável, neste mundo.

AUTORIDADES CIVIS

Os reis, os príncipes, os magistrados são essas autoridades civis. Elas são instrumentos de Deus para o nosso bem-estar ou para exercer juízo sobre os infratores da lei. Essa é a prescrição de Paulo sobre esse assunto. Todos eles são ministros de Deus, conforme o ensino de Romanos 13.1-7.

PESSOAS COMUNS

Não somente as pessoas investidas com autoridade civil ou religiosa são os instrumentos da providência divina. Também pessoas comuns, sem quaisquer posições neste mundo podem ser usadas por Deus para cumprir os seus decretos providenciais nas vidas de outras pessoas.

O exemplo bem típico é o da viúva que proveu os recursos para a sustentação do profeta Elias. Após Deus usar os seres irracionais, que eram os corvos, no sustento de Elias, quando a seca realmente começou, Deus providenciou outro meio para o seu sustento. Uma mulher gentílica, sem qualquer expressão na vida do povo, foi usada para cumprir os propósitos providenciais na vida de Elias.

Análise de Texto

1 Rs 17.9 - “Dispõe-te, e vai a Sarepta, que pertence a Sidom, e demora-te ali, onde *ordenei* a uma mulher viúva *que te sustente*.”

Há alguns pontos importantes que precisam ser analisados aqui:

1) A mulher que ajudou Elias era de um povo gentio, da futura nação do Líbano. Isso mostra que Deus se serve de pessoas que não pertencem à nação israelita para serem úteis na sua obra providencial. Com isso Deus quis mostrar aos judeus que ele é Senhor na distribuição de suas graças

salvadoras e preservadoras (confira a interpretação que Jesus fez desse texto em Lucas 4.25-26);

2) É irônico que Deus se sirva de uma viúva para socorrer Elias. Ele poderia tomar uma pessoa mais abastada para fazer esse socorro, mas o seu propósito era também proporcionar a solução para os problemas dela através de Elias. Veja a providência extraordinária de Deus para a viúva através da instrumentalidade de Elias, nos versos subseqüentes (1 Rs 17.12-24).

3) Note que a Escritura fala mais uma vez no capítulo 17 que Deus *ordena* o acontecimento de sua obra providencial. Como veremos abaixo, a ordenação aos corvos (v. 4) diz respeito a um decreto a seres irracionais. Aqui no verso 9 diz respeito a seres racionais. Todavia, em ambos os casos, não se pode pensar numa ordem verbal ou audível. De forma alguma! É a ordenação decretiva que determina o acontecimento de uma ação através da instrumentalidade de causas secundárias. É a determinação divina de fazer as coisas acontecerem através do uso de instrumentos. Nesse último caso, uma mulher sem expressão, uma viúva, recebe Elias em sua casa, sem qualquer abundância, pois a última refeição haveria de ser tomada por causa da escassez de alimento, e bondosamente lhe provê o sustento (verso 10-13), mesmo sabendo que depois disso ela poderia morrer porque não tinha mais o que comer.

Deus inclinou o coração da mulher para que desse alimento a Elias. Do contrário, seria uma impossibilidade, pois ela não possuía nem para a sua própria casa. O resultado da estória é a ação providencial de Deus para o sustento contínuo dela. Dois instrumentos foram usados: primeiro a mulher para o sustento temporário de Elias e, depois, Elias para o sustento definitivo dela (v. 14-24). No primeiro caso, trata-se de uma providência ordinária; no segundo, de uma providência extraordinária.

NAÇÕES E REIS ÍMPIOS

Deus se serviu de muitas nações ímpias para fazer suas provisões para os do seu povo e também para exercer juízo providencial contra o seu povo e contra as próprias nações gentílicas.

DEUS SE SERVIU DO EGITO

O Egito foi desde o começo o lugar preferido de Deus para ajudar os do seu povo. Começou lá no tempo de José, o filho de Jacó. O Egito foi o celeiro do mundo por sete anos. Toda a família de Jacó, por alguns séculos foi abençoada por reis egípcios. No Egito Deus formou o seu povo, até que o tirou da terra porque haviam sido feito escravos. É bom lembrar que os muitos anos que ali passaram, haviam sido preditos por Deus a Abraão séculos antes (Gn 15.13). Mas antes da aflição pela qual passaram, que também é parte das providências divinas, Deus se serviu do Egito para alimentar e ali fortalecer e fazer crescer o povo hebreu.

Deus usou o Egito novamente, muitos séculos depois, para abrigar por algum tempo em segurança o Filho de Deus encarnado. Foi para o Egito que Deus ordenou que José fugisse com Maria, sua esposa, e com o recém-

nascido, da sanha assassina de Herodes, o grande (Mt 2.13-15). Deus sempre está no controle das nações e as usa para cumprir os seus santos, sábios e bondosos propósitos.

DEUS SE SERVIU DA ASSÍRIA

A permanência de algumas promessas cumpridas de Deus possuem um caráter condicional, isto é, condicionadas à obediência do seu povo. Após ter libertado o povo do cativeiro do Egito, Deus o colocou na terra da promessa, mas a permanência pacífica deles na terra estaria condicionada à sua obediência (Leia com atenção Levítico 26.14-39 e Deuteronômio 28.15-68). Observe a clareza do que Deus diz:

Dt 28.49-50 - “O Senhor levantará contra ti uma nação de longe, da extremidade da terra virá como o vôo impetuoso da águia, nação cuja língua não entenderás; nação feroz de rosto, que não respeitará ao velho, e não se apiedará do moço.”

Esta ameaça de Deus diz respeito a várias nações: Assírios, babilônicos e romanos. O reino unido de Israel se dividiu. Reino do norte continuou a se chamar Israel e o do sul chamou-se Judá. Este último era um pouco mais obediente do que o seu irmão do norte. Como Israel não obedeceu as leis prescritas, Deus se serviu primeiro de uma nação ímpia para julgar o reino do norte — a Assíria. Esta nação pagã foi a vara de Deus para castigar a nação ímpia de Israel. A obra providencial de Deus no julgamento parcial de Israel é descrita pelo profeta Isaías

Is 10.5 - “Ai da Assíria, cetro da minha ira! A vara em sua mão é o instrumento do meu furor.”

A Assíria foi a vara dolorida através do qual Deus castigou a nação ímpia de Israel (Is 10.6). Ela era o instrumento violento nas mãos de Deus para cumprir os propósitos das suas providências de justiça! Por volta de 721 a.C. a Assíria invadiu Israel e o envergonhou diante das outras nações.

DEUS SE SERVIU DA BABILÔNIA

A outra nação ímpia da qual Deus se serviu foi a Babilônia. Esta foi a campeã das referências bíblicas, dada a sua importância como instrumento das obras providenciais da sua justiça. Assim como a Assíria foi o cetro da ira divina para julgar a Israel, o reino do norte, a Babilônia o foi para julgar o reino do sul, Judá, por volta de 586 a.C.

Vários profetas do Antigo Testamento falaram sobre o cativeiro da Babilônia: Isaías (), Miquéias (4.10) e Habacuque (1.6), que o vaticinaram; Ezequiel e Jeremias que viveram um pouco antes e durante parte do cativeiro, profetizaram sobre a razão do cativeiro, que era o pecado de Jerusalém (Jr 31.11-14); Ezequiel pintou o quadro do pecado de Judá em cores ainda mais escuras. Ele comparou o reino de Judá a Sodoma e Gomorra, os símbolos da impiedade no passado (Ez 16.47, 51; cf 23.11); Judá estava adorando a criatura ao invés do Criador (Ez 8.16), e isso foi considerado por Deus como a maior afronta que se podia fazer a ele. Eles

havia rejeitado ao Senhor, e o culto deles mostrava seu desafeto para com Deus. Tinham que ser destruídos. Então, o Senhor levantou o seu servo Nabucodonozor para ser o instrumento de sua ira com Judá. Deus se serviu da Babilônia para administrar os seus juízos providenciais.

Todos esses profetas mencionados acima se referiram, em algum grau à Babilônia, que foi o martelo de Deus (Jr 51.20) para castigar o reino de Judá que também, como sua irmã Samaria, se tornara ímpia .

DEUS SE SERVIU DO REINO MEDO-PERSA

O reino da Média e da Persa, um reino combinado de forças de duas grandes nações, tornou-se instrumento de Deus para o julgamento da grande, gloriosa e soberba Babilônia, por causa do que ela havia causado às nações do mundo, inclusive Judá. Através de Isaías, Deus profetizou contra Babilônia:

“Eis que eu despertarei contra eles os medos, que não farão caso da prata, nem tão pouco desejarão ouro. Os seus arcos matarão os jovens; eles não se compadecerão do fruto do ventre; os seus olhos não pouparão as crianças.” (Is 13.17-18; cf Jr 51.11).

Um pouco mais tarde, Deus daria o nome do grande rei que haveria de destruir a Babilônia, e trazer de volta do cativeiro o povo de Judá (Is 44.28). Ciro, o rei persa, era o comandante-em-chefe dessa empreitada providencial de Deus.

Por outro lado, o lado bondoso da história, o rei da Pérsia, incrédulo, violento, ímpio, cria em dois deuses, o do bem e o do mal, foi o homem de quem Deus se serviu para que a sua bondosa providência com respeito a Judá se efetuasse. Judá voltou para sua terra, Jerusalém foi reconstruída, assim como seus palácios, os muros e o templo. Tudo isso, graças à atuação providencial do reino medo-persa.

Assim como Deus se serviu desses reinos acima mencionados, Deus também se serviu do império greco-macedônio, do império romano e de outros se que sucederam na história do mundo. Os reinos são instrumentos de Deus para que o seu governo providencial no mundo seja visto por todos os homens, mas especialmente por aqueles que têm olhos para ver as obras da sua santa providência.

SERES IRRACIONAIS

Deus se serve de seres irracionais para executar várias coisas em sua providência. Neste capítulo, veremos apenas um exemplo dessa verdade que é ilustrativo de outros que virão em capítulos adiante.

É extremamente maravilhoso que Deus se sirva dos animais para prover alimento para os seus. O quadro apresentado aqui é singular, sem paralelo na história da providência divina. Este caso pode e deve ser considerado um caso de uma providência extraordinária de Deus.

O texto em foco aqui é 1 Reis 17.1-7. Elias estava vivendo num tempo difícil. Fome e seca haviam sido ordenados por Deus para aquela época (v.

1). Então Deus se dirige ao profeta dizendo para ele ir até a fronteira do Jordão (v.3). Ali havia uma torrente de onde Elias podia matar a sua sede, mas não havia alimento. As obras providenciais de Deus são uma expressão do seu decreto. Por essa razão, Deus disse: “Eu *ordenei* aos corvos que ali mesmo te sustentem” (v.4). Obviamente, essa não é uma ordem verbal, mas tem a ver com a determinação divina inclinando os seres irracionais a cumprirem os seus propósitos providenciais. É curioso que essa tarefa dos corvos não era natural deles. Os corvos não foram feitos para isso, mas eles foram usados como instrumentos inusitados da providência divina. O texto continua dizendo que Elias obedeceu ao mandado do Senhor (v. 5), e que também os corvos fizeram como o decreto de Deus havia determinado e “e lhe traziam pela manhã pão e carne, como também pão e carne ao anoitecer” (v.6). A obediência de Elias era uma obediência consciente a uma ordenação verbal divina. A obediência dos corvos (que não era consciente), acontecia para que os propósitos decretivos quanto ao sustento de Elias se efetuassem de maneira absoluta pela instrumentalidade de seres irracionais.

FENÔMENOS DA NATUREZA

Os fenômenos da natureza como o vento e o terremoto, por exemplo, são usados para o cumprimento dos propósitos providenciais de Deus. Eles são instrumentos do Todo-Poderoso que tem todas os elementos da criação nas suas mãos para que ele se sirva deles.

Um exemplo típico dessa uso está na libertação que Deus deu a Paulo e a Silas da prisão. Enquanto eles cantavam louvores a Deus, certamente pela glória de sofrerem pelo nome de Cristo,

At 16.26 - “de repente sobreveio tamanho *terremoto*, que sacudiu os alicerces da prisão; abriram-se todas as portas; soltaram-se as cadeias de todos”.

Deus poderia ter salvo a Paulo e Silas de um modo imediato, direto, com a sua onipotência, ou servir-se de um anjo, ou mesmo da força de alguns homens, mas aqui ele usou um fenômeno da natureza para a preservação da vida dos seus servos. Ele enviou um terremoto para cumprir a sua obra providencial.

Os ventos também estão ao dispor da providência de Deus. Deus “faz sair o vento dos seus reservatórios” (Sl 135.7), levantando as tempestades (Sl 107.25) e também tem a autoridade para acalmá-lo (Sl 107.29). Ele faz dele instrumento para cumprir os seus propósitos neste mundo. Deus levanta os ventos com furor para operar maravilhas, assim como ele faz os ventos cessarem operando com isso também maravilhas. O vento está sob o controle de Deus. Quando Jesus fez cessar a tempestade no Mar da Galiléia, o evangelista registra o espanto dos discípulos: “Quem é este que até os ventos lhe obedecem?” (Mt 8.26-27). Os ventos, assim como outros fenômenos da natureza são obedientes à ordenação divina, mesmo que eles sejam instrumentos sem inteligência. Todavia, estão sob o comando do Deus todo-poderoso. O salmista diz que “fogo e saraiva, neve e vapor, e ventos procelosos que lhe executam a palavra” (Sl 148.8). Essa é a maneira como Deus usa os fenômenos naturais. Eles são naturais porque estão envolvidos

os elementos da natureza, mas a movimentação deles é dirigida pelo Criador e Governador deles.

SONHOS OU VISÕES

Desde tempos bem remotos, os sonhos e visões foram instrumentos de Deus para a veiculação de sua revelação. Todavia, os sonhos e visões também foram usados por Deus como instrumentos de sua obra providencial, nas suas mais variadas formas.

A fim de evitar que os homens cometem pecados, Deus pode agir providencialmente através de sonhos. Foi exatamente o que aconteceu com o rei Abimeleque, que foi impedido de pecar contra Deus, possuindo Sara, mulher de Abraão, através de uma intervenção divina em sonhos (Gn 20.1-6).

Para cumprir os seus propósitos redentores de proteger o Filho encarnado, que ainda era bebê nos braços de sua mãe, da sanha assassina de Herodes, Deus enviou um sonho a José, a fim de que ele pudesse escapar, fugindo para o Egito (Mt 2.13). O anjo apareceu no sonho a José, que estava dormindo. O instrumento aqui não é o anjo, mas o sonho onde o anjo apareceu para anunciar livramento. Da mesma forma, um anjo, em sonho, falou a José para que ele voltasse com o menino e com sua mãe para a terra de Israel (Mt 2.19-21). É bom observar que o mesmo fenômeno providencial aconteceu com os magos que foram orientados em sonho para voltarem por outro caminho (Mt 2.12). É curioso, porém, notar que em todos os casos a obra providencial é atribuída ao Senhor Deus.

Um exemplo de uma visão para ilustrar a obra providencial de Deus está no caso de Pedro, quando Deus queria que ele entendesse a necessidade de evangelizar gentios. Deus, então, lhe enviou a visão do lençol com animais imundos (At 10.9-16). Deus simplesmente usou a visão para mostrar a Pedro a necessidade dele ir evangelizar o gentio Cornélio. Essa é uma providência para realizar um propósito salvador na vida dos homens.

Embora alguns possam entender que sonhos e visões tenham sido exemplos de intervenção direta de Deus, entendo que há algo entre o Deus e os homens, os sonhos e visões. Deus os usa para o benefício dos seus santos e para, quando lhe apraz, livrá-los do mal. Todavia, devemos ter mente de maneira clara, que estes instrumentos usados por Deus no passado não são normativos para as nossas experiências hoje. Esses são instrumentos extraordinários e não ordinários de sua obra providencial.

CAPÍTULO 3

OS OBJETOS DA PROVIDÊNCIA

Curiosamente, a Escritura nunca usa o termo providência para expressar o envolvimento providencial de Deus na vida do universo. Todavia, o conceito de providência está claramente distinto nas páginas de toda a Escritura.

Não há nada neste mundo que não seja objeto da providência divina. Todas as cousas criadas, diferentemente do Criador, são finitas. Tudo o que é finito tem a propriedade de deteriorar-se e, conseqüentemente, tem necessidade de preservação a fim de que não venha a desaparecer. Vale a pena aqui mencionar a Segunda lei da termodinâmica, também chamada de entropia²⁰, que foi descoberta por um cientista incrédulo, que confirma a necessidade da criação ser sustentada providencialmente.

O texto bíblico de Neemias 9.6, que vem abaixo, mostra que Deus age providencialmente em toda a sua criação seja preservando, provendo, guiando, protegendo ou governando. É pelo seu direito de Criador que ele age no universo inteiro. Quem tem o poder de criar também tem o poder e o direito de trabalhar em sua criação.

Ninguém escapa da atuação providencial de Deus pelo simples fato de todas as coisas que existem terem sido criadas e, como tal, são finitas, precisando de manutenção.

Se Deus tem os seus propósitos determinados antes da fundação do mundo, e isso é uma verdade que não pode ser questionada dentro de círculos cristãos sérios, ele também deve ser suficientemente capaz de reger e governar aquilo que ele poderosamente criou. A sua criação envolve três tipos de reinos: inanimado, animado e moral. Este último será estudado quando tratarmos do governo de Deus. Todos esses reinos são regidos por leis que agem de acordo com a natureza dos objetos a quem a providência chega. Neemias presta tributo ao Senhor do mundo quando reconhece que toda a criação é lugar de trabalho do Deus providente.

Ne 9.6 - “Só tu és Senhor, tu fizeste o céu, o céu dos céus, e todo o seu exército, a terra e tudo quanto nela há, os mares e tudo quanto há neles; e tu os *preservas a todos com vida*, e o exército do céus te adora.”

Para propósitos didáticos, façamos uma pequena análise do texto de Neemias:

Na linguagem dos hebreus “*céu*” provavelmente tem a ver com o lugar onde estão as nuvens, e que pode ser visto facilmente à olho nu; “*céu dos céus*”, aqui neste texto, provavelmente se refira ao espaço sideral que está além das nossas vistas, que se evidencia naquilo que chamamos de

²⁰ Esta segunda lei afirma que tudo o que existe tem se deteriorado ou degenerado, e se tem tornado menos útil e, em algum tempo no futuro, acabará em condição de morte ou inutilidade total. Essa afirma que tudo o que é entregue a si mesmo é constantemente deteriorado e degenera-se.

“infinito”. Dele enxergamos algumas coisas muito distantemente; “*todo o seu exército*” provavelmente se refira ao conjunto infindável de estrelas e outros astros celestes que podem ser observadas à longa distância; “*a terra e o mar*” dizem respeito ao nosso *habitat*, o planeta terra; a expressão “*e tudo o quanto neles há*” diz respeito ao nós e a todos os outros seres viventes; “*o exército dos céus*” aqui no final do verso certamente se refere aos seres celestiais, nas suas mais variadas categorias, porque o texto diz que eles adoram conscientemente a Deus. A todos esses seres viventes, inclusive os seres celestiais, “*tu os preservas a todos com vida*”. Esta é a obra providencial de Deus no mundo inanimado, no mundo animado e no mundo vivo.

PROVIDÊNCIA NO REINO DAS COISAS INANIMADAS

Toda criação inanimada é objeto da providência divina. Os céus, a terra e tudo o que neles há são objeto do cuidado amoroso do Criador, vivem debaixo do governo do Criador, são sustentados e preservados pelo Criador de maneira direta ou indireta, isto é, através das leis antigas e fixas que ele criou. Vejamos algumas coisas detalhadas do mundo inanimado.

OS ASTROS DA ABÓBADA CELESTE

As luminárias do céu, ou seja, a luminária do dia que é o sol, e as luminárias da noite, ou seja, a lua e as estrelas, são todos objetos da divina providência. Deus as mantém todas nos seus devidos lugares, nas suas órbitas, cada uma delas fazendo exatamente aquilo para o que foi determinado. O sol é mantido na sua órbita e dela não foge por causa do governo providencial sobre ele. As estrelas também ficam fixas em suas órbitas fazendo o que lhes foi ordenado (Jó 9.7). Todas as luminárias da abóbada celeste são empregadas de Deus para cumprirem a sua vontade na vida dos mundos que ele criou. Deus faz isto porque ele “sozinho estendeu os céus” (Jó 9.8).

O sol, nosso principal astro, recebe a manutenção divina permanecendo aceso desde que foi criado. É preciso entender que nenhum astro é independente e autônomo, isto é, sem necessidade de manutenção. Eterno e autônomo é somente Deus. Todas as demais criaturas ou criação precisa manter-se na sua função por meio de uma ação superior que é divina. O sol se queima sem se apagar por muitos milênios por causa da intervenção divina. Não há nada que se sustente para sempre ou que possua combustível inextinguível. O sol, assim como os demais astros com a chamada “luz própria” não possui a auto-existência ou auto-manutenção. Somente os cristãos podem perceber nesse fenômeno a mão daquele “que sustenta todas as coisas pela palavra do seu poder” (Hb 1.3).

O sol foi feito para governar o dia e a lua para governar a noite (Sl 136.8-9), e é promessa com juramento de Deus de que esses astros haverão de cumprir a sua função até o final deste mundo. Nunca haverá de faltar dia nem noite, verão nem inverno, frio nem calor, e as estações todas virão para o benefício da terra (Gn 8.22). Por que Deus promete uma coisa tão séria como essa? Porque como criador que é, ele tem governo e controle sobre os

astros que ele criou. Ele é o Deus providente que nos astros e por meio deles.

A Escritura diz que Deus conhece o número das estrelas e as chama pelos seus nomes (Sl 146.4). Isso significa que Deus tem uma preocupação por cada uma delas, sem exceção, e age providencialmente em todas fazendo com que elas se mantenham nos seus lugares e exerçam as suas funções regularmente para o benefício do restante da criação.

O *HABITAT* DOS HOMENS

No meio do imenso universo que criou, Deus tem uma grande preocupação com o *habitat* do homem, que é a coroa da sua criação. Deus insta aos seres humanos que cantem ao Senhor com ações de graça a manifestação da sua providência.

Sl 147.7-8 – “ Cantai ao Senhor com ações de graça; entoais louvores, ao som de harpa, ao nosso Deus que cobre de nuvens os céus e prepara a chuva para a terra, faz brotar nos montes a erva.”

Nesses versos o salmista trata da criação inanimada, que é a parte da criação mais imensa e espantosa pelo seu tamanho e imponência. Não obstante a grandeza do nosso *habitat*, ele precisa ser mantido cuidadosamente por Deus, porque, a despeito de imenso, é finito e, como tal, precisa das obras providenciais de Deus. O planeta terra tem sido, num certo sentido, a menina dos olhos da criação inanimada porque nela vivem os seus filhos por criação.

No exemplo que vem a seguir, Deus ensina a um grande servo seu as manifestações de sua providência com o *habitat* dos homens. Certamente por causa do sofrimento que estava passando, Jó disse algumas coisas duras a respeito de Deus, inclusive exercendo uma espécie de julgamento moral sobre ele. Isto está registrado em Jó 9.22-24. Então, Deus faz perguntas a Jó mostrando a ignorância dele com respeito às origens e à manutenção do seu próprio *habitat* .

Jó 38.4 - “Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra? Dize-mo se tens entendimento”.

Obviamente Deus principia a falar da criação, e então passa a mostrar como fez e como ele tem mantido pleno governo e controle sobre ela.

Jó 38.5-7 - “Quem lhe pôs as medidas, se é que o sabes? Ou quem estendeu sobre ela o cordel? Sobre que estão fundadas as suas bases, ou quem lhe assentou a pedra angular, quando as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e rejubilavam todos os filhos de Deus?”

Quantas questões profundas Deus levanta para Jó! Ninguém terá resposta para elas a menos que creia num Deus criador e providente. Estas perguntas continuam a desafiar a sabedoria humana. Todavia, todos os

seres humanos, mesmo os cristãos, devem confessar a sua ignorância e atribuir tanto a criação como o governo providencial ao Deus onipotente.

Certamente Deus não está usando linguagem científica, mas ele fala de modo que Jó entende a sua linguagem. Nos nossos dias jamais alguém usaria o mesmo vocabulário usado pelo Senhor, mas um vocabulário técnico e científico. O que Jó não entendia cientistas modernos entendem sobre a sustentação do planeta no espaço. Eles conhecem, pelo menos parcialmente, as leis físicas que regem os astros no espaço, mas não era o caso de Jó.

Nos versos acima, Deus está desafiando Jó, de um modo figurado, a entender o modo como ele estendeu as abas do universo e como ele exerce domínio total sobre ele. Deus pôs fundamentos de sustentação da terra que servem de suporte para que ela não saia da sua órbita. Não há nada físico sustentando o planeta em sua órbita, mas leis precisas estabelecidas pelo Criador para que o *habitat* dos homens fique no seu exato lugar e não se desvie de sua rota. A Terra está firmada sobre sólido fundamento da providência divina que a sustenta e governa.

Os astros celestes, tanto os pequenos como os grandes, são mais objetos do governo de Deus do que de provisão ou satisfação de necessidades. Deles falaremos posteriormente quando estudarmos a providência de Deus como governo.

PROVIDÊNCIA NO REINO DOS SERES ANIMADOS

PROVIDÊNCIA PARA COM OS SERES ESPIRITUAIS

Os seres espirituais, sejam bons ou maus são objetos da providência divina. Como criaturas que são não podem agir independentemente de Deus. Portanto, precisam das providências divinas para serem mantidos no estado em que se encontram, a fim de que cumpram os seus propósitos, sejam eles bons ou maus na vida dos homens.

Os anjos maus estão sob o controle total do Senhor. Por essa razão, reconhecendo o senhorio de Jesus Cristo sobre a existência deles, lhe rogaram: “Se nos expelles, manda-nos para a manada de porcos” (Mt 8.21; Mc 5.10-13). Eles não podem fazer nada nem locomover-se de forma que não venham cumprir os decretos de Deus. Os anjos maus estão debaixo das restrições da Providência, fazendo somente aquilo que a Providência ordena, para que a história planejada por Deus se cumpra. Quando a Satanás foi permitido tocar nos bens de Jó e, depois, no próprio Jó, Deus restringiu a sua ação e vigiou a sua obra para que não fizesse além da determinação divina. Deus delimitou a obra de Satanás, controlando-o (Jó 1.11-12; 2.5-6).

Os anjos bons ou eleitos, igualmente são objetos da providência. Eles estão sob o controle de Deus e fazem somente aquilo que cumpre os decretos de Deus. Nada mais (Mt 26.53-54). Não há muito material sobre como Deus age na vida dos anjos, embora haja muitas informações sobre o que os anjos fazem como cumprimento dos planos de Deus na vida dos homens.

PROVIDÊNCIA PARA COM OS SERES HUMANOS

Os seres humanos, como dependentes que são, não podem fugir à máxima de Paulo que diz: “Nem é Deus servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse; pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais.” (At 17.25), e ainda: “Em Deus vivemos, nos movemos, e existimos” (At 17.28). Tudo o que somos está vinculado a Deus. Ele nos contempla dos céus, lugar de sua habitação, e nos vê como criaturas miseráveis e carentes de sua providência. Então, reconhece o salmista, “tu, Senhor, *preservas os homens e os animais*” (Sl 36.6).

Deus age providencialmente em todos os estágios da vida humana.

Ele age providencialmente na multiplicação da raça humana.

Deus está preocupado com a procriação. Ele ordenou a multiplicação dos seres humanos para a preservação da raça. Uma das primeiras ordens que Deus deu a Adão e Eva foi “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra” (Gn 1.28). Mesmo depois da eliminação quase que total da raça, por causa do pecado, nos tempos de Noé, Deus preservou a família de Noé e novamente a ordem originária da criação reapareceu: “Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra” (Gn 9.1). Esta ordem nunca foi retirada. As famílias são a célula básica da sociedade humana até o final. Portanto, não há nenhuma objeção e nenhum impedimento para que os membros da raça das gerações futuras casem-se e tenham filhos. Esse mandamento deve ser obedecido, conquanto seja uma obediência consciente, responsável onde os filhos colocados no mundo desfrutem, no mínimo, das condições básicas da vida, ou seja, que tenham pão, veste e lugar onde morar com decência.

Ele age providencialmente na concepção e nascimento dos seres humanos

Deus cuida de nós desde a nossa concepção. Extasiado com o modo como Deus nos faz, o salmista diz: “Graças de dou, visto que por modo assombrosamente maravilhoso me formaste; as tuas obras são admiráveis, e a minha alma o sabe muito bem.”(Sl 139.14). Então, o salmista, nos versos subsequentes, passa a descrever o cuidado de Deus na formação do ser humano e não podemos escapar de partilhar também do espanto de Davi. É assombroso como a providência encontra meios tão lindos e preciosos para nos trazer à existência e nos dar forma!

Também ele cuida de nós, providenciando o lugar de nosso nascimento, o tempo do nosso nascimento e as pessoas de quem somos nascidos. Nada escapa do controle e governo maravilhoso de nosso Deus. Não é por acaso que nascemos num determinado lugar; não é por acaso que nascemos num determinado tempo; não é por acaso que nascemos dos nossos pais. Tudo de nossa vida é produto da vontade providencial de Deus. O autor de Eclesiastes diz de maneira muito clara e simples: “Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu: há tempo de nascer e tempo de morrer” (3.1-2).

Ele age providencialmente em todos os dias dos seres humanos

Depois que nascemos de nossa mãe, Deus em sua providência, faz com que o corpo materno produza naturalmente o leite para o nosso

sustento, produção essa que independe da vontade da mãe. É parte das providências o sustento dos recém nascidos.

É um “dom de Deus para o homem poder comer, beber e desfrutar todo bem de todo o seu trabalho” (Ec 3.13). Não é somente o dom de poder comer e beber que Deus nos dá, mas o conteúdo do que bebemos e comemos. Por isso, o salmista diz que Deus “dá de comer a toda a carne” (Sl 136.25). Todos os seres humanos olham para o céu esperando as providências divinas para a sua manutenção. Eles trabalham para ganhar o sustento, mas eles são dependentes de Deus para ter saúde, para receber o emprego, etc. É exatamente o que o salmista quer dizer quando escreve: “Em ti esperam os olhos de todos, e tu, a seu tempo, lhes dás o alimento” (Sl 144.15). Em última instância, todos os seres humanos dependem de Deus para o seu sustento diário. É por isso que Jesus Cristo nos ensinou a orar, dizendo: “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje.”

PROVIDÊNCIA PARA COM OS ANIMAIS

O Livro de Jó tem vários capítulos onde Deus ensina ao seu servo a respeito do controle que ele possui de tudo o que existe e que há propósito em tudo o que ele faz. O Senhor dos exércitos gasta muitos versos do Livro de Jó para mostrar a todos nós, não simplesmente ao servo sofredor, a majestade da obra da sua criação e a glória do Criador. Ao fazer isso, Deus ilustra a sua obra providencial mostrando como ele cuida dos vários animais que vivem na face da terra.

Sl 36.6 - “Tu, Senhor, *preservas os homens e os animais*”

Neste verso o salmista engloba todos os animais, sem exceção, mas no Livro de Jó há várias ilustrações da obra providencial de Deus no meio deles, especialmente no capítulo 38, que será estudado em capítulo posterior, sobre a providência como preservação e governo.

Sl 147.8-9 – “[Deus] que cobre de nuvens os céus, prepara a chuva para a terra, faz brotar nos montes a erva, e dá o alimento aos animais e aos filhos dos corvos, quando clamam.”

Como um instrumento da providência divina, a natureza trabalha em cadeia de movimentos. Deus trabalha com as pressões atmosféricas que fazem com que os ventos transportem as nuvens e elas ficam negras, preparando a chuva para regar a terra que, por sua vez, preparada, está apta para produzir alimento que, por sua vez, alimenta os passarinhos e os outros animais. Essa cadeia de movimentos da natureza não funciona sozinha como um relógio ao qual se deu corda. Não! Deus está envolvido com todos esses movimentos. Por essa razão, o salmista fala de um modo figurado, que os filhotes dos corvos suplicam a Deus por alimento, demonstrando o senso de dependência que todas criaturas possuem.

Mt 6.26 - “Observai as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo vosso Pai celeste as sustenta. Porventura, não valeis vós muito mais do que as aves?”

Jesus reitera todo o ensino do Antigo Testamento visto acima. Ele desafia os seres humanos a observarem os movimentos da natureza providencial de Deus na vida dos animais. Instou-os a uma observação cuidadosa sobre o trato que Deus tem com os seres irracionais que não sabem semear, colher, nem armazenar conscientemente para as outras estações. Mesmo sem essa inteligência que é própria dos humanos, eles possuem tudo o que é necessário para a sobrevivência deles. “Ora,” disse Jesus, “se Deus sustenta assim essas aves, quanto mais vocês que valem mais do que elas”. Isto porque os seres humano são a coroa da criação.

PROVIDÊNCIA NO REINO DA CRIAÇÃO VIVA

Por criação viva, não me refiro aos anjos, homens ou animais. Esses são seres animados, mas me refiro às plantas, as criaturas com vida vegetal. Essas criaturas também estão debaixo da atuação providencial de Deus. Deus age na criação tornando-a bela para o nosso deleite e para o proveito dos outros seres viventes. Deus veste a criação de um modo maravilhoso ao ponto de causar espanto a todos nós. A criação inanimada, mas viva, é cheia de encantos. Por essa razão, ao ilustrar o cuidado que Deus tem com os seres humanos, Jesus Cristo disse:

Mt 6.28-29 - “Considerai com crescem os lírios do campo: eles não trabalham, nem fiam. Eu, contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles.”

Diferentemente dos seres humanos, a quem é dada inteligência para trabalhar e ganhar o pão de cada dia, os lírios do campo não podem fazer nada por si mesmos, para terem a beleza que têm, porque esse é um trabalho exclusivo do Pai Celeste que toma conta deles e os embeleza. E a beleza que eles possuem excede as vestimentas que o mais rico dos homens pode confeccionar, tão perfeita é a obra providencial na vida dessa criação viva.

Todavia, o trabalho que Deus faz neles é muito temporário. A duração deles é muito curta. Eles servem apenas para o deleite dos seres humanos. Logo depois, eles murcham, são cortados e lançados no forno para serem queimados. Não obstante essa temporalidade das ervas do campos, é dito que “Deus veste assim a erva do campo” (Mt 6.30).

PROVIDÊNCIA NA VIDA DOS INDIVÍDUOS

A ação de Deus sempre ficou evidente na vida dos indivíduos. A Escritura é farta de exemplos onde Deus agiu de forma inequívoca na vida de homens e mulheres individuais para mostrar o seu poder e o seu governo sobre eles, seja nos eventos corriqueiros da vida, no processo de redenção deles ou em manifestação de juízo sobre eles.

Todos os seres individuais estão nas mãos de Deus. Salomão disse essa verdade da seguinte forma:

Ec 9.1 - “Deveras me apliquei a todas estas cousas para claramente entender todo isto: que os justos, e os sábios, e os *seus feitos*, estão

nas mãos de Deus; e se é amor ou se é ódio que está à sua espera, não o sabe o homem. Tudo lhe está oculto no futuro.”

As providências divinas atingem todos os homens, sejam eles bons ou maus, justos ou injustos. Todos os atos das suas vidas estão debaixo do controle de Deus, isto é, “estão nas mãos de Deus”. No sentido mais estrito, não existe nada de mundano ou estranho aos planos divinos na vida das pessoas. Tudo o que lhes vêm é produto dos decretos divinos (Sl 139.16) e de sua atividade na vida deles direta ou indiretamente.

Os exemplos abaixo são mais tendentes às providências individuais, mas extraordinárias de Deus, que mereceram registro nas Santas Escrituras.

PROVIDÊNCIA NA VIDA DE UMA CRIANÇA INDEFESA

O texto de 2 Reis 1.1-3 mostra como uma criança indefesa foi salva da sanha assassina da ímpia Atalia, filha de Acabe de Acabe e Jesabel e mãe do rei Acazias. Ela destruiu toda a descendência real, isto é, os filhos de seu filho, a fim de tomar posse do reino de Judá. Ela conseguiu, por algum tempo ser rainha de Judá, Todavia, Jeoseba, filha do rei Jorão, e irmã de Acazias, tomou a Joás, filho de Acazias e o escondeu por seis anos, enquanto a Atalia reinava sobre a terra de Judá.

Onde está a obra providencial de Deus nesse ato de proteção do infante Joás? Temos que nos lembrar de que Deus havia prometido a Davi que não faltaria descendência sua no trono. Joás é descendente de Davi e Deus, que é fiel nas suas promessas, não poderia falhar. Joás veio a ser um grande rei em Judá, fazendo o que era reto perante o Senhor (2 Rs 12.1-2).

Para cumprir os seus decretos, Deus usou os atos de uma causa secundária. Neste caso, a causa secundária foi Jeoseba. Belew registra que “nada além de uma interferência miraculosa da providência divina poderia ter salvo a linhagem de Davi nessa época, e preservado a profecia com relação ao Messias.”²¹

PROVIDÊNCIA NA VIDA DE UMA VIÚVA POBRE E DESAMPARADA

A viúva pobre do tempo do profeta Eliseu é aqui beneficiária individual das providências divinas. A viúva tinha dos filhos, uma botija de azeite e uma grande dívida para pagar. O credor estava para levar os filhos como escravos servindo de pagamento da dívida. Isso era contra a lei em Israel. Escravos só poderiam ser de nações estrangeiras, mas nunca um israelita devedor (Lv 25.39-45). Então, numa providência extraordinária, o azeite dela foi multiplicado enchendo muitas vasilhas. O curioso é que, quando as vasilhas acabaram, também a multiplicação do azeite parou. As providências são para a quantia necessária para a subsistência daquela família. Eliseu foi o instrumento ou a causa secundária da providência de Deus. Por causa da providência, a viúva pode pagar a dívida e viver, juntamente com seus filhos, com o restante do azeite (2 Rs 4.1-7).

Outros exemplos sem conta poderiam ser citados neste trabalho, mas o espaço falta, porque a Escritura é fartíssima no registro de indivíduos que

21 Pascal P. Belew, *The Philosophy of Providence*, (Butler, Indiana: The Higley Press, 1955), 87.

receberam a manifestação da providência divina. Todavia, alguns deles ainda serão citados em capítulos diferentes.

PROVIDÊNCIA NA VIDA DAS NAÇÕES

A AÇÃO DA PROVIDÊNCIA NA NAÇÃO ISRAELITA

Deus sempre trabalha soberanamente com uma nação. Israel tem a primazia no trabalho providencial de Deus, porque este resolveu se revelar a essa nação de um modo especial. Deus escolheu Israel para ser objeto da sua revelação. Ele deixou reveladoramente as outras nações de lado. Nesse sentido preocupou-se somente os filhos de Jacó. Por causa disso, sabemos muitas coisas das atividades providenciais de Deus com Israel.

Providência no tempo de Abraão

Deus chamou Abrão de uma terra idólatra e cheia de feitiçaria — Ur da Caldéia, prometendo-lhe uma nova terra, que ele haveria de lhe mostrar. Deus guiou todas as coisas na vida de seu servo para criar um novo povo, um povo ao qual Deus haveria de se revelar especialmente.

Abraão foi chamado por Deus para ser o instrumento de formação da grande nação hebraica. Os inícios dessa nação são indisputavelmente atribuídos aos atos providenciais de Deus na vida daquele que ele haveria de chamar de “seu amigo” (Tg 2.23).

Todos os acontecimentos futuros da nação que estava por ser estabelecida formalmente no Egito, no tempo de Moisés, já haviam sido vaticinados por Deus a Abraão. Deus lhe disse:

Gn 15.13-14- “Sabe, com certeza, que a tua posteridade será peregrina em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos. Mas também eu julgarei a gente a que têm de sujeitar-se; e depois sairão com grandes riquezas.”

Obviamente, as obras providenciais de Deus são sempre produto do seu decreto. Essas obras acontecem infalivelmente, porque Deus disse a Abraão, “sabe, *com certeza*”. Deus não falha nos seus propósitos providenciais, porque eles estão fundados no seu decreto imutável. Deus havia decretado o cativeiro em terra estranha, o tempo desse cativeiro, o castigo para os egípcios por terem tratado os filhos de Israel maldosamente, e ainda Deus decretou a saída com os despojos. Estas coisas aconteceram exatamente com Deus havia decretado.

Com Abraão Deus entrou num pacto de fazer uma grande nação e todas as famílias da terra haveriam de ser abençoadas com o crente Abraão (Gn 12.1-3). A nação física e política que mais tarde veio a denominar-se Israel, foi típica de uma nação santa, de propriedade exclusiva de Deus, o povo eleito de todas as nações, que é composto de todos os que vêm a crer por causa da obra de Cristo (1 Pe 2.9). Abraão, que é o pai da fé, veio a ser o grande iniciador da obra e instrumento através do qual Deus tanto trabalhou para formar essa grande nação.

As providências temporais e espirituais na vida de um povo nunca foram tão grandes em nenhuma outra nação como as que Deus deu a Israel.

Providência no tempo de José

No tempo dos patriarcas revelou-se de maneira clara através de teofanias (ou seja, tomando formas). Por isso, é-nos dito que o Senhor apareceu a Abraão, a Isaque e a Jacó. Todavia, nunca lemos que o Senhor apareceu a José. Apesar disso, nunca houve um tempo em que Deus tenha se manifestado providencialmente quanto no tempo de José. Deus não se manifestou de maneira presencial a José, mas falou com ele em sonhos e lhe deu sabedoria para interpretá-los.

A providência trabalhou de forma extraordinária na formação da nação hebréia no Egito. Deus fez várias coisas acontecerem para que a nação começasse no Egito. Após todos os episódios tristes que culminaram no envio de José para o Egito, por causa do ciúme doentio dos seus irmãos, Deus fez vir fome sobre o mundo conhecido de então, em cumprimento à sua revelação em sonhos a Faraó que foram interpretada por José. Era o sonho das sete vacas gordas e das sete vacas magras. A fome que veio no período das vacas magras afetou profundamente a terra onde Jacó e seus filhos moravam. Então, dá-se o episódio da vinda dos irmãos para o Egito buscar alimento e, por fim, toda a família vem parar no Egito, onde, por cerca de quatrocentos anos, eles se multiplicam extraordinariamente. A providência moveu-se de maneira espantosa e sua ação nos foi deixada registrada nos capítulos finais do livro de Gênesis. A nação israelita tomou corpo ali naquele lugar até Deus libertá-la da terra da servidão. Este período todo está registrado de maneira sucinta por Lucas no discurso final de Estevão perante os seus algozes (ver At 7.12-17).

O curioso — e digno de imitação — é que José portou-se maneira corajosa em todos os acontecimentos desagradáveis que lhe sobrevieram. Ele não desanimou nunca diante do fato de ter sido desprezado pelos irmãos, nem por ter se tornado um escravo no Egito, nem pelo fato de, por causa de uma falsa denúncia, ir parar por longo tempo numa prisão. Mesmo ali ele continuou com o forte senso de ser guiado pela divina providência. Diante de cada impacto mau que lhe atingia, ele se levantava e se tornava num homem vitorioso.

Deus faz com que você e eu tenhamos inimigos, enfrentemos grandes dificuldades, especialmente para que nunca nos afastemos dele. Geralmente os nossos afastamentos se dão em tempos de bonança e fartura. Ele nos faz passar pelo vale de lágrimas porque em todas as coisas que ele faz acontecer em nossa vida possuem um santo propósito. Foi dessa forma que José entendeu tudo o que aconteceu a ele. Ele entendeu que Deus é quem estava por detrás de todos os acontecimentos. Leia os últimos capítulos de Gênesis e você compreenderá exatamente o que providência significa e como uma pessoa cristã deve se portar diante dela.

Os descendentes de Jacó foram provados severamente ali no Egito por quatro séculos, mas Deus não os desamparou. No Egito ele formou o povo e por muito séculos mais tarde ele dirigiu de maneira extraordinária a vida do seu povo. Os pontos abaixo mostram essa verdade.

Providência no tempo de Moisés

Após seu chamamento divino para tirar o povo de Egito (At 7.30-34) que há muito sofria debaixo da tirania dos Faraós (At 7.18-19), Moisés chegou diante de Faraó e apresentou-se como enviado de Deus. Faraó desprezou Moisés e, então, as providências judiciais de Deus começaram a vir sobre a terra do Egito em forma de pragas. Ao mesmo tempo em que as providências de juízo vinham para os egípcios, vinha a proteção divina para os israelitas na terra de Goshen. Maldição para uns e bênção para outros. É assim que a providência trabalha.

Cansado das maldições de Deus Faraó deixou o povo sair e o povo saiu com grandes riquezas. Estava cumprido o que Deus havia decretado e predito a Abraão cerca de 600 anos antes (Gn 15.13-14).

Providência no tempo do deserto

Quando Deus retirou o povo do Egito com mão poderosa, ele o fez passar por muitas provações. Todavia, Deus não os abandonou. O Senhor era companhia deles e sua proteção. Por essa razão, o texto sagrado diz:

Ex 13.21-22 - “O Senhor ia adiante deles, durante o dia numa coluna de nuvem, para os guiar pelo caminho, durante a noite numa coluna de fogo, para os alumiar, a fim de que caminhassem de dia e de noite. Nunca se apartou do povo a coluna de nuvem durante o dia, nem a coluna de fogo durante a noite.”

E o texto continua dizendo do livramento total dos exércitos de Faraó, porque o Senhor lutava por eles, porque o Anjo do Senhor estava na retaguarda e na vanguarda deles (Ex 14.14, 19). Apenas eles tinham que olhar para frente e marchar. Certamente essa é mais uma das providências especiais e sobrenaturais de Deus. Nunca nenhum povo foi tão claramente guiado e protegido como a nação hebraica.

Quando o povo começou a reclamar de fome e sede, Deus agiu poderosamente mandando as codornizes e o maná (Ex 16.11-21) e fez sair água da rocha (Ex 17.1-7). Na longa viagem pelo deserto sem estalagens e sem suporte para o sustento Deus tratou aquele povo de maneira sobrenatural. A sobrenaturalidade da providência se evidencia na duração das coisas que se desgastam rapidamente. O próprio Deus se dirige ao povo e lhe diz:

Dt 29.5 - “Quarenta anos vos conduzi pelo deserto; não envelheceram sobre vós as vossas vestes, nem se gastou no vosso pé a sandália”

Esse tipo de duração foge a qualquer padrão de roupa ou sapatos. É um milagre, uma operação sobrenatural de Deus o que aconteceu no deserto de areias quentes. É bom lembrar que essas roupas e sandálias não eram lavadas constantemente. É até difícil de compreender como as sandálias não se gastaram durante um uso tão constante e demoradíssimo. Deus lembrou ao povo essas coisas para mostrar a sua amorosa providência e, no entanto, eles ainda permaneceram incrédulos diante de tantas manifestações da bondade de Deus. Durante quarenta anos de peregrinação

no deserto a mão de Deus trabalhou providencialmente com aquela nação de dura cerviz.

Providência no tempo de Raabe

Sem querer esta mulher teve uma participação muito importante nos atos providenciais de Deus. Os espias não haviam sido convidados por ela para se alojarem em sua casa. Simplesmente eles não sabiam nada da vida dela nem de sua reação à chegada deles. Por que haveriam eles de procurar a casa de uma meretriz. No mínimo era uma cafetã preparando mulheres para a diversão dos homens de Jericó e dos passantes por aquelas plagas.

Por que aqueles espias procuraram a casa daquela prostituta e não uma outra? Por que Deus permitiu que o rei de Jericó ficasse sabendo que ela estava hospedando os espias? Com sua onipotência ele não poderia evitar esse embaraço para ela de ter que usar de subterfúgios para despistar os enviados do rei?

Certamente o Senhor havia designado aquela indigna mulher para ser o instrumento de sua obra providencial na proteção dos espias. Ela ludibriou o rei de Jericó e seus soldados, despistando-os, usando de recursos que não são lícitos, mostrando a sua fraqueza pecaminosa (Js 2.2-7). Ela mentiu para proteger os espias. Por que a mentira trouxe sucesso, quando os enviados do rei acreditaram na palavra da prostituta?

Não obstante a fraqueza pecaminosa dessa mulher, misteriosamente o Senhor se serve de tudo para o exercício de sua providência no uso das causas secundárias. Ninguém pode ir contrário ao que Deus estabelece; ninguém pode esconder o que o próprio Deus torna claro. Mesmo que não compreendamos todos os caminhos que o Soberano usa, sabemos que foi ele que conduziu os espias à casa de uma prostituta a fim de proteger a nação de Israel que estava para tomar a terra, como cumprimento da promessa de Deus feita a Abraão.

Deus se serviu de Raabe para trazer glória ao seu nome e provocar naquela mulher ímpia um temor a esse santo nome! O espantoso é que, de algum modo, aquela mulher veio a ter afeição pelo Deus que havia libertado os israelitas poderosamente do Egito e o temeu, reconhecendo nele o Deus verdadeiro (Js 2.9-11).

Providência no tempo de Rute

Rute, a moabita, é mais uma mulher na história das providências divinas com a nação de Israel. É maravilhoso e instrutivo ver como a providência divina tratou soteriologicamente com Rute. As conexões salvadoras das quais Rute foi uma grande ligação são extraordinárias. A história de Rute é uma seqüência bela dos eventos providenciais de Deus. Por causa do processo redentor de Deus, Rute foi adotada por Israel como membro de uma família israelita, e especialmente quando se tornou esposa de Boaz. Com Rute podemos antever os gentios se tornando co-participantes das bênçãos concedidas aos filhos de Abraão. Porque ela creu no Deus de Noemi e de Boaz ela foi uma filha de Abraão e participante da construção do povo de Israel.

Quando Boaz estava para casar-se com Rute, tomando conselho os anciãos da cidade, estes (como testemunha) disseram a Boaz:

Rt 4.11 - “O Senhor faça a esta mulher [Rute], que entra na tua casa, como a Raquel e como a Lia, que ambas *edificaram a casa de Israel*; e tu, Boaz, há-te valorosamente em Efrata, e faze-te nome afamado em Belém.”

Assim como as duas mulheres do passado, Raquel e Lia, edificaram a casa de Israel, Rute também seria o instrumento de Deus para abençoar a nação israelita. Como elas edificaram Israel? Dando à luz filhos que vieram a ser os cabeças das tribos de Israel. De igual modo, Rute traria, na sua descendência, os homens mais famosos das história de Israel — Davi e o próprio Senhor Jesus Cristo (que teve Rute como uma de suas ancestrais). Rute foi o instrumento providencial de Deus, de origem gentílica, para trazer ao mundo a salvação aos filhos de Abraão.

Providência no tempo de Ester

Mesmo sem nunca mencionar o nome do Altíssimo, o Livro de Ester ensina sobre a providência divina. Ali não houve nenhuma manifestação sobrenatural da providência, nenhum milagre, mas simplesmente ação das causas secundárias para a sobrevivência do povo de Israel. A estória de Ester é uma amostra do plano de Deus de preservação de um povo. Durante a sua vida como rainha, houve um conchavo de inimigos dos judeus para banir os judeus do reino do rei Assuero. Ester ocupava uma posição muito importante e Deus a usou para a preservação do seu povo (Et 4.13-14).

A AÇÃO DA PROVIDÊNCIA NAS NAÇÕES GENTÍLICAS

Deus atua providencialmente em todas as nações gentílicas, pois ele tem o governo sobre todas elas. Seu reino domina sobre tudo e é um reino eterno. Davi, como rei de Israel, proclama: “Pois do Senhor é o reino, é ele quem governa as nações” (Sl 22.28). O profeta Jeremias teve a mesma idéia providencial do governo de Deus quando disse: “Quem te não temerá a ti, ó Rei das nações? Pois isto é a ti devido; porquanto entre todos os sábios das nações, e em todo o seu reino, ninguém há semelhante a ti” (Jr 10.7).

APLICAÇÃO

Os objetos da providência divina ainda são os mesmos

O povo de Deus hoje precisa aprender que a mão de Deus ainda está operando na vida das nações de maneira providencial. Assim como Deus agiu na vida das pessoas mencionadas neste capítulo, ele também age governando as nações. A grande diferença é que não temos as ações de Deus registradas inspiradamente num livro autorizado como a Escritura. O Deus providente é o mesmo. Ele levanta e ele abate as nações usando homens e mulheres que estão ao seu dispor como causas secundárias e instrumentais da sua providência.

As providências divinas não são casuais

Não há acaso nas coisas que acontecem na vida dos instrumentos de Deus. Tudo é obra da providência. No entanto, às vezes, a tradução das

Escrituras não ajudam muito e favorecem conceitos que são estranhos às próprias Escrituras. Tome o caso de um texto registrado no livro de Rute:

Rt 2.3 - “[Rute] se foi, chegou ao campo, e apanhava após os segadores; *por casualidade* na parte que pertencia a Boaz, o qual era da família de Elimeleque.”

A tradução do texto não é feliz porque ela pode indicar acaso. Não existe casualidade, ou acaso, mas providência divina. Deus está por detrás de todo propósito. A tradução melhor do verso seria esta: “...e apanhava após os segadores; *aconteceu que* ela veio a uma porção do campo que pertencia a Boaz.” Não foi casualidade. Havia um propósito causal de Deus que a levou ao campo de Boaz.

Há pessoas que pensam que a vontade de Deus é fácil de ser discernida, assim como é fácil ver o sinal verde no farol de tráfego, ou como se alguém tivesse uma visão inconfundível. Esta não é a maneira normativa de Deus agir hoje. Mesmo nos tempos do Antigo Testamento não foi sempre assim. Rute não sabia que, por detrás das suas resoluções, estava a mão providente de Deus. Se você houvesse perguntado a Rute: “Você sabe no terreno de quem você está entrando?” Certamente ela responderia “Não”. Então, você haveria de retrucar: “Eu acho que você deve entrar nesse campo mesmo porque se você não entrar, Jesus não vai nascer em Belém”. Rute teria replicado: “Eu não sei nada a respeito desse Jesus sendo nascido em Belém. Eu vou colher espigas neste campo porque é o que me parece melhor e é direito e lei em Israel isto que estou fazendo. Não há muita gente colhendo e eu posso catar algumas poucas a mais para mim. Afinal de contas, estou sozinha neste mundo.” Vendo a vontade resoluta de Rute, afinal, você diria consigo mesmo: “Ainda bem que ela escolheu o campo de Boaz e não outro.”

A verdade é que você tem o quadro todo em sua mente, mas Rute, não! Ela não sabia dos futuros acontecimentos soteriológicos. Simplesmente ela estava seguindo os ditames do seu coração temente a Deus. Não foi acaso ela ter entrado naquele campo. Foi ação de Deus agindo e conduzindo, em sua sábia providência, os caminhos de Rute, guiando-a ao cumprimento de suas promessas e decretos. Com isso, Israel foi abençoada como nação por dela terem saído os grandes reis, Davi e aquele de quem Davi foi o tipo, Jesus Cristo.

CAPÍTULO 4

VERDADES GERAIS SOBRE A PROVIDÊNCIA

A DOCTRINA DA PROVIDÊNCIA NOS SÍMBOLOS DE FÉ

A doutrina da providência “é apresentada nas confissões de fé Reformadas em conexão com o crenete e seu dom de salvação”.²² Seria justo perguntar: É possível haver providência à parte da doutrina da salvação? Não seria exagero reduzir a providência apenas ao aspecto soteriológico? Não há muita preocupação com a vida em geral, embora haja menção nas confissões de uma providência geral de Deus. Seria mais próprio que a doutrina da providência fosse tratada com um caráter universal, abarcando todas as coisas, não somente a providência relacionada com os filhos de Deus. Por que a ênfase é mais soteriológica?

A resposta a esta pergunta está vinculada a raízes históricas. As confissões Reformadas foram formuladas num período de conflito com a Igreja de Roma, quando as idéias sobre a teologia natural estavam florescendo. Dentro dessa teologia de Roma, cria-se que se poderia ter um conhecimento da providência de Deus à parte da fé, da revelação especial. Na teologia católica, o conhecimento da providência não é visto soteriológicamente condicionado. Portanto, toda abordagem Reformada da providência foi, contrariando a posição católica, colocada dentro da esfera soteriológica. Todavia, neste livro eu não tratarei da providência com caráter soteriológico porque este seu caráter será estudo em separado, visto ser de importância muito grande para ser tratado resumidamente aqui.

O AUTOR DA PROVIDÊNCIA

Pensando na providência divina, o companheiro de Jó fez duas perguntas: “Quem lhe entregou o governo da terra? Quem lhe confiou o universo?” (Jó 34.13).

A resposta teológica a esta pergunta do companheiro de Jó é a seguinte: O Deus triúno, Pai, Filho e Espírito Santo, é o autor de toda obra providencial. As obras de provisão, preservação, governo e concorrência não pertencem somente ao Pai, como se costuma pensar, mas à trindade toda.

DEUS, O PAI

Jesus Cristo deixou absolutamente claro a respeito do trabalho providencial de seu Pai neste universo. Ele disse: “Meu Pai trabalha até hoje” (Jo 5.17). Esse trabalho não se refere à criação do universo físico, pois esta foi terminada em seis dias. Depois dos seis dias, é-nos dito que o Senhor descansou da obra que havia feito. Todavia, o seu repouso da criação foi

²² Berkouwer, p. 39, (ver *Confissão de Fé de Westminster*, cap. V).

temporário. Logo depois ele começou a trabalhar de novo, não agora na criação, mas na manutenção dela, o que inclui a sua restauração. Desde o seu começo a criação precisa ser mantida e restaurada. Por causa de sua finitude e também por causa do agravamento do pecado, a manutenção do universo é absolutamente necessária.

DEUS, O FILHO

Jesus Cristo, o Filho de Deus encarnado, após falar do trabalho contínuo do seu Pai, acrescentou: "...e eu trabalho também" (Jo 5.17). Cristo que foi o agente da criação, conforme ensino das Escrituras (Jo 1.1-3), continua a trabalhar, mas o seu trabalho também possui a conotação providencial. O escritor aos Hebreus diz que Jesus Cristo, é "a expressão exata do ser divino, *sustentando* todas as coisas pela palavra do seu poder" (Hb 1.3).

Assim como Deus criou todas as coisas através do Filho, sendo este o agente da criação, também Deus sustenta todas as coisas através do Filho. Deus o Filho não faz nada que o Pai também não tenha feito. Há uma perfeita unidade de trabalho entre eles, de forma que a trindade opera harmoniosamente. Por essa razão, o próprio Jesus Cristo disse:

"Em verdade, em verdade vos digo que o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai; porque tudo o que este fizer, o Filho também semelhantemente o faz." (Jo 5.19)

Paulo diz que em Cristo todas as coisas criadas subsistem (Cl 1.17). Não há meio de as coisas continuarem a existir sem a cooperação da Segunda Pessoa encarnada. A obra da providência é uma obra de cooperação das três pessoas da trindade.

DEUS, O ESPÍRITO

Embora não haja nenhum texto que fale explicitamente da cooperação do Espírito Santo na manutenção da criação, não podemos excluí-lo dessa divina tarefa. Todavia, há um texto que nos mostra como o Espírito Santo é o mantenedor da vida neste mundo.

"Todos esperam de ti que lhes dês de comer a seu tempo. Se lhes dás, eles o recolhem; se abres a mão, eles se fartam de bens. Se ocultas o teu rosto, eles se perturbam; se lhes cortas a respiração, morrem, e voltam ao pó. *Envias o teu Espírito*, eles são criados, e assim *renovas* a face da terra." (Sl 104.27-30)

O salmista está falando com Deus, e atribui ao Espírito Santo a manutenção das criaturas totalmente dependentes da bondade divina. O Espírito Santo é o renovador da vida natural e espiritual. É o responsável pela manutenção das criaturas para que as espécies não se extingam. Ele, juntamente com o Pai e o Filho, são os autores, os agentes e a causa eficiente da obra providencial.

Deus está no trono de seu universo, olha para tudo o que ele criou e faz de sua criação o que bem lhe apraz. Ele reina sobre todas as coisas e o seu governo é visto na continuação da existência de todas as coisas.

Paulo, o apóstolo, faz uma apologia de Deus dizendo que todas as coisas começam e terminam em Deus (Rm 11.36). Nesse verso, é-nos dito que todas as coisas *são dele* (isto tem a ver com a criação), *através dele* (isto tem a ver com a providência) e *para ele* (isto tem a ver com a glória dele).

AS QUALIDADES DA PROVIDÊNCIA

AS PROVIDÊNCIAS DE DEUS SÃO SANTAS

A Escritura diz que “justo é o Senhor em todos os seus caminhos, benigno em todas as suas obras” (Sl 145.17). Nenhuma doutrina fala mais das obras de Deus do que a da providência, porque ela trata da preservação do universo, da provisão para as necessidades das criaturas, da sustentação de toda a criação, do seu governo absoluto sobre todas as coisas e da sua cooperação em todas os eventos que acontecem no universo. O verso acima diz que é santo em todos os seus caminhos, isto é, em tudo o que ele faz. Mesmo quando a providência trata dos pecados das ações pecaminosas dos seres humanos, Deus é santo no que faz, porque santos são todos os seus caminhos. Não podemos atribuir a Deus qualquer mancha, mesmo quando ele participa de um modo concorrente de todos os eventos. Mesmo nos atos mais maldosos do mundo, Deus sendo a causa primeira, decretando o aparecimento deles, e o homem sendo a causa secundária, como agente praticamente dos atos, o primeiro não pode ser considerado impuro naquele que ele decreta. A Escritura afirma que ele é santo em todos os seus procedimentos e não temos a autoridade de discutir com ela, porque tudo o que Deus faz tem um propósito santo e suas obras têm sempre uma finalidade benigna.

AS PROVIDÊNCIAS DE DEUS SÃO SÁBIAS

Deus tem agido providencialmente no mundo com a sua grande sabedoria. Encantado com a sabedoria divina, o profeta Isaías diz: “Também isto procede do Senhor dos Exércitos; ele é maravilhoso em conselho e grande em sabedoria” (Is 28.29) Esta se evidencia não somente nas leis fixas que ele estabeleceu, mas também na manutenção de todas as coisas em seus devidos lugares e nenhuma delas se extingue com o uso.

Basta olharmos para a criação para que vejamos com que sabedoria Deus administra todas as coisas. Os animais têm o seu sustento; as aves do céu são cuidadas de tal forma que a nenhuma delas falta o seu sustento.

Todas essas coisas são produto da maneira sábia como Deus toma conta do universo que ele próprio criou. A sabedoria infinita de Deus sempre chega aos melhores fins com os melhores caminhos e operações, usando os melhores métodos para a realização dos seus propósitos. Ele é excelente em sabedoria na preservação e condução deste universo tão grande!

Nós nos espantamos de ver as obras da sabedoria dos homens quando encontramos na ciência um desenvolvimento como nunca se viu na história.

No entanto, a sabedoria dos homens em tudo o que eles venham a fazer tem o seu nascedouro na sabedoria criadora, mantenedora e governadora deste universo. A sabedoria humana está espelhada na sabedoria divina, embora seja com muito menor brilho. Deus é o único santo e sábio que controla todas as coisas com sabedoria de excelência!

AS PROVIDÊNCIAS DE DEUS SÃO PODEROSAS

Ninguém se sobrepõe ao todo poderoso poder de Deus quando ele se inclina para fazer alguma coisa neste universo. Nos seu atos providenciais Deus tem o domínio sobre todos os homens, mesmo os mais poderosos. A Escritura diz que os reis estão nas suas mãos para que ele conduza os destinos de uma nação. O seu poder faz com que “como ribeiros de águas, assim seja o coração do rei nas suas mãos, que segundo o seu querer, o inclina” (Pv 21.1). Os propósitos todos de Deus são cumpridos porque ele possui todas as ferramentas (ou instrumentos) nas suas mãos inteiramente.

De uma maneira muito dura a Escritura mostra como Deus tem os instrumentos todos sob seu poder. O rei Senaqueribe havia invadido Jerusalém com arrogância, e afrontou o Senhor dos Exércitos e dizia blasfêmias. Então o Senhor resolve manifestar o seu poder sobre ele para mostrar que Deus é o governador deste mundo e que todas as coisas estão sob seu poder e à sua disposição. Diz Deus: “Por causa do teu furor contra mim, e porque a tua arrogância subiu até aos meus ouvidos, eis que porei o meu anzol no teu nariz e o meu freio na tua boca, e te farei voltar pelo caminho por onde vieste.” (2 Rs 19.28). Como alguém faz a um animal para cabrestear-lo e dirigi-lo por onde quer, assim Deus fez com Senaqueribe, que naquele dia teve o seu exército ferido em 185.000 homens. Deus é Senhor poderoso quando resolve agir providencialmente. Ninguém pode resistir ao poder providencial de Deus de modo que todos os seus atos cumprem os seus propósitos inteiramente. Ele nunca falha na realização dos seus atos de providência, que são eficazes e irresistíveis.

NECESSIDADE DA PROVIDÊNCIA

Após falar de Deus com o governador do planeta e de todo o universo, o amigo de Jó chega à seguinte conclusão:

Jó 34.14-15 - “Se Deus pensasse apenas em si mesmo, e para si recolhesse o seu espírito e o seu sopro, toda a carne juntamente expiraria, e o homem voltaria ao pó.”

A ação divina é absolutamente necessária não somente para que as coisas venham à existência, mas para que elas sejam preservadas. Se Deus retirasse deste mundo a sua influência preservadora todo mundo haveria de perecer.

NENHUMA CRIATURA PODE PRESERVAR-SE A SI MESMA

O fato de ser criatura impede que ela se preserve a si mesma. Mesmo as criaturas mais perfeitas ou espirituais de Deus não possuem condição de auto-preservação. Não somente os seres corpóreos como os

homens mas também os anjos necessitam ser preservados por alguém que não seja eles próprios.

O fato de serem criaturas torna necessária a ajuda externa por causa da dependência que todas possuem de alguém superior a elas próprias. Somente aquele que possui imortalidade (1 Tm 6.16), aquele que é eterno, tem a capacidade de preservar os que dele procedem. A imortalidade e eternidade são originárias em Deus e permanecem somente em Deus e estas qualidades e prerrogativas divinas é que tornam Deus o único a criar e a poder agir providencialmente na vida de suas criaturas. As suas criaturas, uma vez vindas à existência, adquirem a capacidade de existir para sempre, mas sempre na dependência da autoridade e do poder do Criador. A eternidade e imortalidade da criatura é derivada das qualidades originais em Deus. Somente Deus é auto-existente. Suas criaturas são dependentes completamente dele.

NENHUMA CRIATURA PODE PRESERVAR OUTRA CRIATURA

Nenhuma criatura pode preservar a outra no sentido de ser o agente primário ou o agente principal. Somente o Criador pode ter a capacidade de ser providente em suas ações. Se um ser humano pudesse agir providencialmente na vida de outro ser humano, ele seria Deus para o outro, todavia, uma Deus fraco como a criatura que precisou de socorro. Os seres humanos podem ser apenas instrumentos que Deus usa para a preservação e governo de outros seres humanos.

O finito não pode agir preservadoramente porque essa é uma virtude do Infinito, daquele que possui existência própria. Deus não comunica essa capacidade às suas criaturas. Não podemos sequer imaginar criaturas preservando criaturas. Se isso fosse possível, teríamos muitos deuses em nosso meio. Mesmo os anjos dos céus não possuem a capacidade de preservar os seres humanos. Eles podem ministrar a favor dos herdam a salvação, mas eles são apenas instrumentos, não a causa primeira da preservação. Se Deus retirar a sua influência de sobre os seres humanos e animais, eles perecem. Por essa razão, o salmista diz:

Sl 104-27-29 - “Todos esperam de ti que lhes dês de comer a seu tempo. Se lhes dás, eles o recolhem; se abres a mão, eles se fartam de bens. Se ocultas o teu rosto, eles se perturbam; se lhes cortas a respiração, morrem, e voltam ao seu pó.”

A preservação da criatura depende totalmente da ação divina. Nenhum ser criado por fazer nada de preservação em favor de outro, a não ser como instrumento nas mãos de Deus.

OS MODOS DE AÇÃO DA PROVIDÊNCIA

Deus pode tomar conta de suas criaturas de dois modos: imediata ou mediatamente. Isto quer dizer que a uns Deus preserva sem o uso de meios e a outros Deus preserva com o uso de meios.

Tanto anjos como homens e os outros seres criados são guardados e preservados individualmente. Os primeiros são preservados *in perpetuum* e

sem o uso de meios; os últimos são preservados por um certo período de tempo e com o uso de meios.

PROVIDÊNCIA IMEDIATA DE DEUS

A providência imediata é aquela em que o próprio Deus a exerce, isto é, sem o uso de meios ou instrumentos ou causas secundárias. Isto Deus faz acontecer pela palavra do seu poder (Hb 1.3). O mesmo poder da palavra criadora é o poder da palavra preservadora ou sustentadora.

Há casos em que Deus opera pelo seu próprio poder direto em que qualquer criatura participe como agente providencial. Um exemplo disso foi quando Deus fez a terra produtiva quando ainda não existia o elemento natural da chuva. Deus enviou uma neblina que subia da terra e a regava. Devemos entender com isso que não havia plantada cultivada pelo homem como num jardim plantado. O que havia na terra era produto da providência imediata de Deus (Gn 2.5-6).

Não é possível explicar como Moisés ficou quarenta dias e quarenta noites no monte Sinai e Jesus Cristo da mesma forma quando foi tentado, sem pensar numa providência extraordinária e imediata de Deus.

De um modo absolutamente imediato, Deus alimentou o povo na caminhada pelo deserto durante quarenta anos. Com respeito às codornizes alguns estudiosos da Bíblia que são naturalistas (isto é, não crêem em milagres), dirão que foram revoadas periódicas de aves que coincidiram com a caminhada do povo. Mesmo pensando remotamente nessa possibilidade, não há como explicar o maná, que não possuía similar neste mundo. Deus disse literalmente: “Eu vos farei chover do céu pão” (Ex 16.4). Era um alimento proporcionado diretamente pelas mãos divinas, como amostra de seu cuidado afetuoso pelo povo rebelde.

De um modo absolutamente imediato Deus protegeu o povo na caminhada para o Mar Vermelho sendo protetor tanto na vanguarda como na retaguarda do povo. Sua ação foi direta, sem usar qualquer instrumento criado. O Anjo mencionado no texto (Ex 16.19) não era nada mais nada menos do que uma manifestação teofânica. Na chegada do mar ele dividiu as águas com o seu poder direto e a proteção do seu povo se deu modo imediato, apenas com a palavra do seu poder.

Com o mesmo poder direto, os amigos de Daniel, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, foram livres da fornalha de fogo ardendo com múltipla força. Deus se fez presente providencialmente no meio deles e, sem qualquer instrumento ou meio, livrou-os poderosamente. A beleza desta passagem é que os amigos de Daniel confiavam na ação providencial do seu Deus. Ainda que Deus não agisse em favor dele, Deus ainda seria o Deus deles (Dn 3.16-30).

Há ainda algumas coisas sobre Jesus Cristo de que poucos ousam falar, e dizem respeito à providencia divina: Jesus Cristo, mesmo depois de glorificado, ainda é um ser humano completo. Como tal, ele precisa ser alimentado, porque a sua natureza humana (mesmo glorificada) não é independente ou auto-suficiente. Ela precisa daquilo que é natural ao ser humano para a sua manutenção. De um modo direto, imediato, Deus providencia todos os recursos para que a natureza humana do Redentor não

sofra qualquer padecimento por falta dos recursos naturais no céu, que são próprios aqui da terra. Deus opera providencialmente de maneira imediata na sustentação do seu Filho encarnado e glorificado.

No seu ministério terreno, Jesus Cristo operou imediatamente com seu poder para suas manifestações providenciais. Ele fez assim nas bodas de Caná como na multiplicação dos pães.

Sabemos que os seres espirituais, isto é, os anjos são guardados e protegidos sempre de uma maneira imediata. Na verdade, não sabemos como isso se processa, mas Deus não faz uso de qualquer coisa física ou qualquer instrumento para preservá-los. Os seres humanos são guardados de maneira imediata também, como vimos acima, embora nem sempre dessa maneira.

PROVIDÊNCIA MEDIATA DE DEUS

Diferentemente dos anjos, os homens, os animais e todos os outros elementos da natureza são preservados através do uso de vários instrumentos. De modo geral, podemos dizer que Deus faz uso da natureza criada para preservar os seres criados. Da terra ele provê a sustentação necessária para eles. Não vem alimento extraordinário para os homens, mas das coisas ordinárias que ele criou para a manutenção da própria criação.

Na consecução dos planos providenciais de Deus há uma cadeia enorme de causas secundárias que são influenciadas pela causa primeira, que é Deus. Todas as causas secundárias são os instrumentos de Deus e dependem, portanto, da primeira causa e são subordinados a ela e são, também, subordinadas umas às outras. O profeta Oséias fala de Deus sendo beneficiador de tudo, benevolente e afável com todas as criaturas. Ele é a causa primeira dessa benevolente. Depois vêm as causas secundárias que estão interligadas. É exatamente isso o que está escrito:

Os 2.21-22 - “Naquele dia eu serei obsequioso, diz o Senhor, obsequioso aos céus, e estes à terra; a terra obsequiosa ao trigo, e ao vinho, e ao óleo; e estes a Jesreel”.

É nesse sentido que entendemos a cadeia dos instrumentos de Deus para a execução de suas obras providenciais. Os céus, então a terra, e, por fim os homens. Esta é a cadeia interrelacionada, as causas secundárias, todas elas dependentes da primeira causa, Deus.

No exercício de sua providência Deus via de regra usa meios naturais. Os meios, contudo, estão subordinados uns aos outros e todos conjuntamente subordinados a Deus e dependentes dele.

Com respeito aos seres humanos

O Salmista diz a Deus: “Tu fazes crescer... as plantas para o serviço dos homens” (Sl 104.14). A sustentação física dos homens vem das providências de Deus através da comida que ele provê através dos recursos naturais que ele estabeleceu.

As batalhas vencidas pelos israelitas no período do Antigo Testamento tiveram a mão poderosa de Deus contra os inimigos, mas sua força veio

também através das mãos dos soldados de Israel (2 Cr 14.11). Os soldados de Israel foram os instrumentos nas poderosas mãos de Deus. As derrotas do povo de Israel, da mesma forma, foram através dos soldados de inimigos, mas obra providencial de Deus, que opera mediatamente, isto é, usando meios ou instrumentos para a execução de suas providências (2 Cr 24.24).

Com respeito aos animais

O salmista diz a Deus: “Tu fazes crescer a relva para os animais”(Sl 104.14). Deus faz crescer a relva da terra. Deus não faz a relva vir direto do céu, mas faz-a nascer dos elementos próprios. Da mesma forma Deus dessedenta os animais, fazendo com que fontes sejam rebentadas no vale que “dão de beber a todos os animais do campo; os juntos selvagens matam a sua sede. Junto delas têm as aves do céu o seu pouso e, por entre a ramagem, desferem o seu canto.”(Sl 104.10-12). Deus mata a sede dos animais, mas as águas não procedem diretamente do lugar da habitação de Deus, eles faz isso através das fontes e das chuvas que procedem das nuvens (v.13).

Todas as providências ordinárias com relação aos animais e obras da natureza são, em geral, providências mediatas de Deus.

Com respeito à criação inanimada

Deus fez as plantas virem à existência de modo imediato, através da própria terra, mesmo que por ordem de sua palavra (Gn 2.8-9). Todavia, a manutenção das plantas todas se segue do curso natural das estações do ano, onde está incluída a irrigação da terra com o orvalho e com as chuvas, assim como a ação benéfica do sol. Deus age mediante os instrumentos e leis que ele próprio criou para o bem-estar da criação em geral.

PROVIDÊNCIA ORDINÁRIA

As providências ordinárias, já mencionadas em alguns exemplos anteriores, são aquelas exercidas através de uma cadeia de meios, que são chamados de causas secundárias. Via de regra, a causa primária, que é Deus causando o acontecimento das coisas, não age diretamente nas providências ordinárias. Nas providências ordinárias Deus usa instrumentos para a consecução delas. Ele usa as próprias criaturas ou as leis naturais que ele mesmo estabeleceu para a concretização das suas obras providenciais.

Através dessas leis, do sol, da lua, das evoluções naturais do dia e da noite, das estações do ano que são regularmente percebidas, Deus opera de maneira ordinária. Todas essas coisas obedecem a uma inclinação que lhes é própria, segundo o curso da natureza que lhes foi dada. Os animais, seguindo o curso da natureza que lhes foi dada, agem como instrumentos da providência servindo de alimento para outros animais; erva verde e frutos das árvores também são instrumentos da providência ordinária de Deus.

O Salmo 148 mostra como Deus criou todas as coisas (v.5), estabelecendo-as para todo sempre (v. 6) fixando-lhes uma ordem que não passará (v.6). Essa ordem diz respeito às funções deles neste mundo, a fim de que as providências ordinárias de Deus sejam realizadas. O texto diz que “fogo e saraiva, neve e vapor, e ventos procelosos que *lhe executam a*

palavra” (v. 8). Toda a criação está ao dispor de Deus a fim de serem instrumentos de sua providência ordinária. Todos cumprem o seu papel de maneira obediente e ordenada, mesmo que não tenham qualquer papel inteligente nessa tarefa. Todos eles são instrumentos das providências mediatas de Deus.

PROVIDÊNCIA EXTRAORDINÁRIA

As providências extraordinárias de Deus, via de regra, estão vinculadas aos atos imediatos de Deus, mas nem sempre. A extraordinariedade da providência divina está vinculada aos atos incomuns de Deus onde ele age de modo miraculoso, agindo de modo que excede os poderes naturais. Deus agiu extraordinariamente separando as águas do Mar Vermelho ou do Jordão para a passagem do seu povo; quando fez cair maná vindo do céu ou as codornizes de uma maneira extraordinária; quando alimentou cinco mil com apenas alguns pães e peixes; quando fez Elias ser alimentado de modo sobrenatural pelo corvo, embora o corvo seja um instrumento (ação mediata); quando Elias supriu a viúva com azeite, ou quando Deus exerceu as suas providências através dos seres angelicais, como é o caso de Elias que foi sustentado por anjo (2 Rs 19.5-8). Embora Deus possa usar instrumentos, a sua ação é extraordinária, miraculosa!

ELEMENTOS DA PROVIDÊNCIA

Quando estudamos o assunto das obras de Deus, entendemos que todas as criaturas são feitas, preservadas, governadas, dirigidas e guiadas. Todavia, em geral, a teologia Reformada fala da providência, ela reconhece alguns elementos na doutrina que são fundamentais: *Conservatio* que envolve a preservação da criação; *Provisio*, é o aspecto da providência que faz todas as provisões básicas para a vida das pessoas de forma natural ou sobrenatural; *Directio*, é o aspecto que trata de como Deus conduz as suas criaturas; *Gubernatio* envolve a direção de todas as coisas para o cumprimento dos propósitos previamente determinados; *Retributio* é o aspecto da providência divina que trata da punição dos pecadores, sejam eles justos ou injustos; *Concursus* envolve a idéia de cooperação de Deus e homens na realização de todos os atos, sejam bons ou maus, para a consecução de tudo o que Deus de antemão escreveu, embora não precise ser considerado mais um elemento da providência, mas sim um modo de Deus trabalhar. Deste assunto tratam os capítulos que se seguem.

CAPÍTULO 5

A PRESERVAÇÃO PROVIDENCIAL DE DEUS

Berkhof define preservação “como aquela obra contínua de Deus pela qual ele mantém as coisas que criou, junto com as propriedades e poderes com as quais ele as capacitou.”²³ Essa manutenção tem a ver com a ação divina mediante a qual ele não permite que as suas criaturas pereçam por ausência de sustento. Essa obra de preservação Deus faz de maneira mediata e imediata através do seu poder energizador, mantendo as suas criaturas a fim de que elas possam continuar a existindo até onde queira o Criador.

ERROS QUE DEVEM SER EVITADOS

1) QUE A CRIAÇÃO E A PRESERVAÇÃO SÃO UM SÓ ATO DE DEUS.

Alguns sustentam isso por causa da concepção deles de decreto. Ele não conseguem ver uma sucessão nos atos de Deus. De fato, não há sucessão de atos no decreto de Deus, mas há sucessão na realização histórica deles. É verdade que ambas vem de Deus, mas Criação e preservação não são idênticas. Criação tem a ver com a origem e a existência das coisas, enquanto que providência tem a ver com a manutenção, preservação e governo daquilo que foi criado.

2) QUE A PRESERVAÇÃO É SÓ IMEDIATA

Porque Deus criou todas as coisas sem ter qualquer material pré-existente, imediatamente pelo seu poder, assim, Ele sustenta todas as coisas sem a ajuda de qualquer causa secundária.

A verdade é que muitas coisas são preservadas pelas próprias leis naturais que o próprio Deus estabeleceu, como as leis que seguram os astros na suas órbitas não permitindo que eles andem desordenadamente preservando-os, portanto, da destruição. Deus usa a luz do sol, por exemplo, para fazer com que as plantas cresçam e se mantenham vivas e viçosas. Esses são meios que Deus usa para preservar a sua criação. Por essa razão, chamamos isto de preservação mediata.

3) QUE A PRESERVAÇÃO É UMA CRIAÇÃO CONTINUADA

Preservação não é uma criação continuada, como alguns teólogos Reformados do séc. XVII ensinaram.²⁴

²³ Louis Berkhof, *Teologia Sistemática*, (Grand Rapids: TELL), (edição espanhola) p. 200-201

²⁴ Cocceius afirma que “preservação é uma espécie de criação continuada” (Joahannes Cocceius, *Summa Theologiae ex Scriptura Repetita*, (Amsterdam, 1965), 28.9; Amesius afirma que “Preservação não é nada mais do que uma espécie de *creation continuata*”(Gulielmus Amesius, *Medulla Theologica*, (Amsterdam, 1634, 1.19.18). Essa idéia dos teólogos do séc. XVII tem sido

Todavia, há uma outra expressão em teologia que ensina uma espécie de *creatio continua*, que alguns teólogos mais recentes mencionam. O motivo último dessa expressão é tentar destruir a idéia de que houve realmente um início. Weber admite que

“é totalmente fácil para essa abordagem negligenciar toda a conversa sobre um “princípio” e dirigir seu discurso a respeito do Criador em direção “à coisa primeira” (*principium*) sem um “princípio” (*initium*). Vista superficialmente, a tendência é aqui antes a de reverter a ortodoxia. A ortodoxia começa com o “princípio” e o pensamento da “preservação” como a “continuação” da obra de Deus que uma vez havia sido iniciada.”²⁵

Os defensores dessa *creatio continua* procuram reverter o pensamento da ortodoxia negando uma obra inicial de Deus, pensamento esse que serve de base para os defensores da teoria evolucionista dentro do cristianismo.

Todavia, a ortodoxia sempre repudiou qualquer pensamento que tire de Deus aquilo que a Escritura afirma que ele faz. O princípio de Gênesis 1 é exatamente o momento que Deus trouxe à existência as coisas que não existiam. Por causa da finitude das coisas criadas, é necessário que Deus tenha uma obra continuada, todavia não continuação de criação, mas uma obra de preservação daquilo que foi criado. Todas as coisas criadas precisam de uma obra preservadora de Deus desde que tenham vindo à existência.

A preservação é o primeiro ato providencial de Deus relacionado com as coisas que foram criadas. Deus preserva e sustenta tudo o que criou. Isto mostra o cuidado do Deus imanente que a Bíblia apresenta, um Deus que se envolve com aquilo que Ele criou.

A preservação é uma obra unicamente divina feita mediata e imediatamente.

OBJETOS DA PRESERVAÇÃO DIVINA

A preservação é descrita em Hebreus 1.3 como o Filho de Deus “sustentando” todas as coisas pela palavra seu poder. Nada do que é criado sem material pré-existente ou com material pré-existente possui auto-sustentação. Tudo o que é criado necessariamente tem que ser preservado. A continuação da existência de todas as coisas que vieram à existência depende de um ato preservador de Deus que as criou. Nada é independente, exceto o Criador.

Berkhof diz:

“Mas a doutrina da preservação divina não considera as substâncias criadas como existentes por si mesmas, visto que a auto-existência é propriedade exclusiva de Deus, e todas as criaturas têm a base de sua existência contínua em Deus, e não nelas mesmas. Disto, segue-se que continuam existindo não em

rejeitada por teólogos reformados posteriores, como Charles Hodge (*Systematic Theology*, vol. 1, p. 577), Louis Berkhof (*Teologia Sistemática*, p.201), Barth, etc.

²⁵ Otto Weber, *Foundations of Dogmatics*, vol. 1 (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), 504.

virtude de um mero ato negativo de Deus, mas em virtude de Seu exercício positivo e continuado do poder divino.”²⁶

Berkouwer diz que “a confissão da providência como preservação tira do trono toda a auto-suficiência da criatura, e toda presunção de independência”.²⁷

Portanto, na Escritura a obra de preservação das coisas criadas é quádrupla:

O UNIVERSO ANGÉLICO

Deus está presente em todas as esferas do universo criado, mesmo naquelas em que menos esperávamos que ele estivesse. Nesse sentido todas as criaturas estão perante Deus e não podem fugir de sua presença providencial. Trata-se dos anjos maus. Há grande teia de providência que as envolve.

Mesmo sendo os seres criados mais inteligentes e mais fortes, eles não podem subsistir sem a atuação providencial de Deus. Contudo, a preservação do mundo espiritual, diferentemente da do mundo material, é um ato imediato de Deus que opera *diretamente* ou *imediatamente* nas mentes dos anjos.

Mas em que sentido Deus age providencialmente com os anjos maus? É bom lembrar que a providência também tem a ver com a sua justiça punitiva. Em 2 Pedro 2.4 é dito que os anjos que pecaram estão entregues a abismos de trevas, reservados para o dia do juízo. Isso não quer dizer que eles estão fixos num lugar específico, mas entregues às trevas, sem a luz salvadora de Deus, sem comunhão de vida com Deus, mas já sob algum tipo de punição. Estão preservadas no estado de trevas apenas esperando o dia do julgamento definitivo. Eles são espíritos debaixo da ira divina, recebendo, todavia, as terríveis providências da parte de Deus.

Por outro lado, os anjos eleitos (1 Tm 5.21) são preservados no estado de santidade para todo sempre, de forma que nunca mais cairão do estado em que foram criados.

O UNIVERSO FÍSICO

Segundo as Escrituras, a preservação do mundo material é um ato de Deus contínuo pelo qual ele opera *mediatamente* através de leis e propriedades materiais.

O universo físico é espacialmente a maior e a mais espantosa criação de Deus! Todavia, mesmo a despeito de sua enormidade e poder, ele não pode continuar a existir por si mesmo. É necessário que se recorde aqui o significado de termodinâmica²⁸ e que se conheça a Segunda lei da

²⁶ Berkhof, p. 200

²⁷ G. C. Berkouwer, *The Providence of God* (Eerdmans, 1952), p. 58.

²⁸ A palavra *termodinâmica* é composta de duas palavras gregas que indicam a idéia de “poder de aquecer” ou “poder de calor”. “O termo em si mesmo apareceu no começo da revolução industrial. Quando os homens descobriram que o calor poderia ser convertido em energia mecânica, então inventaram o primeiro motor a vapor, nossa era moderna de ciência e tecnologia havia nascido... Os princípios que foram, então, desenvolvidos, para quantificar a conversão de calor em energia foram chamados os princípios da *termodinâmica*.” (Henry Morris, *What is Creation Science?*, (Master

termodinâmica ²⁹ que evidencia a necessidade absoluta da providência divina a fim de que ele não venha a se deteriorar totalmente.

Deus preserva os corpos celestes

A Escritura ensina que Deus preserva o universo físico inteiro, mas há uma certa especificidade com respeito ao planeta terra, que é objeto do Seu maior cuidado, porque nela vivem os homens que são ainda objeto maior da Sua preservação.

Is 40.26 – “Levantai ao alto os vossos olhos, e vede. Quem criou estas cousas? Aquele que faz sair o seu exército de estrelas, todas bem contadas, as quais ele chama pelos seus nomes. *Por ser ele grande em força e forte em poder, nem uma só vem a faltar.*”

Os homens são instados pelo próprio Criador a olhar para a abóbada celeste e ver o ato criador e preservador de Deus na existência dos corpos celestes. Deus não somente traz à existência as estrelas, mas as preserva de forma de nenhuma delas vem a faltar. Nem uma delas se perde por falta da operação providencial de Deus. Todas elas respondem “presente” à chamada do Deus providente. Deus cuida muito carinhosamente de todos os corpos celestes que, por sua vez, são usados para o benefício de outros elementos da obra preservadora.

Todos os corpos celestes continuam a existir em perfeita harmonia e coesão pela ação providencial de Deus. Em sua *Systematic Theology*, Hodge afirma que “o universo como um todo não continua a existir por si próprio. Ele cessaria de existir se não fosse sustentado por Deus.”³⁰ Obviamente Hodge está firmando nas Escrituras para afirmar essa verdade.

Deus preserva todas as formas de vida

Ne 9.6_– “Só tu és Senhor, tu fizeste o céu, o céu dos céus, e todo o seu exército, a terra e tudo quanto nela há, os mares e tudo quanto há neles; *e tu os preservas a todos com vida*, e o exército do céu te adora.”

Books, 1987), 185).

²⁹ Um modo de afirmar esta Segunda Lei de Asimov, então, é: “O universo está constantemente ficando mais desordenado.” Visto deste modo podemos ver a Segunda Lei ao redor de nós. Temos que trabalhar duro para arrumar um quarto, mas se deixado a si mesmo, ele se torna uma bagunça novamente e muito rápida e facilmente. Mesmo se entrarmos nele, ele se torna empoeirado e malcheiroso. Quão difícil é manter as casas, o maquinário, e nossos próprios corpos trabalhando em perfeita ordem. Quão fácil é para eles tornarem-se deteriorados. De fato, não temos que fazer nada, e tudo se deteriora, entra em colapso, se quebra, cai em desuso, tudo por si mesmo — e isto é de que trata a Segunda Lei”. [Isaac Asimov, “In the Game of Energy and Thermodynamics, You Can’t Even Break Even”, *Smithsonian*, (June, 1970), 10]. Morris diz que “uma aplicação superficial desta segunda lei implicaria numa morte futura do universo (não sua aniquilação, mas uma cessação de todos os processos e desordem máxima), visto que o universo está agora inexoravelmente caminhando para aquela direção”. [Henry Morris, *What is Creation Science?*, (Master Books, 1987), 190]. Asimov está absolutamente certo na citação acima quando diz que “tudo se deteriora se entregue a si mesmo”, a menos que Alguém de fora, sobrenaturalmente ou usando as leis que Ele próprio criou, intervenha e renove, conserve e mantenha aquilo que já está criado. O universo não vai morrer por causa da obra preservadora de Deus. O universo não está entregue a si mesmo. Se o tivesse, já teria morrido, mas ele é preservado pelo Filho de Deus, que “tem sustentado todas as coisas pela palavra do seu poder” (Hb 1.3).

³⁰ Charles Hodge, *Systematic Theology* (Eerdmans, 1981), Vol.1, p. 575.

Neste verso o Criador é reverenciado por causa das suas obras. Neemias , antes de confessar os pecados do seu povo, se depara com a grandeza do seu Deus e prorrompe em louvores e ação de graças ao único Deus em quem crê (v.5b). E a base do seu louvor está no ato criador e preservador do universo, que é obra unicamente de Deus.

A vida que todos os seres vivos possuem é produto não só da criação divina, mas de sua preservação. Se Deus não agisse mantenedoramente, há muito todos teriam fenecido. Toda a criação tende a perecer se não houver uma obra preservadora vinda de fora. Não há em nenhuma criatura o poder de auto-manter-se. Essa prerrogativa é somente divina, porque Deus é o único auto-suficiente, aquele que se basta. Todas as coisas que provêm de suas mãos são finitas e continuam a existir por uma obra preservadora dele. Observando toda a obra de preservação feita por Deus, os anjos adoram ao criador do universo, e nós todos deveríamos imitar “o exército dos céus” nessa obra de louvação do Santo de Israel.

PRESERVAÇÃO DO MUNDO ANIMAL

O mundo animal, mais do que muitos crentes imaginam, é objeto da preservação divina. A Escritura é abundante em textos que falam dessa obra preservadora de Deus.

Deus criou todos os animais de uma forma mediata, isto é, usando a própria água e a terra (Gn 1.21-22), de forma que os animais, sejam da água, da terra ou do ar, nunca venham a ser extintos, até que esta seja a sua vontade. Todos os animais, mesmo os menores, continuam a existir por causa da obra preservadora de Deus. Nem os homens são capazes de extinguir uma espécie animal, a menos que esse seja o cumprimento dos propósitos divinos. É sobre o equilíbrio e a manutenção das espécies que Jesus ensina quando diz que “nenhum deles [pardais] cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai” (Mt 10.29).

Deus também preserva *mediatamente* os animais quando lhes dá o poder de auto-propagação. Hodge diz: “que todas as criaturas, sejam plantas ou animais, em seus diversos gêneros, continuam em existência não por qualquer princípio inerente de vida, mas pela vontade de Deus.”³¹ Os animais se reproduzem de modo que não há mais a ação criadora direta de Deus. Deus fez de tal forma a sua obra que ela se auto-perpetua até que todas as coisas cumpram o seu propósito neste mundo. Todavia, como veremos logo adiante, o Espírito de Deus não está ausente deste processo de vida e manutenção das criaturas, porque por sua atuação, a face da terra se renova com novas criaturas (Sl 104.30).

Os grandes animais da era pré-histórica foram extintos por uma ação providencial de Deus. Sabemos da existência de muitos deles pelos fósseis encontrados e também sabemos que eles foram destruídos numa grande catástrofe provocada pela providência divina. Eu me refiro ao dilúvio, assunto esse que os estudiosos evitam, porque se cressem nas afirmações da Escrituras, teriam muitas respostas que não querem ouvir. Foi Deus que pôs

³¹ Hodge, vol. 1, p. 575.

fim a algumas espécies porque elas não mais eram úteis para os seus propósitos.

Contudo, aquelas espécies que ele quis que fossem preservadas, ele fez com que Noé, antes do dilúvio, as protegesse numa grande embarcação e elas passassem incólumes durante a maior catástrofe que este mundo já experimentou, como expressão do desgosto de Deus por causa da maldade humana.

As espécies, portanto, são criadas e extintas tudo de conformidade com os propósitos providenciais de Deus. Ele tem o controle sobre toda a sua criação e, por essa causa, ele põe fim ao que lhe apraz e preserva também o que lhe apraz. Os homens podem até ser instrumentos para a extinção de espécies, mas eles nunca farão nada contrário ao que está determinado por Deus.

Sem o cuidado preservador de Deus todas as espécies fenecem. Esse é o ensino da Escritura. Veja em que termos claros essa verdade é colocada:

Análise de Texto

Todo o Salmo 104 mostra de maneira absolutamente clara, como Deus tem cuidado dos animais irracionais, preservando-lhes a vida (ver vv.11-12, 16-18, 20-27). Todos os incontáveis passarinhos no ar, os animais do campo e os peixes do mar são objetos da preservação divina.

Todavia, para os nossos propósitos, analisemos apenas alguns dos versos que nos ajudam a compreender como Deus preserva os animais:

Sl 104.27-30 – “(27) Todos esperam de ti, que lhes dês de comer a seu tempo. (28) Se lhes dás, eles o recolhem; se abres a mão, eles se fartam de bens. (29) Se ocultas o teu rosto, eles se perturbam. Se lhes cortas a respiração, morrem, e voltam ao seu pó. (30) Envias o teu Espírito, eles são criados, e assim renovas a face da terra.”

Todos os animais esperam em Deus para sua preservação (v.27)

Como os passarinhos vêm à porta da casa para comer, ou como os cachorrinhos que esperam debaixo da mesa as migalhas que caem da mesa do seu senhor, todos os animais dependem de Deus para a sua preservação.

É importante lembrar que o alimento lhes é dado no tempo próprio. Nunca o alimento lhes vem fora de hora. É quando eles necessitam e quando eles estão prontos para aquele tipo de alimento. Deus sempre faz as coisas no tempo devido. Nunca Deus opera fora de hora, mesmo as coisas pequenas como os passarinhos. Deus lhes dá o pão deles de cada dia de acordo com a sua capacidade de absorver o alimento e no tempo devido

Todos os animais recebem da abundância divina (v.28)

Os animais todos ficam na dependência total de Deus. O texto diz: “Se tu lhes dás eles recolhem”. Isto significa que se Deus fecha a mão eles padecem. É interessante que Deus lhes dá o alimento e eles têm que recolher. E não é difícil verificar essa tarefa sendo feita. Quem uma certa convivência com animais sabem que eles juntam as frutas que caem das

árvores e várias espécies fazem a sua provisão para o inverno, ajuntando em celeiros (como fazem os homens), a fim de serem supridos quando a terra não dá o seu fruto fora da estação. Há um sentido em que eles têm que trabalhar para o seu alimento, mas é Deus que lhes abre a mão dando-lhes com muita abundância. Como Deus faz isso? Ele usa seus instrumentos para alimentar muitos animais. Um exemplo vívido disso é visto mesmo dentro das nossas casas: as galinhas e seus pintainhos comem dos grãos que caem do colo das mulheres que debulham o milho para cozerem seus próprios alimentos. Todas elas se ajuntam para se fartarem do alimento que cai da abundância que o Senhor provê.

Deus tem sido muito liberal com os animais preservando-lhes a vida através do sustento. O Santo e poderoso Deus abre a sua mão e todos os animais do universo recebem o seu sustento, sendo assim maravilhosa e abundantemente preservados.

Todos os animais morrem sem a preservação divina (v.29)

Todavia, nem sempre os animais são preservados. Há uma porção deles que acaba morrendo de fome. Por que essas coisas acontecem? Não há uma resposta específica a esta pergunta. Uma resposta geral é que nem sempre Deus abre a sua mão para todos os animais sem exceção. Por razões escondidas de nós, mas certamente razões da sua providência, ele oculta deles o seu rosto, não lhes dando o alimento de que necessitam. Isso mostra que se Deus não opera providencialmente para a preservação da vida deles, eles morrem. Eles, como nós, dependem de Deus. A única diferença entre nós e eles é que temos consciência dessa dependência e eles não.

Quando Deus decide não preservar a vida deles, é dito no texto que ele corta a respiração dos animais e eles morrem. Isso significa que não necessariamente morrem de fome, mas há outros meios deles morrerem quando a providência preservadora não atua na vida deles. Deus controla todo o universo, e isso inclui a totalidade dos animais que vivem quando Deus quer e acabam fenecendo quando Deus quer, porque quer alimentando ou deixando de alimentar os animais, todos esses atos dele são parte de sua obra providencial. Se eles vivem é parte de sua obra providencial de preservação. Se eles morrem é para o sustento dos homens (preservação da raça humana), ou para equilíbrio das espécies nestas presentes condições ou simplesmente morrem porque não mais serão para o proveito para a coroa da criação. Tudo é parte de sua obra providencial. Não há nada que acontece neste mundo, e mesmo no mundo animal, que não seja parte de sua providência.

Todos os animais são renovados por Deus (v.30)

Assim como Deus deixa de preservar alguns animais, ele faz com que outros venham à existência pelo processo estabelecido por ele próprio. Os animais se reproduzem segundo as suas espécies. Isso foi estabelecido na criação. Todavia, a Escritura diz que o Espírito de Deus continua a agir nesse processo. Não é uma simples propagação da espécie sem a intervenção divina. Deus está plenamente envolvido até hoje com a preservação dos animais.

O texto diz que o Espírito de Deus que foi enviado para a terra, renova a face da terra com a criação dos animais que sempre continuam a povoar o

nosso planeta. Eles nunca serão extintos porque eles fazem parte da criação original. Quando Deus deixa de agir preservadoramente na vida dos animais, ele também renova outras espécies e, assim, a face da terra será sempre cheia dos animais que, de um certo modo, encantam e embelezam a face da terra, renovando-a. O Espírito de Deus participa do processo da preservação dos animais porque o nosso Deus é um Deus imanente, um Deus grande e transcendente, mas que está preocupado mesmo com as pequeninas coisas da sua grande criação! Deus é o Espírito criador e essa renovação dos animais é parte da obra preservadora de Deus! Seja Deus bendito por tão grande obra providencial!

A obra preservadora de Deus inclui mesmos si animais que nos são prejudiciais em algum sentido, porque toda a criação é objeto da sua preservação e todas elas cumprem os seus propósitos previamente estabelecidos.

Mesmo os pardais que são as aves do céu mais detestáveis pelo dano que causam, são objetos da obra preservadora de Deus. Assim ensinou Jesus: “Não se vendem cinco pardais por dois asses? Entretanto nenhum deles está em esquecimento diante de Deus” (Lc 12.6); Sobre as demais aves do céu, ensinou Jesus: “Observai as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo vosso Pai celeste as sustenta” (Mt 6.27; e Lc 12.24 fala de corvos).

PRESERVAÇÃO DOS SERES HUMANOS

O homem é a parte principal da criação que Deus preserva. Todas as obras providenciais de Deus nas demais partes da criação têm como objeto último a preservação dos seres humanos, que são a coroa de sua criação. Deus preserva todos os animais, uns para o deleite dos homens, e outros para o sustento destes. O homem é o alvo principal da obra providencial preservadora de Deus. A preservação da vida humana é o objetivo maior da obra amorosa de Deus.

Deus preserva os elementos que haverão de Preservar a existência humana

Gn 8.22 – “Enquanto durar a terra não deixará de haver sementeira e ceifa, frio e calor, verão e inverno, dia e noite.”

Quando Deus criou o universo, ele estabeleceu todas as coisas organizadamente. Ele fez o dia, a noite, o sol, a lua, e todos os outros astros que exercem influência sobre a terra. Contudo, todos esses astros influenciam o nosso planeta de maneira que todas as coisas funcionam harmoniosamente. Perceba que as coisas mencionadas no verso acima estão todas ligadas a esses astros. Quando é que há o dia e a noite? Quando acontece o movimento de rotação da terra em relação ao sol e à posição da lua quando ela gira em torno da terra. Quando frio e calor em nosso planeta? Dependendo da posição que o nosso planeta ocupa em relação ao sol, com o solstício e o equinócio. Quando há verão e inverno? Exatamente todo o ano, com a duração de 3 meses cada período, porque nesses meses a

terra mais próxima ou mais distante do sol por causa da órbita que a terra faz em torno do sol.

Então, Deus preserva todos esses corpos celestes para que haja vida constante sobre a terra. A grande promessa divina nesse pacto com Noé é que nunca mais haveria de faltar as coisas mencionadas. Isso mostra a grande obra providencial de Deus na preservação do nosso planeta e, como consequência, na preservação de nossas vidas.

A Preservação da Raça Humana em Geral

A preservação da vida humana é uma atividade pessoal do Deus triúno que ordenou a multiplicação da raça, para que ela não viesse a se extinguir, ordenando aos seres humanos que ele havia criado: “Crescei e multiplicai” (Gn 1.28). Além disso, a preservação depende do sustento diário. Ele é a quem todos dá vida e sustenta. Mesmo com as coisas mínimas Ele se preocupa (Lc 21.18).

Essa preservação da raça humana é feita por Deus mediatamente, através do próprio homem (Gn 1.28), mas ao mesmo tempo a Escritura diz que Deus é “aquele que desde o princípio tem chamado as gerações à existência” (Is 41.4).

Contudo,

“a preservação divina da vida humana não é meramente uma obra passiva de Deus, na qual Ele se senta e observa ambos, os eventos do mundo e a busca desdobrada dos homens, mas é uma obra ativa da Divindade. É uma obra ativa porque Deus toma a iniciativa e realiza estas coisas em favor da humanidade.”³²

Deus não somente criou o mundo e os seres humanos. Ele está pessoalmente atento a ele e tudo o que nele há é produto da sua ação preservadora. Veja a iniciativa de Deus com respeito ao seu cuidado com os animais, mas principalmente com os seres humanos.

Sl 104.13-15, 23-24 – “(13) Do alto de tua morada regas os montes; a terra farta-se do fruto de tuas obras. (14) Fazes crescer a relva para os animais, e as plantas para o serviço do homem, de sorte que da terra tire o seu pão; (15) o vinho, que alegra o coração do homem, o azeite que lhe dá brilho ao rosto, e o pão que lhe sustém as forças... (23) Sai o homem para o seu trabalho, e para o seu encargo até à tarde. (24) Que variedade, Senhor, nas tuas obras! Todas com sabedoria as fizeste; cheia está a terra das tuas riquezas!”

Deus cuida dos mínimos detalhes para o sustento físico dos homens. Todos os seres humanos e animais esperam em Deus, porque dele vem a sua preservação.

No texto acima, podemos perceber todos os elementos básicos para preservação dos seres humanos: o alimento que vem das árvores, o vinho, o azeite e o pão. No *modus vivendi* dos antigos esses elementos eram

32 Benjamin Wirt Farley, *The Providence of God*, (Baker, 1988), p. 36.

essenciais para vida. Obviamente, hoje temos uma variedade muito maior devido ao desenvolvimento que possibilitou a industrialização e a criação de novas formas de se aproveitar do fruto da terra. Todavia, quanto o salmista escreveu essas coisas, elas eram básicas para a economia do povo. Daí a menção desses elementos da obra preservadora de Deus. Eles são fundamentais para sustentar as forças do ser humano.

Deus não somente provê o alimentos para os seres humanos, mas providencia também a oportunidade de trabalho a fim de que ele possa ganhar o seu pão de cada dia. O verso 23 diz que todos os dias o homem se levanta cedo e até à tarde fica nos seus labores para poder comer do fruto do seu trabalho. É assim que Deus preserva os seres humanos.

Depois de mencionar essa maravilhosa obra preservadora de Deus, dando o alimento e o trabalho para ele conseguir o alimento no, o salmista mostra o seu deslumbramento com as obras do Senhor (v.24). Elas são muitas e causam encanto no coração do salmista que se debulha em louvores ao Senhor provedor e mantenedor do seu povo. Nunca nenhuma literatura cantou tanto as obras do Senhor como os Salmos!

O texto de Atos 17.25 e 28 mostra como todo ser humano depende de Deus para a sua preservação, porque ele “a todos dá vida, respiração e tudo mais.” (v.25b). Esse “tudo mais” envolve todas as coisas da manutenção da vida humana. Não há como fugir da preservação do Eterno porque viemos dele. Por isso “nele vivemos, nos movemos e existimos. Não há a possibilidade de continuação da existência de todos os homens fora de Deus. Nele somos tudo. Este foi o reconhecimento de um ímpio, um poeta grego, provavelmente Arato, segundo Calvino que disse que dele “somos geração”.

A Preservação dos Crentes em Especial

Estes são o objeto principal da obra de Deus, pois eles estão numa relação pactual de amor. “A palavra hebraica *shamar* significa “guardar, preservar, proteger”. Ela é o verbo teológico central usado para descrever as fidelidades de Yahweh aos seus servos e aparece em várias passagens como Gn 28.15; Nm 6.24; Js 24.17; Sl 16.1; 91.11. Essa palavra anuncia as boas-novas de Yahweh é o supremo Guardador e Preservador dos Seus servos.”³³

Todavia, a sua preocupação com o seu povo é maior e mais específica do que pensamos. Yaweh é o guardador e o protetor pessoal de cada ser humano. Ele não se preocupa simplesmente com a raça, mas também com os indivíduos. Isto está registrado nos escritos sagrados dos hebreus:

Análise de Texto

Sl 121.5-8 - “o Senhor é quem te guarda; o Senhor é a tua sombra à tua direita. De dia não te molestará o sol, nem de noite a luz O Senhor te guardará de todo mal; guardará a tua alma. O Senhor guardará a tua saída e a tua entrada, desde agora e para sempre.”

33 Farley, p. 35.

A Proteção preservadora é toda do Senhor

Por excelência o Senhor é o guardador, o preservador do seu povo (v.5). Pessoalmente ele está presente no meio do seu povo sendo o seu protetor. É extremamente admirável que um ser tão sublime como *Jehovah* seja o guardador de seres tão pequenos e até ingratos. Ninguém há como o Senhor para ser o preservador do seu povo!

O salmista pergunta-se a si mesmo: “Se eu levantar os olhos para os lugares altos, de onde me virá o socorro?” (v.1) Na sua época, provavelmente havia o sacrifício nos lugares altos. O raciocínio das religiões comuns da sua época indicavam que os lugares altos eram poderosos por ali os deuses eram alimentados com os sacrifícios, e mesmo quando o sacrifício era feito ao Deus verdadeiro, cria-se que o lugar sagrado era quem mandava a proteção. Todavia, o salmista com toda correção afirma que o seu socorro, a sua proteção, a sua preservação não vinha dos montes, mas de *Jehovah*, o poderoso que havia feito os céus e a terra. Ninguém há como ele. Somente ele por ser o nosso guardador constante. Ele somente é o poderoso do seu povo!

A proteção preservadora é contínua

Há algumas sugestões muito interessantes que mostram a continuidade da preservação divina através do cuidado que ele tem com o seu povo individualmente.

A proteção é contínua porque o Senhor não dorme (v.3-4)

Esta expressão é repetida duas vezes (v.3 e 4), porque uma vez só não é suficiente para expressar a constante obra preservadora de Deus na vida do seu povo. O Senhor vela por seu povo constantemente. Por causa de nossa fraqueza cochilamos, mas Deus permanece alerta, sendo o nosso guardador ininterrupto. Uma sentinela sempre cochila na sua atividade; um guarda-noturno sempre tira uma soneca nas horas de quietude da noite; um piloto de avião dorme enquanto se está na velocidade cruzeiro. Todos até fazem isto porque estão cansados e também porque nem sempre percebem o perigo que os rodeia. Todavia, o Senhor não dorme porque não se cansa. Deus nunca está desatento na proteção do seu povo.

É altamente consoladora essa verdade de que o Senhor está sempre vigilante por seu povo! Ele vigia ficando sempre a espreita dos inimigos que nos rodeiam, dos ladrões que quietamente nos assediam. Ninguém nos assalta quando o Senhor é o nosso guardador!

A proteção é contínua porque o Senhor é uma sombra (v.5)

Esta expressão do salmista é figurativa referindo-se a uma proteção que uma sombra traz contra os raios escaldantes do sol à pino, especialmente nas regiões desérticas ou tropicais, onde o calor do sol é percebido com maior intensidade. Todavia, a idéia de sombra aqui é mais significativa quando entendemos que a sombra sempre acompanha o objeto da qual ela é o reflexo negativo. A sombra nunca se aparte daquele que a projeta.

O que o salmista está querendo dizer é que a proteção do Senhor nunca deixa de acontecer, porque a sombra nunca se aparta do objeto. Onde

o objeto está, a sombra está junto. Assim é a relação de proteção que Deus tem conosco.

A proteção preservadora é contínua porque ela é dioturna (v.5,6)

O sol nos foi dado para o nosso aquecimento e para preservar a vida, pois a luz que ele fornece mantém a vida. As flores e as árvores feneceriam se não fosse a luz do sol. Ela é extremamente importante para a preservação da vida. Todavia, aquilo que é bênção pode ser, quando indevidamente usada, um grande mal. Não podemos ficar expostos ao sol, especialmente quando o dia está no seu mais intenso calor. Deus, então, é o nosso protetor, preservando-nos dos incômodos que o calor do sol nos traz, sendo a nossa sombra protetora. Ele é o nosso abrigo no tempo desses desconfortos.

Esses dois versos, 5 e 6, mostram que Deus tem o controle absoluto sobre os grandes luminares de nosso planeta, o sol e a lua, de forma que trabalhamos de dia e descansamos de noite sempre com a mesma proteção divina. Isto quer dizer que durante o dia e durante a noite temos proteção do Senhor. Não há tempo em que não tenhamos o Preservador trabalhando a nosso favor. O dia e a noite estão debaixo do controle de Deus de forma que nunca haveremos de ficar desprotegidos.

A proteção é contínua porque é desde agora e para sempre (v.8)

O Senhor protege-nos em todas as horas: quando saímos para o trabalho e quando voltamos do trabalho; no começo da vida e no final da vida. Ele protege-nos no começo e fim, na entrada e na saída. Não há tempo em que não temos o nosso guardador por perto. Como sombra ele nunca se aparta de nós.

A proteção guardadora de Deus não pára nunca. Ela vai do começo ao fim, sem que haja qualquer interrupção. Quando o Senhor decide guardar o seu povo, não há quem o impeça de fazer tal proteção, simplesmente porque ele é Senhor, tendo todos os recursos em suas mãos. Ninguém o impede de ser o guardador do seu povo. Por isso, a sua guarda é contínua, desde agora e para sempre.

A proteção preservadora é individual

Jehovah é o guardador não somente da coletividade (Israel), mas também dos indivíduos. Ele os preserva individualmente porque ele os criou assim. Deus não trata simplesmente com a espécie humana, mas com os seus indivíduos particularmente. Isto é mais fácil de entender ainda quando a relação é de Deus com seus filhos.

Estou afirmando que a proteção é individual porque o verso 5 fala que o “Senhor é quem te guarda” e porque o Senhor é “tua sombra à tua direita...”. Em todos os versos o salmista usa o pronome pessoal “tu”, indicando que a proteção preservadora de Deus tem um caráter eminentemente pessoal. Portanto, nenhum dos do seu povo se perderá. Jesus Cristo deixou essa verdade consoladora muito clara quando disse que nenhuma das suas ovelhas haveria de se perder (Jo 17.12), porque o cuidado do pastor é com as ovelhas individualmente e ele não perde o controle sobre nenhuma delas.

A preservação pessoal da vida pessoal deles é também obra de Deus (Jó 10.12; Sl 121.5-8). E isto Ele faz amorosamente com aqueles que já estão dentro da relação pactual, dentro da esfera da redenção, e com aqueles que estão para se tornar Seus filhos. É neste sentido que podemos entender a obra preservadora de Deus com finalidade soteriológica.

Tudo o que Deus faz aos do “seu povo”, Ele faz por causa do pacto que Ele estabeleceu. Portanto, os Seus eleitos Deus sustenta, preserva e, finalmente, os leva a Jesus Cristo e Sua eterna glória.

A proteção preservadora é do todo mal

A grande bênção para todos nós é que o nosso guardador nos guarda daquilo que é mais pernicioso para todos nós – o mal (v.7). Se você quiser entender o mal de violência, dos desastres, dos incidentes, você pode entender. Não há erro nisso, porque o texto fala de “todo” mal, o que inclui esses males físicos. Sempre que os seus propósitos em nossa vida são cumpridos, Deus nos guarda desse tipo de males.

Todavia, o Senhor nos protege do Maligno e de suas malignidades, que freqüentemente nos assediam. Os males morais causados pelo inimigo de nossas almas são os mais devastadores para a nossa vida. Estou preocupado em falar dos males morais, porque o texto me permite isso. O verso diz que o Senhor guardará a “tua alma”. Certamente, a referência aqui é aos males morais, porque eles afetam o nosso ser interior, o nosso coração (ou a nossa alma). Os males morais não têm efeito imediato no nosso físico. Eles poluem o nosso espírito, trazendo-nos grandes males. Portanto, o Guardador de almas quer fazer-nos livres dessa poluição moral e espiritual, para que vivamos vida limpa, santa, e assim, vivamos para a glorificação do seu nome. Quando o cerne do ser humano, o seu coração, está guardado do mal, todo o restante do ser humano, inclusive o seu corpo, receberá benefícios dessa proteção.

Deus nos guarda do domínio do pecado, da infecção que ele traz e de todos os outros efeitos causadores de outros tantos males. Deus guarda-nos da mundanidade e das paixões de nossa própria natureza. Ai de nós, não fosse a proteção do Senhor para as nossas almas! Guardados no amor de Deus caminemos todos até que alcancemos a glória, quando nunca mais seremos confrontados com esses males! Mas se você chegar até lá é porque o Senhor é o seu preservador maravilhoso!

Exemplos de preservação dos crentes individuais

Os exemplos abaixo não esgotam, obviamente, providência preservadora de Deus na vida de indivíduos. Eles apenas ilustram as muitas maneiras que Deus usa para trabalhar providencialmente na vida dos seus filhos.

— *Veja a preservação da vida de Moisés*

No tempo do nascimento do libertador dos hebreus na terra do Egito, este povo estava se multiplicando e Faraó, temendo um futuro levante daqueles escravos, mandou matar todos os meninos desde o nascimento deles (Ex 115-16), mas Deus protegeu muitos deles através das parteiras (Ex 1.17-20). Mas o rei insistiu na matança dos meninos. Desta feita todos os meninos deveriam ser lançados no rio Nilo, exceto as meninas (Ex 1.22).

A preservação divina pela ação de seus pais

O texto de Hebreus 11 mostra que os pais de Moisés confiaram na providência divina para a preservação de seu filho. Hb 11.23 - “pela fé Moisés, apenas nascido foi ocultado por seus pais, durante três meses, porque viram que a criança era formosa. Também não ficaram amedrontado pelo decreto do rei.” A fé não foi de Moisés, obviamente, mas seus creram incostemente na preservação que Deus haveria de fazer na vida de seu filho. Por essa razão, não temeram o decreto divino. Três meses, a despeito do trabalho de procura dos soldados de Faraó, aquele menino formoso foi escondido por seus pais.

Depois desse período, não podendo mais esconder o filho, a mãe desse menino formoso resolveu obedecer a ordem do rei, mas não literalmente. Ao invés de afogá-lo no Nilo, ela o lançou no Nilo, mas dentro de um cestinho, a fim de que a providência tomasse conta dele, pois ela não mais poderia fazê-lo (Ex 2.1-3).

A preservação através da ação da filha de Faraó

De repente o bebê começa a chorar dentro daquele cestinho às margens do grande Nilo. Uma mulher da família de Faraó o resgata do Nilo, mesmo sabendo que aquela criança era hebréia (Ex 2.5-6). Ela sabia do decreto do seu pai, o Faraó, e, assim mesmo, ela o recolhe para si. Ela estava se arriscando a cair debaixo da ira do seu pai. Se ela houvesse obedecido ao seu pai, ela mataria aquele menino, mas o seu coração se afeiçãoou a ele. Mais uma vez aquele menino é livre da morte. A providência o preserva através do coração amaciado da filha de Faraó.

Ele escapa do genocídio e cai nos favores da casa real, mas a filha do rei não poderia ficar com aquele menino naqueles anos de perseguição aos hebreus. É aqui que a providência entra em cena mais uma vez.

A preservação através da ação de Miriam

Agora era a vez de Miriam. Ela teve um papel importante na preservação da vida de seu irmão. Ela se aproxima da filha de Faraó e faz aquela sugestão extraordinária para amamentar o bebê (Ex 2.7).

Tudo isso era parte de um projeto providencial de Deus, onde a irmã e a própria mãe tomam parte ativa. Deus usou esses instrumentos para não somente tirar Moisés das águas, mas também para lhe arranjar a própria mãe que o alimentasse e o educasse para o restante de sua vida. O curioso da estória é que a própria mãe acabou recebendo um salário para criar o próprio filho. A filha de Faraó escolheu a própria mãe, sem o saber, a fim de que ela o educasse (Ex 2.7-10).

A vida toda de um povo e de toda a sua circunvizinhança haveria de ser afetada pela história daquele menino chorando dentro do cesto. Ele foi tirado das águas, daí o significado do seu nome (Ex 2.10). Primeiramente, ele foi educado na fé dos hebreus. A providência fez com que Moisés aprendesse de sua mãe, nos anos formativos de sua vida, as verdades que haveriam de nortear toda a sua vida de líder do povo de Deus. Depois que deixou o lar materno, ele voltou aos palácios para sua posterior educação. Moisés cresceu na cultura egípcia para ser o grande libertador dos hebreus que

sofriam como escravos na terra de Goshen. Nada disso aconteceria se Deus não tivesse preservado a vida de Moisés como o fez tantas vezes!

Veja a preservação da vida do rei Joás

A horrenda estória da preservação da vida do rei Joás está registrada no Segundo Livro de Reis.

2 Rs 11.1-3 – “(1) Vendo Atalia, mãe de Acazias, que seu filho era morto, levantou-se, e destruiu toda a descendência real. (2) Mas Jeoseba, filha do rei Jorão, irmã de Acazias, tomou a Joás, filho de Acazias, e o furtou dentre os filhos do rei, aos quais matavam, e o pôs a ele e a sua ama numa câmara interior; e assim o esconderam de Atalia, e não foi morto. (3) Jeoseba o teve escondido na casa do Senhor seis anos. Neste tempo Atalia reinava sobre a terra.”

Havia grandes intrigas no reino do sul, em Judá. As lutas pelo poder eram constantes. Aconteceu que morreu o rei Acasias. Sua mãe, Atalia, era uma mulher perversa e desejosa de poder. Seu sonho era reinar sobre Judá. O que ela fez? Decidiu destruir toda a descendência real. Ela matou os próprios netos para ficar com o trono.

Todavia, sabemos que, não obstante os pecados de Davi, Deus lhe havia prometido que nunca faltaria descendente que ocupasse o seu trono. Atalia fez tudo o que podia e o que não podia para acabar com a descendência de Davi. Mas o que vale não é a vontade dos homens, mas a vontade decretiva de Deus. A providência haveria de preservar o descendente para tomar o lugar de Davi no trono.

Então, Deus levantou Jeoseba, irmã de Acazias e filha do rei Jorão, para executar o seu decreto providencial para a preservação da descendência de Davi. Ela escondeu o pequenino Joás, filho de Acazias, para que toda a descendência não fosse eliminada. Por seis anos Jeoseba escondeu Joás num lugar secreto no templo de Jerusalém, enquanto a perversa Atalia reinava sobre Judá.

No tempo próprio o herdeiro veio a ocupar o reino de Judá e foi investido com autoridade real. Os seres humanos maldosos podem provocar litígios, contendas ou conspirações num reino, mas o sucesso dessas conspirações e intrigas depende do cumprimento da vontade do Senhor. Este havia decidido preservar a casa de Davi e o fez a despeito dos enormes esforços da perversa Atalia. Todas as autoridades que existem foram ordenadas por Deus. Somente Deus entroniza ou destrona alguém. Ele é quem tem essa prerrogativa. Deus não se opôs que Atalia ficasse seis anos no poder, enquanto ele estava preparando a entrada em cena do rei Joás. No sétimo ano o sacerdote Joiada apresentou Joás, o filho do rei, aos exércitos da guarda real. Entrou num pacto com eles para protegerem a vida de Joás, afim de que Atalia não fizesse qualquer tentativa de matá-lo. A proteção a Joás era total que onde quer que o menino fosse, muitos soldados o protegiam (2 Rs 11.4-8-11). Naquele tempo o Joás foi coroado e ungido rei de Judá, exatamente quando tinha 7 anos de idade (2 Rs 11.12, 21), quando também sua perversa avó foi morta (2 Rs 11.13-16).

A providência divina paciente e secretamente durante seis anos, a fim de que a semente de Davi pudesse ser preparada para assumir a função real. A providência divina nunca é frustrada nos seus propósitos!

Veja a preservação da vida de Paulo

Pelo menos em três ocasiões Deus preservou a vida do apóstolo Paulo de maneira maravilhosa, de maneira imediata (sem o uso de meios) e mediata (com o uso de meios).

Deus preservou a vida de Paulo na cidade de Damasco

A essa altura Paulo era um recém-convertido. Seu coração ardia e pulsava fortemente na pregação do evangelho. Ele não temia ninguém quando pregava. O perseguidor agora passa a ser perseguido por causa de Jesus. Quando ele começou a demonstrar em Damasco que Jesus é o Cristo, “os judeus deliberaram entre si tirar-lhe a vida” (At 9.23). Paulo ficou sabendo da trama, mas não podia sair pelas portas da cidade porque todas elas estavam bem guardadas. A providência divina atuou através de irmãos na fé, discípulos de Paulo, que “o tomaram de noite e, colocando-o num cesto, desceram-no pela muralha” (At 9.25). Em uma de suas cartas aos coríntios, Paulo faz menção desse episódio ocorrido em Damasco (2 Co 11.32-33).

Deus preservou a vida de Paulo em Jerusalém

A segunda menção da preservação da vida de Paulo está registrada em Atos 23. Paulo havia sido preso por causa do testemunho de Jesus Cristo e estava agora diante do tribunal dos judeus, o Sinédrio (v.1).

Provavelmente porque tenha sido um membro do sinédrio no passado, Paulo conhecia a teologia vigente naquela corte judaica, que era composta de fariseus e saduceus. Tendo sido um fariseu anteriormente, e usando a sua inteligência, Paulo tomou o partido dos fariseus com respeito da ressurreição dos mortos e outras crenças, que os saduceus não criam (v.6, 8). Então a confusão se estabeleceu no Sinédrio, havendo uma grande divisão entre eles (v.7). Os fariseus ficaram do lado de Paulo, obviamente e começavam a crer na inocência dele (v.9).

O fato é que a situação piorou tanto na discussão que a vida de Paulo corria um enorme perigo. Lucas narra que “tomando vulto a celeuma, temendo o comandante que fosse Paulo despedaçado por eles...” (v.10). Os fariseus, de um lado, puxavam Paulo para libertá-lo da mão dos saduceus. Estes, de outro lado, queriam matá-lo por pensar de modo contrário a eles. Estavam os dois grupos quase partindo Paulo aos pedaços. Então, entra em cena a providência divina através do comandante da guarda romana. Lucas diz que o comandante “mandou descer a guarda para que retirassem Paulo dali e o levassem para a fortaleza” (v.10b). Paulo foi resgatado da violência dos membros do Sinédrio a fim de não ser feito em pedaços. Curiosamente, ainda sob a custódia de Roma, Paulo estava em segurança preso na fortaleza! Deus preserva a vida das pessoas de modos estranhos. Ao invés de libertar ele prende, para preservar a vida do seu servo!

A conclusão óbvia que a providência era divina agindo através do comandante da guarda pelo verso seguinte. Lucas diz que “na noite seguinte, o Senhor, pondo-se ao lado dele, disse: Coragem! Porque do modo como

deste testemunho a meu respeito em Jerusalém, assim importa que também o façam em Roma.” (v.11).

Deus havia preservado a vida de Paulo ali em Jerusalém, e haveria também de preservar a sua vida em Roma por muitos anos. Na noite seguinte, por certo muitos pensamentos vieram à mente de Paulo que o estavam perturbando. Então, bem no silêncio da noite, a providência preservadora de Deus ficou ao lado de Paulo ali, confortando-o. Era o próprio Senhor Jesus que havia aparecido a ele! “Não temas!” Essas palavras são constantes em Cristo para encorajar os seus servos. Paulo precisava do conforto de Jesus após trazer libertação para a sua vida. Em outras palavras, Cristo lhe disse que ele haveria de ser perseguido nas suas próximas prisões em Roma. Todavia, a presença libertadora e preservadora de Deus haveria de estar com ele. Paulo veio a reconhecer isto quando ele testemunhou a Timóteo da obra providencial de Deus em sua vida.

Paulo havia sido perseguido várias vezes com perigos de morte, mas o Senhor o havia preservado de morrer nas mãos dos seus inimigos, que eram inimigos de Jesus Cristo. Paulo reconheceu a preservação do Senhor nessas horas de perigo quando disse ao seu filho na fé: “As minhas perseguições e os meus sofrimentos, quais me aconteceram em Antioquia, Icônio e Listra — que variadas perseguições tenho suportado! De todas, entretanto, *me livrou o Senhor*” (2 Tm 3.11).

Deus preservou a vida de Paulo no mar

A terceira menção da preservação da vida de Paulo está registrada em Atos 27.22-24. Nesta ação preservadora Deus agiu de um modo mediato, usando novamente pessoas estranhas ao evangelho para salvar a vida de Paulo.

Depois de Jerusalém, Paulo foi levado preso para Roma, como Jesus havia prometido (At 23.11). A viagem foi de navio. Logo no começo da viagem, Paulo pressentiu que a viagem iria ser muito trabalhosa e tempestuosa (At 27.10). De fato, com a chegada de um tufão, o Euro-aquilão, houve grande e longa tempestade que durou 14 dias e noites. A situação no navio tornou-se desesperadora. Jogaram toda a carga fora e também a armação e os aparelhos não funcionavam mais (v.17-19), estavam muito tempo sem comer (v.21). Então Paulo toma a palavra e tenta animá-los (v.22) com a boa nova de que Deus lhe havia dito que Paulo e toda os que navegavam naquele barca não morreriam (v.23-25). Todavia, todos os que estavam no navio não poderiam desobedecer as ordens de Paulo com o risco de perderem a vida (v.27-31).

Paulo tinha certeza absoluta da preservação divina, mesmo a despeito de estarem 14 dias sem comer. Então, lhes recomenda comida e ânimo. Ele estava seguro que “nenhum de vós perderá nem mesmo um fio de cabelo” (v.34). Depois de vários incidentes ali (v.37-41), os soldados resolveram matar os prisioneiros para que nenhum deles fugisse (v.42).

Então, a providência entra novamente em cena, agora para cumprir os desígnios de antemão revelados a Paulo. Quando os soldados resolvem matar os prisioneiros, e Paulo era um deles, o “centurião, querendo salvar a Paulo, impediu-os de o fazer..” (v.43). Por causa de Paulo, todos os que navegavam foram salvos (v.43-44). Muitos são beneficiados por causa dos

eleitos. Esses são os efeitos colaterais da obra providencial de Deus. Muitos receberam bênçãos porque Deus resolveu preservar a vida de Paulo. A Providência preservou todos porque assim havia determinado. Mesmo os que queriam matar os prisioneiros foram preservados por causa da bondade providencial de Deus.

OS MEIOS QUE DEUS USA PARA A PRESERVAÇÃO

Quando Deus vai fazer qualquer uma de suas operações, geralmente ele usa os recursos à sua própria disposição, como as leis naturais ou a própria criação para gerar recursos para a manutenção dos seres vivos da criação.

Deus preserva os seres vivos através do mar

Jó 38.8-11 – “(8) Ou quem encerrou o mar com portas, quando irrompeu a madre; (9) quando eu lhe pus as nuvens por vestidura, e a escuridão por fraldas? (10) Quando eu lhe tracei limites e lhes pus ferrolhos e portas, (11) e disse: até aqui virás, e não mais adiante, e aqui se quebrará o orgulho das tuas ondas?”

A preservação e o controle dos elementos da natureza são fantasticamente descritos nesta passagem de Jó (ver Jó 26.12). Depois do firmamento, que é a abóbada celeste, neste nosso planeta, o mar é a mais gigantesca e portentosa obra de Deus! Deus cuida do mar de forma que traça limites para o mar preservando-o no seu próprio lugar, a fim de que ele não ultrapasse os limites estabelecidos por Deus. Não somente deve ser visto aqui o governo divino sobre os mares, mas a sua obra mantenedora a fim de que o mar permaneça pelos séculos como um grande instrumento para a preservação de muitos seres vivos, inclusive os seres humanos. Se Deus não houvesse preservado o mar, ele já teria saído do seu lugar e perdido a sua função maravilhosa de ser a grande fonte de preservação de todos os seres vivos.

Deus preserva os seres vivos através da água

Análise de Texto

O texto abaixo dá-nos uma noção bastante clara da obra preservadora de Deus através da água. Esse líquido precioso é uma das coisas mais necessárias para a existência e a preservação da vida humana. Veja como Jó trata desse assunto de maneira extraordinária:

Jó 37.10-13 – “(10) Pelo sopro de Deus se dá a geada, e as largas águas se congelam. (11) Também de umidade carrega as densas nuvens, nuvens que espargem os relâmpagos. (12) Então elas, segundo o rumo que ele dá, se espalham para uma e outra direção, para fazerem tudo o que lhes ordena sobre a redondeza da terra. (13) E tudo isso faz ele vir para disciplina, se convém à terra, ou para exercer a sua misericórdia.”

Várias coisas podem ser claramente vistas no texto acima que nos ajudam a ver como Deus guia a natureza para a preservação de tudo o que

ele criou, tornando as águas o elemento central para a preservação dos seres vivos.

A Obra preservadora não procede da Mãe Natureza (v.10)

Pelo fato de estarmos acostumados com os fenômenos normais da natureza, mesmo nós, os cristãos, acabamos por esquecer de que os fenômenos naturais como o orvalho, a chuva, a neve e as nuvens procedem diretamente do Senhor. Alguns de nós chegamos até a pensar que a natureza é independente e, regularmente, muitos cientistas acabam ensinando e identificando Deus com a Mãe Natureza. Isto é uma ofensa ao Deus e Pai de Jesus Cristo, o Deus preservador de todas as coisas!

O texto acima fala que o sopro do Senhor é que produz as geadas e as grande geleiras; é pelo sopro do Senhor as densas nuvens se tornam carregadas de umidade que vem provocar os relâmpagos e as conseqüentes chuvas que regam a terra, para a preservação dos seres vivos. As nuvens são carregadas de umidade por uma ação do sopro divino, eu repito. As nuvens carregadas não são produto do acaso, mas de uma série de fatores climatológicos provocados por Deus. Não é sem razão que aqui ou ali elas se espalham como se elas pudessem aparecer “naturalmente”, sem que houvesse alguém divinamente inteligente e preservador. As águas de que ele renova a terra através da evaporação (e todo o processo subseqüente) são produto de uma ação divina sobre os elementos criados. Não temos o direito de excluir Deus do processo da renovação e da preservação da vida neste planeta. Deus está diretamente envolvido na preservação do seu universo. Este universo não pertence a ninguém mais senão ao seu criador. É por isso que a preservação dele é prerrogativa de quem o criou!

A Obra preservadora tem um caráter abrangente (v.12)

Deus não somente cria as nuvens, enchendo-as de umidade, tornando-as negras e prontas para despencar sobre a terra, mas é dito que ele as espalha pelos vários cantos do planeta, tomando as mais variadas direções. Às vezes elas aparecem mais aqui do que ali, mas todas elas são guiadas pela poderosa mão de Deus.

As nuvens carregadas de chuva não se espalham pelo céu ao seu bel prazer. Elas são guiadas pela santa providência divina para a preservação dos seres vivos. Com todos os recursos para a observação da meteorologia, mais do que nunca podemos perceber os grandes movimentos das nuvens em enormes áreas de nosso planeta. Há casos em que o departamento de meteorologia diz uma coisa e acontece outra. Isso é freqüente. Por que esses “erros” acontecem? Na verdade, eu não creio que eles cometam tantos erros. O problema é que os estudiosos da meteorologia não sabem para onde Deus vai soprar as nuvens carregadas de umidade. Eles não sabem como nem quando elas mudam de rumo. Todavia, nós sabemos que o sopro Deus é que as faz espalhar pela redondeza da terra.

Os estudiosos fazem o melhor que podem, mas eles não podem prever com exatidão o curso de todas as nuvens porque Deus as sopra para onde quer e, assim, ele faz a sua vontade preservadora em toda a face da terra.

A obra preservadora é produto do decreto divino (v.12)

Há duas expressões do verso 12 que nos ajudam a entender este ponto.

Primeira, o texto diz que as nuvens de chuvas “seguem o rumo que Deus lhes dá”. O caminho das nuvens no céu não são produto de mero acaso. Nem elas seguem simplesmente as regras inflexíveis das leis da natureza, como por exemplo, as leis barométricas. Elas freqüentemente tomam rumos inesperados, que deixam os estudiosos boquiabertos. É verdade que Deus estabeleceu leis naturais, mas Ele está sobre as próprias leis e faz mudar o rumo das nuvens segundo a sua vontade. Deus é quem conduz o rumo das nuvens. Elas não são jogadas ao léu, independentes de um santo e sábio preservador. Elas são os instrumentos através dos quais Deus preserva todos os seres vivos sobre a terra, pois elas provocam as chuvas que regam e renovam a face da terra.

Segunda, o verso 12 diz que as nuvens carregadas de umidade seguem numa ou outra direção, para fazerem tudo o que lhes ordena”. Elas cumprem todos os propósitos estabelecidos por Deus. As nuvens carregadas de chuvas são o cumprimento da ordenação divina que inclui toda redondeza da terra, isto é, todos os cantos da terra recebem mais ou menos chuva, mas todas recebem a chuva como uma ordenança de Deus.

A Obra preservadora tem propósitos definidos (v.13)

Os seus propósitos ao mandar as chuvas podem ser de disciplina, quando isto convém, ou de misericórdia.

Primeiro, Deus pode mandar as águas da chuva como expressão da sua justiça punitiva. A palavra hebraica traduzida como disciplinar é conectada à palavra “cajado” ou “vara” para tanto produzir a disciplina das ovelhas com o propósito de preservá-las dos males como de punição penal por causa dos males que os ímpios praticam. Portanto, quando vemos água descendo do céu com excesso, provocando as enchentes, elas podem ser consideradas como expressão parcial da sua justiça punitiva, que não é nada mais nada menos do que a providência retributiva de Deus sobre um mundo ainda em estado de queda.

Segundo, as águas que vêm sobre a terra, regando-a, fazendo-a produzir flores e frutos para o benefícios dos seres vivos, é a expressão da misericórdia divina. Esse propósito é próprio da providência preservadora de Deus na vida de suas criaturas. Porque Deus tem compaixão delas, ele as sustenta mantendo a existência delas num nível de beleza e de delícia!

Novamente, no texto abaixo, a Escritura mostra que Deus preserva os seres vivos através da água, que é o elemento fundamental para a continuação da existência da vida.

Análise de Texto

Um outro texto que trata da obra preservadora de Deus através das águas da chuva está no Livro de Jó, que é um dos mais ricos quando o assunto tratado é a providência divina.

Jó 38.25-30, 34-37 – “(25) Quem abriu regos para o aguaceiro, ou caminho para o relâmpago dos trovões; (26) para que se faça chover sobre a terra, onde não há ninguém, e no ermo em quem não há gente; (27) para dessedentar a terra deserta e assolada, e para fazer crescer os renovos da erva? (28) Acaso a chuva tem pai? Ou quem gera as gotas de orvalho? (29) De que ventre procede o gelo? E quem dá à luz a geada do céu? (30) As águas ficam duras como a pedra, e a superfície das profundezas fica compacta... (34) Podes levantar a tua voz até as nuvens, para que a abundância das águas te cubra? (35) Ou ordenarás aos relâmpagos que saiam, e te digam: Eis-nos aqui? (36) Quem pôs sabedoria nas camadas de nuvens? Ou quem deu entendimento ao meteoro? (37) Quem pode enumerar com sabedoria as nuvens? Ou os odres dos céus, quem os pode despejar?”

Aqui novamente a Escritura fala da maneira belamente ordinária em que a água é usada para a manutenção dos seres vivos. Neste texto o Senhor está convencendo Jó de que ele tem o controle absoluto sobre todas as coisas, inclusive os fenômenos que chamamos de “naturais”.

Ele começa fazendo perguntas desafiadoras a Jó sobre os elementos da natureza que evidenciam algumas verdades incontestáveis:

As fontes das águas preservadoras são governadas por Deus (v.25-26)

Simplesmente não existe vida sem água. Ela é absolutamente necessária para que os seres vivos se mantenham vivos sobre a face da terra. Deus tem o monopólio de governo de todos os reservatórios e fontes de águas que estão sob o seu controle. Os relâmpagos, as nuvens, os trovões e tudo o que é necessário para que a água venha do céu, estão nas mãos do grande Deus.

A chuva cai em torrentes sobre a terra seca porque ela obedece a um processo elaborado pelo Criador-Preservador. Ele faz com que as águas do mar se evaporem, se elevem às alturas, então as nuvens se formam pelo sopro de Deus e também, pelo seu sopro, elas caminham pelos céus todas brancas e calmas. De repente, elas começam a se enegrecer pela ação providencial de Deus, adquirindo a umidade necessária para poder converter-se em líquido posteriormente. Então, aparecem os raios que cruzam os céus e os conseqüentes trovões. Logo, então, a chuva despenca sobre a terra carente de água. Esse é um processo todo governado pelo Todo-poderoso que tem todas as fontes das águas neste planeta.

As águas da preservação da vida têm poder renovador (v.26-27)

Não há como o homem possa ordenar para que a chuva caia sobre a terra. O poder de fazer isso está em Deus, não nos homens. Por essa razão, algumas porções de terra em nosso planeta permanecem simplesmente áridas por anos. Se Deus não resolver fazer chover sobre a terra ela fica infrutífera. Todavia, quando Deus sopra as nuvens cheias de umidade sobre a terra, e a chuva cai, então a face da terra é renovada e os brotos das plantas aparecem. As terras desertas, onde não há gente, é dessedentada e os renovos das ervas brotam novamente. Somente o Todo-poderoso pode operar providencialmente através das águas renovadoras!

A origem das águas preservadoras estão em Deus, não no homem (v. 28-29, 34-37)

Há casos em estudo e em experiência que têm mostrado a possibilidade de elementos químicos sendo lançados no ar produzir chuva de maneira artificial. Todavia, por mais que os estudiosos tentem provocar chuva eles não conseguem quando não há nuvens, simplesmente porque a formação de nuvens depende do sopro do Todo-poderoso. A chuva não possui outro pai (isto é, uma outra fonte!) senão Deus! Mesmo as pequeninas gotas de orvalho são geradas pela ação preservadora do Todo-poderoso. A fina geada branca que cobre a relva também procede do Senhor Deus. Nada há neste mundo visível que mantém a vida que não proceda do Altíssimo!

De modo contrário, o texto diz que o homem não tem poder nas alturas de, levantando a voz, causar chuva que se derrame sobre a terra (v.34), nem tem poder para fazer o relâmpago riscar o céu prenunciando chuva iminente (v.35). As nuvens carregadas de umidade são sábias e caminham pelo céu espalhando a chuva sobre a terra como se tivessem entendimento. É dito também que os odres dos céus se abrem e derramam no lugar devido as suas águas (v.36-37). Simplesmente as nuvens fazem assim porque são mandadas ou ordenadas no seu trajeto pelo Todo-poderoso!

APLICAÇÃO

Saiba que a preservação da vida é sempre obra de Deus

Toda criatura, diferentemente do seu Criador, precisa de manutenção. A independência é característica única daquele que é eterno, invisível, imutável e infinito. Dessa qualidade só existe um — Deus. Portanto, todas as demais coisas que existem precisam de ser servidas, precisam de auxílio e precisam ser preservadas. A própria natureza finita delas exige a preservação pois a tendência de toda coisa mutável é de se tornar envelhecida e carente de renovação. Todo ser vivente carece de combustível para sobreviver. Portanto, o único que pode prover todas as cousas, em última instância, é Deus.

Somente Deus é a fonte inesgotável de energia e vida. Por essa razão ele concede vida e a preserva. Essa é prerrogativa exclusivamente divina.

Agradeça a Deus pelas muitas vezes que ele o preservou da morte

Certamente você não é nenhum apóstolo Paulo nem Moisés, a quem Deus preservou da morte várias vezes. Deus não deu a você o ofício apostólico nem deu a você a capacidade de ser o legislador de Israel. Todavia, semelhantemente a eles, você já foi preservado da morte muitas vezes. Deus já o livrou em acidentes ou de acidentes. Vezes sem conta já escapamos por um fio de uma morte iminente, seja no trânsito louco de nossas grandes cidades ou mesmo de morrer através de outros acidentes. Deus já libertou muitos dos seus de doenças mortais e coisas semelhantes a essas.

Nunca se esqueça de exercer gratidão constante para com o preservador de sua vida. Lembre-se de que você está nas mãos dele. Dele

você depende para existir e para subsistir. Portanto, só são agradecidos pela subsistência a aqueles que crêem que devem sua existência a Deus. Uma coisa é corolário da outra.

Saiba que nem sempre Deus preserva a vida dos seus aqui

Eu disse acima que todos nós estamos nas mãos de Deus. Para alguns isso quer dizer que nunca seremos colhidos pelos acidentes ou por mortes violentas. Para eles, estar nas mãos de Deus significa absoluta preservação. Até parece que nesse tipo de teologia nunca nenhum crente haverá de ser assassinado ou violentamente morto num acidente.

Esse é um engano do qual precisamos nos livrar. O fato de estarmos todos, os seus filhos, nas suas mãos, não significa que para sempre ele nos livrará da morte ou de sermos atingidos doloridamente. Quando Deus nos tem em suas mãos significa que ele faz de nós todos aquilo que bem lhe apraz. Ele é soberano para fazer o que quer de suas criaturas, inclusive aquelas que ele resolver remir através de Jesus Cristo. Muitas vezes ele teve os seus filhos nas suas mãos e ele os levou consigo, para que desfrutassem da sua doce companhia. Mas nem sempre eles morreram de velhice ou de enfermidades na velhice. Eles foram levados por acidentes violentos, na maldade dos homens, na fúria dos elementos da natureza, etc.

Portanto, creia que todos nós estamos nas mãos de Deus e nelas há segurança. Quando você entende que segurança significa que ninguém nos haverá de arrebatar da sua mão, você está absolutamente certo. Mas quando você entende que segurança significa que você sempre será guardado de morrer violentamente ou “prematuramente”, isso não é verdade. Estar nas mãos de Deus significa que você haverá de estar na melhor situação, que nada pode separar-nos do amor dele que está em Cristo Jesus, mas isso não é garantia de que você será preservado necessariamente de qualquer mal que possa existir aqui neste mundo.

Por essa razão, Paulo raciocina, “se vivemos, para o Senhor vivemos; se morremos, para o Senhor morremos. Quer, pois, vivamos ou morramos, somos do Senhor” (Rm 14.8). Sempre estaremos nas mãos do Senhor. Às vezes ele leva os seus consigo, o que é incomparavelmente melhor, mas reclamamos que o Senhor não preservou os seus servos. É verdade que ele não preservou a vida deles aqui, mas preservou-nos do pecado, do sofrimento, da miséria e tudo mais que amarga a vida do seu povo. Não é isso uma preservação melhor? Todavia, quando pensamos em preservação dos nossos queridos, estamos (no íntimo) pensando em nós mesmos e no sofrimento que teremos com a perda deles! Quando Deus não preserva os seus aqui, ele os preserva de um modo infinitamente melhor lá!

Louve a Deus pela contínua preservação da sua vida pela manutenção que ele lhe dá.

Pensando agora no cotidiano. Há razões mil para você louvar a Deus pelas muitíssimas vezes que você recebeu o sustento, o cuidado e a preocupação de Deus por sua vida.

Mesmo no meio de intenso sofrimento Jó reconheceu que Deus o havia guardado durante toda a sua vida. Ele disse: “Vida me concedeste na tua benevolência, e o teu cuidado a mim me guardou” (Jó 10.12). O fato de

estarmos doentes e, às vezes, gravemente doentes, não significa que não estejamos sob a guarda e o cuidado de Deus. Aprenda que em toda e em qualquer situação, você é objeto do cuidado de Deus.

Deus sempre tem os seus olhos voltados para os seus filhos e lhes sustenta preservando-lhes e mantendo-lhes a vida de forma tal que eles nunca querem abandonar esta vida por ser ela tão boa, mesmo que ainda vivamos num mundo caído. O cuidado de Deus faz com a nossa vida neste mundo seja muito gostosa e agradável de se viver. Quando o Senhor é nosso pastor, nada nos falta. Por isso, temos razões mil para louvar ao Senhor pelas suas múltiplas maneira de preservar a nossa vida!

CAPÍTULO 6

A PROVISÃO PROVIDENCIAL DE DEUS

A provisão é o aspecto da providência divina menos trabalhado pelos teólogos, mas ela é provavelmente a mais experimentada por aqueles que confiam na providência divina. Mais do que os outros aspectos da providência, este é o que recebe mais atenção da parte daqueles que são contemplados com a graça do entendimento das verdades providenciais de Deus, pois é o aspecto que mais rapidamente se nos torna inteligível. Por causa desse aspecto da providência é que somos supridos cada dia em nossas necessidades diárias e, com especialidade, nos tempos de privação.

A provisão divina tem mais a ver com a sua interferência especial na vida de indivíduos, comunidades ou nações, com a finalidade de preservação. Essa provisão não é exatamente aquela que se manifesta através de modos naturais e de leis fixas divinamente estabelecidas, mas ela ocorre em circunstâncias onde as necessidades são especialmente supridas. Neste caso, as provisões são especiais, como veremos adiante.

BASE DAS PROVISÕES DIVINAS

Análise de Texto

Fp 4.19 – “E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades.”

Esse texto nos fala algumas coisas muito claras sobre este aspecto da obra providencial de Deus:

Deus é quem supre as nossas necessidades

Na economia da trindade é sempre atribuído ao Pai o cuidado das suas criaturas, embora a criação seja um ato onde as três pessoas da trindade participam. Quando estamos em necessidade somos instados a procurar por Deus na condição de nosso Pai, porque sempre é atribuição de um pai prover para as necessidades de seus filhos.

O próprio Senhor é quem nos ensinou essas coisas: “Se vós, que sois maus sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai celeste dará boas coisas aos que lhe pedirem” (Mt 7.11).

Precisamos reconhecer as nossas necessidades e buscar a satisfação delas no Senhor. Por essa razão, temos que reconhecer que todas as nossas necessidades supridas vêm do Senhor. O salmista Davi reconheceu a sua necessidade constante, reconheceu que a provisão vem do Senhor e lhe pediu que nunca o Senhor lhe deixasse em padecimentos: “Eu sou pobre e necessitado, porém o Senhor cuida de mim; tu és o meu amparo e o meu libertador; não te detenhas, ó Deus meu” (Sl 40.17; 70.5).

Deus supre todas as nossas necessidades

Tudo o que é necessário para a nossa subsistência recebemos dadivosamente de suas mãos. Deus nos supre com as bênçãos da sua bondade (Sl 31.3), de forma que nada teremos necessidade. Quando Deus é nosso pastor, nada nos faltará. Ele nos leva a pastos verdejantes e a águas tranquilas. Ele refrigera a nossa alma, e nos guia pelas veredas da justiça (Sl 23). As nossas necessidades todas, sejam elas físicas, emocionais ou espirituais são plenamente supridas pelo nosso Deus.

Sl 34.10 – “Os leõezinhos sofrem necessidade e passam fome, porém os que buscam o Senhor, bem nenhum lhes faltará.

Nessa passagem, o salmista comenta que sobre as necessidades dos leõezinhos que nem sempre tem os seus pais para velarem por eles, mas ele recorda que os que buscam a Deus, a saber, os seus filhos, são plenamente supridos em todas as suas necessidades. Nada do que eles realmente precisam vem a faltar.

Deus Supre Todas as nossas Necessidades Certamente

Paulo diz que Deus “suprirá cada uma de vossas necessidades”. O apóstolo não está discursando teoricamente. Ele realmente crê (e fé é certeza!) de que essa atividade provedora de Deus não é uma conjectura ou simplesmente uma possibilidade. Ela é uma realidade presente na vida de todos os que amam a Deus. Ele próprio havia recebido a provisão divina para todas as suas necessidades. Todas as coisas de que precisava ele havia sido suprido. Nada lhe faltava. Quando ele não recebia abundância, ele teve o conforto de Deus na escassez; quando ele não era honrado, ele aprendeu a viver humilhado. Ele aprendeu a viver contente em todas as situações porque em todas as coisas o Senhor o fortalecia (Fp 4.11-13). Esse é o contexto do verso acima. Como o Senhor havia cuidado dele em todas as circunstâncias, ele tinha absoluta certeza de que os crentes haveriam de ser supridos com certeza em todas as suas necessidades.

Veja a constatação de todas as necessidades supridas no testemunho de um homem experimentado na fé:

Sl 37.25 – “Fui moço, e já, agora, sou velho, porém jamais vi o justo desamparado, nem a sua descendência a mendigar o pão.”

Nesse verso, o salmista dá o seu atestado comprobatório da atividade provedora de Deus. Quando escreve estas palavras já era um homem experiente na sua vida com Deus. Não era um moço entusiasta com as primeiras bênçãos da bondade do Senhor, mas um homem experimentado na fidelidade de Deus. Por essa razão disse que nunca havia presenciado um homem reto em desamparo e, além disso, nunca havia visto a descendência de um homem reto viver na mendicância.

Distinção necessária

Alguns esclarecimentos são necessários aqui: o texto não está dizendo que Deus vai suprir todas as coisas que eu quero, ou as que eu acho que são

necessárias, mas aquelas coisas que Deus vê como básicas e indispensáveis em nossa vida.

Ainda assim, mesmo que Deus supra todas as nossas necessidades devemos nos recordar que ele não faz isso de uma vez. Por vezes, temos que esperar muito tempo para que percebamos o socorro de suas mãos. Às vezes ele é demorado em socorrer-nos, mas “o necessitado não será para sempre esquecido, e a esperança dos aflitos não se há de frustrar perpetuamente” (Sl 9.18).

Deus Supre as Nossas Necessidades Num Alto Padrão

Paulo diz que as nossas necessidades serão supridas “segundo a sua riqueza em glória”. Quais são essas riquezas de Deus? O Salmo 50 responde parcialmente essa pergunta. “Pois o mundo é meu, e quanto nele se contém” (v.12). Do Senhor é a terra e toda a sua plenitude (Sl 24.1). Todo o universo é dele! Não há nada que ele não possua. O capital divino é ilimitado. As possessões de Deus nunca se perderão. Nunca Deus entrará em bancarrota ou falência. Somos supridos em todas as necessidades porque Deus tem um tesouro inexaurível! Para Deus suprir cada uma das necessidades ele precisa Ter tudo nas mãos, porque nós precisamos de tudo. Não há nada que venha de nós mesmos.

O texto fala que o suprimento de Deus é glorioso. O texto não diz que seremos supridos na glória celestial, mas o que ele fará conosco enquanto ainda estivermos nas presentes condições deste mundo. O que ele está dizendo é que a provisão será sempre gloriosa. Sempre haveremos de receber em consonância com as riquezas de Deus

Deus supre as nossas necessidades em Cristo.

As riquezas que recebemos de uma forma gloriosa no suprimento de nossas necessidades deve ser sempre entendida como sendo mérito de Jesus Cristo.

Mesmo abençoando os homens segundo a “sua riqueza em glória”, não existe nenhuma provisão divina que não tenha a sua base em Jesus Cristo. Ele é o merecedor de todas as bênçãos que Deus nos dá, inclusive as suas provisões e diárias para as nossas necessidades gerais e específicas.

No verso acima Paulo está afirmando de maneira inequívoca que tudo o de que necessitamos tem a sua base na pessoa e obra de Jesus Cristo. Não existe bênçãos à parte de Cristo. Não há meio de se receber qualquer provisão divina depois da queda que não tenha os méritos de Cristo Jesus. Como caídos perdemos direitos a todas as bênçãos divinas, mas Cristo as merece por nós.

A expressão “em Cristo” é muito significativa. Ela quer dizer que não receberemos nada a não ser que estejamos unidos a Cristo. A certeza que Paulo tem das provisões de Deus estão vinculadas ao Senhor Jesus Cristo a quem estamos ligados de maneira que ninguém nos pode separar dele.

PROVISÃO DE PROTEÇÃO

A proteção que Deus concede às suas criaturas tem a ver com a provisão de abrigo em tempo de perigo. Deus é o grande protetor a quem

todos recorrem nas horas de calamidade. Por essa razão que “os nossos olhos estão fitos no Senhor, nosso Deus, até que se compadeça de nós” (Sl 123.2b).

Vários nomes são dados na Escritura a esse provedor de proteção. Deus é chamado de Torre forte, Rocha de refúgio, fortaleza, libertador, e assim por diante.

PROTEÇÃO NA TORRE FORTE

Quando o povo de Deus está sendo perseguido pelos inimigos, ele corre imediatamente para o seu refúgio, porque ele reconhece que somente em Deus há provisão de proteção e, então clama:

Sl 61.2-3 - “Desde os confins da terra clamo por ti, no abatimento do meu coração. Leva-me para a rocha que é alta demais para mim: pois tu me tens sido refúgio e torre forte contra o inimigo.”

Por causa do nome de Deus muitos filhos vieram a ser perseguidos. Frequentemente, os filhos sentem-se fortemente abatidos porque as perseguições são tribulações doloridas. Somente quem foi perseguido por causa do nome de Cristo conhece as dores das discriminações. A Escritura diz que ele é um bem-aventurado porque ele encontra refúgio no Senhor. Sem o refúgio do Senhor, há o desconsolo e ficamos à mercê da maldade dos homens. O salmista reconhece que ele não pode chegar sozinho à pedra de proteção porque ela é alta demais. Então, ele pede a Deus que o conduza aos lugares altos de segurança onde o inimigo não pode atingir. Essa pedra alta, ou uma construção alta é chamada de Torre forte. Nas cidades fortificadas, geralmente nos cantos delas, havia torres altas e fortes onde as armas dos inimigos não conseguiam atingir. É nesse contexto que devemos entender essas expressões do salmista. Deus é essa rocha alta em quem encontramos abrigo. Por causa da nossa limitação e também por causa da nossa fraqueza precisamos desesperadamente do abrigo da provisão divina. E nesse sentido, nenhuma Rocha há como o nosso Deus!

PROTEÇÃO DA MENINA DOS OLHOS

Quando os seus filhos estão em perigo e carecem de refúgio, eles oram:

Análise de Texto

Sl 17.8 - “Guarda-me como a menina dos olhos”

Essa é uma forma bastante bela de Deus proteger o seu povo. Nada há tão bem guardado e protegido em nosso organismo como os nossos olhos. O cuidado é tão instantâneo que nem exige que o nosso cérebro seja acionado intelectivamente. De um modo imediato, protegemos aquilo que nos é tão caro. Da mesma forma, Deus protege de modo maravilhoso aqueles que lhe são caros, sendo o Deus presente de modo direto, trazendo refúgio para nós quando a tempestade aparece.

Quando Davi fez essa oração, ele estava pedindo por proteção completa.

Na providência divina a menina dos olhos é protegida com cuidado especial e habilidade extrema. Aqueles que estudaram a anatomia dos olhos sabem da importância da proteção da pupila dos olhos: ela é protegida pelos cílios, pelas sobrancelhas e pela pálpebra. Ela é protegida completamente, porque os nossos olhos são a parte mais sensível de nosso corpo. Por isso a protegemos de todos os elementos estranhos que possam aparecer, com todos outros órgãos que temos à disposição. A proteção que os braços, as mãos dão aos olhos evidenciam uma proteção de maneira completa.

Davi queria exatamente esse tipo de proteção da parte de Deus. Ser guardado como a menina dos olhos é ser protegido completamente, tanto dos inimigos externos como internos. Precisamos ser protegidos das tentações que vêm de fora e das que vêm de dentro de nós, que procedem de nossa própria natureza pecaminosa. Somos a cada instante expostos a todo pecado, à malignidade dos homens, às heresias, aos falsos profetas, inimigos que nos cercam de todos os lados. Precisamos ser guardados por Deus a fim de que sejamos guardados imunes das coisas que podem nos ferir. Deus é o único que nos pode dar esse tipo de proteção. Por isso, Davi pediu que Deus o guardasse como a menina dos olhos.

Quando Davi fez essa oração, ele esta pedindo por proteção ininterrupta.

Creio que não existe órgão em nosso corpo tão bem policiado e vigiado como os nossos olhos. Eles são guardados sempre. Há alguma vez em que você não proteja seus olhos? Alguma vez o leitor, mesmo querendo, deixou de proteger os seus olhos. A proteção da menina dos olhos é instintiva e ininterrupta. Até para pingar remédio nos olhos é difícil porque o protegemos ininterruptamente. Mesmo quando você dorme, você tem a menina dos seus olhos guardada, porque a proteção não somente é ininterrupta, mas ela é também involuntária.

Isso era exatamente o que Davi estava pedindo para Deus. Porque, no dia em que Deus deixar de nos guardar, haveremos de perecer. É como se Davi tivesse dito a Deus: “Não me deixes de guardar um minuto sequer, porque se tu não me guardas eu caio em tentação, eu me irei facilmente com as pessoas, perco o controle sobre mim mesmo, e muitas coisas erradas eu faço. Guarda-me como a menina dos olhos, ó Senhor.”

Portanto, leitor, procure constantemente a proteção divina. Não comece o seu dia sem pedir a sua proteção. Termine o seu dia dizendo: “Guarda-me em teu amor” pedindo-lhe que ele o guarde do mal e que não o deixe cair em tentação.

PROTEÇÃO DEBAIXO DAS ASAS

É também dito que Deus nos protege quando a Escritura usa a figura da galinha cobrindo os seus pintainhos colocando-os debaixo das suas asas. Quando carecem desse tipo de proteção, os seus filhos dizem: “esconde-me, à sombra de tuas asas” (Sl 17.8b). Sabedor disso, o salmista reconhece de modo categórico: “Como é preciosa, ó Deus, a tua benignidade! Por isso, os filhos dos homens se acolhem à sombra de tuas asas” (Sl 36.7). Como

pintainhos medrosos e indefesos no meio da tempestade ficamos ali protegidos. Enquanto os trovões ressoam fortemente e o aguaceiro desce sobre a terra, permanecemos protegidos debaixo de suas asas. Por isso, o salmista diz: “à sombra das tuas asas me abrigo, até que passem as calamidades” (Sl 57.1b). Mesmo quando a tempestade continua, debaixo das asas protetoras de Deus não temos nenhum temor. Aliás, até temos expressões de alegria, que são os sentimentos aliviados de quem recebe essa provisão divina. Não é à toa que dizemos: “à sombra das tuas asas eu canto jubiloso!” (Sl 63.7).

Distinção Necessária

São belíssimas as idéias de Deus como sendo o nosso protetor no meio dos perigos e refúgio no meio do temporal. Todavia, não podemos ser tão ingênuos em pensar que Deus nos protegerá de todos os perigos e será nosso refúgio livrando-os de todas as tempestades.

Ele nem sempre protege todos os seus filhos igualmente e nem sempre em todas as circunstâncias. É certo que quando há proteção e refúgio, essas coisas procedem dele e é a ele que devemos recorrer, mas não é promessa dele que isso acontecerá em todas as ocasiões e para todos os seus filhos.

A Escritura é farta de exemplos que ilustram o que acabo de dizer. Herodes matou a Tiago ao fio da espada (At 12.1-2), mas Deus libertou Pedro das mãos de Herodes (At 12.11). Deus curou, através de Paulo, ao pai de Públio que estava com forte disenteria e febre (At 28.8), mas através do mesmo Paulo, não curou a Trófimo, de quem Paulo disse: “Quanto a Trófimo, deixei-o doente em Mileto” (2 Tm 4.20). Deus não estava debaixo da obrigação de proteger quem quer que seja, pois a manifestação da sua bondade nesse caso também é dependente da sua vontade. Certamente houve um santo propósito das duas atitudes de Deus, a de salvar um e a de não salvar outro, curar um e não curar outro. Não cabe a nós ficar arranjando explicações para os atos de Deus.

Deus reserva para si o direito de proteger quem quer dos seus filhos e quando quer, e tudo e ele faz ou deixa de fazer para a manifestação da sua glória. Algumas coisas doloridas e desastrosas que acontecem em nossa vida ficam por ser entendidas. Não sabemos o propósito final delas, mas é da economia divina agir do modo como sempre age: protegendo ou deixando de proteger. A prerrogativa de provisão de proteção é dele como também é dele a de não exercer a proteção como desejamos.

Por ignorar essas poucas observações é que muitos crentes ficam desapontados quando Deus não lhes protege (ou aos seus) como esperavam. Acabam achando que Deus tem a obrigação de lhes dar abrigo em todas as horas. Tornam-se a si mesmos credores dessas bênçãos divinas. Quando não acontece como esperavam, ficam desapontados e acabam amargurados como Deus.

Temos que compreender que é Deus quem prepara a nossa mesa perante os nossos adversários; é ele quem restaura a nossa saúde ou nos faz ficar de cama; é ele quem protege a nossa vida dos desastres, mas também é ele quem nos faz perecer no vale da sombra da morte. Em todos os casos ele está conosco, seja nas tempestades ou na calmaria, mas é dele a prerrogativa de agir nos protegendo. Quando ele deixa de exercer essa

proteção ele está conosco nos consolando no meio da nossa dor. Portanto, nunca torne Deus o devedor da sua proteção nem você o credor dela! De qualquer forma, sendo protegido ou não, você habitará para sempre na casa do Senhor!

PROVISÃO PARA NECESSIDADES FÍSICAS

Os seres humanos, pelo fato deles serem criaturas, são completamente dependentes de Deus para sua subsistência. Por si e para si mesmos eles não podem fazer qualquer movimento a menos que sejam energizados por Deus. Esta é a crença dos cristãos que crêem nas Sagradas Escrituras. Não podemos fazer nada sem Jesus. Como criaturas, precisamos de combustível para a nossa subsistência e não o encontramos em nós mesmos.

No uso comum dessas coisas, Deus deu-nos a energia e a oportunidade do trabalho, a fim de que ganhemos o pão nosso de cada dia. Isso é ponto sem discussão. Todavia, há ocasiões especiais em que Deus supre as nossas necessidades físicas de um modo extraordinário, fora do uso comum. É necessária alguma providência para que sejamos alimentados. É sobre esses casos que vamos falar neste capítulo.

OS INSTRUMENTOS DA PROVISÃO DAS NECESSIDADES FÍSICAS

Pode haver casos onde Deus resolva agir imediatamente, isto é, sem o uso de meios. Todavia, essa não é a sua regra, pois ele se serve das suas criaturas, sejam elas racionais ou irracionais, para fazer as provisões extraordinárias para os seus filhos que estão em necessidade.

Seguem abaixo apenas alguns exemplos que mostram como Deus se serve de suas criaturas para suprir as necessidades umas das outras.

Seres Irracionais

É extraordinária a maneira como Deus usou um ser irracional para ser o executor das suas providências.

1 Rs 17.3-4 – “Retira-te daqui, vai para a banda do oriente, e esconde-te junto à torrente de Querite, fronteira ao Jordão. Beberás da torrente; e ordenei aos corvos que ali mesmo te sustentem.”

Elias havia profetizado uma grande fome sobre a terra pela ausência de chuva e orvalho por alguns anos. Deus, então, revela a Elias os seus segredos sobre o que haveria de acontecer com ele e como Deus haveria de sustentá-lo temporariamente naqueles anos de escassez. Elias obedece a palavra divina e vai para o lugar designado por Deus.

É altamente estranho o que Deus faz através de corvos. Não sabemos onde os corvos apanhavam o pão e a carne pela manhã e ao anoitecer, especialmente num tempo de escassez (v.6).

Deus prometeu fazer provisão para as necessidades físicas de Elias e usou um animal que usualmente não come pão nem carne. Se é o animal que conheço, ele comeria somente carne putrefata. Nada mais. No entanto, houve uma ação concorrente de Deus na vida daquele animal de tal forma que ele veio a fazer alguma coisa que não era própria dele. Além disso, os

corvos sabiam exatamente a hora em que Elias tinha que ser alimentado. Essa ação provedora de Deus é maravilhosa e mostra como ele tem governo sobre todos os seres vivos que cumprem a sua vontade sem terem qualquer noção inteligente de suas ações.

A expressão “ordenei” mostra o decreto divino e, ao mesmo tempo, a certeza de que a provisão de comida haveria de acontecer. Todos os seres são funcionários de Deus para cumprir os propósitos divinos na história dos homens.

Elias foi pontualmente servido por uma ave com pão e carne por muitos dias. Essa é uma providência extraordinária, que foge aos padrões comuns e só cremos nesse fato porque cremos no Deus que inspirou as Escrituras, que é o Deus que faz provisões extraordinárias. Esse fato não é crido por aqueles que duvidam da veracidade e da confiabilidade das Escrituras.

Seres Racionais

Deus sempre usou alguns crentes individuais para trazer socorro a outros filhos seus em tempos de necessidade, suprindo-o com os bens de que ele carecia (2 Co 11.9; Fp 2.25). Se procurarmos na Escritura, haveremos de encontrar muitos exemplos de pessoas que socorreram outras, todavia, essa necessidade era sempre suprida de um modo ordinário, quando os crentes obedeciam um preceito de Deus que manda que tenhamos compaixão uns dos outros em horas de necessidade.

Contudo, há ocasiões em que Deus usa os seus filhos para fazer provisões de um modo extraordinário.

Deus se serve de indivíduos

Logo após usar os corvos para fazer a provisão necessária para a vida do profeta Elias, Deus também usou uma viúva para continuar a sua obra provedora. Depois de sair da região de Querite, quando a água acabou, Deus enviou Elias à Sarepta, nas imediações de Sidom, na Filístia. Veja a ordem divina:

1 Rs 17.9 – “Dispõe-te, e vai a Sarepta, que pertence a Sidom, e demora-te ali, *onde ordenei a uma mulher viúva que te sustente.*”

Curiosamente, o texto bíblico usa a mesma palavra usada com os corvos: “ordenei”. Esta palavra deve ser devidamente entendida. Deus não chegou para a mulher e lhe disse: “Vai chegar em tua casa um meu profeta, chamado Elias. Ele está em necessidade e eu quero que você o alimente”. Deus não fez isso. Deus não falou com ela. A palavra “ordenar” significa o decreto determinante de Deus que faz com que a sua vontade providencial seja executada infalivelmente.

Então, o texto continua dizendo que Elias fez como o Senhor lhe ordenara (leia os versos 10-12). Nos versos subsequentes podemos perceber o propósito duplo de Deus naquela permanência demorada de Elias na casa da viúva. Não somente a viúva foi o instrumento para a manutenção de Elias como Elias foi o instrumento divino para o sustento daquela família (leia versos 13 a 16), além da providência da ressurreição do filho da viúva (leia

versos 17 a 23). Ambos, a viúva e Elias não sabiam da ordenação divina a respeito deles serem instrumentos divinos para as provisões físicas uns dos outros. Deus sempre se serve dos seres humanos a fim de eles sejam bênçãos, uns aos outros, mas sempre cumprindo a sua obra providencial.

Quando comecei a tratar com este aspecto da providência de Deus, a primeira coisa que me veio à mente foi a situação de um colega de seminário que possuía uma família numerosa, mas não possuía os recursos necessários para suprir sua família com as coisas básicas para a subsistência deles. Levantaram-se muitas manhãs sem terem o que comer. Alguns de nós estudantes fomos inexplicavelmente compungidos a dar-lhe uma oferta sem que soubéssemos o que estava se passando na vida daquela família. Simplesmente fomos levados a ajudar sem saber porque estávamos fazendo aquilo. Certamente o que houve em nosso coração foi a ação concursiva de Deus que nos moveu a enviar-lhe ajuda. Embora fôssemos seres racionais, Deus não nos informou das necessidades havidas. Apenas ele inclinou o nosso coração para que déssemos alguma coisa para o bem daquela família. Por várias vezes soubemos, posteriormente, pelo próprio testemunho do colega de escola, que a ajuda enviada tinha sido exatamente o de que necessitavam para a refeição daquele dia. Deus nunca deixou que aqueles seus filhos ficassem sem o pão-nosso-de-cada-dia e ele usa outros filhos seus para proverem o sustento. Isso é obra providencial de Deus em forma de provisão.

Deus se serve de Comunidades

Deus usa não somente indivíduos para suprirem as necessidades dos outros, de modo ordinário e extraordinário, mas usa também comunidades que ajudam comunidades e indivíduos. Nesses casos, a ajuda é sempre de modo ordinário. É o caso das Igrejas da Macedônia que ajudaram as igrejas da Judéia. As igrejas da Macedônia tinham alimentos e bens materiais em maior abundância, e havia carência dessas coisas nas igrejas da Judéia. Deus queria que houvesse igualdade de distribuição de bens (2 Co 8.12-15). Por essa razão, os crentes da Macedônia foram levados e usados por Deus para contribuírem para suprir as necessidades dos da Judéia. Deus ainda continua se servindo de comunidades mais abastadas para fazer provisões para as menos abastadas. Este é o princípio que deveria vigorar em todas as comunidades cristãs, de modo que se cumpre o que é dito na Escritura: “O que muito colheu, não teve demais; e o que pouco [colheu], não teve falta” (2 Co 8.15 cf. Ex 16.19).

PROVISÃO PARA NECESSIDADES EMOCIONAIS

As provisões divinas não atingem somente as nossas atividades físicas, mas também as emocionais ou psíquicas ou ainda, as afetivas. Deus tem provisões para a totalidade do nosso ser, porque os seres humanos são carentes de corpo e de alma. Nossa alma tem uma série de aflições e precisamos da provisão divina para sarar as dores do nosso ser imaterial.

EXEMPLOS DE PROVISÃO PARA AS NECESSIDADES EMOCIONAIS

Vejamos alguns exemplos de Deus se preocupando com as nossas carências interiores

Sl 55.22 – “Confia os teus cuidados ao Senhor e ele te susterá: jamais permitirá que o justo seja abalado.”

A palavra “cuidados” do verso significa “preocupações”. Se há uma coisa que afeta profundamente o interior do ser humano talvez a maior delas seja a preocupação, que gera enormes complicações no nosso ser, tornando-o cada dia mais estressado. A Escritura insta os crentes preocupados a lançarem todas as suas preocupações nas mãos de Deus, pois ele é quem é forte para nos suste. Aliás, o seu desígnio é para que nenhum dos seus santos seja abalado pelos cuidados das coisas desta vida. O Senhor é o nosso ombro onde podemos chorar as nossas cargas. Não há ninguém que possa prover cura para essas preocupações como o Senhor. Não há muito socorro nos psicólogos, nos psiquiatras, nem nos conselheiros espirituais, mas somente do Senhor a cura para essas nossas aflições. Por essa razão, o salmista encoraja os preocupados a confiarem ao Senhor todas as suas cargas.

Depois de muitos séculos do salmista, o apóstolo Pedro não deu um conselho diferente. A razão disto é que os homens são os mesmos necessitados, as enfermidades da alma são as mesmas, os remédios são os mesmos porque o médico é o mesmo.

1 Pe 5.6-7 – “Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte, *lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós.*”

No verso analisado logo acima, o texto fala em “cuidados”. Nestes versos de Pedro, o autor dá um nome muito usado nos meios da psicologia moderna – “ansiedade”. Todavia, esse é um problema extremamente antigo e os escritores bíblicos nos ensinam como tratar desse mal tão comum em nossos dias. O resultado obtido dos médicos não é muito satisfatório nesses casos. A ansiedade é um mal terrível destes últimos dias em virtude da situação de indefinição e de insegurança em que os homens vivem.

Todavia, o remédio e o médico não mudaram: o médico é o Senhor e o remédio é o conforto que a Palavra nos traz nas horas de angústia (Sl 119.50).

O próprio Senhor Jesus ensinou aos seus discípulos que eles não deveriam andar ansiosos, que não deveriam se preocupar com o dia de amanhã, mas que observassem as provisões divinas na natureza (para os pássaros e para as plantas) e, então, ordenou-lhes que buscassem as coisas de Deus, do seu reino, que as demais coisas que causavam a ansiedade deles haveriam de ser providas (Mt 6.25-34).

Pedro, então, conhecendo o ensinamento do seu Mestre e Senhor, diz a todos nós com respeito à nossa ansiedade: “*lançai sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós.*”

Sl 34.4, 19 – “Busquei o Senhor e ele me acolheu; livrou-me de todos os meus temores... Muitas são as aflições do justo, mas o Senhor de todas o livra.”

Um escritor de fala espanhola de nome Mira y Lopes escreveu um livro chamado “Os Quatro Gigantes da Alma”, e um desses quatro é o medo. Se há, portanto, um gigante em nossa alma que mais estragos causa a todos nós é esse. Como somos afligidos pelos nossos temores!

Há alguns estudiosos do fê cristã que insistem que os crentes não podem ter temores, pois isto não é próprio deles. Não é verdade! Neste mundo ainda caído, mesmo os cristãos são afetados profundamente pelos mais variados temores. Eles também são afligidos por eles. Aliás o verso 19 diz que o justo possui muitas aflições. O texto não ensina que Deus o livra de entrar nas aflições, mas que os arranca do meio delas.

Esta é a razão pela qual somos instados e encorajados a buscar ao Senhor, porque reconhecemos que somente ele pode fazer a provisão para os nossos temores, fazendo-nos com que fiquemos livres deles. Esse gigante de nossa alma tem que ser retirado de nós a fim de que possamos viver vitoriosamente, sem os temores de nossa fraqueza e pecaminosidade e, principalmente, da nossa falta de confiança nas provisões divinas.

OS MEIOS QUE DEUS USA NAS PROVISÕES EMOCIONAIS

Ao fazer as suas provisões para as nossas necessidades emocionais, freqüentemente Deus usa meios. Ele não somente trabalha diretamente em nós, de Espírito para espírito, mas ele trabalha também indiretamente, usando meios para o nosso socorro.

1 Co 16.17-18 – “Alegro-me com a vinda de Estéfanos, e de Fortunato e de Acaico; porque estes supriram o que da vossa parte faltava. *Porque trouxeram refrigério ao meu espírito e ao vosso.* Reconhecei, pois, a homens como estes.”

Um estudo mais acurado sobre a personalidade de Paulo vai mostrar que ele era carente de companhia, de relacionamento próximo. Paulo andava relativamente desanimado por trabalhar sozinho, sem a companhia de irmãos queridos e mesmo de seus parentes. Raramente Paulo viajava só. Ora estava com Lucas, ora com Timóteo, ora com Silas ou com Áquila e Priscila. Por algumas vezes Paulo reclamou da ausência dos seus companheiros e pediu urgentemente que Silas e Timóteo voltassem imediatamente para sua companhia (At 17.13-15). Noutra ocasião Paulo chegou para pregar numa porta aberta pelo Senhor, mas porque ele não encontrou Tito, ele logo partiu para a Macedônia (2 Co 2.12-13). Noutra ocasião ainda Paulo estava abatido em sua solidão em meio aos problemas, mas logo foi confortado com a chegada de Tito (2 Co 7.5-6). Paulo precisava das provisões divinas através dos seus filhos companheiros de lutas de Paulo. É assim que as provisões afetivas são regularmente feitas.

Essa sensação de solidão é comum quando estamos fora de casa, distantes, isolados e sem o conforto da presença de nossos amados. O fato dos coríntios estarem ausentes de Paulo aumentava a solidão e o desânimo dele. Havia alguma coisa que os coríntios ainda não tinham conseguido suprir em Paulo. Todavia, a presença física dos três irmãos mencionados por Paulo — Estéfanos, Fortunato e Acaico — trouxe um grande refrigério ao

coração de Paulo. Deus operou através da presença deles fazendo-o feliz e confortado.

Deus usa pessoas simples, sem fama ou importância maior no reino para nos trazer refrigério. São os vasos sem honra a quem maior honra damos. Por isso, Paulo recomendou aos coríntios que “reconhecessem a homens como esses!”

PROVISÃO PARA NECESSIDADES ESPIRITUAIS

Não vamos falar propriamente da provisão das necessidades espirituais especificamente, mas vamos historiar a redenção que é o fundamento de todas as provisões espirituais para o povo de Deus, a fim de que entendamos como todas as bênçãos espirituais vêm sobre nós.

PROVISÃO DE UM CORDEIRO

Análise de Texto

O texto a ser analisado é o de Gênesis 22.12-14, e os versos do contexto imediato. Deus havia dado uma ordem muito estranha a Abraão: a de sacrificar o seu único filho, Isaque, no monte Moriá (v.2). Abraão não discutiu aquela ordem com Deus. Isaque era o filho da sua velhice, o filho da promessa de Deus e, agora, ele é pedido em sacrifício. A ordem soaria muitíssimo estranha aos ouvidos de qualquer ser humano, mesmo a um homem crente como Abraão.

No entanto, o verso 3 diz que “levantou, pois, Abraão de madrugada...” – A questões que devem ser feitas aqui são: Por que Abraão levantou tão cedo? Será que foi pelo desejo de atender logo a ordem de Deus de ir sacrificar o seu filho? Teria levantado cedo porque não conseguiu dormir direito aquela noite pensando na ordem divina? Nós não sabemos a real resposta a estas perguntas.

Pessoalmente, eu fico com a segunda resposta. Abraão era um homem como nós, embora conhecido como amigo de Deus. Ele possuía emoções e não seria de estranhar que ele tivesse a sua mente perturbada com aquela ordem divina. Por essa razão, sem sono para dormir descansadamente, levantou-se bem de madrugada para começar a por em prática a ordem divina.

Por que uma ordem como essa perturbaria o sono de Abraão? A resposta mais simples é a de que Deus estava mandando Abraão fazer algo que mais tarde ele haveria de proibir formalmente nos Dez Mandamentos – a proibição de matar um ser humano. No caso em pauta, não seria um simples assassinato, mas a morte do seu próprio filho. É bem verdade que a lei viria somente 600 anos depois, com a entrada de Moisés em cena, mas a lei de não matar os semelhantes já havia sido colocada no coração do homem desde a sua criação. O assassinato cometido por Caim já havia sido condenado por Deus. Agora, Abraão é ordenado a matar friamente o seu próprio filho. Em Gênesis 9.6 é dito que o assassinato era uma grande ofensa à imagem de Deus. Certamente Abraão sabia que matar um semelhante era um grande e hediondo crime.

Não obstante o seu conhecimento da gravidade da inobservância da lei divina, ele havia ouvido claramente a ordem da parte de Deus: “Oferece Isaque a mim como sacrifício”. Não havia dúvida alguma a respeito da ordem divina. Deus havia lhe dado um ordem que era contrária ao seu próprio mandamento.

Estava Deus ordenando a Abraão contrariar sua própria vontade preceptiva para os seres humanos com algum propósito definido? Sim. De fato, Deus estava colocando Abraão debaixo de um teste. Por isso, tanto o escritor de Gênesis quanto o de Hebreus mencionam que Deus colocou Abraão debaixo de prova (Gn 22.1; Hb 11.17). Esse era o teste crucial para a vida de Abraão. Era o teste supremo para provar a sua lealdade de obediência e fé em Deus. Ele já havia crido em Deus, quando foi chamado da Caldéia, e ordenado ir para uma terra desconhecida. E o texto diz que Abraão “partiu sem saber onde ia” (Hb 11.8).

Abraão não sabia o que estava por acontecer no Monte Moriá. Simplesmente ele partiu para cumprir a ordem divina com a possibilidade de ver a sua posteridade prometida desaparecer. O sonho de um filho que fosse seu herdeiro legítimo, o filho da promessa, poderia terminar. Todavia, ele não titubeou. Pelo menos, o texto de Gênesis não mostra que ele tenha vacilado na sua obediência. Aliás, o escritor aos hebreus mostra que “pela fé Abraão, quando posto à prova, ofereceu Isaque” (Hb 11.17^a).

A ordem de Deus foi muitíssimo específica ao ponto de Deus indicar quem era o filho que ele queria. Não era Ismael, o primogênito de Abraão, mas filho do seu amor, Isaque. Este era, na verdade, o único filho de Abraão, o filho do seu casamento, não o filho da escrava. Isaque era o filho da promessa divina a quem ele amou de todo o seu coração, a esperança da continuação de sua posteridade. E, agora, Deus pede esse filho em sacrifício.

A providência trabalha com paralelos

Em muitas lições que Deus quer dar ao seu povo, ele usa figuras ou tipos, a fim de que o povo compreenda tipologicamente o que ele vai demonstrar na história do seu povo. Há um sentido em que Abraão e Isaque são figuras que ilustram o Deus, o Pai, e seu Filho Jesus Cristo na execução da obra da salvação.

Veja alguns detalhes que não devem ser tomados rigorosamente ao pé da letra (porque a ilustração não é perfeita), mas nos fazem lembrar algumas coisas que Deus e seu filho fazem para a nossa redenção.

A providência evidencia os detalhes nos paralelos

Veja como Abraão preparou toda a cena para o sacrifício, e tente transpor, dentro das medidas justas que não ultrapassem a verdade, as mesmas coisas para as relações entre o Pai e o Filho na preparação do caminho da redenção. São detalhes surpreendentes que devem ser analisados com cuidado, sem fazer o texto dizer o que queremos que ele diga.

Observe os vários passos dados por Abraão na sua tarefa de obediência à ordem divina e verifique se não há algumas semelhanças com as relações entre o Pai e o Filho:

Isaque foi chamado de o único filho (v.2).

Abraão possuía como seu primogênito o filho de Hagar, mas esse não era o filho único, o verdadeiro filho. É interessante que a tradução grega do Antigo Testamento, a LXX (Septuaginta), usa a mesma expressão que João usa para descrever Jesus Cristo como o unigênito Filho de Deus. A expressão grega é *monogenês*. Assim como Isaque, Jesus Cristo é, por excelência, o único Filho de Deus.

Isaque foi chamado de o filho amado (v.2).

Essa expressão é digna de nota. Abraão teve outros filhos, mas de nenhum deles é dito que era o filho amado. Deus disse que o amado era Isaque. Deus teve filhos adotivos a quem ele amou certamente. Nós somos parte desses filhos, mas nenhum de nós é dito individualmente aquilo que ele disse de Jesus Cristo: “Este é o meu Filho amado, a ele ouvi” (Mc 9.7).

Abraão tomou seu filho para levá-lo ao lugar de sacrifício (v.3)

Abraão não fugiu do mandato divino. Ele caminhou com seu filho até o lugar designado. De modo semelhante Deus preparou todas as coisas que eram necessárias para a caminhada do Filho encarnado até o monte do Calvário. Todos os detalhes foram para que a vontade decretiva de Deus quanto à salvação dos pecadores se cumprisse no lugar do sacrifício. Não havia maneira de Jesus Cristo escapar daquela caminhada dolorida e carregando o madeiro até o Calvário. Não podemos negar esse paralelo. Todavia, o paralelo falha quando percebemos que Abraão estava sob ordens ao levar o filho até o Moriá, enquanto que Deus fez isso voluntariamente, seguindo apenas a sua própria vontade e não a de outro.

Abraão rachou a lenha para o sacrifício (v.3)

O lenho era necessário para que o fogo fosse aceso, a fim de que o sacrifício pudesse ser oferecido num oferta sangrenta. Duma maneira ligeiramente diferente, Deus também usou o lenho ou o madeiro para ser o instrumento a fim de que o seu Filho encarnado pudesse ser oferecido em sacrifício.

Abraão botou o madeiro nos ombros do filho (v.6)

Este detalhe é altamente significativo da grande realidade que estava para acontecer na história do mundo. Jesus Cristo carrega o próprio instrumento de sua crucificação. Assim como Abraão, Deus botou mais essa carga nas costas de seu Filho.

Abraão caminhou sozinho com o seu filho para o lugar de sacrifício (v.5)

A caminhada para o monte foi feita somente entre os dois, pai e filho. Ninguém mais poderia participar daquela cerimônia sacrificial (v.5). Depois dessas primeiras providências, o pai leva o filho ao matadouro. Ninguém mais poderia entrar naquele lugar santíssimo de sacrifício. Não há uma certa semelhança do Pai que leva o Filho para o lugar de sacrifício, sem que nenhuma outra pessoa pudesse participar dessa cena. Era o Sumo-sacerdote entrando no santo dos santos para oferecer sacrifício. O próprio Deus se encarregou de providenciar o sacrifício. Era um acerto de contas entre o Pai e o Filho.

Abraão levou o filho para o Monte Moriá (v.5)

O monte Moriá está localizado exatamente em Jerusalém, o lugar em que Jesus Cristo foi crucificado. O Gólgota, ou o monte da caveira, foi o lugar onde Deus tratou com Jesus Cristo da redenção do seu povo. Moriá está para Isaque como o Calvário está para Jesus Cristo.

A Providência fez a provisão sem o conhecimento dos paralelos

Após três dias de longa jornada, os viajores ainda estavam longe do monte Moriá. Por três dias Abraão caminhou ao lado de seu filho em direção a Moriá (v.4) sem que o filho soubesse do que estava por acontecer. Isaque sabia que o seu pai iria oferecer sacrifício, mas não sabia que ele próprio era a oferta. Veja a pergunta inocente do filho:

Gn 22.7b – “Perguntou-lhe Isaque: Eis aqui o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?”

Neste lugar o paralelo entre Isaque e Cristo começa a falhar. Jesus Cristo não era ignorante do que lhe estava para acontecer. Ele sabia perfeitamente que ele estava carregando o instrumento da sua própria crucificação. Nada do que se passava ali era ignorado por aquele que sabia ser a si mesmo o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

A providência divina faz todas as provisões na vida dos seres humanos, mas eles freqüentemente não dão conta do que está acontecendo e quais os resultados dos atos de que participam. Muito regularmente Deus esconde, até que seja o tempo próprio da revelação, isto é, a plenitude do tempo, o tempo oportuno.

Quando Isaque perguntou sobre o cordeiro para o holocausto, Abraão deu uma resposta que, provavelmente, ele mesmo nem soubesse o real significado dela. Ele respondeu:

Gn 22.8 - “O Senhor *proverá* para si, meu filho, o cordeiro para o holocausto”.

Qual seria o entendimento que Abraão teve daquela sua resposta? Será que Abraão tinha certeza de que Deus voltaria atrás na sua ordem? Será que Abraão sabia que o seu filho não iria morrer? É difícil trabalhar com essa resposta porque a Escritura silencia sobre ela. A única sugestão que a Escritura faz é que Abraão tinha dito aos servos: “e havendo adorado, voltaremos para junto de vós” (v.5b). Nada mais.

Abraão não sabia qual seria a providência da qual falara tão convictamente ao seu filho. O certo é que ele não vacilou em botar o seu filho em sacrifício como o Senhor lhe havia ordenado.

Jehovah-Jireh estava para manifestar-se. Ele é o Deus de toda provisão!

A Providência fez a provisão imediatamente

Abraão tinha plena consciência de que o sacrifício que ele ia fazer era um ato de culto a Deus. Por essa razão, ele disse aos seus servos, ao se

despedir deles: “Eu e o rapaz iremos até lá e, *havendo adorado*, voltaremos para junto de vós.” (v.5)

Então, o ato propriamente de adoração começou a ser preparado. O texto diz que chegando ao lugar designado por Deus

Gn 22.9 - “edificou ali Abraão um altar, sobre ele dispôs a lenha, amarrou Isaque, e o deitou no altar, em cima da lenha.”

Sem que houvesse leis formalmente prescritas, como aconteceu posteriormente com Moisés, Abraão já sabia todas as regras de um sacrifício. O culto estava sendo preparado. O altar foi construído. Ali era o lugar do sacrifício. Ele veio a ser o lugar central da adoração do Antigo Testamento. A preparação continuava. Abraão colocou a lenha para que o fogo pudesse ser aceso, a fim de que a oferta pudesse ser queimada. Agora veio o momento mais sombrio para o velho Abraão. Ele deita seu próprio filho e o amarra ao lenho. Toda essa cena se passou diante dos olhos provavelmente atônitos de Isaque. A provisão de Deus ainda não tinha se manifestado. Então, o momento crucial chegou. Era a hora de imolar o próprio filho. O texto afirma de maneira clara que

Gn 22.10 – “estendendo a mão, tomou o cutelo para imolar o filho”.

Abraão não vacilou. Mesmo sem saber o que estava por acontecer, ele simplesmente estava disposto a obedecer a ordem de Deus. Possivelmente Abraão pensasse que Deus pudesse ressuscitar o seu filho morto. Pelo menos é essa a interpretação que o autor de Hebreus deu: “porque considerou que Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos, de onde também figuradamente, o recobrou.” (Hb 11.19). Abraão sabia que Deus haveria de fazer provisão para o sacrifício, mas ele não sabia que tipo de provisão se tratava. Provavelmente ele tenha pensado em Isaque como cordeiro morto que haveria de ser ressuscitado como o autor de Hebreus sugere. Abraão não sabia, contudo, que um outro cordeiro estava para tomar o lugar do seu filho.

Deus não mandou mensageiros para comunicar-se com Abraão, impedindo-lhe o sacrifício de Isaque. Ele próprio colocou um ponto final na obediência de Abraão e fez a provisão. Observe o que o texto diz:

Gn 22.11-12 – “Mas do céu lhe bradou o Anjo do Senhor: Abraão! Abraão! Ele respondeu: Eis-me aqui. Então lhe disse: Não estendas a mão sobre o rapaz, e nada lhe faças; pois agora sei que temes a Deus, porquanto não me negaste o filho, o teu único filho.”

Quando Abraão estava pronto para sacrificar Isaque, Deus fez a sua intervenção maravilhosa! Deus interveio imediatamente. Por que imediatamente? Porque ele não fez uso de meios. O próprio Deus pessoalmente se dirigiu a Abraão. Curiosamente, o texto usa a expressão “Anjo do Senhor” como sendo o que falou do céu com Abraão. Na verdade, esse Anjo é identificado com o próprio Deus no verso seguinte. Ao mesmo tempo em que o Anjo fala “sei que agora temes a Deus” como se estivesse falando de uma terceira pessoa, ele também diz: “porquanto não *me* negaste

o filho”. Portanto, a intervenção de Deus é imediata. Deus parou com aquela cerimônia preparada e presidida por Abraão. Era a hora da sua ação providencial provando uma vez mais ser *Jehovah Jireh*! Em outras palavras, Deus disse a Abraão: “Basta, estou satisfeito com a tua obediência. Eu não quero que você me ofereça o seu filho”.

Por essa razão, quando Abraão viu as providências divinas, nomeou aquele lugar de “o Senhor proverá”, porque ali foram tomadas as atitudes que simbolizam de modo claro que Deus não exige sacrifício de pecadores, mesmo para o culto do seu santo nome! O que ele quer é a obediência dos seus filhos. Somente o sacrifício definitivo exigiria a morte de um homem, o Deus encarnado, que foi simbolizado naquele ato da provisão divina.

A Providência fez a provisão necessária

Deus pediu a Abraão uma coisa que ele próprio não aceita. Deus havia proibido em todo o Antigo Testamento que vidas humanas fossem sacrificadas, porque o sacrifício delas não provocariam qualquer satisfação da justiça divina. Todavia, no caso em pauta, Deus deixou claro que alguém teria que tomar o lugar dos homens porque o sacrifício teria que ser feito, porque a justiça divina exigia. Era necessário um cordeiro. Deus o proveu, mas a sua provisão necessária não tem ainda um caráter definitivo, porque o definitivo substitui para sempre.

Todavia, não se pode esquecer de que a provisão é necessária e sempre deve possuir um caráter substitutivo. Nunca Deus pediu o sacrifício dos próprios pecadores a fim de que eles pudessem ser remidos. Nenhuma pessoa pode remir seus próprios pecados ou os de outros. Somente um substituto imaculado pode fazê-lo. A expiação sempre é feita de modo vicário.

A Providência deu o símbolo da provisão Definitiva

Abraão foi aprovado no teste da obediência e, na sua providência Deus fez o que somente ele poderia fazer. Ele próprio tomou a iniciativa de arranjar um substituto. Desde o começo Deus sabia o que estava para fazer, mas ele quis ensinar a Abraão e a todos nós que ele é o único provedor para as nossas necessidades espirituais. O cordeiro colocado como substituto de Isaque é apenas um tipo perfeito de Jesus Cristo, que haveria de vir ao mundo para remover a ira de Deus de sobre os pecadores no lugar de quem morreu.

Essa foi a compreensão que João Batista teve quando apresentou Jesus Cristo aos seus discípulos: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1.). Ele veio a ser a provisão definitiva de Deus para os pecados do seu povo. Nunca mais nenhum cordeiro haveria de morrer simbolicamente e substitutivamente. Jesus Cristo foi o Cordeiro morto de uma vez por todas!

Assim como Abraão não negou seu único e amado filho a Deus (e nesse sentido a atitude de Abraão é ilustrativa de Deus), este “não poupou o seu próprio filho, antes por todos nós o entregou” (Rm 8.32), a fim de que nós fôssemos poupados e não recebêssemos a ira divina que deveria cair sobre nós.

Em Cristo Jesus, portanto, todas as nossas necessidades espirituais foram supridas! Não temos nenhum débito com Deus porque Cristo pagou todas as nossas contas, tendo cancelado o escrito de dívida que era contra nós (). Tudo o que era necessário para a nossa remissão foi provido por Deus através de Cristo, para o nosso benefício e em nosso lugar.

PROVISÃO DA NATUREZA HUMANA DO CORDEIRO

Esta parte do capítulo é de vital importância. Aprendemos na escola dominical que Jesus é o Cordeiro de Deus que tira o pecado no mundo (Jo 1.), mas nos esquecemos de que Jesus Cristo não é cordeiro. O cordeiro do Antigo Testamento era apenas um tipo de Cristo, mas Jesus Cristo é verdadeiramente homem. Era necessário que o antítipo (Jesus) tivesse as mesmas funções dos tipos (cordeiros), mas a natureza deles é diferente. Deus exigia o cordeiro porque a sua natureza não poderia exigir homens. Por essa razão ele sempre empregou o cordeiro para significar algo que viria a fazer no futuro, isto é, o sacrifício do seu Filho. Todavia, o seu Filho (o Verbo), não poderia ser sacrificado, porque a ira de Deus teria que cair sobre um ser humano que deveria receber o castigo. Então, que fez Deus? Enviou seu Filho ao mundo, para remir pecadores, porque tudo aquilo que havia sido oferecido no Antigo Testamento era apenas típico e representativo do que o seu Filho haveria de oferecer. Mas como divindade a Segunda Pessoa da Trindade não tinha o que oferecer. Então, Deus fez os preparativos para que o Filho pudesse se encarnar.

Observe o que o escritor aos Hebreus fala dos sacrifícios antigos e da necessidade do verdadeiro e definitivo Cordeiro ser equipado com a natureza humana. Comparando a inutilidade dos sacrifícios do AT, e da encarnação do Verbo, o autor diz:

Hb 10.4-5, 10 – “(4) Porque é impossível que sangue de touros e de bodes remova pecados. (5) Por isso, ao entrar no mundo, diz: sacrifício e oferta não quiseste, *antes corpo me formaste...* (10) Nesta vontade é que temos sido santificados, mediante *a oferta do corpo* de Jesus Cristo, uma vez por todas.”

Para que o Filho pudesse ser Redentor dos seus filhos Deus proporcionou ao Filho uma natureza humana. Observe que a palavra *corpo* usada duas vezes nestes versos não deve ser entendida aqui como simplesmente a parte material do homem. Neste texto ela deve ser entendida como natureza humana completa, *corpo e alma*, que foram o objeto da ira divina que amaldiçoou o que foi pendurado no madeiro.

Deus fez a provisão da natureza humana de Cristo para que pudéssemos ser salvos da ira divina. Por isso que o autor sacro diz que Jesus nos livra da ira vindoura (1 Ts 1.10).

Como Deus fez a provisão de uma natureza humana? Quando enviou seu filho ao mundo (Jo 1.18).

Quando Deus fez essa provisão? Na plenitude dos tempos quando fez com que seu Filho nascesse de mulher (Gl 4.4).

Para que Deus fez essa provisão? Para nos livrar da sua própria ira.

Por que Deus fez essa provisão? Porque ele nos amou e, por isso, enviou o seu próprio filho para ser propiciação pelos nossos pecados (1 Jo 4.10).

APLICAÇÃO

Atribua a Deus a glória pelas suas provisões

Todas elas são bênçãos da bondade de Deus. Ele proveu tudo para você por causa da bondade dele, não porque ele era um devedor seu. Nunca torne em dívida de Deus o que é sempre graça dele. Nunca se glorie de possuir muitas coisas, mas lembre-se de que Deus nunca reparte a sua glória com ninguém. Se ele é o provedor de suas necessidades, nunca atribua a você o que é somente dele. Ele quer que você desfrute das suas provisões mas que sempre dê a glória de todas elas a ele próprio.

Lembre-se de que as provisões de Deus são muitas

As bênçãos que Deus traz aos seus filhos são incontáveis. Você tentar contá-las, mas você não encontrará tempo para enumerá-las, mas não se esqueça de que as provisões divinas na sua vida são muitas.

Nunca pense que você é esquecido de Deus. Não cometa essa injustiça com ele. Não diga como alguns homens cristãos já disseram: “Por que te esqueceste de mim?”. Deus nunca se esquece dos seus filhos. Não se esqueça de que você é bem mais provido em suas necessidades do que você pensa.

Lembre-se de que você recebe as provisões que nunca pediu

Há muitas coisas que acontecem na sua vida e você não sabe por que e nunca pensou nisso. Muitas vezes Deus fez provisões para sua vida que outros pediram ou mesmo nunca elas foram pedidas ou pensadas. Todavia, você as recebeu e nem reflete sobre elas. Paulo diz aos filipenses que Deus “é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós” (Ef 3.20). Portanto, eu posso deduzir desse texto que muitas provisões que recebemos das divinas mãos nunca foram sequer suplicadas ou imaginadas por nós. Contudo, elas nos vieram e devemos reconhecer esta verdade, dando glória à sua santa providência!

CAPÍTULO 7

A DIREÇÃO PROVIDENCIAL DE DEUS

A direção providencial de Deus está intimamente ligada ao governo divino e, ao mesmo tempo, quase que se confunde com ele. Ao mesmo tempo também parece-se intimamente com as provisões divinas, embora possua pequenas nuances diferentes. Tanto a direção como o governo e a provisão divinos são facetas muito proximamente entrelaçadas do ensino geral da Escritura sobre a providência divina.

Na verdade, a direção providencial de Deus é o exercício do governo divino sobre o universo e sobre a raça humana. Neste capítulo veremos a direção divina especialmente sobre os caminhos, os atos e as circunstâncias que envolvem os seres humanos.

DEUS DIRIGE OS CAMINHOS DE TODOS OS HOMENS

Esta matéria da direção de Deus é, teoricamente fácil de se crer, mas na prática ela tem sido difícil de aceitar, porque tem havido muitas pessoas que lutam contra a idéia da soberania divina. Ela é tremendamente controversa nos círculos sinergistas, isto é, nos lugares onde vigora uma idéia de que o homem é quem determina os seus caminhos.

Análise de Texto

Jr 10.23 – “Eu sei, ó Senhor, que não cabe ao homem determinar o seu caminho, nem ao que caminha o dirigir os seus passos.”

O contexto deste verso é muito importante para que o entendamos. Era o tempo da invasão de Nabucodonozor. Judá era uma terra de desolação por causa da maldade do rei de Babilônia que tomou Jerusalém e a sitiou. Todos os acontecimentos narrados pelo profeta mostram o juízo de Deus através do monarca dos caldeus. O castigo era por causa da justiça divina em razão dos pecados de Judá. Todavia, o modo como Deus usa as pessoas na consecução dos seus planos é produto da sua soberania. O destino das pessoas sempre foi determinado pela soberania de Deus. Essa era a ótica de Jeremias quando escreveu estas palavras do verso em questão.

Na verdade, Jeremias, que era um crente, reconheceu duas coisas (e só os crentes as reconhecem!) com respeito aos seres humanos: o destino dos seres humanos e os seus caminhos estão no controle de Deus:

Que não cabe ao homem determinar o seu caminho.

O profeta Jeremias reconheceu que a determinação do destino dos homens não é tarefa deles. Este aspecto tem a ver com o decreto divino. Nem sequer o homem sabe o seu dia de amanhã. Toda a vida dos seres humanos está nas mãos de Deus. O destino deles é designado inteiramente por Deus. As mãos de Deus é dirigem o nosso destino. Cremos que não existe acaso na teologia cristã. Todas as cousas que acontecem na vida dos seres humanos é

produto do decisões divinas. Isso não é fatalismo! O nosso destino é inteligentemente estabelecido pelo sábio conselho de Deus.

Os caminhos que os homens seguem são, em última análise, o traçado feito de antemão pelo soberano Deus. Os decretos divinos sobre a nossa vida é que ficam claros quando a nossa vida é dirigida pelas mãos de Deus.

O profeta Jeremias teve uma visão muitíssimo clara da providência soberana de Deus na vida dos seres humanos. Ele entendeu que os afazeres das nações e dos indivíduos estão sob o governo do Eterno. Como foi para Jeremiais, este é um artigo de fé que todos os crentes de origem reformada possuem e dele não podem abrir mão. Todavia, os incrédulos e mesmo alguns chamados “evangélicos” não conseguem reconhecer esta verdade. Para estes, o destino deles está nas suas próprias mãos. O destino deles é selado por atos que eles próprios praticam como expressão das suas próprias decisões.

Que não cabe ao homem dirigir o seu caminho.

É verdade que os seres humanos tomam decisões, mas eles não são suficientemente capazes de executar todas as suas decisões porque lhes falta o poder para fazê-lo. É verdade que os seres humanos fazem escolhas, mas nem sempre o que eles escolhem fazer conseguem fazer. A execução dos planos dos homens estão condicionadas ao plano divino.

Os passos dos homens são governados pela obra concorrente de Deus que guia os passos deles. Isto quer dizer que não podemos fazer absolutamente nada para aliviar os nossos problemas ou para aumentar os nossos prazeres, a menos que Deus opere conjuntamente conosco e ordene libertação deles para nós ou aumente o gozo de nossa vida.

Não somos donos e senhores de nossos próprios caminhos. Não temos o poder de controlar todos os nossos desejos nem de realizá-los como pretendemos.

Esta também foi a crença do Pregador, provavelmente Salomão. Ele creu na direção providencial de Deus:

Pv 20.24 – “Os passos do homem são dirigidos pelo Senhor; como, pois, poderá o homem entender o seu caminho?”

Neste verso o autor sacro está tratando do fato de que Deus está envolvido com todos os nossos afazeres e os dirige a todos. Todos os nossos passos estão na dependência direção de nosso Deus. Tudo o que fazemos, fazemos exatamente porque queremos, mas isto não significa que somos independentes do decreto nem da ação divina em nossa vida guiando os nossos passos. Todas as nossas atividades estão debaixo da providência e, quando falamos dos cristãos, eles estão debaixo da sua providência graciosa, de forma que, quer andemos por caminhos maus ou bons, estamos sob o controle gracioso de Deus que nos ensina com manifestações deliciosas do seu amor ou com as manifestações disciplinares desse mesmo amor. De qualquer forma, todos os nossos passos acabam sendo dirigidos por Deus.

As nossas empreitadas não são realizadas porque sozinhos as desejamos e as fazemos, mas porque Deus está por detrás de tudo quanto

planejamos e realizamos. Não temos poder nem para vislumbrar o que irá nos acontecer amanhã. Por isso o Pregador diz que “o homem não pode entender o seu caminho”. Os homens não podem saber nada sobre suas vidas até que os caminhos deles sejam revelados. Os homens não entendem os seus caminhos porque eles estão escondidos. Os caminhos dos homens são segredos escondidos em Deus e, por essa razão, eles não podem entender o que está acontecendo nem o que vai acontecer com eles. Porque o Senhor dirige os passos dos homens é que eles nem sempre entendem o procedimento deles. As decisões de fazer as coisas eles tomam, mas eles não compreendem porque tomaram aquelas decisões.

Somente os cristãos entendem que os seus passos são dirigidos pelo Senhor e, seja o que for que possa acontecer, eles crêm que, em última análise, o Senhor está por detrás dos próprios atos deles. Eles também não entendem as razões últimas de Deus ao dirigir os passos deles, mas entendem que é Deus quem os dirige.

Análise de Texto

Pv 16.1,2, 9 – “O coração do homem pode fazer planos, mas a resposta certa dos lábios vem do Senhor. Todos os caminhos do homem são puros aos seus olhos, mas o Senhor pesa o espírito... O coração do homem traça o seu caminho, mas o Senhor lhe dirige os passos.”

Estes dois versos de Salomão mostram diretamente os planos dos homens e indiretamente os de Deus. Estes versos ensinam que os seres humanos não são suficientes em si mesmos para planejar devidamente. Os seres humanos não são capazes de pensar e de falar de modo devido, isto é, de tratar das coisas que são sábias e boas, porque tudo o que fazem corretamente é porque foram capacitados por Deus, pois aprendem da Escritura que “a nossa suficiência vem de Deus” (2 Co 3.5).

No mais secreto do nosso ser, o coração, arquitetamos planos, mas não somos sequer capazes de saber se os nossos planos são certos e bons. O nosso coração é enganoso e não é sábio. A preparação de todos os nossos atos está no coração dos homens, mas a resposta dos lábios vem do Senhor.

O texto de Provérbios 16.1 mostra duas verdades incontestáveis sobre a direção providencial de Deus:

O homem propõe caminhos

Os seres humanos em geral possuem a capacidade de agir livremente. Por isso eles são chamados de livres-agentes. Eles planejam as coisas e as fazem de acordo com as disposições dominantes dos seus corações. Eles fazem tudo o que combina com a natureza interior deles. Eles possuem a liberdade de pensar conforme lhes agrada, formam os seus projetos, estabelecem as suas idéias, fazendo o melhor que eles podem.

Contudo, todas as propostas dos homens esbarram em algo muito mais profundo e mais sério que é a disposição de Deus em fazer as coisas que os homens propõem.

Deus dispõe dos caminhos

Os homens podem fazer todos os planos possíveis, mas eles não podem dar continuidade a eles sem a anuência do Senhor, ou sem que receba a sua assistência bondosa. Os projetos dos homens somente se concretizam se eles estão de acordo com a resposta certa do Senhor que procede dos seus lábios. Deus é que fez a boca dos homens e lhes dirige sobre o que falar.

Os planos dos homens não dão certo freqüentemente porque eles não possuem mente e olhos para ver as coisas que elas não realidade são. O verso 2 diz que “todos os caminhos são puros aos homens dos homens”. Eles não têm olhos para ver corretamente o mundo, a história e o futuro. Eles não sabem prever porque isto não lhes foi dado. Eles pensam que os caminhos deles são puros, mas freqüentemente eles estão enganados. Porém o Senhor pondera e pesa o espírito. Isto quer dizer que o julgamento do Senhor é correto, certo, de acordo com a verdade. Deus pesa o que está em nós e estabelece juízo sobre os nossos caminhos e não erra em seus juízos. Ele não somente vê os caminhos dos homens, mas ele prova o espírito deles, colocando a resposta certa nos lábios dos homens, mesmo depois deles fazerem os seus próprios planos.

O verso 9 diz mais ou menos a mesma coisa do verso primeiro: “O coração do homem traça o seu próprio caminho”. Em virtude da suas propriedades racionais e de ser um ser pessoal, o homem possui a faculdade de planejar e idear coisas. Isso é próprio da sua natureza. Todavia, além de sua natureza, ele possui uma natureza pecaminosa que não o deixa idear corretamente. Ele, portanto, tenta traçar os seus próprios caminhos, numa tentativa de mostrar a si mesmos que possui a capacidade da independência. Freqüentemente ele não realiza os seus planos porque lhe faltam as cousas próprias do ser divino: faltam-lhe a onisciência e a onipotência. São estas coisa que tornam Deus capaz de guiar todos os caminhos dos homens. Ele conhece todas as coisas e pode todas as coisas. Por isso é dito que “o Senhor lhes dirige os passos”.

Esta prerrogativa divina é relacionada com todos os seres humanos e diz respeito à consecução dos seus planos eternos. Por isso, não podemos separar a doutrina dos decretos da doutrina da providência em Deus.

DEUS DIRIGE OS CAMINHOS DOS SEUS SERVOS

Existe uma relação especial entre Deus e os seus servos, especialmente os ministros da Palavra, que são parte do seu povo. A estes ele dirige com especial favor, pois eles são os instrutores do seu povo. A preocupação de Deus com os seus servos é muito grande nas Santas Escrituras porque os servos de Deus são guiados por ele e porque eles têm o Espírito de Deus que os guia a toda verdade e lhes ensina o caminho em que devem andar.

Há vários exemplos na Escritura mostrando como isso se processa.

Análise de Texto

Sl 25.12, 14 – “(12) Ao homem que teme ao Senhor, ele o instruirá no caminho que deve escolher... (14) A intimidade do Senhor é para os que o temem, aos quais ele dará a conhecer a sua aliança.”

A direção para o caminho a seguir vem do Senhor (v.12)

Todo servo de Deus, isto é, todo aquele que está a serviço de Deus, é temente a ele. Essas pessoas certamente recebem de Deus a instrução no caminho em que devem seguir. Não há ninguém que não tenha decisão a tomar. Todavia, a grande angústia é não saber com exatidão o rumo certo a tomar.

Não há, portanto, anelo maior na vida do crente do que ser dirigido pela vontade celestial nas decisões que ele tem de tomar. Os que possuem o coração cheio de temor de Deus estão sempre anelantes por fazer as coisas certas, mas ao mesmo tempo temerosos em trilhar os caminhos errados.

A grande consolação dos tementes a Deus é que aqueles que Deus santifica o coração, ele também ilumina a mente a fim de que eles possam saber o caminho que devem seguir. Vários caminhos se apresentam aos servos de Deus, mas o que mais eles querem é que o Senhor lhes dirija as decisões. Os tementes a Deus não querem errar!

Por isso, eles freqüentemente pedem a Deus para que a sua bondade os dirija em suas decisões. Eles pedem que Deus lhes incline o coração para o que é reto e santo. Os servos de Deus precisam estar em constante oração para que eles consigam perceber a vontade de Deus em suas vidas e submetem os seus desejos aos de Deus. Spurgeon disse que “se nós fazemos de nossa vontade a vontade de Deus, Deus nos deixará fazer a nossa vontade.”³⁴ Deus não fala conosco diretamente do modo como falou com Moisés ou do modo como falou com os profetas mais tarde (em sonhos e visões), mas ele nos dirige através das Escrituras, como veremos adiante, pois elas são o meio usual de Deus para nos instruir.

Quanto mais conhecedores das suas Escrituras, mais sábios seremos nas nossas decisões.

A direção inequívoca para o caminho a seguir vem do Senhor (v.14)

Todavia, tenho que reconhecer que há casos onde Deus dá uma convicção profunda aos seus servos a respeito do caminho que devem seguir, sem que lhes fale aos ouvidos como havia feito no passado. Há uma ação divina profunda que vem em razão da intimidade que Deus concede a alguns dos seus servos. Estes não têm nenhuma dificuldade em seguir os seus caminhos porque sabem exatamente o que têm de fazer.

Quando mais intimidade com o Senhor, mais facilmente o seu servo sabe qual é a direção que Deus dá à sua vida. Essas pessoas possuem uma sensibilidade espiritual muito grande a respeito da ação providencial de Deus dirigindo suas vidas em várias decisões que tomam. Mesmo que tudo pareça apontar contrariamente, eles se põem a caminho porque Deus lhes

34 C.H. Spurgeon, *The Treasury of David*, vol. 1 (New York: Marshall Brothers, Ltd.), 395.

dá uma convicção inamovível e o resultado da sua decisão logo se manifesta claro. Esse é um privilégio que Deus dá a alguns dos que lhe temem. Nem todos os que o temem possuem uma convicção forte e clara daquilo que devem fazer, mas há alguns que a possuem inquestionavelmente.

Há alguns servos que participam da intimidade do Senhor de um modo especial. Deus não repartiu a sua intimidade com todos os que o temem, mas todos a quem ele a repartiu eram tementes a ele. Certamente, Deus não concede a sua intimidade com os incrédulos ou com aqueles que são imaturos em sua fé.

Este modo de Deus agir pode ser constatado desde o princípio. Deus deu a conhecer os seus caminhos a Moisés (Sl 103.7), deu a conhecer os seus caminhos a Paulo (At 20.22-23) e para pouquíssimos outros ele mostrou o que eles haveriam de fazer e o que haveria de acontecer com eles. O próprio Jesus Cristo repartiu a sua intimidade de sofrimentos somente com 3 discípulos (Pedro, Tiago e João), mas especificamente a João ele confidenciou alguns de seus segredos. João revela esses segredos quando relata na íntegra toda a “oração sacerdotal” (Jo 17), o que nenhum outro escritor bíblico relata. Além disso, João mostra que o Senhor reparte consigo a sua intimidade quando do evento da ceia. A ninguém Jesus contou o que estava para acontecer, a não ser para João. Os próprios discípulos reconheciam que João partilhava mais da intimidade do Senhor do que os outros discípulos. E nenhum deles ficou enciumado. É uma questão da soberania do Senhor.

A intimidade do Senhor ele a dá aqueles que o temem, mas nem todos que o temem recebem dessa intimidade. A experiência cristã tem mostrado que não há como contestar que Deus seleciona os que o temem como base nas suas próprias razões, não nas razões que estão nos seus servos. Esses servos são privilegiados em saber qual rumo tomar em suas vidas de modo muito claro. Eles recebem de Deus a convicção inamovível do caminho a tomar. Ninguém os obsta porque eles têm a convicção de suas decisões.

Talvez a dificuldade maior que temos nos dois versos do Salmo 25 seja a definição e o entendimento claro do que seja o significado de “tementes” a Deus.

O texto diz ainda que Deus resolve “*a dar a conhecer aos que o temem a sua aliança*”. O que isso significa? Os que o temem recebem dele um conhecimento maior da sua aliança. No meu entendimento, isso quer dizer que esses “íntimos” de Deus vêm a conhecer com profundidade e com entendimento o conteúdo das coisas que estão reveladas, as verdades que estão contidas no Livro da Aliança, que é a Escritura. Todos os tementes a Deus recebem o Livro da Aliança, mas somente aqueles que partilham da sua intimidade é que possuem o entendimento daquela aliança.

Sl 32.8 – “Instruir-te-ei e te ensinarei o caminho que deves seguir: e, sob as minhas vistas, te darei conselho”.

Deus dirige os seus servos mostrando-lhes o caminho a seguir e parece-me que além de lhes instruir, Deus superintende o caminho que eles seguem. Deus os instrui e lhes aconselha em como seguir o caminho

proposto. A instrução vem através das Escrituras, que o “ livro da aliança” e lhes confirma de maneira clara o caminho a seguir.

Em resumo: Deus dirige a todos os seus servos, mas nem todos partilham do mesmo grau de intimidade. A uns ele dá mais a outros menos, mas todos que são instruídos e dirigidos por Deus são homens tementes a eles. Esta é uma condição *sine qua non* para receberem a instrução divina para suas vidas.

OS PROPÓSITOS DA DIREÇÃO DIVINA

Que seus servos sigam os seus caminhos

Análise de Texto

Is 30.18, 20-21 – “ (18) Por isso o Senhor espera, para ter misericórdia de vós, e se detém para se compadecer de vós, porque o Senhor é Deus de justiça; bem-aventurados todos os que nele esperam... (20) Embora o Senhor vos dê pão de angústia e água de aflição, contudo não se esconderão mais os teus mestres, os teus olhos verão os teus mestres. (21) Quando te desviares para a direita e quando te desviares para a esquerda, os teus ouvidos ouvirão atrás de ti uma palavra, dizendo: Este é o caminho, andai por ele.”

O andar do povo é cheio de alternâncias (v.21)

Por causa da disciplina divina que estava sobre o povo que, parece-me, andava cambaleante, ora pendendo para um lado, ora para outro. Eles não estavam bêbados, mas estavam sem saber por onde andar. Eles não conheciam o caminho certo a seguir. Esse andar cambaleante é devido à falta de conhecimento da palavra sábia dos mestres que estava faltando ao povo no tempo do profeta Isaías. Deus lhes havia tirado os mestres e eles tinham perdido os olhos. Os mestres eram os olhos através dos quais eles viam o caminho. Mas agora eles não possuíam mestres e quando a igreja perde os seus mestres, ela perde a capacidade de andar de modo seguro, firme, olhando para o alvo certo.

Por isso é dito que eles andavam ora para a direita ora para esquerda. Eles viviam alternando a direção no seu caminhar por falta de luz.

A direção divina é através dos mestres (v.20)

Deus sempre orientou o seu povo através dos homens que ele levanta para que sejam mestres no meio da igreja. Creio que nessa época os crentes já estavam com fome da verdadeira comida, a Palavra de Deus, que vinha através dos mestres. Eles estavam famintos por conhecer a verdade, o que já é uma expressão da misericórdia de Deus, como veremos abaixo. De tempos em tempos Deus deixou o povo sem profetas, sem a Palavra da verdade e o povo ficou cego, andando às apalpadelas. Todavia, depois de algum tempo de disciplina, Deus manda profetas e mestres para aqueles a quem ele dá sede da verdade. Foi isso que aconteceu também nos dias do profeta Amós. Deus prometeu através de Amós o seguinte: “Eis que vem dias, diz o Senhor Deus, em que enviarei fome sobre a terra, não de pão, nem sede de água, mas de

ouvi as palavras do Senhor” (Am 8.11). A tristeza é que essa promessa não aconteceu nos dias do profeta Amós, porque os homens não encontraram a Palavra de Deus. Essa promessa cumpriu-se somente bem mais tarde.

Todavia, de uma coisa podemos ter certeza absoluta: se o Senhor não der a sede e não satisfazer a sede, o seu povo continua cego quanto à verdade. Deus tem de não somente dar sede mas prover o recurso para mitigá-la. Por isso dizemos que é misericórdia quando o Senhor dirige o povo por caminhos de justiça, mostrando-lhe exatamente o trecho a seguir.

Todavia, quando os mestres fiéis à Palavra são colocados no meio do povo, este passa a enxergar. Quando eles começam a ensinar no meio da congregação, o povo passa a ter os olhos fitos neles pois eles são o luzeiro através do qual o povo passa a ver a realidade do caminho.

A promessa divina é que ele não mais esconderia os mestres deles e eles passariam a vê-los (v.20). Portanto, é uma grande bênção quando Deus faz-nos ver a luz da sua verdade novamente!

A promessa da direção divina é clara (v.21)

Deus é o mestre escondido

A promessa é que quando eles estivessem se desviando para um lado ou para o outro (“para a direita ou para a esquerda”) Deus haveria de ser o guia deles, cochichando-lhes aos ouvidos, por detrás deles, o caminho que eles deveriam seguir. Ele é o mestre escondido que está por detrás dos ensinamentos dos verdadeiros mestres. Ele é de fato aquele que interioriza o ensino dos mestres. A sua Palavra é uma direção eficaz. Podem os mestres ensinar corretamente, mas a obra do Mestre Invisível é indispensável. Ele cochicha aos nossos ouvidos de forma que não podemos deixar de ouvir a sua diretriz.

Você não pode ver esse Instrutor Divino, mas ele vê você e ele fala ao seu interior de modo que a Palavra pregada desce ao seu interior. Matthew Henry diz: “Teus olhos vêem os teus mestres, mas este é um Mestre que está fora das tuas vistas, é tua própria consciência, que agora será despertada pela graça de Deus para cumprir a sua missão.”³⁵

A Palavra do Mestre é Revelada

A frase que constantemente o povo haveria de ouvir de Deus no tempo do profeta Isaías era: “*Este é o caminho, andai por ele*”. Quando os crentes estão em dúvida, sem saber exatamente se estão no caminho certo, o Instrutor Divino vem com as suas palavras reveladoras e iluminadoras, dando-nos a certeza do norte a seguir. Ele não nos deixa em dúvida sobre a certeza do caminho do dever. Deus fala-nos através de nossa consciência, com tal clareza que de pronto obedecemos a sua voz. Deus não somente nos envia os mestres, mas dá-nos a certeza de que aquele é o caminho correto. Ele é o internalizador do ensino que recebemos com os nossos ouvidos.

A Direção Divina é Misericórdia ao seu povo (v.18)

A direção divina é uma espécie de compaixão que Deus tem daqueles que não sabem se dirigir por si mesmos, desviando-se ora por um lado ora

³⁵ Matthew Henry, *An Exposition of the Old and New Testament*, OT vol. V (London: James Nisbet & Company, 1856), p. 170.

por outro. Por essa razão, Isaías fala que o Senhor tem misericórdia daqueles que esperam em nele (30.18). Portanto, Israel não haveria de chorar mais debaixo da disciplina divina (v.19). Uma das expressões dessa misericórdia é dar o rumo certo aos seus filhos que andam sem conhecer o caminho correto. Deus havia enviado provação ao seu povo, dando-lhes “pão de angústia” e “água de aflição”, mas doravante haveria de lhes dar mestres que lhes haveriam de lhes mostrar o caminho correto (Is 30.20). É nesse contexto que aparece a promessa divina de indicação de direção para o seu povo.

O profeta Isaías é um dos que mais afirma a direção divina na vida do seu povo. Nas suas profecias, Deus arroga para si a prerrogativa de ser o ensinador do seu povo, apontando-lhe de maneira correta o caminho a seguir. Deus ensina somente o que é útil e a exatidão do caminho a seguir.

Is 48.17 - “Assim diz o Senhor, o teu Redentor, o Santo de Israel:
Eu sou o Senhor, o teu Deus, *que te ensina o que é útil, e te guia pelo caminho em que deves andar.*”

Os caminhos que Deus preceitua para os seus filhos estão claramente revelados nas Santas Escrituras. Eles são conhecidos em teologia como “vontade preceptiva de Deus”. Esta deve ser seguida porque está explícita na Palavra revelada de Deus.

Que seus servos sejam Restaurados

Análise de Texto

Jr 31.9 – “Virão com choro, e com súplicas os levarei; *guiá-los-ei aos ribeiros de águas, por caminho reto em que não tropeçarão*; porque sou pai para Israel, e Efraim é o meu primogênito.”

O povo de Israel havia já sido um povo de quem o Senhor se agradara. Houve um tempo em que Israel foi fiel em algum sentido. O próprio Deus se lembra com saudade do tempo em que Israel, na sua juventude, tinha afeição por ele. O Senhor se recorda do tempo em que Israel o amava, quando era sua noiva, e de como essa noiva o seguia no deserto... Então, nessa época, Israel era consagrada ao Senhor (Jr 2.1-3). Mas Israel havia caído, desprezado ao Senhor, abandonando o manancial de águas vivas e tentado cavar cisternas rotas, que não retêm água (Jr 2.13). Israel precisava ser restaurada aos caminhos do Senhor, pois andava aflita e chorosa por seus pecados.

Este verso de Jeremias mostra algumas coisas muito importantes que devem ser analisadas pelo leitor:

O contexto de Jeremias 31.9 é o de Israel no cativeiro e o Senhor promete a libertação da sua mulher, a ex-noiva amorosa.

Veja a situação de desolação do povo de Israel

No capítulo anterior, Deus promete trazer libertação do cativeiro, mudando a sorte do povo (30.3). Ninguém podia fazer nada por Israel, nem ela própria. A situação dela era irremediável. Deus disse de maneira muito clara: “Teu mal é incurável, a tua chaga é dolorosa. Não há quem defenda a

tua causa; para a tua ferida não tens remédios nem emplasto. Todos os teus amantes já se esqueceram de ti.” (Jr 30.12-14). Israel estava desapontada com os enganos de outros deuses, a quem Deus chamou de “amantes” que já não mais se lembravam dela. Ninguém poderia fazer nada por Israel quando ela ficou as suas chagas incuráveis, por causa da dura disciplina de Deus (Jr 30.14-15).

Não era sem razão, portanto, que Jeremias 31.9 diz que os de Israel haveriam de “vir com choro”. A desolação de Israel era total. Era desesperadora! Somente Deus poderia fazer alguma coisa em favor de Israel. Somente ele poderia sarar as feridas daquela a quem ele amava. Ele resolveu tomar aquele povo pela mão e dirigi-lo.

Veja como Deus prometeu dirigir esse povo

O capítulo 31 de Jeremias é um capítulo que anuncia a grande restauração espiritual daquele povo que outrora fora amante de Deus, mas que agora era amante de outros deuses. Por causa disso, Deus feriu a Israel, entregando-o nas mãos dos seus inimigos vorazes de vingança, que a levaram cativa (Jr 30.15). Contudo, não a deixou para sempre no estado de miséria no cativeiro. Então Deus os pega pela mão e eles estão em choro e suplicando a Deus em grande aflição, porque o texto diz os “levará com súplicas”. Eles estão pedindo pela compaixão divina, estão em grande sofrimento. No verso 8 Deus diz que haveria de trazer todos os sofridos e oprimidos de todos os lugares para onde ele os espalhara, para voltar para a terra da promessa, que era a terra de bênção.

Lembre-se de que eles estavam em *lágrimas* por causa do seu pecado e em *súplicas* por perdão. As lágrimas deles eram de amargura pelas traições feitas ao amoroso Marido, o Deus dos céus. Todavia essas lágrimas aconteceram somente depois que foram objeto da disciplina divina, no cativeiro. As súplicas por perdão, portanto, apareceram somente depois que a vara da disciplina caiu sobre eles. A providência divina nunca deixa de intervir na vida daqueles que se arrependem de seus pecados. Deus sempre traz restauração aos que suplicam por perdão. Estas coisas não podem ser esquecidas.

Deus, então, depois das súplicas por perdão, no verso 9, promete fazer duas coisas boas para os que estavam debaixo da sua dura disciplina.

“Guiá-los aos ribeiros de águas”

A primeira coisa que Deus promete fazer por eles é “*guiá-los aos ribeiros das águas*”. O que isto significa? Embora eles tivessem que retornar do cativeiro numa jornada distante e perigosa, Deus prometeu lhes dar conforto na viagem.

Lembre-se de que a região pela qual passava o caminho de volta para Israel era extremamente árida, desértica. No entanto, ele prometeu dar-lhes água em abundância, dirigi-los para os ribeiros de águas. Isto quer dizer que ele iria dirigi-los pelos lugares onde nunca haveriam de ter falta d’água.

É exatamente assim que Deus faz com aqueles a quem ele está restaurando espiritualmente. Eles precisam do conforto de Deus que os traz aos mananciais das águas. Por isso, o salmista confessa que o Senhor, como bom pastor, o “conduz a águas tranquilas, refrigerando-lhe a alma” (Sl 23).

Esta é a real necessidade daquele que está cansado e oprimido. No meio de uma terra seca ele dessedenta o seu povo cansado. Esta promessa de Deus dirigir o povo para os mananciais de águas também aparece no livro do profeta Isaías: “Não terão fome nem sede, a calma nem o sol os afligirá; porque o que deles se compadece os guiará, e os conduzirá aos mananciais das águas” (Is 49.10).

Quando as pessoas ficam sob a disciplina dura de Deus, eles ficam como numa terra seca, árida, exausta, sem água. Assim se sente o objeto do desagrado divino. Mas quando Deus resolve restaurá-lo, ele o põe numa posição de abundância de água, mitigando a sua sede. O profeta Isaías colocou nestes termos essa restauração a que o Senhor guiava o seu povo: “Porque derramarei água sobre o sedento, e torrentes sobre a terra seca; derramarei o meu Espírito sobre a tua posteridade, e a minha bênção sobre os teus descendentes; e brotarão como a erva, como salgueiros junto às correntes das águas” (Is 44.3-4).

Deus mitiga a nossa sede, restaurando a nossa vida espiritual derramando sobre nós o seu Espírito renovador. Bendito seja Deus que nos dirige aos mananciais de águas vivas, restaurando a nossa saúde espiritual!

“Guiá-los por caminho reto”

A segunda coisa que o texto diz que Deus faz em favor daqueles a quem ele duramente disciplina é “*guiá-los por caminho reto*”. O que isto significa? Significa o caminho que ninguém pode errar! Também não é caminho sinuoso e ondulado onde as pessoas freqüentemente tropeçam. No texto de Isaías 49 citado acima, há quase que uma situação paralela ao texto de Jeremias. Depois de dizer que Deus conduz aqueles que ele restaura aos “mananciais das águas! (v.10), o mesmo texto também fala no verso 11: “Transformarei todos os meus montes em caminhos, e as minhas veredas serão alteadas.” Tudo seria aplanado, isto é, tornado reto, sem ondulações e sem curvas.

A idéia que podemos retirar da restauração do povo é a de que o Senhor haveria de tornar reto o caminho deles, guiando-os pelo caminho plano. Nunca mais haveriam de trilhar caminhos tortuosos. Apenas trilhariam caminhos de retidão.

Jesus Cristo veio exatamente para fazer isto conosco. João Batista veio primeiro para “preparar os caminhos do Senhor, endireitando nos lugares ermos as veredas do nosso Deus” (Is 40.3). Então, o profeta continua, dizendo: “todo vale será aterrado, e nivelados todos os montes e outeiros. O que é tortuoso será retificado, e os lugares escabrosos, aplanados” (Is 40.4). O que está dito no profeta Isaías é exatamente o que o profeta Jeremias prometeu que Deus faria aos que ele estava restaurando: “guiá-los por caminho reto”, por vereda aplanada, sem caminhos tortuosos. Deus não permite mais que seus resgatados andem como dantes. Agora, ele os conduz a caminhos nunca dantes trilhados por eles próprios. Somente seus antepassados haviam conhecido esse caminho, como povo. Agora, o povo de Deus pode trilhar, por causa de Jesus Cristo, os caminhos de retidão.

Quando Deus nos conduz a caminhos retos, é sinal que a Providência não quer que nos percamos.

Veja o motivo da direção divina

Deus guiou o seu povo “aos ribeiros das águas” e o guiou “por caminho reto” porque ele possuía uma razão muitíssimo forte dentro de si. Ele chama-se a si mesmo de “*Pai para Israel*” e chama, Efraim de “meu primogênito.”

No mesmo capítulo do nosso texto básico, Deus teve revelado uma predileção especial por Efraim, seu filho, e expressando-se numa confissão de amor: “Não é Efraim meu precioso filho? Pois tantas vezes quantas fala contra ele, tantas vezes ternamente me lembro dele; comove-se por ele o meu coração, deveras me compadecerei dele, diz o Senhor” (Jr 31.20). Deus havia gerado o seu filho, a Israel, a quem ele chama de Efraim. Este havia se apartado do Senhor, e não mais deveria ser tratado como filho. O Senhor muitas vezes falou contra ele, mas o coração amoroso de Deus se inclinou para o seu filho. Deus acabou se compadecendo de Efraim como um pai se compadece do filho que ama (Sl 103.13).

Deus é o nosso Pai celestial e, mesmo a despeito de nossa rebeldia e ingratidão (com a conseqüente disciplina), ele nos restaura para si. Ele nos conduz a águas tranqüilas e nos leva para veredas planas simplesmente porque ele é nosso Pai e se compadece de nós, tem um amor eterno que não desiste mesmo a despeito de nossa ingratidão. Por isso, com benignidade ele nos atrai para si. Esse é exatamente o ensino do Pai amoroso, conforme nos informa o profeta (Jr 31.3). Bendito amor do Pai que nos aproxima de si e nos guia e dirige a nossa vida por veredas planas e às fontes das águas!

Que seus servos sejam salvos

Análise de Texto

Is 42.16 – “*Guiarei os cegos por um caminho que eles não conhecem, fá-los-ei andar por veredas desconhecidas; tornarei as trevas em luz perante eles, e os caminhos escabrosos, planos. Estas cousas lhes farei, e jamais os desampararei.*”

O contexto deste verso de Isaías 42.16 revela o desabafo divino onde ele se propõe a salvar o seu povo depois de deixá-lo longo tempo em cegueira espiritual. Muitos israelitas ainda continuariam sem ver nada, mesmo tendo olhos, e não ouviriam nada mesmo tendo ouvidos (v.18-20).

Todavia, a menção do verso 16 nos faz pensar numa ação soteriológica de Deus. Primeiramente, o Senhor exorta ao povo que lhe cante um cântico novo (v.10), o que indica um aspecto redentor, pois somente os remidos é que possuem esse tipo de cântico em seus lábios. Ao mesmo tempo em que o Senhor vai redimir o seu povo, ele resolve por um fim nos inimigos e na terra deles (v.12-15). Então, o Senhor começa a mostrar a sua obra redentora, dirigindo o seu povo para o caminho da luz.

Veja os movimentos diretivos divinos com relação aos que ele estava para salvar:

Os cegos seriam guiados por um caminho desconhecido

Os caminhos por onde Deus haveria de guiá-los seriam totalmente desconhecidos deles. Nunca dantes eles andaram nesses caminhos. As

veredas seriam totalmente desconhecidas deles. O que essas coisas significam? Eles haveriam de andar no caminho da retidão, um comportamento desconhecido deles até então; eles haveriam de andar num caminho de vida, uma realidade desconhecida deles até então; eles haveriam de andar no caminho da paz, uma vereda desconhecida até então; eles haveriam de trilhar o caminho que é Jesus, um caminho desconhecido até então.

Todas as veredas que os cegos haveriam de caminhar possuem um tom de desconhecimento e, ao mesmo tempo, de encantamento. Os comportamentos que eles haveriam de Ter eram estranhos à velha vida deles. Tudo haveria de ser absolutamente novo para aqueles que o Senhor dirige.

Foi exatamente isso que aconteceu com Paulo. Depois da visão de Damasco todas as coisas passaram a ser novas para aquele que antes não enxergava. Ele foi guiado por caminhos desconhecidos e estranhos, mas as coisas começaram a fazer sentido para ele. Eram caminhos de vida (comunhão com Deus), caminhos de paz com Deus, caminhos de retidão, coisas outrora desconhecidas de Paulo. Quando ele aquele que era “o caminho”, ele conheceu novos caminhos. Antes ele perseguira os seguidos “do caminho”. Agora, passava a andar os mesmos caminhos daqueles a quem perseguia. Esses caminhos eram, outrora, desconhecidos dele, mas o Senhor o guiava esses novos caminhos.

Os caminhos deles iriam ser cheios de luz

Os homens sempre andaram em trevas. Essa é a condição com a qual vêm ao mundo. Ninguém nasce na luz. Por essa razão, o caminho deles é de escuridão. Jô diz que os ímpios “nas trevas andam às apalpadelas, sem terem luz, [e Deus] os faz cambaleiar como ébrios” (Jô 12.25). Pior do que isso, eles “de dia encontram as trevas; ao meio-dia andam como de noite, às apalpadelas” (Jô 5.14). Todos os homens naturais andam cegados pelos seus próprios pecados e também pela operação do Maligno em suas vidas. Eles não tem condições de enxergar o caminho de Deus, nem de andar por ele. Os caminhos de Deus estão encobertos para eles. Por essa razão, Paulo diz “o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o que é a imagem de Deus” (2 Co 4.3).

No entanto, Deus disse que iria mudar a cosmovisão deles “tornando as trevas em luz perante eles”. Quando a luz chega toda a perspectiva muda. Eles passariam a ver o mundo, Deus, os homens, o pecado, a ética, e várias outras coisas importantes, de um modo diferente, do modo como os genuínos cristãos vêem.

Através da obra regeneradora do Espírito Santo, os homens passam a ter a luz de Deus que os faz enxergar claramente os caminhos de Deus. O que era escuridão para eles passa a ser claridade. Aquilo que era estranho passa a ser familiar; aquilo que era inimizade, passa a ser amizade. Sempre acontece dessa forma quando alguém passa das trevas para a luz — essa é a nova criatura, para a qual todas as coisas antigas já passaram.

É dessa forma que Deus dirige os seus a fim de que eles venham obter a salvação e a vida eterna.

Os caminhos deles iriam ser aplanados

Depois de terem a luz guiando os seus caminhos, eles já não mais tropeçariam como faziam antes. Os caminhos todos seriam aplanados. Isso não quer dizer que não enfrentariam dificuldades, mas agora eles haveriam de enxergar os caminhos claramente e esses mesmos caminhos pareceriam planos, sem dificuldade para serem vencidos, porque a luz de Deus estaria sobre eles.

Antes de vir a luz, os caminhos de Deus pareciam totalmente impraticáveis, impossíveis de serem trilhados. As veredas da justiça pareciam loucura aos olhos dos cegos. Todavia, quando a luz entra, esses caminhos passam a ser perfeitamente transitáveis. O jugo outrora impossível de ser levado, agora passa a ser suave, o fardo leve. Tudo por causa da luz que tornou os caminhos impossíveis em veredas com dificuldades transponíveis. Agora para eles, os caminhos outrora desconhecidos e escuros, são caminhos aplanados, como se não possuíssem dificuldades.

No capítulo seguinte, Deus fala a esse povo que ele resolve salvar: “Quando passares pelas águas eu serei contigo; quando pelos rios, eles não te submergirão; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti.” Quem fala estas coisas a essas pessoas? Ele a si mesmo se chama de “o Senhor teu Deus, o Santo de Israel, o teu *Salvador* (Is 43.2-3). Isto quer dizer que essas pessoas a quem Deus resolveu guiar salvadoramente, haveriam de enfrentar problemas e dificuldades, nos seus caminhos, mas seriam guiados e protegidos por Deus nesse caminho de redenção.

Deus é que passa, agora, depois de lhes dar a sua luz, a guiá-los por esses caminhos de vida, caminhos de retorno do cativeiro, caminhos de salvação! Caminhos outrora intransponíveis, agora podem ser trilhados com a luz diretiva de Deus!

Os caminhos deles nunca seriam abandonados

A última verdade deste texto é que aqueles a quem Deus dirigiu por caminhos desconhecidos; aqueles a quem Deus deu luz nos caminhos que eram trevas; aqueles que tiveram os seus caminhos aplanados, nunca mais seriam desamparados. Em outras palavras, jamais eles haveriam de voltar aos caminhos de trevas e aos caminhos tortuosos. Antes eles andaram por esses caminhos porque foram ali deixados por Deus. Agora que Deus prometeu salvá-los, prometeu também que nunca mais haveriam de trilhar os velhos caminhos.

Em misericórdia bondosa Deus prometeu que nunca mais os abandonaria; jamais seriam desamparados. É nesse sentido que a misericórdia de Deus é eterna. Aqueles em quem Deus botou o coração jamais são abandonados dele. Bendito seja Deus porque a sua misericórdia dura para sempre e porque ele nunca abandona aqueles que são seus!

Este é o tema dos versos de Lucas abaixo, que também mostram como Deus guia o caminho do seu povo para caminhos de salvação:

Análise de Texto

Lc 1.78-79 – “graças à entranhável misericórdia de nosso Deus pela qual nos visitará o sol nascente das alturas, para alumiar os que jazem nas trevas e na sombra da morte, e *dirigir os nossos pés pelo caminho da paz.*”

Há algumas verdades simples nestes dois versos do cântico de Zacarias que possuem uma conotação altamente soteriológica. Neles Deus é apontado com aquele que dirige os pés daqueles a quem ele está para salvar. Vejamos o desenvolvimento desse verso:

Os homens dirigem seus caminhos em trevas

Os versos acima falam que os homens trilham caminhos tenebrosos. Eles “*jazem em trevas*”. A idéia dessa expressão é a de que eles vivem em trevas. Eles não são capazes de, por si mesmos, trilhar um caminho reto. “Trevas” aqui pode ser entendido como ignorância, como corrupção moral e suas conseqüências óbvias. Eles não possuem olhos para ver as verdades de Deus.

Os homens dirigem seus caminhos que são de morte

O texto repete a mesma idéia anterior, dizendo que os homens “*jazem...na sombra da morte*”. Essa expressão é uma espécie de paralelismo daqueles que possuem uma mentalidade hebraica (que é o caso de Lucas), onde as idéias são repetidas com expressões diferentes. Esta expressão é muito usada no Antigo Testamento e significa andar em trevas muito profundas. Por essa razão, disse o salmista, “ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte” (isto é, o vale de escuridão) “eu não temerei mal algum porque tu estás comigo” (Sl 23.4). A diferença entre o pastor Davi e os homens naturais é que Davi tinha a direção e companhia divina na escuridão. Por isso ele não tinha medo. Diferentemente, os homens naturais, no meio dessa sombra de morte, andam sem Deus e sem esperança neste mundo tenebroso.

Deus dirige o caminho dos homens para a paz

Na mentalidade dos hebreus “andar nos caminhos da paz” é uma maneira sintética de falar do bem-estar completo que alguém pode possuir.³⁶

Os caminhos para os quais o Senhor dirige aqueles que estão para ser salvos são caminhos aplanados, “porque os seus caminhos são caminhos deliciosos, e todas as sua veredas paz” (Pv3.17). Os caminhos de paz não significam ausência de beligerância, mas a presença de um repouso interior que nenhuma confusão havida neste mundo pode tirar daqueles que os trilham. Verifique esse tipo de caminhos de paz no ensino de Jesus quando disse “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou. Não vo-la dou como o mundo a dá” (Jo 14.27). A paz dos caminhos de Deus é diferente em natureza da paz provinda do mundo. A paz do mundo é *Pax Romana*, onde a força de um império traz equilíbrio entre as nações. A paz de Cristo é o descanso no meio da tribulação. Os caminhos para os quais Deus nos dirige os passos são caminhos com ondulações, solavancos e pressões, mas nada disso perturba

³⁶ G. R. Bliss, *El Evangelio Segun Lucas*, da série *Comentario Expositivo Sobre El Nuevo Testamento*, tomo II (El Paso, Texas: Casa Bautista de Publicaciones, 1966), 225.

os transeuntes de Deus. Por isso é que eles são chamados caminhos de paz e, ao mesmo tempo, de caminhos deliciosos!

Deus dirige o nosso caminho com a luz de Jesus

Qualquer coisa que Deus venha a fazer por nós tem que ter como base os méritos de Jesus Cristo. Nada do que Deus faz por nós ou nos dá é à parte de Jesus Cristo. Deus nem mesmo nos dirige os passos para o caminho da paz sem que seja por algo que Jesus tenha feito.

A fim de que pudesse conduzir-nos para os caminhos de paz, Deus enviou-nos o Sol da Justiça (Ml 4.2), que Zacarias chamou de “*sol nascente das alturas*”. Isso significa que a luz vem de cima; significa que ele nasce ou brilha dentro de nós”, de forma que os nossos caminhos fiquem alumizados, e possamos enxergar por onde andamos. A idéia de “alumiar” é a de que o “sol nascente” dissipa as trevas do mundo moral e espiritual, fazendo os homens enxergarem o que antes não enxergavam.

Assim como a alva é ocasionada pelo aparecimento do sol, a luz em nossa vida aparece quando Jesus Cristo brilha em nós, tornando claros os nossos caminhos. Não há metáfora mais bonita para expressar os caminhos de salvação do que a idéia do “sol nascente das alturas”, Jesus Cristo vindo ao mundo para fazer brilhar os nossos caminhos!

Deus dirige o nosso caminho em misericórdia

O sacerdote Zacarias fala das “*entranháveis misericórdias de Deus*”. A palavra “entranháveis” tem a ver com as entranhas, as partes mais interiores do ser humano, que é o coração. Na mentalidade hebraica, o coração é o órgão central e mais interior da alma humana. Esse é o sentido metafórico dessa palavra. “Misericórdias entranháveis” são as misericórdias nascidas nas profundezas de Deus e derramadas sobre os homens, tendo sua expressão máxima em Cristo Jesus.

Deus dirige-nos para os caminhos da paz devido a essa misericórdia de suas entranhas, que são misericórdias profundas. Porque Deus é misericordioso, ele não nos destrói. Ao contrário, ele nos segura pela mão e nos dirige os passos, a fim de que sigamos os caminhos da paz.

DEUS DIRIGE OS MINISTÉRIOS DOS DO SEUS SERVOS

A direção divina tem sido uma herança que os servos de Deus têm recebido dele. Todos os homens úteis na igreja de Cristo recebem a direção divina. Os grandes líderes (servos) do povo de Deus têm sido contemplados com a companhia divina na realização de seus ministérios. Todos eles haveriam de testemunhar da direção divina em suas vidas.

Quando me refiro a ministérios estou querendo dizer do serviço que alguém presta no corpo de Cristo no exercício da vocação (no AT) e no exercício dos dons espirituais (no NT). O ministério tem a ver com o lugar e com as pessoas onde a vocação e os dons são exercidos.

Abaixo seguem apenas alguns exemplos ilustrativos da direção que Deus dá àqueles que ele dotou para servirem no corpo do seu Filho Jesus Cristo, a igreja.

Deus dirigiu o ministério de Josué

Análise de Texto

Js 1.1-5, 9 – “(1) Sucedeu depois da morte de Moisés, servo do Senhor, que este falou a Josué, filho de Num, servidor de Moisés, dizendo: (2) Moisés, meu servo, é morto; dispõe-te agora, passa este Jordão, tudo e todo este povo, à terra que eu dou aos filhos de Israel. (3) Todo lugar que pisar a planta do vosso pé vo-lo tenho dado, como eu prometi a Moisés. (4) Desde o deserto e do Líbano, até ao grande rio, o rio Eufrates, toda a terra dos heteus, e até ao Grande Mar para o poente do sol, será o vosso termo. (5) Ninguém te poderá resistir todos os dias da tua vida; *como fui com Moisés, assim serei contigo*: não te deixarei nem te desampararei... (9) Não to mandei eu? Se forte e corajoso; não temas, nem te espantes, porque o *Senhor teu Deus é contigo, por onde quer que andares.*”

Josué é um exemplo típico de um servo que recebeu a companhia divina que o guiou em todos os dias da sua vida como administrador do povo de Israel durante sua entrada na terra e nos primeiros anos de seu estabelecimento ali. Deus havia guiado Moisés. Agora, Deus promete ser com Josué como havia sido com Moisés.

Josué foi vitorioso por causa da companhia divina

O texto citado acima diz que “*ninguém te poderá resistir todos os dias da tua vida*”. Não havia adversários à altura de Josué. Isso não significa que ele simplesmente era habilidoso na guerra ou que ninguém conseguia derrotá-lo num duelo. Ao contrário, ele era um homem comum, que carecia da assistência diretiva de Deus. Jamais seria um vencedor não fora a companhia de Deus com ele. Por isso que o texto completa dizendo: “*como fui com Moisés, assim serei contigo*: não te deixarei nem te desampararei”. Deus havia dirigido Moisés em todo o seu ministério de legislador, governador e profeta do seu povo. Por essa razão, ele conquistou toda a terra em que pisou, sendo vitorioso sobre todos os exércitos dos inimigos que habitavam a terra.

Essa mesma companhia diretiva de Deus é que seria a causa da vitória de Josué. Quando Deus vocacionava uma pessoa no Antigo Testamento, ele permanecia na companhia dela o tempo todo do exercício da vocação, e isto dava a vitória na ministério dos seus servos. O mesmo acontece no período do Novo Testamento. Quando Deus dota uma pessoa para servir no seu corpo, ele não deixa nem desampara o seu servo. Ele é o Deus-presente que orienta os seus filhos no cumprimento dos ministérios deles.

Josué foi vitorioso porque Deus é fiel na sua promessa de companhia.

Deus não é um ser mutável como as suas criaturas. Ele é absolutamente fiel nas suas promessas. Se ele prometeu a Josué que seria a sua companhia “*por onde quer que ele andasse*”, nunca Deus iria falhar nessa promessa. Ao final de seu ministério como servo do Altíssimo, ele convoca a congregação de Israel e dá testemunho da fidelidade das promessas de Deus na sua vida e na vida do povo. Quando estava para morrer, disse:

Js 23.14 – “Eis que já hoje sigo pelo caminho de todos os da terra; e vós bem sabeis de todo o vosso coração, e de toda a vossa alma, que nem uma só promessa caiu de todas as boas palavras que falou de vós o Senhor vosso Deus: todas vos sobrevieram, nem uma delas falhou.”

Josué e o povo haviam entrado na terra e fincado os pés nela por causa da fidelidade das promessas divinas. Deus nunca deixou de guiar os seus servos nas suas tarefas. Onde quer que tenha andado Deus esteve com ele. A direção divina foi uma constante na vida de Josué. Nunca Josué ficou desamparado da companhia divina e, por essa razão, foi vitorioso Josué no seu ministério.

Deus dirigiu o Ministério de Ananias

O exemplo da direção divina no ministério de Ananias é bastante extraordinário no sentido de ser fora do comum. Ele está registrado em Atos 9.10-19.

Análise de Texto

O Senhor se adianta a Paulo e chega primeiro do que ele em Damasco, fazendo todos os preparativos para que Paulo seja recebido devidamente. Jesus Cristo apareceu a Ananias e o chamou pelo nome. Ao que parece, Ananias já conhecia quem o chamava pelo nome, pois respondeu sem relutar “Eis-me aqui, Senhor.” (v.10).

Deus dirigiu Ananias, um homem sem importância (v.10)

É óbvio que Paulo fazia parte do processo da história redentora de Deus para a vida de toda a sua igreja. Ele seria o veículo através do qual a revelação divina viria a muitos cristãos, mas quem era esse Ananias que ministrou a Paulo? Um discípulo obscuro ali na cidade de Damasco, na Síria. O óbvio seria que um dos grandes de Jerusalém recebesse a Paulo, como Pedro ou João, apóstolos de Cristo. Todavia, coube a esse desconhecido discípulo o privilégio de ser dirigido por Deus para introduzir Paulo nos primeiros passos do caminho da fé.

Todavia, é admirável ver como Deus dirigiu Ananias, um homem sem qualquer expressão na igreja apostólica, para ministrar a Paulo. Era um discípulo humilde, um homem devoto à lei, segundo os habitantes da cidade. A única outra referência a Ananias é a que o próprio Paulo dá, quando recorda a ministração que ele lhe havia feito. Nada mais (At 22.12-16).

A economia divina, em sua direção providencial, sempre faz cousas grandiosas através de vasos de barro, vasos sem muita honra, pessoas comuns como Ananias. A direção divina não é sempre feita a pessoas de grande destaque na vida do seu povo. Muitos pequeninos são objetos da direção divina para Deus executar grandes coisas. Ananias é um desses.

Deus dirigiu Ananias através de uma Visão (v.10)

Este não é o método usual de Deus dirigir os seus servos a respeito dos seus ministérios. Mas esse tempo ainda era tempo da revelação especial

de Deus, pois Paulo haveria de ser o maior pregador e mestre da igreja cristã.

A direção através da visão tinha que acontecer para convencer Ananias da sua tarefa. Houve resistência da parte de Ananias, a princípio. Ele não se sentiu confortável em receber Paulo como irmão, pois as informações recebidas dos atos de Paulo não o recomendavam (v. 13-14). Todavia, Deus o convenceu de que Paulo era um “vaso escolhido para o seu nome aos gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel” (v.15). Apesar das objeções de Ananias com respeito à pessoa de Paulo, Deus o dirige de maneira inequívoca para que ele realize a sua função de receber Paulo, impondo-lhe as mãos e curando-o da sua enfermidade (v.17).

Deus dirigiu Ananias numa ordem expressa

Não foi apenas uma visão que Ananias contemplou e depois a descreveu. Foi uma visão com o aparecimento de Jesus Cristo a ele que se lhe dirigiu numa forma imperativa. O verso 11 diz que Jesus Cristo “lhe ordenou: Dispõe-te e vai...”

Não era apenas uma sugestão do Senhor, mas sua ordem era um imperativo categórico, sem a possibilidade de ser questionado na sua ordem.

Dispõe-te – A idéia é de “levanta-te”, “prepara-te”. Ananias precisava estar apto para fazer aquela tarefa. A tarefa veio a ser difícil porque Jesus Cristo sabia das objeções de Ananias, certamente. Ele precisava se refazer do “susto” da visão e aprontar-se mental e psicologicamente para dirigir-se a Paulo e chamá-lo “irmão” (v.17).

Vai – Essa palavra é repetida no verso 15, pois Ananias estava pondo obstáculos à sua ida a Paulo. Ananias sabia muito bem quem Paulo era. Ele já havia ouvido informações a respeito da violência de Paulo aos santos em Jerusalém (v.13). Paulo estava agora perseguindo os cristãos ali nas proximidades de Damasco (v.14). Um comentarista foi ao ponto de ver a relutância e Ananias num possível ódio que Paulo já houvera nutrido por Ananias: “Talvez, algum dia, na presença do Senhor, quando todas as coisas escondidas se tornarão manifestas, possamos perceber que o ódio de Saulo era dirigido especialmente contra Ananias, que deve ter sido o líder da Assembléia de Damasco. Saulo tinha estabelecido prender Ananias e todos quantos se chamam pelo nome do Senhor, e colocá-los todos na prisão. Mas agora Ananias ouve que ele é quem deve ir a Saulo e procurar por ele., que tinha vindo pegá-los e persegui-los.”³⁷ Nesse caso, os papéis foram invertidos.

Por isso, caro custou para Ananias entender que Deus havia mudado o Saulo em Paulo, transformando a sua vida, agora “sendo um vaso escolhido”.

A ordem de Deus para Ananias era categórica e este não teve como relutar mais e foi ao endereço dado por Deus e fez tudo quanto Deus lhe mandou.

Deus dirigiu Ananias completamente (v.11-12)

Os passos de um homem justo são ordenados, firmados e dirigidos por Deus (Sl 37.23). Ananias era um homem justo e a ele Deus dirigiu de um

37 Arno C. Gaebelin, *The Acts of the Apostles* (New Jersey: Loizeaux Brothers, 1961),177.

modo completo naquele passo mais importante do seu ministério: introduzir Paulo no caminho do apostolado.

Deus deu todas as indicações necessárias para que Ananias encontrasse Saulo. O endereço e as informações de fichário foram completos:

Deus deu o nome da pessoa a ser procurada (Saulo).

Ananias já havia ouvido falar de Saulo anteriormente, mas Jesus não queria que ele pensasse que era outra pessoa. Jesus estava apontando para Ananias o objeto da sua graça. Ananias foi dirigido por Deus a procurar o inimigo do evangelho, que agora havia sido atingido pela graça.

Deus deu a origem de Saulo (de Tarso).

Para que não houve dúvida na mente de Ananias, Jesus Cristo disse: “É o Saulo de Tarso mesmo! Não é outro. É o perseguidor da igreja, Ananias”. Ananias foi dirigido de tal forma que ele não poderia nunca procurar um outro homem.

Deus deu o nome da rua onde Saulo seria encontrado (rua Direita).

Deus deu o endereço completo para que Ananias não errasse. Deu-lhe o nome correto da rua, que nessa época não usava número. Apenas o ponto de referência foi dado: era a casa ou o ponto comercial de alguém. Pois também isto não faltou na informação.

Deus deu o nome do hospedeiro de Paulo (Judas).

Provavelmente Judas era dono de algum tipo de hospedaria e que recebia qualquer tipo de pessoas, inclusive alguém que andava prendendo e arrastando pessoas violentamente pela sua sanha assassina. Não há indicação de que esse Judas fosse discípulo, mas possivelmente um comerciante no ramo de hotelaria da região. Não obstante, Jesus o citou pelo nome. Deus dirigiu Ananias de tal forma que ele não errasse nem o nome do dono da hospedaria.

Deus dirigiu Ananias dando-lhe informações sobre Paulo

Deus informou a Ananias que Saulo estava orando (v.11)

A direção divina foi tanta que já deu uma indicação de que alguma coisa diferente havia acontecido àquele homem. Era uma indicação de que uma vida nova estava começando a manifestar-se em Paulo. Somente um homem crente poderia orar da forma como Saulo estava fazendo. Era uma indicação para desarmar Ananias e tirá-lo da sua indisposição contra Saulo.

O Paulo que Ananias conhecia era inimigo do Evangelho, mas o Paulo que Jesus estava apresentando era um outro homem.

Deus informou a Ananias o que Paulo iria ser (v.15)

A providência diretiva de Deus foi sábia para tornar mais fácil a tarefa para Ananias. Provavelmente, Ananias curti algum tipo de repulsa para com aquele homem a quem devia se dirigir. Para dirimir dúvidas, Jesus Cristo dá algumas “dicas” do que ele haveria de fazer com Saulo. A fim de deixar Ananias tranqüilo e pronto para exercer o seu ministério, Jesus Cristo deixou claro para ele quem Paulo viria a ser: o grande embaixador do cristianismo perante gentios e autoridades constituídas.

Deus informou a Ananias o que Paulo estava para sofrer (v.16)

Deus ainda informou Ananias que Paulo iria enfrentar grande oposição pelo fato de ser embaixador no lugar de Cristo. Da condição de perseguidor passaria para a condição de perseguido. Agora, a razão da sua perseguição seria o seu amor a Cristo e o seu testemunho sobre ele.

Somente depois de toda essa direção divina é que Ananias veio e ministrou a Paulo, conforme o Senhor lhe ordenara anteriormente. Verifique o que Ananias fez a Paulo nos versos 17-18. Ele o chamou de irmão, impôs as mãos sobre ele, e lhe contou que o mesmo Senhor que lhe havia aparecido no caminho de Damasco, o havia enviado para que o servisse naquela hora.

Deus dirigiu Ananias e Paulo igualmente

A direção divina neste caso aqui tem duas mãos, não sendo unilateral. Não somente Ananias foi dirigido para procurar Paulo, mas Paulo foi avisado da vinda de Ananias (antes mesmo de Deus falar a Ananias) e o viu entrando na sala para impor-lhe as mãos (At 9.10-12). Deus informou a Ananias o que estava se passando do outro lado, isto é, na mente de Paulo. Ele disse a Ananias que Paulo já estava ciente do que haveria de acontecer com ele através de um homem chamado Ananias (v.12).

Deus deu a conhecer ambos o que estava se passando do outro lado. A direção do Senhor foi tanto para o ministrador como para aquele que estava sendo ministrado.

Deus dirigiu o ministério de Filipe

Filipe era dotado por Deus com um dom muitíssimo necessário para o crescimento numérico da igreja. Ele possuía o dom de evangelista. O texto de Atos 8 mostra o ministério evangelístico de Filipe.

Primeiramente, Filipe aparece anunciando Cristo na cidade de Samaria (At 8.5). A prova de que ele era dotado para aquela tarefa está no fato de Deus abençoar sobremaneira o seu trabalho. O texto diz que “multidões atendiam, unânimes, às cousas eu Filipe dizia (At 8.6). É hábito de Deus abençoar aqueles a quem ele dota, no exercício do seu ministério.

Segundo, Filipe agora aparece sendo dirigido de maneira clara para que exercesse o seu dom com uma pessoa específica:

Análise de Texto

At 8.26, 39-40 – “(26) Um anjo do Senhor falou a Filipe, dizendo: Dispõe-te e vai para a banda do sul, no caminho que desce de Jerusalém a Gaza; este se acha deserto. Ele se levantou e foi.... (39) Quando saíram da água o Espírito do Senhor arrebatou a Filipe, não o vendo mais o eunuco; e este se foi seguindo o seu caminho, cheio de júbilo. (40) Mas Filipe veio a achar-se em Azoto; e, passando além, evangelizava todas as cidades até chegar a Cesaréia.”

Observe os passos da direção divina para Filipe:

Deus dirigiu Filipe através da mensagem de um anjo (v.26)

A direção divina foi dada através de um anjo, provavelmente numa visão ou num sonho durante a noite. Todavia, não há nada que impeça de um anjo tomar alguma forma visível e Ter aparecido a ele, como ocorreu em outras ocasiões na Escritura.

Afinal de contas, os anjos de Deus são mensageiros e ministros de Deus para servir os que vão herdar a salvação (Hb 2.14), e eles não precisam aparecer somente em sonhos ou visões, mas podem perfeitamente ser vistos pelos homens quando tomam alguma forma visível.

Os anjos nunca foram comissionados para pregar o evangelho, mas eles foram comissionados para trazer mensagens aos ministros da Palavra, a fim de que pudessem fortalecê-los e orientá-los.

Nós não precisamos esperar este tipo de mensageiros hoje, porque não é mais da administração divina que isto aconteça, mas a Providência nos dirige dando-nos convicção sobre onde devemos exercer os nossos ministérios, de acordo com os nossos dons espirituais.

Deus dirigiu Filipe apontando-lhe o caminho a seguir (v.26)

Filipe estava em Samaria, na região central da Palestina, pregando o evangelho, juntamente com Pedro e João, nas aldeias dos samaritanos (At 8.25). Agora, o Senhor resolve dirigir Filipe para uma região mais ao sul.

Esta ordem de Deus a Filipe nos mostra que é ele quem dirige os seus servos no estabelecimento dos limites da pregação da Palavra. É Deus quem remove um pregador de um lugar e o leva para outro, a fim de que os seus propósitos salvadores se estendam por outras plagas.

O caminho de Jerusalém a Gaza era o caminho percorrido por aqueles que vinham do norte da África para Israel e vice-versa. Era a estrada que cortava o deserto da Judéia. Todavia, Deus dirige Filipe até aquele lugar deserto, pois o seu ministério evangelístico tinha que ser com um homem específico. Ali, Filipe iria encontrar um viajor, que acabara de adorar em Jerusalém, e estava de volta para casa (v.27-28). Filipe não se demorou. O texto diz que ele “levantou-se e e foi” (v.26).

Freqüentemente, Deus concede oportunidades únicas aos seus servos para que eles ministrem de acordo com seus dons.

Deus dirigiu Filipe indicando-lhe o homem a ser evangelizado (v.29)

Houve uma direção muito clara sobre o seu ministério. Deus queria que a Etiópia conhecesse o evangelho. Então, ele comissionou Filipe especialmente para evangelizar apenas um homem. Nas outras ocasiões Filipe foi evangelista de massas. Agora, um evangelista pessoal. Veja a orientação divina para Filipe:

O homem apontado era um estrangeiro (v.27)

O homem era da Etiópia, um país localizado abaixo do Egito, quase na África central, que havia viajado muito para chegar a Jerusalém. A grande comissão começava a ser posta em prática. A pregação do evangelho começava a atingir aos estrangeiros. A noção de que os gentios também

haveriam de fazer parte da igreja estava no seu processo de iniciação. Os “confins da terra” começavam a ouvir do evangelho. Era para lá que o eunuco se dirigia. Filipe foi o grande instrumento do começo da universalização do evangelho.

O homem apontado era importante (v.27b)

O homem apontado por Deus era um alto oficial de Candace, rainha dos etíopes. Há quem diga que Candace era a rainha que ocupava o trono da antiga Rainha de Sabá, que era chamada de “a rainha do sul” (Mt 12.42). A Etiópia, provavelmente, era um país governado por rainhas.

O eunuco de Candace era um homem importante do setor financeiro da Etiópia, altamente respeitável, de grande qualidades morais. Talvez por isso tenha sido eunuco, um homem sem manchas morais na corte etíope, coisa rara. Além disso, ele possuía a chave de todos os tesouros do seu país. Ele superintendia todas as transações financeiras da Etiópia (v.27). Certamente, ele era um homem digno de confiança da soberana.

É curioso que Filipe foi dirigido a evangelizar um nobre, um dos poucos poderosos do mundo a quem a graça atingiu (1 Co 1.26). Deus dirige os seus servos a que ministrem também a camadas altas da sociedade, não somente às baixas. Eles são tão carentes da pregação do evangelho quanto os pequenos e os pobres da sociedade. Isso mostra que o amor salvador de Deus inclui gente de todas as classes.

O homem apontado era religioso (v.27c)

Ele era um prosélito da fé judaica. Certamente, ele havia adquirido alguns costumes judaicos, como as orações e a celebração das festas judaicas. Provavelmente, de tempos em tempos, ele vinha a Jerusalém para adorar ao Deus de Israel, mas não conhecia a salvação de Cristo Jesus. Então, Filipe lhe apresentou Cristo explicando-lhe o texto de Isaías que ele estava lendo no caminho de volta à sua terra. O resultado foi que esse homem religioso, mas sem Cristo, acabou voltando para sua terra com Cristo em sua vida, tendo sido iluminado pela graça divina para entender agora, as coisas que acabara de ler (At 8.30-38).

Isso nos mostra que pessoas religiosas também precisam desesperadamente do conhecimento de Cristo. Pessoas que adoram a Deus necessariamente não são salvas. Os gregos de Atenas adoravam a Deus sem conhecer (At 17.23), mas não eram salvos.

Se Deus dirige você para evangelizar os religiosos (e o nosso país está cheio deles), não hesite! Obedeça como Filipe e você será participante da grande obra de evangelização do mundo!

Deus dirigiu Filipe de um modo imediato (v.39-40)

Na primeira vez, acima, Deus dirigiu Filipe através de um anjo. Agora, desta vez, Deus o dirige de modo imediato, isto é, sem o uso de meios. Logo após o batismo do eunuco de Candace, houve um fenômeno absolutamente sobrenatural na vida desse evangelista. De repente, Filipe foi separado do eunuco, num piscar de olhos, antes mesmo que pudessem se despedir um do outro. Filipe nem mesmo teve tempo de dar outras instruções ao neo-

convertido, como é próprio de todos os ministros da Palavra. Deus o estava dirigindo para que ele exercesse o seu ministério em outro lugar.

O texto diz que “*o Espírito do Senhor arrebatou a Filipe, não o vendo mais o eunuco*” (v.39). Ele foi elevado de maneira súbita para os ares e transportado para uma outra região. É curioso que o verbo grego traduzido como “arrebatou” é o mesmo usado por Paulo para descrever o arrebatamento da igreja que ocorrerá quando da vinda de Cristo (1 Ts 4.17). O que aconteceu a Felipe foi algo repentino e ele foi sacado do lugar onde estava e transportado para outro. O texto da Escritura diz que “*Filipe veio a achar-se em Azoto*” (v.40).

Seja como for, o importante para os nossos propósitos não é sobrenaturalidade do transporte de Filipe, mas mostrar que, às vezes, o Senhor agiu de modo imediato para dirigir os seus ministros da Palavra, a fim de que eles pudessem cumprir propósitos extraordinários de Deus na pregação da Palavra. Deus trabalhou imediatamente em Filipe para que algumas cidades, outrora filistéias, na região de Azoto, pudessem conhecer a mensagem do evangelho pelo ministério de Filipe. O texto diz que Filipe não perdeu tempo. De volta para a cidade de Cesaréia, Filipe “evangelizava todas as aldeias” (v.40).

Temos de admitir que esse modo imediato de Deus trabalhar não é comum nos dias de hoje. Contudo, onde quer que Deus nos coloque para ministrar, não podemos perder a oportunidade de servir os que necessitam da Palavra de Deus. A sua providência pode dirigir-nos até de modos estranhos aos padrões habituais, mas sempre devemos estar prontos para “portar-nos com sabedoria para com os que são de fora, aproveitando as oportunidades” (Cl 4.5). Filipe fez exatamente isso, debaixo da direção de Deus!

Deus dirigiu o Ministério de Pedro

Análise de Texto

Este exemplo da direção divina está registrado em Atos 10.1-22.

Deus dirigiu Pedro e Cornélio igualmente

Como no caso de Ananias e Paulo, estudado acima, a direção divina foi uma espécie de estrada com duas mãos. A direção divina não ficou exclusivamente para Pedro, mas também para Cornélio. A instrução foi nas duas vias: primeiramente Deus dirigiu Cornélio e, no dia seguinte, dirigiu Pedro. O evangelizando, depois o evangelizador.

Deus dirigiu a ambos através de visões

O anjo do Senhor apareceu primeiro a Cornélio, por volta das três da tarde (hora nona), que era um dos períodos de oração dos judeus. No dia seguinte, Pedro teve uma visão por volta do meio-dia, enquanto subia ao eirado para orar.

Nos dois casos as visões foram para orientação: no Caso de Cornélio, Deus queria que ele conhecesse Pedro e recebesse dele algumas coisas que havia pedido ao Senhor (v.4)

Deus dirigiu a ambos de modo completo

Deus dirigiu Cornélio dando-lhe detalhes sobre o que ele tinha de fazer:

Da mesma forma que Deus fez com Ananias a respeito de Paulo, de modo inverso Deus fez com Cornélio, que foi o homem a quem Pedro ministrou. Veja os detalhes semelhantes que Deus deu a Cornélio:

O Senhor deu a Cornélio o nome da cidade (v.5)

O Senhor manda que ele envie mensageiros a Jope. Cornélio vivia em Cesaréia, uma cidade fortaleza edificada por Herodes, o grande, em honra a César Augusto, que ficava mais ou menos 50 quilômetros ao norte de Jope, na mesma linha costeira do Mediterrâneo.

O Senhor deu a Cornélio o nome do homem a quem procurar

Deus disse que Cornélio deveria procurar por Simão, que também era conhecido como Pedro. Não havia como errar. Ninguém mais que estava hospedado ali era conhecido por esse nome. Esse era o homem certo para que pudesse lhe ser útil.

O Senhor deu a Cornélio o nome e profissão do hospedeiro de Pedro

A fim de que os homens de Cornélio não tivessem dificuldade de encontrar Simão Pedro na pequenina cidade Jope, Deus deu o nome do hospedeiro Simão. Como esse nome era muito comum entre judeus, Deus deu a profissão dele, pois as pessoas eram muito conhecidas pelo que faziam. Simão era curtidor.

O Senhor deu a Cornélio o endereço do hospedeiro

A fim de tornar ainda mais fácil para os servos de Cornélio encontrarem Pedro, Deus disse a Cornélio o endereço exato. Simão, o curtidor, morava “numa residência situada à beira-mar.” Os homens de Cornélio foram exatamente nesse endereço e, ali, perguntaram por Simão Pedro (v.17).

O Senhor disse a Cornélio o que ele deveria Pedir a Pedro

Quando Pedro chegou à sua casa, sem saber o propósito de Cornélio ao mandar chamá-lo, lhe perguntou: “Por que razão me mandastes chamar?” (v.29b). Então Cornélio lhe respondeu, a direção que o Senhor lhe havia dado: “Agora, pois, estamos todos aqui, na presença de Deus, prontos para ouvir tudo o que te foi ordenado da parte do Senhor” (v.33).

Cornélio foi instruído por Deus para ouvir as Palavras salvadoras de Deus através da pregação de Pedro. Deus dispôs o coração de Cornélio para ouvir as boas-novas. Certamente o Espírito de Deus já estava trabalhando no interior do centurião, a fim de que ele pudesse crer naquela mensagem que haveria de ouvir. Deus dirigiu Cornélio completamente de forma que nenhuma dúvida apareceu no coração daquele religioso, mas sem a fé salvadora, porque ainda não conhecia o Salvador.

Deus dirigiu Pedro dando-lhe informações importantes sobre o que ele deveria fazer:

Não somente Deus deu informações a Cornélio, mas Pedro simultaneamente o Senhor dirigia os passos de Pedro, numa outra perspectiva. Deus lhe deu orientação que envolvia a idéia de obediência ao seu plano de redenção dos gentios.

Como qualquer um de nós, Pedro estava tentando compreender o significado do que havia visto. Esse é o procedimento que todos nós devemos ter: meditar no significado da revelação divina.

Enquanto meditava, o Senhor lhe deu sua direção:

O Senhor informou a Pedro sobre os homens de Cornélio (v.19)

Depois da visão, perplexo, estava meditando sobre o significado dela, Pedro recebe a primeira instrução direta do Senhor. Observe que a direção é diretamente do Espírito do Senhor, não de anjos ou qualquer outro instrumento. Deus dirigia o ministério de Pedro de maneira extraordinária

O texto registra: “disse-lhe o Espírito: estão aí dois homens que te procuram” (v.19). Foi uma comunicação secreta do Espírito de Deus com o espírito de Pedro. Foi uma direção sobrenatural de uma Pessoa para outra. Pedro não poderia pensar outra coisa daqueles homens que bateram à porta da casa à beira-mar. Eles eram enviados de Cornélio, mas antes que isso, enviados de Deus. Deus lhe diz: “eu os envie” (v.20).

O Senhor ordenou que Pedro não duvidasse daqueles homens (v.20)

O Espírito também dirige Pedro no sentido dele não Ter nenhuma dúvida sobre o que fazer diante da chegada daqueles homens. Aqueles homens pediram que Pedro fosse com eles, sem lhe contar antes o que havia acontecido e sem dizer o que Cornélio queria dele. O Espírito disse categoricamente que ele não duvidasse em nada daquilo que estava ocorrendo. Simplesmente ele deveria aquiescer ao pedido daqueles homens. Essa era uma direção clara sem mesmo saber o que haveria de acontecer, porque ele não havia entendido ainda o sentido da visão que tivera.

O Senhor ordenou que Pedro que fosse com aqueles homens sem hesitação (v.20)

O texto sagrado diz que Pedro é dirigido pelo Espírito para ir com os mensageiros de Cornélio (At 11.12). Então, Pedro se apresentou aos homens que o procuravam, e se pôs à disposição deles (v.21). A ordem do Espírito é: “Levanta-te, desce e vai com eles... porque eu os envie” (v.20). Pedro saiu em direção a Cesaréia para ser o portador das verdades de Deus, segundo o pedido de Cornélio (v.22), mas sem saber exatamente o que dizer, até que encontrou-se com ele.

Deus dirigiu Pedro para evangelizar um gentio

Voltemos à visão que Pedro teve do lençol (v.9-16). A essa visão Pedro se referiu várias vezes no capítulo subsequente. Foi muito significativa para ele a visão, porque ela serviu para mudar a sua mentalidade estreita de um judeu particularista. Deus deu um novo entendimento para aquele seu ministro de mentalidade tão estreita.

Deus ali lhe mostrou que o evangelho tinha um caráter universal no seu escopo. Deus não somente haveria de salvar judeus, mas também gentios de todas as partes do mundo.

Pedro veio a compreender isto, quando disse, perante Cornélio: “Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas” (v.34). Ele estava capitulando diante do fato de que Deus não fazia distinção entre judeus e gentios. Cornélio era um gentio, um oficial do exército romano, que controlava a Palestina. Um inimigo de fato, mas a quem Deus amou. Pedro teve de reconhecer que ele não poderia continuar considerando imundo aquilo que Deus havia purificado (v.15).

Talvez esta tenha sido uma das maiores orientações que Pedro recebeu da parte do Espírito. Quando questionado em Jerusalém sobre o fato dele ter entrado na casa de incircuncisos e comido com eles (At 11.3), Pedro relatou em detalhes o acontecimento (At 11.5-16), e então, chegou à seguinte conclusão, em forma de justificativa: “Pois se Deus lhes concedeu o mesmo Dom [o Espírito Santo] que a nós outorgou quando cremos no Senhor Jesus, *quem era eu para que pudesse resistir a Deus?*” (At 11.17). Ele e os presentes em sua argumentação acabaram se regozijando em paz porque Deus havia dado aos gentios o mesmo que havia dado aos judeus (11.18).

Deus dirigiu Pedro para evangelizar um religioso

O anjo havia aparecido a Cornélio, mas não é tarefa de anjos anunciar o evangelho, mas sim, tarefa de homens. Então, Pedro foi dirigido por Deus para esse mister. A primeira palavra da pregação de Pedro a Cornélio foi sobre Jesus Cristo, o centro do evangelho (At 10.36-43).

Cornélio era religioso, mas não conhecia ainda ao Senhor Jesus Cristo. Pedro foi, então, dirigido por Deus, para ir a Cesaréia e testificar a um homem religioso, mas sem entendimento espiritual, a fim de que esse religioso pudesse ter o conhecimento salvador de Jesus Cristo. Portanto, a Providência dirigiu Pedro para que ele exercesse o seu ministério evangelístico a um gentio piedoso, mas ainda sem salvação.

Esse episódio nos mostra que há muitos em nosso meio que são religiosos e que, todavia, não conhecem Jesus Cristo como Senhor e Redentor. É tarefa nossa não somente ir atrás daqueles que nunca ouviram de Jesus em terras estrangeiras, terras chamadas missionárias, mas é também tarefa nossa nos lembrarmos de que há muitos religiosos em nossas terras cristãs a quem Deus nos dirige para que lhes preguemos a Cristo, e este crucificado, porque essas pessoas são desprovidas de qualquer conhecimento salvador dele.

Deus impediu Paulo de ministrar em alguns lugares

Este último exemplo é incrível porque nos mostra como, às vezes, queremos fazer alguma coisa, mas que não cumpre os propósitos de Deus, este nos impede que as façamos, mesmo que o que queremos fazer seja uma coisa boa e uma ordenança dele.

Pregar o evangelho a todas as pessoas e fazer discípulos em todas as nações são uma ordenança divina. Não há como discutir isso. Todavia, tudo o que vamos fazer tem que ser para cumprir os desígnios divinos.

Veja o que aconteceu com Paulo quando ele estava para realizar o seu ministério de evangelista em algumas ocasiões:

Análise de Texto

At 16.6-7 – “E percorrendo a região frígio-gálata, tendo *sido impedidos pelo Espírito Santo* de pregar a palavra na Ásia, defrontando Mísia, tentavam ir para Bitínia, mas o *Espírito de Jesus não o permitiu.*”

1. Paulo e Timóteo estavam viajando a região da Frígia e da Galácia (v.6).

O certo é que os dois estavam viajando para a Ásia ³⁸ para pregar o evangelho, no que foram *impedidos pelo Espírito Santo*.

Por que foram proibidos de pregar na Ásia? Qual a finalidade dessa direção aparentemente estranha do Espírito?

— Será que a Ásia não precisava do evangelho? Certamente que precisava. Toda ela haveria de ouvir da pregação do evangelho em alguns poucos anos.

— Será que o Espírito impediu Paulo de pregar lá porque outros já tinham estado lá antes? Se o evangelho já tivesse sido pregado lá não sabemos quem teria sido o instrumento da pregação. Certamente Paulo não foi. Todavia, não sabemos que isso já havia acontecido.

— Será que a Ásia ainda na estava preparada para receber o evangelho? Nunca existe um tempo em que uma nação não esteja preparada para receber o evangelho. A preparação que alguém possa Ter é dada sobrenaturalmente pelo Espírito. É o Espírito que predispõe as pessoas para receberem o evangelho.

Onde está a razão para a proibição do Espírito Santo? Andemos um pouquinho mais no texto, e poderemos ver claramente o objetivo final do Espírito.

2. Desistindo da região anterior por causa do impedimento causado pelo Espírito Santo, Paulo e Timóteo partiram em direção a uma outra região com o mesmo intuito de pregar o evangelho. Novamente, no verso 7, é dito que o *Espírito de Jesus “não permitiu”* que Paulo e Timóteo pregassem o evangelho na Bitínia, que era uma região a noroeste da Ásia Menor.

Parece-me a mim que a razão última pela qual Paulo e Timóteo foram impedidos de pregar na Ásia e na Bitínia, pelo menos naquela circunstância, é porque Deus tinha um plano diferente e melhor para ajudar a Macedônia. Paulo, de noite, teve uma visão “na qual um varão macedônio estava em pé e lhe rogava, dizendo: Passa à Macedônia, e ajuda-nos” (v.9). Após essa visão, os dois homens de Deus “*concluíram* que Deus os havia chamado para lhes anunciar o evangelho” (v.10). Os dois impedimentos acima (v.6-7) estão

38 Não sabemos definir com exatidão se Ásia aqui é um país específico ou é a parte continental que fica do outro lado da Europa, ou se é a chamada “Ásia Menor”, ou ainda a própria região frígio-gálata. Logo depois, em 19.10 Lucas narra que “no espaço de dois anos todos os habitantes da Ásia haviam ouvido a palavra do Senhor, tanto judeus como gregos”. Seria a mesma Ásia?

explicados na determinação divina de apresentar a sua Palavra em outro lugar diferente daqueles que os seus servos queriam.

Eles não estavam fazendo nada errado. Estavam obedecendo ao “fazei discípulos em todas as nações”, mas eles compreenderam que Deus é quem os dirigia em todas as situações, quer nos impedimentos quer nas ordenanças dele para que exercessem o seu ministério evangelístico.

Deus orienta os seus ministros de modo que eles vêm a pregar onde é a determinação do Espírito. Este é o dirigente de todo o processo evangelizador do mundo. Nunca alguém vai fazer alguma coisa que não esteja dentro dos planos estabelecidos pelo Eterno, mesmo quando esses ministros sejam tão gabaritados como Paulo e Timóteo. Somente a direção do Espírito é que traz os seus ministros ao caminho correto. A direção do Espírito é fundamental para que o trabalho de Deus seja feito com eficiência.

OS MODOS USADOS POR DEUS PARA DIRIGIR O SEU POVO

Deus usou pelo menos três modos para conduzir o seu povo durante a sua jornada de peregrinação quer no deserto ou em outro período da história da igreja. O certo é que Deus nunca deixou de dirigir o seu povo. Todavia, todos os modos usados são produto de sua obra providencial.

Através de sua Ação Imediata

Ne 9.12, 19 – “*Guiaste-os*, de dia por uma coluna de nuvem, e de noite por uma coluna de fogo para lhes alumiar o caminho por onde haviam de vir... Todavia, tu, pela multidão das tuas misericórdias, não os deixaste no deserto. A coluna de nuvem nunca se apartou deles de dia, para os guiar pelo caminho, nem a coluna de fogo de noite, para lhes alumiar o caminho por onde haviam de ir.”

Desde os tempos do Antigo Testamento Deus guiou o seu povo na sua jornada pelo deserto, e o fez de um modo direto, sem a instrumentalidade de ninguém. O Anjo do Senhor que os guiava no deserto era o próprio Senhor. A pedra-manancial da qual bebiam e que os seguia no deserto era Cristo (1Co 10.4). As colunas de nuvem durante o dia e as de fogo durante a noite eram manifestações teofânicas, ou seja, manifestações visíveis de Deus.

Deus dirigiu o povo de um modo sobrenatural no deserto como em nenhum outro período. Nunca mais o povo foi dirigido tão visivelmente como nesse tempo. O Senhor era a luz deles no meio da aridez daquele deserto.

Todavia, não é assim que usualmente Deus trabalha em nosso tempo. Hoje ele usa meios que ele próprio estabeleceu para dirigir o seu povo em sua peregrinação à pátria celestial.

Há alguns textos que parecem indicar uma direção direta do Senhor, mas é difícil provar por esses textos citados abaixo que o Senhor não use meios para guiar o seu povo.

Sl 143.10 – “Ensina-me a fazer a tua vontade, pois tu és o meu Deus: *guie-me* o teu bom Espírito por terreno plano.”

O salmista suplica para direção do bom Espírito para ele poder andar em caminho plano, mas ao mesmo tempo ele pede a Deus para ele ensiná-lo a fazer a sua vontade. Qual vontade de Deus? A vontade normativa dele para os homens cumprirem que está revelada nas Escrituras. Somente essa é que pode ser “ensinada”.

Rm 8.14 – “Pois todos os que são *guiados* pelo Espírito de Deus são filhos de Deus.”

As pessoas guiadas pelo Espírito de Deus podem ser guiadas pela palavra de Deus. Espírito pode ser indicativo da orientação divina que vem através dos oráculos divinos. Todavia, temos de admitir que os apóstolos eram guiados diretamente pelo Espírito, como já demonstramos acima, mas essa não é regra mais para os dias de hoje, como querem alguns. Hoje Deus nos fala somente através do Filho (Hb 1.1-3).

Através da Sua Palavra

Este é o meio usual de Deus dirigir a vida dos seus filhos em todas as épocas, seja no Antigo ou no Novo Testamento. A Palavra de Deus, que está registrada nas Escrituras Sagradas, é que tem sido usada pelo próprio Deus para dar o rumo certo que os filhos dele têm de trilhar.

Direção Divina pela Palavra no tempo de Josué

Análise de Texto

Js 1.7-9 – “ (7) Tão somente sê forte e mui corajoso para teres o cuidado de fazer segundo toda a lei que meu servo Moisés te ordenou; dela não te desvies, nem para a direita nem para a esquerda, para que sejas bem sucedido por onde quer que andares. (8) Não cesses de falar deste livro da lei; antes medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo a tudo quanto nele está escrito; então farás prosperar o teu caminho e serás bem sucedido. (9) Não to mandei eu? Sê forte e corajoso; não temas, nem te espantes, porque o Senhor teu Deus é contigo, por onde quer que andares.”

Observe o *padrão* da direção divina (v.7a)

A direção divina vem através do conhecimento das prescrições divinas que os filhos de Deus têm de seguir. Josué é instado a fazer todas as coisas, tomar todas as decisões para a vida do seu povo, sempre de conformidade com a lei que Deus entregou a Moisés.

É curioso que Deus ordena a Josué que “*toda a lei*” fosse observada. Essa lei refere-se ao Pentateuco que Moisés escreveu, mas especialmente aos Dez Mandamentos, que são o coração da lei diretiva de Deus. Alguns tendem a obedecer, mas obedecem apenas parte dos mandamentos, especialmente aqueles que convêm. Mas Deus quer que a totalidade da lei seja diretiva na vida do seu povo.

Josué era um homem respeitado e poderoso no meio do povo, como sucessor direto de Moisés. Todavia, ele próprio tinha que ser o primeiro a

colocar-se debaixo da direção da lei divina, obedecendo todos os preceitos entregues por Deus a Moisés. Josué não somente tinha que dirigir o povo com a lei, mas ele próprio tinha que submeter-se a ela. Primeiro o líder depois os liderados. O líder, Josué, tinha que ser o primeiro a fazer tudo o que a lei ordenava, norteando a sua vida pelas prescrições divinas.

Observe a exigência restrita da direção divina (v.7b)

Não obstante haver resistência da parte do povo com relação à obediência à Palavra diretora de Deus, do servo de Deus é exigido que não se aparte nada dela. A lei diretiva de Deus tem que ser seguida à risca. O servo de Deus não pode “*desviar-se nem para a direita, nem para a esquerda*”. Seja qual for o lado para o qual o servo de Deus pende, ali haverá erros. Ele será irreprensível se permanecer retamente, seguindo fielmente as regras diretivas de Deus. As prescrições da direção divina têm que ser seguidas fielmente. Deus não faz concessões na vida moral e ética dos seus seguidores. Se o servo de Deus se desvia para um lado ou para outro, ele não tem força para exigir que o povo seja dirigido pela Palavra de Deus.

Observe a proclamação da direção divina (v.8a)

A fim de que o povo de Deus ande de conformidade com a direção divina estabelecida nas suas leis, esse povo tem que primeiro conhecer o que Deus tem prescrito. É tarefa dos ministros da Palavra proclamar as leis que servem de diretrizes para o comportamento do povo. Por isso, Deus disse a Josué: “*Não cesses de falar deste livro da lei*”. As pessoas tinham que conhecer o conteúdo das regras divinas. Ninguém obedece as leis que não conhece. A ênfase divina é não “cessar de falar” da lei. Por que essa insistência na proclamação da lei sem cessar? É porque as pessoas precisam ouvir muitas vezes da Palavra até que possam absorvê-la, e elas venham a fazer parte da vida delas. Um pai não ensina uma criança uma só vez um princípio da lei divina. Ele faz isso muitas vezes, até que ela absorva o sentido da lei e venha a praticá-la.

Todavia, antes de proclamar essas leis, Deus ordena a Josué que viesse a “*meditar nelas dia e noite*”. Isso indica que ele deveria ser o primeiro a absorver o sentido da lei e ser praticante dela. Nunca um servo de Deus deve exigir dos conservos aquilo que ele mesmo não pratica.

Observe as bênçãos da direção divina (v.7b, 8b)

Essas bênçãos são descritas de duas maneiras. A primeira está no verso 7: Aqui é dito que o servo de Deus só “*será bem sucedido no que fizer onde quer que ele ande*” (v.7b). Se o servo de Deus seguir as exigências estabelecidas por Aquele que dirige os seus filhos, ele será agraciado em tudo o que fizer na vida. A Segunda maneira de expressar as bênçãos trazidas pela direção divina é que a obediência à lei “*fará o servo prosperar no seu caminho e ser bem sucedido*” (8.b). O que está escrito nesses dois versos, mais tarde é escrito pelo salmista de uma outra maneira. Quanto mais somos guiados pela vontade diretiva-providencial de Deus, mais recebemos bênçãos de recompensa de Deus. O que o salmista veio a dizer mais tarde foi: “Agrada-te do Senhor e ele satisfará os desejos do teu coração” (). O homem que dirige a sua vida pela Palavra de Deus recebe de Deus o gozo de ter sucesso na vida espiritual e de ver o seu caminho andar prosperamente.

Essas bênçãos de recompensa pela obediência à direção da Palavra de Deus não são meritórias, mas produto da fidelidade divina para consigo mesmo, isto é, Deus promete abençoar aqueles que lhe obedecem. Portanto, Deus é fiel às suas promessas.

Observe a *dificuldade* para se impor a direção divina (v.7^a:9^a)

É curioso que, para obedecer as prescrições divinas estabelecidas da lei, o servo do Senhor tem que ser “*forte e corajoso*”. Não é de estranhar que isso esteja incluso no texto, pois todos os seres humanos são opostos, por natureza, às ordenanças do Senhor. É necessário que o que dirige o povo seja corajoso e forte, pois a oposição e a rebeldia do povo sempre haverá de aparecer. Precisa haver força e coragem no obreiro de Deus para que ele possa implantar a lei divina que rege comportamento dos homens. Nunca esse trabalho de dirigir os homens será fácil para o servo do Senhor, porque os seres humanos pecadores, sempre haverá de se insurgir com a ética e moral estabelecidas pela direção da Palavra de Deus.

Josué aqui recebe o encorajamento divino porque nesse ministério de dirigir o povo com Palavra de Deus, muitos desencorajamentos aparecem no caminho. Há muitas coisas que aborrecem o servo de Deus e ele precisa do conforto e do encorajamento divinos.

A dificuldade enfrentada pelos servos do povo de Deus é compensada pela promessa de conforto divino nas horas de provação. Veja o ponto seguinte.

Observe a *promessa* da direção divina (v.9b)

No verso 9 o encorajamento divino é ainda mais forte, porque está baseado na promessa da companhia divina: “*Não temas, nem te espantes*”. O medo não poderia fazer parte do ministério de Josué, porque ele estava debaixo da ordenação divina. A razão pela qual ele não deveria temer os adversários era: “*Não to mandei eu?*” É como se Deus lhe houvesse dito: “*Não importa o tamanho da obra que você tem de fazer, e nem as dificuldades que você vai enfrentar. O que importa é que eu vou dar o suporte para você, porque quando eu ordeno algo, esse algo tem de ser feito.*”

Se Josué obedecesse fielmente à lei diretiva proposta pela providência divina, Deus haveria de ter a companhia divina por onde quer que caminhasse. Não há melhor promessa do que essa para o obreiro que procura seguir os preceitos diretivos de Deus. A companhia divina é a bênção mais confortadora que temos numa caminhada cheia de desencorajamentos como as que freqüentemente enfrentamos.

Portanto, no tempo de Josué, Deus deu a lei para que ela fosse a direção para o povo no deserto e na terra prometida. Não somente na caminha pelo árido deserto mas também na terra onde manava leite mel, a mesma lei divina serviu para a condução do povo pelos caminhos de retidão. O povo não teve sucesso nem enriquecimento como poderia pelo simples fato de desprezar a lei diretiva que Deus lhe havia dado..

Direção Divina pela Palavra no tempo de Davi

Em todo o tempo, a Escritura sagrada foi usada por Deus para dirigir os caminhos do seu povo. O salmista, que demonstrou ser um dos maiores

conhecedores e amantes da lei divina, tinha como regra ter os livros da lei de Deus como base para o seu comportamento e direção.

Análise de Texto

Sl 119.104-105 – “Por meio dos teus preceitos consigo entendimento; por isso detesto todo caminho de falsidade. Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e luz para os meus caminhos.”

A Palavra de Deus dirige porque traz entendimento (v.104)

Ninguém pode ser dirigido pela lei de Deus a menos que compreenda o sentido dela. Ela ajuda os crentes a entenderem a diferença entre o que é certo e o que é errado, entre a verdade e a mentira, entre o que é de Deus e o que não é dele. O próprio Davi, ainda moço, adquiriu muito entendimento por meditar nos preceitos diretivos do Senhor. Ele exclamou: “Compreendo mais do que todos os meus mestres, porque medito nos teus testemunhos. Sou mais entendido do que os idosos, porque guardo os teus preceitos” (Sl 119.99-100).

A Palavra de Deus dirige porque tira os nossos olhos do caminho mau

A consequência do entendimento da Palavra de Deus para o salmista é que ele aprendeu a fugir do caminho da falsidade por detestá-lo (v.104). Quando conhecemos a verdade, aprendemos a detestar a falsidade. Não há como andar nos dois caminhos simultaneamente. Quando amamos o caminho de Deus, odiamos o caminho do Maligno.

Tinha como grande preocupação evitar os caminhos do pecado. Ele já conhecia o horror de trilhar os caminhos da desobediência. Por isso, ele disse no mesmo salmo 119.101 - “De todo mau caminho desvio os meus pés, por observar a tua palavra.” Deus refreia os nossos pés para que não trilhemos caminhos de injustiça. Porque a Palavra de Deus nos é dada para dirigir nossas vidas é que nos desviamos do mal. Ela mostra-nos a verdade e faz com que andemos na luz do Senhor.

A Palavra de Deus dirige porque ilumina (v.105)

Sem a Palavra de Deus, andamos em trevas. O mundo jaz em trevas porque desconhece a verdade de Deus. O maior instrumento que Deus usa para dirigir os homens que nele confiam é a Escritura Sagrada.

Somente a Palavra de divina faz-nos enxergar corretamente quem Deus é quem somos nós. Sem ela nunca haveríamos de saber nada corretamente sobre o Senhor e sobre nós próprios. Por ignorarem a Escritura é que os homens andam às cegas. Andam as apalpadelas, sem poderem enxergar a verdade. Esta só é manifesta quando há a luz projetada pela lâmpada.

A Palavra de Deus é comparada à luz e à lâmpada. A luz é o conteúdo daquilo que enxergamos e a lâmpada é o veículo através do qual podemos ver a luz. Essas duas coisas, quando juntadas, fazem-nos ver o caminho que devemos andar. O Pregador, filho do salmista Davi (de quem ele certamente aprendeu), disse a respeito da Palavra de Deus: “Porque o mandamento é

instrução e a lâmpada é luz” (Pv 6.23). Ele usa as mesmas palavras usadas por seu pai para mostrar a importância iluminadora da Palavra de Deus.

Deus a usa para nos dirigir em todos os caminhos de nossa vida, porque ela ilumina os nossos olhos. O mesmo Davi, encantado com a revelação especial, a revelação verbal, diz que “o mandamento do Senhor é puro e ilumina os olhos” (Sl 19.8b).

Davi sempre teve a sua vida dirigida pela Palavra de Deus. O Salmo 119 é uma elegia à Escritura (que no seu tempo abarcava o Pentateuco). Ele tinha um grande prazer em Deus e na sua lei meditava dia e noite.

A Palavra de Deus dirigiu os seu povo em todos os períodos de Israel e da história da igreja cristã. Todo o povo de Deus sempre foi nortado pelas Escrituras Sagradas. Quando o povo não obedeceu, ele se desviou violentamente, trilhando descaminhos que o levaram ao desastre e à ruína espiritual, moral e administrativamente. O povo perdeu tudo quando perdeu o seu norte diretivo, a bússola que é a Palavra de Deus!

APLICAÇÃO

Torne os seus caminhos aplanados por ser guiado pela Palavra de Deus. Deus pode abrir os seus olhos e você vai poder contemplar as maravilhas da sua lei! Portanto, busque a luz do Senhor para os seus caminhos. Como?

Peça pela direção do Senhor

Análise de Texto

Sl 5.8 – “Senhor, guia-me na tua justiça, por causa dos meus adversários; endireita diante de mim o teu caminho...”

Davi descobriu que uma das maneiras de vencer os seus adversários era andar em retidão. Todos os que andam em retidão ficam livres da acusação dos inimigos. Quanto mais retos no caminho de Deus menos vulneráveis os servos de Deus ficam diante das investidas dos adversários.

Se você quiser andar livremente, de cabeça erguida, sem temer os homens, peça a direção do Senhor para que você ande em justiça, isto é, em retidão. Nenhum adversário poderá levantar o dedo contra você para lhe acusar. O melhor meio de andar leve é andar limpo”.

Por essa razão o salmista pediu duas coisas:

1) “*guia-me na tua justiça*”. Somente a justiça do Senhor deve ser padrão para a nossa justiça. Em outras palavras, o caminho nosso deve ser trilhado à luz do caminho do Senhor. O salmista tinha anelos de andar na retidão do Senhor, e não anelos de confiar nos caminhos dos homens que parecem retos aos próprios olhos deles, mas que são caminhos de morte.

2) “*endireita diante de mim o teu caminho*”. Perceba que ele queria o caminho reto do Senhor, não o seu próprio caminho. Davi desistiu do seu próprio caminho e pediu que o caminho do Senhor estivesse diante dele. Ele

aprendeu que somente o caminho do Senhor deve ser seguido, não o dos homens.

Portanto, peça que o Senhor dirija os seus caminhos e que os seus caminhos sejam pautados no dele.

Análise de Texto

Sl 25.4-5 – “Faze-me, Senhor, conhecer os teus caminhos, ensina-me as tuas veredas. Guia-me na tua verdade e ensina-me, pois tu és o Deus da minha salvação.”

Neste salmo o escritor sacro pede algumas coisas que revelam a seqüência lógica do seu pensamento:

Ele pediu que Deus lhe desse conhecimento dos seus caminhos

Ninguém pode conhecer os caminhos se alguém não lhe der conhecimento deles, da mesma forma que ninguém pode Ter fé em Jesus se não tiver qualquer conhecimento dele. Por essa razão, Paulo pergunta: “Como crerão naquele de quem nada ouviram?” (Rm 10.14). A fim de serem trilhados, os caminhos de Deus precisam conhecidos pelos homens.

Por essa razão, precisamos pedir a Deus que ele nos mostre os seus caminhos para que possamos trilhá-los. Este tipo de pedido é feito somente por crentes. Almas ímpias jamais pedem pelo conhecimento do caminho do Senhor

Ele pediu que Deus o ensinasse nos seus caminhos

Este pedido de “ensinar os teus caminhos” é um pouco diferente do pedido anterior. O primeiro pedido tem a ver com o conhecimento dos caminhos do Senhor e o segundo pedido tem a ver sobre o andar nesse caminhos. Spurgeon usou uma ilustração de uma criança ainda pequena que se dirige ao seu pai, para esta verdade: “Papai, diga-me primeiro qual é o caminho, e então ensine os meus pequenos e inseguros pés a andarem nele.”³⁹

Ele pediu que Deus o guiasse nos seus caminhos

Este é o mesmo tipo de pedido do verso anterior. A criança pequenina que está aprendendo a andar nos caminhos do Senhor pede para que Deus a observe, vigie, de forma que ela nunca se aparte desse caminho. Quando o salmista pede para Deus guiá-lo na verdade, ele está pedindo que Deus o segurasse firme no caminho, para que ele nunca pudesse se apartar dele. Este pedido indica que o salmista não queria nunca perder o rumo do caminho do Senhor

Peça a Deus que ele o proteja no seu caminho, segurando-o bem firme nos seus passos. Por quatro vezes nesses versos ele pede a direção do Senhor de várias maneiras. Ele quer instruído e dirigido corretamente na escola da graça. Faça, você mesmo, esse tipo de oração que Davi fez. Peça a direção do Senhor em todos os caminhos para que você possa andar de modo que glorifique o seu nome!

39 C.H. Spurgeon, *The Treasury of David*, vol 1 (New York: Marshall Brothers, Ltd), 392.

Ele deu as razões para todos esses pedidos

A razão dos três pedidos de Davi está absolutamente clara. O objeto da sua oração é o “*Deus da minha salvação*”. Deus poderia guiá-lo, dirigi-lo e sustentá-lo por causa da sua força e bondade salvadoras. O Deus triúno é o autor e o consumidor da salvação do seu povo. Nele todo o cristão põe a sua confiança.

Quando você orar a Deus pedindo por direção (faça isso todos os dias!), lembre-se de que ele é o único que lhe pode prover o que você pede, porque ele botou o coração em você sendo o seu salvador. Busque a direção desse grande Deus! É nele que estão todas as suas esperanças, leitor!

Reconheça a direção do Senhor

Análise de Texto

Sl 23.3 – “Guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome.”

O salmista reconhecia várias coisas que o Senhor fazia por ele: “O Senhor faz-me repousar em pastos verdejantes; leva-me para junto das águas de descanso; refrigera-me a alma” (Sl 23.1-3). Então, ele acrescenta, numa espécie de reconhecimento, mais uma coisa que o Senhor fazia por ele: “O Senhor guia-me pelas veredas da justiça”.

Reconheça a direção divina na pluraridade das veredas

Observe que o texto fala no plural: “veredas”. Não há simplesmente um modo de trilhar a vida cristã. Há muitas veredas de retidão: vereda da obediência, vereda do amor, vereda do sacrifício, vereda do perdão, vereda da lealdade, vereda da solicitude, vereda do serviço, vereda da santificação, etc. Todas essas são maneiras diferentes de se ver os caminhos dos cristãos. Não existem vários caminhos diferentes que conduzem a Deus. Não é esse o ponto. Mas todos os caminhos existem convergindo para o mesmo ponto: aperfeiçoar o ser humano em Cristo. Você não pode optar apenas por um deles, mas todos eles devem exibir as suas pegadas porque eles todos devem fazer parte do seu andar.

Reconheça que Deus dirige você em todos eles, porque você tem que aprender de Deus em todos eles. Quão poucos têm freqüentado esses caminhos! Poucos têm deixado suas pegadas nessas várias veredas de retidão!

Reconheça que a direção divina é por causa do amor a si próprio

Reconheça que Deus ama o seu próprio nome e é por essa razão que ele dirige você nos caminhos da retidão. Uma das funções de nosso Deus é ser pastor do seu povo. Jesus Cristo é o supremo pastor das suas ovelhas. Por causa da preocupação pelo seu santo nome é que ele dirige o seu povo. Ele não pode negar o que ele diz de si mesmo. Se ele chama-se a si mesmo de pastor, então ele tem de mostrar amor por suas ovelhas, pois é isso que ele próprio ensina os seus pastores a fazer.

Reconheça que ele guia você porque ele honra amorosamente o seu próprio nome! Deus guia você pelos caminhos da justiça por causa do crédito do seu próprio nome. Ele se ama o suficiente para não deixar de fazer

o que um pastor faz em favor de suas ovelhas. A despeito da maldade de algumas de suas ovelhas, ele as guia porque ele é Bom Pastor!

Análise de Texto

Pv 3.5-8 – “(5) Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento. (6) Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas. (7) Não sejas sábio aos teus próprios olhos: teme ao Senhor e aparta-te do mal; (8) será isto saúde para o teu corpo e refrigério para os teus ossos.”

A providência divina nos ensina algumas coisas com respeito à direção de nossas vidas:

Reconheça que o seu entendimento não é suficiente para dirigir a sua vida (v.5)

Nunca confie nos seus conhecimentos, nas informações que você adquiriu para nortear a sua vida. Nunca se apoie na sua formação acadêmica para traçar o rumo da sua vida. Nunca se estribe no seu próprio entendimento como se Deus não fizesse parte da sua vida. O entendimento humano sem Deus é de balde. Ele não leva a lugar algum. O escritor sacro ainda acrescenta, no verso 7 que a sabedoria humana não pode ser a base do seu comportamento. Nem o conhecimento teórico nem a conhecimento prático (que é a sabedoria) dão a direção certa para a nossa vida.

O verso 5 nos exorta a “*confiarmos no Senhor de todo o coração*” sem que fiquemos nos apoiando no nosso entendimento. A direção de nossa vida está baseada na Palavra do Deus em quem confiamos. Depositamos toda a nossa confiança na sabedoria, no poder e na bondade de Deus. Deus somente é o objeto de nossa confiança de todo o nosso coração.

Quando reconhecemos a impotência do nosso entendimento para dirigir nossa vida é um sinal de que começamos a mostrar sabedoria!

Reconheça Deus em todos os seus caminhos (v.6)

A primeira expressão do verso 6 é “*reconhece Deus*” em todos os teus caminhos. Isto quer dizer que você deve andar um passo de cada vez, e todos eles juntos, debaixo da direção divina. Você não deve ter simplesmente a consciência de que Deus está envolvido na sua vida, mas você deve reconhecer isso diante dele e dos homens. Deve ser clara a sua manifestação de reconhecimento do governo de Deus em sua vida. Reconheça diante do Altíssimo a sua dependência dele em todas veredas que você precisa andar. Reconheça diante do mundo que você não é nada sem a direção dele.

“*Em todos os teus caminhos*” – Há caminhos longos, caminhos curtos, caminhos alegres e caminhos tristes. Tem que haver na sua vida o reconhecimento de que Deus está envolvido em todos. Há também alguns caminhos que não são confortáveis. Vários deles possuem espinhos doloridos. Todavia, nunca coloque Deus à parte do que acontece nos seus caminhos. Ele participa concorrentemente em tudo o que acontece em sua vida. Não escanteie Deus dos eventos doloridos e tristes de sua vida, assim como os alegres. Deus toma parte em todos eles. Reconheça essa verdade.

Reconheça que somente Deus pode endireitar as suas veredas (v.6)

Por vezes lutamos conosco mesmos tentando resolver os nossos caminhos, sem a confiança sendo posta unicamente no Senhor. Vimos no verso 5 que devemos confiar somente no Senhor. A razão disso é que somente o Senhor pode dar rumo certo aos nossos caminhos que estão tortuosos.

Somente a Providência pode dirigir os nossos passos de forma que podemos andar retos, sem que haja caminhos tortuosos em nossa vida.

Deus não desaponta aqueles que nele confiam. Os caminhos dos que crêem serão caminhos de retidão, caminhos de paz, caminhos aplanados. Confie somente ao Senhor os seus caminhos e ele endireitará as suas veredas!

Reconheça que Deus dirige o seu caminho para o bem (v.8)

Quando o Senhor dirige os nossos caminhos não andamos doentes e fracos. As veredas para os quais Deus nos conduz elas produzem em nós saúde para o nosso ser total, porque quando tememos ao Senhor é sinal de que reconhecemos que ele nos dirige. Quando isto acontece, a sua alegria passa a ser a nossa força.

“Saúde para o corpo e refrigério para os ossos” é uma maneira metafórica de falar de vitória sobre o desânimo, sobre o temor, sobre a amargura, e coisas como essas.

Mesmo quando alquebrados pelos anos, seremos homens e mulheres rijos, fortes, com disposição de enfrentar a vida galhardamente. Nunca seremos pessoas fracas, desanimadas e derrotadas quando reconhecemos o Senhor em todos os nossos caminhos tendo o temor dele, que é o princípio de toda sabedoria!

Tenha a certeza da direção do Senhor

Sl 139.8-10 – “(8) Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também; (9) se tomo as asas da alvorada e me detenho nos confins dos mares: (10) ainda lá haverá de guiar a tua mão e a tua destra me susterá.”

O salmista possuía uma confiança enorme na direção providencial de Deus. Ele possuía a certeza inequívoca de que nunca haveria de ficar perdido, sem a direção de Deus. Quando realmente reconhecemos a direção do Senhor é que mostramos que temos confiança na direção dele.

Deus dirige o homem em todas as circunstâncias porque ele está presente em todas elas. Davi está tratando nesses versos do Salmo 139 da maravilha da onipresença divina. Ele reconhece e confia na direção divina que não falha. Ele não tem medo da direção divina porque a sua confiança está toda depositada naquele que tem diante de si todas as coisas em todos os tempos de uma só vez! Nada temporal ou espacial escapa da direção presencial de Deus!

Estes versos indicam que nada nos afasta da direção providencial de Deus porque ele inunda todos os lugares que podemos estar. O salmista fala dos lugares mais distantes e belos (como “os céus e as asas da alvorada”)

como os mais profundos e aterrorizantes (“os mares e o profundo abismo”), mas ele reconhece e tem absoluta convicção da direção do Senhor em todos eles!

Aprenda a ver que o seu Deus é muito grande e, por causa disso, ele pode estar diante dele todo o tempo, sendo dirigido por aquele que tem todas as coisas em suas mãos!

CAPÍTULO 8

O GOVERNO PROVIDENCIAL DE DEUS

Deus não somente cria, preserva, provê e dirige, mas também governa todas as coisas que vieram à existência e os eventos que acontecem no mundo criado.

Entretanto, nos dias em que vivemos há uma certa indisposição em se aceitar Deus como rei do universo no mundo em geral. Talvez isso seja assim porque um regime monárquico esteja fora de moda. Ninguém hoje tem simpatia pela monarquia absoluta. As monarquias hoje existentes são regimes políticos onde os monarcas não possuem qualquer poder significativo. O máximo que podemos ver é um sistema de governo onde a monarquia é controlada por um parlamento. O espírito do tempo presente não admite um regime político onde haja um só princípio governante, isto é, a monarquia. O que é pior ainda é que a realeza de Deus também tem sido desprezada, mesmo na teologia cristã. Muitos preferem tratar do amor e da paternidade de Deus antes do que de sua realeza governamental. Todavia, a Escritura é extremamente clara, tanto no Antigo Testamento como no Novo, quando fala de Deus como rei de todo o universo.

Há muitos textos na Escritura que descrevem Deus como Rei de toda a terra (Sl 47.7, 8), reinando sobre todas as nações (Jr 10.7). Ele é Rei e também é chamado "Senhor dos Exércitos" (Jr 46.18; 48.15; 51.57) e, por essa razão, tem todas as coisas em Suas mãos.

O conceito de Deus como Rei universal não se limita simplesmente ao Antigo Testamento, mas é também presente no Novo Testamento. (Mt 5.35). A expressão "Senhor do céu e da terra" também está presente no Novo Testamento (Mt 11.25; At 17.24); "Rei dos reis, Senhor dos senhores"(1 Tm 6.15).

DEFINIÇÃO DE GOVERNO PROVIDENCIAL

Há uma certa relação entre preservação e governo. Todavia, a atividade governamental de Deus diz mais respeito ao "propósito diretivo de toda realidade e do curso da história para os fins que Deus tem em mente. É a execução real, dentro do tempo, de seus planos projetados na eternidade."⁴⁰

Por essa razão, os teólogos definem o governo incluindo a idéia do controle e do propósito ou fim. Se Deus governa o universo é objetivando um grande propósito, um fim estabelecido. Do contrário, a idéia de governo não tem sentido. Berkhof define o governo providencial de Deus como "a atividade contínua de Deus por meio da qual Ele governa todas as coisas teleologicamente de maneira que assegura o cumprimento do propósito divino".⁴¹ O governo tem "especificamente a ver com a direção, propósito e

40 Millard J. Erickson, *Christian Theology* (Baker, 1990), 394.

41 Berkhof, p. 206.

meta que Deus designa para cada componente da criação e para o todo da história".⁴²

O PADRÃO DO GOVERNO PROVIDENCIAL

O GOVERNO DE DEUS É DE ACORDO COM O DECRETO

Deus governa todas as coisas de acordo com o seu decreto, porque ele é “o Rei dos reis (1 Tm 6.15) e porque ele domina sobre tudo (Sl 103.19).

Deus governa sobre todas as coisas porque ele “opera todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” (Ef 1.11). Tudo o que existe e acontece no universo é produto da vontade soberana de Deus. Não há acasos ou casualidade nos eventos de nossa história. Deus é o Senhor da história e todos os homens são protagonistas para a realização do governo divino que é determinado de antemão.

O GOVERNO DE DEUS É DE ACORDO COM O SEU PODER

Deus governa o universo com o seu poder

Deus não somente decreta todas as suas obras providenciais, mas ele tem que ter o poder para realizá-las. Do contrário, elas nunca haveriam de acontecer. Para que um história escrita de antemão seja realizada, é necessário tem o controle absoluto de todos os ingredientes nas mãos. Para se ter o controle de tudo é necessário ser poderoso. Pois Deus preenche essa característica espantosa, pois “o poder pertence a Deus” (Ef 1.19). Por isso, a sua vontade decretiva é sempre feita na vida deste mundo.

Deus governa o universo com o seu poder *onipotente*

Para se exerça o poder governamental é necessário que se tenha o poder onipotente. Não basta simplesmente poder. Isso os seres humanos têm em alguma medida. Mas Deus é onipotente. Paulo não se contenta em falar do poder de Deus. Então, ele se refere à “suprema grandeza do seu poder” e fala da “eficácia da força do seu poder” (Ef 1.19). A magnitude da criação exige esse poder onipotente para que ela seja devidamente governada. Observe o tamanho do universo físico, o número incontável de estrelas, de seres vivos animados e de criação viva inanimada e de todo o restante da criação. Além disso, Deus governa cada movimento, cada ação e cada reação de todas as suas criaturas, inclusive os atos livres dos homens, sejam eles bons ou maus. Por isso, Paulo fala do “seu poder que opera em nós” (Ef 3.20). Oh! É inimaginável a tarefa que esse Governador do universo possui! Não há um só aspecto da criação que não seja governada. Portanto, somente o Deus onipotente poderia governá-la.

Quando Deus governa onipotentemente, não há ninguém que possa ir contra o que ele faz. Ninguém obstrui o seu governo devido ao seu grande poder. Por essa razão, o profeta Isaías, exaltando esse grande poder, diz: “Porque o Senhor dos Exércitos o determinou; quem, pois, o invalidará? A sua mão está estendida; quem, pois, a fará voltar atrás?” (Is 14.27). Deus

42 Farley, p. 42.

cumpra o seu decreto, e ele é tão poderoso que ninguém pode frustrar os seus decretos, pois ele os cumpre com mão de um ser Todo-poderoso!

Deus governa o universo com seu poder *onipresente*

Deus não é somente onipotente, mas o seu poder tem que estar presente em toda parte a fim de governar cada instante e cada detalhe da sua imensa criação. Além de um poder incomparável, de ser chamado inúmeras vezes de Todo-poderoso, Deus é um ser que está presente em toda parte energizando todas as suas criaturas. Não uma só criatura que não esteja presente diante de seu poder energizador. É este poder onipresente que faz com que as criaturas, isto é, as causas secundárias, serem instrumentos de Deus na consecução da totalidade do seu plano para o seu universo. Ele é quem dá movimento a cada elemento da criação proporcionando a locomoção da história para o seu *telos*. Se não fosse um poder onipresente, mesmo sendo Todo-poderoso, ele não poderia fazer o que maravilhosamente tem feito.

O salmista extasiou-se quando falou dessa onipresença do Todo-poderoso, que fazias obras extraordinárias demais para ele. Ele disse: “Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também; se tomo as asas da alvorada e medetenho nos confins dos mares; ainda lá me haverá de guiar a tua mão e a tua destra me susterá” (Sl 139.8-10). Deus está presente em toda parte, mais alto do que os céus, mais profundo do que os infernos, e mais além do tempo. Não com escapar da presença do Todo-poderoso. É como se ele dissesse de si para consigo: “Onde estão as minhas criaturas, lá estou Eu. Eu dou todo o suporte de que elas precisam, e pelo meu poder, eu as governo e elas cumprem todos os meus propósitos.”

É porque seu poder é onipresente é que Paulo pode dizer: “Pois nele vivemos, nos movemos e existimos” (At 17.28). Não podemos ficar afastados do poder onipresente do grande governador do universo. É inescapável o fato de estarmos todos diante da presença do Todo-poderoso!

O GOVERNO DE DEUS É DE ACORDO COM A SUA SABEDORIA

Para governar o mundo, Deus não pode ser somente onipotente e onipresente. Ele também tem que ter sabedoria. A sua sabedoria é que dá beleza e ordem ao seu governo. O poder onipresente de Deus tem que estar vinculado à sua sabedoria.

Sl 147.5 – “Grande é o Senhor nosso, e mui *poderoso*; o seu *entendimento não se pode medir*.”

No governo divino e poder e sabedoria (ou entendimento) são inseparáveis. Haveria demonstração de força no governo divino mas se não houvesse a sabedoria não haveria ordem. A força sempre vem acompanhada da sabedoria, por isso o que Deus faz é sempre apreciável! Além disso, o texto acima diz que o entendimento de Deus é imensurável! Ninguém se compara a Deus em sabedoria e conhecimento!

Para entendermos essa verdade temos que levantar os nossos olhos para o céu e observar a graciosidade com que os astros se movimentam, sem

que haja qualquer colisão ou distúrbio. Todos eles são sabiamente governados de modo que cada um deles trilha o seu caminho em harmonia. Tudo no universo funciona de maneira ordenada. Uma coisa não interfere noutra, mas cada uma coopera para a harmonia geral. O profeta Isaías registra a sua crença nesse Deus sábio, dizendo:

Is 40.26 - “Levantai ao alto os vossos olhos, e vede. Quem criou estas cousas? Aquele que faz sair o seu exército de estrelas, todas bem contadas, as quais ele chama pelos seus nomes; por ser ele grande em força e forte em seu poder, nem uma só vem a faltar.”

O governo de Deus do universo estelar é sabiamente poderoso. Nenhuma das estrelas escapa ao conhecimento de Deus, porque todas elas estão bem contadas, sabiamente governadas. É por sua sabedoria e seu poder que nenhuma das estrelas vem a faltar.

Precisamos aprender a olhar para o número imensurável de criaturas neste mundo e ver como cada espécie é devidamente equilibrada e vive de acordo com a natureza com que foram criadas. Isto

“significa não somente que os fins que Deus em vista são consistentes com sua sabedoria infinita, e que os meios empregados são sabiamente adaptados aos seus respectivos objetos, mas também que seu controle é apropriado à natureza das criaturas sobre as quais ele é exercido.”⁴³

Precisamos aprender a interpretar os eventos que Deus ocasiona direta ou indiretamente neste mundo. Todos eles possuem uma interdependência, estão todos intimamente ligados, pois eles são apresentados como meios para se chegar a um fim. A história que Deus escreve e faz realizar é uma história linear que possui um propósito determinado. Não é uma mera repetição de fatos, nem são os fatos jogados isoladamente, mas ela caminha para o cumprimento dos seus decretos. Isso é pura sabedoria! É com ela que Deus governa o mundo.

AS CARACTERÍSTICAS DO GOVERNO PROVIDENCIAL

O GOVERNO DE DEUS É INVENCÍVEL

Como Rei do universo, portanto, seu governo é invencível. Ele tem tudo nas mãos, e realiza todos os seus propósitos porque quebra toda a resistência que os homens lhe fazem. Como Ele faz isso? Deus tem a parte mais íntima dos poderosos deste mundo nas suas mãos, isto é, os corações deles. Além disso, ele executa todos os seus propósitos através da instrumentalidade das pessoas em autoridade (Pv 21.1). Mesmo os elementos mais poderosos da natureza estão sob o governo de Deus (Sl 93) e nada impede a realização daquilo que Ele determinou.

Berkouwer diz do governo poderoso de Deus:

43 Charles Hodge, *Systematic Theology*, vol. 1 (Eerdmans, 1981), 582.

A invencibilidade do governo de propósito de Deus não pode ser medida com padrões humanos, nem exaurida por analogias do poder humano. Mas que o governo de Deus é invencível é certo. Ele é invencível de um modo divino: Seu método é estranho às técnicas humanas. Ele é o Senhor dos Exércitos, mas a sua conquista é melhor revelada na vergonha e no desamparo da cruz de Seu Filho. Ele conquista, mas Ele acaba com as trevas e com a angústia. Todavia, um dia, vitória Divina brilhará como o sol para uma manhã eterna.⁴⁴

No NT este grande Rei, Pai de Jesus Cristo, dirige todas as coisas para um *telos*, que de antemão foi determinado. Agora, Ele dirige todas as coisas que Seus propósitos sejam cumpridos, e nenhum deles falhe.

Quando Deus age governativamente ou retributivamente, ninguém pode deter o que Deus faz. Ele disse: “Antes que houvesse dia, eu era; e nenhum há que possa livrar alguém das minhas mãos: *Agindo eu, quem impedirá*” (Is 43.13). Sua ação providencial é invencível!

Jó possuía uma consciência muito forte sobre o governo de Deus, que tem todas as coisas do seu universo nas mãos e o controla perfeitamente. Reconhecido do seu governo absoluto, Jó disse de Deus que, quando ele arrebatava a presa, “*quem o pode impedir? Quem lhe dirá: Que fazes?*” (Jó 9.12).

O GOVERNO DE DEUS É CONSTANTE

Deus é um vigilante constante da sua criação. Ele não é como nós que precisa repousar. O salmista escreve sobre o caráter constante do governo de Deus sobre Israel, nas seguintes palavras:

“Sl 121.2-8 - “O meu socorro vem do Senhor que fez o céu e a terra. Ele não permitirá que os teus pés vacilem; não dormitará aquele que te guarda. É certo que não dormita nem dorme o guarda de Israel. O Senhor é quem te guarda; o Senhor é a tua sombra à tua direita. De dia não te molestará o sol, nem de noite a lua. O Senhor te guardará de todo mal. O Senhor guardará a tua saída e a tua entrada, desde agora e para sempre.

Deus não abandona a sua criação nunca. Ele é como a sombra que acompanha o objeto em toda parte. Assim, Deus é “a tua sombra à tua direita”. Nada pode molestar-nos quando Deus guarda governativamente a nossa vida. E ele assim o faz porque não precisa de repouso. O guarda de Israel está sempre alerta, acordado, prestando atenção e tomando conta da sua criação e de seu povo de um modo especial. Ele está atento, diuturnamente, administrando e governando toda a sua criação.

O GOVERNO DE DEUS É SANTO

Nada do seu governo, mesmo os atos maus que os homens praticam, aos quais Deus está concorrentemente envolvido, deixa de estar de acordo com o seu atributo de santidade. Tanto os fins propostos, como os meios

44 Berkouwer, p. 94.

usados e o emprego de agências secundárias para a realização dos seus planos, estão de acordo com a sua excelência de santidade moral.

O salmista diz que Deus “é santo em todas as suas obras”(Sl). Ele não está se referindo simplesmente às obras da criação, mas especialmente daquilo que Deus está fazendo providencialmente no mundo. As obras de Deus não são contraditórias com a sua natureza. Deus sempre trabalha em harmonia com o que ele é.

Poderíamos perguntar: Como Deus governa o mundo e as coisas más permanecem nele? Qual é o envolvimento de Deus nas obras más dos homens? Qual é a relação entre Deus, a causa primeira, e as criaturas que são as causas secundárias. Não é pecaminosa a participação divina nesses casos? Mesmo no difícil e complicado estudo da concorrência divina nos atos maus dos homens, que veremos em capítulos posteriores, podemos perceber a santidade dos atos divinos. Ele não pode agir contrariamente à sua natureza. Temos que firmar a nossa confiança nesse ponto. Deus só faz o que está em consonância com a sua santa natureza. Por isso, santos são os seus decretos, santa a sua vontade, santo é o seu poder, e assim por diante. Tudo em Deus é santo. Portanto, santas são as suas obras no mundo que ele criou!

O GOVERNO É TEOCRÁTICO

A teocracia tecnicamente falando só existiu nos tempos bíblicos quando Israel não possuía rei e Deus era o rei de Israel. Deus se comunicava diretamente com os seus servos a fim de expressar as suas ordens para a vida do povo. A teocracia era a estrutura legal da qual ser servia Deus para governar o povo.

Todavia, há um sentido em que todas as nações do mundo são governadas teocraticamente. Deus é o rei de todas as nações, ainda que os reis, governadores e autoridades em geral (que são os instrumentos de Deus para o governo) sejam desobedientes. Os governos humanos de nossa geração, via de regra, são secularizados, diferentemente dos tempos da era pré-moderna. Eles não possuem qualquer noção de verticalidade na sua administração. Todavia, esta situação reflete apenas um ângulo do quadro que podemos observar. Todos os governos humanos são regidos por Deus, em última instância. Decretivamente, como vimos acima, Deus é o rei sobre tudo. Nada escapa ao seu governo.

Os nossos líderes políticos, ainda que sejam ímpios, desprezadores do bem e da justiça, não sendo teocráticos no sentido técnico conhecido em teologia do Antigo Testamento, quando olhados pelos olhos da doutrina da providência, são governados por um regime eminentemente teocrático.

Jesus Cristo nos ensinou a orar para que a vontade de Deus fosse feita aqui na terra como é feita no céu. Essa vontade decretiva de Deus sempre será feita em toda parte. Não há nenhum evento ou ato que não seja da vontade de Deus. Deus governa cada pessoa, cada evento e cada resultado neste mundo a ponto de todos eles contribuírem para o bem daqueles a quem Deus chamou segundo o seu propósito. Não há como escapar da vontade decretiva de Deus. É nesse sentido que Deus governa o mundo teocraticamente.

OS INSTRUMENTOS DO GOVERNO PROVIDENCIAL

AS AUTORIDADES CONSTITUÍDAS POR DEUS

Há uma dimensão política do governo providencial de Deus. Ele rege o universo regendo as nações. Todavia, ele não exerce esse governo de maneira imediata, ou seja, sem o uso de meios. Ele exerce a sua autoridade através de autoridades constituídas. Este é o ensino de Paulo e de Pedro, duas grandes colunas da igreja apostólica, que falaram autorizadamente:

Rm 13.1-4 – “Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores; porque não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas De modo que aquele que se opõe à autoridade, resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos condenação. Porque os magistrados não são para temor quando se faz o bem, e, sim, quando se faz o mal. Queres tu não temer as autoridades? Faze o bem e terás louvor dela; visto que a autoridade é ministro de Deus para o teu bem. Entretanto, se fizeres o mal, teme; porque não é sem motivo que ela traz a espada; pois é ministro de Deus, vingador, para castigar o que pratica o mal.”

Há várias coisas neste texto que precisam ser enfatizadas, para que compreendamos o modo como Deus governa o mundo, mediante os seus instrumentos: 1) Deus é a fonte de toda autoridade, porque o texto diz que “toda autoridade procede de Deus”. Fora do governo divino, não existe autoridade alguma; 2) As autoridades existentes são divinamente apontadas. Nenhuma autoridade neste mundo existe por si própria. Nenhum rei é elevado ao trono sem que seja pelos atos providenciais de Deus. Todas as autoridades foram colocadas por nomeação de outra autoridade ou por escolha do povo, mas tudo superintendido pelo governo providencial de Deus; 3) As autoridades existentes são servas de Deus. O texto chama todas as autoridades constituídas de “ministros” (no grego *diákonos*) de Deus no exercício do seu governo soberano; 4) As autoridades existentes são os instrumentos do governo divino para a punição temporal, porque elas exercem o papel divino na terra de “vingadoras”; 5) Às autoridades devemos estar sujeitos, não devemos nos opor com o risco de sermos considerados como resistentes à ordenação divina (sobre esta matéria de obediência e sujeição às autoridades veja o ensino de Pedro em 1 Pe 2.13-15).

Eu tive algumas oportunidades de falar a autoridades deste mundo. Numa delas, na posse de um governador de Goiás, eu disse aos circunstantes que toda autoridade vinha de Deus. O governador é tão servo de Deus quanto um pastor. Ambos são empossados, um para ministrar à igreja, o outro para ministrar ao estado. Ambos, igreja e estado, são esferas diferentes do governo divino, tendo papéis diferentes, sendo que um não deve interferir no papel do outro. Todavia, ambas as instituições são ordenações divinas e ambas estão sob a autoridade de ordenação de Deus.

Foi exatamente isso que Paulo ensinou no texto acima. Toda a autoridade existente foi instituída por Deus e ele governa as nações através da instrumentalidade delas, quer elas façam o bem, quer elas façam o mal.

Em qualquer das situações não devemos ter o temor de dizer que são autoridades instituídas por Deus para que os seus propósitos eternos sejam cumpridos. Foi assim com os reis retos de Israel, assim como com os reis ímpios de Israel. De ambos os lados podia ser dito que Deus era o governador supremo de Israel.

AS LEIS INSTITUÍDAS POR DEUS

Deus governa o mundo através de leis naturais que ele instituiu para governar a natureza física.

Nenhuma das espécies criadas interfere na existência das outras. Não há confusão entre elas. Tudo isso porque as criaturas todas são regidas pelas leis da natureza estabelecidas por Deus. Através dessas leis ele governa os cursos dos astros no céu. Todos os astros celestes caminham por suas órbitas obedecendo uma lei física que Deus criou e de que toma conta. Todas vivem pacificamente e harmoniosamente compõem a beleza do universo vivo! Os pássaros sabem o tempo de sua chegada e de sua partida nas suas migrações de proporções intercontinentais. Eles chegam a um lugar ou partem dali fora do tempo. É possível marcar com exatidão o tempo da partida e da chegada deles numa viagem de milhares de quilômetros. Isso mostra que as leis naturais estabelecidas por Deus para eles funciona maravilhosamente!

As árvores, suas flores e frutos, são regidas pelas estações do ano. As flores sabem exatamente quando desabrochar e quando murchar. As árvores sabem o tempo próprio de dar o seu fruto. Elas não dão fruto fora da sua estação, exceto se há um fenômeno desequilibrador (pois não podemos nos esquecer de que a natureza ainda está debaixo de algum tipo de maldição de Deus, que altera alguns processos da natureza).

Precisamos levantar os nossos olhos e observar com que sabedoria Deus governa os seres criados através de suas leis naturais! Todavia, é preciso reconhecer que as leis não funcionam por si próprias, como numa concepção deísta. Deus as superintende e sempre as torna eficientes.

A FORÇA DE DIREITO DE DEUS

A fim de que cumpra os seus propósitos, um governador tem que ter o direito e a força para exercer o seu direito. Qualquer espécie de governo tem que possuir um respaldo legal para governar. Portanto, o governo pode ser também definido, nas palavras de Sproul, como uma “força legalizada”⁴⁵, que dá ao governador o direito de agir com poder para que haja eficácia na sua obra governativa.

Deus, como o supremo governador do universo, rege-o através do seu poder de direito para o cumprimento histórico dos seus projetos elaborados na eternidade.

Embora Jesus tenha dito a Pilatos sobre a natureza diferente do seu reino (Jo 18.36), ele deixou claro ao governador romano que Deus era o supremo governador do universo. Quando Pilatos ameaçou Jesus com a sua autoridade de governador da Palestina (Jo 19.10), Jesus lhe replicou de

45 R. C. Sproul. *The Invisible Hand*, 55.

maneira direta: “Nenhuma autoridade terias sobre mim, se de cima não te fosse dada” (Jo 19.11).

OS OBJETOS DO GOVERNO PROVIDENCIAL

Com base no seu poder criador Deus é governador e o direcionador de tudo. Deus criou tudo e, como consequência, governa tudo, porque todas as coisas estão sob suas poderosas mãos. O escritor sagrado, tratando dessa matéria, expressa a sua adoração a Deus, e dele fala:

Sl 135.5-7 - “Eu sei que o Senhor é grande, e que o nosso Deus está acima de todos os deuses. Tudo quando aprouve ao Senhor, ele o fez, nos céus e na terra, no mar e em todos os abismos. Faz subir as nuvens dos confins da terra, faz os relâmpagos para a chuva, faz sair o vento dos seus reservatórios.”

Não há nada na criação que escape ao governo absoluto de Deus. Por essa razão, o Salmista diz que “nos céus estabeleceu o Senhor o seu trono, e o seu reino domina sobre tudo” (Sl 102.19). Como Senhor do universo, ele está governando cada departamento dele com poder e sabedoria.

DEUS GOVERNA O UNIVERSO FÍSICO

Desde os primórdios da criação do universo físico podemos ver Deus tendo uma preocupação com o governo de tudo o que ele fez. Somente o Criador é capaz de agir providencialmente governando o universo através de leis que ele estabeleceu. As leis estabelecidas por Deus são para cumprir os seus propósitos para este mundo físico.

Veja abaixo apenas alguns exemplos desse seu governo maravilhoso sobre o universo físico.

Deus Governa os Astros Celestes

Deus governa todos os astros da abóbada celeste de maneira indireta, através das leis fixas que ele estabeleceu para eles todos.

Jr 31.35-36 - “Assim diz o Senhor, que dá o sol para a luz do dia e as *leis fixas* à luz e às estrelas para a luz da noite... *Se falharem estas leis fixas* diante de mim, diz o Senhor, deixará também a descendência de Israel de ser uma nação diante de mim para sempre.”

As leis que Deus estabeleceu para o governo dos corpos celestes que governam a luz de dia e de noite, são leis permanentes e, portanto, inalteráveis. Elas servem não somente para fazer os astros fornecerem luz para o planeta terra, mas são leis que fazem com que eles próprios fiquem firmes nas suas órbitas e delas não se desviem. Deus governa os astros mediatamente, através dessas leis fixas e, assim, os bilhões de astros celestes vivem em harmonia sem qualquer possibilidade de choque imprevisto. Grande arquiteto e mantenedor do universo é nosso Deus!

Os Grandes Luminares

Depois do universo como um todo, os grandes luminares, as estrelas e o sol são as maiores criações conhecidas de Deus. Não obstante a sua grandeza, eles são tão pequeninos diante do Criador e estão sob o absoluto controle de suas leis precisas e fixas.

Jó 38.31-33 - “Ou poderás tu atar as cadeias do Sete-estrela, ou soltar os laços do Órion? Ou fazer aparecer os signos do Zodíaco, ou guiar a Usa com seus filhos? Sabes tu as ordenanças dos céus, podes estabelecer a sua influência sobre a terra?”

Os grandes luminares do céu, que Deus os chama pelos seus próprios nomes, porque todos os astros são contados, possuem uma rota imutável que seguem indefinidamente. Nada as arrasta para fora do seu rumo, a não ser a força do próprio Criador que não faz com que a luz delas se ascenda, mas também se apague. Esses grandes luminares exercem uma enorme influência sobre a terra que mesmo os homens mais sábios não a podem avaliar. Temos apenas algumas idéias científicas sobre elas, mas é impossível “estabelecer a sua influência” total sobre o nosso mundo.

Por qual força são os grandes luminares controlados? Existe algum tipo de lei fora daquelas que Deus estabeleceu quando da criação para governá-los? Não! Deus é a grande resposta que Jó precisa ouvir naqueles tempo de sofrimento. Deus controla todos os movimentos daqueles astros em suas devidas órbitas.

Jó 9.8-10 - Deus é quem sozinho estende os céus, e anda sobre os altos do mar; quem fez a Ursa e o Órion, o Sete-estrela e as recâmaras do sul; quem faz grandes cousas, que se não podem esquadrihar, e maravilhas tais que se não podem contar.”

No entanto, muitos cientistas incrédulos têm tanta dificuldade de atribuir o governo da imensa abóbada celeste ao Senhor de todo universo! É verdade que ninguém pode esquadrihar o que Deus faz nem contar as grandezas e as multidões das suas maravilhas, mas o cristão crê nesse Deus maravilhosamente providente!

Os Astros menores e as nuvens

Jó 38.36 - “Quem pôs sabedoria nas camadas das nuvens? Quem deu entendimento ao meteoro?”

Os astros menores que freqüentemente aparecem na abóbada celeste, os meteoros, estão também debaixo da ação providencial de Deus. Eles são guiados de forma que sempre, em sua órbita, atingem os propósitos determinados por Deus.

Da mesma forma as nuvens e tudo o que está dentro da nossa atmosfera acima de nós. Como as nuvens sabem o tempo próprio de derramar suas águas sobre a terra? Elas estão debaixo do controle das leis fixas que Deus estabeleceu para o governo delas. Por isso é dito que Deus “prende as águas em densas nuvens, e as nuvens não se rasgam debaixo delas” (Jó 26.8). Que beleza de afirmação! Certamente não é uma afirmação

científica, mas jamais algum cientista foi capaz de descrever tão belamente o governo providencial de Deus sobre os elementos da natureza!

Deus Governa o Poderoso Mar

Usualmente, pensamos que o mar seja indomável pela sua grandeza quase que imensurável e pelo pavor e espanto que ele nos causa. Todavia, ele é criação do Todo-Poderoso e é nada na sua presença. Observe como Deus encoraja Jó a ver as coisas do seu ponto-de-vista.

Jó 38.8-11 – Ou quem encerrou o mar com portas, quando irrompeu da madre; quando eu lhe pus as nuvens por vestidura, e a escuridão por fraldas? Quando eu lhe tracei limites e lhe pus ferrolhos e portas, e disse: Até aqui virás, e não mais adiante, e aqui se quebrará o orgulho das tuas ondas.”

Numa linguagem eminentemente poética, veja como Deus desafia Jó a compreender o seu governo sobre todo o universo físico. No texto acima Deus fornece detalhes do seu governo sobre os oceanos. Ele traçou os contornos dos oceanos de modo que ele não invade nem um só pedaço de terra seca. A idéia do texto é que o mar, por ser imenso, poderia querer ultrapassar as suas fronteiras, mas o Criador e providente fala a Jó a respeito do mar: “Eu lhe tracei limites, e lhe pus ferrolhos e portas” (v. 10). Isto quer dizer, em outras palavras: “Mar, eu sou maior do que tu. Eu tenho o governo absoluto sobre ti. Não adiante queres sair fora dos limites que eu te pus.” Então, Deus, conclui de maneira inequívoca, dizendo ao mar: “Até aqui virás, e não mais adiante” (v. 11). A linguagem usada na Escritura é claríssima, mesmo que em linguagem poética.

O salmista também acompanha a mesma descrição do livro de Jó, duma forma também poética, exaltando o poder de Deus em governar as grandes coisas da sua criação. Para entender o pensamento do governo de Deus sobre a natureza, analise com calma o Salmo 104.1, 5-9. Posteriormente, o profeta Jeremias trata do mesmo poder de governo que o Altíssimo tem sobre os elementos da natureza. Veja-o:

Jr 5.22 – Não temereis a mim? Diz o Senhor; não tremereis diante de mim, *que pus a areia para limite do mar, limite perpétuo, que ele não traspassará?* Ainda que se levantem as suas ondas, não prevalecerão. Ainda que bramem não o traspassarão.”

Deus precisa ser temido, respeitado, admirado e amado pelo que ele é e faz. O seu governo é extremamente poderoso sobre o poderoso mar! Os limites impostos por Deus são imutáveis e perpétuos. Por mais que o mar se inquiete e se agite e extravase em sua fúria, ele não pode ir além dos limites estabelecidos pelo Deus providente.

Que descrição impressionante esses textos dão do poder governativo de Deus! Nada pode ser mais autoritativo do isto!

Deus Governa os Fenômenos da Natureza

Deus governa o trabalho das chuvas

Jó 38.37 - “Quem pode numerar com sabedoria as nuvens? Ou os odres dos céus, quem os pode despejar?”

Quando se está voando alto, bem acima das nuvens pode-se ver a imensidão delas e quantas delas existem. Isso é o que podemos ver de um simples avião. Quanto mais poderemos ver se subirmos num satélite ou num ônibus espacial! Então enxergaremos a multiplicidade delas e entenderemos a expressão de Jó. Ninguém pode contá-las ou numerá-las. O desafio maior de Deus a Jó é a respeito do poder que é necessário para fazer com que elas despejem suas águas sobre a terra. Somente o poder providencial do Criador pode fazer uma coisa dessas, e no tempo próprio da estação chuvosa. Por meses e anos até as nuvens passam por alguns lugares e nunca despejam as suas águas. Há lugares que permanecem secos por anos, porque simplesmente Deus resolve não virar os imensos reservatórios de água para baixo. Quando ele resolve fazer isso, não há quem o impeça. Que o digam os meteorologistas e os lugares onde as secas e as enchentes aparecem. Deus é Senhor sobre todos os fenômenos da natureza!

Deus governa o trabalho do sol

Jó 38.38 - “Para que o pó se transforme em massa sólida e os torrões se apeguem uns aos outros.”

Após o trabalho das chuvas, o sol sai novamente e faz com que o pó molhado se transforme em barro, endurecendo-o, tornando-o numa massa sólida com a qual se pode fazer tijolos e, assim, as construções. Tudo tem um propósito no governo divino.

O trabalho do sol é governado por Deus porque Jó diz que é Deus “quem fala ao sol, e este não sai” (Jó 9.7). O sol não foge da sua órbita nem nunca deixa de fazer o seu trabalho, governado por Deus através de leis. Por essa razão, numa linguagem poética, que até hoje é usada, Davi diz que “o sol conhece a hora do seu ocaso” (Sl 104.5).⁴⁶ Isto quer dizer que o sol se mantém sempre na sua função de marcar o dia, de anunciar a hora do repouso (Sl 104.22) e a hora do levantar das pessoas, porque o Senhor o governa para que faça essas coisas.

Deus Governa o Reino Animal

Deus possui um governo espantoso de toda a fauna no universo. Dos grandes animais aos menores, tudo Deus governa com imensa sabedoria. Analisemos rapidamente alguns versos que se encontram no Livro de Jó, que é rico em afirmações do governo providencial de Deus sobre todo o reino animal. Alguns deles são mencionados com muita propriedade:

Deus governa os leões

Jó 38.39-41 - “Caçarás, porventura, a presa para a leoa? Ou saciarás a fome dos leõezinhos, quando se agacham nos covis, e estão à espreita nas covas?”

⁴⁶ Obviamente, essa não é uma linguagem científica, pois o ocaso não tem a ver com o que o sol faz, mas com o movimento da terra.

Com essas perguntas Deus está dizendo que todos esses atos são produto do seu governo providencial sobre os animais. No seu governo, Deus capacita os leões a proverem comida para si próprios e para suas famílias. Deus é quem lhes dá essa capacidade e a sua manutenção depende de uma ação governadora de Deus.

Deus governa os corvos

Jó 38.41 – “Quem prepara aos corvos o seu alimento, quando os seus pintainhos gritam a Deus e andam vagueando, por não terem que comer?”

Neste verso Deus está dizendo que os corvos, os que comem carne putrefata, têm o seu alimento como produto do governo providencial de Deus. Deus é quem provê todas as coisas para os animais, até a carniça para os corvos. O texto diz que os filhotes do corvos pedem socorro a Deus com os seus piados porque, sem a ação governadora de Deus eles perecem. Por causa da providência divina, os corvos e seus filhotes tem existido por milênios.

Deus governa as cabras monteses e corsas

Jó 39.1-4 – “Sabes tu o tempo em que as cabras monteses têm os filhos, ou cuidaste das corças quando dão suas crias? Podes contar os meses que cumprem? Ou sabes o tempo do seu parto? Elas encurvam-se, para terem seus filhos, e lançam de si as suas dores. Seus filhos se tornam robustos, crescem no campo aberto, saem, e nunca mais tornam para elas.”

Aqui Deus fala da ignorância de Jó sobre como as cabras monteses são geradas e quando e como são nascidas. Esse texto trata da natureza pródiga que a providência arranjou para manter intacta a perpetuação daquela espécie. Depois de nascidos, os filhos sabem o tempo próprio de abandonar a casa materna. Nunca mais voltam ao “lar”.

Jó ignorava essas coisas porque essa obra descrita acima pertence à Providência. Esses animais não têm assistência de ninguém. Estão sozinhos no mundo. Apenas Deus cuida deles. A simples natureza, sem a intervenção providencial do governo de Deus, não é capaz das proezas mencionadas nos versos acima. Essa ação providencial funciona de maneira maravilhosa, sem falha alguma.

Deus governa o jumento selvagem

Jó 39.5-8 – “Quem despediu livre o jumento selvagem, e quem soltou as prisões ao asno veloz, ao qual dei o ermo por casa, e a terra salgada por moradas? Ri-se do tumulto da cidade, não ouve os muitos gritos do arreeiro. Os montes são o lugar do seu pasto, e anda à procura de tudo o que está verde.”

O jumento selvagem é conhecido na Escritura como um animal indomável ou que não pode ser domesticado. Ninguém tem governo sobre ele. Todavia, Deus é aquele que exerce governo sobre esse tipo de animal. Ele é um animal livre no campo. Então, Deus pergunta a Jó: “Que o fez livre e o soltou no campo?” A resposta de Deus, implícita no contexto, é: “Eu, Jó. Eu

sou o responsável por esse modo de vida do jumento selvagem.” É como se Deus tivesse ainda dito: “O jumento domesticado é animal de carga, e trabalha para o seu possuidor, mas eu criei o jumento selvagem desse jeito. Ninguém vai domesticá-lo porque no meu governo eu o fiz assim. Ele é livre do serviço. Ele não ouve os gritos do arreeiro. Ele não tem dono. Ele não se sujeitará a ninguém. Se você botar cabresto nele, ele não vai lhe obedecer, ele não ouve a voz do condutor. Ninguém precisa alimentá-lo. Sozinho ele arranja comida para nos lugares verdes. Não se preocupe com ele. Eu tomo conta dele. Ele é o que a obra da minha providência fez. Você não sabia disso, Jó? Você precisa aprender sobre a minha obra governamental neste mundo. “

Deus governa o boi selvagem

Jó 39.9-12 – “Acaso quer o boi selvagem servir-te? Ou passará ele a noite junto da tua manjedoura? Porventura podes prendê-lo ao sulco com cordas? Ou gradará ele os vales após ti? Confiarás nele por ser grande a sua força, ou deixarás a seu cuidado o teu trabalho? Farás dele que te traga para a casa o que semeaste e o recolha na tua eira?”

Este animal também é chamado Unicórnio em algumas versões inglesas, sendo força muito grande força (Nm 23.22 e Sl 92.10). Deus desafia Jó a ter esse animal como um seu servo. Por forte esse animal dificilmente é preso ou dominado. É como se Deus tivesse dito a Jó: “Você pode montar uma manjedoura para ele, que ele não vem comer da sua comida. Você não é capaz de prendê-lo. Jamais você poderá usá-lo para arar a terra, nem usá-lo para transporte de cereais. Não confie a ele, por ser forte, as tarefas que você dá a um cavalo. Nunca dependa do boi selvagem para servi-lo. A disposição de trabalho de um animal é um dom meu. Todavia, no meu governo providencial, eu não dei essas qualidades ao boi selvagem. Há animais que podem servir o homem e são talhados para isso, mas não é o caso do boi selvagem.”

Jó, foi eu que fiz o boi selvagem do jeito que ele é. Ele é obra da minha providência. Saiba disto!”

Deus governa a avestruz

Jó 39.13-18 – “A avestruz bate alegre as asas; acaso, porém, tens asas e penas de bondade? Ela deixa os seus ovos na terra, e os aquece no pó, e se esquece de que algum pé os pode esmagar, ou de que podem pisá-los os animais do campo. Trata com dureza os seus filhos, como se não fossem seus; embora seja em vão o seu trabalho, ela está tranqüila, porque Deus lhe negou sabedoria, e não lhe deu entendimento; mas quando de um salto se levanta para correr, ri-se do cavalo e do cavaleiro.”

A avestruz é uma grande ave que nunca voou. As asas bonitas nos pássaros sempre são motivo de exibição e orgulho deles (que é o caso do pavão). Por isso a avestruz as bate alegremente. Então, Deus levanta a pergunta: “Acaso, porém tem asas e penas de bondade?” Esta pergunta reflete alguma coisa que é peculiar à avestruz. Apesar de suas penas, a avestruz possui algumas características que revelam a sua natureza que não é boa:

A avestruz é uma ave *orgulhosa* porque exibe a sua pose com suas longas asas (v.13); A avestruz é uma ave *desleixada*, pois deixa os seus ovos sem proteção, ao sabor de outros animais que vivem à cata de ovos para alimento. Isso é um procedimento estranho e diferente de outras aves que protegem bem os seus ovos e filhotes (vv. 14-15). A avestruz é uma ave de *natureza má*. Por isso, suas asas não são de bondade - porque tratam os filhotes com dureza, como se não fossem seus. Nenhum outro animal trata seus filhos dessa maneira; a avestruz é uma ave *egocêntrica* porque só se preocupa consigo, ficando tranqüila com a situação dos filhotes sujeitos à morte (v.16); a avestruz é uma ave *covarde*. É da experiência dos estudiosos que, quando acuada, ao invés de reagir na proteção dos filhos ou a sua própria, ela enterra a cabeça na areia, para não ver nem ter que enfrentar o perigo iminente.

Esse procedimento da avestruz é parte do governo providencial de Deus nessa ave particular. A razão do seu procedimento está no fato de Deus privá-la de sabedoria e entendimento (v.17). Nesse sentido ela é bem diferente de outras aves com fortes instintos maternos. É Dom de Deus aos animais esse cuidado com seus filhotes, mas um Dom que Deus não deu à avestruz. Assim como ele nega esse Dom a essa ave, ele também o tem negado em alguns seres humanos no trato com seus pequeninos. No entanto, quando se trata de corrida de velocidade, a avestruz zomba dos animais mais velozes como o cavalo e o seu cavaleiro (v.18). No seu governo providencial Deus é livre para dar qualidades a avestruz assim como para privá-la de comportamentos “normais” em outros animais. Deus é absolutamente soberano na administração da sua providência.

Deus governa o cavalo

Jó 39.19-25 – “Ou dás tu força ao cavalo, ou revestirás o seu pescoço de crinas? Acaso o fazes pular como ao gafanhoto? Terrível é o fogo respirar de suas ventas. Escarva no vale, folga na sua força, e sai ao encontro dos armados. Ri-se do temor, e não se espanta; e não torna atrás por causa da espada. Sobre ele chocalha a aljava, flameja a lança e o dardo. De fúria e ira devora o caminho, e não se contém ao som da trombeta. Em cada sonido de trombeta, ele diz: Avante! Cheira de longe a batalha, o trovão dos príncipes e o alarido.”

Novamente Deus desafia Jó sobre o procedimento do cavalo. Com esses versos Deus está mostrando a Jó que ele é o responsável pela beleza, força, velocidade e destemor desse valoroso animal diante da batalha!

Diferentemente do boi selvagem e do jumento selvagem, o cavalo é um animal dócil e serviçal para o homem. Diferentemente do avestruz, quando a batalha chega ele sai ao encontro dos inimigos armados, e não tem temor algum. Embora o cavalo use a sua força para o homem, esta não vem do homem. Ela vem do Deus providente que governa de maneira absoluta os animais. Deus é a fonte de toda força da natureza e ele a concede a quem quer. Poucos animais são úteis em força, beleza, elegância, obediência e capacidade de ser adestrado como o cavalo. Isso é bondade da providência de Deus aos seres humanos, pois ele nunca se revela contra aquele que o domesticou. Apenas o serve com sua força, seja nos afazeres caseiros ou na guerra.

Deus governa o falcão e a águia

Jó 39.26-30 – Ou é pela tua inteligência que voa o falcão, estendendo as asas para o sul? Ou é pelo teu mandato que se remonta a águia e faz alto o seu ninho? Habita no penhasco onde faz a sua morada, sobre o cume do penhasco, em lugar seguro. Dali descobre a presa: seus olhos avistam de longe. Seus filhos chupam o sangue; onde há mortos, aí ele está.”

Estas são as palavras finais de Deus a respeito das suas obras providenciais com os animais. Desde o começo do capítulo ele vem confrontando Jó com a sua própria ignorância e desafiando-o a entender as obras divinas na natureza. Os últimos animais que ele menciona são o falcão e a águia. O que é próprio da natureza dessas aves não vem delas mesmas, mas da providência divina. O homem vê as maravilhas que elas fazem, mas nada delas tem a ver com o poder humano, mas com o poder divino em sua obra concursiva e governativa. Esses pássaros fazem maravilhas pela modo do seu vôo mortal e razante, com os seus olhos agudos a longa distância vislumbram suas presas, além de sua capacidade de anular suas vítimas deixando-as absolutamente indefesas. Estas são capacitações divinas para essas aves a fim de que a sua providência seja manifesta.

Deus governa os micro-organismos

Deus não só governa os macro-organismos mas também os micro-organismos. Dos últimos a Escritura não trata porque nem detectáveis eles eram a olho nu, na época do registro das Escrituras. Hoje, os estudos mostram que mundo fantástico é esse! Há uma infinidade de espécies de animais unicelulares, de micro-organismos sejam eles vírus ou bactérias, que nunca foram conhecidos senão há poucos anos. No entanto, todos esses micro-organismos estão debaixo do governo absoluto de Deus.

Em nosso tempo presente muitas coisas são conhecidas pela multiplicação do conhecimento científico, coisas que Jó nunca pode entender. Todavia, diferentemente da atitude humilde de Jó diante da sabedoria divina para governar o universo, muitos sábios deste mundo têm uma enorme dificuldade para crer no Deus criador e providente. Eles não têm explicações para os fenômenos do universo e como eles são controlados. Precisamos de homens e mulheres estudiosos, que procurem entender todo o esquema do universo, até onde pode ser entendido, mas pessoas tementes a Deus e sempre submissas ao seu poder e sabedoria.

Lição dada pelo próprio Deus

Jó 40.1-2 - “Disse mais o Senhor a Jó: Acaso quem usa de censuras contenderá com o Todo-poderoso? Quem argúi a Deus que responda.”

Deus fez muitas perguntas desafiadoras a Jó no capítulo anterior, mostrando-lhe quão ignorante ele era a respeito das obras na natureza, e quanto ele devia aprender das obras providenciais na natureza animal.

Jó não tinha como contender com a inteligência divina nas suas obras. Ninguém poderia criticar o modo como Deus fazia as coisas na natureza. Ninguém é suficientemente capaz para contender com o Todo-poderoso.

Ninguém pode argumentar com Deus. As suas obras falam alto e as suas inquietantes perguntas humilharam Jó.

Humildemente, Jó reconhece a sua ignorância (v.3) sobre a maneira como Deus governa providencialmente o mundo animal, e cala-se diante da sabedoria divina (v.4), admitindo a sua indignidade na contemplação das obras da Providência.

Nenhum de nós tem o direito de questionar as obras de Deus, como se fôssemos mais sábios que ele. Infelizmente, há algumas pessoas que criticam o modo como Deus faz as coisas, seja na esfera das coisas físicas ou espirituais. Vezes por outra, temos a impressão de que essas pessoas pensam que fariam melhor se estivessem no lugar de Deus. É exatamente isso que Deus questiona na esposa de Jó, nos seus amigos e nele próprio. Deus é o soberano governador do universo e faz todas as coisas com lhe apraz. Nenhum ser humano tem o direito de perguntar:”Por que fizeste assim?” - Por que se o fizer, receberá a réplica divina:

Rm 9.20-21 - “Quem és tu, ó homem , para discutires com Deus? Porventura pode o objeto perguntar a quem o fez: por que me fizeste assim? Ou não tem o oleiro direito sobre a massa, para do mesmo barro fazer um vaso para honra e outra para desonra?”

Portanto, não ouse questionar o que Deus faz. Apenas extasie-se na sua sabedoria governamental sobre todas as obras da natureza. Cale-se diante da majestade de sua obra, e aprender a admirar, crer e amar o Deus criador e providente.

DEUS GOVERNA O UNIVERSO MORAL

Deus é um ser eminentemente moral e, como tal, impõe as suas regras morais sobre o mundo criado. As suas leis foram estabelecidas formalmente com Moisés, mas antes disso, Deus já havia posto leis nos corações dos homens, de forma que todos os seres humanos possuem o conhecimento da lei na sua própria constituição (Rm 2.11-16).

Como um ser moral, portanto, Deus governa todas as nações do mundo moralmente e as preserva até que elas encham a medida da sua loucura moral e espiritual. Pela providência divina as nações vêm à existência e são sustentadas, e a sua existência, em alguma medida, depende da sua observância ao governo moral de Deus e de sua longanimidade para com elas. Com algumas Deus tem sido extremamente paciente. Com outras, a sua paciência não foi muito demorada.

As nações existem ou são destruídas pelo modo como elas tratam os padrões morais de Deus. Os escritores da Bíblia falam que “a justiça exalta as nações, mas o pecado é o opróbrio dos povos” (Pv 14.34). Assim como a retidão é a glória de um povo, também um povo vem a ser envergonhado por causa dos seus pecados, por causa da manifestação da justiça retributiva de Deus. O dever um monarca é estabelecer justiça (Pv 16.12), mas quando ele comete injustiça ele é passível da ira divina. O que é verdade dos indivíduos, também o é das nações. Por essa razão, o salmista diz que “os perversos serão lançados no inferno e todas as nações que se esquecem de

Deus” (Sl 9.17). Muitas nações se esqueceram dos padrões divinos de conduta. Por isso, receberam a divina retribuição.

Muitos grandes reinos do passado foram destruídos por Deus porque violaram os princípios gerais de moralidade estabelecidos por Deus. Grandes impérios, outrora poderosíssimos, hoje não passam de lembranças através das poucas ruínas que sobraram pelas quais podemos averiguar a veracidade da Palavra de Deus.

As amostras na Escritura das grandes civilizações desaparecidas porque não aceitaram o governo moral de Deus podem ser vistas facilmente.

Veja o que Deus fez com Babilônia (leia Isaías 13.19-22). Esse reino nunca mais veio a florescer. Foi apagado da face da terra de forma que nunca mais ressurgirá. Deus anulou a soberba da Babilônia de modo que ainda hoje é uma terra deserta e nela habitam somente os animais de terras desérticas. Não sequer ruínas da gloriosa Babilônia. Deus apagou da terra a memória da cidade-orgulho dos caldeus.

Veja o que Deus com a famosa Mênfis, no Egito (leia Jr 46.19). A gloriosa Mênfis é até hoje uma terra de desolação, sem habitantes, porque o Senhor apagou a glória desse império soberbo.

Da mesma forma Deus fez com o império macedônio e com o romano. Deus governa moralmente os povos e por causa da transgressão desmedida de suas leis morais, Deus tem todo o direito de anular um império, pois é ele próprio quem o levanta.

Governo Moral no tempo de Noé

Vejamos primeiro o desagrado de Deus com o mundo quando ele destruiu todas as nações que andavam afrontando as suas leis morais. Foi no tempo de Noé. É curioso que Deus não destrói as nações de imediato. Ele sempre envia os seus profetas e mensageiros avisando-as dos seus maus caminhos, como expressão da sua bondade para com elas. A Escritura diz que por cerca de 120 anos, Noé foi pregoeiro da justiça (2 Pe 2.5). Todavia, os homens do tempo de Noé se recusaram a lhe dar ouvidos e, então, o juízo de Deus veio sobre o mundo. Deus destruiu a todos, exceto a Noé e sua família, além de exemplares de muitos animais, a fim de que Deus pudesse recomeçar a raça humana e animal.

Governo Moral no tempo de Sodoma e Gomorra

Os habitantes de Sodoma e Gomorra eram transgressores das leis morais de Deus. Gênesis 13.13 diz que “os homens de Sodoma eram maus e grandes pecadores contra o Senhor”. O pecado sempre cresce em intensidade quando uma nação se recusa a praticar as leis morais de Deus. Por isso, Deus disse: “Com efeito o clamor de Sodoma e Gomorra tem-se multiplicado e o seu pecado se tem agravado muito” (Gn 18.20). Deus se importa com a conduta das nações, porque ele é o governador moral de todo o universo. Ele tem todo o direito de exercer juízo sobre as nações desobedientes aos seus padrões morais. Foi exatamente o que ele fez com essas duas cidades. Embora Abraão houvesse intercedido pelas cidades, fazendo uma espécie de barganha com Deus por causa dos justos que ali habitavam (Gn 18.22-33), Deus resolveu não ouvir a sua oração, porque Deus é justo e pune o mundo ímpio.

A impiedade de Sodoma chegou a tal ponto de os próprios anjos enviados por Deus serem atacados moralmente pelos homens da cidade (Gn 19.5). Então, Deus que já havia decidido destruir a cidade, fez descer fogo e enxofre do céu, apagando-a do mapa (Gn 19.23-29), salvando apenas Ló e sua família, por amor a Abraão, seu amigo. Nunca mais aquelas cidades foram reconstruídas.

Governo Moral sobre as nações gentílicas

Pelo tempo em que Daniel estava sendo levado cativo para a Babilônia, Deus se dirige aos monarcas de cinco nações gentílicas (Edom, Moabe, Amom, Tiro e Sidom), falando-lhes através de mensageiros: Jr 27.4-6 - “Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Assim direis a vossos senhores: Eu fiz a terra, o homem e os animais que estão sobre a face da terra, com o meu grande poder e co o meu braço estendido, e a dou àquele a quem for justo. Agora eu entregarei todas estas terras ao poder de Nabucodonozor, rei de Babilônia, meu servo; e também lhe dei os animais do campo para que o sirvam.”

Deus havia entregue essas nações ao domínio de Nabucodonozor por causa do pecado delas, porque estavam dando ouvidos a falsos profetas, adivinhadores e prognosticadores (Jr 27.9-10).

Todas essas nações foram conquistadas pelo rei de Babilônia que se houve perfidamente com os seus conquistados, inclusive os de Israel. Nabucodonozor foi o instrumento da providência punitiva de Deus, mas também a ele coube a punição divina pelo modo como ele fez as coisas. Por isso, no mesmo texto o Senhor fala: “Todas as nações o servirão a ele, a seu filho e ao filho de seu filho, até que também chegue a vez da sua própria terra, quando muitas nações e grandes reis o farão seu escravo.” (Jr 27.7). Todas as nações violadoras dos princípios morais de Deus recebem as punições pelos seus pecados.

Deus levanta impérios e os derruba. Foi isso que ele ensinou a Nabucodonozor nos seus sonhos. Quando Daniel interpretou a grande estátua do sonho do rei, ele falou sobre o surgimento e a queda de todos eles: o ouro representava o império Babilônico; a prata, o império Medo-Persa; o bronze, o império Macedônio; o ferro e o barro, o império Romano (Dn 2.36-43). Todos esses reinos surgiram com esplendor e glória, mas todos eles foram destruídos por quebrarem a lei moral divina. Deus os humilhou a todos, e eles feneceram.

Governo Moral sobre o seu Povo

Por último, depois do império romano, haveria de surgir um outro império, que nunca mais seria destruído, um império que domina para sempre, um império quando as leis morais de Deus haveriam de ser obedecidas. Veja o que o Senhor disse:

Dn 2.44 - “Mas, nos dias destes reis, o Deus do céu suscitará um reino que não será jamais destruído; esse reino não passará a outro povo: esmiuçarà e consumirá todos estes reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre.”

Daniel teve um sonho similar ou paralelo ao de Nabucodonosor. Ele sonhou com quatro grandes impérios (que são representados pelos quatro animais em Daniel 7.1-12), que também foram destruídos e com um reino que jamais seria destruído. Eis a narrativa de suas visões sobre esse último reino:

Dn 7.13-14 - “Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do homem, e dirigiu-se ao Ancião de dias, e o fizeram chegar até ele. Foi-lhe dado domínio e glória, e o reino, para que povos, nações e homens de todas as línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído.” (cf 1 Co 15.24; 2 Pe 1.11)

Os dois sonhos a respeito dos reinos que surgiram e caíram e do reino eterno se referem ao reino de Jesus Cristo que, como Deus que é, reina para todo sempre. Somente o reino que tem por lei a verdade de Deus é que permanece para sempre. Deus é um Deus de justiça e ela é feita quando os seus princípios gerais de governo não são obedecidos pelos monarcas e pelos seus súditos.

Deus levantou os reinos, fez uso deles em sua providência, eles pecaram contra Deus e Deus os destruiu. Essas coisas mostram o controle providência moral que Deus tem sobre o universo das nações. A providência divina também deve ser vista nos seus juízos porque o juízo implica num governo moral. Por que Deus pune os homens e as nações? Porque todos eles violam os seus padrões morais estabelecidos em lei escrita ou na norma de lei gravada nos corações de todos. Se Deus não os punisse, ele seria injusto consigo mesmo, e poderia ser visto como um Deus fraco e moralmente relapso.

DEUS GOVERNA O UNIVERSO ESPIRITUAL

Deus não tem somente o poder para reinar sobre o mundo físico, o moral, mas também a esfera das coisas espirituais. Estas três esferas são absolutamente governadas pelo Deus triúno de maneira completa.

Quando Jesus Cristo veio ao mundo, o império romano estava no comando do mundo civilizado. Ele impunha todas as regras às nações conquistadas. No entanto, aquele tempo era o tempo de Deus, a plenitude dos tempos, o tempo exato de Deus mostrar ao mundo quem o governava. Cristo mostrou que o reino de todo o universo foi entregue nas suas mãos, como o rei messiânico que era. Antes de subir aos céus, exclamou: “Todo poder me é dado no céu e na terra.” (). Escrevendo aos crentes de Éfeso, Paulo diz de Jesus Cristo:

Ef 1.20-23 - “o qual exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos, e *fazendo-o sentar à sua direita* nos lugares celestiais, *acima* de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir não só no presente século, mas também no vindouro. E *pôs todas as coisas debaixo dos seus pés* e, para ser o *cabeça sobre todas as cousas*, o deu à igreja, a qual é o seu corpo, a plenitude daquele que a tudo enche em todas as cousas.”

O reino messiânico fora, então, estabelecido. Jesus Cristo veio a ser “o soberano dos reis da terra” (Ap 1.5), conhecido como “o Rei dos reis e o Senhor dos senhores” (Ap 17.14; 19.16). Todavia, esse reino não possui as mesmas características do império romano, nem o Rei era da mesma natureza. Cristo está no trono governando o mundo, a seu modo, nas três esferas: física, moral e espiritual, estando acima de qualquer autoridade do mundo criado. Todos os seres deste mundo, e suas autoridades, ficaram sob os pés de Jesus Cristo, o que indica o seu senhorio sobre eles.

Deus estabeleceu todos os aspectos para que Cristo começasse a exercer todo o seu domínio espiritual neste mundo. As conquistas de Alexandre o Grande, deram ao mundo a língua grega que se tornou a linguagem universal de comunicação, mesmo no império romano nos tempos de Jesus Cristo; o império romano foi quem abriu as estradas a fim de que os viajores pudesse se locomover através do extenso território sob Roma. O evangelho seguiu nas trilhas do império romano e se espalhou pelo mundo de então. Por causa da Paz romana, os cristãos puderam se locomover livremente para espalhar as boas novas do reino, embora não sem perseguição. A navegação marítima se tornou mais acessível para as viagens ultramarinas, das quais Paulo se serviu enormemente.

A providência governamental divina preparou todos os caminhos para que o reino espiritual de Jesus Cristo começasse a se impor diante das trevas espirituais do mundo. Essa era “a plenitude dos tempos” da qual Paulo falou. Era o tempo em que o império das trevas começaria a perder em grande escala os seus súditos que, por sua vez, seriam transportados para o reino do Filho do amor de Deus (Cl 1.13). A luz começaria, de forma efetiva, a prevalecer contra as trevas.

Por seu governo espiritual sobre o mundo, Deus fez com que o evangelho invadisse muitas nações. O período da expansão do evangelho cresceu muito, a ponto de os pregadores serem chamados de “homens que têm transtornado o mundo” (). O governo espiritual do mundo começou a se impor de maneira expressiva.

À medida que se cumprem os decretos divinos, Deus vai trazendo mais pessoas ao conhecimento salvador de Jesus Cristo, retirando-as do domínio de trevas. Isto acontece na medida que a história escrita de antemão por Deus se realiza. As obras do governo espiritual de Deus são o cumprimento dos planos eternos de Deus com respeito à vida espiritual.

Aqueles que não estão inscritos no livro da vida do Cordeiro, como veremos mais adiante neste livro, não participam da vida de Deus, mas ainda estão sob o governo espiritual de Deus. Deus os mantém sob sua ira, encerrados em trevas, para o dia do juízo, por causa de seus próprios pecados, por sua rebeldia contra as leis divinas.

Portanto, quer salvando o seu povo dando-lhes luz ou deixando os demais na ignorância, em trevas, Deus reina absoluto sobre todos os homens espiritualmente. Este governo espiritual absoluto de Jesus Cristo será exercido até o final do presente estado de coisas, quando ele haverá de devolver o reino ao Deus e Pai (1 Co 15.24-28), reinando como um participante da Trindade em plena luz sobre os filhos da luz, ao mesmo

tempo em que reinará sobre os filhos das trevas mantendo-os sob sua santa justiça para todo sempre.

APLICAÇÃO

Não se apavore com o que está acontecendo!

Nuvens negras pintam no horizonte. Parece que o mundo caminha para uma trilha sem volta. A idéia de reversão para um mundo moralmente sadio, economicamente perfeito, sem violência, sem injustiça, e coisas semelhantes a essas, está cada vez mais distante. Então, a tendência de nossa fraqueza é ficarmos desesperados e nos tornarmos cheios de ansiedade e angústia.

Todavia, a grande verdade que temos de aprender é a de que Deus está no controle de toda história. Nada acontece sem que seja o cumprimento dos seus decretos. Ele escreveu a história do começo ao fim. Ele tem todos os elementos para conduzir a história exatamente para o fim que ele determinou. Nosso soberano Senhor está no leme e tem o barco inteiro nas suas mãos e ele não afundará. Ele é o Senhor que cuida dos seus filhos e toma conta de todas as suas necessidades.

Quando alguns de seus filhos ficam preocupados com a situação que os rodeia, então ele lhes dirige a palavra dizendo: “Observai as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai celeste as sustenta. Porventura, não valeis vós muito mais do que as aves?” (Mt 6.26). Se Deus alimenta os pardais e veste os lírios do campo, certamente ele terá cuidado daqueles a quem ele ama especialmente. Por essa razão, não podemos ficar preocupados nem ter medo da crise política, econômica e financeira pela qual já vimos passando há anos em nosso país. Mesmo que a nuvens se pintem negras, não temos o direito de andar ansiosos, pois Deus está no controle de todas as coisas.

De modo semelhante ele disse: “Não se vendem dois pardais por um asse? E nenhum deles cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai. E quanto a vós outros, até os cabelos todos da cabeça estão contados. Não temais, pois! Bem mais valeis vós do que muitos pardais.” (Mt 10.29-31)

Você e eu precisamos aprender a repousar mesmo quando estamos viajando em águas profundas e tempestuosas. Fazer como Jesus fazia. Enquanto os discípulos estavam apavorados pelas ondas do mar, Jesus repousava tranqüilo na popa do barco. Essa é uma atitude a ser aprendida por todos nós. Em alguns momentos de sua vida, Davi aprendeu a fazer dessa maneira. Era um general, um homem com muitos problemas e sujeito a muitas tempestades. Todavia, porque ele aprendeu a conhecer o governo providencial de Deus, ele soube nos ensinar esta verdade, dizendo de sua própria experiência: “Em paz me deito e logo pego no sono, porque, Senhor, só tu me fazes repousar em segurança” (Sl 4.8).

Quando aprendemos a confiar no governo providencial de Deus, então aprendemos a repousar; quando temos confiança de que Deus é o Senhor da história, então aprendemos que podemos descansar seguros porque o Senhor não dorme, nem dormita o guarda de Israel (Sl 121). Enquanto dormimos, ele vigia por nós. Aliás, dormimos somente quando entendemos

que ele tem cuidado de nós! Quem não confia no governo providencial de Deus não aprende nunca a descansar no Senhor e a esperar nele!

Nunca Atribua ao Diabo o governo deste mundo

Não cometa o erro que muitos cristãos hoje estão cometendo – o de pensar que o governador deste mundo é o diabo. Deus governa o seu povo, mas o diabo governa o mundo. Isto tem acontecido por interpretação errônea de alguns textos (i.e., Mt 4.8-9; Jo 14.30; 16.11 e vários outros). Se você continuar a fazer o que alguns cristãos fazem, você está banindo Deus do mundo que ele próprio criou.⁴⁷

Na verdade, somente Deus governa o nosso mundo, regulando todas as coisas que aqui acontecem. Por causa do pecado, e da conseqüente ira divina, toda a criação física, os homens e os animais, estão debaixo da maldição divina (não satânica!). Todos estão sob o controle absoluto do Senhor do céu e da terra!

Portanto, não se aflija com medo do que o demônio possa fazer. Deus é quem está no trono. O diabo e todos os seus anjos só fazem aquilo que cumpre os desígnios divinos. Eles são servos do Altíssimo para cumprir os seus propósitos. Não os tema. Eles não possuem o governo do universo criado. Eles estão agindo na esfera da maldade para cumprir uma história de antemão determinada por Deus.

Não pense nunca mais que Satanás controla o universo criado. Este está sob o domínio do Altíssimo. Fique tranqüilo e calmo esperando o desfecho de toda a história, onde o próprio Satanás e seus asseclas haverão de ser lançados no lago de fogo e serão atormentados para sempre (Ap 20.10). Somente Deus é o Senhor!

Nunca atribua à sorte as coisas boas que lhe acontecem

Não se porte como os que não crêem em Deus, mas crêem no fatalismo impessoal. Essas pessoas atribuem tudo o que acontece na vida deles, sejam coisas boas ou más, ao destino ou à sorte, ou a outras coisas que não sejam ao verdadeiro Deus. Essas pessoas tiram Deus de seus pensamentos e atribuem tudo a este universo fechado, sem admitirem que há um Deus transcendente que age neste mundo que criou.

Quando você receber alguma coisa boa na vida, aprenda a ser agradecido. Nunca diga que o que aconteceu a você estava escrito nas estrelas ou que você é uma pessoa de sorte, ou que o destino tem sido bondoso com você. Não tire de Deus a glória das coisas boas que você recebe!

Creia no Deus que governa providencial e sabiamente este seu universo! Isto quer dizer que você deve crer num Deus pessoal, num Deus que se relaciona com a sua criatura e a bênção. O universo não é governado por forças impessoais, pelo destino, pela sorte, ou por aquilo que as pessoas chamam de “forças da natureza”. O governo deste mundo é um Deus poderosíssimo que se envolve com as suas criaturas.

⁴⁷ Se você quer saber muitas coisas lindas sobre esta matéria, leia a parte introdutória do livro de A.W. Pink, *Deus é Soberano* (São Paulo: Editora Fiel). Esse livro lhe ajudará muito na compreensão de quem é o Deus em que você crê.

Quando você experimentar alguma coisa desagradável, como uma grande perda, por exemplo, não atribua ao destino, ou ao azar ou ainda, ao acaso. Você pode (e deve!) até chorar por suas perdas, mas nunca atribua as suas perdas a alguma força impessoal. Há o grande e sábio Senhor do universo por detrás de todas as coisas. Lembre-se de que Deus está no controle de tudo e que ele assume a responsabilidade por todas as coisas deste universo. Nada do que se passa aqui acontece sem ser o cumprimento dos seus decretos.

Quando você experimentar tanto a alegria como a tristeza atribua a razão última delas ao Senhor Deus, em última instância. Quando ele lhe dá a alegria é para que você aprenda a ser agradecido! Quando ele lhe dá a tristeza é para que você aprenda que ele é o único Consolador! Você jamais experimentará estas sensações a menos que você creia num Deus que governa providencialmente este universo juntamente com todos os seus habitantes, especialmente aqueles que, por graça, vêm a crer nele. Quando você entender estas coisas, você aprenderá a viver mais na dependência dele e cheio de desejosa obediência a ele. É disto que as nossas igrejas desesperadamente precisam — de crentes dessa qualidade.

CAPÍTULO 9

A RETRIBUIÇÃO PROVIDENCIAL DE DEUS

Obviamente, este capítulo trata da justiça retributiva de Deus com respeito aos atos maus dos homens, sejam eles regenerados ou não. Os atos de retribuição estão diretamente relacionados com os atributos da santidade e da sua ira. Eles mostram que os seres racionais não podem ficar sem punição, nem escapar de suas conseqüências. Deus é um ser absolutamente justo e ele sempre dá a paga que os homens merecem. O princípio bíblico vale aqui com toda a força: “Aquilo que o homem semeia, isso também ele ceifará” (Gl 6.7).

Contudo, não podemos nos esquecer de que os atos retributivos de Deus são atos de sua providência, pois eles estabelecem a justiça no mundo, velam pela ordem no mundo e, em última instância, concorrem para o bem de todos os filhos de Deus.

OBJETOS DA RETRIBUIÇÃO PROVIDENCIAL

Assim como a graça comum atinge a todos os homens sem distinção, isto é, crentes e incrédulos, assim também eles todos são objetos da providência retributiva. A fim de demonstrar a sua santidade ele está debaixo da obrigação da sua própria natureza de intervir no mundo pecador para exercer a sua providência retributiva. Ninguém escapa dessas intervenções divinas. Uns a recebem mais fortemente, outros menos, mas Deus mostra o seu desagrado com todos os transgressores da sua lei.

As retribuições estudadas aqui não tratam dos castigos eternos, mas somente dos parciais, incluindo a morte física, tanto de ímpios como de crentes.

RETRIBUIÇÃO PROVIDENCIAL AOS ÍMPIOS

Há muitos casos que evidenciam a retribuição providencial de Deus, mas daremos apenas alguns exemplos para ilustrar como Deus intervém na vida do mundo para punir os homens que transgridem as suas leis e afrontam a sua santidade.

Retribuição Providencial a Adoni-Bezeque

Adoni-Bezeque era um homem mau. Fez todas as maldades possíveis contra os seus adversários.

Acima, porém, dos homens maus, há um governador soberano no universo, que dá a paga aos homens dos seus atos maus. Não podemos nos esquecer de que Deus usa instrumentos humanos para que os seus propósitos retributivos sejam cumpridos (Jz 1.5-6).

Veja o que diz o texto sobre a providência retributiva de Deus:

Jz 1.7 - “Então disse Adoni-Bezeque: setenta reis, a quem haviam sido cortados os polegares das mãos e dos pés, apanhavam as migalhas debaixo da minha mesa: assim como eu fiz, *assim Deus me pagou*. E o levaram a Jerusalém, e morreu ali.”

E devemos entender essa atividade divina como obra de sua providência. Se os homens não são punidos exemplarmente, a proliferação da violência aumenta ainda mais neste mundo. O curioso, contudo, é que o povo hebreu que perseguiu Adoni-Bezeque não sabia da história passada dele, como um cortador de dedos dos reis a quem ele conquistava. Portanto, não pode ser dito que os hebreus estavam executando qualquer vingança pelos atos passados dele.

Entretanto, o próprio Adoni-Bezeque admitiu que o que estava acontecendo ali com ele é a providência punitiva de Deus. Deus lhe estava devolvendo os atos que ele praticara com outras pessoas. Este é um testemunho de um rei pagão sobre a obra providencial de Deus em termos de retribuição.

O fato triste é que muitas pessoas, mesmo depois de milênios de história da revelação bíblica, ainda questionam que Deus possa agir como vingador dos pecados dos homens. Muitos cristãos ignoram que Deus tem o direito de vingança, de retribuição, coisa que ele proíbe aos homens (Rm 12.19). O que é proibido aos homens e permitido a Deus. Entretanto, muitos cristãos hoje têm a ignorância sobre Deus que pagãos em tempos tão antigos não tinham. Como a revelação bíblica tem sido desprezada pelos homens de nosso tempo que não reconhecem em Deus um direito que é dele somente.

Retribuição Providencial ao rei Agague

Agague era rei dos amalequitas. Havia feito muitos males contra Israel. Então Deus enviou Samuel para ungir Saul como rei de Israel e ordenou que Saul ferisse a Agague e destruísse totalmente tudo o que pertencia a ele. Veja a ordem dura do Senhor para Saul:

1 Sm 15.3 - “Vai, pois, agora e fere a Amaleque, e destrói totalmente a tudo o que ele tiver; nada lhe poupes, porém matarás homem e mulher, meninos e crianças de peito, bois e ovelhas, camelos e jumentos.”

Será possível que esse é o verdadeiro Deus que eu conheço?, alguns se perguntariam. Certamente, não é o Deus que muitos mestres, teólogos e pregadores apresentam. Este é o Deus das Santas Escrituras, o Deus das vinganças, o Deus das retribuições providenciais. Nós precisamos rever a nossa teologia, porque o Deus e Pai de Jesus Cristo, que é o mesmo Deus do Antigo Testamento, é apresentado como o Soberano Senhor, mesmo no Novo Testamento. É-nos dito no Novo Testamento que ele é o Deus das vinganças, como já afirmamos logo acima.

Ele tem o direito de ordenar o que foi ordenado acima ao rei Saul, porque ele é soberano sobre Saul, a quem ele próprio havia constituído rei (1 Sm 15.1-2).

Todavia, Saul não obedece as ordens de Deus exatamente da forma como Deus havia ordenado. Ele destruiu o povo, mas não o rei Agague e

também tomou algumas coisas boas para si (v. 8-9). Além disso, ele mentiu a Samuel dizendo que havia cumprido todas as palavras do Senhor (v.13). Samuel percebe as ovelhas que haviam sido tomadas dos amalequitas e justifica que era para o sacrifício ao Senhor (v.15, 20-21), o que Samuel contesta (v.22). Samuel, então, pronuncia a setença de Deus contra Saul (v.23). Saul, por sua vez, reconhece o seu pecado (v.24) e pede perdão (v.25), mas não houve retorno.

Samuel, então, mandou buscar o rei Agague e lhe disse:

1 Sm 15.33 - “Assim como a tua espada desfilhou mulheres, assim desfilhada ficará tua mãe entre as mulheres. E Samuel despedaçou a Agague perante o Senhor em Gilgal.”

Assim como Agague havia deixado muitas mães sem filhos, assim sua mãe também ficaria sem o seu filho. Agague foi morto violentamente, assim como violentamente ele havia matado tantos! A retribuição providencial de Deus que deveria ter sido executada por Saul foi executada por Samuel. A palavra de Deus tinha que ser cumprida. Porque não a cumpriu, Saul perdeu o trono e o favor do Senhor (v.23). Samuel toma a iniciativa de retribuir a Agague as suas más obras.

Deus é providente em todas as coisas que faz, porque as faz para que o seu governo seja reconhecido na terra e todas as pessoas saibam que ele é o rei verdadeiro e soberano deste universo.

RETRIBUIÇÃO PROVIDENCIAL AOS SEUS SANTOS

Retribuição Providencial a Davi

Davi cometeu um dos crimes mais hediondos que já foram registrados nos anais da história. A hediondez é medida não simplesmente pelos estragos causados na vida de uma família, mas especialmente pelo grau de conhecimento que Davi possuía de Deus.

Davi usou o seu poder para cometer os seus pecados. Ele combinou uma série de fatores para levar avante o seu projeto maligno depois de cobiçar e possuir Bate-Seba. Davi pode ser considerado culpado de perfídia, crueldade e ingratidão para com um soldado leal ao seu exército. Ele chamou a Urias para conversar amistosamente sobre o seu exército (2 Sm 11.7). quando Urias deixou sua casa, Davi enviou-lhe presente (2 Sm 11.8), mas como soldado leal Urias não foi ter com sua mulher, mas permaneceu guardando o palácio real (v.9). Na verdade, Davi queria que ele fosse procurar a sua esposa, que tivesse relação com ele, a fim de que a gravidez dela fosse justificada, pois o verso 27 mostra que Bate-Seba ficou grávida de Davi. A lealdade dele fica mais evidente quando ele diz o motivo dele não ter ido à sua casa após a batalha (v.10). Então, Davi não encontra outra solução senão armar o crime contra o seu servo Urias, um homem leal, mas fez tudo para parecer casualidade, acidente de uma guerra. Somente o seu general Joabe sabia de seu motivos sujos (v.14-15). A trama urdida por Davi não conseguiu esconder a vergonha de seu pecado. Urias foi morto e Davi recebeu a notícia de sua morte. No entanto, a Escritura registra que “isto que Davi fizera foi mal aos olhos do Senhor” (v.27).

Mesmos os melhores homens são capazes dos crimes mais repugnantes, embora eles sejam preservados pela providência divina, mas não sem a manifestação do seu desagrado com os pecados deles.

Davi casa-se com Bate-Seba depois da morte de Urias e começam a viver juntos. Então, o Senhor envia um profeta a Davi. Era Natã. Ele se chega e conta uma triste estória de dois homens, um rico e outro pobre (2 Sm 12.2-4). É a história que narra as injustiças feitas pelo rico contra o pobre. Davi se ira contra a injustiça e ordena que tal homem injusto seja morto! Nata mete o dedo na face de Davi: “Esse homem que deve ser morto é você!” – e dá as razões de sua afirmação (12.8-9).

A seguir, vem a maldição divina sobre Davi e sua descendência por causa daqueles pecados. Deus não pode deixar mesmo os seus filhos sem a retribuição. Ele é um Deus zeloso das suas leis quebradas. Isso ninguém pode negar. Veja o que o profeta diz a Davi, da parte de Deus:

Análise de Texto

2 Sm 12.10-11 – “Agora, pois, não se apartará jamais a espada de tua casa, porquanto me desprezaste, e tomaste a mulher de Urias, o heteu, para ser tua mulher. Assim diz o Senhor: eis que da tua própria casa suscitarei o mal sobre ti, e tomarei tuas mulheres à tua própria vista, e as darei a teu próximo, o qual se deitará com elas, em plena luz deste sol.”

Há algumas coisas muito importantes que não podem ser esquecidas neste texto:

A retribuição de Deus está vinculada ao desprezo que o homem tem por sua palavra.

Davi quebrou o mandamento divino de não adulterar. Às vezes não podemos fazer separação entre o Senhor e a sua Palavra. Desprezar a Palavra de Deus era equivalente a desprezar ao próprio Deus, da mesma forma que rejeitar a sua palavra é rejeitar ao próprio Deus.

Veja o exemplo que Paulo deu desse uso. Ele instou aos tessalonicenses a viverem de modo reto, seguindo o caminho da santificação (1 Ts 4.3). Quando aqueles que estão querendo constituir família pecam sexualmente, isso é impureza e Deus a condena, “porquanto Deus não nos chamou para a impureza, e, sim, em santificação.” Então Paulo conclui: “Destarte, quem rejeita estas cousas não rejeita ao homem, e, si, a Deus” (1 Ts 4.7-8). Rejeitar a Palavra é rejeitar a Deus.

Foi exatamente essa Palavra do Senhor que Davi desprezou, pois ele a conhecia. Mesmo a sua prerrogativa real não lhe dava o direito de desprezar a verdade de Deus. Por essa razão, a retribuição providencial veio sobre ele e sobre a sua descendência de maneira muito dura.

A retribuição da providência divina é ordenada e levada a efeito por Deus através de seus agentes secundários.

Ele disse: “*Eu suscitarei o mal sobre ti*”. Os males de juízo sobre nós são ordenados por Deus, mesmo que esses males de juízo envolvam a quebra de princípios morais. O castigo que Deus suscitou foi uma punição

que envolvia atos morais que os seus agentes praticaram. Aitofel, o conselheiro e Absalão, o praticante dos atos punitivos de Deus, são agentes que Deus usa para a execução dos seus propósitos.

Aquilo que Deus determinou que acontecesse através de alguém da própria casa de Davi foi um mal moral, mesmo embora tenha sido considerado um julgamento de Deus sobre Davi. Deus suscitou o mal, mas o mal foi praticado por agentes secundários. É difícil entender como isso se processa, mas a Escritura diz que é assim e temos que crer como a Escritura afirma.

A retribuição providencial de Deus é feita através de pessoas que o próprio Deus determina.

Deus poderia ter escolhido um homem ímpio para cometer um pecado mais hediondo ainda. Todavia, Deus escolheu o próprio filho amado de Davi, Absalão, que queria ser o herdeiro do trono, para ser o executor do seu terrível decreto. Os caminhos da providência retributiva de Deus são mais altos do que os nossos caminhos e os seus pensamentos mais altos do que os nossos pensamentos. Eu não posso entender a razão última pela qual Deus faz uma coisa dessas, mas ele faz porque ele é soberano, e essa sua ação não traz nenhuma mancha sobre a sua santa natureza.

Ele levantou o filho de Davi para pecar contra o seu pai, mas foi um ato que evidenciou o *modus operandi* de Deus na sua justiça providencial que está além de nossa compreensão, mas que precisa ser aceito humildemente. Deus puniu um filho seu através de alguém do próprio sangue a quem ele próprio suscitou.

A retribuição providencial tem, em si mesmo dois aspectos:

1) O primeiro diz respeito ao sangue que seria derramado na sua descendência. A *“espada jamais seria apartada da tua casa”*. Toda sua descendência haveria de sofrer os pecados do famoso ascendente; 2) O segundo, por causa do seu pecado, Deus resolve expô-lo à vergonha. Este aspecto tem um caráter pessoal para Davi. Aquilo que ele havia feito com Bateba o seu descendente, Absalão, haveria de fazer com as suas mulheres, mas de uma maneira pior. A retribuição seria a tal grau que Davi iria ser envergonhado publicamente, quando suas mulheres seriam possuídas à plena luz do dia. O texto da profecia diz que Davi haveria de ver com os próprios olhos um seu descendente possuindo as suas mulheres.

No final das contas, todos os expedientes que Davi usou para a execução de seus pecados não puderam evitar a retribuição providencial de Deus. Ninguém pode fugir dos decretos divinos. Eles foram cumpridos literalmente algum tempo depois (ver 2 Sm 1.21-23). Quão poderoso, sábio e soberano é o Deus da providência. Quão profunda é a sua sabedoria! Quão insondável o seu poder e quão terrível a sua soberania!

Deus poderia ter feito a retribuição de um modo muito diferente, mas quem somos nós para julgar os atos retributivos providenciais de Deus? A sabedoria humana não pode compreender as profundezas do conselho divino! Ela não pode entender o caminho de Deus! A única saída nossa é nos submetemos aos juízos sábios e santos de Deus e ficarmos calados

diante de suas ações, dando ouvidos e crendo naquilo que a sua Palavra afirma, mesmo que sejam suas afirmações além de nossa compreensão!

INSTRUMENTOS DE RETRIBUIÇÃO PROVIDENCIAL

RETRIBUIÇÃO ATRAVÉS DE HOMENS MAUS

Não é raro observar que alguns agentes da retribuição divina são até piores do que aqueles que são os objetos dessa retribuição.

1) A fim de punir a pérfida Israel e a ingrata Judá, Deus usou gente ainda mais pérfida, como os reis da Assíria e Babilônia.

Israel e Judá procederam de maneira ímpia contra o Senhor. Tanto o reino do norte como o do sul andaram contrariamente à vontade preceptiva de Deus. Quebraram os preceitos de Deus através dos seus ímpios reis. Então, provavelmente para humilhá-las, Deus levantou homens absolutamente incrédulos, ímpios com grande manifestação de soberba para punir os dois reinos por causa de seus pecados. Para punir o reino do norte, Deus levantou a Assíria e seu rei ímpio que acabou com Samaria e se portou de maneira soberba contra Israel e contra o Senhor. Para punir o reino do sul, quase dois séculos mais tarde, Deus levantou a soberba e orgulhosa Babilônia, com o seu rei Nabucodonozor.

Não sabemos as razões últimas da providência retributiva de Deus, mas Deus fez assim várias vezes para mostrar que é ele quem manda neste mundo, põe reis e dispõe deles para o exercício de sua providência.

2) A fim de punir a descendência de Jeroboão, Deus usou um homem ainda mais mau, Baasa.

Neste caso específico Deus haveria de punir um homem muito ímpio: Jeroboão. O profeta Aías deu um recado à mulher de Jeroboão, mandando que ela lho transmitisse: “Porquanto te levantei no meio do povo, e te fiz príncipe sobre o meu povo Israel, e tirei o reino da casa de Davi, e to entreguei, e tu não foste como Davi, meu servo, que guardou os meus mandamentos e andou após mim de todo o seu coração para fazer somente o que parecia reto aos meus olhos; antes fizeste o mal, pior do que todos os que foram antes de ti, e fizeste outros deuses e imagens de fundição, para provocar-me à ira, e me viraste as costas” (1 Rs 14.7-9). Então, Deus promete “trazer o mal” sobre a casa de Jeroboão de uma maneira violenta, matando todos os seus descendentes (v.10).

Acontece que Deus levanta um plebeu, Baasa, pior do que Jeroboão para executar a sua providência retributiva. Baasa fez o que era mau perante o Senhor (1 Rs 17.25-29), matando a descendência de Jeroboão, conforme o decreto divino e recebe também a justa punição por causa de seus pecados (1 Rs 16.1-7).

RETRIBUIÇÃO ATRAVÉS DE PESSOAS DA FAMÍLIA

Deus tem caminhos estranhos ao executar a sua providência retributiva. Ele usa gente do próprio sangue dos transgressores, gente insuspeita para serem instrumentos de sua retribuição providencial.

A fim de punir Davi por causa dos seus hediondos pecados, ele usou o seu filho Absalão, uma pessoa que poderia e deveria ser insuspeita. Davi havia adulterado com Batseba e mandado matar o marido dela a fim de que pudesse ficar com ela de vez. Deus desgostou-se fortemente contra o pecado de Davi.

O que fez ele então? Anunciou através do profeta Natã um plano terrível, que choca a mente daquele que não conhece a soberania administrativa de Deus. Ele disse a Davi, pelo profeta:

2 Sm 12.11 - “Eis que *da tua própria casa* suscitarei o mal sobre ti.”

Absalão era um filho muito amado por Davi. Seu amor pode ser visto no modo em que Davi se portou quando da morte desse filho. Todavia, Deus levantou alguém do próprio sangue para enfiar em Davi a seta do seu desgosto, uma seta que veio lhe trazer muita amargura ao coração. Quanto mais perto uma pessoa é de nós, mais dói o que ela faz contra nós. Essa experiência pode ser comprovada em qualquer situação onde uma pessoa querida impinge desgraça sobre a pessoa que ama. Deus feriu o coração de Davi quando fez com que Absalão se deitasse com as suas próprias mulheres (ver 2 Sm 16.22).

RETRIBUIÇÃO ATRAVÉS DOS FENÔMENOS NATURAIS

Via de regra as punições parciais de Deus sobre cidades ímpias ou povos ímpios vem através da manifestação arrasadora dos fenômenos da natureza.

O princípio geral da retribuição divina através dos fenômenos da natureza tem sua base numa verdade bíblica do Antigo Testamento que está repetida com todas as letras em Gálatas 6.7 – “Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará”. Esse é o princípio geral que é ilustrado de muitas maneiras na Escritura. Os desobedientes sempre haverão de colher a ira divina através de privações decorrentes da sementeira do mal.

O profeta Oséias trabalha com o mesmo princípio na sua profecia. Afinal de contas, ele entendia da matéria, porque era um lavrador. Veja o seu ensino:

Os 8.7 – “Porque semeiam ventos, e segarão tormentas: não haverá seara; a erva não dará farinha; e se a der, comê-la-ão os estrangeiros.”

O povo de Israel havia transgredido o pacto de Deus (v.1). No entanto, o povo alegava ter conhecimento de Deus (v.2), o que tornava a situação deles ainda mais culposa. Eles procederam como se não houvesse Deus. Eles fizeram as suas próprias leis, estabeleceram reis e príncipes, cometeram o pecado da idolatria (v.4-6). Estavam semeando ventos e haveriam de colher tempestades (v.7). O que aconteceria com eles? Deus iria usar a natureza para puni-los severamente. Eles haveriam de passar fome: não mais colheita. Se alguma coisa a terra produzisse, eles mesmos não haveriam de provar, mas os estrangeiros, os inimigos (v.7). A consequência da privação

foi que Israel foi devorada (v.8). Em outras palavras, a economia de Israel foi à bancarrota. Israel ficou falida e tornou-se presa para os inimigos.

Além desse exemplo textual, há muitos outros onde Deus traz males físicos sobre o povo através de terremotos, enchentes, secas, pestes nas plantas, pragas de animais, etc. A natureza é um instrumento divino para a execução da sua providência retributiva.

RETRIBUIÇÃO ATRAVÉS DE ANIMAIS

Deus usou de modo específico alguns animais para serem os instrumentos da sua providência retributiva. Eis alguns exemplos:

Deus usou cães e aves

Assim como Deus usou animais para suprir providencialmente a alguns de seus servos, como Elias por exemplo, ele também usa os animais para o cumprimento de sua providência retributiva, trazendo penalidade sobre os infratores da sua lei.

Exemplo de Jezabel

Deus preanunciou através do profeta Eliseu que Jezabel seria comida por cães (2 Rs 9.10) por causa de suas prostituições e de suas feitiçarias (v.22). Jeú ordenou que Jezabel fosse jogada da sacada do palácio para o chão, seu corpo partiu-se e sangue espalhou-se por toda parte, ele pensou em enterrá-la como filha de rei que era (v.33), mas só restavam fragmentos do seu corpo, porque toda a sua carne havia sido comida pelos cães (v. 35). Então, no verso 36 ele reconhece a providência divina cumprindo os seus decretos que anteriormente já haviam sido vaticinados pelo profeta Elias (1 Rs 21.24).

As mãos da providência haviam se antecipado à ordem de Jeú para que fosse sepultada. Quando ele resolveu dar a ordem para sepultá-la, as mãos divinas, através dos cães, haviam feito a sua obra, para cumprir a sua infalível palavra. Os cães, sem possuir qualquer noção inteligente do que estavam fazendo. Apenas eles estavam seguindo os seus instintos caninos, saciando a sua fome. Há uma outra coisa ainda que mostra a obra providencial de Deus: Por que havia no meio das ruas de Jezreel cães tão vorazes? O que eles faziam àquela hora ali? Certamente isso não é comum. Além disso, por que razão, Jeú conhecendo a profecia de Elias, havia mandado sepultá-la só algum tempo depois dela ter morrido espatifada? São as ações da providência, para que os cães pudessem chegar e fazer o seu trabalho que havia sido de antemão ordenado por Deus. Somente quando Jeú soube do que havia acontecido ao corpo de Jezabel é que se lembrou da profecia de Elias. Eis as palavras de Jeú: “Esta é a palavra do Senhor, que falou por intermédio de Elias, o tesbita, seu servo, dizendo: No campo de Jezreel os cães comerão a carne de Jezabel. O cadáver de Jezabel será como esterco sobre o campo da herdade de Jezreel, de maneira que já não dirão: Esta é Jezabel” (2 Rs 9.36-37).

Exemplo de Jeroboão e Baasa

Nos versos abaixo podemos ver a seriedade da justiça retributiva de Deus sobre a descendência de dois homens que ocuparam a função da

realeza. Deus decretou que toda a descendência de Jeroboão, por causa de seus pecados (1 Rs 14.7-9), seria exterminada da terra (v.10). A providência retributiva de Deus haveria de cumprir de maneira violenta a sua palavra sobre a casa de Jeroboão. Então, o texto diz que os instrumentos da providência retributiva seriam os cães e as aves:

1 Sm 14.11 - “Quem morrer a Jeroboão na cidade os cães o comerão, e o que morrer no campo aberto as aves do céu o comerão, porque o Senhor o disse.”

Esse era um decreto que infalivelmente se cumpriria, por que o Senhor havia dito. Os cães e as aves haveriam de exterminar toda a carne da família de Jeroboão. Não há o registro direto de como isso aconteceu, mas há uma outra profecia que mostra exatamente que a única pessoa que seria sepultada da descendência de Jeroboão seria um filho doente, que morreria no mesmo dia em que a profecia foi dada à esposa de Jeroboão (1 Sm 14.12-13). Os demais descendentes seriam mortos por Baasa, até que toda descendência fosse realmente exterminada, comida pelos cães e aves, os instrumentos da retribuição providencial de Deus.

O outro exemplo é o de Baasa. Assim como Deus havia ordenado que Baasa destruísse a casa de Jeroboão, Deus também puniu a casa de Baasa pelas suas más obras irritando ao Senhor, e pelo mal que ele havia feito a Jeroboão (1 Rs 16.7). A mesma justiça retributiva de Deus caiu sobre o ímpio Baasa. Veja o que diz o texto:

1 Rs 16.4 – “Quem morrer a Baasa na cidade os cães o comerão, e o que dele morrer no campo aberto as aves do céu o comerão.”

Novamente os animais são os instrumentos da retribuição providencial de Deus a fim de que os seus decretos sejam cumpridos. Deus usa seres irracionais de forma que eles fazem o que lhes é natural e, fazendo isso, no tempo certo, do morto decretado, os planos de Deus são realizados na vida do mundo.

Exemplo no tempo do fim

Quando chegar a vinda do Senhor, Deus estabelecerá julgamento parcial sobre todos os homens que estiverem vivos naquela época, matando-os porque a morte é parte do castigo de Deus sobre ímpios. Está “ordenado aos homens morrerem uma só vez e, depois disto, o juízo” (Hb 9.27).

Depois de matar os principais líderes do mundo ímpio, a Besta do Mar e o seu auxiliar, o falso profeta, Jesus Cristo mata os outros para cumprir o decreto divino da necessidade da morte de todos os transgressores de suas leis.

Ap 19.21 – “Os restantes foram mortos com a espada que saía da boca daquele que estava montado no cavalo. *E todas as aves se fartaram das suas carnes.*”

Com a espada que sai da boca de Jesus Cristo (que é uma linguagem figurada do seu poder de ira) todos os homens serão mortos naquele dia. E,

então, as aves do céu haverão de fazer o que elas já haviam feito em tempos passados, quando Deus exerceu a sua providência retributiva com indivíduos, pondo um fim nas maldades dos homens. Agora, a tarefa delas seria de caráter universal, não particular. É curioso que, como parte de suas providências, naquele dia Deus, através de um seu anjo, clamou em grande voz

Ap 19.17-18 - *“falando a todas as aves que voam pelo meio do céu: Vinde, reuni-vos para a grande ceia de Deus, para que comais carnes de reis, carnes de comandantes, carnes de poderosos, carnes de cavalos e seus cavaleiros, carnes de todos, quer livres, quer escravos, assim pequenos como grandes”*.

Esse é o banquete do juízo de Deus no qual todas as aves do céu haverão de tomar parte. Elas são instrumentos da retribuição providencial de Deus de uma maneira espetacular. Será um imenso e horrível espetáculo, mas que mostrará quão justo e providente é esse Deus que elimina do seu mundo todos os ímpios.

Deus usou as feras do campo

A justiça retributiva de Deus, que é parte da sua essência santa, tem de ser mostra neste mundo pecaminoso. Além de realmente usar animais ferozes para a execução da sua justiça retributiva (que veremos abaixo), o próprio Deus usa para si a figura de animal raivoso que está a ponto de matar a sua presa. Deus tem usado animais como simbólicos do seu desgosto com o pecado, ao ponto do próprio Deus comparar-se aos animais violentos que espreitam os homens para devorá-los. Veja como Deus pinta a si próprio, por causa do pecado do povo:

Os 13.6-8 - *“Quando tinham pasto eles se fartaram, e uma vez fartos ensoberbeceu-se-lhes o coração; por isso se esqueceram de mim. Sou, pois, para eles como leão; como leopardo espreito no caminho. Como urso, roubada de seus filhos, eu os atacarei, e lhes romperei a envoltura do coração; e como leão ali os devorarei, as feras do campo os despedaçarão.”*

Esses animais mencionados, com os quais Deus se identifica no seu desgosto com o pecado, são muito mencionados na Escritura como agentes irracionais da providência retributiva de Deus.

O profeta Jeremias está vivendo num período de grande crise para Judá. Jerusalém está sob a pesada mão de Deus. Ali não há água pela falta de chuva sobre a terra (Jr 14.3-4) e todas as criaturas sofrem pela grande seca (v.5-6). Então Jeremias começa a fazer intercessão em favor do povo, mas Deus se recusa a ouvir a oração do seu profeta, e isso por três vezes (cap. 14 e 15). Deus dá a triste nova a Jeremias que alguns haveriam de morrer ali em Jerusalém pela espada, pela fome e muitos iriam para o cativeiro (15.2).

Deus estava absolutamente desgostoso com o povo de Jerusalém por causa dos pecados dos reis (Jr 15.4), dos seus príncipes e de todo o povo.

Então, vem o anúncio de *como* Deus haveria de fazer com que suas providência retributiva fosse efetivada:

Jr 15.3 – “Porque os punirei com quatro sortes de castigos, diz o Senhor: com espada para matar, com cães para os arrastarem, e com as aves do céu e *as feras do campo* para os devorarem e destruírem.” (cf. Ez 33.27)

Já vimos exemplos onde cães e aves do céu foram usados como instrumentos da providência retributiva de Deus. Agora há mais animais acrescentados. Aqui Deus se refere às feras do campo, animais violentos que devoram os homens.

Apenas dois exemplos clássicos do uso das feras, dos muitos que há na Escritura.

Exemplo dos filisteus

Este é um exemplo individual de como Deus usa as feras do campo para executar o seu juízo sobre os homens. Neste caso, o feitiço virou contra o feiticeiro. Golias havia zombado do pequeno Davi e, desprezando-o disse: “darei a tua carne às aves do céu e às bestas-feras do campo” (1 Sm 17.44).

Davi, por sua vez, tinha certeza do que estava para fazer com Golias, porque ele estava agindo em nome do Senhor dos Exércitos a quem Golias havia afrontado (v.45). Então, com a convicção que vinha da parte do Senhor disse ao gigante:

1 Sm 17.46 – “Hoje mesmo o Senhor te entregará na minha mãos; ferir-te-ei a cabeça, e os cadáveres do arraial dos filisteus darei hoje mesmo às aves dos céus e às *bestas-feras da terra*; e toda a terra saberá que há Deus em Israel.”

Todos os cadáveres dos filisteus haveriam de ser comido pelas feras porque eles, com Golias, haviam afrontado o Deus verdadeiro. Deus é justo e, por causa do seu santo Nome, ele vinga os altivos e os entrega à morte. Neste caso, os animais foram instrumentos para consumir toda a carne deles, como expressão de desprezo pelos adversários ímpios.

Exemplo no tempo do fim

Ap 6.8 – “E olhei, e eis um cavalo amarelo e o seu cavaleiro, sendo este chamado Morte; e o Inferno o estava seguindo, e foi-lhes dada autoridade sobre a quarta parte da terra para matar à espada, pela fome, com a mortandade e *por meio das feras da terra*.”

Assim como aconteceu através de toda a história da revelação divina, com indivíduos e povos ímpios, as feras do campo também serão instrumentos de Deus na matança dos homens nos dias que precedem a vinda do Senhor, como demonstração da ira divina contra os homens maus.

Este é um juízo parcial de Deus, que acontece um pouco antes da vinda de Cristo, onde cerca de 25% dos habitantes da terra serão mortos na abertura do quarto selo. Um desses instrumentos de mortandade tem a ver

com as “feras da terra”. Até no final elas serão úteis para os propósitos providenciais retributivos de Deus.

Deus usou vermes

Os vermes são pequenos animais ativos especialmente nas coisas que estão em decomposição. Todos os seres vivos que morrem são comidos por vermes que fazem parte da própria natureza cheia de bactérias que, inclusive, infectam o nosso organismo, mesmo enquanto vivos. Mas no caso abaixo, parece-nos que a morte de Herodes foi causada parcialmente por vermes, com mostra o texto, logo a seguir.

Herodes era um homem extremamente altivo. Cheio de pompa, apresentou-se perante os representantes dos habitantes de Tiro e de Sidom para resolver questões entre eles, dirigiu-lhes a palavra, e o povo clamava: É a voz de um deus, e não de homem! (At 12.20-22).

At 12.23 – “No mesmo instante um anjo do Senhor o feriu, por ele não haver dado glória a Deus; e, *comido de vermes, expirou.*”

Certamente, ao ouvir a aclamação da sua divindade, ele congratulou-se consigo mesmo, e aceitou a louvação do seu nome, mostrando a sua altivez e recebeu a justa retribuição divina.

Este caso não é muito comum na história da revelação bíblica. Este é um exemplo isolado, mas mostra como Deus manifesta a sua providência retributiva através de pequenos animais, como os vermes.

Deus usou Serpentes

Desde há muito os hebreus estavam murmurando no deserto, descontentes com Moisés e com Deus. Eles estavam com saudades das coisas que eles tinham no Egito em comparação com as que recebiam providencialmente de Deus durante a longa peregrinação. “Queixou-se o povo da sua sorte aos ouvidos do Senhor... E o populacho, que estava no meio deles, veio a Ter grande desejo das comidas dos egípcios; pelo que os filhos de Israel tornaram a chorar, e também disseram: Quem nos dará carne a comer? Lembramo-nos dos peixes que no Egito comíamos de graça; dos pepinos, dos melões, dos alhos silvestres, das cebolas e dos alhos. Agora, porém, seca-se a nossa alma, e nenhuma cousa vemos senão este maná” (Nm 11.1, 4-6).

A murmuração foi constante, por muito tempo. O texto a seguir mostra novamente o povo insatisfeito: “Porém o povo se tornou impaciente no caminho. E falou contra Deus e contra Moisés: Por que nos fizeste subir do Egito, para que morramos neste deserto, onde não há pão nem água? E a nossa alma tem fastio deste pão vil” (Nm 21.4-5).

O povo pecava claramente contra o Senhor. Então, Deus enviou a sua providência retributiva mostrando o seu desagrado com o pecado do povo. Novamente ele usou um animal incomum, mas que tem uma significação muito grande na história da revelação da salvação. Deus mandou serpentes. Eis o texto:

Nm 21.6 – “Então o Senhor mandou entre o povo serpentes abrasadoras, que mordiam o povo; e morreram muitos do povo de Israel.”

Esse animal que esteve presente e participou do episódio da queda do homem agora é usado por Deus para ferir e matar muitos do povo hebreu. Como Satanás foi usado para ser o seu capataz em várias circunstâncias de sua justiça retributiva, agora Deus usa a serpente que foi anteriormente o instrumento que Satanás usou no Éden.

Não é regra divina fazer isso, mas não podemos negar as providências divinas ali no deserto. Assim como ele bondosamente fez com que as sandálias e as vestes deles durassem quarenta anos sem se gastarem, também a sua providência possuiu no deserto uma tonalidade de desagrado e desgosto pelos pecados dos homens.

Entretanto, a mesma simbólica serpente foi levantada no deserto e os que olhavam para ela eram curados das mordidas das outras serpentes (21.8). É extremamente significativo que a serpente de bronze levantada no deserto é típica de Jesus Cristo quando foi levantado da terra e curou a muitos dos seus pecados e da morte (Jo 3.14).

PROPÓSITOS DA RETRIBUIÇÃO PROVIDENCIAL

REIVINDICAR A SANTIDADE E A JUSTIÇA DIVINAS

Deus é absolutamente santo. Ele não pode, por causa desse aspecto de sua natureza, receber provocação e manter-se calado. A santidade divina obriga-o a manifestar a sua justiça. O ímpio não pode ficar impune.

No que respeita à administração do mundo, como governante santo que é, Deus está preocupado com a justiça dos homens que é lenta e falha. Vivemos num mundo onde todos têm culpa e, em muitos casos, não existe punição porque ninguém quer ser punido. Ninguém denuncia pecados porque todos estão comprometidos de alguma maneira com a maldade. A justiça não se manifesta, a impureza e a violência campeiam na sociedade. Essa era a constante reclamação dos profetas do Antigo Testamento.

Porque Deus é santo, ele tem de manifestar justiça. Sabedor disso, o profeta Habacuque se inquieta por Deus demorar-se na sua intervenção providencial retributiva, dizendo: “*Tu és tão puro de olhos*, que não podes ver o mal, e a opressão não podes contemplar: por que, pois, toleras os que procedem perfidamente, e te calas quando o perverso devora aquele que é mais justo do que ele? Por que fazes os homens como os peixes do mar, como os répteis que não têm que os governe?” (Hc 1.13-14).

Certamente Deus nem sempre manifesta a sua justiça da maneira e no tempo que queremos, mas ele é justiça e, no tempo dele, a sua justiça será manifestada porque ele não pode negar-se a si mesmo.

Todavia, quando Deus manifesta a sua justiça punindo os homens pelos seus pecados, ele está honrando a sua santidade que torna necessária a aplicação da providência retributiva.

FREAR A MANIFESTAÇÃO DO PECADO

A retribuição providencial de Deus tem uma outra finalidade salutar na vida da sociedade: é refrear a manifestação da maldade humana. Se Deus não fizesse isso, seria intolerável a vida na sociedade. Se, com a sua graça comum (que é a obra de Deus entre santos e ímpios), Deus não botasse um freio na maldade dos homens, esse mundo viraria um caos.

Os filhos de Eli andavam impiamente. Então, para por um freio nos seus pecados, Deus trabalhou com sua providência retributiva de um modo muito duro, mas ele foi absolutamente justo. Ele mandou um recado a Eli, através do jovem profeta Samuel:

1 Sm 3.11-13 - “Eis que eu vou fazer uma coisa em Israel, a qual todo o que a ouvir lhe tinarão ambos os ouvidos. Naquele dia suscitarei contra Eli tudo quanto tenho falado com respeito à sua casa: começarei, e o cumprirei. Porque já lhe disse que julgarei a sua casa para sempre, pela iniquidade que ele bem conhecia, porque seus filhos se fizeram execráveis, e ele os não repreendeu.”

Deus é nosso Pai celestial, mas ele não age como alguns pais terrenos. Eli fez vista grossa aos pecados de seus filhos, mas Deus não esconde os pecados dos seus filhos, porque ele não protege ninguém. Ele zela para que haja justiça na terra. Aliás, ele sempre mostrou as impurezas dos seus filhos. A Escritura é recheada das denúncias que o próprio Deus faz dos seus amados. Deus torna públicas as faltas dos seus filhos porque ele quer frear o senso de impiedade que ainda existe, mesmo nos de sua família. É porque ele os ama que quer extirpar a injustiça da vida deles.

Deus não quer que o pecado se espalhe e tome conta da sua comunidade. O propósito divino em suas providências retributivas é frear a manifestação de pecado no meio do povo.

PROCURAR A REFORMA DOS HOMENS

O propósito divino da providência retributiva não se limita a honrar a santidade divina nem simplesmente reivindicar a sua justiça ou o refreamento dos pecados, mas ela visa também a correção do erro objetivando a reforma dos pecadores. Mesmo nos estados onde não há uma base religiosa sólida dos seus cidadãos, existe uma atividade corretiva para com os criminosos no sentido de reabilitá-los, de torná-los úteis novamente para a sociedade.

— Quando Deus pune mesmo o ímpio, o seu desejo é ver o ímpio recuperado para o exercício de suas funções.

O texto abaixo tem uma conotação soteriológica, mas reflete o objetivo da punição e, ao mesmo tempo, a preocupação divina em vê-lo andando de maneira correta, segundo os preceitos divinos.

Ez 18.23 – “Acaso tenho eu prazer na morte do perverso? Diz o Senhor Deus; não desejo eu antes que ele se converta do seus caminhos e viva?” (cf. 33.11)

— Quando Deus castiga os seus filhos, o seu objetivo principal é torná-lo obedientes, ainda mais úteis do que são no seu reino. A retribuição providencial divina atinge também seus filhos, pois eles ainda são pecados. Não são punições judiciais, como é o caso com os ímpios, mas são retribuições paternais que mostram o desejo do Pai celestial em lhes ensinar o que caminho próprio em que devem andar.

Quando o filho pródigo chegou ao fundo do poço, isto é, quando ele chegou à miséria, então ele “caiu em si” e percebeu quão errado estava em ter saído da companhia do seu pai, desperdiçando tudo aquilo que lhe pertencia. Ele percebeu o que o profeta Jeremias séculos antes já havia ensinado, por causa da infidelidade de Israel: “A tua malícia te castigará, e as tuas infidelidades te repreenderão; sabe, pois, e vê, que mau e quão amargo é deixares o Senhor teu Deus, e não teres temor de mim, diz o Senhor Deus dos Exércitos” (Jr 2.19).

O Salmista percebeu a amargura de ter pecado contra o Senhor. Por muito tempo, enquanto calou os seus pecados, teve os seus ossos envelhecidos. Ele sofreu amargamente a dor dos seus pecados. Todavia, por graça divina, ele voltou-se de seus pecados, e andou em retidão.

Os resultados maravilhosos da retribuição providencial podem ser vistos nas palavras do salmista:

Sl 119.67 – “Antes de ser afligido eu andava errado, mas agora guardo a tua palavra.”

O salmista havia sido um constante transgressor das leis divinas. Foi necessária uma ação corretiva de Deus, uma retribuição providencial na sua vida a fim de que ele pudesse ser obediente à Palavra divina. Deus lhe deu aflições, isto é, a vara do descontentamento (mas do amor de Deus) lhe trouxe o “andar correto” de volta. Por essa razão, alguns versos mais abaixo, no mesmo salmo, o escritor sacro diz: “Foi bom eu ter passado pela aflição, para que aprendesse os teus decretos” (Sl 119.71). Ele reconheceu que a finalidade da retribuição divina foi alcançada e, agora, ele era um homem vitorioso!

CAPÍTULO 10

O CONCURSUS PROVIDENCIAL DE DEUS

Como Deus age e tudo chega exatamente onde Ele determinou? É Deus o autor dos males que há no mundo, inclusive os morais? Como podemos combinar a sua natureza santa com o que acontece de mal no mundo? Ele opera sozinho?

É necessário que entendamos o governo de Deus teleologicamente, isto é, como que objetivando um fim. Seu governo é uma presença real entre os homens e Sua atividade continuada, que tem um curso histórico, caminha para o seu cumprimento final. Deus dirige a nossa história, e nós somos os seus agentes. Deus escreve a história e nós a fazemos. Mas essas duas últimas frases poderiam levar ao conceito errôneo de que fazemos a história sozinhos. De modo algum! Deus não está ausente dos eventos e dos atos que os homens praticam. Ele participa em tudo o que fazemos. É aqui que entra o difícil problema do *concursum*.⁴⁸

Este assunto relacionado diretamente com a providência divina é uma expansão do aspecto da preservação e, ao mesmo tempo, o que dá suporte a toda obra providencial de Deus. Todavia, é mais prudente tratar o *concursum* propriamente dito não como mais uma forma de providência, mas o *concursum* está mais ligado ao *modus operandi* de Deus para que os seus propósitos providenciais sejam devidamente realizados na vida do universo em geral, e de suas criaturas em particular. Portanto, para que Deus preserve, sustente, dirija o mundo torna-se necessária a sua participação em todos os eventos e decisões, a fim de que todos os seus decretos sejam cumpridos.

DEFINIÇÃO DE CONCURSUS

Escrevendo aos Efésios Paulo afirma categoricamente que Deus “faz todas as coisas de acordo com o conselho da sua vontade”(Ef 1.11). Isto quer dizer que nada do que acontece neste mundo é à parte do cumprimento da vontade de Deus e sem que ele esteja envolvido. A palavra grega que é traduzida como “faz” é *energeo* (de onde vem a palavra portuguesa *energia*, que é a comunicação de poder ou o fato de Deus trabalhar), que indica o fato de Deus energizar cada obra na qual ele participa. Sem a energia ou o poder divino, nenhum evento acontece e nenhuma obra é feita. A vontade de Deus opera de modo que em todas as coisas tem participação. Nenhum evento que acontece no mundo está fora da providência de Deus.

Portanto, quando tratamos da palavra *concursum*, estamos tratando da participação divina em todos atos e eventos da história, em cooperação com as causas secundárias, que são os seres criados.

Concursum é o suporte contínuo de Deus para a operação de todas as causas secundárias (sejam elas livres, contingentes ou necessárias), para o cumprimento de Seus santos propósitos. Berkhof define-o como "a cooperação do poder divino com os poderes subordinados, de acordo com as

48 É uma palavra latina que significa “concorrência” ou “cooperação”.

leis pré-estabelecidas para sua operação fazendo-as atuar, e que atuem precisamente como o fazem." ⁴⁹

Deve notar-se que esta doutrina implica em duas coisas:

— que os poderes da natureza não atuam por si mesmos, isto é, por seu próprio poder inerente, mas é Deus quem opera imediatamente em cada ato da criatura. Note-se que este ensino está em oposição ao ensino deísta;

— que as causas secundárias são reais, e que não devem ser consideradas simplesmente como o poder operativo de Deus. Somente assim podemos entender a cooperação da Primeira Causa com as causas secundárias. Deve insistir-se nisto em oposição à idéia panteísta de que Deus é o único agente que opera no mundo.

A relação entre a obra de Deus e a obra do homem aparece muito fortemente vista na doutrina da salvação, mas aparece também na doutrina da providência, e podemos estudá-la de um outro ângulo. A idéia de concorrência encaixa-se perfeitamente na doutrina da salvação como na da providência. Isto significa que a atividade de Deus não exclui a participação humana no que diz respeito às coisas santas e, de modo inverso, nas atividades ímpias dos homens não há exclusão da cooperação divina, para que tudo venha cumprir os propósitos eternos de Deus. Exceto as operações absolutamente imediatas de Deus ⁵⁰, todas as outras operações são efetuadas numa cooperação entre os agentes racionais livres e Deus.

No *concursum* Deus atua com seu poder nos movimentos de todas as suas criaturas. Não há nenhum movimento independente nelas. Não há atos onde elas ajam autonomamente. Todas as criaturas são energizadas pelo poder presencial de Deus em todos os seus atos. Elas não poderiam existir nem atuar sem esse poder energizador de Deus. É desse modo que os dois, Deus e os seres humanos, participam na consecução dos planos divinos.⁵¹

O CONCURSUM EXIGE QUE HAJA DUAS PARTES ATIVAS

Quando tratamos da matéria do *concursum*, não podemos falar apenas numa causa para os movimentos e atividades neste mundo, seja dos homens, dos animais ou dos elementos da natureza. Sempre há duas causas que movem uma ação. A causa primária é sempre divina e a secundária a criatura.

É um erro pensar que quando Deus age, as suas criaturas ficam passivas. Nesse caso, só há um agente. A ilustração para este caso é a de um violinista que toca o violino por meio do arco. Na verdade, o arco é só instrumento, mas ele é totalmente passivo. Somente o violinista age nesse caso.

No caso da cooperação entre Deus e os animais ou homens, temos que enfatizar a ação dos dois. Tem de haver uma cooperação de movimentos. Mesmo que Deus use as criaturas como meios na execução dos seus

49 Berkhof, p. 202.

50 Como as da criação natural e criação espiritual, por exemplo, onde Deus age sem o *concursum* de suas criaturas racionais.

51 Ver ainda à Brakel, *The Christian's Reasonable Service*, vol. 1, (Soli Deo Gloria Publications, edição 1992), 336-337

propósitos, elas têm os seus movimentos nascidos nelas, como se elas tivessem feito tudo o que fazem. Elas não são meros instrumentos passivos. As criaturas são as causas secundárias ativas. Elas são as causas de seus atos.

Se os seres humanos fossem passivos em todos os seus movimentos, eles não poderiam ser considerados como responsáveis. Por conseguinte, não poderiam ser punidos pelos erros que cometeram nem apreciados pelos seus acertos. Todavia, a Escritura é abundante em textos que tratam da responsabilidade humana em todos os seus atos, mesmo embora esses atos tenham tido a cooperação divina, como a causa primária. Homens e mulheres são punidos e recompensados pela justiça distributiva de Deus. A base disto está no fato deles serem ativos e conscientes em todas as coisas que fazem.

Se os seres humanos são passivos nas suas ações, Deus então seria o culpado direto e único dos males morais deste mundo, um praticante do mal e responsável direto por todos os males físicos, sociais e espirituais do mundo. Não podemos admitir uma causa única dos atos e eventos acontecidos neste mundo. Deus e os seus agentes secundários são ativos, de modo que a ação de Deus nunca o torna um praticante do mal, nem o homem é isento de sua responsabilidade.

Se os seres humanos são passivos diante da soberania divina, então não haveria pecado dos homens. Eles nunca poderiam ser acusados de serem idólatras, assassinos, ladrões, desobedientes e coisas semelhantes a essas.

Não podemos atribuir aos bens e aos males deste mundo apenas a uma única causa. Todos os eventos na história do mundo e dos indivíduos têm duas causas. A causa primária, que é Deus, e a causa secundária, que são as suas criaturas.

CONCURSUS DA CAUSA PRIMÁRIA COM A SECUNDÁRIA

A matéria da relação entre a causa primária e a secundária, isto é, a concorrência entre a ação de Deus e a ação dos homens, não é fácil de ser explicada. Não sabemos exatamente como esse *concursum* acontece, mas sabemos que ele é real. Temos que nos reportar à lei da causalidade, que é um dos assuntos mais complexos em teologia e em filosofia. Sproul diz:

“Podemos fazer múltiplas distinções na arena da causa, tais como as descritas como causas formais: causas finais, causas eficientes, causas materiais, e coisas semelhantes. Essas distinções são úteis, mas não são exaustivas. Uma outra distinção importante é a distinção entre *causalidade primária* e *causalidade secundária*.⁵²

Talvez essa última distinção seja a mais familiar a todos nós por causa do uso delas nos padrões de fé reformados. A *Confissão de Fé de Westminster*, quando trata do Decreto de Deus e da sua Providência, ensina essa distinção:

52 R.C. Sproul, *The Invisible Hand*, 100.

“Desde toda eternidade, Deus, pelo seu mui sábio e santo conselho da sua própria vontade, ordenou livre e inalteravelmente tudo quanto acontece, porém de modo que nem Deus é o autor do pecado, nem violentada é a vontade da criatura, nem é tirada a liberdade ou contingência das *causas secundárias*, antes estabelecidas.” (III,1)

“Posto que, em relação à presciência e ao *decreto de Deus, que é a causa primária*, todas as coisas acontecem imutável e infalivelmente, contudo, pela mesma providência, Deus ordena que elas sucedam *conforme a natureza das causas secundárias*, necessárias, livre ou contingentemente.” (V, 2)

É muitíssimo importante que os cristãos aprendam a fazer a distinção entre as duas causas, a primária e a secundária, porque já no tempo da confecção da Confissão havia começado um descrédito nas obras providenciais de Deus por causa da descoberta da lei natural. Hoje, mesmo tendo um clima filosófico diferente, sofremos dos mesmos males onde persiste a dúvida da intervenção divina neste mundo em forma de providência.

Há vários pontos que devem ser observados das citações da *Confissão de Fé de Westminster*:

— Tudo o que acontece neste mundo é produto do decreto divino. Todas as obras providenciais de Deus fazem parte do decreto.

— Esses eventos acontecerão infalível e imutavelmente. Não há como fugir deles, mesmo os atos maus.

— Deus nunca pode ser considerado o autor do pecado;

— O homem nunca perde a sua liberdade que consiste no fato de nunca ser forçado no que faz. Ele sempre faz o que quer, conforme as disposições da sua natureza interior.

— Todas as causas secundárias agem livremente, conforme a natureza da causa, seja ela física, animal, humana ou angélica.

Não há ato humano que seja feito contra a vontade humana e nunca a liberdade humana é tirada. Todavia, os atos do ser humano não são independentes, mas sempre conectados a uma vontade maior que é a divina, a causa primeira.

Esta matéria também não é fácil de ser digerida mesmo no meio cristão. Há razões para isso, especialmente por causa do conceito vigente de liberdade que, quase que sempre, possui a conotação de autonomia ou de independência. Várias pessoas que estudam a matéria são sempre influenciadas por um libertarismo presente em nosso tempo, mas que já é bem antigo. Porque Deus tem estado fora do pensamento dos homens, estes pensam muito freqüentemente na idéia da liberdade de independência. Porque os homens são seres racionais e livres, eles são contados como seres que realizam suas vontades autonomamente. Para eles, liberdade é sinônimo de autonomia. Do contrário, não é liberdade. Não há que lhes incline para um ato, seja de fora ou de dentro. Mesmo que uma pessoa seja inclinada para um lado, ela sempre pode escolher de forma contrária, porque não existe liberdade sem a capacidade de escolha contrária, segundo os libertários.

Como cristãos que crêem na vontade soberana de Deus sobre todas as coisas, não podemos permitir tão estranho conceito em nosso meio. Cremos na lei da causa e efeito, não por causa da lei em si mesma, mas porque Deus é a causa primeira de todos os fenômenos que acontecem neste seu (e nosso) universo. É universo dele porque ele o criou e o sustenta. É universo nosso porque ele nos botou aqui e nos ordenou que cuidássemos dele, como agentes secundários na execução da sua vontade.

Em qualquer evento ou ação das criaturas neste mundo criado Deus sempre deve ser considerado como a causa primária e os seres racionais as causas secundárias. Não existe nenhum caso onde um ser humano ou angélico age independentemente de uma ação divina. Não existe nenhum ser autônomo, exceto Deus, porque este pode agir imediatamente em qualquer coisa, sem depender de ninguém.

Há algumas verdades que não podemos esquecer quando estudamos a relação entre Deus, a causa primária, e os seres racionais, como as causas secundárias.

Todas as criaturas racionais agem espontaneamente, sem que sejam coagidas nas suas ações. Elas possuem um poder de ação e de decisão, todavia, não poderes autônomos.

As criaturas são sempre instrumentos de Deus para a execução das obras dele. Portanto, as causas secundárias são sempre subordinadas à Causa primária.

Deus é sempre o energizador e o iniciador de uma ação nas criaturas. Estas sempre dependem dele para executarem uma ação, porque não há movimento da criatura que não seja iniciado por ela, todavia, não um movimento independente da ação primeira de Deus.

Quando Deus age nos seres humanos, ele o faz numa esfera em que eles não têm acesso, que é o próprio coração deles. As suas vontades sempre haverão de obedecer aos impulsos do coração deles, onde Deus trabalha.

Temos que entender que o homem é aquilo que é o seu coração. Quando o homem age ele está obedecendo aquilo que ele próprio é.

Por essa razão, as criaturas, como as causas secundárias de uma ação, são sempre responsáveis pelo que fazem, porque elas nunca as fazem levadas ou inclinadas por coisas que não sejam elas próprias.

Isto posto, afirmamos que a distinção entre a primeira causa e as causas secundárias ajudam a explicar as relações entre a ação de Deus e as ações dos seres criados. A causa secundária diz respeito “à força comunicada para as criaturas físicas. A causalidade primária refere-se ao poder causal exercido por Deus no curso dos eventos cósmicos.”⁵³ Nenhum de nós tem o direito de negar que as causas secundárias realmente existem. Todavia, temos que admitir que nenhuma força é exercida neste mundo sem depender do poder da causa primária, que é Deus.

Paulo ensinou a respeito da relação entre as duas causas, a primária e a secundária. Ele disse que em Deus “vivemos, nos movemos e existimos” (At 17.28). Os efeitos dessas duas causas neste mundo tem o seu movimento primeiro em Deus e, depois, em nós. Então, o resultado da ação cooperadora

53 Sproul, *The Invisible Hand*, 104-105.

das duas causas aparecem. Deus é a causa primeira e última de tudo o que acontece. Essa causa é independente. A causa secundária e derivada, é a dos seres criados, sendo dependente da primeira. “Deus é uma *causa*, a fonte de todas as *causas* e de todas as séries causais. Nenhuma causa precede ou está acima dele.”⁵⁴ Nossa ação é porque Deus nos move a agir. Deus é a causa primeira; os homens são a causa secundária, que resulta num ato ou evento neste mundo. Por isso podemos dizer que “todas as *causas* fora de Deus e sua *causação* não são meramente parciais mas absolutamente condicionadas por ele...”⁵⁵ Deus é o iniciador, ou a causa última de toda ação que nós fazemos.

“A criatura é também uma *causa*. Ele é pressuposta absolutamente por Deus. Sem Deus ela não poderia nem existir nem ser uma *causa*. Como uma causa secundária a criatura é tanto condicionada por outras *causas* assim como é condicionadora de outras coisas. Ela é ambas, *causa causans* e *causa causata*, uma causa que causa e uma causa que é causada.”⁵⁶

Nessa matéria de primeira causa e causas secundárias têm que ser resguardadas a soberania absoluta de Deus nos seus decretos e a nossa liberdade condicionada à nossa própria natureza.

Contudo, é preciso lembrar que o modo como essa relação entre a causa primária e as causas secundárias se processa é ainda um mistério para nós. Nos a chamamos *concursum*, mas não sabemos com muita propriedade o *modus operandi* de Deus. Não temos como explicar o âmago dessa relação, mas ela é um fato que não podemos negar.

OS OBJETOS DO CONCURSUM DIVINO

O CONCURSUM NA CRIAÇÃO INANIMADA

Há aqueles que pensam de uma porção de coisas na criação como sendo acontecimentos simplesmente “naturais”. Por “naturais” eles entendem meramente uma ação da natureza que é regida por leis e estas leis funcionam por si próprias. Daí a afirmação comum dos programas de caráter científico que falam da Mãe Natureza, como ela se ela pudesse causar a si mesma.

Entretanto, quando examinamos a revelação divina, vamos perceber que mesmo nos eventos chamados “naturais” há a participação divina e é Deus quem causa o acontecimento delas. A ação causal sempre é de Deus. O salmista fala dos fenômenos da natureza como sendo o resultado de uma causa. Ele diz de “fogo e saraiva, neve e vapor, e ventos procelosos que lhe executam a palavra” (Sl 148.8). Esses elementos entram em ação ao mando ou ao estímulo próprio segundo a natureza deles, para executarem os propósitos de Deus.

A natureza não possui funcionamento independente, como se Deus as governasse por leis e a deixasse funcionando indefinidamente sem qualquer

54 Benjamin W. Farley, *The Providence of God*, 40.

55 Ibid.

56 Ibid.

contato com ela. Deus é um ser imanente, que está envolvido com a sua criação porque esta depende dele para funcionar. Do contrário, tudo seria desordenado. A natureza não sabe o tempo de manifestar-se. A natureza não é sábia para cumprir propósitos divinos. Ela precisa ser estimulada pelo Altíssimo e, assim, cumprir os seus decretos. Ela não somente é inanimada, mas dependente da ação concorrente de Deus para funcionar como deve.

De uma maneira muito sábia e poética, o salmista afirma que

Sl 135.6-7 - “tudo quanto aprouve ao Senhor, ele o fez, nos céus e na terra, no mar e em todos os abismos. Faz subir as nuvens dos confins da terra, faz os relâmpagos para a chuva, faz sair o vento dos seus reservatórios.”

Note primeiro que as coisas todas na natureza começam porque aprazem ao Senhor. Ele movimenta todas as coisas para que cumpram e sirvam aos fins destinados. Todavia, é importante observar que as situações e os despertamentos e os estímulos procedem do Senhor. Ele é quem transporta as nuvens, provoca os relâmpagos na hora certa e faz sair os ventos. Deus participa nas manifestações da natureza. Esta não é autônoma ou simplesmente governada por leis naturais.

A vegetação não cresce ao seu bel prazer, como se fosse apenas regida por leis fixas. Deus tem participação no nascimento e no desenvolvimento delas. Observe com atenção o que o salmista diz:

Sl 104.14-187 – “Fazes crescer a relva para os animais, e as plantas para o serviço do homem, de sorte que da terra tire o seu pão; o vinho, que alegra o coração do homem, o azeite que lhe dá brilho ao rosto, e o pão que lhe sustém as forças. Avigoram-se as árvores do Senhor, e os cedros do Líbano que ele plantou, em que as aves fazem seus ninhos; quanto à cegonha, a sua casa é nos ciprestes.”

Estes versos são lindíssimos, mas muitos cientistas sem formação cristã atribuem as belezas aqui descritas à Mãe Natureza. A natureza é divinizada e eles tiram Deus da jogada e o põem escanteado. No entanto, os cristãos crêem que Deus usa as leis naturais, a potencialidade das sementes plantadas pelo vento, o pólen levado pela brisa, mas eles também crêem, porque a Escritura afirma inequivocamente, que há uma combinação das leis da natureza previamente estabelecidas por Deus e a ação de Deus cooperando para que todas as coisas potencializadas sejam levadas a efeito.

Observe que os versos acima falam que Deus é quem faz crescer a relva baixinha. A semente, por si mesma, embora possua todas as condições de germinar, depende de uma ação iniciadora de Deus. Semelhantemente, as grandes árvores possuem a mesma dependência para nascer e crescer. Veja que o texto diz dos cedros que o Senhor plantou. Por isso é dito que as árvores são do Senhor. Deus concorre no nascimento e no crescimento da criação viva, mas inanimada, que é útil para a manutenção dos animais e dos seres humanos e das quais todos eles tiram o seu alimento.

O *CONCURSUS* NO SUSTENTO DOS ANIMAIS

A ação concursiva (ou cooperadora) de Deus na vida dos animais é a mesma da ação dele nas plantas. A única diferença quem faz é a natureza dos objetos da cooperação divina. O modo de Deus agir nas plantas é diferente da ação nos seres animados. Embora Deus trabalhe com as leis que ele estabeleceu para os animais, essas leis não funcionam independentemente. Deus coopera para que os animais sejam nutridos e preservados. Observe a maneira clara que o salmista usa para descrever a obra cooperadora de Deus.

Sl 104.27-30 - “Todos esperam em ti que lhes dês de comer a seu tempo. Se lhes dás, eles o recolhem; se abres a mão, eles se fartam de bens. Se ocultas o teu rosto, eles se perturbam; se lhes cortas a respiração, morrem, e voltam ao seu pó. Envias o teu Espírito, eles são criados, e assim renovas a face da terra.”

Toda a natureza animal está na absoluta dependência da obra cooperadora Deus com as leis da natureza e da sobrevivência que conhecemos. Primeiramente, o texto diz que todos animais esperam pelas providências divinas, isto é, que o Senhor os alimente. Eles recolhem o que o Senhor lhes dá e ficam cheios com a abundância de alimento vindo da parte do Senhor. Observe que o alimento vem das árvores e de outros animais, mas é dito que o Senhor lhes alimenta. Há uma estreita cooperação daquilo que a natureza provê (com expressão da criação de Deus) e daquilo que o Senhor faz, energizando tudo para que todas as coisas funcionem a contento. Porque se o Senhor não estiver ativo na natureza, os animais padecem e todos vêm a expirar. Quando os animais morrem, Deus não permite que as espécies se findem, mas o seu Espírito, que opera neste mundo, renova a face da terra com a existência de outros animais que ele traz à vida, sempre em cooperação com as leis de preservação que ele próprio estabeleceu.

Ensinando aos seus discípulos, Jesus instou-os a olharem “as aves do céu, que não semeiam, nem colhem, nem ajuntam em celeiros”. Elas dependem de alguém que lhes alimente. É verdade que os passarinhos se alimentam das frutinhas das árvores, das migalhas de pão encontradas em nossas casas, das sementinhas espalhadas pelo chão, e assim por diante. No entanto, Jesus disse: “Contudo vosso Pai celeste as sustenta”. Deus está ativo neste mundo agindo de modo concursivo, cooperando com as leis que ele estabeleceu, para o sustento dos indefesos animaizinhos.

O *CONCURSUS* NOS EVENTOS FORTUITOS

Vivemos num tempo em que as pessoas procuram conhecer os eventos através do costume de se lançar sorte ou decidir através do uso de moedas no “cara ou coroa”, como se os eventos fossem decididos fortuitamente, sem qualquer relação causal com Deus.

Contudo, não é assim que as Escrituras ensinam a respeito dos eventos fortuitos. Não há acaso, sorte ou casualidade nos eventos acontecidos em nossa vida pessoal ou nos eventos do universo. Não há acasos para Deus. Todas as coisas estão sob o controle direto e concursivo

de Deus. Ele não somente decreta os eventos mas também participa na ocorrência deles. Por isso dizemos que Deus coopera em todos os eventos. A Escritura afirma que “a sorte se lança no regaço, mas do Senhor procede toda decisão” (Pv 16.33). Podemos usar artifícios como o mencionado acima, mas a palavra final é de Deus. Não há como escapar desse fato. Deus não deixa a história acontecer por si mesma. Os eventos não são isolados ou independentes de Deus.

É verdade que o escritor de *Eclesiastes* diz: “Vi ainda debaixo do sol que não é dos ligeiros o prêmio, nem dos valentes a vitória, nem tão pouco dos sábios o pão, nem ainda dos prudentes a riqueza, nem dos entendidos o favor; porém tudo depende do tempo e do acaso” (Ec 9.11). Todavia, devemos entender corretamente com Michael Eaton que, “nos lábios de um israelita a palavra “acaso” significa aquilo que não é esperado, não a idéia de aleatório ou casual.”⁵⁷ O acaso para o israelita tem a ver com as cousas que não são previsíveis aos olhos dos homens, com as cousas que não podemos controlar. Todavia, isso não significa que essas coisas sejam produto de forças independentes de um plano e de uma ação divina.

O *CONCURSUS* NOS DETALHES DOS NOSSOS DIAS

Escrevendo sobre as situações mais variadas pelas quais passou, Paulo disse aos crentes de Filipos: “E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades.” (Fp 4.19). Mesmo sabendo que cada uma de nossas necessidades pode ser suprida por meios naturais, Paulo afirma que esse suprimento é vindo de Deus. Há uma cooperação de Deus em todos os atos que acontecem. Do contrário nenhum deles aconteceria porque nada se move sem a ação estimulante e energética de Deus, mesmo nas coisas mínimas, nos detalhes de nossa vida. Davi afirma com todas forças de sua fé que todos os detalhes de nossos dias estão nas mãos de Deus. Nada do que acontece na totalidade de nossos dias e na particularidade de cada um deles está fora dos planos e atuações de Deus. Davi diz que “no teu livro foram escritos todos os meus dias, cada um deles escrito e determinado, quando nem um deles havia ainda” (Sl 139.16). Deus concorre em todos os eventos, mesmo os menores.

Por falar nas coisas comuns e triviais, das quais dependemos para a nossa subsistência, a participação divina nelas não é excluída. Sabemos que o nosso sustento diário de pão depende do nosso trabalho, do esforço que fazemos para suprir nossas famílias, mas Jesus nos ensinou a orar sem cessar: “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje” (Mt 6.11). Isso significa que Deus coopera para o nosso sustento com as leis que ele estabeleceu, que são as causas naturais. Ele está envolvido em todo processo, dando energia a tudo o que se relaciona com a nossa alimentação, que resulta no pão em nossa mesa diariamente.

Ensinando aos pagãos de Atenas sobre o Deus verdadeiro, Paulo disse que todas as coisas que acontecem neste mundo estão atreladas à vontade e atuação de Deus. Pois, afirma Paulo, em Deus vivemos, existimos e nos *movemos*” (At 17.28). Cada movimento nosso ou cada passo que damos está conectado com a ação divina em nós. Somos criaturas dependentes de Deus e não podemos fazer um só movimento sem que sejamos energizados por ele.

57 Michael Eaton, *Ecclesiastes*, TOTC (Downers Grove, Ill: Intervarsity Press, 1983), 70.

Por essa razão, Jeremias reconhece que o “Senhor dirige os nossos passos” (Jr 10.23).

O *CONCURSUS* NAS VITÓRIAS E NAS DERROTAS

Deus tem participação nas vitórias e nas derrotas, nos sucessos e nos insucessos dos homens, seja nas grandes ou nas pequenas coisas. Deus não foge da responsabilidade de uma coisa ou outra. Ele está presente e ativo em todos os nossos desafios. O Salmista diz:

Sl 75.6-7 - “Porque não é do oriente, não é do ocidente, nem do deserto que vem o auxílio. Deus é o juiz; a um abate e a outro exalta.”

As nossas vitórias ou derrotas têm a ver com a nossa força ou a nossa fraqueza; nosso esforço ou nossa negligência. É sempre assim que enxergamos, mas não exatamente o que acontece. Muitos são fortes e não vencem; outros que são fracos vencem; muitos se esforçam e não conseguem; muitos que não se esforçam conseguem. “Não sempre é dos fortes a vitória, nem dos que correm melhor, nem ainda de todos os fiéis e sinceros”⁵⁸, porque todos dependemos de um outro fator concorrente que é a atuação de Deus. O texto acima mostra que o auxílio final não vem de lugar algum. Deus é o que está acima de todas as circunstâncias. A uns ele abate (geralmente os soberbos, pois a esses ele resiste, cf. Lc 1.52) e a outros exalta. Todavia, nem sempre os justos são exaltados. A medida do sucesso não está nas coisas que fazemos, nem a medida do fracasso nas nossas falhas. Há um outro fator concorrente que é o misterioso modo como Deus age em nossas vitórias e em nossas derrotas. A isso chamamos *concursus*. Contudo, cremos que, ganhando ou perdendo, tendo sucesso ou insucesso, devemos em última instância a Deus, e cremos também que seja qual for o resultado dos atos em nossa vida, todas as coisas concorrem para o nosso bem, isto é, daqueles de nós que amamos a Deus e somos chamados segundo o seu propósito (Rm 8.28).

Para nós que somos cristãos isso não é muito difícil de entender, porque se ganharmos dizemos que é a vontade de Deus, se perdemos dizemos a mesma coisa, porque quer ganhando quer perdendo temos certeza de que somos do Senhor. Pelo menos foi isto o que Paulo nos ensinou.

O *CONCURSUS* NAS DECISÕES DOS GOVERNANTES

Mais detalhes deste assunto serão estudados no final deste capítulo quando analisarmos os atos bons e maus dos homens bons e maus. Por agora, vejamos apenas alguns exemplos que introduzem o assunto para ser desenvolvido posteriormente.

Pv 16.1, 9 – “O coração do homem pode fazer planos, mas a resposta certa dos lábios vem do Senhor... O coração do homem traça o seu caminho, mas o Senhor lhe dirige os passos.”

58 Parte da letra do estribilho do hino 50 do Hinário Presbiteriano.

Os dois versos acima mostram que os homens podem fazer planos, podem traçar os seus caminhos, mas nada dos seus planos é realizado sem a anuência concorrente de Deus. Em última análise, a decisão é de Deus em todos os acontecimentos da história pessoal dos seres humanos e, de um modo especialmente ilustrado na vida dos governantes. Deus decreta de antemão os acontecimentos e participa nos eventos que decreta para que nada seja contrário aos seus planos, porque estes não podem ser frustrados. Veja como Deus participa nas decisões dos governantes:

Pv 21.1 - “Como ribeiros de águas, assim é o coração do rei na mão do Senhor; este, segundo o seu querer, o inclina.”

Se o Senhor dirige os passos e as decisões dos homens comuns, como podemos ignorar que ele dirige as decisões dos monarcas. O rei faz as suas decisões seguindo as inclinações do seu coração, mas as suas decisões não são independentes dos planos de Deus e, muito menos, da ação concorrente de Deus. Este texto clássico de Provérbios mostra que o rei tem o seu coração influenciado e dirigido pela vontade do Senhor. Ele pode ter as suas decisões boas ou más, mas por detrás das suas decisões há um *concursum* divino que dirige o rei para onde cumpre os planos eternos de Deus. É importante observar que o rei não faz nada contrário à sua vontade, mas faz exatamente a vontade do seu coração. Como ele próprio não possui controle do seu coração, senão Deus, a vontade do rei vai fazer as coisas que são próprias da sua natureza mais interior, que é o coração. Sobre essa natureza mais interior do homem é que o Senhor tem influência. Como conduziria Deus a história do mundo se não tivesse esse poder sobre os corações dos monarcas? É esse poder de inclinar os corações dos reis para o cumprimento dos seus propósitos que dá a Deus o controle da história determinada de antemão. Deus faz com que a sua vontade seja passada ou comunicada ao coração do rei, sem fazer com que o rei faça algo contra a sua vontade. Deus predispõe o coração do rei a fazer a vontade divina.

Foi exatamente isso que aconteceu com o rei da Assíria que, tendo o coração mau, foi inclinado em seu mais interior a fazer uma coisa boa. Veja como Esdras registra esse incidente:

Ed 6.22 - “Celebraram a festa dos pães asmos por sete dias com regozijo, porque o Senhor os tinha alegrado, *mudando o coração do rei da Assíria a favor deles*, para lhes fortalecer as mãos na obra da casa de Deus, o Deus de Israel.”

Deus atua numa esfera do homem a qual ele não tem acesso. O homem não pode mudar as disposições do seu coração. Ele faz somente o que o seu coração dita. É necessária uma atuação de fora para que as inclinações mudem. Foi esse o papel de Deus na vida do rei da Assíria. O ato de permitir a festa espiritual de Israel foi do rei da Assíria, mas para que isso acontecesse, ele teve a concorrência divina.

Da mesma forma, Ciro o rei dualista da Pérsia, teve o seu interior despertado por Deus para beneficiar o povo que estava voltando do cativeiro (ver Ed 1.1). As decisões todas dos governantes não são autônomas ou independentes de uma obra de cooperação de Deus. Se Deus não cooperasse

nas decisões dos reis, nunca os decretos de Deus seriam cumpridos. Não nenhuma obra automática dos homens, não há o destino pagão impessoal. Deus concorre em todas as decisões dos monarcas para que os seus planos sejam rigorosamente cumpridos.

Se Deus tem co-participação nas decisões dos monarcas, segue-se que ele procede da mesma forma nas decisões que afetam as nações.

O CONCURSUS NOS EVENTOS CONTINGENTES

Todos os eventos contingentes também estão debaixo da providência divina.

Os eventos contingentes são aqueles que acontecem sem que os homens possam ser considerados realmente culpados por eles, porque eles praticaram atos sem terem a intenção de fazê-los. Uma pessoa que está trabalhando numa derrubada de mata pode matar outra pessoa acidentalmente, sem que tenha qualquer intenção de matá-la. Essa é uma situação que pode acontecer em muitos lugares. Todavia, ainda assim, nós os que cremos na providência divina, mesmo lamentando, acabamos atribuindo-a a uma providência divina. Nada acontece sem que a vontade do Senhor esteja sendo feita. Além disso, Deus considera seu também um ato que foi praticado acidentalmente. A Escritura apresenta o exemplo de um evento contingente

Ex 21.12-13 - “Quem ferir a outro de modo que este morra, também será morto. Porém se não lhe armou ciladas, mas Deus lhe permitiu caísse em suas mãos, então te designarei um lugar para onde ele fugirá.”

Já nos tempos do Antigo Testamento Deus proveu uma saída para tal caso. Era a cidade de refúgio. Para a nossa instrução, o texto afirma o ato de duas pessoas: o do homem que feriu ao outro causando-lhe a morte, e a ação concursiva de Deus que fez com que o outro caísse em suas mãos. Deus está presente concorrendo nos eventos contingentes. Não podemos admitir Deus fora desses eventos porque isso seria injustiça a Deus que reivindica sua própria responsabilidade nesses eventos contingentes. Não tentemos eliminar Deus desses eventos por que ele próprio assume a sua participação neles.

Há outros exemplos de eventos contingentes, sobre os quais os seres humanos não possuem controle. Um deles é o do servo de Abraão que estava na Mesopotâmia procurando uma esposa para Isaque, a mando de Abraão. Chegando num determinado local, junto a um poço, ele viu que várias moças estavam chegando. Então, aflito, sem saber o que fazer, orou a Deus:

Gn 24.12-14 - “Ó Senhor, Deus de meu senhor Abraão, rogo-te que me acudas hoje e uses de bondade para com o meu senhor Abraão! Eis que estou ao pé da fonte de água, e as filhas dos homens desta cidade saem para tirar água; dá-me, pois, que a moça a quem eu disser: Inclina o cântaro para que eu beba; e ela me responder: Bebe, e darei ainda de beber aos teus camelos, seja a que

designaste para o teu servo Isaque; e nisso verei que usaste de bondade para com meu senhor.”

O servo de Abraão não possuía nenhum controle sobre a situação na escolha da esposa de Isaque. Ele nem sabia se a esposa estaria entre aquelas moças. Apenas pediu uma confirmação. Ele a teve de maneira clara, exatamente do modo como pediu. A jovem Rebeca falou exatamente do modo como o servo havia sugerido, e o texto que se segue demonstra a ação de Deus na vida de Rebeca e na condução do servo até o lugar certo para achar a esposa do filho do seu senhor (v. 26-27, 48). O *concursum* está evidente no fato de Rebeca falar voluntariamente a frase sugerida pelo servo e no fato de Deus ser glorificado pelo servo porque tudo foi conduzido pelo Senhor (v.39-40). Deus estava na frente, preparando o caminho para o servo e dispondo o coração de Rebeca para que ela falasse o que falou ao servo e para que o seguisse de volta para a casa do seu senhor (v.50-51). E, assim, o Senhor Deus, em cooperação com a atitude de Rebeca, agiu com bondade para com o senhor, assim como pedira o servo (v.12).

O *CONCURSUM* DE DEUS NO ESPÍRITO HUMANO

Deus tem domínio sobre todos os eventos nos quais os homens são ativos justamente porque ele tem domínio direto sobre os espíritos deles, mas de um modo que as ações deles são livres, isto é, as ações deles são feitas sem qualquer compulsão externa. Os seres humanos não agem independentemente da ação de Deus na vida deles. Deus tem poder para penetrar o interior deles e de lhes mudar as disposições interiores de tal forma que eles passam a agir de acordo com essas disposições que são deles e, assim, os planos de Deus são realizados. Se Deus não agisse no interior deles, inclinando-lhes as disposições para cumprirem os planos previamente traçados por Deus, ninguém poderia garantir que os seus planos seriam cumpridos. Nem o próprio Deus poderia predizer coisa alguma.

A Escritura mostra alguns exemplos onde Deus opera no interior dos homens de uma forma imediata, direta, sem o uso de quaisquer instrumentos ou meios. Deus opera pela sua onipotência, que não é separada da sua onisciência ou onipresença.

Nesse caso, Deus não opera com qualquer força física, mas unicamente por persuasão moral, mudando as disposições mais íntimas das pessoas, mas sem que lhes tire qualquer responsabilidade. Todas as coisas que essas pessoas vierem a fazer, elas as farão de acordo com as próprias disposições dominantes do seu ser interior. Essa ação interior de Deus na vida dos seres humanos é motivada por motivos éticos antes do que por força física. Quando Deus age sobre o ser interior dos homens, ele nunca os força a fazer nada do que não querem fazer. A ação divina afeta uma esfera que está por detrás da faculdade humana da vontade, de modo que a ação deles sempre será voluntária, isto é, nunca eles agirão contrariamente à sua vontade. Nunca a ação divina destroi a responsabilidade humana, porque a sua ação atinge uma esfera que subjaz a inteligência, aos sentimentos e as volições humanas.

O Espírito divino age no espírito humano de uma forma altamente misteriosa e direta. É assim de um ser pessoal sobre outro, devidamente

considerando que o primeiro seja muito superior em natureza ao segundo. Não é a ação de um ser sobre um outro seu igual. Eles são iguais apenas porque são pessoais, mas muito diferente em sua natureza. Todavia, é perfeitamente possível que o maior interfira no menor, sem anular o aspecto da personalidade deste último. Isso é o que chamamos uma ação livre, sem interferência externa de alguém. Quando Deus age, ele age numa esfera onde o ser humano não tem acesso, que é o próprio espírito humano. O ser humano obedece, portanto, aos impulsos de sua própria natureza.

Ação Mediata de Deus sobre o espírito humano

Deus age na vida dos seres humanos através da agência de outros seres humanos, a fim de construir o caráter deles e de elevar o seu comportamento. Os profetas foram os instrumentos de Deus através dos quais Deus agiu nos espíritos dos homens.

Obviamente, esse tipo de influência indireta, opera conforme as leis da natureza do objeto influenciado, agindo de fora, através da linguagem ou outro meio que atinja os sentidos humanos. Todavia, nem sempre esse tipo de influência é eficaz. Muitas vezes os homens se rebelaram contra esse *modus operandi* de Deus e desobedeceram as suas palavras.

A ação de uma pessoa sobre outra, de forma indireta, pode ser obstada de tal forma que ela não ocorra. O espírito humano pode tornar-se impermeável quando a influência vem de fora. Isto se dá freqüentemente no caso de seres humanos quererem influenciar uns aos outros. Acontece também quando Deus quer influenciar através da palavra da pregação profética. O homem se torna impermeável ou empedernido diante da mensagem. É nesse sentido que ele resiste ao Espírito Santo, como mencionou Estevão em Atos 7.51 (cf. Zc 7.12). Houve um bloqueio do espírito humano à mensagem, porque a influência vinha de fora. Por essa razão, eles resistiram a palavra que vinha do Espírito.

Ação Imediata de Deus sobre o espírito humano

Os seres humanos só podem exercer uma influência indireta sobre os seus pares, e isto é fácil de perceber. Contudo, Deus não age somente indiretamente, mas também diretamente, sem o uso de meios.

Todavia, a ação imediata de Deus não vem de fora, através do uso de palavras, mas é uma ação no interior do homem. Deus age numa esfera mais profunda do ser humano (que é o seu coração) de forma que ele não pode e nem percebe quando Deus age, senão quando ele começa a refletir externamente (em pensamentos, palavras e atos), a influência já acontecida.

O Espírito Santo age no ser mais interior dos seres humanos mudando as disposições contrárias ou retirando as indisposições, quando isto lhe apraz. Sua ação se dá numa esfera onde o homem não tem acesso, que é o seu coração.

A ação de Deus independe da permissão humana

Deus não precisa pedir licença ao homem para agir dentro dele. Essa é uma obra divina que não deixa o homem ser autônomo nem independente. Infelizmente, mesmo em meios evangélicos, há aqueles que insistem no fato de o homem deixar Deus agir em sua vida, nas mais variadas áreas. Deus

tem que ter a licença humana para poder trabalhar na sua criatura. Essa teologia fica expressa em vários hinos e cânticos que nossas igrejas cantam. Essas igrejas são educadas na fé pelas músicas que cantam e, muitas vezes, as que prevalecem são as que ensinam coisas erradas. E uma das coisas erradas é a de que Deus age com a condição de nós o deixarmos agir.

Todavia, não é esse o ensino das Escrituras a respeito da ação divina no espírito humano. Há uma ação imediata do Espírito de Deus dentro do coração (ou espírito) humano. Deus age numa esfera em que o homem não tem domínio, que é o seu próprio coração. Deus inclina o coração das pessoas para o que é santo e, dessa forma, a pessoa pode agir fazendo o que é agradável a Deus. Quando você pratica um ato santo é porque os impulsos para esse ato vêm de dentro do coração, onde Deus agiu. Se Deus não agir no seu interior dispondo-o para o que é santo, você nunca praticará o que é santo. Por essa razão, é que Paulo diz que Deus, agindo em nosso ser interior, “opera em nós tanto o querer como o realizar” (Fp 2.13).

A ação de Deus independe da comunhão do homem com ele

Além do que vimos acima, temos que entender que a ação divina não é somente nos crentes, mas também nos incrédulos. Não é necessário o homem ser crente para Deus atuar nele. Deus atua independente da comunhão do homem com ele. Isso é patente naqueles a quem ele vai regenerar. A regeneração é um ato instantâneo de Deus onde ele trabalha no mais profundo do ser humano implantando o princípio vital. Essa obra Deus faz quando o homem está morto nos seus delitos e pecados. É uma ação imediata de Deus. Foi assim que Deus fez com Lídia, a vendedora de púrpura, em Atos 16. Ela era uma mulher sem qualquer entendimento do evangelho, mas o Senhor abriu o coração dela a fim de que ela pudesse entender a pregação de Deus. Essa foi uma obra imediata de Deus no ser mais interior de Lídia. Assim ele faz com todos os que ele regenera.

Deus também faz uma obra direta no coração dos que estão mortos quando dispõe o coração deles para realizar atos que cumprem os desígnios divinos. É o caso de sua ação direta no espírito de Ciro, rei da Pérsia, e de todos aqueles a quem Deus inclina o coração para executarem os seus propósitos.

CARACTERÍSTICAS DO CONCURSUS DIVINO

O CONCURSUS DE DEUS É MEDIATO E IMEDIATO

Como já estudamos anteriormente, para governar o mundo Deus emprega todas as classes de meios para a realização de seus propósitos. Quando Deus usa os meios, ele não fica passivo esperando para ver o que acontece. Ele concorre para que a ação seja feita eficazmente.

A concorrência diz respeito ao *modus operandi* de Deus e nele Deus usa meios para executar tudo o que planejou. Alguns citam o cinzel como exemplo de um meio que fica entre o escultor e a pedra que está sendo trabalhada. Esse exemplo não ajuda a entender porque, nesse caso, somente o escultor trabalha. O cinzel é inconsciente e não faz nada livremente. Somente o escultor. Na relação entre Deus e o homem, a situação é diferente. Deus energiza as criaturas vivas por seu próprio poder e, então,

elas agem livre e conscientemente. Todavia, se o *concursum* de Deus é relacionado com um evento na natureza, então o emprego de meios é mais fácil de ser entendido, porque não há a necessidade da participação consciente e livre de um agente da natureza.

Quando Deus destruiu as cidades de Sodoma e Gomorra com fogo, pudemos ver um ato da ação providencial de Deus em que ele empregou meios, o fogo e o enxofre. Mas ao mesmo tempo, ali está a sua concorrência imediata porque ele usou um fogo que não existia, mas que ele trouxe à existência imediatamente, pelo qual ele faz com que caísse e destruísse aquela terra.

O *CONCURSUM* DE DEUS NOS ATOS DOS HOMENS É PRÉVIO E DETERMINANTE

A expressão “prévio” aqui não deve ser entendida no sentido temporal, mas lógico. Não existe nenhuma criatura que pratique uma ação que parta exclusivamente de si mesma. Em todos os casos o impulso para a ação e para o movimento procede de Deus. Tem que haver uma influência da energia divina antes da criatura atuar. Deus faz com que tudo coopere na natureza e que se mova em direção a um fim predeterminado. Desta maneira Deus também impulsiona e capacita todas as suas criaturas racionais, que são as causas secundárias, para que atuem. Deus não somente as dota com energia, mas dá-lhes também vigor para fazerem ações específicas. Deus faz tudo em todos (1 Co 12.6), e opera todas as coisas segundo o conselho da sua vontade (Ef 1.11). Deus deu vigor a Israel para conseguir riquezas (Dt 8.18) e opera nos crentes tanto o querer como o fazer, segundo a sua boa vontade (Fp 2.13).

É bom lembrar que os arminianos também admitem que a criatura não pode atuar sem o influxo do poder divino, mas sustentam que esse influxo não é tão específico ao ponto de determinar o caráter da ação em sentido algum.

O *CONCURSUM* ENTRE DEUS E O HOMEM É SIMULTÂNEO

Não há um só momento em que a criatura opere absolutamente sozinha, independentemente da vontade e do poder concorrente de Deus. A atividade de Deus sempre acompanha, sustenta e conduz a atividade do homem. Atos 17.28 diz: "Pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos." - Toda atividade nossa está, de alguma forma, associada a uma ação assistida por Deus para a consecução de um plano divino. Todos os nossos movimentos estão amarrados à sua vontade soberana e sua ação que penetram nossas ações. A atividade de Deus acompanha a dos homens em todas as suas direções, mas nunca o homem fica despojado de sua responsabilidade. Os dois, Deus e homem, trabalham simultaneamente, embora o homem nem sempre percebe que as coisas funcionam assim.

Nesse *concursum* simultâneo, uma ação é sempre o resultado da combinação do ato dos homens e da participação divina. Mas o homem é sempre responsável por sua ação, seja ela boa ou má, e Deus é a causa última dela, embora ele seja sempre o primeiro a disponibilizar o homem para a execução daquilo que ele faz sem qualquer tipo de coação externa.

Essa combinação de ação é também chamado em teologia de compatibilismo.

O COMPATIBILISMO DO CONCURSUS

Não obstante a dificuldade patente que existe de compatibilizar a soberania de Deus e a liberdade humana, podemos ter certeza de que as duas coisas coexistem e podem ser compatibilizadas. Elas não são mutuamente excludentes. Mesmo que não expliquemos todas as relações existentes entre essas duas verdades, elas são claras na Escritura. Todavia, afim de clarearmos um pouco essa difícil matéria, vamos a um procedimento que R. C. Sproul usou no tratamento desse assunto.

Segundo esse grande escritor reformado, uma das maiores dificuldades da teologia cristã é a solução do mistério que existe entre a obra soberana providencial de Deus e aquilo que realmente a criatura faz livremente. Antes de entrar no tratamento dessa relação, temos que distinguir dois termos muito importantes: *mistério* e *contradição*.⁵⁹

Uma *contradição* é entendida pela simples aplicação do uso das regras básicas da lógica. Algo que existe não pode ser ao mesmo tempo não-existente. Isso é uma contradição. Quando afirmamos que Deus é soberano e que o homem é livre, não estamos tratando de uma contradição. Ambas as coisas podem coexistir perfeitamente. Todavia, se eu afirmo que Deus é soberano e o homem é um ser autônomo, então estou afirmando uma contradição. Estas duas coisas são excludentes. Se Deus é soberano, nada escapa ao seu controle e os seres humanos não poder ser autônomos. Se, entretanto, os homens são autônomos, a soberania de Deus é deixada de lado. A existência de um anula ou outro.

Pode-se conceber a idéia de um Deus absolutamente soberano. Os calvinistas crêem assim. Pode-se conceber a idéia de seres humanos como autônomos. Os humanistas em geral crêem assim. Todavia é impossível concebê-los como coexistindo simultaneamente. É impossível conceber o relacionamento da providência soberana de Deus com a autonomia humana. Ou aceitamos uma ou outra. Quem afirma uma nega o outra. É uma impossibilidade lógica aceitar ambas.

A razão pela qual existe uma impossibilidade lógica entre a soberania absoluta e a liberdade de autonomia é porque este último termo significa liberdade absoluta. Soberania absoluta e liberdade absoluta podem existir num mesmo ser. Deus pode ser tanto soberano como autônomo, mas isto não pode ser dito das criaturas, porque não pode haver dois soberanos, nem dois autônomos.

Para ser honesto, a liberdade absoluta não existe nem para Deus, porque ele não pode fazer nada contrário à sua natureza. Contudo, ele é livre no sentido de fazer qualquer coisa sem ter que dar satisfação a quem quer que seja. Ele não está sob a autoridade de ninguém. Nesse sentido ele tem liberdade de autonomia, mas não liberdade absoluta. Apenas age de acordo com a sua própria natureza.

59 Sproul gasta várias páginas na distinção destes dois termos, que são muito importantes para a compreensão desta matéria (ver R.C. Sproul, *The Invisible Hand*, (Dallas: Word Publishing, 1996), 80-86.

Os seres humanos possuem liberdade, mas não a liberdade de autonomia. É uma liberdade limitada às suas condições de finitude, que são agravadas pela presença do pecado na raça humana. Não podemos permitir que a liberdade do homem diminua a soberania divina. Entretanto, é perfeitamente correto aceitar que a soberania divina limite a liberdade humana. É dessa liberdade dentro de limites que vamos tratar ainda neste capítulo. Ela será chamada de liberdade natural ou liberdade de agência.

A palavra *mistério* deve ser distinta da idéia de contradição. Não existe contradição entre a soberania absoluta de Deus e a liberdade de agência dos homens. Elas podem coexistir pacificamente porque elas não são excludentes. Todavia, não podemos penetrar todos os meandros dessa coexistência. Como Deus age soberanamente ao mesmo tempo em que o homem faz o seu trabalho realmente, é difícil de entender. “Um mistério pode ser definido como alguma coisa que é verdadeira que não podemos entender.”⁶⁰ A soberania absoluta de Deus é verdadeira. A liberdade do homem (da forma como vamos apresentá-la) também é verdadeira. Contudo, não podemos compreender a maneira como essas duas verdades podem ser relacionadas. Permanece um mistério o fato de que, ao mesmo tempo, num ato praticado, Deus se manifesta soberano e o homem livre e responsável. Todavia, é possível a coexistência dessas duas verdades. Os que a defendem são chamados de compatibilistas.

O COMPATIBILISMO DEFINIDO

A idéia da coexistência da soberania divina e da liberdade responsável do seres humanos é regularmente chamada de compatibilismo.⁶¹ Essas duas grandes verdades não se excluem. A Bíblia as ensina e delas não podemos escapar, mesmo que não as entendamos completamente:

A Verdade de que Deus é soberano

A soberania de Deus atinge todos os níveis e todas as suas criaturas. Ela é extremamente abrangente nos ensinamentos da Escritura. Portanto, não é de se estranhar que encontremos nas páginas da Escritura Deus participando claramente nos atos maus dos homens e relacionado com coisas que nunca imaginariamos que um Deus como o nosso pudesse estar.

Deus faz vir desgraças sobre as famílias. Assim entendeu com razão Noemi, pois foi uma mulher que sofreu muito da parte do Senhor (Rt 1.13, 20); o profeta Amós faz uma pergunta que, ao mesmo tempo, é uma expressão da sua fé: “Sucederá algum mal à cidade, sem que o Senhor o tenha feito?” (Am 3.6); Mesmo que não seja com alegria no seu coração Deus entristece os filhos dos homens (Lm 3.33); tudo o que acontece no mundo, seja mal ou bem, procede de Deus (Lm 3.37-38); o mesmo Jeremias entendeu muito claramente que os caminhos dos homens, sejam retos ou tortuosos, não são governados nem determinados, nem dirigidos pelos próprios homens (Jr 10.23); um salmista afirmou categoricamente que Deus mudou o coração dos egípcios para que eles odiassem o povo de Israel (Sl 105.25). Deus faz todas as coisas, mesmo as mais espantosas como o mal (Is

⁶⁰ Sproul, *The Invisible Hand*, 83.

⁶¹ Donald Carson é quem usa esse termo frequentemente em sua obra *How long, O Lord?*, 201 e sgts.

45.6-7), afirmou Isaías. Ele endurece o coração das pessoas conforme lhe apraz (Rm 9.18) e pode incliná-lo para o mal, porque o coração das pessoas está nas suas mãos (Pv 21.1). É por isso que Paulo diz que Deus mandou a operação do erro para que os homens não cressem na verdade de Deus (2 Ts 2.11).

Esse é o Deus das Escrituras Sagradas, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Ele não é o deus da imaginação das pessoas, nem aquele que é projeção dos próprios homens. Ele possui o controle sobre todas as coisas, porque ele reina sobre o seu universo, faz sempre e inalteravelmente a sua vontade.

Essa é a primeira grande verdade e uma das mais importantes pressuposições da Escritura — Deus é soberano.

A verdade de que o homem é um agente livre.

A segunda grande verdade é que a soberania de Deus nunca exclui ou minimiza a liberdade responsável dos seres racionais. Estas duas verdades andam juntas e nem sempre podemos abarcar a totalidade desta verdade, e também porque pensamos que as duas coisas são excludentes. Nos textos citados logo acima os seres humanos têm participação ativa. Eles não são excluídos porque Deus é soberano.

Definição de Liberdade de agência

A liberdade da qual vamos tratar aqui não inclui a idéia comum de escolha contrária, que é comum nos círculos humanistas, semi-pelagianos e arminianos, nem a idéia de uma liberdade de autonomia.

A liberdade dos seres humanos que a fé reformada ensina não é fictícia ou ilusória. Ela é real e verdadeira. Ela diz respeito aos atos voluntários que os seres humanos praticam. A liberdade da qual falamos tem a ver com a capacidade que os seres humanos possuem de fazer qualquer coisa que quiserem, de fazer o que lhes agrada, de fazer as coisas pelas quais eles têm predileção. Todavia, nunca eles haverão de fazer nada que seja contrário à sua natureza. Berkhof chama essa liberdade de livre agência, que é a capacidade de fazer qualquer coisa “de acordo com as disposições dominantes da natureza”⁶²

Eles são livres para fazerem as coisas conforme as disposições morais e espirituais dos seus corações. Eles agem obedecendo os seus impulsos interiores. É importante observar que esses impulsos interiores são os impulsos que os levam a participar dos atos que foram iniciados decretivamente por Deus.

Ilustração de Liberdade de agência

Sobre a relação entre a soberania de Deus e a liberdade humana vamos falar quando tratarmos da Primeira Causa e das causas secundárias, mas daremos apenas um exemplo como ilustração da ação livres e voluntárias dos homens.

Tome o texto de Atos 4.23-28 e leia-o cuidadosamente. Então, você vai perceber que todas as pessoas mencionadas no verso 27 – Herodes, Pilatos,

⁶² Louis Berkhof, *Teologia Sistemática*, (edição espanhola), 296.

gentios e povos de Israel fizeram exatamente o que queriam fazer. Alguns detalhes da traição de Cristo foram até planejados cuidadosamente, como é o caso da ação dos fariseus e membros do Sinédrio. Nenhum deles fez coisa alguma contrária à sua natureza. Eles fizeram tudo o que estava de acordo com as disposições dominantes da alma deles. O prazer deles foi cuspir em Jesus, dar-lhe bofetadas, zombar dele, prendê-lo, açoitá-lo, sentenciá-lo à morte e, por fim, serem os instrumentos malignos da sua execução na cruz. Além disso, zombavam de sua divindade, dizendo: “Se tu és Filho de Deus, desce da cruz”. Todas essas coisas foram feitas voluntariamente, sem serem forçados por nada de fora a fazerem o que fizeram. Simplesmente, eles deram ouvidos à sua própria natureza.

Eu não posso dizer que eles eram absolutamente livres, ou que a liberdade deles era de autonomia, porque eles não podiam fazer nada contrário ao que fizeram. Por que? Porque, ao fazerem voluntariamente o que fizeram, eles estavam cumprindo um decreto divino determinado de antemão. O verso 28 diz que as pessoas mencionadas acima fizeram tudo “o que a tua mão e o teu propósito predeterminaram”. A liberdade de independência não existe nos seres humanos. Existe, sim, a liberdade de agência, mencionada acima, porque *fizeram exatamente o que queriam fazer*, mas não possuíam a liberdade de autonomia, justamente porque estavam debaixo de um plano previamente determinado. A soberania divina estava sobre eles e fazendo o que fizeram acabaram cumprindo um decreto divino.

Relação de Liberdade de Agência com Responsabilidade

Os seres humanos não são eximidos de responsabilidade porque Deus age soberanamente em suas vidas. Deus não anula a responsabilidade dos homens porque ele os criou agentes livres. A responsabilidade de um ser humano está vinculada à sua liberdade de agência. Os seres humanos são considerados culpados pelas transgressões que cometem contra a lei de Deus porque eles fazem todas as coisas conforme eles querem, porque agem voluntariamente como livres-agentes que são, sem serem forçados por nada externamente.

Veja o exemplo de Davi quando decidiu fazer o censo de Israel. Ele o fez porque quis fazer e, por isso, se tornou responsável por ele, vindo a pedir perdão a Deus por ter feito o que fez e do modo como o fez (2 Sm 24.10). Todavia, ele fez despertado pela soberania de Deus, que se irou contra os israelitas (2 Sm 24.1). Davi fez o quis fazer, foi culpado pelo que fez e pela forma como fez, mas por detrás do seu ato estava a soberania divina. Este é apenas um exemplo de tantos outros que veremos à frente. Todos os exemplos que se seguirão neste livro evidenciam a noção compatibilista que a Escritura apresenta das duas grandes verdades operando juntas: a soberania divina e a liberdade responsável dos seres humanos

O COMPATIBILISMO JUSTIFICADO

1) Assumindo que o compatibilismo é uma realidade ensinada nas Escrituras, vamos tentar mostrar, até onde isso é possível, *como* ele se processa.

A primeira afirmação nesta parte do capítulo é que não sabemos exatamente como as duas grandes verdades ensinadas acima se encaixam

perfeitamente, devido à limitação de nossa visão de Deus e por causa da dificuldade de definição de termos usados, especialmente a idéia de liberdade. Essas duas verdades não se excluem e nem são contraditórias entre si. Todavia, a despeito de serem compatíveis entre si, permanece um elemento misterioso que não podemos explicar porque a parte mais profunda dessa matéria foge à nossa capacidade de entendimento.

2) Assumindo que o compatibilismo é uma realidade nas Escrituras, temos que aceitar que, mesmo sendo o sumo bem, *Deus está por detrás do bem e do mal*, mas de um modo diferente em cada um deles. Deus não está por detrás do mal do mesmo modo que está por detrás do bem. A Escritura afirma que Deus está por detrás do bem dando o desejo de coisas santas e realizando as coisas santas nos cristãos. Paulo chama isso “querer e realizar” (Fp 2.13).

Todavia, Deus não está por detrás do mal da mesma forma. Para que o mal seja executado, Deus usa a instrumentalidade das causas secundárias. Deus decreta a existência do mal, excita os seres racionais para que o mal aconteça, mas a execução do mal não é uma obra feita pela Causa Primária. Deus não pode ser acusado de praticar o mal. Somente as causas secundárias é que devem ser acusadas pelo mal, pois são elas que o praticam. Todavia, temos que nos lembrar de que o mal não foge da esfera da soberania humana. O próprio Deus assume a responsabilidade pela *presença* do mal no universo, embora os seres racionais sejam responsabilizados pela *prática* dos atos maus, pois eles são livres agentes. Este é o compatibilismo de que estamos falando.

Carson sumariza este ponto da seguinte forma:

“Se eu peço, talvez eu não possa pecar fora dos limites da soberania divina (ou os muitos textos citados não têm sentido algum), mas eu sozinho sou responsável por aquele pecado — ou talvez eu e aqueles que me tentaram... Deus não deve ser culpado. Mas se eu faço o bem, é Deus operando em mim o querer e o fazer segundo a sua boa vontade. A graça de Deus foi manifesta neste caso, e ele deve ser louvado.”⁶³

3) Assumindo que o compatibilismo é uma realidade ensinada nas Escrituras, então temos que enfatizar *a responsabilidade moral dos homens*. A tendência dos adversários do compatibilismo é esta: Se Deus é soberano absoluto, o homem não pode ser responsável pelos seus atos. Esse raciocínio, de ranço arminiano, é nascido no conceito de liberdade de autonomia ou de independência. Esta liberdade é incompatível com a soberania absoluta de Deus. Todavia, não é desta liberdade que estamos tratando. O conceito de liberdade é um dos mais difíceis de serem definidos. O espaço aqui é pequeno para um tratado sobre a matéria.

Daremos atenção a este assunto de forma resumida mas a mais clara possível, dentro de nossas limitações.

A responsabilidade dos homens é resultante do fato de Deus criá-los com liberdade de agência, como já afirmamos anteriormente. Os seres humanos fazem escolhas o tempo todo: eles obedecem, rebelam-se, crêem,

63 Carson, *How Long, O Lord?*, 213.

permanecem incrédulos, mas sempre são contados por Deus como responsáveis pelos seus atos, mas isto nunca acontece fazendo com que Deus seja contingente dos atos humanos.

Deus é apresentado na Escritura com soberano e, ao mesmo tempo, como Deus de bondade. Carson nos adverte muito sabiamente de um perigo: "Deus *nunca* é apresentado como cúmplice do mal, ou como secretamente malicioso, ou como permanecendo por detrás do mal como exatamente ele permanece por detrás do bem." ⁶⁴ A grande dificuldade é colocar estas duas coisas juntas, sem fazer injustiça ao Deus da Palavra. Mas isto que Carson disse é absolutamente a expressão da verdade.

Ninguém pode negar estas duas verdades apresentadas na Escritura com vários exemplos que serão analisados logo abaixo. Essas duas verdades são absolutamente compatíveis. Todos os teólogos que sustentam que estas duas verdades podem estar perfeitamente juntas, são chamados "compatibilistas".

COMPATIBILISMO DEFENDIDO

Não podemos entender exatamente as relações entre as duas grandes verdades até aqui ensinadas. Não conhecemos bem a Deus, porque a sua essência escapa ao nosso entendimento, pois ele é supremamente transcendente, indo além das limitações do espaço e do tempo, que são eminentemente categorias da criação. Todavia, quando ensinamos o compatibilismo nós reduzimos em muito a dificuldade de tentar explicar o inexplicável em Deus, porque não podemos compreender Deus. Não sabemos explicar como um Deus bom usa as suas criaturas, ou causas secundárias, para fazer as coisas moralmente más. Não cabe a nós explicar essas coisas no seu sentido mais profundo, mas cabe-nos afirmar a necessidade do compatibilismo, pois ele está evidente nas Escrituras. Ele nos ajuda a conciliar verdades que são irreconciliáveis porque não podemos compreender a natureza divina.

Todavia, o compatibilismo é negado em vários círculos de pensamento. Frequentemente são sinergistas os negam o compatibilismo porque este tenta juntar duas coisas que por si mesmas, na conta dos sinergistas, não podem ser juntadas.

Os que crêem no chamado "livre arbítrio" não vêem possibilidade de compatibilismo, justamente por causa do seu conceito de liberdade, que implica necessariamente na possibilidade que todos os homens ainda possuem de escolha contrária, não importando a natureza que possuem. A soberania divina ensinada pelos reformados, segundo eles, torna os seres humanos marionetes, eliminando o livre-arbítrio que tem a ver com o poder de escolha contrária, isto é, com a capacidade de fazer algo que é contrário à natureza do homem. Quem crê no livre arbítrio se opõe ao compatibilismo, porque o conceito de liberdade ensinado pelos sinergistas impõe limitação à soberania divina do modo como a entendemos.

Os que crêem no chamado "livre arbítrio" não aceitam o compatibilismo por causa do seu conceito de presciência. A presciência, segundo eles, é a capacidade que Deus tem de antever os atos futuros que os

⁶⁴ D. A. Carson, *How Long, O Lord?*, (Grand Rapids: Baker Book House, 1990), p. 205.

seres humanos farão e, com base nesse conhecimento antecipado, faz as suas determinações. Portanto, a escolha divina está baseada no conhecimento que ele tem das cousas futuras que os seres humanos farão livremente. Eles tomam o texto de Romanos 8.29 e fazem com que Deus seja conhecedor de antemão dos atos dos homens, quando o texto diz que Deus conhece de antemão *pessoas*, não coisas que elas haveriam de fazer, como fé ou arrependimento. Esse tipo de presciência tira de Deus a absoluta soberania dele, porque ele fica dependendo dos atos futuros dos homens para selar o destino deles. Uma soberania condicionada à vontade futura do homem. Neste caso, o compatibilismo cai por terra porque afirma a liberdade que o homem tem de escolher livremente no futuro, mas nega a determinação soberana dos atos divinos.

O compatibilismo deve ser defendido por todos os genuínos cristãos porque ele está contido nas Escrituras nos muitos exemplos que ainda vamos estudar. Carson afirma de maneira firme que devemos ver

“não somente que o compatibilismo em si mesmo é ensinado na Bíblia, mas que ele está ligado intimamente à natureza de Deus; por outro lado, sou direcionado a ver que minha ignorância a respeito de muitos aspectos da natureza de Deus é precisamente a mesma ignorância que me instrui a não seguir os caprichos de muitos filósofos contemporâneos e negam que o compatibilismo seja possível.”⁶⁵

COMPATIBILISMO EXEMPLIFICADO

O aspecto mais notável dos textos que vamos analisar abaixo, é que eles mostram evidentemente que em nenhum ponto o agente humano é descartado de sua responsabilidade pelo fato de Deus estar por detrás de cada ato do homem. Não há como fugir de um compatibilismo sadio, que faz justiça aos textos da Escritura.

Há uma tremenda base bíblica para o compatibilismo que estuda a ação cooperativa de Deus com os homens, em todos os atos, obedecendo a seguinte ordem:

Atos bons dos homens bons

Atos bons dos homens maus

Atos maus dos homens bons

Atos maus dos homens maus

ILUSTRAÇÕES DO CONCURSUS DE DEUS

Os textos que tratam do compatibilismo, isto é, da soberania divina e da liberdade humana colocadas juntas, evidenciando o *concursum* divino nos atos dos seres humanos, são muitos na Escritura. Como a história do mundo é feita de atos maus e bons, e de homens bons e maus, temos que admitir que a providência trata do *modus operandi* divino, aliás muito

⁶⁵ Carson, *How Long, O Lord?*, 218.

desejado e bem-vindo. Esse modo de Deus trabalhar ajuda-nos muito a compreender uma porção de eventos narrados na Escritura.

Analisaremos alguns exemplos seguindo a seguinte ordem: O *concursum* de Deus nas coisas boas que o homem bom faz, nas coisas boas que os homens maus fazem, nas coisas más que os homens bons fazem e nas coisas más que os homens maus fazem.

1. O CONCURSUM DE DEUS E DO HOMEM NAS COISAS BOAS

Para os estudiosos cristãos, o *concursum* de Deus não tem sido um grande problema quando se trata das ações boas dos homens, sejam eles bons ou maus. Os cristãos reformados não têm muitas dúvidas sobre o fato de Deus participar nas ações boas dos homens, especialmente porque eles crêem na doutrina da "depravação total" do homem. Crendo nela eles raciocinam corretamente: "Se Deus não operar no homem, o homem não fará bem algum".

Vejamos a base bíblica para este tópico:

***Concursum* de Deus nos Atos Bons dos Homens Bons**

Por homens bons aqui neste tópico, refiro-me aos regenerados, aos que já receberam a atuação graciosa de Deus, sendo, portanto, homens remidos.

De todos os casos de compatibilismo a serem explicados, o desta parte é o mais simples, e é o que desperta menos controvérsia. Todos concordam que "Deus é quem efetua em nós o querer e o realizar, segundo a sua boa vontade" (Fp 2.13). Aqui estamos tratando das ações dos homens regenerados. Pessoas regeneradas também são pessoas responsáveis. Como possuidores da liberdade de agência que é inalienável a todos os seres humanos e da liberdade da escravidão do pecado que é típica dos remidos (Jo 8.32, 34, 36), os regenerados têm a responsabilidade de apresentar bons pensamentos, boas ações, assim como evitar maus pensamentos e más obras. Paulo insta seus leitores: "Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade: porém não useis da liberdade para dar ocasião à carne..." (Gl 5.13). Pedro também tem um conselho semelhante: "como livres que sois, não usando, todavia, a liberdade por pretexto da malícia, mas vivendo como servos de Deus" (1 Pe 2.16). Os regenerados pelo Espírito têm a responsabilidade de fazer o bem, mesmo sabendo que Deus é quem opera as coisas santas, justas e boas neles.

Deus opera em nós a regeneração, capacitando-nos a nos arrependermos de nossos pecados e a crermos nas suas promessas. Sabemos que essas coisas vêm de Deus, mas ele exige de nós ambas as coisas. Não podemos escapar desta verdade da Escritura. Hoekema diz:

"A ênfase bíblica sobre a soberania de Deus, portanto, não elimina a necessidade de uma resposta pessoal às propostas do Evangelho. Nem a ênfase escriturística sobre a eleição divina cancela a necessidade da escolha humana. Deus salva-nos como pessoas criadas." ⁶⁶

Mesmo sabendo que Deus é quem opera em nós "tanto o querer como o realizar" nas coisas soteriológicas, Paulo nos exorta a "desenvolvermos a nossa salvação com temor e tremor" (Fp 2.12).

O mesmo acontece nos atos relativos à nossa santificação. Há um *concursum* entre Deus e o homem. Deus age internamente em nosso coração, agindo secretamente, e nós somos chamados à santificação. Paulo diz: "Tendo, pois, ó amados, tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne, como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus" (2 Co 7.1), mesmo sabendo que Deus é o autor de nossa santificação.

Todo ato bom é uma combinação de uma obra santificadora de Deus que se mostra ser também um ato de obediência do homem. A ordem correta dessa combinação seria esta: nós operamos porque Deus opera em nós. Fazemos o que é santo porque Deus nos santifica. Não somos passivos (como o somos na regeneração), mas fazemos alguma coisa em resposta à operação divina em nós. É por essa razão que damos graças a Deus por todas as coisas boas que acontecem conosco e em nós. Portanto, porque Deus trabalha em nós, nós fazemos o que temos que fazer. Esta é a ordem dos fatores do *concursum* de Deus nos atos bons dos homens bons.

***Concursum* de Deus nos Atos "Bons" dos Homens Maus**

Por atos "*bons*" dos homens maus, eu quero dizer os atos que são considerados aceitáveis por todos nós e qualificados como que trazendo conseqüências boas para os nossos semelhantes, embora nem sempre esses atos sejam nascidos em motivos puros. Por "*homens maus*" refiro-me aos não-regenerados, os que ainda não experimentaram a graça renovadora de Deus e que, no entanto, são capacitados a fazer coisas que, aos nossos olhos, são aceitáveis e justas, embora nunca meritórias, para cumprir os desígnios de Deus neste mundo.

Exemplo de Ciro

O exemplo de Ciro, o rei da Pérsia: Este era um homem ímpio que veio a fazer alguma coisa "boa", isto é, algo que trouxe um enorme benefício para o povo de Judá que estava no cativeiro. Deus sempre usa homens ímpios para cumprirem os seus propósitos redentores para com seu povo.

Os capítulos 41 a 45 do livro de Isaías são gloriosos, porque neles vemos Deus falando em libertação, redenção, salvação! Eles estão entre os textos mais lindos da Escritura! Gloriosamente Deus diz:

"Assim diz o Senhor, que te redime, o mesmo que te formou desde o ventre materno: Eu sou o Senhor que faço todas as coisas, que sozinho estendi os céus, e sozinho espraiei a terra; que desfaço os sinais dos profetizadores de mentiras, e enlouqueço os adivinhos; que faço tornar atrás os sábios, cujo saber converto em loucuras; *que confirmo a palavra do meu servo, e cumpro o conselho dos meus mensageiros*; que digo de Jerusalém: Ela será habitada; e das cidades de Judá: Elas serão edificadas; e, quanto à suas ruínas: Eu as levantarei" (Is 44.24-26).

Esta é uma atividade redentora com relação ao cativo de Judá na Babilônia, e esta atividade de Deus é vista claramente quando ele levantou Ciro para começar sua tarefa de trazer de volta o povo que estava no cativeiro, para a sua própria terra. No verso seguinte Deus diz: "que digo de Ciro: Ele é o *meu pastor, e cumprirá tudo o que me apraz...*" (Is 44.28). Deus vai usar um homem ímpio para um propósito bom que Deus havia determinado de antemão, porque havia dito que libertaria o seu povo do cativeiro muito antes dele ser tornado cativo.

No capítulo 45 de Isaías Deus, então, mostra como ele conduziu Ciro no cumprimento dos seus planos. Veja, passo a passo, a atividade de Deus através de um rei ímpio, o rei da Pérsia. Observe que Ciro era um dualista, isto é, ele cria na existência de um deus do bem e de outro do mal. Todavia, Deus insiste com Ciro enfatizando a existência de um só Deus, ele próprio, e que ninguém mais tem o governo e a história do mundo. Somente ele, e também insistiu que ele faz todas as coisas que lhe apraz. Eis as palavras e a *atividade concursiva* do Senhor:

Análise de Texto

Is 45.1-7 - Assim diz o Senhor ao seu unguido, *a quem tomo pela mão direita, para abater as nações ante a sua face*, e descingir os lombos dos reis, para abrir diante dele as portas, que não se fecharão. *Eu irei adiante de ti*, endireitarei os caminhos tortuosos, quebrarei as portas de bronze, e despedaçarei as trancas de ferro; dar-te-ei os tesouros escondidos, e as riquezas encobertas, *para que saibas que eu sou o Senhor*, o Deus de Israel, que te chama pelo teu nome. Por amor do meu servo Jacó, e de Israel, meu escolhido, eu te chamei pelo teu nome, e te pus o sobrenome, *ainda que não me conheces*. Eu sou o Senhor, e não há outro; além de mim não há Deus; eu te cingirei, *ainda que não me conheces*. Para que se saiba até ao nascente do sol e até ao poente, que além de mim não há outro; eu sou o Senhor, e não há outro. Eu formo a luz, e crio as trevas; faço a paz, e crio o mal; eu o Senhor, faço todas estas coisas."

Há alguns pontos importantes que não podem ser esquecidos neste texto:

1) O texto diz que Ciro era o *ungido* do Senhor. Isto quer dizer que ele era credenciado por Deus para fazer o que ele havia determinado que fosse feito em prol de Judá e contra os inimigos de Judá, os babilônicos. As nações adversárias iriam cair nas suas mãos. Isso significa que Ciro iria ser vitorioso sobre elas e sobre os seus monarcas;

2) A obra de abater as nações era primordialmente uma obra divina para a qual Deus usou Ciro. Observe que o texto diz: "eu irei adiante de Ciro, abrindo todos os caminhos e portas para que Ciro pudesse ser vitorioso. Observe que em qualquer ato que os homens venham fazer, Deus é o que tem a iniciativa. O *concurso* é claramente visto nesta passagem. Observe que o texto diz que Deus o "toma pela mão direita". Isto quer dizer que Deus conduziu Ciro em tudo o que ele veio a fazer. Não é uma obra feita independente ou isolada de Deus, mas trata-se de uma obra feita a dois;

3) Além de cumprir os seus propósitos de libertar Israel da mão dos babilônios, Deus queria que *Ciro soubesse* que somente Jeová era Senhor. Não havia nenhum Deus semelhante a ele;

4) O curioso desta narrativa era que, embora estivesse para fazer tudo o quanto veio a fazer, *Ciro* nunca conheceu a Deus. Isto quer dizer que nunca nenhum profeta apareceu a ele para anunciar a Palavra de Deus, revelando quem Deus era, e significa também que nunca *Ciro* veio a ser um homem temente a Deus, um crente;

5) Deus ensinou a *Ciro*, mesmo sem ele o conhecer, que há somente um Deus, não dois, como pensavam os dualistas persas. Deus queria mostrar a *Ciro* que as coisas boas e agradáveis que acontecem no mundo, assim como as tristes e desagradáveis e violentas teria como responsável último um Deus que participa de todos eventos deste mundo, para que a sua vontade seja feita neste mundo de maneira inquestionável. Deus mostra a *Ciro* que a soberania do universo, dos reinos e dos reis é totalmente do Deus Altíssimo.

Portanto, *Ciro* recebe a ordem de Deus e o seu *acompanhamento* em todas as suas atividades más para abater as nações inimigas de Israel e sua atividade boa de libertar o povo de Israel. *Ciro* liberta o povo, constrói a cidade e faz o povo voltar para a terra. Os propósitos redentores de Deus são cumpridos através da atividade de um homem ímpio que recebe toda a *assistência* divina para realizar tudo o que quer. Então, *Ciro*, o rei da Pérsia derrota violentamente os babilônicos, traz de volta os cativos e ordena a reconstrução de Jerusalém. Todavia, nada disto ele teria feito sem o *concursum* de Deus. Foi uma boa obra feita por um homem mau.

2. O *CONCURSUM* DE DEUS E DO HOMEM NAS COISAS MÁS

O grande problema dentro da teologia cristã, mesmo em círculos Reformados, tem sido o de conciliar a relação de Deus com os atos maus dos homens. É neste assunto do compatibilismo que está o centro de muitas divisões dentro do cristianismo. A grande dificuldade está no entendimento dos termos: soberania, liberdade, livre-arbítrio, livre agência, etc. Entendidos estes termos, as coisas ficam um pouco menos difíceis.

***Concursum* de Deus nos Atos "Maus" dos Homens Bons**

Para os nossos propósitos, consideramos neste ponto *homens bons* aqueles que estão debaixo de uma relação de pacto com Deus, aqueles que estão debaixo da administração graciosa de Deus, ou seja, debaixo da revelação divina ou debaixo da pregação da Palavra de Deus. Quando dizemos "homens bons", não estamos qualificando a totalidade de suas vidas, mas apenas vendo-os na relação pactual com Deus.

Exemplo dos irmãos de José

Estes eram filhos de Jacó, filhos nascidos debaixo da revelação divina, do Deus que apareceu a Abraão, Isaque e Jacó. São os filhos de Jacó que tiveram seus nomes dados às 12 tribos de Israel que, por sua vez, vieram a existir subseqüentemente na história do povo. Seus nomes são citados freqüentemente na Escritura como nomes representativos de coisas espiritualmente significativas. Nesse sentido, eles são aqui considerados

como "bons", não que necessariamente suas vidas tenham sido moralmente boas. Eles eram separados para Deus, "santos" num sentido, como a Escritura costuma chamar-nos a todos os que estão, hoje, debaixo da administração do evangelho da graça, membros da igreja visível, pelo menos.

Os irmãos de José ficaram extremamente enciumados dele (Gn 37.11) por causa das coisas que fazia e era, e pelo amor especial que seu pai, Jacó, lhe dedicava. Zombeteiramente, quando José se aproximou um dia, disseram: "Lá vem o sonhador!" (Gn 37.19). Essa frase indicava ironicamente uma grande dose de ciúme e, com base nesse sentimento maligno, conspiraram contra José, para o matar (Gn 37.18). Todos nós sabemos o que lhe aconteceu: seus irmãos o lançaram numa cova, mataram um animal e sujaram de sangue a capa de José, disseram ao pai que José havia morrido esfaqueado por um animal e Jacó chorou por muitos dias inconsolavelmente (Gn 37.31-35). Mas Rúben, o irmão mais velho, sugeriu que eles não deveriam matar José, mas vendê-lo aos mercadores que o levaram para ser escravo no Egito. O resto da história todos conhecemos.⁶⁷

Logo depois de grande fome na terra, no tempo das sete vacas magras, Jacó mandou seus filhos irem ao Egito em busca de trigo, porque sabia que lá havia abundância de trigo. José, a essa altura, depois de muitos percalços, já era o segundo homem no Egito. Depois de vários incidentes significativos registrados em Gênesis⁶⁸, José resolve dar-se a conhecer aos seus irmãos. Aqui o episódio é emocionante, e o *concurso* é claramente reconhecido por todos que estudam seriamente esta matéria.

Os irmãos de José haviam feito tudo de mau contra José. Eles zombaram de sua honestidade profética, lançaram-no por algum tempo numa cova, venderam-no como escravo, além de fazerem um grande mal a Jacó. Todavia, eles fizeram tudo isso voluntariamente, de acordo com os seus desejos dominantes de sua alma, sem serem forçados por nada de fora. Fizeram exatamente o que quiseram, de acordo com os seus corações. Contudo, José reconheceu que, por detrás das ações más de seus irmãos, havia uma ação cooperadora (ou concursiva) e controladora de Deus, guiando todos os atos para o cumprimento dos seus propósitos. Aquilo que os irmãos de José fizeram de mau, José atribuiu a uma obra de superintendência divina. Observe o que José disse:

Análise de Texto

Gn 45.5-8 - "Agora, pois, não vos entristeçais, nem vos irriteis contra vós mesmos por me haverdes vendido para aqui; *porque para a conservação da vida, Deus me enviou adiante de vós*. Porque já houve dois anos de fome na terra, e ainda restam cinco anos me que não haverá lavoura nem colheita. *Deus me enviou adiante de vós, para conservar a vossa sucessão na terra, e para vos preservar a vida por um grande livramento. Assim, não fostes vós que me enviastes para cá, e, sim, Deus, que me pôs por pai de Faraó, e senhor de toda a sua casa, e como governador, em toda a terra do Egito.*"⁶⁹

⁶⁷ Leia Gn 37.1-36.

⁶⁸ Leia 41.37-57; cap. 42 a 44.

⁶⁹ (Grifos meus)

— Primeiro, o texto trata dos atos maus dos irmãos de José, que o haviam vendido como escravo. José lhes recorda isso.

— Segundo, veja a obra providencial de Deus nos atos maus dos homens. José entendeu que Deus estava por detrás daqueles atos maus, por isso disse: “*porque para a conservação da vida, Deus me enviou adiante de vós*”. Deus sempre tem a iniciativa nessa obra concursiva, que é uma obra conjunta com os homens. Os homens não fazem o bem nem os males independentemente da ação de Deus. Há um *concursum* divino em todos os atos humanos. A ação de Deus sempre subjaz as ações dos homens.

— Terceiro, Deus decretou a fome na terra, usou os atos maus dos homens, agiu misteriosamente para que aquilo tudo acontecesse, mas os próprios irmãos de José sentiram-se responsáveis e culpados pelos seus atos. Isto fica provado diante do seu temor diante de José. O fato de haver uma combinação de ação - a de Deus e a dos homens - nos males praticados, não elimina a responsabilidade dos atos feitos pelas causas secundárias. Sempre as criaturas, os agentes instrumentais de Deus, haverão de ser culpados pelo que fazem, mesmo que façam alguma coisa que cumpra um decreto divino.

Veja um pouco mais do drama de consciência dos irmãos de José, por causa dos seus pecados e, ao mesmo tempo a magnanimidade do caráter perdoador daquele que recebeu a ofensa:

Gn 50.15-21 - Vendo os irmãos de José que seu pai já era morto, disseram: É o caso de José nos perseguir, e nos retribuir certamente *todo o mal que lhe fizemos*...Respondeu-lhes José: Não temais; acaso estou eu em lugar de Deus? Vós, na verdade, *intentastes o mal contra mim*; porém Deus o tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida. Não temais, pois; eu vos sustentarei a vós outros e a vossos filhos. Assim os consolou, e lhe falou ao coração. ⁷⁰

Perceba que uma vez mais José entendeu a participação de Deus nos atos maus deles, mas tal forma que eles se consideraram inteiramente responsáveis e culpados pela sua própria atitude. Carson, contudo, adverte:

José não diz que seus irmãos o venderam maldosamente para a escravidão, e que Deus reverteu a situação, após o fato, fazendo com que a estória tivesse um final feliz. Como poderia este ter sido o caso, se o *intento* de Deus era produzir o bem de salvar muitas vidas? José também não sugere que Deus havia planejado trazê-lo para o Egito com um tratamento de primeira classe durante todo o percurso, mas infelizmente os irmãos estragaram Seu plano de algum modo, resultando num hiato pelo fato de José ter que passar uma década e meia como escravo ou em prisão. Os irmãos tiveram certas iniciativas más, e não há nenhuma menção dos arranjos de viagem de José.⁷¹

Deus estava agindo de uma maneira soberana, e José entendeu assim, mas os irmãos foram considerados culpados pelos seus atos. Contudo, Deus

70 Grifos meus.

71 Carson, p. 206.

não pode ser reduzido a um personagem com um papel meramente contingente. Ele não estava dependente dos irmãos para realizar os seus propósitos, mas é da vontade dele usar as causas secundárias para que seus propósitos cheguem a bom termo. O que podemos concluir deste exemplo é que os homens agiram com intenções más contra José; Deus tinha as boas intenções nos seus planos, e ele se serviu dos atos cometidos voluntariamente pelos homens, mas de tal modo que os atos deles se encaixassem exatamente no cumprimento do seu plano maior de arranjos providenciais.

Exemplo de Davi

Dentro da conceituação explicada acima, Davi era um homem bom que acabou cometendo um ato mau, mas não sem o *concursum* da operação divina. Davi havia recebido a revelação divina e vivia debaixo das ordenanças do pacto, sendo até chamado de “o homem segundo o coração de Deus”.

Observe a ordenação divina

A ordenação divina para a prática do censo em Israel fica muitíssimo clara no texto a seguir:

2 Sm 24.1 – “Tornou a ira do Senhor a acender-se contra os israelitas, e incitou a Davi contra eles, dizendo: Vai, levanta o censo de Israel e de Judá.”

O leitor deve observar uma coisa muito importante com respeito a este incidente: No texto acima é dito que a ordenação é de Deus. No texto paralelo de 1 Crônicas 21.1 podemos perceber que Satanás é o instrumento divino para incitar Davi a levantar censo em Israel. A ordenação foi divina, mas a ferramenta que Deus usou em sua ordenação foi o seu “servo” Satanás, que neste caso é o agente da ira divina.

Perceba como Deus pode fazer uso de seres morais para que os seus propósitos sejam cumpridos.

Observe o pecado de Davi

Em que sentido a realização do censo de Judá e Israel era um pecado? Há várias sugestões de autores cristãos, mas nenhuma delas é convincente.⁷² É difícil, contudo, pelo contexto, saber a razão real desse censo ser um pecado. Que foi pecado não temos dúvida alguma, porque o próprio Davi o confessou (v.10).

Todavia, podemos deduzir que Davi portou-se de maneira soberba, inclusive contra o seu general Joabe, impondo a sua autoridade sobre ele, fazendo com que o censo fosse realizado (v.4). Davi estava consciente da sua própria realeza poderosa e usou a sua força para impor-se. É possível que os procedimentos ordenados por Davi e o seu próprio comportamento pessoal tenham sido pecaminosos.

Observe a livre-agência de Davi

⁷² Se você quer informações sobre essas opiniões consulte o comentário bíblico de Matthew Henry sobre essa passagem.

Davi não teve dúvidas de que o seu ato de mandar fazer o censo da nação foi pecaminoso e que ele o fez deliberadamente, com consciência de todos os seus atos. Ele praticou seus pecados sabendo que estava fazendo algo errado, mas não deixou de cometer seus atos loucamente.

Embora nos seja escondido o real motivo do pecado, é fácil perceber nas palavras de Davi que ele havia feito alguma coisa muito errada. Observe as palavras do texto:

2 Sm 24.10 – “Sentiu Davi bater-lhe o coração depois de haver recenseado o povo, e disse ao Senhor: Muito pequei no que fiz; porém agora, ó Senhor, peço-te que perdoes a iniquidade do teu servo; porque procedi mui loucamente.”

Davi havia feito algo muito pecaminoso, pois o seu estado emocional denuncia o seu pecado. Enquanto ele pecava ele não havia percebido o seu pecado, mas somente depois que o censo terminou (“nove meses e vinte e um dias” – v.8) é que ele caiu em si. Quando a contagem se mostrou em números (v.9) é que o coração de Davi se acelerou pelo reconhecimento do seu pecado.

A verdade da qual não podemos fugir é que, mesmo não sabendo que era pecado o que estava fazendo, ele fez o que fez de maneira que nunca pode culpar ninguém pelo que fez. Prova disso é que ele trouxe para si toda a culpa quando disse: “Muito pequei no que fiz... o pecado do teu servo, pois procedi loucamente”. Ele não poderia culpar quem quer que fosse pelo que era dele somente. Não obstante a ordenação divina Davi acabou fazendo o que era a sua vontade pessoal.

Isso quer dizer que não há inconsistência entre a ordenação divina e a livre-agência do homem. O decreto divino e a agência humana mostram a possibilidade clara de um compatibilismo.

Observe a castigo de Davi

Houve a ordenação divina, o pecado voluntário de Davi e, agora, o castigo vem sobre ele.

Deus oferece a Davi uma escolha entre três tipos de castigo pelo seu pecado: sete anos de fome sobre a terra; estar três meses sob a perseguição do inimigo ou três dias de peste sobre a terra (v.12-13). Fazendo um jogo com a misericórdia divina, ele escolheu o castigo da peste. Todavia, quando milhares do povo morreram (v.15), Davi suplicou que o castigo viesse somente sobre ele e não sobre o povo que não tinha culpa naquele caso (v.17). A culpa era dele e ele havia procedido perfidamente. Portanto, o castigo devia ser assumido por ele.

Apenas recordemos: Houve a ordenação divina, o pecado voluntário de Davi e a conseqüente castigo pelo pecado. Claramente se nota o compatibilismo no texto acima. Deus age concursivamente com o homem, mas sempre de modo que o homem age livre e responsavelmente, recebendo a merecida punição. Esse compatibilismo será percebido ainda mais visivelmente nos pontos abaixo.

Concursus de Deus nos Atos Maus dos Homens Maus

Exemplo de Nabucodonozor

A Babilônia foi o instrumento da Providência para a consecução dos planos divinos sobre Judá. Veja a ação do *concursus* de Deus nos atos maus do rei da Babilônia. Ambas as ações, do homem e de Deus, são claríssimas:

Observe o decreto divino

Somos informados pela Escritura que Deus é soberano, e essa soberania se manifesta inclusive na ação do rei da Babilônia. A Bíblia nos diz que Deus chamou Nabudonozor de "meu servo" ⁷³ em Jeremias 25.9. Jeremias diz que Deus o haveria de trazer contra as terras de Judá "para as destruir totalmente, para os colocar como objeto de espanto e de assobio, e para colocá-los em ruínas perpétuas...Toda esta terra virá a ser um deserto e um espanto; estas nações servirão ao rei de Babilônia setenta anos." (Jr 25.9-11). Esse foi o decreto que Deus deu a conhecer ao seu servo Jeremias.

Observe a livre-agência de Nabucodonozor

Como um livre agente, Nabucodonozor resolveu invadir Judá. Nessa invasão ele cometeu as maiores atrocidades de que se pode ter notícia (veja Jr 52.4-30; leia todo o livro de *Lamentações* de Jeremias e observe as barbaridades cometidas contra Judá). Nada do que ele fez foi contra a sua vontade. Ao contrário, ele fez exatamente aquilo que combinava com os desejos e os propósitos do seu coração. Quando ele estava sitiando Jerusalém e cometendo todas as atrocidades, ele fazia tudo isso como se fosse o rei de todo o mundo. A sua empáfia e arrogância podem ser facilmente percebidas em tudo o que fez. Ele agiu de acordo com as disposições dominantes da sua natureza. Deus nem sequer conversou com ele sobre a sua obra de destruição de Judá, apenas decretou e ele fez exatamente como queria, mas sem fugir dos planos previamente traçados por Deus para o destino de Judá.

Observe o *concursus* divino

O rei da Babilônia fez exatamente o que Deus havia planejado, cumprindo em todas as minúcias a determinação divina, sem o saber. Apenas fazia o que achava certo como monarca dos Caldeus.

Esse *concursus* de Deus naquela obra má pode acontecer por causa da Sua onipotência, porque a Escritura diz que "o coração do rei está nas mãos do Senhor; este, segundo o seu querer, o inclina" (Pv 21.1).

Jr 51.20-23 - "Tu, Babilônia, eras meu martelo e minhas armas de guerra, por meio de ti despedacei nações e destruí reis; por meio de ti despedacei o cavalo e o seu cavaleiro; despedacei o carro e o seu cocheiro; por meio de ti despedacei o homem e a mulher, despedacei o velho e o moço, despedacei o jovem e a virgem; por meio de ti despedacei o pastor e o seu rebanho, despedacei o lavrador e a sua junta de bois, despedacei governador e vice-reis."

⁷³ Servo poder ser designativo de alguém que alegremente obedece uma ordem de Deus, e também pode ser designativo daquele que é o instrumento da execução da vontade de Alguém maior. Esse segundo caso é o de Nabucodonozor.

Deus inclinou o coração do rei de Babilônia para ele fazer todas as coisas que o seu decreto havia determinado, mas Nabucodonozor haveria de fazer tudo conforme as suas disposições interiores. O rei era a ferramenta usada para executar o seu juízo contra Judá . Deus chamou-o de “*meu martelo*”, através do qual Deus derrubou reinos e nações. Todavia, as ações desse martelo foram muito pecaminosas. Animais, homens, mulheres e crianças foram mortos brutalmente pelas ações ímpias de Nabucodonozor. No entanto, Deus toma as ações livres e maldosamente feitas pelo rei de Babilônia, e diz “*Eu despedacei o cavalo e o seu cavaleiro, eu despedacei... Por meio de ti eu despedacei homem e mulher, o velho e o moço, o jovem e a virgem.*” As ações ímpias foram cometidas pelo rei de Babilônia, mas Deus assume a sua concorrência naqueles atos maus desse homem mau. Os homens nunca fazem os atos deles, sejam eles bons ou maus, independentes da obra *concurativa* de Deus. Deus é quem inclina o coração do rei para onde ele quer, porque ele é suficientemente soberano para ter os seus decretos cumpridos, mas Deus faz de tal forma que o ato pecaminoso é somente das suas criaturas, não dele.

Observe o castigo de Nabucodonozor

Mas o *concursus* de Deus não despoja o homem da responsabilidade dos seus atos maus. Veja o que Deus disse da atitude má de Nabucodonozor:

Jr 25.12-14 - "Acontecerá, porém, que, quando se cumprirem os setenta anos, castigarei a iniquidade do rei de Babilônia e a desta nação, diz o Senhor, como também a terra dos caldeus; *farei deles ruínas perpétuas*. Farei que se cumpra sobre aquela terra todas as minhas ameaças, que proferi contra ela, tudo quanto está escrito neste livro, que profetizou Jeremias contra todas as nações. Porque também eles serão escravos de muitas nações e grandes reis; *assim lhes retribuirei segundo os seus feitos, e segundo as obras das suas mãos.*"

Percebe-se claramente as duas verdades neste exemplo: a soberania divina e os atos dos livres agentes que são considerados responsáveis diante de Deus. No texto abaixo as duas verdades também aparecem juntas. Primeiro, a soberania de Deus e, então, a ação má do rei e a conseqüente punição. Observe novamente o texto abaixo e veja como Deus responsabiliza rei pelas suas obras más:

Jr 51.20-24 - "Tu, Babilônia, eras meu martelo e minhas armas de guerra, por meio de ti despedacei nações e destruí reis; por meio de ti despedacei o cavalo e o seu cavaleiro; despedacei o carro e o seu cocheiro; por meio de ti despedacei o homem e a mulher, despedacei o velho e o moço, despedacei o jovem e a virgem; por meio de ti despedacei o pastor e o seu rebanho, despedacei o lavrador e a sua junta de bois, despedacei governador e vice-reis. *Pagarei à Babilônia, e a todos os moradores da Caldéia, toda a sua*

maldade, que fizeram em Sião, ante os vossos próprios olhos, diz o Senhor".⁷⁴

Mesmo estando por detrás dos atos maus dos homens, atos que são feitos voluntariamente, Deus considera os homens culpados por seus erros, pela simples razão que o profeta Habacuque deu no seu livro:

Hc 1.3-13 – “Por que me mostras a iniquidade, e me fazer ver a opressão? Pois a destruição e a violência estão diante de mim; há contendas e o litígio se suscita. Por esta causa a lei se afrouxa, e a justiça nunca se manifesta; porque o perverso cerca o justo, a justiça é torcida. Vede entre as nações, olhai, maravilhai-vos, e desvanecei, porque *realizo em vossos dias obra tal*, que vós não creereis, quando vos for contada. *Pois eis que suscito os Caldeus*, nação amarga e impiedosa, que marcha pela largura da terra, para apoderar-se de moradas não suas. Ela é pavorosa e terrível...Eles todos vêm para fazer violência...Então passam como passa o vento, e seguem; *fazem-se culpados esses, cujo poder é o seu Deus*. Não és tu desde a eternidade, ó Senhor meu Deus, ó meu Santo? Não morreremos. Ó Senhor, para executar juízo puseste aquele povo; tu, ó Rocha, o fundaste para servir de disciplina. *Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal, e a opressão não podes contemplar; por que, pois, toleras os que procedem perfidamente, e te calas quando o perverso devora aquele que é mais justo do que ele?*”

Nestes versos acima percebe-se claramente a maldade em forma de matança, como expressão daquilo que os Babilônicos realmente desejaram, mas Deus arroga-se como co-autor daquela façanha. E, no entanto, porque Deus não pode suportar o mal, ele considera culpados os seus praticantes. Não é fácil juntar as coisas, mas é isto que a Escritura apresenta como sendo um compatibilismo. E temos que aceitar do modo como a Escritura apresenta. Do contrário seremos achados lutando contra o próprio Deus. Berkouwer diz :

"A liderança de Deus atravessa os séculos, e em Sua liderança a ação do homem é tomada como instrumento em Seu serviço. A atividade do homem cai, como o menor dos dois círculos concêntricos, completamente dentro do círculo maior dos propósitos de Deus."⁷⁵

Exemplo de Jeroboão

Este exemplo está registrado em 1 Rs 14.1-14. Deus havia tirado o reino da casa de Davi e dado a Jeroboão, como havia prometido, por causa da iniquidade de Davi.

Observe o decreto divino

74 (Grifos meus). Ver também Jr 51.25-64;

75 Berkouwer, p. 102.

E Jeroboão fez tudo o que era mau perante o Senhor, mas do que todos os seus antecessores, cometendo apostasia e idolatria (v.9). Através do profeta Aías, Deus disse à mulher de Jeroboão, “duras novas” (v.6c):

1 Rs 14.10 - "Portanto, eis que trarei o mal sobre a casa de Jeroboão, e eliminarei de Jeroboão todo e qualquer do sexo masculino, assim o escravo como o livre, e lançarei fora os descendentes da casa de Jeroboão, como se lança fora o esterco, até que de todo ela se acabe."

Agora o texto mostra o propósito de Deus, a sua determinação. Deus dá a conhecer ao profeta o seu desígnio com respeito à descendência de Jeroboão. Perceba que o decreto inclui a eliminação de toda a descendência masculina do rei e o modo desprezível como isso iria acontecer (“como se lança fora o estrume”).

Observe o Instrumento divino para o cumprimento do decreto

Então, Deus estabeleceu quem haveria de cumprir a profecia:

1 Rs 14.14 - "O Senhor, porém, suscitará para si um rei sobre Israel, que eliminará, no seu dia, a casa de Jeroboão...".

De antemão, Deus disse que a casa de Jeroboão haveria de ser eliminada por um rei, que o próprio Deus haveria de constituir (1 Rs 16.2). Em 1 Reis 15.28, o Senhor levanta Baasa para matar Nadabe, o filho de Jeroboão, para tomar o reino, e reinou no trono que era de Jeroboão. Esse homem era um plebeu, sem qualquer ascendência real, que veio a tornar-se rei. Simplesmente ele é o instrumento divino para dar cumprimento aos seus propósitos de antemão anunciados à mulher de Jeroboão.

Os versos seguintes mostram a profecia de 1 Reis 14.10 sendo cumprida em detalhes:

1 Rs 15.29-30 - "Tão logo começou a reinar, matou toda a descendência de Jeroboão; não lhe deixou ninguém com vida, a todos exterminou, segundo a palavra do Senhor, por intermédio do seu servo Aías, o silonita; por causa dos pecados que Jeroboão cometera, e pelos que fizera Israel cometer, por causa da provocação com que irritara ao Senhor Deus de Israel"

Veja a ordenação divina sendo executada. Baasa não perdeu tempo. O primeiro a ser eliminado foi Nadabe, que ocupava o lugar de Jeroboão. Tão logo assumiu o trono, ele começou a por em prática o seu plano (que era o de Deus também e primeiramente) de matar toda a descendência de Jeroboão, “segundo a palavra do Senhor”. Não lhe bastou destronar o rei Nadabe, mas teve que destruir todos parentes de Jeroboão. Essa era a maneira dele se assegurar de que iria permanecer no trono sem perturbação.

Veja a razão da ordenação divina. Deus havia executado aquela sentença por causa dos pecados que Jeroboão cometera, Era a sua justiça sendo feita diante de um homem mau e ingrato.

Observe a livre-agência do instrumento divino

Não é difícil perceber que os atos de Baasa foram extremamente pecaminosos. Ele agiu barbaramente. A Escritura diz que Baasa era um homem ímpio e um descrente, pois ele conspirou contra o rei Nadabe expressando toda a sua malignidade (1 Rs 15.27). Em 1 Reis 15.34 é dito que "Baasa fez o que é mau perante o Senhor, e andou no caminho de Jeroboão e no seu pecado, o qual fizera Israel cometer."

Tudo o que Baasa fez foi cuidadosamente e friamente planejado. Ele não foi levado por repentes de ira, mas arquitetou conscientemente a queda de Nadabe e a morte fria da descendência de Jeroboão. Ele agiu de acordo com as disposições dominantes da sua natureza. Foi um livre-agente, agindo sem ser forçado por nenhuma compulsão externa. Apenas obedeceu os ditames do seu coração corrupto.

Observe a condenação do instrumento divino

O *concursum* está absolutamente claro no contexto desta passagem. Há uma determinação divina e, ao mesmo tempo, uma ação voluntária e responsável dos homens.

Volte aos incidentes narrados anteriormente. Em 1 Reis 14.10 Deus anuncia que o mal viria sobre a casa de Jeroboão, que seria exterminada. Esse extermínio aconteceu através de Baasa. Todavia, antes mesmo desse extermínio acontecer Deus já anuncia o que haveria de acontecer ao exterminador de Jeroboão. Por causa do que fez a Jeroboão, a condenação divina foi pronunciada antecipadamente sobre Baasa.

Veja o que o texto diz :

1 Rs 14.11 - "Quem matar a Jeroboão na cidade os cães o comerão, e o que morrer no campo aberto as aves do céu o comerão, porque o Senhor o disse."

Mesmo havendo uma determinação divina, Deus considera o homem que matou a descendência de Jeroboão culpado de seus pecados, porque seus atos foram feitos voluntariamente, segundo as inclinações da sua natureza pecaminosa.

Deus decretou a morte de Jeroboão, por causa dos seus pecados. Deus constituiu Baasa como rei para fazer a eliminação maldosa daquelas pessoas, e o considerou responsável por seus atos. Todos os atos cometidos por Baasa foram cheios de maldade, conforme o seu coração mau. O texto da Escritura diz que Deus matou a Baasa "também porque ele matara a casa de Jeroboão" (1 Rs 16.7c). Baasa e sua descendência foram mortos do mesmo modo que os descendentes de Jeroboão. Como esses aqueles não tiveram sepultura porque foram comidos pelos cães e pelas aves do céu (1 Rs 16.4). Isso mostra que a preordenação divina, com seus arranjos para levar a cabo o seu plano, não isenta o homem de sua responsabilidade. A preordenação divina não elimina a responsabilidade humana porque todos os atos humanos são feitos sem qualquer compulsão externa, mas sempre eles são feitos voluntariamente, obedecendo os ditames da sua própria natureza pecaminosa. Deus sempre considera os homens responsáveis pelos seus atos, mesmo que o próprio Deus participe, de alguma forma, em sua ação providencial, naqueles atos para a consecução dos seus planos.

Observe o *concursum* divino

Na verdade não há duas forças ou dois poderes trabalhando paralelamente, o poder de Deus e o poder dos homens, que agem voluntariamente. Não, de forma alguma. Deus exerce o seu governo também através de causas secundárias. "O governo de Deus é executado e manifestado através da atividade humana," ⁷⁶ mas a atividade humana, que inclui a responsabilidade dos agentes, é extremamente importante para a consecução do plano maior de Deus.

Exemplo de Roboão

Uma outra evidência de *concursum* aconteceu no tempo de Roboão, filho de Salomão, no tempo da ruptura do reino por causa do pecado dos homens e, ao mesmo tempo, como manifestação da vontade e da atividade reveladora de Deus. A divisão do reino veio por causa do pecado de Roboão que, desprezando o conselho dos sábios do seu reino, deu ouvido aos jovens que haviam crescido com ele, que mostraram toda a sua pecaminosidade. ⁷⁷

Observe o decreto divino

Todavia, toda a atividade maligna de Roboão, quando exerceu um jugo extremamente pesado sobre o seu povo, é dita ser o cumprimento de um desígnio de Deus. Veja o que o texto sagrado diz, especialmente na parte italicizada:

1 Rs 12.13-15 – “Dura resposta deu o rei ao povo, porque desprezara o conselho que os anciãos lhe haviam dado; e lhes falou segundo o conselho dos jovens, dizendo: meu pai fez pesado o vosso jugo, porém eu ainda o agravarei; meu pai vos castigou com açoites, eu, porém, vos castigarei com escorpiões. O rei, pois, não deu ouvidos ao povo; *porque este acontecimento vinha do Senhor*, para confirmar a palavra que havia dito por intermédio de Aías, o silonita, a Jeroboão, filho de Nebate.”

Observe o *concursum* divino

Pode-se perceber mui claramente o *concursum* de Deus na obra maligna de Roboão. A atividade maligna de Roboão *é dita ser uma atividade de Deus*. Roboão ficou somente com duas tribos, enquanto Jeroboão ficou com dez tribos. Roboão, então, tentou uma investida contra as dez tribos, mas Deus lhe disse:

Porém veio a palavra do Senhor a Semaías, homem de Deus, dizendo: Fala a Roboão, filho de Salomão, rei de Judá, e a toda a casa de Judá, e a Benjamim, e ao resto do povo, dizendo: Assim diz o Senhor: Não subireis, nem pelejareis contra vossos irmãos, os filhos de Israel; cada um volte para a sua casa, porque *Eu é que fiz isto*. E, obedecendo eles à palavra do Senhor, voltaram como este lhes ordenara"(1 Rs 12.22-24).

Estes versos devem ser contrastados com 1 Reis 11.29 quando o profeta Aías se encontra com Jeroboão, pega a sua capa e a rasga em doze

76 Berkouwer, p. 100.

77 Ver 1 Reis 12.6-11.

pedaços e, então, ali o Senhor diz a Jeroboão: "Toma dez pedaços, porque assim diz o Senhor Deus de Israel: Eis que rasgarei o reino da mão de Salomão, e a ti darei dez tribos" (1 Rs 11.31). Houve a ordenação divina da divisão das tribos, e os atos maus de Roboão são considerados na Escritura como um ato de Deus. Aqui, uma vez mais, a sabedoria de Deus triunfa sobre a tolice dos homens, e a atividade de Deus não é contingente da atividade do homem. Deus é vencedor mesmo com o pecado dos homens, e sua vitória está na realização dos seus planos.

Exemplo de Senaqueribe, rei da Assíria

A sabedoria dos homens nunca poderá compreender os caminhos de Deus, nem como esses caminhos são traçados.

Observe o Decreto de Deus

Está registrado em Isaías 10.5-13. Deus envia uma profecia contra o rei da Assíria. Nunca Deus havia mandado qualquer profeta ao rei Senaqueribe para que ele fizesse o que veio a fazer. Portanto, não houve nenhuma ordem divina, nenhuma orientação de Deus. Apenas havia a determinação divina de fazer do rei da Assíria um instrumento da sua justiça punitiva para com Samaria.

Observe o Instrumento divino para cumprir o decreto

Verso 5 - Assíria, nesta passagem é considerada "o cetro da ira de Deus". O texto também diz que a "vara" que a Assíria está para usar contra Israel, "é o *instrumento* do meu furor" (v.5).

Verso 6 - Os olhos humanos não podem compreender o modo como Deus age. Os assírios não possuíam nenhuma palavra profética divina dando-lhes indicação de que deveriam invadir Israel. Como, então, é dito que o Senhor *envia* a Assíria contra uma nação ímpia, que é Israel? O curioso é que sendo *enviados* por Deus, como podem eles ser culpados de ir até Israel? Como podem eles ser punidos com justiça por fazerem exatamente o que Deus lhes havia determinado fazer? É aqui que repousa a consistência do decreto divino com as ações voluntárias dos homens. Nunca teremos uma resposta detalhada e plena das ações de Deus. Todavia, tudo o que Deus revela devemos perscrutar; o que ele deixa escondido é melhor não tentar descobrir.

Observe a livre-agência do instrumento divino

Verso 7 - Embora o rei Senaqueribe tenha sido enviado por Deus para punir Israel, por causa dos seus pecados, todavia, o instrumento da ira, Senaqueribe, nunca soube que foi instrumento usado por Deus. Ele nunca teve qualquer intenção de obedecer a Deus. O Deus de Israel nunca entrou na sua conta. Ao contrário, o rei da Assíria sempre pensou estar fazendo a sua própria vontade, conquistando os reis como ele pensava que devia fazer, agindo egoisticamente com motivos ímpios.

Ao invés de pretender executar os desígnios de Deus, o conquistador jactou-se de fazer tudo o que fez pelo seu próprio poder e para a sua própria glória

Versos 8-9 – Senaqueribe confiou no poder dos seus próprios príncipes, que eram sinônimo de realeza poderosa, e confiou também nos seus deuses.

Versos 10-11 - Os assírios jactavam-se do que eram e do que possuíam, e zombavam da fraqueza de Jerusalém. Os assírios diziam:

"O meu poder atingiu os reinos dos ídolos, ainda que as suas imagens de escultura eram melhores do que as de Jerusalém e do que as de Samaria. Porventura como fiz a Samaria e aos seus ídolos, não o faria igualmente a Jerusalém, e aos seus ídolos?"

Realmente eles eram uma nação poderosa o bastante para derrotar Israel, mas o que eles não sabiam é que estavam sendo instrumentos do "furor da ira de Deus, contra uma nação que havia se tornado ímpia, que era Israel.

Então os assírios invadiram Israel e fizeram tudo o que o Senhor havia determinado (conforme a Sua ordem, mas sem palavras, conforme podemos ver no v.6). Os soldados do rei da Assíria fizeram tudo quando quiseram, como se fossem os donos do mundo, dando asas a sua maldosa imaginação e congratulando-se consigo mesmos pelos seus mal-feitos. A obra de maldade havia sido feita contra Israel. Era mais uma obra maligna dos homens.

Observe o *conkursus* divino

Verso 12 – Muito tempo antes de que toda a obra dos assírios fosse começada em Jerusalém, Deus havia dito que aquela obra dos assírios era obra dele: "Por isso acontecerá que, havendo o Senhor acabado toda *sua obra* no monte Sião e em Jerusalém..." (v.12a). Assim, de uma maneira soberana, misteriosamente secreta, portanto inescrutável à sabedoria humana, Deus envia a nação assíria contra Israel. Todavia, a ação orgulhosa e cheia de paixões do rei Senaqueribe e seus exércitos não é independente da ação concorrente de Deus.

Deus aceita a sua parte de responsabilidade naquilo que aconteceu a Jerusalém. Há muitos hoje que não crêem nesse *conkursus* de Deus nas obras más dos homens, mas Ele próprio assume a sua atitude providencial, para o cumprimento dos seus fins. Nessa tarefa, Ele sempre se serve das causas secundárias e, assim, Ele mostra o Seu governo no mundo.

Observe a punição do instrumento

Versos 12-14 - Contudo, mesmo assumindo que a obra dos assírios era Sua obra, Deus não hesita em punir os assírios por haverem feito o que fizeram e pelo modo arrogante como o fizeram. Veja o que o texto diz:

"...então *castigará a arrogância do coração do rei da Assíria e a desmedida altivez dos seus olhos*, porquanto este (o rei) disse: com o poder da minha ira fiz isto, e com a minha sabedoria porque sou entendido; removi os limites dos povos, e roubei os seus tesouros, e como valente abati os que se assentavam em tronos. Meti a mão nas riquezas dos povos como a um ninho, e como se ajuntam os

ovos abandonados, assim eu ajuntei toda a terra, e não houve quem movesse a asa, ou abrisse a boca ou piasse".

Não há como escapar dessa terrível, mas majestosa verdade! Deus reina e, como tal, impõe as suas próprias regras. O que ele não aceita é que os homens sejam jactanciosos, tomando como *suas* as obras que são *dele*. Deus nunca aceitou a jactância daqueles que são instrumentos da consecução dos seus decretos. Por essa razão ele pune o rei da Assíria (v.12) e os seus homens (v.16), dizendo:

"Porventura gloriar-se-á o machado contra o que corta com ele? ou presumirá a serra contra o que a maneja? Seria isso como se a vara brandisse os que a levantam, ou o bastão levantasse a quem não é pau!" (v.15)

Portanto, por tudo o que aconteceu, Deus considera a Assíria responsável. "A razão pela qual Deus promulga um "ai" sobre ela, não é porque ele está castigando o povo do pacto de Deus, mas porque eles pensaram em sua própria arrogância que os que estavam fazendo o faziam por sua própria força," ⁷⁸ mesmo considerando que Ele próprio havia ordenado a Assíria toda aquela obra de violência. Então, Deus puniu todo o exército da Assíria e, numa noite, 188 mil soldados foram mortos, e Senaqueribe foi morto por seus próprios filhos (2 Rs 19.35-37).

Todos os reis tiranos e conquistadores deste mundo, como Alexandre, o grande, Júlio César, Napoleão, etc., executaram a vontade decretiva de Deus em sua obra providencial. Assim mesmo, são considerados culpados, porque fizeram todas as coisas pensando em si mesmos e fizeram com toda a maldade dos seus corações ímpios, e foram punidos. Eles serviram a Deus, mas nunca foi desejo deles servi-lo. Dizendo de uma maneira diferente, podemos dizer que Deus serviu-se deles, mas nunca foi servido. Eles fizeram a vontade do Senhor, mas nunca pensaram sequer em fazê-la. É assim que opera misteriosamente a ação humana juntamente com a ação concorrente de Deus.

Carson pondera que além de toda dúvida que Isaías, ao menos, "era compatibilista". ⁷⁹ Em vários lugares do seu livro Isaías assumiu a idéia de que seu Deus era governador do universo e todos os seres vivos eram instrumentos da execução da sua vontade. Sua vontade foi sempre feita, a dos homens também, mas a destes está sempre condicionada à daquele.

Exemplo de Absalão

Observe o ato maldoso de Absalão

Este exemplo maldoso de Absalão está registrado nas Escrituras com estas palavras:

2 Sm 16.20-22 - Então disse Absalão a Aitofel: Dai o vosso conselho sobre o que devemos fazer. Disse Aitofel a Absalão: Coabita com as concubinas de teu pai, que deixou para cuidar da casa; e, em ouvindo todo o Israel que te fizeste odioso para com teu pai,

⁷⁸ Carson, p. 208.

⁷⁹ Carson, p. 208.

animar-se-ão todos os que estão contigo. Armaram, pois, para Absalão uma tenda no eirado, e ali, à vista de todo o Israel, ele coabitou com as concubinas de seu pai.

Observe os motivos sujos de Absalão

Após meditar no conselho de Aitofel, ele praticou tão hedionda ação. Deve ser observado que ele queria o poder que o reino lhe traria, e que para isso ele teria que ter o respaldo e o apoio do povo. O povo andava insatisfeito com Davi e, para ganhar a opinião pública, especialmente dos descontentes do reino, Absalão aceitou o conselho ímpio de Aitofel. Seu ato foi de tal abominação que ele o praticou ao ar livre. Teve relações sexuais públicas, para que todo o povo pudesse ver, que é dito ser, no v.23, uma "resposta de Deus a uma consulta".

Observe a livre-agência de Absalão

Fazendo o que fez, Absalão fez tudo conforme as suas próprias disposições, segundo o gosto do seu coração, voluntariamente, sem ser coagido por ninguém. Ele fez toda a sua vontade, expressando sua maldade. Apenas tomou conselho com os seus conselheiros, e mostrou seu coração maligno para com seu pai. Seguindo o conselho errado de Aitofel, Absalão recebeu a paga por tal atitude. Ele foi considerado culpado porque o Senhor disse em 17.14, pois o mal sobreveio sobre ele.

Observe o Decreto divino

Se tivéssemos apenas esta informação de 2 Sm 16.20-22 sobre a ação má de Absalão, não seria difícil de entendê-la, pois tantos homens têm cometido, na história do mundo, os mesmos pecados de fazer conspiração contra seus próprios parentes para obterem o poder. Mas a Bíblia mostra outras informações reveladoras sobre este ato de Absalão. Veja o que diz 2 Sm 12.11-12 após o pecado de Davi contra Batseba, por boca do profeta Natã:

"Assim diz o Senhor: Eis que da tua própria casa suscitarei o mal sobre ti, e tomarei tuas mulheres à tua própria vista, e as darei a teu próximo, o que se deitará com elas, em plena luz deste sol. Porque tu o fizeste em oculto, mas *Eu farei isto perante todo o Israel e perante o sol.*"⁸⁰

Absalão fez exatamente o que queria, pecando voluntariamente contra seu pai. Tanto Absalão quanto Aitofel cometeram seus atos maus e foram considerados responsáveis por eles, a despeito da ordenação divina e de Sua *concorrência*.

A atividade de Deus é revelada, não como um *deus ex machina*, mas *na* ação de Aitofel e de Absalão. O plano maligno de Aitofel e a realização dele por Absalão é o produto de uma ação divina sobre eles, mas de tal modo que a responsabilidade dos atos maus é sempre daqueles que os fizeram de acordo com suas vis paixões. Isto é *concursum*.

Observe a punição de Absalão

Deus havia dito que o sangue pela espada não se apartaria da casa de Davi, por causa do seu pecado. Então Joabe, servo de Davi, traspassa Absalão à espada (2 Sm 18.14). Agora Davi contempla a morte violenta do seu próprio filho, que foi fruto da profecia divina.

Aitofel havia dado um bom conselho a Absalão, a fim de que ele o autorizasse a matar Davi, aproveitando-se da oportunidade da velhice de Davi (2 Sm 17.1-2). Todavia, um outro conselheiro, Husai, deu um conselho diferente, advertindo-o a não seguir o conselho de Aitofel (2 Sm 17.7-13). Absalão recusou o de Aitofel e seguiu o de Husai.

Observe, por detrás do episódio a obra providencial de Deus para que Absalão fosse morto de maneira que ele pagasse por sempre dar ouvidos a maus conselhos e por fazer as obras más que fez.

2 Sm 17.14 - “Então disseram a Absalão e todos os homens de Israel: Melhor é o conselho de Husai, o arquita, do que o de Aitofel. Pois ordenara o Senhor que fosse dissipado o bom conselho de Aitofel, para que o mal sobreviesse contra Absalão.”

A obra concursiva de Deus por detrás do conselho de Husai, demovendo Absalão de ouvir o bom conselho de Aitofel. Deus cumpre o seu decreto de matar Absalão como parte de sua promessa de ferir a espada todos os descendentes de Davi, mas faz de tal modo que ele usa as ações livres dos homens. Tanto Husai quanto Absalão fizeram o que fizeram movidos por sua própria natureza pecaminosa. Da mesma forma fez Joabe, que foi o instrumento da morte de Absalão.

APLICAÇÃO

Este assunto é fortemente combatido pelos arminianos que não aceitam a concorrência divina nos atos dos homens, porque eles crêem que os atos deles são absolutamente livres, sem serem forçados de fora (com o que concordamos) ou de dentro. Quanto a esta última alternativa, é absolutamente impossível concordar. O homem nunca foi e nunca será moralmente neutro. Ele sempre será condicionado a fazer qualquer coisa de acordo com a sua própria natureza. O homem não mais tem o livre arbítrio, como Adão teve. Portanto, ele sempre haverá de agir levado por sua condição interior.

Sempre haverá um *concursum* de Deus nos atos bons e maus dos homens, mesmo embora não possamos entender em plenitude como isso se efetua, especialmente no que diz respeito aos atos maus dos homens, quando consideramos a natureza santa de Deus. Mas a própria Escritura não faz segredo daquilo que Deus *faz*. Ela não explica as razões últimas de Deus, mas afirma categoricamente a cooperação de Deus nos atos dos homens, fator preponderante que explica o Seu governo na história do mundo. Do contrário, como controlaria Ele o mundo e como os seus planos seriam realizados?

Deus age providencialmente, embora nem sempre possamos entender plenamente ação da Primeira Causa sobre as Causas Secundárias. Esta é uma atividade misteriosa de Deus, e ele não nos tem contado o segredo de

sua ação, que nem sempre é crida pelos homens, mas que inegavelmente é afirmada nas Escrituras.

Na verdade, temos que reconhecer que não temos as respostas finais neste assunto. Não existe uma explicação plenamente satisfatória para o problema. Portanto, o problema do *modus operandi* na relação entre Deus e o pecado de suas criaturas racionais continua sendo um grande mistério para os homens.

Deus não poderia governar se não fosse Deus. E não há Deus sem onipotência. Este atributo lhe dá as condições para executar plenamente tudo aquilo que planejou. Portanto, lembre-se de algumas verdades:

Lembre-se de que se Deus não operasse concursivamente, ele não poderia cumprir a história

O decreto de Deus precisa ser cumprido por causa da eficiência dele. Por causa da sua natureza, Deus não pode determinar que um evento venha acontecer e, por falha das criaturas, ele não venha a acontecer.

As criaturas não são independentes de Deus em quaisquer de suas ações, sejam nas boas ou nas más. A fim de que os seres humanos cumpram os planos divinos, Deus tem não somente que superintender os atos humanos, mas dum modo misterioso ele tem concorrer naqueles atos de forma que nada do que ele planejou venha a falhar. Se entregues a si mesmos, os seres humanos provavelmente nunca cumpririam a vontade decretiva de Deus porque:

Os livre-agentes não sabem de antemão o que Deus decretou.

Deus nunca revela os homens os seus segredos. Não sabemos sequer o que nos acontecerá no dia de amanhã. Exceto em algumas situações específicas que Deus já anunciou que acontecerão de antemão, e elas estão registradas nas Escrituras, os homens não possuem noção qualquer noção do que lhes acontecerá ou o que acontecerá no contexto em que eles vivem. Por essa razão, para que os eventos decretados aconteçam, Deus tem que agir cooperadoramente na vida dos homens.

Os livre-agentes não têm poder sobre as circunstâncias nas quais os eventos estão envolvidos.

Ainda que os seres humanos soubessem do que estava para acontecer, não poderiam sozinhos ter domínio sobre as circunstâncias todas. A realização da história depende de uma grande combinação de fatores que só podem ser ativados por uma mente que possui todas as coisas nas suas mãos. Somente uma mente infinita pode Ter controle sobre todos os detalhes que se encaixam perfeitamente e, assim, os eventos decretados vêm à sua realização.

Lembre-se de que todos nós somos cooperadores de Deus no cumprimento dos seus decretos

Como você notará em capítulos seguintes, todos os seres humanos somos cooperadores de Deus na execução do seu grande plano para este universo, que ainda está debaixo do pecado. Deus usa a nossa livre-agência, a nossa voluntariedade, a nossa capacidade de tomar decisões, para cumprir

os seus desígnios. A fim de que isso aconteça ele trabalha em nosso espírito para que realizemos – segundo a nossa vontade – aquilo que é a sua vontade.

Deus é o Senhor da história, porque não somente ele a escreveu de antemão, mas também porque ele a conduz. Nós somos os agentes através dos quais Deus realiza a sua história. Mesmo sem saber, todos os homens ímpios, quando fazem a sua vontade, acabam fazendo a vontade de Deus no que respeita ao cumprimento dos seus planos.

Isto é maravilhoso para aquele que conhece dia a dia mais o Deus da Escritura. Esse assunto (ao mesmo tempo que intriga) encanta a nossa alma! Que Deus poderosamente soberano é esse!

Cada vez que estudo estas coisas eu me assombro maravilhado do que me possui e a quem eu pertenço. Eu não me irei dele ser assim. Isso só me faz repousar nele, pois tenho a certeza de que todas as coisas estão no controle absoluto dele. Se assim não fosse, como poderia ele próprio ter certeza de que seus planos se realizariam. Se Deus não tem essa certeza, que esperança podemos ter nele?

Procure estudar esta matéria com maior carinho e santa reverência, porque Deus precisa ser reverenciado mercê dessas coisas que ele é e faz.

Lembre-se de que o concursus é um mistério para o qual Deus não deu explicações

Por mais que você venha a conhecer este assunto profundo, você nunca entenderá como são as operações concursivas de Deus na mente das pessoas, inclinando-as a fazerem exatamente aquilo que está determinado, sem que ele contrarie a sua própria natureza santa.

Esse *modus operandi* de Deus é absolutamente misterioso. Ele é maravilhosamente secreto. Nunca se jacte de entendê-lo completamente. Creia, sim, que Deus age na vida das pessoas incitando-as a cumprirem os seus planos, mas nunca diga que você já conhece o modo de operação dele. Seria pretensão nossa descobrir estes arcanos divinos!

Apenas seja humilde, reconhecido da sua pequenez. Nada mais. Curve a sua cabeça, curvando-se diante da majestosa sabedoria dele que faz com todas as coisas aconteçam, sem nunca ferir a liberdade humana, sem nunca forçar o homem a fazer nada contra a sua própria vontade, mas faz com que todos os seus decretos sejam literalmente cumpridos e os homens se sintam responsáveis por todos os seus atos.

Nos atos bons, mesmo agindo voluntariamente, os homens sempre darão glória a Deus por eles, porque eles sabem que é Deus quem “opera neles o querer e o realizar”; nos atos maus, todavia, em que os homens também agem voluntariamente, eles sempre se sentirão culpados porque eles agem responsabilmente. Em todos os atos, bons ou maus, há uma atividade cooperadora de Deus. Nos primeiros Deus leva a glória; nos últimos os seres racionais levam a culpa. Isso não é espantosamente maravilhoso? Somente Deus pode agir de um modo tão maravilhosamente misterioso! Esse é o Deus das Escrituras em quem devemos crer, a quem devemos amar e de quem devemos falar.

CAPÍTULO 11

CONCEITOS ERRÔNEOS SOBRE A PROVIDÊNCIA

As cosmovisões das religiões determinam os variados conceitos sobre aquilo que chamamos de providência. Algumas dessas cosmovisões foram dominantes nos séculos passados, mas presentemente elas fazem parte do pensamento religioso e têm se tornado populares. Elas são concepções defeituosas sobre Deus e sua relação com o universo, apresentando apenas uma faceta da verdade e, todavia, negando verdades fundamentais asseveradas pela Escritura Sagrada, que deve ser o padrão único de fé de todos os cristãos. A doutrina da providência tem estado debaixo do ataque de várias cosmovisões passadas e contemporâneas, que evidenciam uma concepção ateuísta, deísta e panteísta das relações entre Deus e o mundo.

O curioso, contudo, é que o teísmo também abraça os mesmos elementos de verdade das cosmovisões acima mencionadas. Com o deísmo, o teísmo crê que Deus é transcendente, tendo, portanto, uma existência extramundana; com os agnósticos (que em geral são deístas) cremos que Deus não pode ser conhecido em sua essência; com os panteístas, o teísmo crê que Deus está envolvido com cada elemento existente no universo, seja ele de natureza espiritual ou física.

Cada cosmovisão a ser estudada reflete conceitos individuais do teísmo, mas com desvios que serão analisados e criticados do ponto-de-vista do cristianismo ortodoxo.

Os conceitos errôneos que vamos analisar, contudo, são parte da nossa vida diária em nosso mundo moderno (ou pós-moderno?). Não são crenças simplesmente do passado, mas crenças sempre presentes nas nossas relações religiosas e interpessoais.

Há alguns conceitos errôneos sobre a providência que devem ser evitados:

CONCEITOS DE COSMOVISÕES NÃO-CRISTÃS

Conceito Ateísta

O ateísmo pugna pela tese de que todas as coisas que existem no universo devem ser estudadas naturalisticamente. Não existe nenhuma manifestação sobrenatural (especialmente se vindas do Deus do cristianismo!), porque o universo é uma esfera fechada. Não há nada além do universo e, portanto, nada entra ou intervém nele.

O grande problema para o ateu é a presença do mal no mundo, que não pode ser negada. Ele não pode oferecer nenhuma resposta para esse problema, porque não existe ninguém fora do universo. Eles não podem culpar Deus, porque este não existe. A única tentativa deles com respeito a esse enorme problema é afirmar que o mal não existe, numa tentativa desesperada de lutar contra uma realidade presente.

Os cristãos não devem Ter medo da asserção ateísta de que se houvesse Deus o mal não estaria presente no mundo. Logo, se existe o mal, Deus não existe. É curioso que, dizendo isto, eles estão admitindo a bondade num Deus que não existe. O Deus dos cristãos é o grande problema para os ateus. A grande maioria deles não é composta de ateus teóricos, mas de pessoas que não gostam do Deus da Escritura e, por causa disso, o negam. O Deus da Escritura é um Deus que intervém no mundo que ele criou, e isso incomoda aqueles que querem uma vida de independência do ser divino.

Conceito Deísta

Existe uma enorme diferença entre os teístas e os deístas. Os primeiros crêem num Deus transcendente, que está além e acima do universo criado, mas também crêem num Deus que se envolve com a sua criação. O Deus destes é pessoal, portanto, relacional e providente. Nem todos teístas são cristãos, mas todos os cristãos são teístas. Diferentemente, os deístas crêem somente num Deus transcendente, mas não em sua imanência. O Deus dos deístas não é realmente pessoal e, portanto, não relacional e providente.

Há deístas que afirmam que Deus é pessoal, mas se o é, com quem ele se relaciona já que também eles crêem que Deus é unipessoal, não tripessoal. Se ele não se relaciona com o universo criado, ele vive em absoluta solidão, o que não é característica de um ser pessoal. Os cristãos crêem que Deus não precisa do mundo para se relacionar e que ele nunca existiu em solidão, porque ele é tripessoal. Todavia, no conceito deísta, se Deus é sustentado ser pessoal, ele tem necessariamente de relacionar-se com o mundo, porque ele não tem nada mais com que se relacionar.

Conforme o deísmo, a preocupação de Deus com o mundo não é universal, especial e perpétua, mas somente de natureza geral. No tempo da criação Deus comunicou às suas criaturas, certas propriedades inalienáveis, colocou-as debaixo de leis inalteráveis, e as deixou funcionar através de seus próprios poderes inerentes. O mundo é simplesmente uma máquina que Deus colocou em movimento, e não um navio que tem um piloto que o dirige dia a dia.

Todos os deístas crêem que Deus não pode e não fará qualquer ação interventiva no mundo pela simples razão de crerem na imutabilidade das leis da natureza. Por exemplo, se Deus operasse um milagre no mundo, isso seria uma violação e uma alteração das leis naturais. As leis naturais são inalteráveis, imutáveis e, esse conceito elimina toda a possibilidade de uma contínua intervenção divina no mundo existente. A inalterabilidade das leis naturais tornam Deus escanteado, retirado deste mundo.

Os deístas insistem que a perfeição da mecânica celeste e de todas as leis estabelecidas por Deus é que faz com que a máquina da natureza funcione sem qualquer necessidade de reparo. Por essa razão, o deísmo elimina qualquer ação providencial de Deus no mundo existente.

Contudo, a opinião dos deístas sobre a providência é insustentável porque não possui base Escriturística. O Deus da Escritura está muitíssimo interessado na vida, nos atos e nos eventos que acontecem aqui neste mundo. A Escritura diz que Deus preocupa-se até com os fios de nossa cabeça que estão contados, e que nenhum pardal cai sem que seja do

consentimento dele. Nada escapa do controle absoluto de Deus sobre o universo. Deus é um ser relacional e ativo na história humana. Ele ama, odeia, disciplina, pune, responde, fala, atos próprios de um ser relacional.

Todavia, o deísmo sugere que Deus comunicou auto-sustentação à criatura, coisa que é própria somente do Criador. A criatura nunca pode auto-sustentar-se, mas pode ser sustentada somente por um ato da onipotência divina. Não fora a onipotência de Deus, o mundo todo acabaria se deteriorando irremediavelmente. A concepção deísta também remove Deus da criação de tal forma que a comunhão com ele torna-se impossível.

Não existe um Deus providente no deísmo. Todos os seres humanos estão orfanados. Afinal de contas, o deísmo não oferece qualquer possibilidade de consolo nas horas de aflições. Os homens permanecem simplesmente abandonados ao sabor da sorte. Eles não possuem ninguém que vele por eles, porque o Deus dos deístas é tão altíssimo e grande, que está além do universo criado, mas que não está preocupado com as coisas pequenas que acontecem neste nosso pequeno mundo.

Conceito Panteísta

A cosmovisão panteísta é vigente nas religiões orientais, mas ela tem crescido fortemente no mundo ocidental pela absorção de seus conceitos através do movimento da Nova Era.

Diferentemente do ateísmo, os panteístas crêem em Deus. Diferentemente do teísmo, o Panteísmo não reconhece a distinção entre Deus e o mundo. Diferentemente do deísmo, no panteísmo não existe nenhum abismo entre Deus e a sua criação.

No panteísmo, Deus é absorvido materialisticamente no mundo ou o mundo em Deus. Nele não há lugar para a criação porque não existe um criador que seja diferente e separado da criação. Não há lugar também para a providência porque providência implica em que um serve outro. Como não existe distinção entre Deus e o universo, a providência também é eliminada no sentido próprio da palavra. É verdade que os panteístas falam em providência, mas a providência, segundo eles, é simplesmente idêntica ao curso da natureza (uma espécie de auto-revelação que não deixa espaço para a operação independente de causas secundárias. Nesse ponto-de-vista, o sobrenatural é impossível, ou ainda, o natural e o sobrenatural são idênticos).

O conceito panteísta é altamente objetável porque há grande diferença entre a criação e a providência. A criação diz respeito à chamada das coisas à existência, enquanto que a providência relaciona-se com a manutenção do que foi criado; a primeira é a produção do nada, enquanto que a segunda é a sustentação em existência daquilo que veio a existir.

— A doutrina panteísta destrói toda a continuidade da existência. Se Deus cria qualquer coisa a todo momento do nada, essa coisa cessa de ser a mesma. Ela é alguma coisa nova, contudo similar ao que já existia antes.

— A doutrina panteísta destrói efetivamente toda evidência da existência de um mundo separado de Deus, porque o mundo é o próprio Deus que se emana em novas coisas que são criadas.

— A doutrina panteísta destroi a existência das causas secundárias. Deus torna-se o único ser do universo que age. O universo e tudo o que nele se contém são pulsações da vida universal de Deus. Se a preservação é uma produção continuada do nada, de tudo que existe, então toda existência material, todas as propriedades da matéria, toda alma humana, e todo o pensamento e sentimento humanos, são um produto direto da onipotência divina como um ato de criação original. Não há cooperação em nada das causas secundárias para a preservação. Assim, como Deus disse: “haja luz, e houve luz”, também ele continua a dizer: “Haja o pensamento dos homens, os propósitos, os sentimentos, que constituam a natureza deles e, assim, eles sejam”.

A doutrina panteísta destrói a solução para o problema do mal. Se todas as coisas são uma extensão de Deus, e o mal existe, logo o mal é algo inerente a Deus. Se o mal é inerente a Deus, esse Deus não pode resolver um problema que é inerente a ele. É por essa razão que as religiões orientais possuem um conceito fatalista do mal, tornando-o quase necessário no mundo, porque o mundo é Deus. Certamente, nem todos os panteístas chegariam a essa conclusão terrível e insustentável para si mesmos, mas há panteístas consistentes que não podem fugir dessa conclusão. O panteísta Benedito Spinoza (1632-77), seguiu uma linha de raciocínio diferente de alguns panteístas do oriente. Ele cria que “nosso mundo é o melhor de todos os mundos possíveis simplesmente porque ele é o único mundo possível. Assim, o assim chamado “mal” é uma parte necessária do mundo como ele é.”⁸¹ Se alguns panteístas não concordam com Spinoza, a única outra saída para eles é crer (e isso é incrível!) que o mal não existe realmente. Os orientais acabam afirmando que o mal é uma ilusão. O sofrimento dos seres humanos não é algo real. É curioso que os maiores defensores desta filosofia religiosa estão numa parte do mundo onde mais sofrimento e miséria há – a região da Índia. A única alternativa de deles é sugerir que o sofrimento humano é uma ilusão: “Os panteístas encontram-se a si mesmos empurrados nessa direção.”⁸² Portanto, para alguns panteístas não há escape para o mal porque ele é inerente a Deus, já que não há distinção entre Deus e o mundo; para outros panteístas discordantes desse primeiro pensamento, a alternativa com respeito ao mal é chamá-lo de “ilusão”, o que é terrivelmente cegueira espiritual porque todos eles não podem fechar os olhos ao que existe, e nenhuma filosofia arranca a dor pelas quais muitos deles passam. O mal considerado como uma ilusão é uma contradição de termos, porque se é experiência não pode ser ilusão. Somente uma cosmovisão que considera tudo *Maya* (ilusão) é que pode considerar o real ilusório. Essa atitude não é somente uma negação da realidade, mas a negação de algo que fere extremamente a raça humana.

Logo, se o mal é ilusão, não há esperança para se livrar dessa experiência “ilusória”. Se Deus é a mesma coisa que o mundo, sendo este uma extensão do divino, não existe a possibilidade deste último agir providencialmente no primeiro, porque os dois são a mesma coisa.

81 David K. Clark (Norman L. Geisler), *Apologetics in the New Age – A Christian Critique of Pantheism* (Grand Rapids: Baker Book House, 1991), 206.

82 Clark e Geisler, *Apologetics in The New Age...*, 206.

Conceito Dualista

Há um pensamento vigente em vários círculos cristãos de que o diabo é quem está no comando do universo. Ele tem sido o responsável por todas as coisas ruins que têm acontecido no mundo. Ao invés das pessoas dizerem “bendito seja Deus”, bem que elas poderiam dizer “bendito seja o diabo”, porque ele tem sido o responsável por todas as coisas que eles vêem e com as quais não concordam. É verdade que ele é inimigo dos filhos de Deus, mas é verdade também que ele é parte do processo providencial de Deus, como um instrumento nas mãos de Deus. A sua ação cumpre os propósitos divinos para o universo. Todavia, somente quando estudamos devidamente a doutrina da providência é que eliminamos de nossa mente qualquer pensamento de que Satanás está no controle deste mundo.

Deus está no comando e aceita a responsabilidade de todas as coisas que acontece neste seu universo, sejam boas ou más. Des está envolvido em cada evento que acontece na história do mundo, mesmo no mínimos detalhes. A isto chamamos de providência soberana de Deus.

Quando as pessoas não compreendem devidamente a doutrina da providência, elas cometem erros muito feios, que demonstram uma incompreensão da cosmovisão cristã. Responsabilizando Deus pelas coisas boas que acontecem e o diabo pelas coisas más, elas podem ser culpadas de uma heresia antiga chamada “dualismo”. O que é isso? É a crença na existência de dois poderes onde o Deus, que é bom, está em luta contra o Diabo, que é o mau. São dois poderes independentes e igualmente poderosos que lutam entre si titanicamente para ver quem obtém o controle do mundo.

Os cristãos que possuem essa cosmovisão ficam na esperança do deus bom ganhar, mas vivem pintando o fim da história como algo trágico e inevitável, não porque os decretos de Deus estão sendo cumpridos, mas porque o diabo é poderoso para resistir até o fim, e não será vencido até que muitos estragos tenham sido feitos na igreja e no mundo. Esta é uma heresia muito perniciosa e está ligada muito freqüentemente ao movimento carismático, especialmente o de batalha espiritual.

A pergunta que se faz é a seguinte: Por que cristãos sinceros possuem essa compreensão errônea de Deus? Por que atribuem o bem a Deus e o mal a Satanás? Talvez porque eles tentam proteger Deus ou evitar que ele seja considerado o autor do mal. Na compreensão deles, um Deus de amor não pode estar relacionado a coisas que são imperfeitas ou malignas. Crer num Deus de amor é muito mais fácil e palatável do que crer num Deus de soberania absoluta.

Eu li de uma enfermeira que trabalhava na sala de emergência de um hospital que disse que, quando alguma pessoa de uma determinada igreja evangélica era acidentado ou acometido de algum mal súbito aparecia na emergência, logo vinha correndo o pastor e dizia para a família ali presente: “Lembrem-se de que Deus não tem nada a ver com isso!” Talvez esse pobre pastor quisesse evitar que os membros atingidos pela desgraça desaparecessem de sua igreja. Aquele pastor certamente possuía uma visão muito distorcida da cosmovisão cristã que ensina que Deus está por detrás de todos os eventos, sejam bons ou maus. Alguém que tenta “proteger” não conhece de fato e não possui uma noção correta de sua obra providencial. Se Deus não é o responsável último por todas as coisas que nos acontecem,

estamos todos nas mãos de quem? Do diabo? Ou o fatalismo começa a invadir nossas igrejas também? Esse tipo de dualismo deve desaparecer da mente dos genuínos cristãos, pois ele é uma grande injustiça aos ensinamentos da Escritura sobre a providência de Deus.

CONCEITOS DE COSMOVISÕES SUB-CRISTÃS

Quando chamo as cosmovisões abaixo de sub-cristãs não emito qualquer juízo sobre pessoas individuais e sua relação pessoal com Cristo, mas considero sub-cristãs as cosmovisões deles porque eles se recusam a aceitar a soberania absoluta de Deus, que o próprio Senhor Jesus e seus servos reconhecem. Eles têm falhado no entendimento do ensino da totalidade da Escritura e não têm feito justiça a ela. Todos os que abertamente proclamam uma espécie de liberdade de independência dos decretos de Deus e uma independência da vontade humana das outras faculdades da alma considero sub-cristãs, porque vão acabar falhando em conceitos importantes, inclusive e sobretudo da própria doutrina da salvação.

Conceito Libertário

Sempre houve dentro do grande guarda-chuva do cristianismo pessoas que defenderam a liberdade total do homem. Por liberdade aqui estou me referindo à liberdade de independência de Deus e a liberdade de autonomia da vontade humana em relação às outras faculdades da alma humana. Os que sustentam esse pensamento são conhecidos como “defensores da vontade livre” (DVL).

Esses DVL são conhecidos em teologia também como libertários.

O raciocínio básico deles funciona da seguinte maneira:

— Se os seres humanos são moralmente responsáveis pelos seus atos diante de Deus, eles devem ser absolutamente livres.

Nunca os homens poderiam ser responsáveis se eles não fossem absolutamente livres. A responsabilidade moral dos seres humanos está diretamente ligada à liberdade de independência que eles possuem. Se eles não possuem esse tipo de liberdade, eles nunca podem ser considerados responsáveis pelos seus atos diante de Deus. A moralidade de um ato está vinculada diretamente à liberdade dele.

— Se os seres humanos são livres, não há lugar para obra providencial de Deus. Deus não interfere em sentido algum nas ações livres dos homens.

O conceito de liberdade dos libertários altera toda a noção da ação providencial de Deus que existe no cristianismo histórico. Para que as escolhas dos homens sejam inteiramente livres, elas não podem receber qualquer tipo de influência ou ação divina.

Qualquer ação divina é sempre dependente das ações livres dos homens. No máximo, o conceito providencial dos libertários é o de que Deus age porque o homem age. Deus sempre será contingente dos atos livres dos homens. Deus nunca haverá de estar no controle do universo que ele criou, mas sempre agirá em resposta aos atos humanos. Deus criou o mundo, mas não o controla, porque a criação de Deus inclui a absoluta liberdade

humana. Logo, se os seres humanos são livres, as suas ações sempre haverão de ser independentes da ação divina. Se, todavia, Deus está no controle, conseqüentemente os homens não são livres.

Com respeito aos atos de Deus na vida dos homens, não há absoluto acordo entre os libertários.

Alguns defensores do libertarismo “pensam que Deus não somente escolhe não interferir, mas, porque ele tem concedido tal espantosa liberdade às suas criaturas, ele não pode nem mesmo saber de antemão o que eles haverão de fazer.”⁸³ Nesse sentido, a “vontade de Deus é também resposta à vontade humana. Deus deseja algumas coisas, Armínio observa, que ele não desejaria se uma certa vontade humana não precedesse.”⁸⁴ Deus somente resolve agir quando os homens agem primeiro. Deus somente age quando ele adquire conhecimento do que os homens vão fazer. Por isso que, de antemão, antes dos homens decidirem fazer, Deus não pode agir, porque a sua ação é sempre resposta às ações livres dos homens.

Outros defensores do libertarismo crêem, como veremos logo abaixo, que Deus possui o conhecimento de todas as ações dos homens, mas ele não é suficientemente poderoso para evitá-las. Ele pode até ser onisciente, mas não onipotente.

Conceito Semi-Libertário

Esta posição difere, embora não radicalmente, da posição acima. Regularmente, ela é conhecida como uma posição arminiana.⁸⁵ O arminianismo é uma corrente teológica que ocupa grande espaço em muitas denominações como os metodistas, os Nazarenos, batistas, pentecostais mais antigas, neo-pentecostais, carismáticas e esse semi-libertarismo penetrou mesmo arraiais de algumas denominações que historicamente sustentaram o calvinismo, como presbiterianos, reformados, episcopais, etc.

Os que sustentam o arminianismo não vão ao extremo de afirmar a liberdade total do homem, como chegaram a fazer Pelágio e seus discípulos, mas chegam perto. Eles sustentam que “a fim de preservar a *real liberdade humana* e as *reais escolhas humanas*, que são necessárias para a genuína personalidade, Deus não pode causar ou planejar nossas escolhas voluntárias.”⁸⁶ Isso quer dizer, em outras palavras, que Deus não tem qualquer controle sobre os atos livres dos homens. Lembre-se de que atos livres aqui significam atos que não são produtos do decreto divino. Eles são atos soltos, desconectados com a causalidade divina. Na verdade, este tipo de pensamento é praticamente, uma volta ao pelagianismo, como mencionei acima. Tratando-se dos atos livres dos atos, não há nenhuma determinação divina, portanto, nem uma ação providencial de Deus tem a ver com as decisões humanas. Apenas alguns eventos Deus decreta e realiza, mas não todos. Eles admitiriam o governo providencial de Deus mas esse controle “*não deve incluir cada detalhe específico* de cada evento que acontece, mas

83 Donald Carson, *How Long, o Lord?* (Grand Rapids: Baker, 1990), 35.

84 Richard Rice, “Divine Foreknowledge and Free Will Theism” na obra editada por Clark H. Pinnock, *The Grace of God, The Will of Man* (Grand Rapids: Zondervan, 1989), 123.

85 Se você quiser uma noção mais abrangente do pensamento semi-libertário contemporâneo leia o livro editado por Clark Pinnock, *The Grace of God, The Will of Man: A Case for Arminianism* (Grand Rapids: Zondervan, 1989). Ali você encontrará uma série de artigos esposando a posição arminiana.

86 Wayne Grudem, *Systematic Theology* (Grand Rapids: Zondervan, 1994), 338.

que Deus *responde* às escolhas e ações humanas”.⁸⁷ Esta é a maneira deles juntarem a soberania divina com as escolhas humanas. Quando Deus responde aos estímulos humanos, ele realiza toda a sua vontade na terra, mas os atos humanos não têm nada a ver com uma causalidade em Deus.

Se Deus não está no controle absoluto dos eventos que envolvem os atos voluntários dos homens, então Deus não age providencialmente da forma como entendemos e estamos defendendo aqui neste trabalho. A intervenção providencial de Deus na vida dos homens só acontece quando Deus percebe as ações humanas primeiro sendo concebidas e realizadas. Só após isso é que Deus intervém. Todavia, as suas intervenções possuem somente um caráter retributivo, não causal. Jamais a idéia de *concursum* divino pode ser aceita pelos libertários e semi-libertários.

Além disso, tratando dos decretos incondicionais de Deus, Jack Cottrell, um dos melhores expoentes do pensamento arminiano contemporâneo, afirma que Deus tem propósitos específicos para *criação em geral*, mas ele não tem propósitos específicos para cada criatura, evento, objeto ou pessoa dentro da criação.⁸⁸ O decreto de Deus abarca grandes coisas em geral, mas não detalhes. Os detalhes de nossa vida, do que acontece conosco ficam por conta das nossas próprias decisões livres, que não são causadas pelo decreto incondicional de Deus. Portanto, eu posso concluir que as obras providenciais de Deus são apenas relacionadas às coisas gerais, não específicas ou detalhadas. Estas últimas, quando operadas por Deus, são resultado da resposta divina aos atos humanos. É assim que Deus governa o mundo, no pensamento semi-libertário.

⁸⁷ Grudem, *Systematic Theology*, 338.

⁸⁸ Jack Cottrell, “The Nature of the Divine Sovereignty” no livro *The Grace of God, The Will of Man*, 107.

CAPÍTULO 12

PROVIDÊNCIA E TEODICÉIA

Quando tratamos da matéria da providência divina, o problema do mal inevitavelmente aparece. Não há como escapar dele. Como temos muito pouca literatura sobre esta matéria em nossa língua, este capítulo se torna numa tentativa de ajudar os crentes a estarem familiarizados com a relação entre o Deus bondoso e a presença do mal no seu universo.

Este assunto da teodicéia merece um capítulo à parte devido à grande importância que ele tem para a vida dos cristãos e para proporcionar respostas às grandes perguntas que lhes são feitas, especialmente da parte dos incrédulos, sobre o problema do mal no mundo de Deus.

A questão do mal moral “tem sido chamada de o calcanhar de Aquiles no estudo das obras providenciais de Deus”.⁸⁹ Muitos incrédulos têm derrubado argumentos de cristãos despreparados por causa do problema do mal no mundo de um Deus bom. Para vários cristãos, o problema do mal tem sido fraqueza do seu arcabouço doutrinário e a porta onde eles se tornam atacáveis pelos adversários do cristianismo.

A Escritura apresenta Deus como um ser sumamente inteligente, sábio, justo, poderoso e santo. Se essas premissas são verdadeiras, Deus não pode fazer nada errado, não pode cometer nenhum engano. Se o mundo que ele criou é muito bom, como ele próprio disse de sua criação (Gn 1.31), uma pergunta que sempre brota da boca das pessoas é esta: “Como Deus sendo um ser tão bom, justo, sábio e santo pode permitir o mal no mundo criado por ele próprio?” É a pergunta mais simples que existe com a resposta mais difícil de ser dada de um modo realmente satisfatório.

DEFINIÇÃO DE TEODICÉIA

A teodicéia é a tentativa de justificar Deus diante do homem pelo mal que existe no mundo. Berkouwer definiu teodicéia como “uma tentativa de defender Deus contra todas as queixas ou acusações por demonstrar o significado e o propósito da atividade de Deus no mundo e na vida humana.”⁹⁰ As críticas a e queixas contra Deus são pela presença do sofrimento humano, das tragédias, miséria, morte e pecado em nosso meio. Essas coisas causam um mal estar mesmo nos cristãos. “Uma pessoa oferece uma teodicéia quando tenta responder à pergunta: “Por que Deus permite o mal?”⁹¹ Então, quando as pessoas vêem Deus sendo criticado, todas elas, mesmo sem perceber, formulam alguma espécie de teodicéia. Todos tentam isentar Deus de qualquer culpa pela entrada do mal no mundo. Deus, que no decorrer de toda história tem sido chamado de bom (o que é verdade inquestionável!) tem sido criticado pela presença do mal no

⁸⁹ Sproul, *The Invisible Hand*, 159.

⁹⁰ Berkouwer, *The Providence of God* (Eerdmans, 1952), 251.

⁹¹ Kelly James Clark, *Return to Reason* (Eerdmans, 1990), 63.

universo. Então, cristãos têm saído em defesa de Deus (embora ele nunca tenha pedido isso), mostrando que não há inconsistência alguma entre sua bondade e o mal porque este último faz parte dos seus planos soberanos. Os que tentam justificar Deus não vêem qualquer inconsistência em Deus pelo fato dele fazer o mal presente no seu universo.

A palavra *teodicéia* foi cunhada por Leibniz em 1710,⁹² e é formada por duas palavras gregas *theos* + *dik* = Deus + a raiz do verbo justificar. Portanto, teodicéia diz respeito à justificação de Deus.

Todavia, essa tentativa da justificação de Deus não é característica dos cristãos conservadores apenas. Ela tem sido praticada há muito nas várias religiões, mesmo dentro de círculos filosóficos.

TIPOS DE TEODICÉIA

Para o cristianismo não há dúvidas de duas coisas: de que Deus existe como um ser onipotente e todo cheio de benevolência e de que também o mal é uma realidade inquestionável. Onipotente significa Todo-poderoso para fazer qualquer coisa que esteja de acordo com a sua natureza. Logo, podemos presumir que ele é onipotente para abolir o mal. Se ele também é Todo-benevolente, isso implica que ele quer abolir o mal. No entanto, por que o mal ainda continua conosco?

Na história das religiões e das filosofias, mesmo as mais antigas e distantes da revelação judaico-cristã, podemos ver alguns tipos de teodicéia que foram desenvolvidas para explicar a presença contínua dos males de sofrimento no mundo. Elas variam desde a idéia do grande valor do mal até a idéia do mal como uma ilusão. Algumas teodicéias estão vinculadas à natureza de Deus enquanto que outras estão mais vinculadas à idéia do próprio mal. Os conceitos delas dependerão do que se pensa da natureza de Deus ou da natureza do mal crido pelas filosofias e religiões.

Vejamos algumas tentativas de justificativas elaboradas pelos homens para explicar a coexistência de Deus com o mal neste mundo.

TEODICÉIA DUALISTA

Esta teoria teve suas origens nas religiões da Pérsia, onde era clássica a idéia do dualismo. A maneira que os persas encontraram para explicar a presença do mal no mundo foi arranjar a idéia de dois deuses: um do bem e outro do mal. No zoroastrismo persa, Ahura Mazda era o deus sábio e bom, a fonte de toda ordem moral. Era também crido em alguns círculos da religião de Zoroastro que Ahriman era o deus mal, coexistente, desde o começo, com o deus bom. Ele era o responsável pelos atos maus havidos no mundo, fosse eles de ordem física ou moral, que invadiam o território do deus bom.

Das explicações que veremos, inclusive a teoria de teodicéia defendida por cristãos sérios, esta dos persas é a mais simples, a mais clara e, portanto, a mais fácil de ser entendida. Ahura Mazda, o deus bom e sábio, não tem nada a ver com os males causados por Ahriman, o deus mau. São dois titãs lutando em posições contrárias. A religião dualista apresenta a solução mais fácil para o problema do mal, porque não traz nenhum

⁹² *New Dictionary of Theology*, editado por Sinclair B. Ferguson, (Intervarsity Press, 1989), 679.

problema de contradição entre a luz e as trevas, problema esse encontrado numa religião quando existe apenas uma só divindade, que é o caso do cristianismo.

Todavia, sabedor e conhecedor de todas as coisas, inclusive da religião persa, o Deus de Israel dá umas pancadas naqueles que tentam raciocinar como se houvesse dois deuses neste mundo: um Deus bom e um deus mau. As afirmações da unicidade e da singularidade de Deus estão afirmadas nas profecias de Isaías, especialmente nos capítulos 40 a 45.

Foi exatamente contra o pensamento dualista que Deus se insurgiu, quando se referiu a Ciro, pois afirmou várias vezes que havia somente um Deus. Ciro era persa e, como tal, um dualista. Então, Deus ensina que tudo o que há no mundo tem a sua origem nele próprio. Ele não foge da responsabilidade pela presença de todas as coisas no seu universo, inclusive a presença do mal (Is 45.1-7).

Todavia, o dualismo não foi encontrado simplesmente nas religiões persas. Logo nos começos de sua história, o cristianismo foi atacado pelo zoroastrismo remanescente num profeta judeu-cristão chamado Mani⁹³ (de quem surgiram os maniqueístas), que ensinou o bem e o mal como sendo princípios eternos de luz e trevas que coexistem dualisticamente. A grande característica do maniqueísmo é que “ele rejeita qualquer possibilidade de traçar as origens do bem e do mal a uma e mesma fonte. O mal existe como um princípio independente e completamente separado do bem.”⁹⁴ Os dois princípios, o bem e o mal, procedem, portanto, de fontes diferentes. Deus não tem nada a ver com a origem ou com a presença do mal no universo. Essa é uma maneira de justificar ou isentar Deus de qualquer ligação quer causal ou conseqüente do mal. Era crido pelos maniqueístas que houve um

“grande drama cósmico que centrou-se numa batalha primordial entre os princípios originadores da Luz e as Trevas. Uma invasão inicial da Luz pelas Trevas conduziu a um contra-ataque pela Luz que estava designado a falhar, induzindo os poderes das Trevas a engulir partículas da Luz. Então, o universo foi criado para redimir e purificar essa luz cativa e para punir e aprisionar os líderes das Trevas.”⁹⁵

O drama cósmico não terminou após a criação. As partículas de luz aprisionadas continuam sua luta contra as trevas e somente pela *gnosis* (conhecimento) elas podem ser libertas e ter consciência de sua origem divina.

As razões últimas do bem e do mal são encontradas nesses princípios eternos e coexistentes da luz e das trevas. Semelhantemente ao dualismo persa, dentro do maniqueísmo, o mal também não pode ser vencido no final. Plantinga diz que “do ponto-de-vista maniqueísta, não há a possibilidade de ser vencer o pecado (e o mal), porque o mal sempre permanece o que foi.”⁹⁶

93 O maniqueísmo foi fundado por um siro-persa chamado Mani (216-76) que rebelou-se contra uma seita judaico-cristã no sul da Babilônia.

94 Norman L. Geisler, *The Roots of Evil* (Grand Rapids: Zondervan, 1978), 18.

95 *New Dictionary of Theology*, editado por Sinclair B. Ferguson, (Intervarsity Press, 1989), 410.

96 Theodore Plantinga, *Learning To Live with Evil* (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), 58.

Se nós retirarmos deste mundo a revelação bíblica trazida pelo Deus e Pai de Jesus Cristo, cremos que a crença dualística seria a mais plausível para a humanidade, pois ela tornaria mais fácil a explicação do mal no mundo. Ser um monista, isto é, crer num só princípio governante, é uma das maiores dificuldades na explicação do problema do mal. No dualismo essa dificuldade desaparece. Nele há o escape para o problema do mal. Algum outro ser que não é bom torna-se o culpado pela presença do mal. O mal é eterno e ninguém deste mundo, nem o próprio Deus pode ser responsabilizado por ele.

Crítica

Todavia, embora seja a teoria mais fácil, a solução proposta pela teodicéia dualista não faz qualquer justiça aos ensinamentos bíblicos sobre o mal.

O dualismo é fatal para a doutrina cristã porque torna a redenção uma impossibilidade inerente. Se duas forças são iguais e opostas desde toda eternidade, não há qualquer esperança de vitória do bem.⁹⁷

O dualismo também é um golpe fatal no monoteísmo cristão porque elimina a idéia de um só governante e um só Deus. Dois deuses surgem no quadro de forma que um não pode eliminar o outro, porque são igualmente poderosos, eternos e distintos, sendo responsáveis por situações morais diametralmente opostas.

TEODICÉIA HARMONISTA

Algumas teodicéias tentam mostrar que o mundo é melhor com a presença do mal do que com a ausência dele. A teoria harmonista é uma delas. Gottfried Wilhelm von Leibniz (1646-1716), matemático e filósofo alemão,

argumentou que um mundo contendo o mal físico e moral é melhor porque é metafisicamente mais rico do que um mundo contendo somente o bem, e que Deus deve ter criado o melhor de todos os mundos possíveis.⁹⁸

O objetivo de Leibniz era combater o ceticismo vigente no seu tempo que “tinha procurado demonstrar a bancarrota do pensamento racional em assunto de fé.”⁹⁹ Ao fazer isso, Leibniz acabou ensinando uma teodicéia racionalista, sem quaisquer vínculos com o pensamento cristão. O melhor mundo possível, no entender do filósofo, só é compreendido quando arrancamos de nossa mente a falácia de que este mundo é antropocêntrico. Na verdade, no pensamento de Leibniz, o mundo não existe por causa do homem. Este é apenas parte de uma harmonia cósmica pré-estabelecida. As coisas que vemos nele, que não parecem harmônicas, não são essenciais mas periféricas. Por causa desse raciocínio, ele chegou à conclusão de que a presença do mal no universo, juntamente com o bem, é para que houvesse um equilíbrio harmônico. Se pensamos assim, raciocina Leibniz, a presença

97 Sproul, *The Invisible Hand*, 161.

98 *New Dictionary of Theology*, editado por Sinclair B. Ferguson, (Intervarsity Press, 1989), 679.

99 Berkouwer, *The Providence of God*, 255.

do mal não mais será uma pedra-de-tropeço para nossa fé, nem um dilema para o governo de Deus no mundo.¹⁰⁰

Esse é, em resumo, o sentido da teodicéia de Leibniz. Contra o deísmo vigente na sua época, Leibniz afirmava o envolvimento de Deus com as suas criaturas, todavia cria na criação continuada, como era comum aos teólogos do seu tempo.

Para Leibniz há três espécies de males: mal físico, mal metafísico e mal moral.

1) O mal *moral*, que é o maior dos problemas, diz respeito ao pecado, faz uma diferença muito grande no cristianismo histórico. Esse é um mal típico das criaturas volitivas. O pecado torna-se um assunto de uma perfeição relativa que é o mesmo que uma imperfeição. Na verdade, o mal seria uma espécie de privação do bem, não um rompimento ou a quebra da lei de Deus. Leibniz acabou relativizando o mal moral. “A bondade de Deus brilha somente quando as nuvens sombrias do pecado e do mal são dissipadas.”¹⁰¹

2) O mal *físico* diz respeito ao sofrimento humano que vem através de doenças ou referente a calamidades naturais como terremotos e enchentes.

3) O mal *metafísico* diz respeito à imperfeição do desenvolvimento, e não é nada mais do que as limitações peculiares da finitude dos homens pelo fato deles serem criaturas. A estrutura da criação é que dá explicação ao mal. Nesse caso, então, para Leibniz, o mal é parte da criação original de Deus, tornando o universo mais enriquecido. Tanto o mal moral como o físico provêm do mal metafísico, que têm a ver com a imperfeição do ser, ou seja, com a sua finitude. “Visto que o ser finito é a forma mais baixa do ser do que o ser infinito, ele é metafisicamente impuro ou “mal”. Ele carece da perfeição de um ser que é encontrada em Deus somente.”¹⁰²

Em resumo, podemos dizer que o mal metafísico é originado na estrutura da criação com sua finitude. Do mal metafísico vem o mal moral, e deste, vem o mal físico no universo. É uma cadeia necessária de males, pois seria impossível um mundo harmônico sem esses males. Dessa forma, Deus é justificado, pois a presença do mal é necessária para que haja um mundo melhor.¹⁰³

Crítica

O grande problema para a teologia cristã nessa teoria de Leibniz é que, se o pecado é produto da finitude da criação (isto é, um mal metafísico), ele é consequência necessária dela. O mal é inerente à natureza da criação e esta não pode ser melhor sem ele. Sendo assim, o julgamento divino sobre o pecado, que a Escritura afirma claramente, torna-se um problema ainda mais insolúvel. Como Deus julgará o pecado se este é inerente à finitude dos seres? Ao tentar justificar Deus na explicação da origem do mal moral, Leibniz torna o remédio pior do que a doença.

100 Ver Berkouwer, *The Providence of God*, 256.

101 Ibid., 257.

102 Sproul, *The Invisible Hand*, 161.

103 Berkouwer, *The Providence of God*, 257.

Outro grande problema para a teologia cristã nessa teoria de Leibniz é que a criação é imperfeita e impura, pelo fato de ser limitada. Contudo, a Escritura diz que ao criar o universo, Deus não viu nenhuma imperfeição nele e nenhuma impureza. A finitude não é sinônimo de nenhuma dessas coisas. Ao contrário, ao terminar a criação, Deus disse que tudo era muito bom (Gn 1.31).

Berkouwer dá um resumo e, ao mesmo tempo, faz uma crítica à teodicéia harmonista de Leibniz, dizendo que o mal

funciona como um acessório para o todo, como uma atonalidade que é misturada na bela harmonia do cosmos. Não é possível que este mundo seja absolutamente bom; se o fosse, ele seria divino. Pedir a Deus uma criação absolutamente boa, é pedir mais do que ele pode razoavelmente dar. É pedir que ele crie um outro Deus. O problema total do mal no mundo surge da limitação e imperfeição originais e necessárias da criação. Dentro destes limites, este mundo é o melhor mundo possível.¹⁰⁴

TEODICÉIA TELEOLÓGICA

Essa teodicéia parece-se, em algum sentido, com a de Leibniz, pois afirma que o mal tem um lugar devido nos cosmos. Nessa visão, o mal tem um propósito, um finalidade, um *telos*. Até esse ponto, podemos dizer que não há nada de errado porque há propósito para todas as coisas debaixo do sol. Qualquer cristão consciente também diria a mesma coisa.

Todavia, o mal quando considerado em si mesmo, parece que não é considerado algo mau simplesmente porque tem um propósito. A dificuldade nessa teodicéia é que o *telos* alivia ou elimina do mal a sua maldade pelo simples fato dele ser útil para cumprir alguma finalidade. É a idéia de ver o mal à luz do “bem” que ele causa, olhando-o da perspectiva do seu fim. Olha-se o resultado final e analisa-se o mal como sendo alguma coisa boa.

Um exemplo pode ilustrar o que acabei de dizer: alguém pode olhar para uma guerra passada e considerá-la como um mal. Mas se considera essa guerra à luz do “benefício” que ela trouxe, a idéia do malefício da guerra é aliviada. Se forem negados os terrores da guerra em si mesma, pode ser dito que outras perspectivas são abertas como um resultado da guerra: a vida se torna — mesmo a despeito da morte de muitos — mais possível para outros; a super população é refreada; a tecnologia se desenvolve mais;¹⁰⁵ grupos ameaçadores da justiça são eliminados; uma perspectiva de paz mais duradoura é vislumbrada, etc. Os benefícios trazidos por uma guerra trazem uma certa condescendência para com ela da parte daqueles que ensinam uma teodicéia teleológica. Se o mal traz algum benefício no final, é porque ele tem um lugar no mundo. Então, por causa do seu *telos*, ele pode ser aliviado ou desconsiderado como mal em si mesmo.

104 Berkouwer, *The Providence of God*, 257-258.

105 Berkouwer, *The Providence of God*, 258.

Crítica

Olhando da perspectiva da ortodoxia cristã, podemos dizer que todas as coisas (inclusive as coisas pecaminosas) concorrem para o bem dos que amam a Deus. Existe um propósito para o mal neste mundo. Isso é ensino de Escritura. Todavia, as coisas pecaminosas (embora sejam usadas providencialmente para o bem dos que amam a Deus) são em si mesmas pecaminosas e maléficas para os cristãos, porque o mal tem que ser olhado da perspectiva da ética e moral bíblicas, que estão expressas nos mandamentos de Deus. Os resultados finais, que podem ser positivos como um meio que Deus usa para ensinar aos seus filhos alguma lição (a história dos atos dos irmãos de José ilustra essa verdade), não amenizam a maldade ou o prejuízo que o pecado causa. Não existe mal que seja bom. Podem existir males que venham resultar em bem por causa da obra providencial de Deus, que transforma alguma coisa má para o benefício de alguém, mas o mal nunca se transforma em bem.

Criticando essa teodicéia teleológica, Berkouwer diz que

“a característica distinta desta teodicéia, semelhantemente à de Leibniz, é uma falha fundamental em apreciar a terrível realidade do pecado, do sofrimento e da morte. A simplificação excessiva a tipifica, e a auto-evidência desta simplificação excessiva tem contribuído para a desconfiança profunda do homem moderno de cada tentativa numa teodicéia.”¹⁰⁶

TEODICÉIA PANTEÍSTA

Usualmente concebemos o panteísmo como sendo uma filosofia religiosa na qual tudo é uma extensão de Deus ou que todas as coisas são Deus. A consequência lógica na questão do mal seria simplesmente esta: se todas as coisas são uma extensão de Deus, o mal existe, logo o mal é algo inerente a Deus. Todavia, reconhecemos que nenhum sistema religioso com uma certa coerência tem coragem de admitir que o mal reside em Deus.

“Sugerir que o mal realmente reside em Deus coloca qualquer cosmovisão religiosa numa posição insustentável. Se tudo que existe está em Deus e o mal é realmente parte de tudo que existe, então o mal tem que ser colocado dentro do ser de Deus.”¹⁰⁷

Esta alternativa não parece ser aceita pelos panteístas em geral, embora haja alguns que não fujam muito dela.¹⁰⁸ Negando essa possibilidade, há apenas uma outra saída para os panteístas, ou seja, a de que o mal não existe realmente. “Os panteístas encontram-se a si mesmos empurrados nessa direção.”¹⁰⁹

106 Ibid., 259.

107 Clark e Geisler, *Apologetics in the New Age...*, 205.

108 O panteísta Benedito Spinoza (1632-77), provavelmente influenciado pela teodicéia harmonista de Leibniz (de quem foi contemporâneo), seguiu uma linha diferente do aceito pelos panteístas do oriente. Ele cria que “nosso mundo é o melhor de todos os mundos possíveis simplesmente porque ele é o único mundo possível. Assim, o assim chamado “mal” é uma parte necessária do mundo como ele é.” (Clark e Geisler, *Apologetics in the New Age...*, 206).

109 Clark e Geisler, *Apologetics in the New Age...*, 206.

O lado oriental do panteísmo, o Zen Budismo, “sustenta que Brahma é a única realidade. O mundo externo (*maya*) é uma *ilusão*. A única base para o mundo é *psicológica*, não ontológica. Ele *parece* ser alguma coisa, do mesmo modo que uma corda parece ser uma serpente até que alguém chega mais próximo a ela.”¹¹⁰ Logo, como o mal faz parte do mundo externo, podemos claramente deduzir que o budismo oriental também sustenta a idéia do mal como sendo totalmente uma ilusão.¹¹¹

O movimento filosófico-religioso chamado Ciência Cristã, também contempla essa idéia do mal como ilusão. Essa religião atrevidamente proclama que “o mal é apenas uma ilusão, e que ele não tem uma base real.” Ele é simplesmente “um erro do homem mortal.”¹¹² Um dos princípios de elucidação do panteísmo ajuda-nos a entender porque o sofrimento (que é um mal) é uma ilusão. Esse princípio diz que “as experiências do alegado mal são enganosas e ilusórias.”¹¹³ Uma das razões desse princípio panteísta é porque eles “geralmente argumentam que a ignorância causa dor. Sofremos porque não temos um verdadeiro conhecimento da natureza das coisas.”¹¹⁴ Os erros de nossa mente, portanto, podem nos levar a ter uma noção imprópria das coisas. Esse é o caso da dor. Ela parece ser uma experiência por causa de um erro de conhecimento do que ela é: uma ilusão.

De uma maneira muito clara e concisa, Corduan afirma que esses panteístas

crêem que há um absoluto que permanece por detrás de todas as categorias racionais, incluindo a distinção entre o bem e o mal. Se nós podemos olhar as coisas da posição vantajosa desse absoluto, esta distinção desaparece. O mal não é real; ele é meramente “o lado escuro” de uma força que também possui “o lado luminoso”. No final, são como dois lados da mesma moeda.”¹¹⁵

Crítica

O mal considerado uma ilusão, mesmo nas experiências que os seres humanos passam, é uma contradição de termos. Se é experiência, não pode ser ilusão. O sofrimento humano, que é uma das experiências mais indesejadas, nunca pode ser considerada uma ilusão, como se ele não existisse. É real demais para ser uma ilusão. A idéia de mal como ilusão é uma tentativa de negar a realidade do senso de percepção. Somente uma cosmovisão que considera tudo *Maya* (ilusão) é que pode considerar o real ilusório. O mal é ilusório porque até a nossa mente não é uma realidade, mas uma ilusão. No conceito panteísta todas as nossas categorias físicas e visíveis caem por terra, porque tudo que é parte de nossa percepção é ilusório. Logo, todas as percepções de dor e sofrimento são ilusórias. Na verdade, é uma saída para o mal que não satisfaz porque continuamos a ter

110 Norman Geisler e Paul D. Feinberg, *Introduction to Philosophy – A Christian Perspective* (Grand Rapids: Baker, 1980), 322.

111 Clark e Geisler, *Apologetics in the New Age...*, 206.

112 Norman Geisler e Paul D. Feinberg, *Introduction to Philosophy – A Christian Perspective* (Grand Rapids: Baker, 1980), 322.

113 Clark e Geisler, *Apologetics in the New Age...*, 206.

114 Clark e Geisler, *Apologetics in the New Age...*, 207.

115 Winfried Corduan, *No Doubt About It*, 130.

sofrimento no mundo e na vida dos indivíduos. Continuamos numa ilusão que nunca finda!

Além disso, os que crêem no mal como uma ilusão, procuram esconder as feridas amargas que a raça humana tem experimentado. O mal é tão real e persistente que é uma grande ignorância considerá-lo uma coisa ilusória. Tal procedimento é uma negação não somente da realidade, mas a negação de algo que tem feito a raça humana sofrer profundamente. Os males do mundo são reais, especialmente nas regiões de miséria e sofrimento da Índia, onde floresce o pensamento do mal como uma ilusão. É uma contradição gritante! Onde o mal existe abundantemente, mais floresce a idéia de que tudo é *maya*! Oh, pura ilusão!

TEODICÉIA DO FINITISMO

Finitismo é um sistema filosófico que afirma que Deus é todo cheio de amor, mas não é todo-poderoso, sendo, portanto, incapaz de destruir o mal. Seu poder é limitado.¹¹⁶ O finitismo não se preocupa em explicar a origem do mal, mas preocupa-se com a impossibilidade do mal ser destruído pela falta do pleno poder em Deus. Em outras palavras, se Deus não pode destruir o mal, há um outro poder, maior do que o de Deus, que está vinculado ao mal, que neste mundo é indestrutível.

O ensino sobre o finitismo em Deus não é recente. Na filosofia grega ela já campeava. O demiurgo de Platão se encaixa nessa categoria. Nos tempos modernos David Hume deu um impulso a esse tipo de concepção de Deus quando tratou do problema do mal. Ele disse que o melhor mundo imperfeito que temos pode provar que há um deus imperfeito e finito.¹¹⁷

Se Deus fosse o Todo-poderoso como os teístas afirmam, ele haveria de destruir o mal. Mas ele não o faz porque ele é limitado no seu poder. Se Deus é todo-amoroso, ele certamente desejaria destruir o mal, mas como o mal existe, isso prova que ele é limitado no seu amor, assim como o é em seu poder. Se Deus não pode abolir o mal porque ele não é Todo-poderoso nem Todo-amoroso, então ele não é obrigado a fazer o que ele não pode fazer.

Deus é limitado porque ele não pode violar as leis da natureza, nem transgredir os eventos que acontecem por acaso, ou mesmo ir contra as decisões que são feitas com a livre-vontade do homem.¹¹⁸ A pessoa recente mais influente do finitismo atribuído a Deus é Harold Kushner. Ele perdeu um filho e ele se revoltou contra a sua fé judaica. Ele cria que Deus não poderia evitar a morte do seu filho. Eis suas palavras: “Eu posso adorar um Deus que odeia o sofrimento mas não pode eliminá-lo, mais facilmente do que eu posso adorar um Deus que escolhe fazer crianças sofrer em morrer.”¹¹⁹

Como o mal procede do acaso e da livre-vontade do homem, Deus é impotente para impedi-lo. Portanto, Deus não pode ser acusado ou

116 Algumas informações sobre o finitismo são retiradas de Norman Geisler em *The Roots of Evil* (Grand Rapids: Zondervan, 1978), 25-27.

117 Norman Geisler e Paul D. Feinberg, *Introduction to Philosophy – A Christian Perspective* (Grand Rapids: Baker, 1980), 284.

118 Essas limitações de Deus são defendidas por Harold Kushner, *When Bad Things Happen to Good People* (New York: Schocken, 1981).

119 Kushner, *When Bad Things Happen...*, 134.

considerado responsável pela presença dos males no mundo. Kushner chega a afirmar que nós precisamos “perdoar o mundo por não ser perfeito, perdoar Deus por não fazer um mundo melhor, estender a mão às pessoas ao redor de nós, e caminhar na vida a despeito de tudo.”¹²⁰

O finitismo não tenta justificar Deus por causa do mal no mundo, mas tenta mostrar como o mal pode ser minorado neste mundo pelo trabalho de ação social, no sentido de uns darem as mãos aos outros. O mal deve ser aliviado pela luta humana na busca da moral, a fim de se ter uma sociedade melhor. Essa luta moral é para ajudar Deus na luta contra o mal. Sozinho ele não é poderoso suficientemente para vencer o mal e, por essa razão, os seres humanos têm de participar nessa luta contra o mal.

Na verdade, a crença num Deus finito dá aos homens uma motivação maior para lutar contra o mal, o que não acontece quando se crê num Deus Todo-poderoso. Se esta última crença prevalece, nunca haveremos de lutar contra o mal porque sabemos que o Todo-poderoso haverá de cuidar de nós, os que lhe pertencemos. Se, contudo, a luta contra o mal depende de mim, e o que eu faço é levado em conta para a eternidade, então as limitações de Deus proporcionam as mais altas motivações para a minha luta pessoal.¹²¹

O Deus pregado pelo movimento finitista é um Deus mais próximo de nós, mais parecido conosco, não tão distante por sua majestade como o Deus da ortodoxia cristã. É um Deus que está mais envolvido conosco porque precisa de nossa ajuda de cooperação a fim de que, juntos, possamos lutar contra o mal. Aos olhos de muitos, esse tipo de Deus parece mais simpático. Muitas pessoas aderem a esse tipo de filosofia e aceitam um Deus parecido com eles mesmos, um Deus que não é onipotente, um Deus que precisa da cooperação deles.

“Se Deus é fraco demais para fazer qualquer coisa a respeito do mal, qualquer esperança por um mundo melhor pode somente ser um pensamento ilusório. Se essa esperança se realiza, nós merecemos o crédito, não Deus. No final das contas, o finitismo paga o mesmo intolerável preço semelhantemente ao ateísmo.”¹²²

Crítica

Todavia, essa posição finitista recebe oposição tanto de teístas como de não-teístas.

Críticas dos não-teístas

Os não-teístas argumentam: “Por que Deus criou o mundo se ele não poderia controlar o mal nele?” Os seres humanos podem ser desculpados por não poderem controlar males em suas vidas porque eles não têm a capacidade de prever as circunstâncias que podem surgir. Mas o que podemos dizer de Deus? Se Deus não sabe as coisas que estão por vir, então ele não é somente carente de onipotência, mas também de onisciência. Logo, Deus vem a tornar-se ainda mais finito. É saudável recordar que uma falha

120 Kushner, *When Bad Things happen...*, 147.

121 Norman Geisler e Paul D. Feinberg, *Introduction to Philosophy – A Christian Perspective* (Grand Rapids: Baker, 1980), 284.

122 Winfried Corduan, *No Doubt About It* (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1997), 129.

na compreensão de Deus leva necessariamente a outra. Se negamos a onipotência, negamos a onisciência; se negamos a onisciência é porque negamos a onipresença. O finitismo traz resultados nefastos para a concepção de Deus. Quando um elo da corrente é cortado, toda a corrente fica prejudicada.

Uma outra objeção colocada pelos não-teístas, diz respeito ao fato de não haver qualquer prova de que Deus queira realmente vencer o mal neste mundo. Segundo os não-teístas as cousas estão da mesma forma como desde o princípio do mundo. O mal continua na mesma toada. Aliás, o mal até cresce e recrudesce. Não tem havido qualquer freio para ele. Deus não somente é fraco, mas ele não tem qualquer interesse em frear o mal. Novamente aqui uma limitação em Deus em um sistema que provoca o aparecimento de uma outra limitação em Deus num sistema diferente.

Uma outra objeção dos não-teístas, que é mais plausível, aponta para o fato de que, se Deus é finito, como ele pode dar qualquer esperança de uma vitória futura do bem sobre o mal? Se Deus não é todo-poderoso, quem pode negar que o mal pode triunfar? Os seres humanos que estão lutando para que o bem vença não são a maioria. Está muito difícil perceber que o bem está a caminho do triunfo. No final, esses seres humanos bons, que estão tentando ajudar Deus na luta contra o mal, haverão de ser vencidos. Então, um pessimismo toma conta do mundo.

Críticas dos Teístas

Por sua vez, os teístas também têm forte oposição à teodicéia dos finitistas. As questões levantadas pelos teístas são as seguintes: “Como pode Deus ser finito quando tudo o que é finito tem que ser causado? Um deus finito, que seria equivalente a uma criatura gigante, não deveria ter um Criador para explicar a sua existência? Um deus finito não é nada mais nada menos do que a projeção aumentada daquilo que os próprios homens são. Foi exatamente o que aconteceu com as divindades gregas. Os seres extraordinários do Olimpo foram seres poderosos criados pela imaginação humana, mas não passaram de seres limitados criados por mentes criadas e finitas. Mentens finitas não podem conceber o infinito.

Uma outra objeção dos teístas está vinculada à falta de segurança na vitória final do mal sobre o bem. Um deus que não é todo-poderoso não pode garantir vitória sobre o mal. Esse tipo de divindade se choca com o Deus Todo-poderoso da revelação bíblica. Somente um Deus onipotente pode garantir a vitória final do bem sobre o mal.

A presença do mal não prova que há um Deus finito. Os males e as imperfeições existentes em nosso mundo não podem nunca ser consideradas como provas de que há um Deus finito. Como veremos posteriormente, o Deus onipotente do cristianismo tem propósitos definidos para a existência do mal neste mundo.

Em suma, os que crêem num Deus finito não podem dar qualquer resposta satisfatória às questões levantadas sobre a coexistência neste mundo de um Deus bom com o mal. O finitismo não responde porque Deus criou o mundo se ele sabia que o mal haveria de entrar nele. Com a entrada do mal, esse Deus não tem sido capaz de dar um fim nele por causa da sua finitude. Ficamos sem resposta e sem esperança de um dia o mal ser

vencido. Caímos num desespero porque não há nenhuma luz de que o esforço moral do homem na sua ajuda ao Deus finito possa ter qualquer sucesso. A história tem mostrado isso.

TEODICÉIA DO IMPOSSIBILISMO

Um outra corrente filosófica, chamada impossibilismo, manifesta-se dentro do cristianismo mais lato tendo duas possíveis manifestações diferentes:

Primeiro tipo de Impossibilismo

1) A primeira forma de impossibilismo, que mostra as limitações de Deus, tenta justificar Deus pela presença do mal no mundo, afirmando que é intrinsecamente impossível em Deus a presciência com relação ao mal. Deus não pode prever o mal no mundo porque isso é contrário à idéia de escolha livre (ou *liberum arbitrium*) nos seres humanos.

As premissas desta primeira classe de impossibilismo são as seguintes: a) Deus só pode conhecer qualquer coisa que é possível de ser conhecida; b) Deus não pode conhecer coisas impossíveis de serem conhecidas; c) Deus não pode conhecer as ações futuras dos homens, porque o futuro pode somente ser previsto onde há uma ordem necessária de causas e efeito; d) mas uma ordem necessária de causas e efeitos é contrária à livre escolha humana; e) Portanto, num mundo de criaturas livres é impossível para Deus prever o mal.¹²³

Essas premissas são próprias de quem sustenta uma idéia de uma liberdade de independência e de autonomia dos seres humanos. Quem afirma esse tipo de autonomia, obviamente rejeita qualquer noção causal que determine a origem das coisas.

A noção de decretos divinos está descartada na teodicéia do impossibilismo. Os decretos de Deus vão de encontro à noção de liberdade de independência crida pelos libertários. Para estes há a impossibilidade de Deus prever um ato que é da escolha de seres livres, pois estes podem praticar um ato mau ou não. Não se pode prever o que um ser livre vai fazer. Portanto, se Deus não pode prever um ato mau dos homens, ele não pode determiná-lo. Logo, o mal não tem origem numa vontade predeterminadora de Deus.

Crítica

Os teístas criticam esse tipo de impossibilismo dizendo que nele Deus apenas é um *observador* dos males que os seres humanos estão praticando livremente sem, contudo, determinar as coisas que eles fazem. No impossibilismo o problema não é que Deus não tem poder para vencer o mal, mas que ele é incapaz de prever o mal. Nesse caso, Deus apenas observa o que acontece de mal no mundo sem poder fazer nada para evitá-lo. No argumento do impossibilismo a liberdade humana (que é a da independência) se torna incompatível com o conhecimento antecipado que Deus tem das coisas más.

¹²³ Geisler, *The Roots of Evil*, 30; Norman Geisler e Paul D. Feinberg, *Introduction to Philosophy – A Christian Perspective* (Grand Rapids: Baker, 1980), 332.

Segundo os teístas de origem reformada, Deus não somente sabe de antemão todas as coisas más que vêm a acontecer, mas também ele as determina e faz com que aconteçam usando as causas secundárias, que são as suas criaturas racionais, para a realização dos males, mas também tem um absoluto controle sobre elas, como já vimos ilustrado em várias passagens bíblicas anteriormente.

Segundo tipo de Impossibilismo

2) Um segundo tipo de impossibilismo, que é mais sofisticado que o primeiro, diz respeito à impossibilidade de Deus destruir o mal sem ferir a livre-escolha dos homens. Não há como o mal ser eliminado se a livre-escolha dos homens permanece.

Os argumentos usados por esse tipo de impossibilismo são os seguintes: a) o único meio de destruir o mal é destruir o *liberum arbitrium* do homem; b) Todavia, destruir o *liberum arbitrium* é em si mesmo um mal; c) Portanto, Deus teria que cometer um ato mau para destruir o mal; d) Ele não pode cometer o mal pois isso é contrário à sua natureza. Logo, ele não pode destruir o mal.¹²⁴

Crítica

O meio melhor de vencer o mal não é evitar que ele venha ao mundo, como pensam os impossibilistas. Como Deus não pode evitar sem ferir o livre-arbítrio, então não há saída para Deus senão esperar que os homens resolvam não praticar o mal. A entrada do mal em nosso mundo é questão unicamente de uso indevido do livre-arbítrio, não tendo nada a ver com o decreto divino. Deus fica na espera de que os homens resolvam não fazer nada de mal. Essa é a solução única para o mal ser vencido.

Na verdade, o conceito de liberdade dos impossibilistas é que precisa ser mudado porque é o conceito de liberdade de independência que as criaturas humanas possuem. A liberdade de independência não é própria de seres criados. Todavia, o conceito de liberdade de independência faz com que Deus seja impossibilitado pela própria natureza das coisas que criou. Não é uma questão de impotência de Deus, mas uma impossibilidade para ele vencer o mal.

Portanto, não há escapatória para a vitória sobre o mal na teodicéia dos impossibilistas, porque Deus (que já é incapaz de prever o mal) não pode cometer o pecado de retirar a liberdade de independência dos seres humanos.

Diferentemente da teodicéia dos cristãos reformados, o mal, na cosmovisão dos impossibilistas, não possui um propósito, porque ele é inevitável (a menos que os seres livres resolvam não praticá-lo). Deus, ao criar o mundo, não pode evitar a presença do mal e nem pode extingui-lo sem extinguir a liberdade dos homens. Diferentemente dos impossibilistas, a teodicéia reformada crê que é perfeitamente possível para Deus destruir o mal sem tirar a liberdade das pessoas, porque o conceito de liberdade é diferente da dos libertarianismo dos impossibilistas. A liberdade pregada pelos reformados não é liberdade de independência nem de autonomia, mas liberdade de ação de acordo com a natureza deles próprios. Se Deus limpa

124 Ibid., 31-32.

completamente a natureza dos homens e a preserva limpa, nunca mais os homens pecarão. Aí, então, o mal terá acabado. Haverá plena vitória do bem sobre o mal na cosmovisão cristã-reformada, não na cosmovisão dos impossibilistas!

TEODICÉIA REFORMADA

A primeira coisa que os reformados devem fazer é reconhecer o grande mistério que existe entre a natureza poderosa e bondosa de Deus e a presença do mal no seu universo. Há certas coisas que são secretas e devem ser deixadas em segredo, porque Deus não no-las revelou. Não devemos tentar explicar o que é inexplicável. Contudo, podemos e devemos tratar do assunto até onde a revelação das Escrituras nos permite chegar.

Há algumas observações que precisam ser feitas sobre esta matéria:

1) Deus não precisa de que nós o justifiquemos pelo que ele faz. Deus não precisa de advogados que o absolvam dos seus atos. O que devemos fazer, contudo, é tomar a sua revelação e trabalhar com os dados dela para entender, até onde isso é possível, os modos de Deus agir. As explicações da teodicéia devem ser para satisfazer a nossa própria curiosidade sobre Deus, mas não é nosso dever justificar Deus. Ele nunca pediu que isso fosse feito e independe de nossa opinião sobre ele e nem está preocupado com o que pensamos dele.

2) Não se deve fazer qualquer teodicéia à parte da revelação que o próprio Deus dá de si mesmo. Qualquer teodicéia que não leva em conta Deus e sua revelação é uma mera tentativa infrutífera de explicar alguma coisa sem possuir qualquer parâmetro do que é justo e do que é bom.

3) Berkouwer diz que “a palavra teodicéia sugere um homem observando as coisas que acontecem no mundo ao seu redor e chegando à conclusão de que o caminho de Deus a respeito dele é justo.”¹²⁵ Embora seja isto o que a maioria das pessoas pensa, creio que teodicéia criada dum prisma reformado é mais do que isso. A ênfase tem que ser muito maior. A simples observação das coisas que acontecem não nos dá sabedoria para a conclusão de que Deus é justo. O pensador reformado tem que observar a realidade do mundo, mas a verificação da justiça divina tem que ser sacada da revelação que o próprio Deus faz de si mesmo. Qualquer outra tentativa de mostrar a justiça dos atos de Deus falhará se não olharmos a Escritura na sua totalidade. Por essa razão, Berkouwer afirma: “Podemos observar como as Escrituras protestam contra todas as análises independentes do mundo que deixam Deus, mesmo que temporariamente, nas sombras.”¹²⁶ A Palavra de Deus, como registrada nas Escrituras, não pode ser ignorada nem total nem parcialmente. Não há injustiça alguma naquilo que Deus faz. Isso é afirmado inequivocamente pelo próprio Deus (Rm 9.14). Portanto, para o fortalecimento da nossa fé, temos que buscar nas Escrituras a resposta (até onde isso é possível!) para as nossas inquietantes perguntas que envolvem o problema da presença do mal no mundo.

125 The Providence of God, 266.

126 The Providence of God, 267.

A “teodicéia” com tons reformados aparece logo nos capítulos seguintes quando trataremos do mal físico, do mal moral e do sofrimento humano como parte das obras providenciais de Deus.

CAPÍTULO 13

O MAL MORAL E A PROVIDÊNCIA DIVINA

O mal moral é um dos problemas mais difíceis de serem explicados porque ele diz respeito à desordem moral de toda natureza no mundo criado.

Ao tentarmos explicar o problema do mal moral, logo nos deparamos com a sua relação com a doutrina da providência. Como podemos elaborar qualquer teodicéia sem tratar das obras providenciais de Deus?

Não há nada neste mundo criado que seja produto do acaso. Nada é sem sentido no mundo de Deus. “Há propósito para todas as coisas debaixo do sol”, disse o pregador.

Sabemos com certeza que a explicação para o problema do mal moral no mundo não é simples e, muito menos, fácil. Entretanto, não podemos ignorar alguns pontos que são fundamentais para a compreensão da matéria.

A fim de entendermos razoavelmente o problema do mal moral temos que ter uma boa noção da natureza de Deus, dos seres morais, da lei moral, do mal e, então, fazermos as devidas conexões entre esses pontos.

NATUREZA DE DEUS

A fim de que entendamos o problema do mal no mundo e sua relação com Deus, temos que entender primeiramente quem Deus é. Um estudo sério para a natureza de Deus vai dar ao leitor uma compreensão razoável das suas obras no mundo. O Deus que precisamos conhecer não é o que queremos que ele seja nem aquele a quem aprovamos, mas aquele que se revela na totalidade das Escrituras Sagradas e pessoalmente em Cristo Jesus.

Um bom conhecimento dos atributos de Deus ajuda muito na compreensão desta matéria tão delicada. Grandes dificuldades foram diminuídas para mim quando aprendi a conhecer um pouco melhor o grande e poderoso Deus que a Bíblia apresenta. A Bíblia é um livro transparente que mostra as facetas mais estranhas de Deus, mas que são expressões da verdade. Nenhum outro livro é tão confiável como a Escritura quando diz a respeito de Deus, porque Deus é o próprio autor último dela. A nossa meta é atingir a verdade de Deus e sobre ele. Todavia, além da Escritura que é a fonte primária de informação sobre Deus porque é a Palavra de Deus infalível, aconselho ao leitor livros que tratam com seriedade dos atributos

de Deus, que são essenciais nele.¹²⁷ Nunca comece a fazer qualquer teodicéia sem conhecer o que de Deus pode ser conhecido.

Deus é soberano na concepção dos seus planos e na execução deles. Para conceber o seu plano maravilhoso ele teve que ser onisciente; para executá-lo ele teve que ser onipresente e onipotente. Por isso, há perguntas que você não pode deixar de fazer, que diz respeito à natureza de Deus e de sua relação com o mal. Como pode Deus conceber plano tão abrangente que envolve todas as coisas imagináveis e inimagináveis? Porque ele é onisciente. Como realiza Deus todos os seus planos concebidos na eternidade? Porque ele é onipresente e onipotente. Sem possuir todos os seres humanos e angélicos nas mãos; sem possuir todo o domínio de todas as coisas, como realizaria Deus os seus planos.

A existência do mal faz parte dos planos de Deus. Ele não explica a razão última da existência do mal, mas veremos posteriormente que há propósitos espantosos na existência e na presença dele neste mundo. Deus faz com que os atos maus venham à existência, mas sempre ele os traz à existência através de suas criaturas racionais.

Portanto, é absolutamente necessário que conheçamos o Deus das Escrituras para que entendamos a sua relação com o seu universo e com os males que há nele.

VERDADES QUE DEVEM SER CRIDAS SOBRE DEUS

Se os cristãos querem entender razoavelmente o assunto da relação entre Deus e o mal moral, ele deve crer em algumas verdades que fazem parte de uma teologia sadia e que não podem, em hipótese alguma, ser negociáveis. Se abrirmos mão de uma dessas verdades, teremos jogado por terra todo o arcabouço teológico do qual todos desesperadamente dependemos. Portanto, ao estudar a relação de Deus com o mal moral, não se esqueça dos pontos a seguir:

Deus é soberano sobre todas as coisas

A Escritura inúmeras vezes fala da soberania divina sobre todas as coisas. A *Confissão de Fé de Westminster* afirma de modo inequívoco que

“Desde toda a eternidade, Deus, pelo muito sábio e santo conselho de sua própria vontade, ordenou livre e inalteravelmente tudo quando acontece, porém de modo que nem Deus é o autor do pecado, nem violentada é a vontade da criatura, nem é tirada a liberdade ou a contingência das causas secundárias, antes estabelecidas.” (III, 1.)

Há alguns pontos que precisam ficar claros nestas afirmações da CFW, que passo a analisar nesta parte do capítulo sobre a origem do mal moral.

127 Sugiro o estudo sério dos seguintes livros que tratam do ser divino em nossa língua: J.I. Packer, *O Conhecimento de Deus* (São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1980); A. W. Pink. *Os Atributos de Deus* (São Paulo:); A.W. Pink. *Deus é Soberano* (São Paulo: Editora Fiel); R.C. Sproul. *A Santidade de Deus* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1997); H.C. Campos. *O Ser de Deus e Seus Atributos* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999).

Todas as coisas acontecem pela vontade decretiva de Deus

Desde toda a eternidade Deus tem ordenado o acontecimento de todas as coisas que acontecem, inclusive as coisas más, não sendo, todavia, o autor do mal.¹²⁸ Quando Deus resolveu fazer todas as coisas que existem, ele não consultou ninguém. Ele é suficientemente soberano para tomar decisões baseadas na sua própria natureza. Ele decide todas as coisas, mesmo nos seus detalhes mínimos.

A Escritura diz que Deus “faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” (Ef 1.11b). Todas as coisas existentes, inclusive os principados e potestades que são os primeiros operadores dos males, são produto da sua vontade expressa em decretos, antes da fundação do mundo. O conselho da sua vontade não é dependente da opinião de ninguém exceto a própria natureza trinitária de Deus. Portanto, todas as coisas que vêm a acontecer neste universo são produto do decreto divino.

Escrevendo aos Romanos, Paulo disse que “dele e por meio dele e para ele são todas as cousas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém.” (Rm 11.36). Todas as cousas existentes têm a sua fonte na vontade decretiva de Deus porque o texto diz que tudo é dele e para ele, a fim de que ele seja glorificado em tudo. Mesmo a existência do mal tem como propósito último a glorificação do nome poderoso e soberano de Deus. A negação dessa verdade significa a negação da própria natureza divina para quem são todas as coisas.

A aceitação dessa verdade é absolutamente essencial para que entendamos o problema difícil da origem do mal no universo criado. Se negamos a soberania divina na decisão de fazer vir à existência todas as coisas, seja direta ou indiretamente, estaremos negando a natureza soberana de Deus tornando o mal moral alguma coisa sobre a qual Deus não teve nenhum controle.

Todas as coisas acontecem inalteravelmente porque Deus as ordena

O texto da Confissão acima mostra diz que Deus “ordenou livre e inalteravelmente tudo quando acontece”. Qual é o sentido de “ordenou”? O ordenar de Deus é a mesma coisa que tomar a decisão de que todas as coisas devam existir ou acontecer. É essa ordenação que torna certa a existência de todas coisas e acontecimento de todos os eventos.

Por causa da ordenação divina, todas as coisas acontecem inalteravelmente. Nenhuma coisa ordenada escapa de acontecer. É nesse sentido que cremos que os decretos de Deus são imutáveis. Foi exatamente isso que Isaías ensinou ao povo, inspirado por Deus.

Análise de Texto

Is 46.9-11 - “Lembrai-vos das coisas passadas da antigüidade; que eu sou Deus e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer, e desde a antigüidade as cousas que ainda não sucederam; que digo: O meu conselho permanecerá de pé, farei toda

¹²⁸ Logo à frente, trataremos do assunto da harmonização da aparente contradição entre Deus ser o decretador do mal e, todavia, não ser o autor do mal.

a minha vontade; que chamo a ave de rapina desde o oriente, e de uma terra longínqua o homem do meu conselho; tomei este propósito, também o executarei.”

Este é um texto clássico que mostra a eficácia da ordenação divina. Observe alguns pontos importantes que estes versos nos ensinam:

Deus resolve fazer o que faz porque somente ele é Deus.

“Só o Senhor é Deus!” Esta foi a exclamação decisória e altissonante de todos os crentes que estavam com Elias quando os deuses pagãos foram confrontados com o Jehovah! Ninguém mais é Senhor do mundo! Essa é uma matéria indiscutível para o cristão. Somente Jehovah é Deus! Não há nenhum outro Deus além dele. Toda a Escritura é recheada dessa afirmação da unicidade e da singularidade de Deus. Ele próprio não abre mão da prerrogativa de fazer tudo o que faz, porque tudo o que faz neste mundo está enraizado na sua vontade soberana.

Porque só ele é Deus, ele anuncia de antemão todas as coisas que estão por acontecer.

Ele diz que “desde o princípio anuncio o que há de acontecer” e “desde a antigüidade as coisas que ainda não aconteceram”. Todos os eventos acontecidos no mundo são produto da intervenção providencial de Deus nele. Não existe qualquer evento casual no universo de Deus. Tudo o que vem a acontecer é produto da ordenação prévia dele e acontecem com a concorrência dele. Não há evento isolado ou independente da ação divina. Todas as coisas acontecem porque fazem parte de um grande e maravilhoso plano elaborado por ele desde os tempos eternos.

Porque ele pré-anuncia tudo o que há de acontecer, tudo acontece infalivelmente.

Ele diz: “O meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade.” Em outras palavras, Deus disse que ninguém pode impedir a realização de seus decretos. Quando Deus age, ninguém impede! É como se ele dissesse: “Não há nenhum outro Deus que me possa fazer oposição. Eu sou soberano e nada escapa de acontecer quando a minha vontade soberana determina.” As provas são dadas em Isaías 46.11. Ele faz com que seus decretos sejam cumpridos através dos seres humanos e dos animais. Todos são instrumentos da vontade decretiva e infalível de Deus. O final do verso 11 diz que Deus determinou e fez cumprir a sua determinação; tomou a resolução e a fez cumprir.

Quando entendemos a soberania de Deus sobre todas as coisas que decreta, temos alguns elementos mais para entender o papel de Deus com relação à existência do mal no seu universo. A sua obra providencial inclui a presença do mal no mundo que não é separada da vontade soberana de Deus.

Todas as coisas ordenadas acontecem pela instrumentalidade das criaturas

O texto da Confissão de Fé acima também mostra que Deus faz com que todas as coisas existam e venham a acontecer soberanamente, mas de modo que “Deus não é o autor do pecado, nem violentada é a vontade da criatura, nem é tirada a liberdade ou a contingência das causas secundárias, antes estabelecidas”.

O que isso significa? Que Deus, sem ser o autor do mal, serve-se de suas criaturas para que o mal, que é parte do seu decreto, venha a existência. Deus não produz o mal, mas ele certamente faz com que o mal surja no seu mundo pela agência de seus agentes secundários, que são os anjos e homens.

Quando Deus criou os anjos, ele deu a alguns deles uma capacidade que ele não deu a outros deles (os que eram eleitos): a capacidade de fazer coisas que eram contrárias à sua natureza santa, isto é, pecar. O mesmo aconteceu no mundo dos humanos. Deus deu aos nossos primeiros pais o que não deu aos seus descendentes: a mesma capacidade dada a alguns anjos.

Usando dessa liberdade que alguns chamam de livre-arbítrio, os anjos e homens fizeram exatamente o que foram capacitados a fazer. Não contrariaram a sua própria vontade e, assim, fizeram o que lhes aprouve fazer. Fazendo assim, a vontade decretiva de Deus com respeito à existência do mal foi executada.

Deus serviu-se de suas criaturas para cumprir os seus propósitos decretivos com respeito à entrada do mal moral no mundo. As suas criaturas são as causas secundárias através das quais Deus realiza os seus decretos com respeito ao mal. Ele é soberano o suficiente para fazer as coisas desse modo. As nossas perguntas não são todas respondidas nesta minha resposta, mas não posso furtar-me a esta porque a natureza soberana de Deus não me permite pensar de forma diferente. Aqueles que querem pensar de forma diferente nesta matéria têm que fazer concessões na questão da soberania divina. Por essa razão, eles crêem numa soberania limitada ou num poder limitado. Quando fazem isso, acabam concedendo poderes maiores a outrem e tornando Deus apenas um ser que faz concessões à entrada do pecado no seu mundo, sem contudo poder fazer nada para evitar. Temos que considerar essa maneira de pensar abominável. Não é assim que Deus é apresentado nas Escrituras.

Como cristãos que devem respeito às santas Escrituras, não podemos crer que a presença do mal no mundo seja alheia à vontade de Deus. É somente crendo assim é que podemos uma noção da existência do mal moral em nosso universo.

Deus tem controle sobre todas as coisas

Porque Deus é soberano sobre todas as coisas, ele tem controle sobre todas elas. Como vimos acima, Deus é soberano sobre todas as coisas e os homens pecam de acordo com as capacidades que lhe foram dadas antes da queda ou, depois da queda, pecam de acordo com as suas próprias naturezas pecaminosas. Com isso, não estou dizendo que Deus fica passivo ou impassível diante do quadro, deixando os homens agirem simplesmente de acordo com os seus corações. Uma ação negativa de Deus significa que ele controla todos os atos dos homens para que esses atos contribuam para o cumprimento dos seus propósitos na vida das pessoas.

Porque Deus ordena todas as coisas, elas acontecem inalteravelmente. Por que? Porque Deus dirige todas as coisas de forma que tudo vem a acontecer por causa da obra superintendente, administradora e cooperadora de Deus. Ele não abre mão de sua atividade neste mundo a fim de que todos

os seus decretos sejam cumpridos. Nesse sentido, posso dizer que ele controla inclusive os atos maus dos homens de forma os homens nunca pequem mais do que o plano de Deus estabelece nem de forma diferente a fim de que tudo saia de acordo com o decreto divino. Deus controla os corações dos homens de forma que eles expressam-se voluntariamente sem nunca saírem fora dos desígnios divinos. Os homens são as causas secundárias controladas pela causa primária sem, todavia, sem manipulados. Deus não cumpre os seus propósitos anulando a vontade humana. Ele opera de tal forma nos corações dos homens que o seu propósito é cumprido e os homens são responsáveis porque fazem os seus atos voluntariamente, isto é, livre de qualquer coação externa. Fazem porque querem fazer. Ele controla os atos maus sem intervir influentemente na vida do pecador. O mal é praticado por causa dos nossos próprios corações, não por causa de uma ação positiva de Deus.

A obra providencial de Deus é superintender toda obra maligna de modo que ela sirva unicamente para o cumprimento dos seus santos propósitos.

Deus é o criador de todas as coisas

Esta é uma outra verdade da qual você não pode abrir mão. Paulo deixa esse assunto absolutamente claro. Nada neste mundo é produto de outra coisa que não o ato criador de Deus. Veja o que ele disse aos cristãos de Colossos:

Cl 1.16-17 - “Pois nele foram criadas todas as cousas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele.”

Estes versos nos dizem coisas importantes sobre a origem do mal, embora a palavra “mal” não apareça aqui. Paulo faz referências aos seres invisíveis, que são os “principados e potestades”. Nesses seres estão incluídos os seres espirituais (ou extramundanos) entre os quais se encontram Satanás e os outros anjos caídos. Tudo foi criado por meio do Filho encarnado e para cumprir os propósitos dele. Originalmente, os anjos todos foram criados santos e bons, para servirem bons propósitos, mas Judas nos informa que eles “não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio” (Jd 6).

CONCEITOS QUE DEVEM SER CLARIFICADOS

Antes de tratarmos das verdades que devem ser cridas e dos erros a serem evitados nesta matéria sobre a origem do mal (ou do pecado), temos que clarificar alguns conceitos. Se devidamente entendidos os conceitos abaixo nos ajudarão muito a compreender, até onde nos é possível, a questão da origem do mal. Está ela em Deus ou nos homens e anjos?

Conceito da Causa Última ¹²⁹

A “causa última” é aquela que determina decretivamente o acontecimento de um evento. Com essa causa última todo evento acontece com certeza. Sem essa causa, nada acontece. Deus é a causa última de todas as coisas que acontecem no mundo, sejam elas boas ou más. Nada do que acontece está fora do plano da causa última.

Todavia, a causa última ocasiona os efeitos no mundo de modos diferentes: Deus pode ser a causa positiva e a causa negativa de todas as coisas. Vejamos a diferença entre as duas:

Conceito da Causa Positiva

Deus é a causa positiva de todos os atos bons neste mundo. Devemos lutar freneticamente contra a idéia de que Deus seja a causa positiva do pecado. Deus está por detrás do bem e do mal, mas de modo diferente.

Se consideramos o bem, Deus está por detrás dele positivamente. Isto é, Deus causa em nós deseja o bem e o fazê-lo (Fp 2.13). É Deus quem dá-nos o santo impulso para as coisas santas e nos capacita e nos energiza positivamente a fazer o que lhe agrada. Ele está por detrás das coisas boas que fazemos de tal modo que tudo o que fazemos damos a glória a ele. Por isso, quando fazemos qualquer coisa boa, dizemos: “Graças a Deus!”. Ele é o merecedor de tudo quanto fazemos de bom. Por essa razão, podemos dizer que Deus é a causa positiva dos nossos atos bons.

Conceito da Causa Negativa

Deus está por detrás do mal, mas de modo diferente daquele em que ele está no bem.

Se consideramos o mal, Deus está por detrás dele de um modo negativo. Quando fazemos alguma coisa errada, não podemos atribuir a Deus o que fazemos. Deus decreta um ato, está por detrás dele, mas o mérito de um ato mau é todo nosso. Deus é santo e não pode receber o mérito de algo que não combina com a natureza santa que é imutável. Ele pode decretar de tal modo que outros venham a fazê-lo, mas ele não pode praticar o ato mau que ele decreta. Deus decreta a existência do mal, mas este é realizado somente por suas criaturas racionais. Portanto, Deus não pode ser a causa positiva de um ato mal. Deus é a causa negativa do mal. Deus não instiga a pessoa a praticar o mal e nem precisa ajudá-la para isso. O seres humanos não precisam de ajuda para fazer o que lhes é próprio em seu estado pecaminoso. Todavia, não podemos nos esquecer que a ação de Deus é pervasiva de modo que o pecador vem a praticar o mal por sua própria pecaminosidade, e o decreto divino venha a ser realizado de modo infalível.

Conceito da Causa Secundária

A causa secundária é o instrumento de efetivação de um evento decretado pela causa última, seja ele bom ou mal. Os seres humanos é fazem o bem e o mal. Deus está por detrás de ambos os atos.

¹²⁹ Em alguns escritos pode ser também chamada de “Causa Primeira”, a que dá origem, em última instância, às coisas que acontecem no mundo.

Nos atos bons Deus age positivamente despertando os santos interesses nos seres humanos e capacitando-os a fazerem o bem. Essa é uma ação positiva de Deus. Deus é a causa positiva que faz com que os agentes secundários pratiquem tais atos santos.

Nos atos maus, as criaturas recebem a cooperação divina para que o ato seja feito, que as desperta para fazerem aquele ato no tempo próprio, porque o decreto de Deus tem que ser cumprido, mas de modo que Deus não precisa influenciá-las para o mal porque é próprio do pecador cometer pecados. Embora Deus esteja por detrás dos atos maus, agindo negativamente, as criaturas são os agentes secundários para executar os propósitos divinos.

Quando temos estas coisas claras na mente, cremos em verdades que precisam ser cridas e evitamos erros que precisam ser evitados.

ERROS QUE DEVEM SER EVITADOS

Negar que Deus seja a causa última de todas as coisas

Quando negamos que Deus seja a causa última de todas as coisas, estamos dizendo que ele não tem o controle de nada neste mundo. Tudo acontece por causa dos homens e Deus somente observa os acontecimentos. Essa negação revela que cremos num Deus muitíssimo pequeno porque o mal acontece sem que esteja nos planos de Deus. Nessa negação parece que o pecado foi uma triste surpresa para Deus e que Deus não teve como impedi-lo.

Deus é a causa última de todas as coisas, inclusive do mal, mas não podemos acusar Deus de ser moralmente culpado pelo mal que existe entre nós.

Um outro erro a ser evitado é:

Crer que Deus seja a causa positiva do pecado

Esse erro ensina que o pecado procede de Deus e que Deus é o causador direto dos pecados dos homens porque ele os incita a pecar injetando neles o veneno do pecado para que ele possam cometer os seus pecados. Essa idéia vai totalmente de encontro ao que Tiago diz:

“Tg 1.13 - “Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal, e ele mesmo a ninguém tenta.

Deus não instiga ninguém a pecar porque é contra a natureza dele fazer isso, embora não seja contra a sua natureza soberana determinar que um determinado venha acontecer. Realmente os atos maus acontecem por causa da maldade interior dos seres humanos. O verso 14 diz: “cada um é tentado por sua própria cobiça...” Deus não é a causa positiva dos seus pecados porque ele não precisa capacitar você para ser pecador. Você já o é. Apenas Deus controla você para que os atos decretados dele sejam cumpridos no tempo certo. É neste ponto que ele participa e está por detrás de todos os seus atos.

Leia os conceitos clarificados logo acima e pondere sobre a afirmação de Carson, que diz:

“Deus permanece por detrás do mal de tal modo que nem mesmo o mal acontece fora dos limites de sua soberania, todavia o mal não pode ser moralmente atribuído a ele; o mal é sempre atribuído aos agentes secundários, às causas secundárias [i.e., àqueles que realmente o praticam]. Por outro lado, Deus permanece por detrás do bem de tal modo que ele somente acontece dentro da esfera de sua soberania, mas ele é responsável por ele, e somente de modo derivado os agentes secundários o são... Se isto soa justo e muito conveniente para Deus, minha resposta inicial (embora haja mais a ser dito) é que, segundo a Bíblia, este é o único Deus que há.”¹³⁰

Deus aceita a responsabilidade pela presença do pecado no mundo, mas não pode ser dito que ele é a causa positiva do pecado em nós. Em sua consciência, jamais posso dizer que Deus é culpado do que eu faço porque ele cria em mim o querer e o fazer o mal. Isto é ignorância da natureza divina e, ao mesmo tempo, uma tentativa de eximir da minha própria culpa. É uma injustiça muito grande que cometemos contra a natureza santa de Deus quando dizemos que ele é a causa positiva do mal que fazemos. Deus não pode ser moralmente culpado daquilo que você e eu fazemos.

Em uma das obras de Jonathan Edwards há uma ilustração que ajuda bastante na compreensão desta matéria. A idéia é esta: O dia acontece porque o sol produz sua luz que banha a terra. A luz é diretamente produzida e dada pelo sol. Dessa forma, o sol é a causa positiva do dia. Imagine que, por razões do próprio sol, de repente ele se transfira para um outro sistema solar. O resultado é que a terra será envolta em trevas. Nesse caso, o sol não seria a causa positiva das trevas, mas a causa negativa, porque as trevas não foram produzidas pelo sol e imposta sobre a terra, mas foi antes o resultado da terra sendo deixada como ela é, à sua própria natureza. Dessa forma, o sol não poderia ser considerado moralmente culpado pelas trevas na terra. O sol seria, contudo, a causa última das trevas, porque suas ações determinaram se a terra receberia luz ou não. O sol poderia ter ficado e o dia teria permanecido. Mas ele deixou de iluminar e, então, a terra ficou escura.¹³¹ Deus, semelhantemente ao sol, foi a causa negativa, não positiva do mal. Simplesmente Deus deixou de agir graciosamente e, então, o mal aconteceu pela própria liberdade de agência das criaturas secundárias, onde o mal é nascido.

Quando Deus manifesta a sua graça em nossos corações, então somos capacitados a fazer coisas santas. Deus é a causa última do pecado de cada um de nós no sentido dele, decretando-o, reter ou segurar a manifestação da sua bondade, mas não por injetar o mal em nossos corações. Diferentemente, quando Deus retém a sua graça, isto é, quando ele não a manifesta, nós pecamos, porque é próprio do pecador pecar. Deus não precisa injetar aquilo que é próprio de nós. O que precisa ser injetado é a sua graça que limpa-nos da sujeira do pecado. Esta sim é uma ação positiva de Deus em nós.

¹³⁰ Carson, *How Long, O Lord?*, 213.

¹³¹ Esta ilustração foi narrada por Matt Perman no artigo *The Sovereignty of God Over Evil*, no seguinte endereço eletrônico <http://www.geocities.com/~mperman/prob.html>

Eu devo crer que Deus é a causa última do pecado, mas não a causa positiva dele. Por essa razão, como veremos abaixo, ele não pode ser culpado por causa dos erros dos outros.

Um outro erro que deve ser evitado é:

Afirmar que Deus seja o autor do mal

Um grande erro que deve ser evitado é o de que Deus seja o autor ou a fonte do mal. Muitas pessoas usam a expressão “autor do mal” sem realmente entender o que ela pode significar. Essa expressão pode significar algumas coisas:

- Que Deus comete pecado;
- Que Deus aprova o pecado;
- Que Deus deve ser culpado pelo pecado.

Na verdade, nenhuma dessas expressões faz justiça a Deus no assunto do pecado no mundo. Vamos criticar um a um desses possíveis significados:

Deus nunca comete pecado.

O pecado é a transgressão da lei. A lei foi feita para seres humanos, não para Deus. Ele não está debaixo da lei que ele criou para suas criaturas. Mesmo a despeito de não estar debaixo de suas próprias leis, ele só faz aquilo que está de acordo com a sua natureza. Ele é santo em todos os seus caminhos (Dt 32.3-4). Não há em Deus injustiça qualquer nos seus atos (Rm 9.14). Além disso, Deus é imutável. Ele não pode fazer o que é contrário à sua natureza por causa da sua imutabilidade.

Geralmente as pessoas, sem pensar muito em suas afirmações, confundem o decreto divino do pecado com a prática dele. Absolutamente errado! O fato de Deus decretar a existência do pecado não significa a mesma coisa que cometer pecado. Há muitas ilustrações na Escritura que mostram a ordenação divina e prática do pecado por suas criaturas. Deus decretou que Cristo fosse traído, mas foi Judas que o traiu, não Deus. Jesus Cristo afirmou:

Lc 22.22 - “Porque o filho do homem, na verdade, vai segundo o que está determinado, mas aí daquele por intermédio de quem ele está sendo traído.”

As duas coisas estão incluídas nesta asserção de Jesus: a soberania de Deus que decreta a traição a Jesus (pois Jesus se refere a uma determinação decretiva de Deus) e a liberdade de agência do homem que comete a traição (pois Jesus menciona um “aí” ao praticante do ato). Por causa dessa liberdade de agência, Judas é considerado por Deus responsável pela traição de Jesus. Deus não comete pecados. Estes são cometidos pelas causas secundárias, que são as criaturas racionais. Deus preordena a existência do pecado sem cometê-lo.

Deus nunca aprova o pecado.

Ao contrário, ele sempre traz o mandamento de ordena ao homem a não praticar o pecado. O fato de Deus decretar a entrada do pecado no

mundo, não significa que ele o aprove. Os olhos de Deus odeiam o pecado. O profeta reconheceu isto, quando disse: “Por que me mostras a iniquidade, e me fazes ver a opressão? (Hc 1.3). O pecado era uma realidade que Deus mostrava a Habacuque, embora Deus tivesse nojo dele. Então, o profeta atônito, pergunta:

Hc 1.13 - “Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal, e a opressão não podes contemplar; por que, pois, toleras os que procedem perfidamente, e te calas quando o perverso devora aquele que é mais justo do que ele?”

Deus odeia o pecado ao ponto de não poder olhá-lo ou contemplá-lo. Todavia, Deus não somente faz com que o mal venha à existência através dos agentes livres como também tolera o mal até o tempo próprio do juízo sobre os homens ímpios. Mesmo odiando o pecado, este faz parte deste mundo nas condições em que a queda o colocou. A santidade de Deus aborrece o pecado, mas isso não implica que o mal deva ser erradicado definitivamente deste mundo já. Deus tolera os ímpios até o tempo determinado da manifestação completa do seu juízo santo.

Pelo fato de tolerar pacientemente os pecadores em seus pecados não significa que Deus não tenha ódio pelo pecado ou que ele o aprove. A punição dos ímpios no final é sinal muito claro de que Deus odeia o pecado. Portanto,

Deus não deve ser culpado pelos pecados no mundo.

O raciocínio comum das pessoas é: “Se Deus decreta a existência do pecado, ele deve ser culpado pelos pecados.” Este é um raciocínio de quem não aceita as coisas como de fato elas são. Nós próprios somos os únicos culpados pelos nossos pecados. Não tentemos atribuir ao santo Deus o que é nosso. O fato de Deus ter pré-ordenado os pecados dos homens não significa que eles tenham sido forçados a pecar. Eles e nós pecamos exatamente porque queremos. Nada nos levou a pecar senão nossa própria natureza pecaminosa.

É verdade, contudo, que o decreto de Deus torna certa a entrada do pecado em nosso mundo, mas isso não significa que ele tenha que ser culpado por aquilo que eu e você fazemos. Deus simplesmente faz uso do mal que está dentro de nós desde que somos concebidos, para cumprir os seus propósitos. Deus está por detrás de nossos atos. Disso não há dúvida, mas eu não posso culpá-lo por um ato que é meu, e somente meu. Deus é a causa última dos meus pecados (porque ele os decretou em minha vida), mas a causa moral desses pecados está em mim, não nele. Por isso sou moralmente culpado diante dele, porque eu faço aquilo que ele condena, mesmo embora ele tenha decretado o aparecimento dele na minha vida. A posição das Escrituras é que eu devo ser culpado pelo mal que cometo. A fonte do mal está em mim, pecador. Não obstante, a entrada do mal no universo foi ordenada por Deus com parte do seu plano. A minha responsabilidade não elimina os planos divinos. Ao contrário, tudo o que eu faço espontaneamente, de acordo com a minha natureza, acaba cumprindo todo o plano de Deus na minha vida. Dessa verdade eu não posso escapar. Sou um compatibilista e não tenho outra saída para esse problema. Deus

não é a fonte do mal e não pode ser culpado por ele, porque sempre o mal é praticado por sua criatura, mas eu não posso, em sã consciência, deixar Deus de lado no problema do mal. Ele é o decretador dele e essa responsabilidade ele assume também.

NATUREZA DOS SERES MORAIS

A fim de entender a relação entre o Deus santo, justo e bom e a presença do mal no universo, não é necessário somente que conheçamos Deus, mas também os seres racionais e morais. Todavia, o que são seres morais? A resposta a essa pergunta levará em conta os seres humanos, para os nossos propósitos neste estudo.

Um ser moral é aquele que possui certas características típicas que o distingue das demais criaturas de Deus.

ELES SÃO SERES LIVRES

A liberdade é uma qualidade essencial nos seres morais. Não existe nenhum ser moral que não seja livre. Todavia, há uma grande necessidade de se definir de qual tipo de liberdade que está se falando.

Liberdade com neutralidade moral?

Quando falo de liberdade, não estou me referindo ao que o libertarismo chama de “neutralidade moral”. Neutralidade moral é aquela na qual o indivíduo faz alguma coisa com indiferença, em equilíbrio moral, isto é, sem qualquer restrição interna ou externa, sem qualquer inclinação para um lado ou para outro. Num indivíduo com neutralidade moral não existe a inclinação para fazer o bem ou para fazer o mal. Essa pessoa toma uma resolução, mas sua resolução não é baseada numa vontade que age sob os efeitos do pecado ou da santidade. Ela age apenas porque resolveu agir, sem qualquer tipo de força interna que a inclinasse a sua ação. É possível esse tipo de liberdade em círculos eminentemente pelagianos. Nesses círculos, pode ser percebido que uma pessoa peca simplesmente porque ela resolveu seguir os exemplos dos seus pares, não porque havia nela qualquer inclinação para o mal.

A idéia da Escritura é a de que nenhum ser vem ao mundo com neutralidade moral. Não existe seres humanos neutros moralmente. Todos eles possuem com inclinação moral, isto é, possuem uma tendência para aquilo que a sua natureza interior os inclina, seja para o bem ou para o mal.

Liberdade de autonomia ou de independência?

Quando digo que os seres humanos são seres morais livres, não estou dizendo que eles possuem uma liberdade de independência ou de autonomia, como também afirmam os pelagianos e alguns semi-pelagianos ou arminianos. Por *liberdade de independência* quero dizer uma liberdade onde eles não têm que prestar contas a ninguém, ou seja, são independentes mesmo de Deus; por *liberdade de autonomia* quero dizer que não são determinados por nada, seja de dentro ou de fora deles próprios.

Liberdade de indeterminismo?

Quando digo que os seres humanos são seres morais livres, também não estou dizendo que eles sejam totalmente indeterminados. Esse tipo de liberdade sonhada por alguns é algo absolutamente impossível. Essa liberdade é diferente da da liberdade de neutralidade moral porque nessa última o homem é dito possuir uma falta de inclinação dentro de sua própria natureza, enquanto que na liberdade de indeterminismo o homem não é determinado por nada de fora dele. Deus não exerce nenhuma influência através dos seus decretos naquilo que o homem faz.

Esse tipo de liberdade indeterminada é uma quimera! Não há lugar para nada neste mundo que possua uma liberdade que seja sinônimo de indeterminismo. Todas as coisas tem a sua origem última na vontade decretiva de Deus. Na verdade, nem Deus possui essa liberdade, pois ele não é condicionado por sua própria natureza, nem os seus decretos são influenciados pelas decisões dos homens.

Liberdade com o sentido de livre-agência?

Os cristãos que ensinam uma liberdade vinculada ao decreto divino crêem uma liberdade onde as criaturas racionais sempre farão as suas ações voluntariamente, sem serem coagidos por qualquer força externa. Todavia, nunca agirão independentemente de Deus. A liberdade deles se constitui na capacidade deles agirem sempre de acordo com as disposições dominantes da sua natureza.

Esses cristãos sempre haverão de distinguir duas espécies de causas que agem sobre as decisões dos seres morais. Todavia, essas ações causais não forçam os indivíduos externamente a fazerem nada do que não querem fazer. A liberdade dos seres morais está condicionada a duas coisas: ao decreto divino e à própria natureza deles. Cremos nos decretos divinos que determinam a existência de nossos atos, mas creio que nossos atos são feitos livremente, isto é, feitos de acordo com o que gostamos, preferimos e desejamos. Nada nos constrange a fazer o que não queremos. Os atos decretivos de Deus não tornam as nossas ações forçadas. O que estamos tentando mostrar é que uma ação nossa é livre mesmo que seja causalmente determinada. Chamamos essa posição *compatibilismo*, como já vimos anteriormente, porque a ação do ser humano é determinada causalmente mas nunca é feita por constrangimento, mas sempre livre, isto é, ela é feita de acordo com as disposições dominantes na natureza interior dele.

A limitação que o decreto divino traz diz respeito a apresentação somente dos atos que cumprem os desígnios divinos. Os seres morais são livres para fazerem o que desejarem fazer, mas seus atos nunca irão de encontro aos desígnios previamente estabelecidos por Deus. Deus cumpre a história escrita de antemão através de seus agentes secundários que são os agentes morais.

A limitação trazida pela própria natureza dos seres morais diz respeito às impossibilidades deles de não poderem fazer o que está além e contra o que eles são. Nenhum ser moral é capaz de agir contra as inclinações de sua própria natureza, se entregues a si mesmos. Todavia, um homem natural (sem Cristo) é capaz de fazer coisas boas quando a graça comum opera dentro dele capacitando-o a fazer um ato bom. A intervenção da graça

capacita o homem a fazer o que está além de suas posses, mas entregue à sua própria natureza, o ser humano é capaz de fazer somente o que está de acordo com o que ele é. Ele pode fazer tudo o que quer e o que gosta, mas o seu querer e as suas predileções estão amarradas à sua natureza moral. A sua natureza o limita na sua liberdade de ação.

Todos os seres morais são livres para fazerem tudo o que querem, gostam e preferem, agindo livremente. Todavia, essa liberdade não deve ser entendida como independente do decreto de Deus que, em última instância determina que eles façam o que natureza deles permita. Essa é a liberdade de agência em que, geralmente, os cristãos de origem reformada crêem.

ELES SÃO SERES RACIONAIS

O agente moral é um ser racional, e isto significa que ele é capaz de dar as razões e ouvir as razões para as suas atitudes. Ele é capaz de conhecer um valor e trabalhar com ele para chegar a uma meta. Ele é capaz de estabelecer propósitos porque é capaz de trabalhar racionalmente com valores. Ele é capaz de refletir teologicamente sobre as razões morais com base em padrões da natureza e da revelação especial de Deus. A fim de que essas coisas sejam entendidas, vou citar um exemplo.¹³² Eu valorizo as boas relações sexuais: estas condições ou padrões de valores são o respeito pelo mistério da sexualidade, prazer, sobriedade em face da tentação, e as condições de casamento prescritas na Escritura. Esses padrões estabelecidos determinam certos alvos: um deles é o de permanecer fiel à minha esposa. Nesse caso, eu tenho que eliminar a fantasia sexual ou outros comportamentos que facilitariam a infidelidade. Somente um ser racional pode trabalhar racionalmente com valores e adequá-los para que o propósito do bem-viver seja alcançado.

Um ser moral é um ser que usa a sua inteligência para a consecução dos seus planos e dos seus deveres. O importante é como um ser racional usa a sua liberdade. Se eu quero atingir a minha meta de ser fiel à minha esposa, eu tenho que fazer as coisas que *devo* fazer, não simplesmente fazer as coisas para que tenho potencialidade, ou seja, obedecer minha pecaminosidade e dar largas à minha imaginação fantasiosa. Nesse processo eu uso a racionalidade que é parte do meu ser moral.

ELES SÃO SERES CONSCIENTES

Por consciência aqui, devemos entender que os seres morais se tornam consciente da existência do bem e sabem que devem fazê-lo. Mesmo os homens mais ímpios sabem do dever que possuem de fazer o bem, mesmo embora sejam incapazes de praticá-lo em muitas de suas nuances. Eles possuem o senso de obrigação para com o bem. Esta é a experiência de todos os seres morais.

Além disso, existem leis gravadas dentro da alma humana que o fazem conhecedor do que ele deve fazer. Este é o ensino de Paulo em Romanos 2. Ele sabe que existe um Deus. O senso de divindade é inescapável nos seres morais, porque as suas leis morais básicas estão impressas nos seus corações, mesmo embora a natureza pecaminosa dos seres morais lute

132 Allen Verhey, "The Person as a Moral Agent", *Calvin Theological Journal*, vol. 13-14, (1978), 9-10.

contra o que é bom. Todavia, a pecaminosidade dos seres humanos não elimina a consciência moral deles.

Os seres morais possuem consciência no sentido deles serem capazes de definir se devem ou não praticar um ato em virtude da capacidade de discernir o que é bom e o que não é.

ELES SÃO SERES RESPONSÁVEIS

Uma outra característica dos seres morais é a sua responsabilidade. Essa responsabilidade é causada pelo fato deles serem inteligentes, conscientes e de agirem livremente. A responsabilidade vem do fato deles agirem sempre de conformidade com essas características acima. Os seres morais são um dos meios que Deus usa para realizar a sua vontade no universo, e devemos entender que eles são, via de regra, o meio que Deus usa para a execução dos atos maus que fazem parte do seu grande e inescrutável plano para este mundo. Deus faz com que os atos maus moralmente entrem no universo através desses seres morais, que são as causas secundárias de todas as ações ímpias.

Deus ocasiona todos as espécies de males neste mundo porque eles cumprem os seus santos propósitos, mas todos eles são praticados por seres morais, que são os anjos ou homens. Por causa disso, todos os seres morais são responsáveis. Deus amarrou a responsabilidade dos atos aos homens quando os fez seres distintamente morais.

NATUREZA DA LEI MORAL

Deus não somente é santo Legislador, e os homens seres morais, mas também Deus deu aos seres humanos leis morais. Não podemos pensar somente nas leis físicas que regem o universo físico, mas sobretudo leis morais que governam o universo.

CONTEÚDO DA LEI MORAL

A lei moral ajuda-nos a entender alguma coisa da natureza do Legislador. Ela revela o caráter do Legislador de tal forma que todos nós podemos perceber quão santo e justo ele é.

A lei moral ajuda-nos também a entender algumas coisas sobre nós próprios: 1) A lei moral aponta os nossos erros. Paulo falou com precisão dessa matéria, quando disse que “eu não teria conhecido o pecado senão por intermédio da lei (Rm 7.7). Ninguém vem ao conhecimento do pecado a não ser pela lei divina. Sem a lei escrita, não há conhecimento de pecado, embora a ignorância não desculpe o transgressor. Os homens nunca conhecerão a si mesmos como pecadores sem a lei moral; 2) A lei moral mata-nos. Quem peca morre. A função da lei é trazer morte para o seu transgressor, porque a lei é sem misericórdia. Foi por causa da lei que Jesus Cristo teve que morrer em nosso lugar, a fim de que não permanecêssemos mortos para sempre. 3) A lei moral convence-nos de nossos pecados quando é usada pelo Espírito Santo. A simples leitura da lei não traz ninguém ao convencimento do pecado, mas sempre ela é usada pelo Espírito de Deus para convencer as pessoas de seus pecados. Nosso Senhor Jesus convenceu

a mulher samaritana dos seus pecados por apontar a ela a quebra do sétimo mandamento (Jo 4.16-18).

O mal moral tem a ver especialmente com o pecado, porque ele entrou no mundo quando houve a revolta dos anjos e dos homens. Ambas as situações envolveram algum tipo de pecado. Segundo a Escritura, “o pecado é a transgressão da lei” (1 Jo 3.4). Portanto, toda manifestação de mal moral tem a ver com a lei moral que Deus estabeleceu.

RESPONSABILIDADE DOS HOMENS PERANTE A LEI MORAL

Os seres angélicos e humanos, que foram criados com habilidades morais, sendo eles próprios os que fazem decisões morais e tomam atitudes envolvendo princípios morais estabelecidos pelo santo Legislador. Eles são confrontados com a lei moral. Quanto mais confrontados com ela, mais conhecedores se tornam do caráter divino e mais responsáveis se tornam diante dele.

Se eles são seres morais derivados do ser moral maior que é Deus, eles devem estar em sujeição à lei que ele estabeleceu no seu universo. As leis morais foram implantadas no coração do ser humano e também foram escritas em tábuas de pedra para que os homens nunca se esquecessem das suas obrigações perante o Deus santo e justo.

Quando os homens violam as leis divinas, o mal moral está estabelecido na vida deles.

Portanto, a fim entender um pouco melhor esta matéria, vamos fazer uma análise mais acurada da natureza do mal moral.

NATUREZA DO MAL MORAL

É muito difícil tratar da natureza do mal moral por causa dos conceitos errôneos vigentes nos círculos eclesiais a respeito da natureza de Deus, de suas santas leis e da natureza dos seres racionais.

Todavia, o mal moral deve ser analisado e estudado detidamente à luz da natureza de Deus e da sua lei moral. É curioso observar que o problema do mal moral afeta mais os cristãos do que os incrédulos, justamente por causa da natureza santa de Deus e por terem muita dificuldade em tornar Deus envolvido de alguma forma com o aparecimento, a manutenção e sua concorrência nos eventos e nos atos maus. Os cristãos é que se sentem incomodados com o problema da presença do mal no mundo de Deus. O mal moral é a grande preocupação dos cristãos porque, no entendimento deles, um Deus santo não pode estar vinculado, em hipótese alguma, com essa matéria, como se a santidade de Deus excluísse qualquer possibilidade dele estar relacionado com o problema do mal.

O problema da existência do mal em nosso universo pode ser visto de duas perspectivas, que eu chamaria de negativa e positiva, porque a primeira diz respeito à ausência do bem, e a última porque diz respeito à presença de um mal real.

MAL EXPLICADO COMO SENDO A AUSÊNCIA DO BEM

Desde há muito na história da igreja, especialmente no tempo Agostinho, o mal tem sido explicado como sendo a *privatio boni* (privação do bem), que é

a suposição de que Deus criou todas as coisas boas, juntamente com o princípio filosófico de que realidade de uma coisa é melhor do que a sua existência potencial, que conduz diretamente à questão da origem e da natureza do mal.¹³³

Esse assunto é quase tão antigo quanto a história da igreja cristã. A noção de que o pecado é a privação do bem remonta principalmente ao tempo de Agostinho.

Um resumo do pensamento agostiniano é o seguinte:

Deus é o autor de tudo o que é criado no universo. Deus é bom e disto segue-se que ele é o autor de todo bem, porque reflete a bondade de Deus. Portanto, das coisas criadas não há coisas más.

O mal existe, mas não é uma coisa ou substância; ele é uma privação ou a ausência ou corrupção das coisas criadas.

Portanto, não se segue que Deus criou o mal.

Por “privação do bem Agostinho quer dizer a falta de alguma coisa ou a ausência de alguma coisa que deveria estar lá.”¹³⁴ Um exemplo dessa ausência pode ser ilustrada no caso da doença. Esta pode ser considerada como a ausência (ou a privação) de uma boa saúde. Portanto, a conclusão óbvia é a de que o mal se constitui na ausência do bem.

Nessa teoria agostiniana,¹³⁵ o mal não é em si mesmo uma substância, porque ele não existe por si mesmo. Uma pessoa que nasce sem a visão está sujeita a um mal. O mal é a falta ou a privação da visão. Ele não existe em si mesmo. O mal é apenas a corrupção ou a ausência de coisas boas que são feitas por Deus. Em outras palavras, “o mal não é uma coisa criada ou uma substância real, mas antes erro ou distorção de uma coisa ou substância,”¹³⁶ que no caso aqui é o bem. O mal existe quando há a ausência ou a falta de alguma coisa que deveria estar presente lá. No caso em pauta é a visão. O mal ocorre quando uma coisa boa desce de um nível mais alto para um mais baixo. Poderíamos dizer não existe nenhum mal exceto quando há a diminuição do bem.

Então, vem a questão crucial: Se Deus é bom, e tudo o que ele cria é bom, de onde procedem as privações ou ausência do bem na natureza?

A saída de Agostinho a essa pergunta teve duas respostas:

133 Richard A. Muller, *Dictionary of Latin and Greek Theological Terms* (Grand Rapids: Baker, 1986).

134 Geisler, *The Roots of Evil*, 46.

135 A noção da *privatio boni* foi defendida por Agostinho, mas nisto também ele foi seguido pelos teólogos da Idade Média, da Reforma e pelos da pós-Reforma. Todavia, Agostinho recebeu a influência do Neo-platonismo para formular essa teoria sobre o mal. (Ver Richard A. Muller, *Dictionary of Latin and Greek Theological Terms*, 246-47).

136 Muller, *Dictionary of Latin and Greek Theological Terms*, 247.

1) Primeira, na conta de Agostinho, Deus é a fonte de toda perfeição e tudo o que vem dele é perfeito, sendo um ser absolutamente simples. Diferentemente, o homem é um ser composto de partes e, por isso, pode ser decomposto. Deus e as coisas criadas são de natureza diferente. Tudo que provém de Deus é bom, mas a criação permite ser mudada. A criação torna o mal possível por causa da sua própria natureza, que pode ser destruída por sofrer privação. Todavia, Deus não pode sofrer qualquer mudança e, portanto, não pode ser o autor da corrupção da criação. Ele fez a criação com a possibilidade (mas não com a necessidade) de ter a privação do bem.

2) A segunda resposta de Agostinho sobre a causa da privação do bem nas coisas criadas é que Deus fez o homem com livre arbítrio. Como perfeito que é, Deus não poderia causar o mal. O mal, em si mesmo, não possui existência criada. Logo, o mal existe por causa do livre-arbítrio. Este

é a causa da corrupção do mundo bom que Deus fez. Uma das boas coisas que Deus fez foi o poder da escolha livre. É bom ser livre, mas com essa liberdade vem a capacidade de realizar o mal. Visto que o homem é finito, ele é capaz do mal. Sua escolha livre muda o mal metafísico de ser uma possibilidade teórica para ser uma realidade.¹³⁷

O ser um humano foi criado bom, com uma vontade-livre, mas esta tinha a possibilidade (não a obrigatoriedade) de praticar o mal. A potencialidade para a prática do mal está na capacidade da vontade livre do homem em dirigir-se para si mesmo, ter prazer em si mesmo na tentativa de perversamente imitar Deus. Como aconteceu com os anjos caídos livres, assim aconteceu com o homem. O orgulho é o princípio de todo pecado.¹³⁸ A livre-escolha é muito boa, mas a condução errônea da livre-escolha é má.

O voluntarismo de Agostinho se revela na afirmação de que “o pecado de fato não está em nenhum lugar exceto na vontade”.¹³⁹ No pensamento de Agostinho a vontade livre do homem, em última instância, é a causa primeira do pecado. Todavia, a causa primeira (que é a criatura livre) é sem pecado.¹⁴⁰ Agostinho não consegue fugir das últimas conseqüências desse seu raciocínio. O que causou a primeira causa causar o pecado não pode ser explicado por ele.

Como um Deus santo e bom pode fazer criaturas com livre escolha quando ele sabia que elas poderiam escolher o mal? Esta é uma das perguntas irrespondíveis por aqueles que tentam justificar Deus trazendo toda a responsabilidade pela presença do pecado no mundo apenas na liberdade (de autonomia) da vontade humana que se portou mal. Neste ponto, Agostinho não teve a ousadia de afirmar o que ele afirma sobre os atos decretivos ou predestinadores de Deus que permeiam a sua soteriologia.

Resumindo este ponto, recordemos que o mal não é um substância criada, mas apareceu neste mundo como uma corrupção do bem ou simplesmente a ausência do bem numa atitude da criatura onde ela não usou devidamente a sua liberdade.

137 Geisler, *The Roots of Evil*, 48.

138 Geisler, *The Roots of Evil*, 49.

139 Augustine, *On Free Will*, I, 1, 1; III, xvii, 76; in Schaff, *Fathers*.

140 Geisler, *The Roots of Evil*, 48-49.

MAL EXPLICADO COMO SENDO A PRESENÇA POSITIVA DO PECADO

É importante para os meus propósitos nesta parte do capítulo identificar o pecado com o mal. É verdade que nem todo mal é pecado, mas todo pecado é um mal moral. Entre os teólogos de círculos calvinistas há a tendência muito forte de se considerar o pecado como um mal positivo, não como simplesmente a privação do bem, por causa da ênfase do calvinismo na doutrina da depravação do homem.

John Murray, disse que

“o pecado é um mal real. Real em oposição a todas as teorias que consideram o pecado como uma ilusão, e em oposição a todas as teorias que concebem o pecado como sendo uma negação, privação ou limitação. O pecado é alguma coisa positiva... não simplesmente a ausência de alguma coisa.”¹⁴¹

Louis Berkhof tem um pensamento semelhante. Ele diz que o pecado “não é algo meramente negativo, a ausência da justiça original, mas um poder positivo do mal.”¹⁴²

O pecado tem necessariamente a ver com a lei santa de Deus. A definição bíblica de pecado é transgressão dessa lei (1 Jo 3.4). O Catecismo de Westminster afirma ainda que o pecado é “qualquer falta de conformidade com a lei de Deus”.

No Catecismo de Westminster há uma tonalidade de agostinianismo, porque fala do pecado como algo negativo, isto é, a “falta” ou a ausência de alguma coisa que havia. Provavelmente, os escritores da confissão, que tinham formação clássica e influência de Agostinho e de Tomás de Aquino, não conseguiram escapar da teologia deles. O mal, então, mesmo pós-reforma, continuou a ter uma conotação de “ausência do bem” (*privatio boni*).

Biblicamente, podemos ver alguma ênfase no pecado como algo negativo, isto é, como sendo a ausência do que é bom. Veja as palavras bíblicas que conotam essa idéia: *injustiça* (ausência de justiça). Não podemos entender injustiça a não ser pelo contraste com a justiça; *impiedade* (ausência de piedade). Não podemos entender impiedade senão contrastarmos com o que é pio; *desobediência* (ausência de obediência). Não podemos entender desobediência se não a contrastarmos com a obediência. Nesse sentido, não há como fazer oposição ao pensamento agostiniano de mal como sendo a ausência do bem.

Todavia, o mal não é simplesmente a ausência do que é bom. Se o fosse, o pecado seria unicamente não fazer nada, apenas a omissão do que é bom. Portanto, não podemos falar unicamente na ausência do bem, mas também na presença do mal. Isto ficou absolutamente claro na definição que Westminster deu ao pecado, como mostramos acima. Os teólogos da Assembléia de Westminster disseram não somente que o pecado é a falta de conformidade com a lei de Deus, mas também disseram que o pecado é a transgressão da sua lei. A definição não ficou somente no aspecto negativo,

141 John Murray. *Collected Writings of John Murray*, vol. II: *Selected Lectures in Systematic Theology* (Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1977), 77, 72.

142 Louis Berkhof, *Teologia Sistemática*

mas também há um aspecto positivo, que trata da transgressão da lei de Deus. O pecado não tem simplesmente a idéia de ausência do bem mas tem a ver com a prática mal. O mal, portanto, não é simplesmente negativo mas também positivo. O pecado da *omissão* [do bem] é uma falha em fazer o que deveríamos fazer e o pecado da *comissão* é fazer o que nos está proibido fazer. A natureza do mal, portanto, tem a ver com as duas coisas: com a omissão e com a comissão. Adão não somente deixou de fazer o que é bom mas também fez o mal. Uma noção não somente negativa mas também positiva do mal.

A ORIGEM DO MAL MORAL

A mais difícil pergunta que aparece para a teologia cristã é a respeito da origem do mal moral. De onde e como ele veio? Há algumas tentativas de resposta. Vamos analisar uma a uma e terminar com a resposta da Escritura, até onde ela revela sobre esse assunto

SOLUÇÃO DADA PELOS LIBERTÁRIOS

Os defensores da do livre-arbítrio asseveram que Deus criou criaturas livres às quais ele permite escolher o mal. Os libertários são aqueles que pugnam por uma liberdade de independência e uma liberdade de autonomia e alguns até aceitam uma liberdade de neutralidade moral. *Por liberdade de independência* eu quero dizer que os seres humanos não tem satisfação alguma para dar a ninguém. Eles agem sem terem qualquer responsabilidade diante de Deus. *Por liberdade de autonomia* eu me refiro à liberdade deles agirem sem que a ação seja causada ou influenciada por uma outra pessoa ou que a vontade seja influenciada por qualquer outra faculdade da personalidade humana. *Por liberdade de neutralidade* moral eu me refiro àqueles que ensinam que todos os homens, à semelhança de Adão, nascem sem inclinação moral, que não tem nada neles que os leve a fazer o bem ou o mal. Em resumo, os libertários dizem que o homem não é influenciado por nada de fora e nem por nada de dentro. A vontade humana é independente de Deus e autônoma quanto à própria natureza do homem.

Esses são os defensores da vontade-livre. Isto é, a vontade humana é independente e autônoma em suas decisões. Nada influencia a vontade humana. Ela é independente das circunstâncias externas (mesmo o decreto divino!) e internas do homem.

Para esses, o mal é simplesmente o mau uso que os seres racionais fazem da liberdade autônoma que a sua vontade possui. Nem todos os voluntaristas são libertários, mas todos os libertários são voluntaristas, isto é, todos eles colocam a vontade no centro dominante dos seres racionais.

Na conta dos libertários, a vontade-livre (*free will*) é boa, mas o uso indevido desse livre-arbítrio é que causou o mal. Adão fez um uso indevido de sua vontade-livre e isso veio a ser um mal, assim como foi o caso dos anjos que vieram a cair. Deus não pode ser responsabilizado pela presença do mal no mundo. Este veio unicamente pelo uso indevido da vontade livre.

Em geral, os libertários são chamados indeterministas porque dizem que os atos de uma pessoa são livres e não causados ou determinados.¹⁴³ Embora alguns indeterministas não neguem que algumas coisas possam influenciar a vontade, todos os indeterministas são unânimes em afirmar que “qualquer causa ou conjunto de causas possa ser *suficiente* para determinar o que a pessoa vai escolher e fazer.”¹⁴⁴

SOLUÇÃO DADA PELOS DETERMINISTAS

A resposta dada pelo determinismo filosófico é a de que “o futuro dos seres humanos é inevitável para eles, de forma que a liberdade de escolha é ilusória.”¹⁴⁵ A liberdade é ilusória se liberdade para eles significa independência e autonomia. Ora, se tudo está determinado, então essa liberdade não pode existir. Por isso é que é uma ilusão pensar em liberdade.

Nesse sentido podemos equalizar o determinismo ao fatalismo. “Uma posição é fatalista se ela reivindica que há uma necessidade inerente no modo que as coisas sejam de modo que elas não poderiam ser de outro modo.”¹⁴⁶ Se há entre os fatalistas aqueles que crêem em Deus, Deus, para eles, não tinha outra alternativa senão criar o mundo do jeito que ele criou. A necessidade inerente em cada coisa é tal que Deus teve que criar, e houve somente uma opção criadora aberta para ele.¹⁴⁷ Todavia, em regra geral, o determinismo não deve ser considerado como sendo a mesma coisa que fatalismo.

A resposta de alguns teístas deterministas ou necessitários, afirma que o mal era necessário na criação de Deus ou que Deus criou igualmente tanto o mal quanto o bem. O mal, nesse caso, é um resultado direto de uma ação causadora de Deus.¹⁴⁸ Esses deterministas acabam colocando o mal como parte da criação original de Deus, pois este não podia escapar de criar o mal. Eles conectam o bem com o mal de forma que um não pode existir sem o outro, porque não se pode conhecer o mal sem que haja o parâmetro do bem ou vice versa.

A resposta de outros deterministas teístas é “que nossa ação é o resultado daquilo que aconteceu no passado.”¹⁴⁹ Não há como escapar do que vai acontecer porque há fatores causais relevantes que precedem as escolhas das pessoas e estas não poderiam escolher de forma diferente. Feinberg disse: “Eu creio que uma vez que certas escolhas foram feitas (por Deus ou quem quer que seja) certas coisas acontecem como consequência. Mas antes que essas escolhas fossem feitas, nenhuma necessidade inerente dita o que deve ser escolhido.”¹⁵⁰ O exemplo que é trazido à baila é elucidativo nesse

143 Laurence A. Bonjour, “Determinism, Libertarianism, and Agent Causation,” *Southern Journal of Philosophy* 14 (1976), 147.

144 Bassinger, *Predestination & Free Will*, 20.

145 *New Dictionary of Theology* editado por Sinclair B. Ferguson e David F. Wright, (Downers Grove: Intervarsity Press, 1989), 195.

146 J. S. Feinberg, “God Ordain All Things, no livro *Predestination and Free Will* editado por David Bassinger & Randall Bassinger (Downers Grove, Illinois: Intervarsity Press, 1986), 23.

147 *Ibid.*, 23.

148 David K. Clark e Norman L. Geisler. *Apologetics in the New Age – A Christian Critique of Pantheism* (Grand Rapids: Baker, 1991) 205.

149 David Bassinger e Randall Bassinger, *Predestination & Free Will* (Downers Grove, Illinois: Intervarsity Press, 1986), 11.

150 Bassinger, *Predestination and Free Will*, 23.

caso: Não era absolutamente necessário que Adão pecasse, o seu pecado era uma necessidade de consequência. Não há como fugir desse ponto se alguém quer ser um determinista com consistência lógica. Isso não é fatalismo mas a certeza do evento do pecado de Adão está vinculada a um determinismo causal. Não era necessário para Deus fazer as escolhas que fez, mas uma vez que ele fez, há um determinismo que é consequência da sua decisão livre. Para esses deterministas há uma conexão necessária entre todos os fatos e eventos da história de forma tudo o que acontece tem que acontecer porque os fatos do passado (que não podem ser desconectados do presente) afetam necessariamente os eventos futuros. Há um sentido em que isto é verdade, mas não podemos levar a extremos esse pensamento.

O determinismo teológico rejeita um determinismo que elimina a noção da responsabilidade dos atos humanos. Ele concorda que Deus determina todas as escolhas e atividades humanas mas ao mesmo tempo em que afirmam a responsabilidade e liberdade humanas em todos os atos.

A nossa tentativa neste capítulo vai ser a de tentar os dois conceitos: o da soberania divina e o da liberdade humana porque ambos não são incompatíveis.

SOLUÇÃO DADA PELA ESCRITURA

A resposta fácil dada pelos voluntaristas diz que a vontade livre (autônoma e independente) das criaturas é a causa última do aparecimento do mal no mundo. É verdade que os nossos primeiros pais resolveram escolher o mal antes do que continuarem fazendo o bem. Todavia, a resposta fácil dos voluntaristas não explica como uma pessoa que possuía inclinação para o que é bom pode escolher exatamente o que é mal.

A resposta fácil dada por alguns deterministas também não interessa ao estudioso sério das Escrituras. É comum mesmo entre alguns calvinistas que, ao afirmarem fortemente a soberania divina, afirmando a necessidade dos eventos, acabam por negar a liberdade de ação dos seres racionais.

A Bíblia ensina, no seu escopo geral, não somente que Deus é soberano absoluto, mas que também o homem é livre e responsável.

Todavia, não existe nenhuma resposta categórica e específica nas Escrituras sobre como e o por quê da entrada do mal no universo. Todavia, há inferências muito palpáveis que nos ajudam a proporcionar respostas justas, embora não exaustivas sobre essa grande questão. Essas inferências são de caráter doutrinário que facilmente são percebidas no ensino geral das Escrituras.

A resposta do ensino geral das Escrituras engloba as duas respostas acima, porque inclui a idéia de liberdade do homem ao pecar e também o aspecto da determinação divina do pecado e sua entrada no universo. Contudo, tanto a idéia de liberdade como a de necessidade (ou determinação) possuem uma conotação diferente das respostas acima dadas por libertários e deterministas, especialmente se entendermos essas palavras dentro da tradição hermenêutica calvinista das Escrituras.

A resposta que a Escritura dá está envolvida em algumas coisas que precisam ser enfatizadas e que não podem ser esquecidas quando

estudamos esta difícil, mas importante matéria. Já vimos algumas verdades sobre a natureza de Deus, a natureza dos homens e da lei moral de Deus. Isto posto, vejamos algumas conclusões básicas sobre a origem do mal.

Algumas Conclusões:

Se Deus é o criador de todas as coisas não existe a origem espontânea do mal.

A teoria da geração espontânea do mal, que é parte da teodicéia de alguns estudiosos, diz que o mal apareceu sem que alguém o trouxesse à existência. Se isto é verdadeiro, então não podemos ter certeza de que o mal será vencido. Se ele tem a capacidade de vir a existir por si próprio, ninguém poderá ter o controle sobre ele. A conclusão lógica é que, se o mal surgisse assim, Deus não teria tido qualquer controle sobre as coisas deste mundo. O mal sendo gerado espontaneamente tira Deus do trono de sobre todas as coisas. Mas Deus assume a responsabilidade pela existência de todas as coisas. Ele diz: "Eu faço todas as coisas..." (Is 45.7).

2) Se Deus é o criador de todas as coisas devemos rejeitar as idéias deterministas que apresentam o pecado como uma necessidade.

O filósofo alemão G.W. Leibniz (1646-1716) ensinou em sua teodicéia que existe uma imperfeição metafísica que é inerente na real constituição de todas as coisas criadas.¹⁵¹ A presença do mal é parte constituinte da estrutura de todas as coisas e está embutido nelas pelo simples fato de todas as coisas serem finitas. A finitude da criação e, principalmente, dos homens é a causa última e necessária de todo mal existente. Leibniz admitiu claramente que "há uma imperfeição original na criatura, mesmo antes de o pecado ser cometido, porque a criatura é limitada em sua essência."¹⁵² Nesse ponto, Barth assimila algo de Leibniz, porque sustenta que o problema do homem é o fato dele ser criatura. O pecado apenas complica esse problema. O mal está inerente e necessariamente presente no mundo pelo fato dele ser criação. Leibniz falou ainda do "verdadeiro pecado necessário de Adão que é cancelado pela morte de Cristo!"¹⁵³

Hegel sustenta que o aparecimento do mal é algo necessário para que o homem chegue à sua humanidade plena. A idéia de Hegel é que "a queda em si mesma foi um desenvolvimento necessário para a realização pelo homem de sua humanidade autêntica."¹⁵⁴ Hegel não nega que o homem foi criado bom, mas afirma que a vinda do mal era necessária para que o homem se tornasse completo. "Assim, Hegel supôs que ambos, o bem e o mal, foram necessários se o homem estava para desenvolver para a plenitude de sua humanidade, e que o alcance da síntese fosse possível somente pelo modo da confrontação entre a tese e a antítese."¹⁵⁵

Estas teorias tornariam Deus o autor direto do mal, porque Ele teria criado todas as coisas como necessitadas do mal. A teodicéia cristão não

151 Hughes, 93.

152 G. H. Leibniz, *Theodicy: Essays on the Goodness of God, the Freedom of Man, and the Origin of Evil*, (London, 1951), parágrafo 20-21.

153 G. H. Leibniz, *Theodicy: Essays on the Goodness of God, the Freedom of Man, and the Origin of Evil*, (London, 1951), parágrafo 40.

154 Hughes, 96.

155 Hughes, 97.

pode admitir tais teorias. Deus criou todas as coisas e disse que elas eram muito boas! "E viu Deus tudo o que criou e disse: "Eis que tudo é muito bom" (Gn 1.31).

Se Deus é o criador de todas as coisas, não pode ser verdadeiro o ensino do dualismo.

O dualismo ensina sobre deuses rivais, um do bem e outro do mal, sendo ambos de igual poder. Hughes define dualismo como “a teoria de que por dentro e por detrás de toda a realidade há a presença não de um, mas de dois princípios eternos e absolutos que são irreconciliáveis, opostos um ao outro,”¹⁵⁶ especialmente quando se trata do difícil problema da coexistência do bem com o mal neste mundo.

A presença do mal coexistindo com o bem teve uma solução simplista na teologia das religiões do oriente. É assim que o livro sagrado do zoroastrismo, a mais elevada das religiões não-bíblicas, contorna a dificuldade da presença do mal no universo. O zoroastrismo apregoa dois deuses — Ormuz e Arimã. Ambos criaram o mundo. O bom deus Ormuz criou as coisas boas; o mau Arimã criou todas as coisas más. O primeiro era o deus da luz, e o segundo o das trevas, que sempre lutaram num conflito ininterrupto. Hughes nos diz que

“foi este tipo de dualismo que tornou-se um elemento proeminente na filosofia sincretista do Maniqueísmo, fundado por um persa chamado Mani, no terceiro século da era cristã, pelo qual Agostinho sentiu-se muito atraído antes de sua conversão para a fé cristã.”¹⁵⁷

Esse tipo de dualismo pairava na Pérsia, onde reinava o rei Ciro, quando Deus se lhe dirigiu, porque este cria dualisticamente. Foi por essa razão que Deus disse várias vezes: "Eu sou Deus. Além de mim não há outro...".

Esta solução dualista para explicar a coexistência do bem com o mal é uma solução anti-escriturística porque trata o princípio do mal como algo inseparável do universo que Deus fez. Em última instância, a religião do dualismo nunca dará a vitória ao bem, porque os dois princípios são eternos e igualmente poderosos. “A religião dualista é uma religião sem esperança da eliminação definitiva do mal e do triunfo do bem.”¹⁵⁸ A teoria dualista é absolutamente incompatível com a teologia do cristianismo. Por essa razão, Deus rejeita a possibilidade do dualismo no texto de Isaías 45.7 e 46.11-13. Portanto, o mal não pode ser explicado como uma antítese eterna do bem.

Se Deus é o criador de todas as coisas, o mal não tem origem eterna.

A idéia da eternidade do mal geralmente surge da idéia do dualismo dos deuses rivais. Assim como houve sempre o bem, da mesma forma houve o mal.

156 Philip Edgcumbe Hughes, *The True Image*, (Grand Rapids: William Eerdmans Publishing Company, 1989), 83.

157 Hughes, 85.

158 Hughes, 85.

Mas a Escritura rejeita essa teoria. O mal veio a existir no universo e no mundo dos homens. Houve um "tempo" quando não havia a presença do mal no universo criado. O mal apareceu primeiro no mundo angelical e, depois, no mundo dos homens. O mal não é eterno. Eterno é Aquele que é o bem.

Portanto, quando Deus diz que "cria o mal", Ele está aceitando a responsabilidade pela presença do mal no meio da Sua criação. Não basta dizer, como Calvino¹⁵⁹ e outros, que disseram que o "mal" mencionado por Isaiás se refere aos males dos juízos e punições que Deus envia aos homens. O texto parece ir muito mais profundo do que isso. A palavra usada para "criar" aqui em Isaiás 45.7, é *ברא* (*bara*), exatamente a mesma palavra que foi usada em Gênesis, quando da criação das coisas sem ter qualquer material pré-existente.¹⁶⁰ Portanto, Deus também chamou o mal à existência, mas Ele fez com que ele viesse ao mundo através da agência das criaturas racionais, tanto anjos como Adão e Eva, que agiram livremente, isto é, sem compulsão exterior alguma, apenas levados por seus desejos e conveniências, *incompreensivelmente* nascidos numa natureza santa com a qual foram criados.

Vejamos alguma coisa relacionada com o contraste entre as palavras usadas em Is 45.7. Deus disse: "Eu faço a paz e formo a luz". Não havia necessidade de Deus "criar" a paz e a luz, porque Deus é luz e paz (1 Jo 1.5; Gl 5.22). Deus compartilha a Sua vida com os homens quando lhes dá o dom da luz e da paz. Mas o mal é coisa muito diferente. Ele ainda não existia, e, por razões desconhecidas de nós, Deus resolveu dar origem ao que não havia antes. Por isso, o mal requer uma criação especial e, assim, as Escrituras inspiradas empregam a palavra *ברא* (*bara*), para referir-se à criação do mal.

Todas as respostas não estão, obviamente, aqui, mas não podemos fugir de um assunto que Deus aceita tratar abertamente sobre o pecado, embora não nos revele todos os seus detalhes.

PROPÓSITOS DO MAL MORAL NA PROVIDÊNCIA DIVINA

Não há nada sem propósito debaixo do sol. Esse é o ensino do pregador. Tudo tem um sentido e uma finalidade. Não é diferente com respeito à existência do mal no universo que Deus criou. Paulo disse que

Cl 1.16-17 - "...Tudo foi criado por meio dele e *para* ele."

Portanto, todas as coisas começam em Deus e terminam nele. Por isso, tudo é feito por meio dele e para ele. Deus não faz nada com base nos homens. Deus é base de tudo que faz e a razão última de todas as suas

159 No seu comentário de Isaiás, Calvino interpreta o mal como sendo "aflições, guerras e outras ocorrências adversas". Isto ele faz para livrar-se daqueles que ele chama de "fanáticos, que torturam a palavra *mal*, como se Deus fosse o autor do mal; mas é muito óbvio quão ridiculamente eles abusam desta passagem do profeta...Deus é o autor do mal de punição, não do mal de culpa". (Ver John Calvin, *Commentary on the Book of the Prophet Isaiah*, (Baker, 1981 edition), p.403.

160 Todavia, é bom lembrar aos leitores que nem sempre esse verbo hebraico, usado em Gênesis 1, possui a conotação de criação sem ter material pré-existente.

obras. Em última instância, Deus é a razão e o propósito das próprias coisas que faz. Veja a argumentação abaixo e verifique da veracidade dela:

A MANIFESTAÇÃO DA GLÓRIA DE ALGUNS ATRIBUTOS DIVINOS

Freqüentemente os ateístas tentam mostrar que Deus não existe por apontar para a existência do mal no mundo, como se a presença dele fosse incompatível com a existência Deus. É exatamente o contrário. Por causa da presença do mal no universo é que podemos verificar algumas facetas maravilhosas do caráter divino. Ele fez com que pela entrada do mal no universo fosse aberta a porta da manifestação de vários atributos de sua bondade que estariam eclipsados num mundo sem a existência do mal.

O aparecimento do mal moral no mundo tem um propósito definido. O mal moral veio à existência também para evidenciar os propósitos redentores de Cristo. Ele serviu-se dos males para tornar mais brilhante ainda o seu propósito salvador.

O Amor é Manifestado

A grande questão levantada por muitos é a seguinte: “Como pode um Deus de amor permitir a entrada do mal moral no mundo?” Essa pergunta revela a grande preocupação, especialmente a dos cristãos. Para eles o atributo amor elimina a possibilidade do mal ser permitido. Ao contrário. É num mundo cheio de maldade que o amor redentor fica em evidência.

Deus é amor na sua essência. Todavia, diferentemente da misericórdia e da graça que são mostradas somente após a entrada do pecado no mundo, o amor de Deus já era manifestado na eternidade entre as pessoas da Trindade. O Pai sempre amou o Filho e o Filho Pai. Portanto Deus é amor essencialmente e manifestou esse seu amor na eternidade. Eu também diria que mesmo antes da queda, Deus mostrou amor por suas criaturas quando as criou e quando as instruiu nas suas leis, mas o amor de que falo aqui é diferente na sua manifestação. É o amor redentor. Esse é o amor que excede todo o entendimento!

Todavia, a manifestação desse amor redentor é impossível num mundo santo. Na verdade, o amor redentor é que nos encanta, porque é amor mostrado a criaturas rebeldes e indignas! O amor mostrado entre as pessoas da Trindade é um amor a pessoas dignas, mas não é assim o amor de Deus por nós. Não há nada em nós que convide Deus ao amor. É um amor de condescendência, um amor voluntário e que vem em busca do objeto indigno que é amado. Como pode um Deus tão grande e santo ter amor por pessoas como nós, tão ingratas e más? É para que esse amor de salvação fosse maravilhosamente manifesto que o mal moral entrou em nosso mundo. O amor redentor de Deus só pode ser concebido num mundo de pecado, onde os homens são transgressores da lei divina.

A Misericórdia e Graça são Manifestadas

Deus é essencial e eternamente misericordioso. Mas nunca a sua misericórdia seria conhecida se não houvesse a manifestação do mal moral neste mundo. A misericórdia só pode ser entendida num mundo de miseráveis pecadores. Fora do contexto do pecado, jamais poderíamos ter noção desse maravilhoso atributo de Deus.

Embora Deus seja eternamente misericordioso, para que houvesse a manifestação da misericórdia, teria que haver pecadores necessitados dela. É nesse sentido que a entrada do mal moral neste mundo torna bela a manifestação da misericórdia divina. Nunca Deus poderia ser manifesto como misericordioso num universo onde a tônica fosse somente o bem. A misericórdia só se entende onde há mercedores de condenação.

Ainda assim, num mundo cheio de pecado, Deus não está debaixo da obrigação de mostrar misericórdia a quem quer que seja. Este é o ensino de Paulo em Romanos 9.15-18. A manifestação da misericórdia é produto da vontade divina. Não há nada no pecador que obrigue Deus ser misericordioso. A razão da misericórdia divina não é a miséria humana. Neste ponto também a Escritura é absolutamente clara. Todavia, se Deus resolve manifestar-se misericordioso, é num mundo de pecado que ele assim se manifesta.

A misericórdia divina é realçada quando ela é contrastada com a manifestação da ira divina. É por isso que, Daniel Fuller, maravilhado com esse assunto, levanta a seguinte pergunta: “Como poderia a misericórdia de Deus aparecer como grande misericórdia se ela não fosse estendida a pessoas que estão debaixo da sua ira e, portanto, poderiam somente suplicar por misericórdia?”¹⁶¹ Se não houvesse o mal moral no mundo, nenhum ser criado haveria de suplicar pela misericórdia divina. Em outras palavras, o Deus misericordioso nunca haveria de ser glorificado.

A graça é o lado oposto da mesma moeda da misericórdia. Se, por um lado, na misericórdia Deus deixar de dar ao pecador o que ele merece — a condenação de morte, por outro lado, na graça Deus concede ao pecador o que ele não merece — a vida. O atributo da graça de Deus é glorificado quando Deus sem manifesta gracioso para com os ofensores dele. Nunca se pode pensar em graça a não ser num mundo onde é patente a presença do pecado.

A Santidade e Justiça são Manifestadas

A justiça de Deus nunca pode ser tratada à parte de sua santidade. Ira de Deus e santidade estão absolutamente juntas. É sua santidade que o obriga a manifestar justiça. A ira de Deus é a sua asserção justa de sua santidade contra o pecado. Se não houve a manifestação da sua ira, nunca conheceríamos a sua natureza santa que é zelosa da sua lei. Deus vindica a sua santidade na manifestação da sua justiça, condenando o pecado. É somente o contraste com o pecado que ficam realçadas a santidade e a justiça divinas.

Da mesma forma que raciocinei nos pontos anteriores, o faço aqui. Jamais conheceríamos o atributo da justiça divina se não houvesse um mundo contaminado pelo mal moral. Se não houvesse o mal moral, ou seja, o pecado entre suas criaturas, jamais ele poderia derramar a sua ira, como manifestação da sua santidade que exige a aplicação da justiça. A justiça divina é manifestamente exaltada quando da punição do mal moral. Assim como na misericórdia a bondade de Deus com as criaturas caídas é exaltada,

¹⁶¹ Daniel Fuller, *The Unity of the Bible*, citado por John Piper, *The Justification of God: Na Exegetical and Theological Study of Romans 9.1-23*, segunda edição (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1993), 315.

assim também a manifestação da justiça divina em ira exalta a sua santidade.

A punição dos pecadores (que não aconteceria se não houvesse o mal moral no mundo) é a grande ocasião para Deus glorificar-se a si mesmo como o Deus santo, justo e poderoso. Santo porque não pode contemplar o mal impassível; justo porque, por sua natureza, ele não pode tolerar o mal sem puni-lo; poderoso porque tem todas as coisas em suas mãos e executa poderosamente a sua justiça em ira sobre os pecadores.

O Poder é Manifesto

No aparecimento do mal no universo o poder de Deus é exaltado tanto no que tange à misericórdia quando ao juízo. Não é estranho que o poder de Deus seja manifesto na punição dos ímpios. A sua justiça é manifesta com todo o poder. Deus lança os ímpios nas profundezas do inferno, na dia final. O julgamento do pecado é a reação da ira divina que demonstra a perfeição da sua santidade. Assim, quando Deus demonstra poderosamente a sua ira, ele é glorificado nela. Isso não significa que Deus tenha prazer na condenação do pecador, mas que ele tem zelo por sua própria natureza santa. Ele tem prazer na manifestação daquilo que lhe é próprio — a sua justiça.

Todavia, é extremamente curioso que o poder de Deus esteja ligado à manifestação da sua misericórdia. Mas parece ser exatamente isso que Paulo diz aos crentes de Roma:

Rm 9.22-24 - “Que diremos, pois, se Deus querendo mostrar a sua ira, e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição, a fim de que também desse a conhecer as riquezas da sua glória em vasos de misericórdia, que para glória preparou de antemão, os quais somos nós, a quem também chamou não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios?”

Ao mesmo tempo em que Deus revela o seu poder em vasos de misericórdia que de antemão preparou, ele também glorifica o seu poder na manifestação da sua ira. Deus é poderoso no seu amor, na sua graça, na sua paciência e, também, na sua misericórdia. Quando falamos em misericórdia e paciência, temos que lembrar de que Deus exerce o seu poder sobre si mesmo, para não fazer descer a sua ira sobre o pecador. Por causa do seu poder sobre si (que se não exercido nenhum pecador receberia misericórdia) Deus não condena pessoalmente aqueles a quem ele amou. Sem exceção todos seriam pessoalmente punidos em virtude do merecimento dos seus pecados. Mas Deus resolve mostrar misericórdia com eles e, para que assim aconteça, ele exerce o seu grande poder sobre si, a fim de que os esses pecadores não sejam punidos. A santidade divina exige o pagamento dos pecados, mas a poderosa misericórdia faz com que o pecador não receba pessoalmente a penalidade dos pecados. O amor poderoso de Deus faz com que o pecador seja substituído por Jesus Cristo, pois a santidade de Deus exige a punição do pecado. Nesse caso, Deus é glorificado no poder da sua misericórdia!

Portanto, num mundo sem pecado o seu poder de salvação e condenação nunca seriam manifestados. O aparecimento do moral no mundo de Deus tem como objetivo exaltar a glória do poder de Deus. Não podemos fugir desse raciocínio, pois ele tem o pesado apoio das Santas Escrituras.

A MANIFESTAÇÃO DA GLÓRIA DA SOBERANIA DE DEUS

Deus criou todas as coisas para determinados fins, inclusive o ímpio para o dia da calamidade (). Essas palavras foram ditas por Salomão, o mais sábio entre os homens do seu tempo. Nada acontece à parte do plano soberano de Deus

Pessoalmente não creio que a soberania de Deus seja um atributo específico seu. Essencialmente Deus é soberano e, por causa disso, todos os seus atributos possuem a coloração da sua soberania. Deus é soberano em todos os seus atributos que o relacionam com a redenção do homens. Deus é soberano no seu amor, na sua misericórdia, na sua bondade, na sua paciência, na sua graça e nas decisões da sua vontade. Portanto, a soberania divina é glorificada também no aparecimento do mau nesse universo.

A sua misericórdia é uma manifestação da sua soberania. “Eu terei misericórdia de quem eu quiser ter misericórdia (Rm 9.15-18). Ninguém pode reclamar ou reivindicar misericórdia. A exigência da misericórdia é uma contradição de termos. Por essa razão, ele diz que a manifesta quando e a quem ele quer. O livro de Êxodo, no capítulo 33, declara a liberdade soberana na manifestação da misericórdia. Nesse capítulo, Moisés diz a Deus que quer ver a sua glória. Entre outras coisas, Deus afirma que ele haveria de mostrar a sua misericórdia dizendo que teria misericórdia de quem ele resolvesse ter misericórdia, o que mostra a gloriosa liberdade soberana de Deus de fazer todas as coisas como lhe apraz. Não há como discutir isso dentro da revelação das Escrituras!

O seu amor é uma manifestação da sua soberania. Deus elege as pessoas porque ele as ama. Ele resolve amar alguns e não demonstrar esse amor a outros. Sem levar em conta o que os homens haveriam de fazer, Deus disse: “Eu amei a Jacó e odiei a Esaú” (Rm 9.13). Amor não é dívida que Deus tem com os homens. É um produto de sua soberania. Ninguém pode reivindicar amor de Deus, porque ele não tem a obrigação de amar ninguém. Quando ele resolve demonstrar o seu amor, os homens devem apenas ser gratos por esse amor, amando-o de volta. O seu amor soberano deve ser sempre glorificado!

A glória da soberania divina sempre será glorificada na vida dos seres humanos, quer eles a aceitem ou não. Se não crêem em Deus, sobre eles já pesa a condenação. Nesse caso, o atributo da sua santidade é glorificado na manifestação da sua justiça. Se os homens não são salvos, mas deixados nos seus próprios pecados, a soberania dele é glorificada. Se os homens são salvos, o seu amor salvador é glorificado! Em todas as coisas que acontecem no mundo a determinação soberana de Deus é glorificada.

Todavia, se Deus resolvesse não mostrar nunca a sua misericórdia e o seu amor, ele não seria glorificado plenamente pelos homens, pois estes

nunca conheceriam esses seus atributos. A sua glória nunca seria plenamente manifestada, pois os homens nunca poderiam conhecer essas características do caráter divino.

Na plena manifestação da sua glória (que requer o aparecimento do pecado no mundo) Deus está sendo muito amoroso e bondoso. Precisamos aprender a ver que todas as coisas têm significado e propósito no mundo de Deus. O pecado ou o mal moral não é uma exceção. Louve a Deus por sua soberania e veja que ela, nas suas múltiplas manifestações, contribui para o nosso conhecimento do caráter divino e as múltiplas possibilidades que temos para glorificar o seu santo Nome!

REAÇÃO DA PROVIDÊNCIA DIVINA AO MAL MORAL

Deus é um ser absolutamente santo e sua santidade o obriga a punir os males morais que os seres racionais praticam. Deus não é um ser impassível diante do pecado. Por causa da sua santidade, ele não pode contemplar o mal. Foi o profeta Habacuque quem disse essas palavras a respeito de Deus, quando tudo indicava que ninguém seria punido na terra de Israel. O profeta vindicou a justiça divina que certamente é será efetuada no tempo próprio.

Às vezes Deus se demora em manifestar a sua justiça contra os que praticam o mal moral, justamente porque ele é longânimo, adiando a manifestação da sua ira. Por causa do adiamento da aplicação da justiça, até os próprios crentes ficam duvidando e reclamando da atitude paciente de Deus. Eles perguntam: “ Até quando ó Deus ficarás silente diante de tanta maldade?”. Mesmo os crentes já glorificados manifestam a sua impaciência diante da longanimidade de Deus para com os homens ímpios (veja Ap 6.10). Todavia, a sua paciência prolongada não elimina a manifestação certa da sua santa justiça em ira.

Punição dos seres angelicais

Os seres angélicos que serão punidos resolveram pecar contra Deus, embora não saibamos com exatidão qual a natureza do seu pecado. Podemos apenas inferir que foi o orgulho por uma sugestão que há no pensamento de Paulo. Este diz que os oficiais da igreja não deviam ser neófitos para “não se ensoberbecerem, e incorram na condenação do diabo” (1 Tm 3.6).

Judas faz uma referência rápida, mas significativa a respeito da origem, do ato e do destino dos anjos que pecaram contra o Senhor.

Judas 6 - “a anjos, que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio, ele tem guardado sob trevas, em algemas eternas, para o juízo do grande dia.”

Há algumas observações que devem ser feitas para a melhor compreensão deste verso de Judas.

— O verso diz que eles “não guardaram o seu estado original”. Esse estado original era de santidade. Eles eram santos por criação. Deus fez tudo de acordo com a santidade da sua própria natureza. Os anjos vieram de

suas santas mãos e a sua criatura não era diferente dele no que respeita à pureza. Esse era o estado original deles.

— Embora fossem santos por criação, ele abandonaram o seu próprio domicílio”. O que quer isso dizer? Significa que Deus deu-lhes a capacidade da escolha contrária, isto é, a capacidade de agir contrariamente à natureza santa com a qual foram criados. Em geral, alguns teólogos chamam essa capacidade de “livre-arbítrio”. Então, usando mal essa capacidade, eles acabaram pecando contra o Senhor.

— Sempre a justiça divina se manifesta contra o pecado, mesmo dos seres angelicais. Nenhum transgressor está isento das penas da justiça divina. Por essa razão, o texto de Judas diz “ele tem guardado sob trevas, em algemas eternas, para o juízo do grande dia.” É importante observar que Deus é o aplicador da pena. Esse direito ele não reparte com ninguém. É o legislador que tem suas leis violadas que tem o direito de punir os violadores da sua lei. Os pontos a seguir são ilustrados por mais dois versos na Escritura.

2 Pedro 2.4 – “Ora, se Deus não poupou a anjos quando pecaram, antes, precipitando-os no inferno, os entregou a abismo de trevas, reservando-os para juízo, e não poupou o mundo antigo...”

Os anjos já estão guardados sob trevas. A condenação já caiu sobre eles. Deus não poupou nenhum anjo. Ele os entregou para o lugar de trevas, que é expressão da ira divina com os transgressores da sua lei. Eles estão algemados, presos. Essa é uma expressão figurada que significa que eles estão sob a vigilância divina, e que eles não fazem nada que esteja além do cumprimento dos propósitos de Deus.

Apenas eles aguardam o dia final, quando para sempre serão lançados no lago de fogo.

Ap 20.10 - “O diabo, o sedutor deles, foi lançado para dentro do lago de fogo e enxofre, onde também se encontram não só a besta como o falso profeta; e serão atormentados de dia e de noite pelos séculos dos séculos.”

A segunda morte (ou o lago de fogo) é a punição final não somente dos homens pecadores (a Besta e o falso profeta), mas também dos anjos que não guardaram o seu estado original. Ali eles estarão para sempre debaixo de tormentos, onde certamente o atormentador e o aplicador da vingança será Deus.

Os anjos que pecaram já estão provisoriamente punidos. Já estão sob trevas, algemados.

O curioso é que os primeiros a serem punidos eternamente serão os primeiros que pecaram primeiro no mundo de Deus. Antes dos homens, os anjos caídos é que serão lançados na punição definitiva.

Punição dos homens Incrédulos

Em resumo, podemos dizer que além do diabo, seus anjos, a besta e o falso profeta (Ap 20.10), todos os pecadores impenitentes, os que não foram

remidos por Jesus Cristo, serão os objetos da ira divina. Todavia, essa punição tem duas manifestações na existência dos ímpios.

Punições Temporárias

As punições temporárias também indicam a providência retributiva de Deus da qual nenhum transgressor da lei divina escapa. A Escritura diz que “de Deus não se zomba: pois aquilo que o homem semear, isso também ele ceifará” (Gl 6.7). Esse princípio da lei divina é infalível. Alguns podem chamá-lo de “ironia do destino”, mas o certo é que a justiça é aplicada por Alguém justo e santo.

Falando das retribuições divinas aos praticantes dos males morais, o Salmista diz:

Sl 7.14-16 - “Eis o ímpio está com dores de iniquidade, concebeu a malícia, dá à luz a mentira. Abre e aprofunda uma cova, e cai nesse mesmo poço que faz. A sua malícia lhe recai sobre a cabeça, e sobre a própria mioleira desce a sua violência.”

Deus é absolutamente justo na aplicação dessa justiça retributiva. Ele não falha. Mesmo que aparente o contrário, as punições temporais vêm sobre os homens ímpios. Os males morais sempre vêm acompanhados, mais cedo ou mais tarde, das conseqüências das quebra das leis divinas.

Uma outra coisa que tem que ser observada é que essas punições temporárias não vêm para todos os transgressores da lei no mesmo grau, nem na mesma intensidade ou extensão. Esse é um dos mistérios dessas punições temporárias. Nem sempre recebem mais os que desenfreadamente pecam mais. Por causa dessa distribuição divina é que o salmista no Salmo 73 começa a ter inveja de alguns ímpios que viviam regaladamente, sem sofrer o que ele pensava que deviam sofrer já nesta vida.

Punição Eterna

João, o profeta, dá algumas sugestões específicas dos participantes deles

Ap 21.8 - “Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte.”

Essa segunda morte é a pena inescapável daqueles que são transgressores das leis divinas. Quando o mal moral é cometido, certamente a punição tem que vir por causa da justiça divina que tem por base a sua santidade. Os pecadores mencionados no verso acima não esgotam a lista de transgressores, mas são ilustrativos de como Deus se ira contra os males morais. Perceba que todos os pecados mencionados são transgressores de leis morais das quais Deus é o vingador.

Mateus 25.41 – “Então o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos.”

Aos transgressores, o Cordeiro de Deus, que agora se manifesta como Rei com a prerrogativa de juiz, vai proferir a sentença que cai sobre eles, que é terrível.

Observe que as pessoas que são objeto da ira divina chamados de “malditos”. Eles estão em oposição aos “benditos de meu Pai” (do v.34). Sobre os ímpios permanece e, ao mesmo tempo, recrudesce a ira de Deus. A maldição divina que caiu sobre Jesus Cristo (que substituiu os eleitos de Deus — e que os livra da ira vindoura), agora cai pessoalmente sobre aqueles que permanecem nos seus pecados. Eles são amaldiçoados de Deus.

Ela fala da separação das bênçãos consoladoras de Deus, que é o abandono final e definitivo de suas criaturas. Nunca mais elas experimentarão qualquer espécie de graça da parte de Deus. Enquanto aqui neste mundo, elas experimentam algum tipo da bondade de Deus que chamamos de “graça comum”. No dia final, eles serão banidos dessa possibilidade. Por essa razão que o escritor sacro diz que “coisa horrível é cair nas mãos do Deus vivo”! (Hb 10.31).

Mt 7.21-23 – “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! Entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então lhes direi explicitamente: Nunca vos conheci. Apartai-vos, os que praticais a iniquidade.”

O curioso destes versos é que não somente os incrédulos ou zombadores, ou os que são contra a religião é que receberão a punição divina. Também serão objetos da ira do Cordeiro aqueles que são religiosos, mas que usam indevidamente o nome de Jesus para as suas práticas religiosas como fazer profecias, expulsar demônios ou a apresentação de milagres. Muitos podem ter essas práticas religiosas e, todavia, ainda serem consideradas pessoas ímpias. Essas pessoas conhecidas entre os homens como “piedosas” mas que são praticantes da iniquidade, receberão o “apartai-vos” de Jesus Cristo, mas aqui o texto mostra o seu desagrado de uma maneira inusitada. Jesus lhes dirá: “Nunca vos conheci”. Obviamente, esta expressão é um hebraísmo, que significa que Jesus Cristo nunca havia botado o seu coração neles. Então, o “apartai-vos” vem como consequência das práticas pecaminosas deles. As “iniquidades” a que Jesus se refere são a quebra dos padrões morais estabelecidos por Deus. Por essa razão, a ira de Deus se manifesta contra essas transgressões.

Punição Temporária dos Cristãos

Os cristãos não escapam das punições temporárias de Deus, pois ainda este mundo está sob a maldição de Deus. Como os cristãos ainda vivem neste mundo, Deus mostra o seu desprazer contra os pecados deles. Há alguns exemplos muito tristes desse desgosto de Deus contra os males morais dos seus servos. O exemplo da situação de Davi é típico da reação divina contra os pecados do seu povo.

— Lembre-se do caso Davi que havia pecado moralmente contra Betsabá, contra o seu marido Urias e, por extensão contra toda a

comunidade de Israel e, principalmente contra o Senhor. Deus se desgostou contra o homem que ficou conhecido como sendo o “homem segundo o coração de Deus”.

Deus lhe enviou o profeta Natã que lhe comunicou uma sentença pesada que afetaria a sua própria vida pessoal e a vida dos seus descendentes. Após recordar a Davi o seu pecado (2 Sm 12.7-9), Natã lhe diz a Palavra do Senhor: “Agora, pois, não se apartará a espada jamais da tua casa, porquanto me desprezaste, e tomaste a mulher de Urias, o heteu, para ser tua mulher.” (v. 10). A dor que Davi sofreu por causa dessa punição divina foi ver seus filhos morrendo, e saber que toda sua descendência seria violenta e usaria a espada para expressar toda a sua violência.

— Lembre-se do caso da nação israelita no deserto, que havia cometido males morais contra o Senhor. Deus puniu aquela nação quase que toda. Veja o que Deus disse lha disse:

Nm 14.33-35 - “Vossos filhos serão pastores neste deserto quarenta anos, e levarão sobre si as vossas infidelidades, até que os vossos cadáveres se consumam neste deserto. Segundo o número dos dias em que espiastes a terra, quarenta dias, cada dia representando um ano, levareis sobre vós as vossas iniquidades quarenta anos, e tereis experiência do meu desagrado. Eu, o Senhor, falei; assim farei a toda está má congregação, que se levantou contra mim; neste deserto perecerão, e aí falecerão.”

Todos os membros da imensa congregação do deserto de deixou o Egito pereceram no caminho. Deus se desgostou deles e resolveu aplicar-lhes uma punição de caráter temporário. Eles foram libertos da escravidão do Egito, mas não receberam o grande privilégio de adentrar a terra da promessa. Esse era o sonho de deles — ter de volta a terra que Deus prometera a seu ancestral Abraão. Deus puniu-os fazendo-os perecer ali no deserto porque eles haviam cometido pecados contra o Senhor. Por quarenta anos eles sofreram como peregrinos no deserto e ainda não puderam ver a terra que mana leite e mel.

Não podemos tomar esta punição como significando que nunca entrariam no céu. Nesse caso teremos que aplicar o mesmo a Moisés, no exemplo seguinte.

— Lembre-se do caso de Moisés que teve o grande pecado de duvidar da palavra de Deus. Moisés foi o grande servo de Deus na dispensação da igreja do Antigo Testamento. Foi o varão mais manso que passou sobre a terra, mas assim mesmo, recebeu o desagrado de Deus porque havia duvidado de Deus. Libertou o povo, cumpriu a missão para a qual havia sido chamado, mas perdeu a grande alegria de entrar na terra. Pode saudá-la apenas de longe, mas não desfrutou do gozo de pisar na terra. Foi uma punição temporária. Deus o privou do gozo presente que apontava para um gozo futuro. Certamente Moisés está no gozo celeste, mas não desfrutou do privilégio de viver na terra da promessa a qual ele tanto prometeu ao povo ao sair do Egito.

Alguns opositores deste pensamento diriam que esse princípio de punição divina era típica somente do período do Antigo Testamento. O

princípio bíblico do Antigo Testamento é que aqueles que “semeiam ventos, segarão tormentas” (Os 8.7). Esse princípio do Antigo Testamento é repetido no Novo Testamento de modo ainda mais claro: “Pois aquilo que o homem semeia, isso também ceifará. Porque o que semeia para a sua própria carne, da carne colherá corrupção” (Gl 6.7-8). Todos os cristãos que foram punidos pelos seus pecados, são punidos nesta presente vida, uma punição temporária por algumas ofensas que aprouve a Deus punir. Esta, contudo, não é regra absoluta de Deus. Ele nem sempre nos pune, mesmo que temporária e parcialmente os nossos pecados. É por essa razão que Esdras disse a Deus: “Tu, ó nosso Deus, nos tens castigado menos do que merecem as nossas iniquidades”(Ed 9.13b).

Todavia, nenhum de nós pode negar que, às vezes, a ira parcial e temporária de Deus se manifesta mesmo entre os que são chamados pelo seu nome. A morte de Jesus Cristo em nosso lugar não elimina de nós esse desgosto pessoal de Deus contra os nossos pecados. Cristo Jesus nos livra da ira vindoura (), mas não necessariamente de manifestações temporárias do desagrado divino.

Você pode chamar esses exemplos de disciplina divina se você quiser, mas eu os chamo punição temporária, pois mostra o desgosto de Deus contra pecadores (ainda que remidos) que estão vivendo num mundo cheio de pecaminosidade. Deus pune seus próprios filhos, ainda que a punição seja apenas de caráter temporário e para o reconhecimento de seus próprios pecados e da justiça divina.

Disciplina temporária dos Cristãos

É muito estranho falar em punição dos crentes, pois Jesus Cristo já sofreu a punição no lugar deles. Contudo, o objetivo deste ponto é mostrar que Deus não se agrada quando os seus filhos praticam males morais. Ele tem castigo para eles. Embora o castigo que eles sofrem não possuam uma conotação judicial, temos que entender que há um meio pelo qual Deus mostra o seu desagrado para com o seu povo, quando ele peca.

Essa disciplina divina chamamos de *abandono*. Ela é muito diferente da punição dos incrédulos, que é para o mal deles. Todavia, a disciplina dos cristãos coopera para o bem deles. Esta matéria não trata do Espírito Santo saindo da vida dos crentes, mas da disciplina divina que suspende temporariamente as suas bênçãos como um meio de fazer os seus filhos enxergarem o pecado em que estão. Então, por graça divina, os seus filhos se voltam dos seus pecados, e o abandono é visto, em última instância, como cooperando para o nosso bem. É o assunto da aplicação deste capítulo.

APLICAÇÃO

O ABANDONO DE DEUS COOPERA PARA O NOSSO BEM

O abandono de Deus, em virtude de nossos males morais, acaba cooperando para o nosso bem. Há vezes em nossa vida que os males nos vêm quando Deus resolve retirar de nós a sua bondade, suspendendo temporariamente a influência benéfica do seu Espírito sobre seus filhos desobedientes. Nessas situações nos sentimos caídos, como que

abandonados de Deus, desesperados pela dor que a graça confortadora está ausente de nós, como produto do seu amor disciplinador.

Deus tem muita razão quando deixa de nos trazer a sua graça confortadora. Somos ainda maus e ainda transgredimos os seus santos mandamentos. Todavia, às vezes, a sua graça confortadora é retirada de nós não necessariamente por causa dos nossos pecados. Tornamo-nos muito tristes quando Deus nos deixa de abençoar temporariamente

Quando entregue à mercê das obras de Satanás em sua vida, que lhe trouxeram dores afetivas e físicas, trazendo grandes aflições, Jó exclamou:

Jó 6.4 - “Porque as flechas do Todo-poderoso estão em mim cravadas, e o meu espírito sorve o veneno delas; os terrores de Deus se arregimentam contra mim.”

Eu li em algum lugar que era um costume entre os persas nas suas guerras banhar as suas flechas no veneno das víboras para torná-las mais mortais ainda! As flechas envenenadas de Deus cravaram-se sobre a carne de Jó. Por essa razão, as suas feridas não saravam. O veneno era extremamente forte de forma que Jó as entendeu como sendo “terrores de Deus”. Quando as flechas de Deus nos atingem, elas fazem doer no mais profundo do nosso ser. Jó menciona que o veneno das aflições vindas das flechas de Deus atingiram o seu espírito que “sorve o veneno delas”. As flechas do Todo-poderoso não atingem apenas o exterior dos seus filhos. Atingem também o seu interior mais profundo. Por isso, o salmista exclamou: “Cordéis da morte me cercaram e angústias do inferno se apoderaram de mim. Caí em tribulação e tristeza” (Sl 116.3). É uma agonia para nossa alma ser abandonado de Deus, é como se as angústias do inferno se tivessem apoderado de nós.

Todavia, a despeito dessas flechas envenenadas que penetram o nosso ser, há algumas consolações que podemos receber:

O abandono de Deus é temporário

Com a finalidade de exercer sua disciplina sobre os seus filhos, Deus pode abandonar seus filhos deixando de lhes dar as coisas que regularmente lhes dá. Todavia, essa atitude disciplinar de Deus não é para sempre. O seu abandono dos filhos é temporário, para corrigir os seus filhos dos seus maus caminhos.

O Senhor deixa as almas de alguns crentes em aflição por um tempo determinado, mas as suas bênçãos logo voltam a nos inundar. A tristeza e angústias de alma que os filhos de Deus experimentam pelo abandono de Deus não são perenes. Poderíamos dizer que essas tristezas podem durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã. Ela é passageira.

Há uma passagem no livro do profeta Isaías que ilustra o que dissemos acima:

Is 54.5-8 - “(5) Porque o teu Criador é o teu marido; o Senhor dos Exércitos é o seu nome; e o Santo de Israel é o teu Redentor; ele é chamado o Deus de toda a terra. (6) Porque o Senhor te chamou como a *mulher desamparada e de espírito abatido*. Como a mulher

da mocidade, que fora *repudiada*, diz o teu Deus. (7) *Por breve momento te deixei*, mas com grandes misericórdias torno a acolher-te; (8) *num ímpeto de indignação escondi de ti a minha face por um momento*; mas com misericórdia eterna me compadeço de ti, diz o Senhor, o teu Redentor.”

Há vários pontos nesta bela passagem que precisam ser analisados:

1) Este texto trata figurativamente das relações entre Deus e seu povo como sendo a relação entre marido e mulher (v.5). Os crentes são a esposa do Cordeiro. A ênfase está em que o marido é (a) o *Criador* dela; (b) o marido é também dito ser o *Senhor dos Exércitos*, isto é, o que possui um poder irresistível, um domínio absoluto e universal, reinando sobre todas as hostes celestiais e terreas; (c) o marido é chamado o *Santo de Israel*. No período do Antigo Testamento, a igreja era regida pelo marido, que era chamado de o Santo de Israel. Era o mediador do pacto entre Deus e a nação teocrática; (d) o marido é o *Redentor* da esposa. A função do Cordeiro é a de ser o salvador daqueles que o Pai entregou para ele. A igreja é composta desses a quem o Pai deu a Cristo. Portanto, ele veio para não somente instituir formalmente a igreja, mas para redimi-la; (e) o marido é chamado de o *Deus de toda terra*. Na administração do reino de Deus, Jesus Cristo, exercendo o seu reinado messiânico, sendo o esposo da igreja, é reconhecido ser o Deus de toda a terra, porque ela governa o mundo com a autoridade que lhe foi confiada pelo seu Pai.

2) Um pouco de história ajuda a entender o contexto destes versos acima. Israel era ainda recém-nascida quando Deus a encontrou (Ez 16.4-6). Ela cresceu, ficou bonita (Ez 16.7); Deus botou o coração nessa linda moça e se enamorou dela (Ez 16.8); por causa de seu amor por ela, Deus a enfeitou com belos adornos e ela ficou ainda mais bonita, tornando-se rainha entre as nações (Ez 16.10-13). Ela ficou famosa por causa da beleza que o Senhor havia posto nela por causa da sua glória (Ez 16.14). Todavia ela começou a ter consciência da sua beleza e da sua formosura, e começou a pecar contra Aquele que a havia enfeitado e lhe dado todas as coisas boas, traindo-o com outros amantes (Ez 16.15-59); ela fica escrava dos seus amantes tornando-se infiel àquele que tanto a amou.

3) A atitude de infidelidade da esposa causa uma reação de ira no esposo. Por essa razão, o verso 8 diz que Deus teve “*um ímpeto de indignação*”. A indignação de Deus é absolutamente justa. Um marido santo e amoroso tem todo o direito de indignar-se com a atitude desleal de sua esposa. A santidade de Deus não o deixa ficar impassível diante da ofensa tão desleal. Mesmo amando a esposa, por causa da sua santidade manchada, Deus não deixou de mostrar seu ímpeto de indignação.

Quando abandonamos o bom relacionamento com Deus e abandonamos as suas verdades, Deus retira de nós as suas bênçãos com santos propósitos. Deus nos deserta quando nós o desertamos. O seu abandono é sempre resultado da nossa ingratidão com aquele que tanto nos amou e pôs a sua beleza e formosura em nós.

4) O ímpeto de indignação no marido traído é abandonar o apoio à sua esposa. No texto de Isaías 54.6 o profeta diz que a mulher é *desamparada* pelo marido (veja ainda Isaías 57.16-17). No nosso texto básico podemos ver

uma mulher jovem abandonada em toda o vigor da sua juventude. Quando Deus abandona a esposa, geralmente é porque ela o abandona primeiro.

O texto ainda diz que o desamparo se evidencia no fato dele dizer: “*escondi a face de ti*” (v.8). O que significa esconder a face? Certamente, quando pecamos contra Deus, ele vira o seu rosto de nós, e mostra a sua indignação afastando as suas bênçãos graciosas de nós. Significa que ele não ouve as nossas orações por causa da sua indignação em virtude dos nossos pecados. Os nossos pedidos não são levados em conta. É verdade que “os olhos do Senhor repousam sobre os justos, e os seus ouvidos estão abertos ao seu clamor” (Sl 34.15), mas há vezes que não nos portamos como justos e, então, percebemos que o rosto do Senhor está contra os que praticam o mal” (Sl 34.16^a). A sua indignação mostra o seu desprazer com os nossos pecados.

Mesmo amando-nos Deus no momento da sua indignação vira o seu rosto de nós. Deus nos trata com repúdio por algum tempo. É interessante notar que, de maneira justa, essa esposa é *repudiada* pelo seu marido (v.6). Afinal de contas, ela agiu deslealmente ao amor leal e sincero do seu marido.

5) Essa mulher é desamparada e, por causa disso, ela possui um *espírito abatido* (v.6). Por causa dos seus pecados e do conseqüente abandono do seu marido, ela é deixada ao sabor dos homens ímpios que a tomam. Ela vai para o cativeiro da Babilônia e fica lá durante todo o período proposto por Deus em grande abatimento. Nesse sentido, estar na Babilônia é estar no lugar de exílio, de abandono, da ausência das bênçãos consoladoras de Deus. O exílio é um tempo de saudade dolorida pela lembrança dos tempos em que eles podiam adorar alegremente ao Senhor no seu santo templo. Mas agora eles estavam acabrunhados, abatidos, desconsolados, com o espírito abatido.

6) Todavia, a alegre nova desses versos é que esse abatimento é temporário porque o texto diz que o abandono de Deus é por período determinado. No caso de Israel, o abandono no cativeiro durou muito pouco — 70 anos. Se contarmos a história longa de Israel, esse período de cativeiro é muito pequeno. No cativeiro o povo ficou sem uma porção de bênçãos espirituais e materiais que o fariam feliz e cheio de júbilo.

Por essa razão, o texto de Isaías 54 usa duas expressões muitíssimo claras para mostrar a brevidade dos dias de abandono. Deus diz ali: “*Por breve momento te deixei*” e “num ímpeto de indignação escondi a minha face por um momento”.

Ainda bem que a indignação de Deus com o seu povo não é para sempre. Logo ela se desfaz. Ele se comove em amor para com seu povo. Então, ao invés de continuar em ira, ele faz exatamente o contrário: ele manifesta a sua misericórdia. “Na sua ira, ele se lembra da sua misericórdia” (). Quando ele se indigna, ele afasta as suas bênçãos do povo, mas quando ele é misericordioso, ele recebe de novo o seu povo, ele *torna a acolhê-lo*. Depois da indignação, vem a misericórdia eterna de Deus sobre o seu povo pecador. A indignação é pouca, mas a misericórdia é grande! A indignação tem uma duração curta enquanto que a misericórdia dura para sempre!

Portanto, quando Deus nos abandona, é temporário. Graças a Deus sua indignação é de pouca duração! Todavia, ela é necessária para aqueles que o amam.

O abandono de Deus é somente para os crentes

Deus não abandona os ímpios. Somente os crentes. Não pode ser dito que Deus abandona os ímpios porque Deus nunca foi o Deus deles. Eles nunca conheceram o que é o amor de Deus e nunca foram objetos do amor divino. Nunca eles ficarão com espírito abatido porque nunca conheceram o que a consolação significa. Aqueles que não pertencem ao povo de Deus podem conhecer a falta de riqueza, a falta de saúde, a falta de amigos, mas nunca saberão o que significa ficar sem o favor redentor de Deus, porque nunca foram objetos dele.

Deus abandona temporariamente (por breve tempo) aqueles a quem ele ama porque ele tem um objetivo precioso na vida deles ao discipliná-los com a ausência temporária das suas bênçãos.

Quando você for objeto do abandono de Deus, não tenha temores de não pertencer à família dele. Ao contrário, se o Senhor o abandona, deixando-o na tristeza e aflição, é um grande sinal de que ele o ama e de que você faz parte da sua família. É somente a filhos que Deus disciplina. Nunca é dito nas Escrituras que o Senhor abandonou ou retirou o seu amor dos homens ímpios, porque eles nunca o tiveram. Ser abandonado de Deus significa que você pertence ao seu povo.

Com o seu povo a indignação divina dura pouco, mas com aqueles que não são seu povo, a indignação dura para sempre porque nunca serão eles objetos da amor perdoador de Deus. Contudo, com seu povo, a sua ira dura um momento. Todavia, seu favor dura eternamente.

O abandono de Deus é benéfico para nós

Porque traz cura à preguiça de nossa alma

Se há um pecado muitíssimo comum na vida da igreja contemporânea é o pecado da preguiça espiritual. Tem havido uma falta de comprometimento muito acentuada na vida de muitos crentes individuais como produto de um desinteresse e frouxidão espiritual. Não há nada que mais entristeça Deus e cause nele uma espécie de náusea do que o desinteresse dos seus filhos em virtude deles pensarem de si mesmos como não mais necessitados dele.

Ap 3.16-17 - “Assim, porque és morno, e nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-se da minha boca.; pois dizes: Estou rico e abastado, e não preciso de cousa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu.”

Foi exatamente essa sensação de náuseas que Jesus sentiu por alguns crentes da igreja de Laodicéia, na Ásia Menor, que estavam mornos nas suas atividades cristãs, porque se achavam satisfeitos consigo mesmos. Por que geralmente ficamos preguiçosos em nossos deveres espirituais? Porque achamos que estamos com a quantidade suficiente de bênçãos em nossas vidas e que não precisamos mais de cousa alguma.

Então, por breve tempo, Deus nos deixa sem as belezas da sua bondade. Ele nos abandona, retirando de nós a riqueza de sua graça e, como resultado, nós nos vemos desamparados e acordamos para a realidade de nossa vida que, ao invés de ser como pensávamos que era, reflete a realidade apresentada por Jesus, que diz: “e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu”. Acordamos para a nossa real situação, e, em graça nos voltamos para ele em arrependimento por causa de sua disciplina, pois esta é dada somente àqueles a quem o Senhor ama (v.19).

Porque faz-nos abandonar o amor ao mundo

Se o cristão não anda de conformidade com o evangelho de Jesus Cristo, ele pode começar a manifestação algumas afeições desordenadas do seu coração. Se ele não se cuida, ele é passível de ser encontrado amando coisas que ele nunca deveria como filho de Deus que é. O apóstolo João adverte seus leitores contra as afeições desordenada da alma deles. Eles estavam sendo tentados a amar o que não deviam. Veja as palavras do velho João.

1 Jo 2.8 – “Não ameis o mundo nem as cousas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele.”

Podemos segurar as coisas do mundo em nossas mãos, como seguramos um ramalhete de flores, mas as coisas do mundo não podem se aproximar de nosso coração. Há coisas neste mundo que não são más em si mesmas. Podemos usá-las para as nossas reais necessidades. Todavia, elas podem vir a ser más se botamos o coração nelas. Há, contudo, outras coisas que são más em si mesmas e não é lícito que as usemos. Com essas coisas nem devemos brincar, porque se o fizermos podemos ser contados entre aqueles que não amam a Deus e em quem o amor de Deus não está. Fazendo estas coisas podemos estar mostrando que não amamos a Deus. As cousas deste mundo podem roubar o nosso coração do caminho da retidão. Portanto, não podemos ter amor pelas coisas que são contra o nosso amor a Deus. Todavia, freqüentemente nos surpreendemos amando o que nunca deveríamos amar. O amor ao mundo é inimizade contra Deus e ele se desgosta quando seus filhos começam a colocar o coração nas coisas deste século.

Quando isto acontece, porque Deus nos ama, ele nos desampara temporariamente, abandonando-nos em nossas angústias e, então, percebemos com tristeza quão felizes éramos quando não tínhamos amor ao mundo. Com a sua vara disciplinar cheia de amor ele nos açoita e nós acordamos para a realidade do nosso amor ao mundo e abandonamos as coisas nas quais estávamos colocando o nosso coração.

Em sua obra providencial, o abandono de Deus tem um papel extraordinário que nos ajuda a enxergar o nosso verdadeiro caminho. O abandono de Deus que nos atinge temporariamente faz desvanecer a glória das cousas do mundo, eclipsando o esplendor dos seus prazeres e fazendo com que percamos as afeições por elas. Então, o amor do mundo se vai de nosso coração! Bendita disciplina divina!

Porque faz-nos dar valor à graça divina

Estamos tão acostumados à bondade de Deus em nossa existência que não damos o devido valor a ela. As manifestações dela são muitas ao ponto de pensarmos que Deus não faz nada mais do que obrigação em manifestar a sua bondade graciosa a nós. Este comportamento está absolutamente errado. O salmista diz que “a tua graça é melhor que a vida” (Sl 63.3). Todavia, quando temos muitas manifestações dessa graça, ela se torna tão comum que perdemos a estima por ela.

Este é um fenômeno comum em qualquer área da existência humana. As pessoas. Damos o valor devido às coisas enquanto elas são novidade. Depois nos acostumamos com elas e elas não são tão importantes ao ponto delas perderem o devido valor para nós. Quando as pedras preciosas começam a aparecer muito regularmente elas já não chamam mais o interesse das pessoas. Todos somos novidadeiros com respeito a tudo, inclusive com as bênçãos divinas. Na verdade, com respeito às bênçãos espirituais, pensamos, “Deus está debaixo da obrigação de fazer o que faz por nós”.

Não há melhor meio de darmos valor às coisas quando as perdemos. Às vezes, Deus usa esse recurso em nossa vida para darmos valor à sua bondade cheia de graça. Valorizamos o seu amor quando Deus temporariamente o retira de nós para nos disciplinar. Se o sol brilhasse em nossa terra apenas uma vez por ano, quanta importância iríamos dar à sua luz cheia de calor! Portanto, quando a alma do crente não leva em conta o grande valor da graça divina que recebe diariamente, Deus pode, se assim quer, retirar de nós essa graça a fim de que aprendamos a dar valor ao seu grande amor para conosco!

Porque é um meio de tornar o pecado amargo em nós

Não pode haver maior miséria para nós, os filhos de Deus, do que sentir o desprazer de Deus conosco por causa dos nossos pecados. É muito triste para nós experimentarmos o desgosto do Altíssimo quando ele esconde a sua face de nós. Quando ele nos abandona temporariamente, sentimos quão amargo o pecado se torna. Eu não seria exagerado em dizer que quando Deus esconde a sua face de nós, então ele nos mostra quão amargo é aquilo que pensamos ser doce, pois o pecado ainda causa algum prazer em nossa natureza pecaminosa. Esta é uma triste verdade ainda presente em nossa vida que precisamos reconhecer.

Portanto, quando lhe apraz, o Senhor esconde o seu rosto de nós temporariamente, a fim de que possamos ver o seu desagrado com nossos pecados mostrando-nos quão amargo o pecado se torna para nós.

Quando sentimos o amargor do pecado, Deus então, se volta para nós e nos traz ao arrependimento e restaura-nos ao seu amor e favor. Essa é uma atividade do amor disciplinador de Deus que se entristece com os males morais de seus filhos.

Estes pontos acima são úteis para que entendamos os propósitos do abandono de Deus. Deus arranca proveito dos males morais em nossa vida para poder mostrar quão gracioso ele tem se tornado para conosco! O Senhor nos deixa temporariamente abandonados a fim de que possa nos mostrar a grandeza do seu amor perdoador, porque sua ira temporária não é

manifestação da sua justiça, mas do seu desgosto de um Pai amoroso com seus filhos, dando-lhes a disciplina de que precisam para o proveito da vida deles. Se você é disciplinado por Deus, levante as mãos para o alto e bendiga ao seu santo nome, porque isso demonstra que você faz parte da sua grande família, pois é somente a filhos que Deus disciplina!

CAPÍTULO 14

LIÇÕES SOBRE O MAL MORAL

Os males morais que vêm sobre o nosso mundo não são destituídos de propósito. Eles fazem parte de um grande plano providencial de Deus que é realizado inescapavelmente que, no seu escopo final, é benéfico para os crentes, porque a afirmação da Escritura é a de que todas as coisas (que incluem os males morais) cooperam para o bem daqueles que amam a Deus (Rm 8.28).

Portanto, os males morais nunca devem ser considerados somente nas suas conseqüências danosas mas também nos seus benefícios últimos.

As tentações e os pecados são os males morais vistos nesta parte do livro, porque são as coisas que mais nos afligem e nos intrigam. As duas coisas serão tratadas separadamente, apenas para fins didáticos, mas os pecados no mundo dos homens têm a ver com as tentações, sejam eles procedentes do próprio coração pecaminoso ou diretamente de Satanás.

O TENTADOR COOPERA PARA O NOSSO BEM

Já afirmei anteriormente que todos os seres racionais são funcionários de Deus. Não existe ninguém que não esteja ao dispor de Deus para a realização da sua vontade soberana. Satanás não foge à regra. Todos os seus atos estão debaixo do controle e governo soberanos de Deus. Ele é um instrumento de Deus que coopera para o bem dos que amam a Deus.

O TENTADOR É UM INSTRUMENTO DE DEUS

Se Deus assim decretasse, ele poderia evitar que houvesse tentação no seu mundo. Ele é poderoso para impedir qualquer obra maligna em nosso meio. Todavia, ele é suficientemente soberano para servir-se de instrumentos para que sejamos tentados.

As tentações vieram porque ele enviou o Tentador a este mundo. Quando ele caiu em pecado, Deus o lançou neste mundo, para cumprir o seu propósito instrumental.

Satanás é o grande molestador dos cristãos. Ele vive passeando por nosso mundo (Jó 1.7; 2.2), porque ele é o lugar que lhe foi dado por Deus para que ele pudesse trabalhar como seu instrumento. Se não crermos dessa maneira, como a Escritura apresenta, teremos de admitir que Deus *não pode* fazer nada para impedir que ele faça o que ele sabe fazer tão sagazmente. Isso tornaria nosso Deus tão pequeno e impotente como alguns pensam que ele é! Portanto, Satanás percorre a face da terra para causar mal-estar aos filhos de Deus, incitando-os a desobedecer as leis estabelecidas do grande e santo Legislador. Ele vive para causar desconforto a nós e a todos os filhos de Deus espalhados pela face da terra.

Todavia, a despeito de todo o seu propósito mau no mundo dos homens, ele é o servo de Deus para cumprir os seus santos propósitos em nossa vida.

A Finalidade do Instrumento divino

A finalidade proposta por Satanás, que é um ser que possui livre agência, é perturbar, azucrinar, humilhar, desassossegar e derrubar os cristãos. Contudo, toda essa tentativa de Satanás é para cumprir o propósito divino de fortalecer a vida dos crentes, criando neles uma perseverança inamovível!

Ser tentado implica em algum tipo de sofrimento (Hb 2.18) e, no sofrimento o cristão é amadurecido, porque a tentação é uma espécie de prova ou teste a que Deus submete os seus filhos. A finalidade do teste é não somente averiguar o estado espiritual dos cristãos mas também torná-los experimentados e amadurecidos nessa esfera tão difícil da caminhada cristã.

É importante aprender da Escritura que a provação está relacionada com a tentação. É bom lembrar que as duas palavras abaixo, *provação* e *tentação*, possuem a mesma raiz e estão intimamente relacionadas. Tiago fez essa relação:

Tg 1.12-13 - “Bem-aventurado o homem que suporta com perseverança a *provação*; porque, depois de ter sido aprovado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor prometeu aos que o amam. Ninguém ao ser tentado, diga: sou *tentado* por Deus. Porque Deus não pode ser tentado pelo mal, e ele mesmo a ninguém tenta.”

Ser tentado é ser provado por Deus pela instrumentalidade de Satanás e por nós mesmos, de onde a tentação também procede. A finalidade da provação através da tentação é causar perseverança em nós, pois a perseverança produz experiência e a experiência esperança.

A Inteligência do Instrumento Divino

Satanás não é onisciente, mas ele é um astuto observador do comportamento humano. Ele observa você a mim e vai conhecendo o nosso temperamento e o modo como reagimos diante das situações. Ao observar a raça humana por milênios, Satanás aprendeu a lidar com ela e a lançar os seus dardos inflamados de acordo com as fraquezas de nosso temperamento. Como um inteligente lavrador ele lança a semente de acordo com o solo que tem. Como um astuto pescador, ele usa a isca própria para fisgar o tipo de peixe que quer. Não é qualquer isca que serve para pegar todo tipo de peixe como não é qualquer arapuca que serve que caçar todos os tipos de animais. Portanto, Satanás, conhecendo os nossos temperamentos ele adapta o tipo de tentação a que mais somos suscetíveis.

Jamais Satanás irá tentar-nos numa área em que somos fortes, ou que seja fortemente contrária ao nosso temperamento. A política astuta de Satanás é atacar onde nós nos tornamos atacáveis.

Além disso, ele sabe a hora exata de nos tentar. Ele não nos tenta a qualquer instante. Ele procura as melhores condições psicológicas e afetivas que são as horas em que enfrentamos problemas ou quando pensamos que

estamos fortes, quando estamos cheios de nós próprios, sentindo-nos inatacáveis, quando nos imaginamos seguros. Quando menos suspeitamos, ele lança os seus dardos inflamados.

O Poder do Instrumento Divino

Deus concedeu poderes a Satanás na sua tarefa de tentar os seres humanos. Deus lhe deu, pela observação constante da vida dos homens, a capacidade de excitar a corrupção inata dos homens e levá-los ao pecado. Ele conhece a inclinação para o pecado que os filhos de Deus possuem e ele a excita. Embora, ele não possa forçar os filhos de Deus a pecarem, através de sugestão, ele os provoca ao mal.

1 Cr 21.1 – “Então Satanás se levantou contra Israel, e *incitou* a Davi a levantar o censo de Israel.”

Sem se dar conta Davi caiu na armadilha de Satanás. Ele acabou fazendo o que o instrumento de Deus queria. É verdade que por detrás das obras de Satanás estava Deus que manifestou-se em ira contra os israelitas (2 Sm 24.10), mas o texto acima mostra como é poderoso o nosso inimigo. Ele incitou Davi a que fizesse o censo.

O poder das obras de Satanás afetam alguns filhos de Deus que andam desatentos. É o caso acima. Esses são males que vem sobre essas pessoas e desagradam a Deus, que acabou por punir o seu povo (1 Cr 21.7).

O poder de Satanás se evidencia no fato de trabalhar na consciência das pessoas, inculcando nelas para laborarem em erro, cegando-lhes o entendimento para que não percebam a astúcia da sua obra. Somente depois que caem e percebem o estrago causado pelos seus atos é que percebem que foram vítimas da armadilha de Satanás. Portanto, é de extrema necessidade o cristão estar alerta com a ação poderosa e astuta do Maligno. Por essa razão, Pedro nos adverte a todos:

1 Pe 5.8-9 - “Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar; resistir-lhe firmes na fé...”

Esse verso mostra a violência poderosa com que ele nos ataca para nos destruir. Ele é mais poderoso do que nós. Por essa razão, temos que usar de nossa fé no Senhor para fazer-lhe resistência. Do contrário, confiados em nós mesmos, haveremos certamente de cair.

Satanás, é muito inteligente, astuto e poderoso! Mesmo sabendo que ele é instrumento de Deus para nos tornar perseverantes, temos que andar atentos ao que ele tenta fazer contra nós. A finalidade de Deus expor-nos ao tentador é para nos fortalecer, todavia, se caímos diante de suas investidas, aprendemos pela disciplina divina, o que é muito mais dolorido.

A Sagacidade do Instrumento Divino

Ele é um competente observador da conduta humana. Ele tem trabalhado com os seres humanos por milênios. Como um homem do campo conhece os grãos certos para cada tipo de solo, assim ele lança um tipo

diferente de tentação para cada tipo de temperamento. Ele não vai lançar nenhum tipo de semente no solo que ele sabe que não vai nascer. Como um competente semeador, ele sabe a direção dos ventos e das chuvas e faz a semeadura no tempo próprio com a semente própria no solo próprio.

Satanás conhece bem a conduta dos seres humanos e os vários temperamentos e suas fraquezas. Por essa razão ele faz armadilhas adequadas para cada tipo de temperamento.

Além de conhecer as fraquezas do temperamento de todas as pessoas pela observação, ele sabe o tempo próprio de lançar os seus ataques. Observe que não somos atacados a toda hora pelo inimigo de nossas almas. Somos atacados quando menos percebemos. Ele nos pega quando menos esperamos o seu ataque. Ele é um estrategista e sabe o momento próprio de nos seduzir. Quando pensamos que estamos fortes, então é o tempo do ataque. Quando julgamos estar fortes nós relaxamos e deixamos de ser vigilantes. Esse é o tempo do ataque, mas costumamos a perceber que estamos confiantes e, portanto, sujeitos às suas investidas. Frequentemente caímos na grande armadilha da auto-confiança. Por essa razão, a Escritura nos adverte: “Quem pensa estar de pé, veja que não caia” (1 Co 10.12). Nunca se julgue imbatível ou inatacável. Paulo deixa claro que devemos estar constantemente alertas por causa do perigo da queda a qualquer momento. Observe que Paulo está fala no verso 12 no contexto das tentações (v.13).

Deus usa Satanás para alertar você do seu estado de fragilidade e atacabilidade. Deus quer que você seja treinado a confiar nele, não nas suas próprias forças. Deus quer que nos vistamos das armas espirituais para lutar contra a sagacidade dele. Satanás é o instrumento de Deus através do qual Deus nos aperfeiçoa na batalha contra o mal. Cuide-se para não cair em sua sagacidade.

A Vitória sobre o Instrumento Divino

Podemos ter vitória porque Deus ordenou que resistíssemos ao diabo.

Análise de Texto

Tg 4.7 - “Sujeitai-vos, portanto, a Deus; *resisti ao diabo*, e ele fugirá de vós.”

Ninguém pode estar sujeito a Deus e, ao mesmo tempo, estar fazendo concessões ao diabo.

A expressão “resisti ao diabo” sugere algumas coisas que precisam ser analisadas:

1) Que estamos sempre debaixo do seu constante ataque.

Tiago tinha plena consciência de que é tão perigoso trabalhar no território inimigo como deixar ele trabalhar em nosso território. Frequentemente, as duas coisas acontecem na vida dos cristãos desavisados. Contudo, a advertência de Tiago neste verso é sobre o constante ataque dele e do perigo de suas investidas. Satanás ama ficar atacando os crentes nos seus lugares atacáveis. Todos os cristãos têm fraquezas e calcanhars de Aquiles. Todos são passíveis de ataque. Portanto, esse verso nos avisa das investidas constantes do inimigo de nossas almas.

2) Que é possível fazer resistência a ele.

O verso 7 indica que é possível fazer resistência a ele. Ninguém pode lutar contra Deus, por que ele é onipotente, mas Satanás não é onipotente contra quem não possamos lutar. Ele é um ser criado. É verdade que ele é superior a nós em inteligência, mas não é poderoso o suficiente para não ser passível de resistência. Seres mais fracos e mais limitados como nós podem fazer resistência a seres superiores como os anjos, conquanto recebam apoio divino. E é exatamente isso o que acontece, conforme o ensino deste verso.

A idéia desse verso é que não podemos dar lugar a ele. Devemos batalhar violentamente contra ele, resistindo às suas investidas. Paulo já havia advertido aos crentes de Éfeso para “não darem lugar ao diabo” (Ef 4.27). Dar lugar ao diabo significa brincar com fogo, significa não dar importância à força do diabo, significa desprezar a astúcia do inimigo.

Não dar lugar ao diabo é uma atitude negativa que devemos possuir. A atitude positiva é “fugir da tentação”. Esta é a coisa mais sábia que o cristão pode fazer. Fugir da tentação não significa covardia, mas é a coragem que precisamos para fazer a vontade de Deus.

3) Que é possível ter vitória sobre ele

Quando queremos ser vitoriosos sobre Satanás temos que nos submeter a Deus. Não há outra maneira! Quando obedecemos a Palavra de Deus, fazendo a sua vontade, é promessa de Deus que Satanás se afastará de nós. A Palavra de Deus faz Satanás se acovardar porque a Palavra de Deus é poderosa e verdadeira, mostrando a falácia e a mentira de Satanás, que quer nos derrubar. Portanto, se você quer ser vitorioso sobre ele, seja submisso a Deus.

Análise de Texto

1 Pe 5.9 - “Resisti-lhe firmes na fé, certos de que sofrimentos iguais aos vossos estão-se cumprindo na vossa irmandade espalhada pelo mundo”.

O instrumento com o qual podemos oferecer resistência a Satanás é a fé. Essa fé, na qual devemos estar firmes, pode ser entendida de duas maneiras, pois a palavra grega usada nos permite isso e também o seu contexto.

A Fé tem a ver com a nossa dependência pessoal de Deus.

Podemos resistir ao diabo sem vacilar em nossa firmeza de dependência de Deus. Temos de viver confiados nas promessas de Deus de que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus, de que ele cuida de nós com Santo Pai que é, de que ele nos livra de todos os nossos temores, e assim por diante. Quem não vive na dependência de Deus, confiando em suas promessas, é presa fácil das tentações. A confiança em Deus é a grande saída para nos vermos livres das investidas do Maligno.

A fé tem a ver com a verdade na qual cremos.

A palavra “fé” aqui pode significar também o conjunto de verdades no qual cremos. Quanto mais firmados nessa verdade da revelação divina, mais força temos para resistir a Satanás. Foi essa força na verdade de Deus que o Filho encarnado usou quando assediado por Satanás. Ele usou a palavra devidamente para vencer as artimanhas “teológicas” do inimigo. A Escritura, que é o conjunto de verdades, foi o instrumento poderoso que Jesus Cristo usou para derrotar Satanás. Firmeza na fé, portanto, significa firmeza na verdade de Deus. Disso Jesus nunca abriu mão! Nisso também devemos imitar nosso Redentor.

Os dois versos acima (o de Tiago e de Pedro) estão no contexto que fala da necessidade de estarmos todos debaixo da poderosa mão do Senhor. Mil vezes estar debaixo da poderosa, mas justa e bondosa mão de Deus do que estar sob o domínio do Maligno. Ser humilde diante de Deus é a tônica do contexto dos dois versos, porque Deus resiste aos soberbos enquanto aos humildes ele concede a sua graça (Tg 4.6, 10; I Pe 5.5-6).

Portanto, faça resistência a Satanás. Ele não é todo-poderoso como alguns posicionamentos hodiernos indicam. Ele é criatura sob o jugo divino e nós somos ordenados a resisti-lo firmes na fé.

Os instrumentos humanos que Satanás usa

Satanás não ataca imediatamente (sem o uso de meios ou instrumentos) como ele fez com Jesus Cristo. Porque ele é inteligente e sagaz, ele usa pessoas insuspeitas para nos tentarem. Ele tenta por procuração. Assim, teoricamente, é mais fácil penetrar na vida das pessoas insuspeitamente.

Quando não deu certo a tentação direta com Jesus, Satanás tentou um outro recurso. Ele usou uma pessoa insuspeita para fazer Jesus desistir do seu plano de ir à cruz. Ele usou Pedro. Veja o que Pedro disse a Jesus: “Mestre, tem compaixão de ti” (Mt 16.22). Parecia uma preocupação justa e compreensível de Pedro. Mas Jesus identificou a atitude insuspeita com a tentação e identificou quem estava por detrás daquela conversa insuspeita. Por essa razão, ele disse a Pedro: “Arreda! Satanás; tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus, e, sim, das dos homens” (Mt 16.23). Satanás usa vasos preciosos para o próprio Deus como seus instrumentos. Ele usa taças de ouro para oferecer o seu terrível veneno. Ele usa instrumentos que menos esperamos. Foi assim que ele procedeu com o homem da paciência. Quando tentou Jó, ele usou a sua própria esposa que lhe sugeriu que, no meio das aflições, amaldiçoasse Deus (Jó 2.9).

Portanto, não se espante pelo fato de Satanás usar uma pessoa muito querida sua para tentá-lo. A sua inteligência e sagacidade lhe possibilitam isso. Esteja alerta a respeito das pessoas insuspeitas. Elas podem ser instrumentos poderosos de Satanás para desencaminhá-lo dos preceitos divinos.

Esteja atento para não ser útil nas mãos do Maligno a fim de que outras pessoas possam ser prejudicadas por sua atitude. Embora ele seja usado como instrumento divino para o nosso bem, os seus propósitos são maus e ele pretende causar mal aos outros através de nós.

AS TENTAÇÕES COOPERAM PARA O NOSSO BEM

Diferentemente do que muitos cristãos pensam, as tentações cooperam para o nosso bem. Elas fazem parte do grande propósito divino de aperfeiçoar os seus filhos. Elas fazem parte de “todas as coisas” que cooperam para o bem dos que amam a Deus.

As tentações cooperam para o nosso bem porque elas nos ajudam a detectar o que vai dentro de nós. Elas podem nos dar um indicativo de como está a sujeira do nosso ser interior. Nas tentações Satanás tenta nos enganar enquanto que Deus procura nos fortalecer. A tentação é um meio pelo qual Deus testa a nossa lealdade e sinceridade a ele.

As tentações cooperam para o nosso bem quando nós, provados por elas, ajudamos os outros a serem vencedores sobre elas. Assim como Jesus fez, tornando-se poderoso para socorrer os que são tentados (Hb 2.18), devemos nós também fazer. Neste sentido também podemos ser imitadores dele! Paulo pode ajudar os seus companheiros de fé porque ele havia passado por tentações. Foi isto o que diz dizer quando escreveu sobre Satanás: “para que Satanás não alcance vantagem sobre nós, pois não lhe ignoramos os desígnios”(2 Co 2.11). Somente um homem que passou pelas tentações pode socorrer firmemente os que são tentados. Por isso, como instrumentos de Deus, as tentações cooperam para o nosso bem.

As tentações cooperam para o nosso bem porque elas nos fazem anelar que a redenção se complete logo. Estar sob tentação constantemente é dolorido e, então, temos anelos mais santos do que teríamos se não fôssemos assaltados constantemente por elas. Por isso, debaixo das tentações, ansiamos pela volta de Cristo que é o fim de todo sofrimento. Quando sob tentações, elevamos mais os nossos olhos para o alto e ansiamos que o prêmio da soberana vocação nos seja dado com presteza.

A TENTAÇÃO EXTERNA É UM INSTRUMENTO DE DEUS

As tentações que procedem do Maligno e dos nossos corações pecaminosos são um mal em si mesmas, quando olhadas do prisma do Tentador e da impureza de nossos corações maus. Elas causam um tremendo desconforto aos crentes, não por causa delas em si mesmas, mas pelos propósitos com que elas nos são endereçadas. Elas têm a finalidade de seduzir os homens para fazerem coisas que são contrárias aos preceitos de Deus.

No entanto, quando as olhamos do ponto-de-vista de Deus, elas podem concorrer para o nosso próprio bem. Não podemos dizer que elas são bem-vindas, porque elas implicam em sofrimento, mas se vieram para nos experimentar, temos que tirar proveito delas para o nosso crescimento.

Como as tentações concorrem para o nosso bem? Há duas maneiras de responder a esta pergunta: porque o tentador é um instrumento de Deus para o nosso bem assim como as tentações. Deus usa ambos para cumprir os seus bondosos e providenciais propósitos em nossas vidas.

Podemos dizer que o sentido básico da palavra tentação (em grego *peirasmos*) é testar ou provar. A tentação que vem do Maligno, em si mesma, não causa em nós nenhum mal moral, além dos incômodos e sofrimento. Jesus foi tentado e, contudo, não ficou manchado por ela. A nossa resistência à tentação é que prova a nossa fidelidade a Deus e, se fazemos concessão a ela, mostramos nossa deslealdade a ele, e evidenciamos nossa inclinação para o mal.

A Escritura usa o termo tentação nos dois sentidos mostrados acima. Somente com estes dois sentidos em mente é que podemos caminhar no sentido em que vamos caminhar neste capítulo.

Não somente o Tentador é um instrumento divino para a consecução dos seus propósitos em nossa vida, mas a Tentação em si mesma também o é.

Veja que Deus expõe seus filhos à tentação para que sejam provados. Ele expôs primeiro o seu Filho Unigênito e expõe da mesma forma os seus filhos adotados.

A tentação Externa Foi um instrumento para testar Jesus

A Escritura diz que Jesus foi “levado pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo diabo” (Mt 4.1). Por detrás das tentações há um propósito divino. Ele expôs o seu próprio Filho para ser tentado porque a tentação era parte do plano divino de redimir pecadores. O Redentor dos filhos de Deus tinha que ser aperfeiçoado (como homem que era) para estar preparado a fim de poder executar perfeitamente a sua tarefa. Foi vontade de Deus que seu Filho sofresse tentações e ele não foi livre delas até ser vitorioso sobre elas.

De um lado da tentação estava Deus e, do outro, estava Satanás. Cada um deles possuía um propósito diferente. De um lado, Deus queria ver o seu Filho encarnado preparado e amadurecido para a obra que haveria de fazer. Ele queria testar a retidão e a prontidão de seu amado Filho encarnado para a redenção dos seus outros filhos. Do outro lado, o diabo queria ver Jesus transgredir as leis divinas, induzindo-o a fazer o que era próprio da sua divindade, mas com conotação pecaminosa. Na verdade, Satanás queria que Jesus lhe fosse leal e não ao seu Pai Celestial.

A tentação Externa é instrumento para testar os outros filhos

Deus sempre expõe os seus filhos à prova, a fim de que eles sejam testados em sua fé e em sua lealdade a ele. Deus expõe-nos à tentação, embora não possamos dizer que ele nos entrega à mercê de Satanás. Não é essa idéia. Ele não abandona seus filhos ao sabor das tentações. Ele os prova e lhes dá os recursos para serem vitoriosos sobre elas. Todavia, não

podemos negar que é Deus que nos põe sob a tentação para provar a nossa lealdade a Ele.

Deus colocou Jó sob os trabalhos de Satanás, afim de testá-lo. Deus sabia que seu servo era leal, por isso disse dele a Satanás: “ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus, e que se desvia do mal”(Jó 1.8; 2.3). Satanás duvidou da lealdade de Jó e pediu a Deus para que o expusesse aos seus poderes (Jó 1.9-12; 2.4-10). Enquanto Deus queria testar Jó, Satanás queria vê-lo desobedecendo a Deus.

Deus expõe os seus filhos para serem testados, querendo vê-los crescer e amadurecer. Embora Deus os exponha à tentação, Deus não quer vê-los praticando o mal. Por essa razão, Tiago tenta corrigir um erro já existente no seu tempo, sobre a tentação. Ele disse que “ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e a ninguém tenta.” (Tg 1.13). Preste atenção às palavras de Tiago. Ele fala em ser “tentado pelo mal”. Esta é a grande diferença entre os dois sentidos da palavra tentação. Deus expõe seus filhos à tentação para prová-los, enquanto Satanás os tenta para que eles pequem contra Deus. Satanás quer vê-los ofendendo a Deus e sendo desleais a ele. Isso é ser tentado pelo mal.

Porque não queremos pecar contra Deus é que devemos aprender a orar como Jesus nos ensinou: “Não induzas à tentação”.¹⁶² Isto deve significar que não queremos que Deus nos exponha à tentação porque somos fracos e não queremos ceder às investidas do Maligno.

Portanto, podemos concluir que a tentação é um instrumento que Deus usa para nos fortalecer e fazer-nos perseverantes na verdade dele.

Tg 1.2-3 diz que “devemos ficar alegres pelo fato de passarmos por várias provações, sabendo que a provação da nossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança.”

É curioso que a palavra grega usada para “provação” (*peirasmois*) tem a mesma raiz usada para o verbo “ser tentado” de Tiago 1.13 (*peirazomai*). Essas palavras têm muita semelhança. Por isso, podemos dizer que a tentação para Deus significa uma prova que pode fortalecer seus filhos, produzindo neles a perseverança! É por isso que Deus nos induz à tentação: porque ele quer ver-nos fortalecidos na força do seu poder!

A TENTAÇÃO INTERNA É UM INSTRUMENTO DE DEUS

Além do tentador e das tentações externas procedentes do Maligno, a tentação que procede do nosso coração corrompido também é um instrumento de Deus.

Tiago diz que “cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz. Então a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte” (Tg 1.14-15).

Temos que entender que a corrupção do nosso coração (que tenta os homens) é parte da sua justiça punitiva sobre todos os homens e

¹⁶² As versões portuguesas trazem na Oração do Senhor o seguinte: “Não nos deixes cair em tentação”, que dificulta o entendimento do texto e pode dar idéia diferente da do texto original.

especialmente para o cristão ela é um grande instrumento de Deus. As tentações que procedem de nosso coração pecaminoso não são um acidente na vida do povo de Deus. Elas possuem propósitos definidos.

Para mostrar-nos a nossa inclinação para o pecado

Em si mesma, a tentação que vem do coração já é pecaminosa, porque ela procede de nossa natureza pecaminosa. Diferentemente, a tentação que vem de Satanás não é pecaminosa em si mesma porque não afeta ninguém internamente, a menos que a pessoa consinta em pecar. Jesus foi tentado externamente, mas nunca internamente. Ele não poderia ser tentado por sua própria natureza pecaminosa. Todavia, nós somos tentados por nós próprios. Isso mostra que há dentro de nós tendência para o pecado. Quando cedemos às nossas inclinações damos à luz o pecado, mas a própria inclinação já é pecaminosa porque Jesus disse que todos os nossos males vêm de dentro, do coração dos homens (Mc 7.21-23).

A nossa cobiça é a raiz de todas as tentações que temos. As tentações internas mostram as nossas inclinações e são uma radiografia das nossas condições mais interiores. É bom lembrar que o nosso coração não é nada além de nós próprios. Somos o que o nosso coração é (Pv 27.19).

Portanto, em um sentido, somos tentadores de nós mesmos, assim como podemos tentar outras pessoas a fazerem o que elas não devem fazer. As tentações que vem de dentro servem para mostrar quão maus somos interiormente.

Para não sermos jactanciosos

As tentações que procedem do nosso coração servem para nos humilhar. Frequentemente pensamos de nós mesmos além do que convém. Possuímos uma opinião muito elevada de nosso ser. Pensamos de nós mesmos como seres bons e merecedores das coisas boas que fazemos, assim como nos esquivamos de pensar em nossas impiedades. Julgamos a nós mesmos de uma maneira muito leve embora julguemos os outros com muito mais rigor. Jactamo-nos daquilo que realmente não somos.

As tentações que procedem de nosso ser interior nos servem para mostrar como realmente somos. Elas são uma pancada em nossa super auto-estima. Elas fazem com que pensemos de nós o que é justo, fazendo-nos humildes. Pelo menos é isso o que o cristão deve pensar de si mesmo quando é confrontado por suas próprias tentações.

As tentações que procedem de nosso coração pecaminoso são o instrumento de Deus para por um fim em nossa jactância e nos fazer ver como realmente somos.

Para alertar-nos de que o pecado está às portas

Cada vez que somos tentados de dentro há uma indicação de que o pecado voluntário está prestes a ser consumado. Tiago fala que a cobiça interna do homem o atrai e seduz. Então, Tiago usa uma linguagem do reino natural para explicar uma verdade do reino espiritual. Ele fala de concepção e de nascimento. A cobiça interior gera o pecado e faz com que ele seja nascido (Tg 1.14-15).

Quando você for tentado esteja alerta, pois a consumação do pecado está às portas. As tentações que vêm de dentro são uma pequena luz que acende avisando do perigo iminente. Elas, em si mesmas já possuem um sabor pecaminoso, mas ainda sem conotação voluntária. Todavia, quando você é atraído e seduzido pela sua própria cobiça, então o pecado é concebido e nascido. Então, o pecado já é voluntário. Portanto, quando os impulsos pecaminosos brotarem de seu ser interior, esteja alerta, porque o pecado voluntário está para ser praticado. Isso o tornará ainda mais responsável diante de Deus.

Para lembrar-nos de nossa dependência de Deus

Quando as tentações procedem de dentro de você, você tem correr para o refúgio. Deus é o seu refúgio em hora de provação. Ele o prova e você tem que correr para ele. Quando você não pode fazer nada por si, corra para quem pode. Somente Deus pode tornar você vitorioso contra a sua natureza pecaminosa.

1 Pe 5.6-7 - “Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte, lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós.”

Perceba que estes dois versos estão no contexto da resistência a Satanás na nossa luta contra as tentações. Sejam as tentações externas ou internas, temos que lutar contra elas confiados unicamente em Deus. Todas as nossas ansiedades têm que ser jogadas nas mãos daquele que sustenta todas as coisas. De um modo especial, Deus tem cuidado de nós com sua poderosa mão.

Sejamos humildes e confiemos em Deus lançando sobre ele tudo o que nos aflige. Mais do que nossas enfermidades e outros problemas, as tentações nos afligem. Eles nos causam mal-estar e desassossego. Aprendamos a confiar a ele todos os sofrimentos causados pelas tentações. Somente ele pode ser o nosso libertador!

Para fazer-nos orar

Quanto mais somos tentados por Satanás e pelas nossas próprias tentações, se somos genuinamente cristãos, mais suplicamos por graça no meio das tentações. Paulo recebeu um mensageiro de Satanás para esbofeteá-lo, a fim de que ele não se ensoberbecesse diante da grandeza das revelações que havia recebido de Deus. Certamente, ele estava sendo tentado a vangloriar-se diante da grandeza das revelações. Essa era uma tentação muito forte. Então, quando recebeu esse espinho na carne, é-nos dito que ele orou três vezes ao Senhor, mas o Senhor resolveu deixá-lo com o espinho que era o grande instrumento de Deus para humilhar Paulo no meio da sua soberba (2 Co 12.7-9).

Quando você se sentir tentado, busque ao Senhor em oração, vigiando. Jesus nos aconselhou a todos: “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação” (). A tentação é um preventivo que alerta do perigo e nos faz orar mais, porque sabemos quão terrível é quando caímos diante da tentação.

PODEMOS TER VITÓRIA SOBRE AS TENTAÇÕES

Podemos ter vitória também sobre as tentações porque elas não são incompatíveis com as nossas forças.

Análise de Texto

1 Co 10.13 - “Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel, e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar.”

Paulo está exortando aos crentes de Corinto a não viverem na prática da imoralidade cúltica. Pessoas desavisadas são capazes de fazer concessões nessa área. Por essa razão, ele exorta: “Aquele, pois, que pensa estar em pé, veja que não caia.” (v.12). Portanto, os crentes de Corinto deveriam estar atentos contra as ciladas do Maligno, que procura tentar os filhos de Deus para fazerem contrário ao que é preceituado na Escritura.

Segundo o verso 13, há algumas vantagens que mostram a grande possibilidade de vitória que temos sobre as tentações:

Não há uma tentação sobre-humana

Deus não pode ser tentado (porque ele é infinito e imutável), mas qualquer criatura (que é finita e mutável) pode. Assim são os seres humanos — tentáveis. Todavia, a tentação que nos vem é própria para seres humanos e de acordo com a natureza deles. A palavra grega usada por Paulo é *anthropinos*, que significa nada mais nada menos que tentação própria para seres humanos. Não é uma tentação sobrenatural ou sobre-humana.

As tentações são experiências comuns aos homens, mesmo quando eles ainda eram santos, no Éden. Embora elas não devam fazer parte necessariamente da vida deles, elas os acompanharão até que o tempo da redenção final chegue. Então não mais eles serão tentados. Todavia, enquanto esse tempo não chega, eles serão tentados como homens que são. Esta é parte da porção que Deus lhes reservou. Como verdadeiro homem que era, o Filho de Deus encarnado, “foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado” (Hb 4.15). Nenhum dos descendentes de Adão pode dizer que foi tentado com tentação sobre-humana, porque Deus assim não permite.

Não seremos tentados além de nossas forças

Este ponto dois é uma outra maneira de dizer a mesma coisa do ponto anterior. Uma tentação sobre-humana é algo que está além das nossas forças suportar. Alguns cristãos poderão reclamar que cederam às tentações porque elas foram fortes demais ao ponto de serem irresistíveis. Na verdade, uma tentação pode ser forte demais para aqueles que estão vulneráveis ao que as tentações sugerem. A força de uma tentação tem a ver com as disposições fracas do coração humano. Quanto mais fracos estamos, mais irresistíveis serão as tentações.

Todavia, isso é muito diferente de dizer que as tentações que nos vêm estão além dos humanos suportarem. Deus não permite, por causa da sua

fidelidade, que sejamos tentados sobre-humanamente. O diabo não tem o poder de fazer-nos pecar. Se pecamos, é porque queremos pecar, mas nunca poderemos dizer que as tentações estão acima das forças humanas de resisti-las.

Receberemos provisão de livramento

Porque Deus é fiel, ele ajuda os cristãos a vencerem as tentações que lhes sobrevêm. O propósito de Deus nas tentações não é fazer-nos cair (como é o de Satanás), mas de fortalecer-nos. Quando somos testados com respeito à nossa fidelidade, temos todo o suporte divino no meio da tentação. Por essa razão, ele nos concede forças de livramento.

As saídas para as tentações são concedidas por Deus. O verso diz que “juntamente com a tentação, ele proverá livramento”. As providências divinas têm a ver com o envio da tentação e com o livramento dela. Deus, portanto, deve ser louvado pelo teste que ele nos envia, através de Satanás, e pelo livramento que ele nos concede graciosamente.

Tentação sempre será suportável

A tentação será suportável por causa do suporte que temos de Deus. As forças não pertencem a nós mesmos, mas elas nos são vindas de Deus. Deus não nos fez seres independentes dele. Qualquer força que venhamos ter é produto da graça dele em nós. Se Deus não nos amparasse, fortalecendo-nos através dos meios de graça e da graça que vem através desses meios, seríamos presas fáceis do Maligno por causa da sua inteligência, poder e sagacidade.

Todavia, “Deus é fiel e não permite que sejamos tentados além das nossas forças.” Os meios de escape estão à nossa disposição. Quando fazemos uso dos meios de graça que Deus nos dá (ou seja, a oração, a pregação da Palavra e dos sacramentos), nos firmamos e podemos fazer resistência às tentações do Maligno.

As provisões divinas são parte de sua obra providencial para o nosso fortalecimento espiritual. O tentador é o instrumento de Deus que pode ser vencido em suas investidas, porque Deus é fiel na sua promessa de livramento. Temos que nos regozijar no fato de Deus estar ao nosso lado para que vençamos o inimigo de nossas almas.

APLICAÇÃO

E se serve de consolo, Pedro nos lembra que não estamos sozinhos nessas tentações. Elas produzem sofrimento e, então, Pedro conclui que “sofrimentos iguais a esses estão se cumprindo nas vossa irmandade espalhada pelo mundo” (1 Pe 5.9). Finalizando o seu assunto sobre satanás e as tentações, Pedro ainda nos diz que “o Deus de toda graça, que em Cristo vos chamou à sua eterna glória, depois de terdes sofrido por um pouco [esse sofrimento tem a ver com as tentações de Satanás], ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar” (1 Pe 5.10).

Perceba, portanto, em ordem inversa, que Pedro fala de quatro coisas que as tentações causam em nós: fundamentar, fortificar, firmar e aperfeiçoar. As tentações são esse instrumento de Deus para causar em nós

esse amadurecimento. Por isso, é necessário que façamos resistência a Satanás e às tentações tanto dele como de nosso ser interior, para que sejamos vitoriosos por meio daquele que nos amou.

CAPÍTULO 15

O MAL FÍSICO E A PROVIDÊNCIA DIVINA

Curiosamente, os males físicos são os mais difíceis de serem explicados no mundo de Deus porque eles necessariamente não têm nada a ver com as pessoas que sofrem por causa deles e nem sempre eles têm conexão direta com a prática dos males morais.

Enquanto os cristãos preocupam-se muito em explicar os males morais os não-cristãos estão mais preocupados em pedir explicações para os males físicos. Os cristãos querem uma explicação que evite o relacionamento de Deus com o mal moral, enquanto que os incrédulos duvidam que Deus existe pela presença dos males físicos.

ORIGEM DOS MALES FÍSICOS

No Antigo Testamento a mesma palavra usada para “mal” pode referir-se aos males físicos que se evidenciam em doenças, pestes, calamidades, destruição de vidas através de forças da natureza como furacão, chuvas, terremotos, etc., assim como também pode referir-se aos males morais, já estudados.

Em linhas gerais, podemos dizer que os males físicos sobre toda a criação e sobre os homens procedem da justiça retributiva de Deus que se irou contra o pecado das suas criaturas. Os males gerais que vêm sobre o mundo são produto da imposição penal de Deus sobre elas. Quando Deus criou o mundo, ele gostou do que fez. Por isso disse: “E viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom.” (Gn 1.31). As pessoas que não possuem muita compreensão da Escritura invariavelmente perguntam: “Se era bom tudo quanto Deus havia feito, por que, então, tem havido tantos males?” A resposta está clara que, em última instância, os males físicos vindos sobre ele está na justiça retributiva de Deus em razão da prática dos males morais. Os males físicos são punitivos para o universo e seus habitantes. Eles são o resultado do desagrado de Deus pela violação dos seus princípios morais.

Não podemos nos esquecer de que Deus amaldiçoou, a terra, o homem, a mulher e os animais por causa da transgressão moral de nossos primeiros pais, que eram nossos representantes. Por causa disso, todos os males físicos são decorrentes.

Os males físicos que vêm sobre os seres humanos devem sempre estar ligados, em última instância, aos pecados da raça e a este estado de queda em que o mundo se encontra. Foi isso que Jesus Cristo ensinou:

Análise de Texto

Lc13.1-5 – “Naquela mesma ocasião, chegando alguns, falavam a Jesus respeito dos galileus, cujo sangue Pilatos misturara com os sacrifícios que os mesmos realizavam. Ele, porém, lhes disse: Pensais que esses galileus eram mais pecadores do que todos os outros galileus, por terem padecido estas cousas? Não eram, eu vo-lo afirmo; se, porém, não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis. Ou cuidais que aqueles dezoito, sobre os quais desabou a torre de Siloé e os matou, eram mais culpados que todos os outros habitantes de Jerusalém? Não eram, eu vo-lo afirmo; mas, se não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis.”

Carson¹⁶³ faz algumas observações gerais sobre este texto de Lucas, que podem nos ser muito úteis:

1) Jesus ensina nesta passagem que a morte é sempre um castigo merecido.

As pessoas que morreram sob o governo maldoso de Pilatos, tendo o seu sangue derramado (v.1), e as dezoito pessoas que morreram quando da queda da Torre de Siloé (v. 4), não eram pessoas inocentes. Jesus deixou claro que eles eram pecadores, mas não mais do que os outros galileus que não haviam morrido.

O ensino de Jesus Cristo nos versos 3 e 5 é que todos merecem perecer por causa de seus pecados, a menos que se arrependam. O princípio estabelecido por Jesus Cristo é que a morte é, num sentido ou outro, o resultado de nossos pecados. Portanto, ela é merecida.

2) Jesus ensina nesta passagem que a morte de alguns não significa que eles sejam mais merecedores do que outros.

A primeira impressão de quem lê o texto é que morreram somente aqueles que mereceram. Os que não morreram é porque não mereciam morrer. Na verdade, o ensino é que todos merecem morrer por causa de seus pecados. Se alguns morrem sob a força de um imperador mal ou por causa de um acidente trágico é circunstancial. O fato é que todos merecem morrer. Somente a misericórdia divina é que impede que todos igualmente morram pelos mesmos meios. Somente ela é que os livra de serem punidos.

3) Jesus ensina nesta passagem que as imposições penais de Deus servem para nos advertir.

Como todos os homens são merecedores da morte, o ensino de Cristo é para que as pessoas abandonem os seus pecados e se voltem para Deus. Não devemos nos concentrar sobre que instrumentos Deus usa para matar os merecedores, mas nos concentrar na advertência que os métodos de Deus devem nos trazer, a fim de que abandonemos os nossos pecados. Do contrário, uma hora ou outra, o justo juízo de Deus virá sobre nós.

Sempre os desastres e as calamidades servem de advertência para os pecadores. Quando eles acontecem, todos ficam apavorados e temerosos de que o mesmo possa vir a acontecer com eles. Em muitos casos, os homens

163 D. A. Carson, *How Long, O Lord?*, 66-67.

voltam-se dos seus pecados e rendem graças pela bondade misericordiosa de Deus com eles que os livrou de serem condenados.

A ABRANGÊNCIA DOS MALES FÍSICOS

Os males físicos abrangeram a totalidade do universo criado por Deus. O efeito do pecado foi sobre todas as coisas que Deus criou. Nenhuma parte do universo ficou ileso. Os males físicos vieram primeiramente como conseqüência da justiça punitiva que teve uma expressão parcial (em contraste com o juízo final) e será mantida em toda criação até que a redenção conquistada por Jesus Cristo se complete no dia final

OS MALES FÍSICOS ABRANGEM A CRIAÇÃO

Os males de punição que vieram sobre o mundo físico não têm nada a ver com a natureza do mundo em si mesma. O mundo físico é bom porque Deus o fez assim. Todavia, esse mundo sofre profundamente e ele não mais reflete a beleza e o fulgor do tempo em que havia somente a santidade nele.

Os males físicos que afetam a criação certamente são resultado da ira divina por causa do pecado de nossos primeiros pais. Por causa da desobediência de Adão, Deus lhe disse a respeito do seu habitat:

Análise de Texto

Gn 3.17-18 – “Visto que atendeste a voz de tua mulher, e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses: *maldita é a terra por tua causa*; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida. *Ela produzirá também cardos e abrolhos*, e tu comerás a erva do campo.”

Há duas observações importantes que devem ser feitas a respeito desta passagem:

Os males físicos vieram ao mundo por causa do pecado de Adão.

Adão havia tentado desculpar o seu pecado, culpando a mulher que Deus havia lhe dado (Gn 3.12). No verso 17 Deus coloca o culpado no seu verdadeiro lugar. Deus não admite a evasiva de Adão. Eva poderia até tê-lo tentado a comer do fruto, mas ele não comeu enganado. Ele sabia o que estava fazendo, porque ele havia recebido diretamente de Deus a ordem de não comer do fruto. A culpa foi de Adão, por isso Deus lhe disse: “Visto que atendeste a voz da tua mulher”.

A desobediência de nossos primeiros pais trouxe conseqüência para toda a criação. Como coroa da criação, o homem também foi colocado como cabeça da criação. Como foi considerado por Deus responsável pela criação, o ato do homem veio a refletir sobre toda a criação.

“Maldita é a terra por tua causa”.

A criação física próxima de nós, isto é, o nosso habitat, por causa do pecado foi amaldiçoada por Deus. Em razão da transgressão de Adão ainda

hoje a terra está sob a maldição de Deus. Usando figura de linguagem, Paulo diz que

Rm 8.22 - “toda criação geme e suporta angústias até agora”

Esta linguagem de Paulo não é literal, mas figurada. Paulo toma os sofrimentos da criação e os vê como as dores de um parto até que ele se complete. A criação não terá repouso até o tempo da restauração de todas as coisas, que é o tempo da volta de Cristo (At 3.21).

Deus trouxe uma série de maldições sobre o habitat do homem que causou muitos desconfortos para ele. A maldição divina sobre o nosso *habitat* diz respeito às manchas, impurezas e a descaracterização de muitas coisas neste nosso mundo. A beleza gloriosa original deste mundo se foi. O mundo não é mais edênico, paradisíaco. Há inimizade entre os habitantes desta terra. A glória do Criador no nosso *habitat* ficou ofuscada pela própria maldição divina. No entanto, Paulo lembra que toda essa criação afetada pela queda espera ansiosamente ser libertada da escravidão da corrupção.

A males físicos são exemplificados.

Por que a criação geme? Que tipo de angústia ela tem? A natureza da criação foi mudada em alguns sentidos. Provavelmente ela não possuía coisas que posteriormente veio a possuir. O paraíso se foi da criação original. Não mais felicidade, não mais a mesma beleza, não mais um lugar sem dor! O *habitat* do homem foi modificado pelo aparecimento de coisas que viriam causar dor aos habitantes da terra. O texto diz que “cardos e abrolhos” nasceriam da terra. Isto indica que a terra não produziu originalmente essas coisas. Elas foram colocadas como símbolos da manifestação do desagrado de Deus pela desobediência da sua criatura racional.

Os cardos e abrolhos apontam para a agonia da terra que “geme e suporta angústias até agora” e não vai ser liberta do cativeiro da corrupção até que seja chegado o dia da restauração de todas as coisas.

Deus deu a terra para o prazer do homem e para que o homem desfrutasse de toda a beleza dela, mas o pecado trouxe alterações sobre a terra. Na verdade, as alterações vieram de Deus que a amaldiçoou por causa do pecado. As ervas daninhas e os espinheiros agora fazem parte da paisagem da terra sob a maldição divina. Na criação Deus determinou que a terra produzisse relva com sementes e árvores frutíferas com semente. E Deus viu que isso era bom (Gn 1.11-12). Essas serviriam para o alimento do homem (Gn 1.19). Então veio a aridez e a terra se tornou infrutífera em muitas partes. Além disso, árvores venenosas apareceram na terra desértica e mais tarde aquele Éden veio a tornar-se uma terra de desolação e de aridez, um lugar de habitação desonrado, carente da glória do seu Criador.

Se a maldição divina tivesse sido aplicada em toda a sua rigidez, na totalidade do planeta, não haveria lugar privado de espinhos e abrolhos. Nunca os deliciosos frutos haveriam de aparecer sobre a face da terra depois de sua maldição. Todavia, porque Deus é bondoso ele não tornou a totalidade da face da terra em lugares desolados. Ainda há lugares bonitos e agradáveis aos olhos, e a todos os outros sentidos nossos.

Entretanto, não devemos nos esquecer de que a situação presente durará até o último dia, o dia de Cristo. Nada do que hoje existe será

removido. Tudo o que hoje existe está destinado à purificação com fogo (2 Pe 3.7, 10), que se dará no dia da vinda do Redentor dos homens e de toda a criação. Por essa razão, é necessário que os céus recebam Cristo até o tempo da restauração de todas as coisas (At 3.21), o que inclui a terra amaldiçoada. Deus seja bendito porque esta terra, ora sob maldição, será novamente o Paraíso. O que foi perdido será restaurado, para a liberdade da glória dos filhos de Deus!

OS MALES FÍSICOS ABRANGEM OS ANIMAIS

Não há como negar a existência dos males físicos entre os animais, os primeiros habitantes deste mundo, porque foram criados por Deus antes deste criar os seres humanos.

C. S. Lewis discorrendo sobre o problema da dor diz que “o mal intrínseco do mundo animal repousa no fato de que os animais, ou alguns animais, vivem para destruir uns aos outros.”¹⁶⁴

A Causa dos Males Físicos entre os Animais

O sofrimento dos animais causa um mal-estar enorme em alguns ecologistas pelo fato dos primeiros nunca participarem nos males morais, que são os causadores da ira divina que veio sobre toda a criação. É até admissível entre alguns deles que os seres humanos mereçam punição por causa de seus pecados, mas os animais não têm nada a ver com isso e, no entanto, recebem o peso da retribuição divina. Os animais não são seres morais e, portanto, não deveriam receber nada de sofrimento. No entanto, a maldição divina os afetou também. Do mesmo modo que a natureza física foi afetada pelo sofrimento, sem que ela tenha conotações morais, assim também os animais.

A razão pela qual isso aconteceu é provavelmente porque Satanás, o anjo caído, usou um animal, a serpente, para realizar a sua obra de tentação dos seres humanos. Todavia, sabemos que esse argumento não explica logicamente todos os males de sofrimento vindos sobre o mundo animal.

A maldição, em algum grau, veio sobre todos os animais. Não é difícil verificar alguns comportamentos animais que escapam da idéia da perfeição da criação. Houve o desequilíbrio entre eles e todos eles acabaram por sofrer a maldição divina.

Por que “toda criação geme e suporta angústias até agora” podemos dizer que todos os animais têm dores. Essa afirmação leva-nos a pensar que não era assim antes da queda. Originalmente não havia estas coisas no mundo animal.

Distinção entre Dor e Sofrimento no mundo Animal

É difícil tratar do sofrimento no mundo animal porque não podemos penetrar essa área que nos é estranha, por causa da nossa própria natureza diferente. Quando tratamos dos sofrimentos dos animais, temos que fazer algum tipo de distinção entre dor e sofrimento. Um animal pode ter dor física, mas ele não tem conseqüências psicológicas ou afetivas em decorrência daquilo que lhe causou dor. No caso dos humanos tanto as

164 C. S. Lewis, *The Problem of Pain* (New York: The Macmillan Company, 1969), 135.

dores mentais podem causar dores físicas como as físicas causarem dores afetivas e mentais. Não é o caso dos animais que tem uma constituição diferente da dos humanos. Por causa dessa diferença não há como se pensar dos animais como “tendo consciência do tempo ou mesmo da imaginação como nós, de modo que são quase imunes às formas caracteristicamente humanas de sofrimento, que dependem de nossa capacidade de, imaginativamente, antever o futuro.” Essa nossa capacidade é que nos faz sofrer muito mais do que os animais. Porque somos de natureza muito diferente o sofrimento nosso está associado às dores antecedentes e conseqüentes aos eventos que nos causam dores. Certamente, isto não acontece nos animais.

Quando nós, os humanos, temos sofrimento, eles podem ter uma série de causas que não existem no mundo animal. As nossas maiores dores não provêm necessariamente de agressão ao nosso físico. Na verdade, a maior parte de nossos sofrimentos provêm de fatores não-físicos. Wenham disse de maneira muito própria que as razões do nosso sofrimento vem de fatores não-físicos tais como “ o medo, ansiedade, remorso, inveja, humilhação, senso de injustiça, morte de um ente querido, afeição não retribuída, solidão, enfado e muitos tipos de frustração.”¹⁶⁵ Estas coisas não existem praticamente na vida dos animais. Esses, portanto, não são fatores causadores de dor nos animais. Portanto, é possível haver dor sem os conseqüentes sofrimentos. É importante observar, portanto, que os animais não têm sofrimento ou dor como pensamos, porque eles não possuem a mesma nossa natureza.

Exemplos da abrangência dos males físicos no mundo animal

A serpente foi diretamente amaldiçoada

Análise de Texto

Gn 3.14-15 – “Então o Senhor Deus disse à serpente: visto que isto fizeste, maldita és entre todos os animais domésticos, e o és entre todos os animais selváticos: rastejarás sobre o teu ventre, e comerás pó todos os dias da tua vida. Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar.”

A serpente foi responsabilizada pelo mal que ela causou no Éden. Na verdade, a responsabilidade é de Satanás, mas aqui ele usou a serpente como o seu instrumento. Portanto, a maldição de Deus vem sobre o instrumento de Satanás, que é a serpente. Pensando nisso é que Matthew Henry disse que “os instrumentos do diabo devem compartilhar das punições do diabo.”¹⁶⁶

Deus odeia o pecado e, de um modo especial, as suas criaturas que seduzem e aliciam outras para que pequem. Satanás seduziu a mulher ao pecado de rebelião contra Deus. Os que pecam recebem a punição divina,

165 John Hick, *Evil and the God of Love* (London: 1966), 329, 350.

166 Matthew Henry, *An Exposition of the Old Testament*, vol. 1 (London: James Nisbet and Co., 1857), 29

mas também aqueles que levam outros a pecar (veja o Exemplo de Jeroboão que fez todo Israel pecar).

Então, o verso 14 começa simplesmente com Deus não discutindo os feitos da serpente, mas vindo direto ao juízo sobre ela.

Maldição sobre a serpente com relação aos animais domésticos

Deus criou os animais domésticos, isto é, aqueles que poderiam conviver com os seres humanos dentro de sua própria casa, e que faziam parte da vida comum deles. E entre eles se encontravam algumas espécies que eram répteis (Gn 1.24), mas a serpente não pertencia a esses répteis domésticos.

Mesmo não sendo um animal doméstico, a serpente penetrou nos limites da habitação do primeiro casal e relacionou-se com ele. Na verdade, Satanás era astuto e tomou um animal que possuía características de astúcia. Por isso que o texto diz que “a serpente era mais sagaz do que todos os animais selváticos que Deus tinha feito” (Gn 3.1). Tudo o que Deus havia feito era bom aos seus olhos (Gn 1.25), mas por causa do pecado ele amaldiçoou aquilo que deveria ser bênção para a vida entre os animais domésticos.

A maldição da serpente entre os animais domésticos quer dizer que ela é extremamente repudiada entre eles. Todos fogem dela até o dia de hoje. Não há nenhum animal doméstico que dê guarida a uma cobra. Quando uma delas aparece, todo cão ou outro animal de casa, logo dá o sinal e outros fogem ou a enfrentam para matá-la.

Essa maldição de sobre ela ainda não foi tirada. Ela permanecerá até o tempo da restauração de todas as coisas.

Maldição sobre a serpente com relação aos animais selváticos

Certamente a serpente podia ser contada entre os animais selváticos, pois a Escritura afirma isso de um modo claro (Gn 3.1). Não obstante isso, Eva aproximou-se da serpente e estabeleceu um contato bastante próximo com ela, ao ponto de comunicar-se com ela.

Depois da queda, Deus pronunciou a maldição sobre a serpente que inclui o desprezo que os próprios animais selváticos que Deus havia feito para com a serpente. Mesmo os animais répteis não se associam com a serpente. Ela é temida e evitada por todos os animais da mesma selva. Esse é o fardo que está sobre esse animal no meio dos seus pares.

Maldição sobre a serpente com relação aos seres humanos

Gn 3.15 – “Porei inimizade entre ti e a mulher”

O ódio que a serpente haveria de receber não termina no reino animal. Ele se estende também aos seres humanos e, mais especificamente, aos do sexo feminino.

Todas as criaturas foram feitas para o benefício do homem. Tudo, aliás, foi feito para que o homem pudesse desfrutar de todas as coisas possíveis vindas da flora e da fauna. Os seres humanos foram colocados para dominar e se servir de toda a criação divina. Todavia, agora a serpente não é mais útil aos homens. Ela é amaldiçoada no meio deles também. A

serpente, depois da maldição, ao invés de servir aos seres humanos, passa a agredi-los, picando-lhes o calcanhar, porque não pode atingir as outras partes mais altas, em virtude da própria maldição que lhe foi imposta, podendo apenas agredir o que está próximo ao chão. Nas suas bênçãos proféticas aos seus filhos, Jacó fala do seu filho Dã:

Gn 49.17 – “Dã será serpente junto ao caminho, uma víbora junto à vereda, que morde os talões do cavalo, e faz cair o seu cavaleiro por detrás.”

Este verso ilustra o modo como as serpentes agem, atingindo apenas as partes baixas dos outros animais e dos seres humanos. Todavia, a serpente leva desvantagem porque ela pode correr o risco de sempre ficar debaixo dos pés dos homens, tendo a sua cabeça amassada. Mesmo sendo astuta e sutil, ela não haverá de prevalecer na sua inimizade contra os seres humanos.

A mulher, de um modo específico, tem um pavor enorme e uma inimizade que pode ser explicada apenas como resultado da maldição divina sobre a serpente. Nada pode explicar o medo que, em geral, ela possui pela serpente. Não existe motivo científico explicável para esse fenômeno. Apenas a palavra amaldiçoadora de Deus, causadora da inimizade entre a mulher e a serpente, pode ser a explicação desse fenômeno tão comum.

Maldição sobre a serpente com relação ao Redentor

Gn 3.15 “Porei inimizade... entre a tua descendência e o descendente da mulher”.

Vamos interpretar esta parte de duas maneiras: literalmente e figurativamente.

Literalmente, todas as serpentes, descendentes da serpente do Éden recebem a inimizade da descendência da mulher. Todos os seres humanos, não somente as mulheres, têm ojeriza às serpentes. É comum vermos pessoas gostando de animais, mesmo alguns selvagens, mas não é comum pessoas gostarem de serpentes. Elas causam um mal-estar mesmo nas pessoas que as observam. Desde as crianças aos adultos, ninguém escapa dessa aversão a esse animal.

Figurativamente, os descendentes da serpente são os filhos do maligno, aqueles que são homens naturais. O descendente da mulher aqui é certamente Jesus Cristo. Existe uma grande inimizade da parte dos filhos do maligno com respeito a Jesus Cristo. Eles o odeiam mesmo sem causa (), o que cumpre claramente a maldição da inimizade pronunciada no paraíso. Não precisa haver motivo específico para o ódio deles a Jesus Cristo. A simples natureza santa do Redentor causa neles um ódio ao Filho do Altíssimo.

O texto acima fala da inimizade entre a descendência da serpente e o descendente da mulher que é Cristo. Então diz que “ Este te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar.” Este verso mostra a superioridade de Cristo sobre Satanás. A serpente tentou nosso Senhor para derrubá-lo. Fez o que pode para destruir a sua obra redentora, mas como ela é inferior, conseguiu

somente morder-lhe o calcanhar. Essa é uma expressão indicativa de que a serpente é derrotada pela obra redentora de Jesus Cristo.

O salmista, num contexto onde ele fala de Jesus Cristo, pois o próprio Satanás toma as palavras do Salmo para tentar Jesus Cristo, expressa a relação que existe entre Cristo e a serpente. Veja o que Cristo faz com a serpente:

Sl 91.11-13 – Porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para que te guardem em todos os teus caminhos. Eles te sustentarão nas tuas mãos, para não tropeçares nalguma pedra. Pisarás o leão e a áspide, calçarás aos pés o leãozinho e a serpente.”

É provável que o salmista não soubesse que sua fala se referia ao Redentor, mas as palavras que ele usou foram interpretadas pelo Novo Testamento como se referindo ao socorro que Deus e seus anjos haveriam de dar ao Filho Amado (Mt 4.6). O fato é que a Serpente, ao citar parte dessas palavras, voluntariamente se esqueceu da outra parte onde fala que a serpente haveria de ser pisada por Jesus e ter a sua cabeça esmagada, como a profecia havia determinado. Isso mostra que a exegese que a Serpente fez do texto do Salmo 91 é errônea e parcial. Ela usa sempre as Escrituras de um modo indevido, que não pode nunca ser imitado pelos filhos de Deus.

Através de sua obra redentora, Jesus Cristo esmagou a cabeça da serpente, sendo vitorioso sobre ela e, com sua obra, ele arrancou do reino das trevas muitos e os transportou para o reino da luz. Essa foi a grande vitória do Descendente da mulher!

Maldição na sua própria conformação física

Deus lhe disse de uma maneira muito clara: “rastejarás sobre o teu ventre” (v.14). Isto significa que ela seria desprezada, objeto de desdém entre os outros animais e todas as outras criaturas de Deus. Não mais teria pernas e pés, nem se locomoveria ereta, mas haveria de comer pó todos os dias de sua existência. Essa expressão revela a condição miserável na qual a serpente haveria de viver dali em diante. Miséria e opressão são equivalentes a estar abatido até o pó e o corpo pegado ao chão (cf Sl 44.24-25). A serpente foi destinada a comer o que não era para ser comido — o pó. Essa foi a sua punição. Referindo-se às nações ímpias no tempo do Antigo Testamento, o profeta Miquéias diz que elas “lamberão o pó como serpentes” (Mq 7.17) indicando um estado de humilhação pelo qual haveriam de passar.

Certamente, antes de a maldição vir sobre si, a serpente andava de forma diferente e não era um animal humilhado entre os seus pares nem entre os de outras espécies. Não sabemos exatamente como ela se locomovia, mas certamente não rastejava comendo do pó da terra. Estes foram os males físicos que vieram sobre as serpentes de um modo geral.

Alguns animais maiores se tornaram extremamente violentos

Gn 9.2-3 – “Pavor e medo de vós virão sobre todos os animais da terra, e sobre todas as aves dos céus; tudo o que se move sobre a terra, e todos os peixes do mar, nas vossas mãos serão entregues.”

Este versos indicam que depois da queda houve um desequilíbrio e uma mudança muito grande na maneira como os animais vieram a tratar os seres humanos. O texto sugere que antes da queda, os animais não se portavam dessa forma. Todavia, depois da queda eles tiveram o seu comportamento afetado e, antes do dilúvio, os animais eram muitíssimo ferozes que não possuíam qualquer temor dos seres humanos. Isto é dito dos animais da terra, as aves do céu e os peixes do mar. Provavelmente eles eram os principais inimigos dos homens.

Então, numa expressão de bondade pactual com Noé, Deus resolveu intervir na natureza caída de alguns animais, provavelmente animais de porte grande, de forma que passassem a ter medo dos seres humanos, como não acontecia antes.

Originalmente, eles não eram ferozes e nem violentos contra os seres humanos. Afinal de contas, Adão observou o comportamento deles e deu-lhes nomes a todos, de acordo com as ações comportamentais deles. Mesmo os animais selváticos, em contraste com os domésticos, não possuíam uma fúria que se manifestava violentamente com os seres humanos antes da queda. Então, numa atitude de bondade amorosa para com a raça que estava para recomeçar, Deus prometeu que “pavor e medo dos homens viriam sobre os animais da terra e sobre as aves dos céus, assim como os peixes”. Isso não é ainda a restauração dos animais, mas apenas um alívio parcial que Deus deu aos homens, livrando-os de serem devorados e dizimados pelos animais.

Nesse texto é dito que Deus entregou, outra vez, todos os animais sob o controle dos homens de forma que eles não mais viessem a ser inimigos mortais dos homens. Isto é indicativo que, por causa da maldição divina, todos os animais se rebelaram contra os homens e já não tinham nenhum temor deles. Todavia, Deus amainou a sua maldição fazendo com que os animais fosse mais dóceis com relação à coroa da criação. Esta é uma atitude bondosa de Deus a que o ser humano não faz jus, mas Deus resolveu ser amoroso com a sua criatura caída, alterando novamente a natureza dos animais.

Outros animais tiveram os seus comportamentos alterados.

Que a queda trouxe mudanças drásticas sobre o comportamento dos animais é ponto pacífico nas Escrituras. Os textos abaixo vão mostrar que o comportamento dos animais na nova terra será um contraste com a velha terra, a terra sob maldição, que inclui a maldição dos animais por causa do pecado de nossos primeiros pais. O alívio que Deus trouxe aos homens quando colocou medo e pavor nos animais é apenas parcial. Todavia, quando se der a restauração da terra, Deus renovará também os seus habitantes animais. O profeta Isaías é campeão quando trata das coisas que vão acontecer no tempo da restauração de todas as coisas. Isaías ensina sobre a nova terra e os três textos abaixo devem ser entendidos à luz da nova criação de Deus

Veja o que os textos abaixo sugerem:

Is 65.17, 25 – Pois eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá lembrança das cousas passadas, jamais haverá memória

delas... O lobo e o cordeiro pastarão juntos. E o leão comerá palha com boi. Pó será a comida da serpente. Não farão mal nem dano algum em todo o meu santo monte, diz o Senhor.”

Este texto é que deve lançar luz sobre os outros textos abaixo. É à luz do conceito de nova terra que tudo o que Isaías diz deve ser entendido. O verso 25 mostra o ambiente pacífico em que homens e animais viverão, o que sugere uma mudança no *status quo*, que é produto da maldição divina na vida dos animais.

Análise de Texto

Is 11.6-9 – “O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito; o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos, e um pequenino os guiará. A vaca e a urso pastarão juntas, e as suas crias juntas se deitarão; o leão comerá palha com o boi. A criança de peito brincará sobre a toca da áspide, e o já desmamado meterá a mão na cova do basilisco. Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar.”

Há alguns intérpretes bíblicos que procuram espiritualizar ou interpretar simbolicamente esta passagem. A razão é porque não estão querendo ver a redenção do universo inteiro amaldiçoado. Eles só pensam na redenção do homem e não do habitat dele. Por isso é que dizem que essa reconciliação que haverá entre os animais é típica e representativa da reconciliação entre gentios e judeus no cristianismo, ou coisa similar.

Pessoalmente, não vejo necessidade de alegorizar ou espiritualizar esses textos porque eles tratam da restauração da natureza animal que presentemente está alterada pela maldição divina

Este é um outro texto que tem que ser entendido à luz do novo céu e da nova terra. Estas coisas mencionadas neste belo texto não podem acontecer num mundo onde o pecado e a maldição divina estão presentes. A finalidade desta análise não é tratar sobre como os animais se portarão, nem fazer uma apologia das coisas da nova terra, mas mostrar que a finalidade da nova terra é trazer de volta as coisas como originalmente eram. A Escritura diz que os céus reterão Jesus Cristo até o tempo da *restauração* de todas as coisas (At 3). Tudo será restaurado, isto é, tudo será como era dantes.

O que aconteceu por causa da queda é o que vemos hoje. Não se pode sequer pensar nas coisas futuras de tão distantes que elas estão conceitualmente. É quase impossível imaginar as cousas propostas pelo texto. Façamos uma análise rápida desta passagem:

O lobo habitará com o cordeiro

Essa experiência do lobo habitando pacificamente com o cordeiro é inadmissível num mundo debaixo da maldição divina. Somente um cristão que crê nas Escrituras pode aceitar esse profecia como verdadeira, porque seria loucura para incrédulo que esses dois animais venham a conviver pacificamente. Todavia, o texto da Escritura diz que o lobo não será uma ameaça ao cordeiro, nem o cordeiro terá qualquer temor do lobo. Haverá

uma coexistência pacífica, própria das coisas que existirão ordenadamente na nova criação de Deus.

O leopardo se deitará junto ao cabrito

Novamente, este outro exemplo mostrado por Isaías é um absurdo nos moldes da situação presente. Esse animal extremamente carnívoro, mesmo de barriga cheia, nunca vai viver e deitar-se pacificamente ao lado de um prato tão suculento. Jamais! É necessário fé na Escritura para crer nessa possibilidade.

Este exemplo indica como as cousas eram no princípio e como elas voltarão a ser no novo princípio. Por enquanto, vivemos com a anomalia da maldição divina sobre o comportamento desses animais, especialmente do leopardo, mas não será assim para sempre.

O bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos

Esses animais, enquanto pequeninos até podem viver algum tempo juntos, mas a natureza caída dos animais, a natureza alterada deles por causa da queda logo se mostrará violenta. Mas na nova terra eles todos terão um comportamento pacífico. Os atuais carnívoros não andarão atrás dos mansos e frágeis. Não haverá qualquer problema entre eles, o que hoje ainda não se verifica. Somente uma mudança na natureza deles justifica esse comportamento pacífico. E isso, segundo o texto, Deus vai fazer.

Um pequenino os guiará

Isto é mais estranho ainda. Uma criança, ainda bem pequena, será capaz de tomar esses animais “pelas mãos” e levá-los onde bem entenda. Hoje isto é uma impossibilidade por causa da alteração da natureza dos animais causada pela maldição divina.

A vaca e a urso pastarão juntas e também suas crias

Dá para imaginar as famílias desses dois animais pastarem juntas? É possível imaginar, nas presentes condições, o devorador urso pastando junto com uma vaca? Somente uma nova alteração de suas naturezas tornará essa profecia numa realidade. A primeira intervenção na natureza deles os tornou como são agora, Somente a segunda os haverá de restaurar à condição primeva.

O leão comerá palha com o boi

Uma mudança radical haverá com o leão. Ele passará a comer o que não come hoje. Ele é eminentemente carnívoro, mas na nova terra, comerá palha. Isso é próprio do boi hoje, mas o leão pacificamente fará as suas refeições com aquele que hoje ele devora vorazmente. O que ele faz hoje é produto da maldição da queda que trouxe mudanças profundas na natureza do animal. Certamente, quando a maldição for retirada da terra, ele passará a fazer o que era próprio dele no santo Éden de Deus.

A criança de peito brincará junto a toca da serpente e a desmamada porá a mão na cova do basilisco

Se há um contraste mais notável nesta descrição do profeta é da criança brincando com uma serpente. Crabtree disse que “se o profeta está

pensando na inimizade perpétua que resultou da primeira tentação, este é o exemplo mais compreensivo da restauração do paraíso do Éden.”¹⁶⁷

A harmonia dos seres humanos, mesmo os mais débeis, como as crianças pequeninas, com os animais será absolutamente clara. Não haverá violência entre eles e os animais, coisa inexistente hoje ainda. Uma criança pequenina, de peito, não pode ficar perto das serpentes nem botar a mão na cova delas com o grande risco de ser mordida e morrer. Mas o texto enfatiza que essas coisas próprias de um tempo de maldição, não mais acontecerão quando houver a intervenção divina na natureza dos animais, fazendo-os retornar, em alguma medida, ao que possuíam antes da queda.

O autor bíblico, inspirado por Deus, registrou o que vai acontecer já na aurora do novo mundo, mas usou os exemplos mais gritantes para mostrar quão drástica será a transformação em contraste com o que agora existe. O que agora existe é produto da intervenção divina como expressão do seu desagrado com a natureza por causa do pecado do homem. O seu *habitat* sofreu mudanças de maldição. Todavia, sua maldição não permanecerá para sempre. O que existirá não será nada absolutamente novo, mas a restauração do que houve no passado e que foi perdido por causa do pecado.

Estes exemplos indicam que os animais com as mais violentas disposições, que usam seus dentes e suas garras para devorar os animais pacíficos, terão as suas disposições totalmente mudadas pela ação restauradora de Deus na recriação da terra e de suas criaturas.

Todas as coisas acima mencionadas são inimagináveis no mundo em que vivemos! Somente a revelação bíblica pode dar-nos informação de como as coisas serão novamente. Isso indica que assim era no tempo quando o pecado ainda não fazia parte do ambiente dos seres humanos e a maldição ainda não havia caído sobre os animais.

Is 35.9 – “Ali não haverá leão, animal feroz não passará por ele, nem se achará nele; mas os remidos andarão por ele.”

Neste texto, o profeta está tratando do caminho santo, pelo qual não passarão injustos, pecadores, pessoas imundas. Não haverá nada ali que lembre a pecaminosidade e a violência. Por isso é dito que “ali não passará animal feroz” e o símbolo da ferocidade é o leão. Esta é a razão porque é dito que ali não passará o leão, pois esse animal é sempre conotado com ferocidade e violência. Com essa idéia em mente, o profeta fala desse lugar que somente os resgatados do Senhor desfrutarão. Ali haverá regozijo e alegria eterna, sem tristeza ou gemido, que é produto da violência e da ferocidade (v. 10). É para que os seus escritores entendam que ele diz que animal feroz ali não habitará. Deus mudará, já vimos a natureza caída dos animais, fazendo-os comportamentalmente diferentes, apropriados à terra onde habita alegria eterna e santa paz.

A nova criação mostra a realidade deste terceiro ponto. Quando Deus restaurar todas as coisas, é-nos dito na Escritura que o lobo pastará com o cordeiro e o urso comerá palha com o boi. Isto nos mostra como os animais se comportavam no princípio, pois a restauração indica o processo de trazer de volta as coisas como eram originalmente.

167 A. R. Crabtree, *A Profecia de Isaías*, vol. 1 (Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1967), 211.

Todavia, esse comportamento animal é inconcebível pelas pessoas que estudam apenas cientificamente. Quando ignoramos a revelação divina nas Escrituras, ficamos totalmente sem ter noção do que vai acontecer. Somente a revelação divina nos informa sobre a afetação da maldição divina por causa da queda sobre o comportamento dos animais. Por causa da natureza estar sob maldição, os animais têm dores e desconfortos que certamente serão retirados quando a redenção da natureza se realizar.

Os micro-organismos foram afetados nas suas funções

Os micro-organismos como os protozoários, as bactérias e os vírus que provocam enfermidades, certamente não foram criados para esse fim, isto é, com a capacidade de trazer sofrimento ao mundo dos homens, ao dos próprios animais e das plantas. Wenham diz que “ em alguns casos, é possível demonstrar que micro organismos deixaram seu *habitat* natural, onde são benéficos (ou, na pior das hipóteses, inofensivos), para irem viver num *habitat* estranho, onde são prejudiciais.”¹⁶⁸ Não sabemos como isto se processou, mas sabemos que eles não fazem parte do mundo original, porque todas as coisas que o Criador fez eram muito boas, segundo a sua própria apreciação da criação (Gn 1.31).

É difícil trabalhar teologicamente nesta esfera, porque não temos elementos escriturísticos que nos possam dar qualquer informação pela simples razão de que esses micro organismos não poderiam ser descobertos sem os instrumentos apuradamente científicos de que dispomos hoje.

Todavia, não é ilógico nem temerário dizer que essas distorções da natureza são produto da ira divina e seus instrumentos de trabalho neste mundo caído. Assim como outros animais superiores foram claramente afetados na sua natureza por causa da justiça punitiva de Deus sobre os homens, em última instância, estes animais microscópicos também possuem o seu papel na esfera da ira divina. Eles servem para cumprir os propósitos justos sobre um mundo rebelde, onde os próprios filhos seus sofrem, porque ainda não foram libertos de todos os efeitos causados pela queda.

APLICAÇÃO

Há um mandato cultural para nós, os seres humanos, especialmente aqueles de nós que já conhecemos a revelação verbal de Deus. Somos chamados para dominar sobre todas as obras da natureza. Tanto o livro de Gênesis como algumas outras passagens da Escritura dizem-nos que somos ordenados a cuidar da terra, para lavrá-la, para cuidar de toda obra que Deus fez. Esse mandato cultural não foi retirado com a queda do homem.

Cabe-nos a tarefa de, por enquanto, diminuir ao máximo as dores que são causadas aos animais. Devemos preservar como coroa da criação de Deus, todas as coisas que Deus colocou neste mundo para o nosso deleite e para o nosso bem. Tanto as plantas como os animais foram colocados por Deus para que vivêssemos todos em harmonia e todos os seres humanos pudessem desfrutar deles para o seu sustento e bem-estar. Como cristãos, temos maior responsabilidade em razão do conhecimento da revelação verbal que possuímos.

168 John Wenham, *O Enigma do Mal* (São Paulo: Edições Vida Nova, 1989), 197.

OS MALES FÍSICOS ABRANGEM OS SERES HUMANOS

O Sofrimento dos Homens em Geral

Os males físicos são o produto do desprazer divino contra o pecado. Todos os seres humanos sofrem as conseqüências gerais dos males físicos em razão dos pecados da humanidade. Podemos dizer que esses males físicos são manifestos em forma de punição de Deus por causa dos pecados em geral, sem qualquer conotação específica. Deus se desgosta com a humanidade e lhe envia alguns males.

A retribuição divina freqüentemente é mostrada em juízos parciais sobre os homens, com a trindade da guerra, fome e peste. Quando Israel transgrediu os seus mandamentos, Deus anunciou os sofrimentos pelos quais a nação iria passar. É interessante observar que esses sofrimentos não estão destinados a uma turma especial de pecadores, mas toda nação sofre por causa dos seus pecados. Ezequiel disse que toda nação haveria de cair debaixo da “espada, e de fome e de peste” (Ez 6.11b).

Tanto o Antigo Testamento como o Novo dizem que guerras, fome, terremotos, enchentes, pragas (Jl 2.25), doenças mentais (1 Sm 16.14-15) e mortes, haveriam de vir sobre os homens, como produto do desgosto divino sobre este mundo ainda pecaminoso.

VARIEDADE DOS MALES FÍSICOS NOS SERES HUMANOS

POBREZA

A pobreza é um dos males físicos que mais traz revolta a todos que possuem um senso de justiça apurado. Num mundo cheio de riqueza que Deus dá, a pobreza está à solta. Os grandes bolsões de pobreza no mundo são, em alguns casos, extremos. Há muitos fatores causadores da pobreza, como veremos adiante, mas a injustiça social faz com que a distribuição das riquezas seja injusta, além de outros fatores coadjuvantes.

Os pecados dos seres humanos combinados com a reação da justiça divina são, em última instância, o fator último de todas as manifestações de pobreza em nosso mundo. Esses pecados possuem múltiplas formas que não serão analisados neste capítulo devido à exigüidade de espaço

A Realidade da Pobreza

Tipos de Pobreza

Carson ¹⁶⁹ menciona seis tipos de pobreza existentes no mundo em que vivemos e que são exemplificados nas Escrituras Sagradas, e acrescentamos algumas outras idéias que podem ajudar o leitor a ter uma visão mais ampliada dos tipos de pobreza que afligem a nossa sociedade contemporânea. Esses são males físicos que nos têm acompanhado por vários séculos e, provavelmente, farão parte do quadro deste mundo até que o Senhor volte, sem muitas mudanças radicais em perspectiva, porque os problemas da pecaminosidade humana não terão sido, até então, erradicados.

169 Donald A. Carson, *How Long, O Lord?* (Grand Rapids: Baker, 1990), 51-68.

Pobreza por causa do Infortúnio

Muitas pessoas sofrem os males físicos da pobreza por causa da infelicidade que as enfermidades trazem. São os muitos milhões deste mundo que não possuem recursos financeiros e, além disso, são acometidos de enfermidades prolongadas que exigem tratamentos dispendiosos. Por muito tempo essas pessoas passam penúria por causa dos males físicos que lhes sobrevêm. Em nossa própria terra podemos ver muitas pessoas sujeitas à miséria por causa de freqüentes enfermidades que roubam todos os recursos adquiridos nos longos anos de honesto trabalho.

Esse tipo de infortúnio é muito comum num país como o nosso em que a previdência social não dá a devida assistência a uma porção de enfermidades físicas e emocionais, especialmente em alguns lugares menos favorecidos. Então, as famílias que têm membros acometidos de enfermidades são levadas à miséria para terem os seus queridos minimizados em suas dores.

Uma outra espécie de pobreza por infortúnio se mostra nas grandes calamidades, como o excesso de chuva, por exemplo. Quem são os mais afetados? Os pobres, que acabam se tornando mais pobres ainda, porque perdem os seus barracos, perdem o pouco que acumularam e não têm como reaver os seus bens. A pobreza dos pobres vem a ser a sua própria infelicidade. Em tempos quando o mundo todo atravessa grandes dificuldades e crises econômicas, quem mais sofre é o que tem menos recursos. Os pobres, que sempre temos conosco, como Jesus vaticinou (), são os mais atingidos numa situação de crise. Por isso, o sábio Salomão disse: “Os bens do rico são a sua cidade forte, e a pobreza dos pobres é a sua ruína” (Pv 10.15).

Uma outra espécie de pobreza por infortúnio vem quando as pessoas ficam desamparadas pela morte daqueles que os sustentam. Hoje temos em nossos países uma previdência (muito mal administrada, por sinal), mas que dá alguns trocados às viúvas. Mas não era assim nos tempos bíblicos. Ruth e Noemi ficaram absolutamente desamparadas com a morte dos seus maridos. Naquele tempo, viuvez era sinônimo de total desamparo. Por essa razão, a Escritura adverte de que a verdadeira religião era “cuidar dos órfãos e das viúvas” (). Nessa época não havia como as viúvas fazerem dinheiro. Ficaram numa situação de extrema pobreza e precisavam ser socorridas pelos mais abastados que eram crentes no Deus verdadeiro.

Deus tomou providências para minimizar essa pobreza por causa do infortúnio que causa pobreza. Ele prescreveu leis que ajudavam os pobres da região:

Dt 15.11 – Pois nunca deixará de haver pobres na terra: por isso eu te ordeno: Livremente abrirás a tua mão para o teu irmão, para o necessitado, para o pobre na terra.”

Essa é a ordenação divina para aqueles que são mais abastados. Eles tem o dever de prestar um tipo de socorro aos necessitados. Mas, que tipo? Que tipo de “previdência” Deus usou na sua providência? Veja o plano que Deus apresentou para minimizar esses males físicos da pobreza

Dt 24.19-22 - “Quando no teu campo segares a messe, e nele esqueceres um feixe de espigas, não voltarás a tomá-lo; para o estrangeiro, para o órfão e para a viúva será; para que o Senhor teu Deus te abençoe em toda obra das tuas mãos. Quando sacudires a tua oliveira, não voltarás a colher o fruto dos ramos; para o estrangeiro e para a viúva será. Quando vindimares a tua vinha, não tornarás a rebuscá-la; para o estrangeiro, para o órfão e para a viúva será o restante. Lembrar-te-ás de que foste escravo na terra do Egito. Pelo que te ordeno que faças isto.”

Que sistema previdenciário extraordinário num tempo como aquele! Havia o mínimo de provisão necessária para a subsistência daqueles que haviam sido vítimas de qualquer tipo de infortúnio. Perceba que viúvas e órfãos estão sempre mencionados. O exemplo típico desse infortúnio está mencionado no livro de Ruth, quando do seu contato com Boás, o dono da terra nas regiões de Belém (Rt 2.1-7).

Além deles, o estrangeiro que passava por aquelas terras tinha que desfrutar das benesses das plantações porque não havia qualquer infraestrutura hoteleira ou de restaurantes no mundo de então. Então, ele se beneficiava do restante da colheita que ainda ficava nas árvores. Era a obra providencial de Deus para suprir as necessidades dos pobres.

Esse tipo de pobreza deve causar em nós — os que não passamos por esses tipos de infortúnios — uma espécie de sincera compaixão. Vivemos numa sociedade acostumada com esse tipo de pobreza que, quase que sempre, nos conduz a uma frieza e dureza de coração. Nunca temos o direito de escarnecer ou de zombar dessas situações de infortúnio que causam pobreza. A advertência que nos vem da parte de Deus é esta:

Pv 17.5 - “O que escarnece do pobre insulta ao que o criou; o que se alegre da calamidade não ficará impune.”

Freqüentemente, os pobres são motivo de piadas e chacotas de muitos de nós. Zombamos deles para podermos rir um pouco do infortúnio deles. Devemos evitar esse tipo de comportamento porque o Senhor o condena. Portanto, peçamos a Deus compaixão para com os que sofrem infortúnios nesta vida e são vítimas dessa pobreza extremamente involuntária.

Pobreza por causa da Opressão

Esta é pobreza mais mencionada e mais fortemente condenada nas Escrituras: a pobreza que é produto da exploração do fraco pelo forte. Em nosso país, não haveria a necessidade de haver tanta pobreza, como há. Ele é um país rico, mas a injustiça social é tão grande e fica cada vez mais evidente à medida que a opressão dos ricos sobre os menos favorecidos. A injustiça na distribuição da renda advém da opressão daqueles que são mais ricos e ainda querem ganhar mais. Se há os que querem ganhar mais tem que haver necessariamente os que têm que ganhar menos. Todos não podem ganhar mais simultaneamente.

O escritor de Provérbios trata do problema da opressão vinda sobre os trabalhadores que produzem mas que, todavia, tem a falta do produto para a sua subsistência.

Pv 13.23 – “ A terra virgem dos pobres dá mantimento em abundância, mas a falta de justiça o dissipa.”

Observe quantos pequenos produtores tem o seu produto arrancado e pago indevidamente. Na verdade, o que eles produzem não lhes reverte em nada por causa da injustiça social que campeia em nosso país. Os alimentos são dissipados porque os comerciantes mais fortes exploram os pequenos produtores e seu labor não redundam em riqueza. Somente a pobreza é aumentada por causa da opressão dos fortes sobre os pequenos.

Além disso, o grande problema do latifúndio afeta profundamente os pequenos proprietários já massacrados pelo preço imposto pelos atravessadores. O latifúndio tem prejudicado enormemente o desenvolvimento daquele que é justo em nossa sociedade. O preço da terra tem encarecido por causa dos ricos que pagam mais, e cada vez mais os pobres vão ficando sem a possibilidade de melhorar a sua condição de miséria. O latifúndio aumenta ainda mais a pobreza deste país. Sem usar a palavra latifúndio (que é um termo técnico), a Escritura trata do problema dos latifundiários, que vão aumentando cada vez mais as suas propriedades amassando e encurralando os pobres da terra.

Is 5.8 - “Ai dos que ajuntam casa a casa, reúnem campo a campo, até que não haja mais lugar, e ficam como únicos moradores no meio da terra!”

Que retrato exato do que acontece nos países pobres! Esses países são pobres também por causa do problema do latifúndio. Terras improdutivas acumuladas nas mãos de poucas pessoas, e a pobreza campeia sobre a terra de latifundiários. Infeliz é o governo que não toma providências para que esses males não sejam extirpados de sobre os territórios que governam.

A maldição de Deus haverá de vir sobre governantes e sobre os latifundiários, porque a Escritura diz que Deus profere “ais” sobre eles, porque causam uma pobreza ainda maior.

A opressão vem de todos os lados. Um pisa sobre o outro a fim de ter vantagem sobre o outro, e o escritor de Eclesiastes adverte os seus leitores para não se espantarem quando isto acontecer:

Ec 5.1-2 - “Se vires em alguma província opressão dos pobres, e o roubo em lugar do direito e da justiça, não te maravilhes de semelhante caso. Porque o que está alto tem acima de si outro mais alto que o explora, e sobre estes há ainda outros mais elevados que também exploram.”

É uma cadeia de explorações sem conta. Se falássemos do governo, diríamos que todos os escalões, do mais baixo ao mais alto, sofrem do grande mal da exploração humana que acaba terminando na pobreza daqueles que são já pobres. A opressão dos poderosos sobre os fracos aumenta cada vez mais e a pobreza se multiplica porque cada vez mais temos menos ricos mais poderosíssimos e mais pobres cada vez mais fracos. A opressão é o veículo mais usado para o empobrecimento de uma nação.

Os efeitos sobre os menos favorecidos são ainda mais agravados quando percebemos as conseqüências das injustiças ainda mais opressoras dos fortes sobre os fracos. O Escritor de Eclesiastes mostra em palavras extremamente doloridas, mas enfáticas, a desgraça que a opressão traz:

Ec 4.1-3 - “Vi ainda todas as opressões que se fazem debaixo do sol: eis as lágrimas dos que foram oprimidos, sem que ninguém os consolasse; vi a violência na mão dos opressores, sem que ninguém os consolasse. Pelo que tenho por mais felizes os que já morreram, mais do que os que ainda vivem; porém, mais que uns e outros tenho por feliz aquele que ainda não nasceu, e não viu as más obras que se fazem debaixo do sol.”

Esta não é uma visão pessimista do mundo, mas uma visão realista. Não há coisa mais dolorida para uma alma sensível do que ver pessoas sendo oprimidas de uma maneira muito violenta e injusta. O pior de tudo é a opressão sem consolação da parte dos que poderiam consolar! Choro e lágrimas sem conforto! A pobreza por causa da opressão foi sempre assim. Por essa razão, o escritor bíblico propõe saída menos dolorida para a pobreza dos oprimidos: morte ou não existência do sofrimento que é possível somente para aqueles que nunca vem a existir. Essas soluções são pessimistas! A saída proposta por Deus é diferente porque trata da vitória sobre esse tipo de pobreza quando a justiça divina se manifestar na terra de maneira final!

Neste último caso, diferentemente do primeiro caso, a pobreza é conseqüência direta dos pecados dos mais poderosos. Eles cometem atos conscientes que vão trazer miséria a muitos. Todavia, eles não se importam com os resultados dos seus maus atos. A Escritura diz que o ímpio não quer saber das conseqüências nem das causas da pobreza. A única coisa que muitos ricos e poderosos pensam é terem mais riqueza, não se importando às custas de quem, mas o justo recebe as informações sobre as injustiças, de forma que eles possam tomar iniciativa para minorar as misérias deles.

Pv 29.7 - “Informa-se o justo da causa dos pobres, mas o perverso de nada disso quer saber”.

Quando um justo protesta contra a opressão feita aos pobres, os opressores não têm ouvidos para as queixas deles. Eles não estão preocupados com nada, contanto que os seus cofres fiquem cada vez mais cheios das riquezas injustas que acumulam.

Nem todos os opressores recebem a paga de seus pecados aqui neste mundo, mas nosso Deus é de justiça e certamente não deixará impunes os pecados de opressão.

Ao cristão cabe o dever de socorrer aqueles que estão debaixo de opressão:

Pv 31.8 - “Abre a tua boca, julga retamente, e faz justiça aos pobres e aos necessitados.”

Os cristãos tem alguns deveres ordenados por Deus: a) a igreja precisa denunciar a opressão e a injustiça. Ela não pode calar-se diante do quadro

diante de nós. É um pecado ser omissos nessa situação tão injusta; b) a igreja deve aprender a avaliar corretamente a situação julgando cada caso sem cometer injustiça; c) a igreja cristã deve aprender ela mesma a socorrer os pobres e os necessitados. É necessário que a igreja de Cristo tome a vanguarda na luta contra a injustiça social presente em nossa sociedade.

Nestas coisas o cristianismo ortodoxo e evangélico em geral não tem prestado atenção. Temos atribuído ao Estado o dever de socorrer ou de minorar a situação da pobreza como resultado da opressão, e temos nos esquecido de que também é dever do povo de Deus trabalhar para minorar a pobreza neste mundo, lutando contra as injustiças sociais e a opressão.

Pobreza por causa da Preguiça

Este é o tipo de pobreza mais bizarra, mas a preguiça tem sido a causa de muita miséria neste mundo. A Escritura tem várias advertências contra a preguiça que é causadora de miséria.

O livro de Provérbios é riquíssimo em informações que nos ajudam a entender a pobreza que vem como consequência da preguiça. Esta pobreza é pecaminosa porque é produto da omissão daquilo que é básico para a subsistência do homem: trabalho.

Observe o sonho do preguiçoso

Pv 13.4 – “O preguiçoso deseja, e nada tem, mas a alma dos diligentes se farta.”

Como qualquer ser humano o preguiçoso tem sonhos de obter muitas coisas na sua vida. Ele não é um homem sem esperanças. Estas enchem a sua vida! Eu conheço preguiçosos que vivem fazendo planos para as suas famílias, encorajando os filhos com dias melhores pela frente, mas os planos que fazem parte da sua vida não o tiram da miséria justamente por causa da preguiça que os desencoraja a trabalhar. Eles apenas sonham, mas nunca tornam o sonho deles em realidade! Por essa razão é que a Escritura diz:

Pv 14.23 – “Em todo trabalho há proveito, meras palavras, porém, levam à penúria.

O preguiçoso fala muito, planeja muito, mas não põe em prática o seu plano porque o trabalho não faz parte dos seus planos, mas somente os resultados. Quando se fala muito e se faz pouco, o resultado decorrente é a miséria de uma família. Muitas famílias neste nosso mundo andam na miséria por causa da falta de ação dos chefes de família que tem muito a dizer mas pouco a fazer.

Observe a manifestação da preguiça

É espantoso ver como Salomão descreve as manifestações da preguiça que leva à pobreza.

Pv 12.27 – “O preguiçoso não assará a sua caça, mas o bem precioso do homem é ele ser diligente.”

Este é o cúmulo da preguiça: Ter a caça na mão, mas padecer de fome porque tem preguiça do cozê-lo. A indolência do homem o leva à penúria porque deixa de fazer o que é óbvio. Todavia, a diligência (ou o esforço) é sempre exaltado como grande qualidade do homem sábio.

Veja uma outra maneira louca em que a preguiça se manifesta:

Pv 26.13-15 - “Diz o preguiçoso: um leão está no caminho; um leão está nas ruas. Como a porta se revolve nos seus gonzos, assim o preguiçoso no seu leito. O preguiçoso mete a mão no prato, e não quer ter o trabalho de a levar à boca.” (ver Pv 19.24)

Como é típico do preguiçoso, ele gosta de ficar deitado em sua cama e inventa desculpas para não fazer o que lhe cabe. Então põe obstáculos externos, dizendo dos animais no caminho. Contudo, a sua preguiça chega a limites extremos ao ponto de ter todas as coisas na mão, inclusive a comida, e não ser suficientemente corajoso para agir levando a comida à boca. Esta descrição do preguiçoso dada por Salomão é extremamente exata e retrata a desgraça de muitos que vão à miséria por causa da preguiça.

Observe o resultado da preguiça

Os textos bíblicos abaixo mostram a desgraça de pobreza que a preguiça traz.

Pv 19.15 – “A preguiça faz cair em profundo sono, e o ocioso vem a padecer de fome.”

Pv 20.4 – “O preguiçoso não lavra por causa do inverno, pelo que, na sega, procura e nada encontra.”

Pv 21.25 – “O preguiçoso morre desejando, porque as suas mãos recusam trabalhar.”

Os resultados acima (o padecimento de fome, a miséria de provisão e a morte sem a realização dos sonhos) são muito comuns na vida de muita gente em nosso país. Gente que nunca aprendeu o significado do esforço e da luta pela sobrevivência. Esse é um mal físico que tem atrapalhado a harmonia de muitas famílias que acabam pagando pela negligência dos seus progenitores.

No texto abaixo, o autor de Provérbios mostra o *modus operandi* do preguiçoso. Verifique empiricamente se as cousas não são de fato assim:

Pv 24.30-34 - “Passei pelo campo do preguiçoso, e junto á vinha do homem falto de entendimento. Eis que tudo estava cheio de espinhos, a sua superfície coberta de urtigas, e o seu muro de pedra em ruínas. Tendo-o visto, considerei: vi, e recebi a instrução. Um pouco para dormir, um pouco para toscanear, um pouco para encruzar os braços em repouso, *assim sobrevirá a tua pobreza* como um ladrão, e a tua necessidade como um homem armado.

Há alguns pontos que precisam ser analisados neste texto: a) A preguiça está ligada à falta de entendimento do que a vida significa; b) o

resultado imediato da preguiça é o campo sem ser lavrado, todo coberto de espinhos e plantas bravas, e os muros em ruínas. Nada foi feito; c) o pregador, então, passa a descrever o procedimento causador dessa miséria. O preguiçoso gasta um pouquinho de tempo para dormir, depois um pouquinho para repousar do sono e cochilar, levanta do cochilo e descansa cruzando os braços. Assim é a vida do preguiçoso. Veja qual o resultado preconizado pelo escritor em razão desse *modus operandi*: a vinda certa da pobreza.

A pobreza é o resultado direto da preguiça que invade muitos lares e os desgraça.

Observe o conceito que o preguiçoso tem de si

Pv 26.16 – “Mais sábio é o preguiçoso a seus próprios olhos do que sete homens que sabem responder bem.”

O pecado do preguiçoso não é somente ter indisposição mental e física para o trabalho, mas o pior de tudo é a estima que ele tem si mesmo. Ele se acha a si mesmo mais sábio do que o que trabalha. Na estima dele tolo é quem gasta energia e fofato no trabalho, quando ele pode ter as mesmas coisas sem fazer nada. Na sua própria conta, ele é mais vivo e inteligente porque pode ganhar o mundo sem fazer força.

O pior ainda é que ele se considera mais sábio do que sete homens sensatos inteligentes, que possuem uma resposta sábia. Que presunção! Este pensa de si mesmo muito além do que convém! É jactancioso e não consegue enxergar-se como é na realidade. Quanto mais ignorante de si mesmo, mais tendente à miséria, porque o homem que não se enxerga certamente não enxerga corretamente as coisas objetivas que estão ao seu redor.

O modelo para o preguiçoso

Pv 31.27 – “Atende ao bom andamento da sua casa, e não come o pão da preguiça.”

O nosso mundo precisa de homens e mulheres que trabalhem e comam do fruto do penoso trabalho diário. Há muitos que comem do trabalho de outros e vivem na dependência de outros por sua preguiça. Esses vivem como pedintes sem qualquer disposição para o trabalho, entendendo sempre que os outros é que devem trabalhar por eles.

Todavia, o bom andamento de uma casa depende do esforço conjunto dos cônjuges e dos filhos que já são habilitados para o sustento digno de toda a família. Desses se pode dizer que não comem o pão da preguiça. Eles são a esperança de uma sociedade produtiva e que, pode vir a ser uma realidade, pelo menos ,temporária, em nosso tempo.

Um Conselho ao preguiçoso

Pv 6.6-11 - “Vai ter com a formiga, ó preguiçoso, considera os seus caminhos, e sê sábio. Não tendo ela chefe, nem oficial, nem comandante, no estio prepara o seu pão, na sega ajunta o seu

mantimento. Ó preguiçoso, até quando ficarás deitado? Quando te levantarás do teu sono? Um pouco para dormir, um pouco para toscanear, um pouco para encruzar os braços em repouso, assim sobrevirá a tua pobreza como um ladrão, e a tua necessidade como um homem armado.” (c.f. Pv 24.30-34).

Neste texto que na sua maior parte tem a repetição em Provérbios 24.30-34, o autor insta o preguiçoso a fazer três coisas:

(1) a observar o modo da formiga trabalhar

Ninguém tem cargo superior a ela. Ela não precisa de superiores para fazê-la trabalhar. Ela é exemplo de dedicação, de fidelidade ao trabalho, de disposição de trabalho. Ela é previdente no seu trabalho pois no tempo próprio ela retira o alimento e o armazena para o tempo quando ela não pode trabalhar;

(2) a considerar os caminhos dela

A formiga não perde tempo deitada ou dormindo. Ela não gasta tempo para dormir, para cochilar e depois ficar de braços cruzados para descansar. Os caminhos da formiga são de duro trabalho. O preguiçoso deve ponderar sobre os caminhos da formiga e abandonar os seus próprios caminhos. Do contrário, a pobreza baterá à porta do preguiçoso;

(3) a ser sábio

O preguiçoso precisa olhar para dentro de si mesmo e não considerar-se mais sábio do que sete homens inteligentes (Pv 26.16). A sabedoria não está dentro do preguiçoso, mas fora dele. A sabedoria está no modo como a formiga trabalha. O sábio é aquele que trabalha sem que seja vigiado ou seja mandado. Ele trabalha sabendo que tem que produzir bens para a felicidade dos outros e para o sustento dos seus e para o progresso do país. São estas coisas que o preguiçoso deve aprender com a formiga.

O texto termina dizendo que se ele não for ter com a formiga, as necessidades dele vão aparecer violenta e rapidamente, como um homem armado aparece diante de nós para nos assaltar, sem que nós esperemos.

Além disso, a pobreza haverá de aparecer repentinamente sobre ele, como o ladrão aparece sem que seja esperado. Por causa disso, o preguiçoso tem que olhar para fora de si mesmo, para um inseto desprezível pelo seu tamanho, mas grande na sua capacidade de trabalho, e aprender a fazer como ela faz.

Pobreza por causa da Ignorância Espiritual

Pv 13.18 – “Pobreza e afronta sobrevêm ao que rejeita a instrução, mas o que guarda a repreensão será honrado.”

Provavelmente, o escritor de Provérbios não tenha visto tantas experiências quantas são possíveis de ser experimentadas aqui em nosso país em virtude da ignorância espiritual. O texto acima fala da pobreza que advém da rejeição da instrução. A instrução aqui tem a ver com a Palavra de Deus que honra o homem.

Quanto menos instruído nas verdades de Deus ou quanto menos se dá ouvidos às palavras de Deus, mas os homens deste país e de todos os lugares onde não há a instrução de Cristo, mais eles se tornam pobres.

Os bolsões maiores de pobreza neste país estão localizados em regiões onde há maior ignorância espiritual. Somos um país nominalmente cristão, mas um cristianismo que tem deixado os seus fiéis na ignorância espiritual, mantendo e alimentando credices próprias do catolicismo popular. Quando mais ignorantes das Escrituras, mais essas pessoas são passíveis do engano e da manipulação política e econômica. A miséria campeia nesses bolsões de ignorância espiritual. Certamente os sociólogos e assistentes sociais não haverão de concordar com a minha análise, pois ela é teológica. Todavia, que provem eles o contrário.

Eu aplico o mesmo princípio nos países chamados cristãos mas onde o evangelho não é pregado e as pessoas não ouvem as instruções devidas da Palavra de Deus. Ali as pessoas são facilmente influenciáveis politicamente e religiosamente. Quanto mais ignorante nessas duas coisas, mais pobreza vem sobre e eles e, como conseqüência, mais manobráveis elas se tornam para os interesseiros.

Todavia, aqueles que aceitam a repreensão e a instrução são honrados. Por essa razão, os cristãos genuínos devem participar na tarefa de instrução dos menos favorecidos, a fim de que, com a instrução nas verdades de Deus, as pessoas possam deixar a sua miséria. Há muitos exemplos de pessoas miseravelmente pobres que, quando creram e aprenderam da genuína Palavra de Deus, aceitando a instrução, deixaram de ser pobres, porque a mente deles foi esclarecida e eles passaram a ser úteis e produtivos na sociedade, tendo opiniões esclarecidas, deixando de serem manobradas política e religiosamente.

Pobreza por causa da Imprudência

A pobreza pode aparecer por causa da imprudência de pessoas que não possuem uma correta visão da vida nem do ambiente em que querem viver por sonhos. Muitos há abandonam a sua terra pobre, mas ali, pelo menos, têm o absolutamente necessário para a sua subsistência; têm onde morar, mesmo que precariamente; têm parentes que podem socorrê-los em horas de extrema necessidade.

No entanto, por causa de sonhos e de aventuras, saem de sua terra natal a procura do “eldorado” das cidades grandes que estão cheias de atrações, trazendo todas as suas parcas economias. Quando enfrentam a frieza e a dureza de uma cidade grande, logo começa e desespere da falta de emprego e da falta de credencial e preparo. O dinheiro curto deles logo se dissipa. Então, caem em prostituição, em bebedeira, no jogo, trazendo ruína para si mesmos e para a família que deixaram na terra natal. Ainda há aqueles que fazem suas aventuras trazendo a própria família, expondo-a a toda sorte de ignomínias e aos maus tratos que a pobreza traz.

Um exemplo típico da imprudência é mostrado no texto de Lucas 15.11-16, que trata do filho pródigo. Ele sai de casa com a parte da herança que lhe cabe, parte para uma vida de aventuras, gastando todo o seu dinheiro em coisas de prazer, sem pensar no dia de amanhã. Então, a pobreza começa a aparecer e os amigos desaparecem. A falta de dinheiro

causa grande desespero quando se está fora de casa. Depois de muita amargura e vergonha, comendo a comida dos porcos, o filho pródigo se lembra das cousas mínimas que poderia ter, e que sem existem na casa do pai. Ali, mesmo os trabalhadores mais humildes têm pão para comer, vestidos para se vestirem. Assim, ele dissipou tudo por causa da imprudência.

Muitos há que vivem em algumas regiões deste país em condições bastante pobres, mas não sem dignidade. Em busca de melhores coisas, sem conhecer geografia, história ou economia, vêm aos grandes centros no meio da civilização urbana, a procura de melhores empregos, mas não sabem o que lhes espera. A pobreza das grandes cidades deste país tem a ver também com a imprudência de muitos que deixam as suas regiões onde poderia auferir o pão e a roupa (mesmo que de qualidade muito pobre), mas acabam encontrando a miséria e a penúria vivendo nos ambientes hostis que, freqüentemente, os leva à violência e ao sofrimento, coisas que nunca experimentaríamos se se houvessem com sabedoria e prudência.

Pobreza por causa dos Vícios Sociais

Os vícios sociais são os responsáveis por grande parte da miséria que campeia em nosso país. Um problema acaba atraindo outro. É um círculo vicioso. Muitos vão ao vício por causa de sua infelicidade e, ao entrarem nele, trazem extrema infelicidade para si mesmos e para suas famílias.

A Escritura tem uma palavra a respeito desse assunto:

Pv 23.20-21 - “Não esteja entre os bebedores de vinho, nem entre os comilões de carne. Porque o beberrão e o comilão caem em pobreza; e a sonolência vestirá de trapos o homem.”

Esses pecados são os mais destrutivos na sociedade humana e evidenciam a ausência de sabedoria e prudência, trazendo a ruína da miséria entre as famílias humanas. O nosso mundo contemporâneo é cheio de exemplos de homens e mulheres que se deixam levar por esses pecados, para onde também a juventude está se dirigindo. A desgraça da sociedade está às portas, se providências não forem tomadas em muitos países.

Deixa-me ilustrar estas três verdades dos versos acima:

A primeira verdade é a de que o beberrão cai em pobreza.

Este é um caso muito comum em nosso país com tantas distorções econômicas e uma recessão contínua. As pessoas ficam desencorajadas e, como fuga, vão para a bebida. Obviamente, a recessão vem para todos, e nem todos se afogam na bebida. Todavia, esta é a desculpa de muitos homens. A constatação se torna ainda mais evidente quando vemos pais de famílias desempregados que caem no vício da bebida e trazem desgraça para si e para os seus filhos. Acabam ficando nas sarjetas das ruas, falando o que não devem, fazendo o que nunca pensariam fazer se estivessem sóbrios, expondo-se à vergonha, trazendo ainda maior pobreza para si mesmos.

A bebedeira causa sonolência e a sonolência gera preguiça e a preguiça gera a pobreza. A sonolência traz ao homem a desatenção aos negócios e faz perder a concentração no serviço que desenvolve. Logo, ele

perde o emprego e a tragédia da pobreza não demora a aparecer. É uma cadeia inexorável da qual o homem não pode escapar.

O conselho do pregador é para que as pessoas nunca estejam entre os bebedores de vinho. Ele sabe o que está aconselhando. Veja o seu raciocínio inteligente:

Pv 23.29-31 - “Para quem são os ais? Para quem os pesares? Para quem as rixas? Para quem as queixas? Para quem as feridas sem causa? E para quem os olhos vermelhos? Para os que demoram em beber vinho, para os que andam buscando bebida misturada.”

Você, leitor, ainda quer um quadro mais claro que prenuncia a miséria, a infelicidade e a pobreza de uma família? Os gritos de dor, as lamentações, as brigas, as reclamações, as feridas das pessoas que nunca fizeram nada, os olhos vermelhos de tanto chorar. Quem possui estas coisas e quem as causa? Aqueles que se demoram em beber vinho e as bebidas mais fortes que estão à disposição no mercado. Esse é o retrato de milhares de família, algumas das quais certamente você conhece pessoalmente.

O beberrão acaba em miséria porque ele não tem mais disposição de trabalhar, nem de vencer na vida. Os vícios sociais matam muitos sonhos e desfazem muitos lares.

A segunda verdade é a de que o comilão também cai em pobreza

A Escritura nos adverte contra o comer com excesso assim como o beber em excesso. Alguns comem carne não para satisfazer a sua fome, mas para desfrutar do voraz prazer de comer. Parece que querem satisfazer o deus do ventre. É só nisso que pensam. O comilão vive pensando na próxima refeição e os seus sonhos não passam da mesa farta e os seus apetites físicos cada vez mais aumentam. Quanto mais ele gasta numa comida cara, que é a carne, mais ele se afunda em dívidas, e a pobreza começa a bater às suas portas.

Agora vou tratar de um procedimento muito comum de pessoas que, no final das contas, acabam sendo comilões. Freqüentemente o comilão se encontra entre os que são mais pobres. Quando a possibilidade de comer aparece, ele devora tudo o que tem pela frente numa só vez.

Quanto mais pobre é um pai de família, a probabilidade de prudência é ainda menor. Ele não consegue ver as conseqüências dos seus atos no dia de amanhã. Se ele recebe algum presente, ou algum dinheiro, ele logo corre comprar tudo o que o dinheiro dá e come tudo num só dia. A família se regala naquele único dia e nos restante continua a sua miséria. O comilão não deixa um pouco para cada dia para diminuir em mais dias a pobreza, mas ele se afoga na possibilidade de gastar um dia como um rico e, então, traz a pobreza ainda mais fortemente para sua família.

O conselho de Salomão é que você não esteja entre aqueles que se esbaldam na comida e vão perdendo o verdadeiro sentido da vida, dissipando seu dinheiro loucamente.

A terceira verdade é a de que tanto um como outro caem na sonolência

Tanto o comer em excesso como o beber produzem indisposição física e mental. Quando uma pessoa se envereda por esses caminhos, ela acaba esquecendo-se de trabalhar justamente porque não mais quer trabalhar. E sonolência aqui tem como resultante a pobreza porque as suas vestes não passam de trapos.

Pobreza por causa da Punição de Outros

Se um pai de família é condenado por um crime que cometeu, certamente a sua família pode vir a sofrer muitas privações.

Na verdade, este caso pode ser parte daquilo que chamamos de pobreza por causa do infortúnio, que são causadas por desastres naturais. Todavia, estes últimos não envolvem pecados das pessoas, mas no caso citado as conseqüências são por causa do pecado de membros da família. O pecado de um pai pode vir a afetar as circunstâncias de toda a família.

A tristeza dessa situação é que outras pessoas sem qualquer culpa venham a sofrer por causa do pecado de uma outra pessoa. É comum vermos os pecados de alguns serem refletidos violentamente na vida de outros que não têm nada a ver com o crime. Este mundo caído traz ainda tipos de conseqüências afetivas, psicológicas, aflições e pobreza e miséria de toda natureza.

Neste caso, o sofrimento não é somente de quem pecou (pois este justamente recebe o seu castigo), mas também de pessoas que nunca estiveram envolvidas no crime. Os seus efeitos invadem toda a família e a sociedade em derredor. É nesse sentido que o princípio bíblico vale: “Não sabeis que um pouco de fermento leveda toda a massa?” (1 Co 5.6). Basta apenas um pouco de mal para afetar o círculo diretamente relacionado com o pecador. Quantos presos por seus crimes causam a pobreza da sua família!

GUERRAS

Não podemos escapar do tratamento das guerras quando abordamos os males físicos que têm vindo sobre a humanidade, especialmente quando o ser divino está diretamente envolvido nelas nas narrativas do Antigo Testamento.

O problema das Guerras Religiosas

É importante observar que é nosso problema hoje tentar explicar o envolvimento de Deus naquelas cruentas batalhas, mas isto nunca foi um problema para os escritores do Antigo Testamento. Nunca os israelitas questionaram um mundo de guerras. Era simplesmente aceito que a guerra era parte da solução para algumas disputas entre as nações. A guerra nunca foi um problema para eles e nunca tentaram justificar Deus de sua participação nelas. Sem sombra de dúvidas, o Deus de Israel era o Senhor das hostes, das milícias. Não há qualquer tentativa dos escritores de tentar explicar ou justificar o envolvimento direto de Deus nas batalhas. Quando guerreavam, os israelitas estavam defendendo os interesses da sua nação e, para isso, pediam o socorro do Senhor dos exércitos.

Nossa presente geração é que vê um grande “problema” na guerra por causa das conseqüências brutais dela em virtude da sofisticação da tecnologia que causa impactos na natureza, destruindo os seres vivos, impacto nas construções, e causa a ceifa de milhares de vidas humanas de uma só vez, com um só artefato militar disparado. Todavia, não era assim nos tempos bíblicos. Era uma questão de defender-se das invasões alheias. Não se tratava simplesmente de interesses políticos e econômicos de nações militarmente poderosas que invadem outras mais fracas.

O povo de Deus no Antigo Testamento era ligado indissolúvelmente a uma nação teocrática, Israel. Com a chegada dos tempos do Novo Testamento, o povo de Deus tomou uma outra conotação. Agora ele não mais estaria vinculado a uma nação específica, mas a uma comunidade de crentes no mesmo Deus, mas espalhada por todas as nações. Portanto, não necessariamente do povo de Deus se defender militarmente, porque ele não mais está conotado a uma nação.

Todavia, não podemos nem devemos nos esquecer de as guerras sempre deixam rastros de dor, de angústia e miséria, especialmente nas nações derrotadas. Hoje, mais do que nunca na história humana as guerras deixam sofrimentos atrozes pelo poderio das armas usadas. Os interesses do povo de Deus possuem focos diferentes que não mais inclui o apelo às armas bélicas. As armas do cristão têm a ver com o uso da Espada do Espírito que é a Palavra de Deus. Se o povo quer se defender, ele usa a armadura de Deus, como descrita por Paulo em Efésios 6. Nada mais!

O Problema das Guerras em Geral

Nossa geração tem contemplado mais guerras do que muitas gerações juntas. Os estopins estão em toda parte. Além dos sofrimentos trazidos, há os grandes motivos escusos escondidos por detrás das guerras. Há os interesses econômicos das grandes companhias que produzem armas e possuem o altíssimo interesse em proliferá-las. O comércio sujo delas para os grupos de terrorismo e para o tráfico de drogas incentiva cada vez mais a violência que geram estopins para novas guerras. Não há dúvida alguma que as guerras, especialmente em nossos dias, causam males terríveis para toda a população.

Essa situação triste e sombria trazida pelas guerras são o cumprimento da palavra profética de Jesus Cristo, que prenunciou estes dias:

Mt 24.6-7 - “E certamente ouvireis falar de guerras e rumores de guerras; vede, não vos assusteis, porque é necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim. Porquanto se levantará nação contra nação, reino contra reino...”

As guerras e os rumores de guerras fazem parte do que Jesus Cristo chamou de “o princípio das dores” (Mt 24.8). Jesus fala que a ocorrência dessas guerras é necessária porque elas fazem parte do decreto de Deus para o desfecho do fim. Elas fazem parte do plano de Deus para o fim dos tempos que culmina com a volta gloriosa do Redentor. Nenhum de nós precisa ficar surpreso pelo fato delas acontecerem. Por isso ele nos diz para não ficarmos assustados.

As guerras são o produto de um mundo caído e, enquanto ele estiver nesta situação, elas vão acontecer. O fim proposto por Deus é justamente para botar um fim nas conseqüências deste mundo caído. As guerras também terão um fim. Um dia nunca mais haverá guerras, mas paz eterna.

Todavia, enquanto esse tempo não chega, vamos presenciar e experimentar as dores e misérias de uma guerra.

DOENÇAS

Dentre todos os males físicos existentes em nosso mundo, o mais costumeiro entre nós é o das doenças porque todas as pessoas invariavelmente têm experiência desse triste mal.

Doenças como resultado das Guerras

Em todas as guerras, sejam elas civis ou conflitos belicosos internacionais, há muitas conseqüências extremamente desastrosas para as nações afetadas, especialmente aquelas que perdem as guerras e têm as suas estruturas físicas destroçadas. Quando os combates atingem regiões urbanas, o sistema de água é destruído, o sistema de abastecimento alimentício fica fortemente danificado, o habitacional arrasado e, todas essas circunstâncias causam males físicos de saúde.

Então vêm as pestes dizimando muitas famílias e lugares e localidades inteiras. As guerras trazem muita doença física pela ausência de socorro suficientes, mesmo de outros países mais ricos, porque a devastação ocorre em tempo curto e não há como impedir o espalhamento de pestes.

Perceba que as pestes estão ligadas aos conflitos bélicos. Isso já era verdade num tempo onde as armas militares não tinham o poder destrutivo que as modernas têm. Não há meio de comparação! Todavia, ainda assim, naquela época já era compreendido que a guerra está vinculada com enfermidades.

Jesus predisse que nos últimos dias, isto é, nos tempos escatológicos, haveria de acontecer muitas guerras e rumores de guerras, nação contra nação, reino contra reino e, juntamente com essa afirmação, acrescenta que outras desgraças acompanhariam as guerras. Uma delas é a doença. Veja suas palavras:

Lc 21.10-11 – “Então lhes disse: Levantar-se-á nação contra nação, e reino contra reino; haverá grandes terremotos, *epidemias* e fome em vários lugares, cousas espantosas e também grandes sinais no céu.”

Quando Jesus disse essas palavras, ele estava falando de guerras que haveriam de ocorrer no fim dos tempos, que trariam outros tristes acompanhantes juntos. Um grande acompanhante da guerra é a epidemia.

Não é difícil perceber esse fenômeno nas guerras presentes, mesmo nos conflitos chamados guerras civis. Apenas dê uma olhada nos conflitos belicosos em alguns países africanos, latino-americanos, no sudoeste asiático, quando as enfermidades se alastram por causa da destruição do saneamento básico, da ausência de medicamentos e de comida e, também,

por causa da afetação dos sistemas de abastecimento e purificação de água. As guerras causam transtornos imensos para uma população. Esses males todos acompanham conflitos belicosos dos quais a nossa geração não tem ficado livre um ano sequer.

Doenças como resultado de fome

Em alguns países individuais (ou regiões maiores do globo), a fome tem sido uma constante. A fome não é um fenômeno que aparece sozinho. Várias cousas vêm juntas, como vimos acima. Quando não a guerra (que causa a fome), a pobreza, a miséria, a ignorância religiosa, a falta de tecnologia numa cultura urbana, além de outros fatores, causam a fome, porque com essas fatores mencionados presentes num país, não há produção devida de alimento. Todavia, quando há produção suficiente, não há distribuição justa de renda e as riquezas se concentram nas mãos de meia dúzia de pessoas, enquanto que o restante da população fica na penúria.

Ora, quando essa situação perdura por muito tempo, a fome toma conta de uma população ignorante e manipulada política, religiosa e ideologicamente. O resultado da fome crônica de um povo é que ele se torna mais sujeito a epidemias, a doenças crônicas e, freqüentemente, esse povo tem doenças próprias de lugares de pessoas mal-alimentadas, sem a devida proteção imunológica que uma simples, mas boa alimentação, pode gerar.

Esse assunto pode ser estudado muito facilmente em relatórios de departamentos de saúde em qualquer lugar do mundo. No entanto, são males que todas as pessoas razoavelmente esclarecidas têm consciência (e governos também!), mas os males não são resolvidos porque isso importa em grande vontade política e poucos estão dispostos a investir em países da pobreza e fome que, a curto e médio prazo, não poderão por si mesmos safar-se dessa situação, porque alguns desses males que causam pobreza são endêmicos e, com muita dificuldade, serão arrancados da cultura desses povos.

doenças Como Resultado da Ira Divina

As doenças fazem parte da trilogia divina que mostra a sua ira contra o mundo pecador. Em vários lugares da Escritura Deus afirmou categoricamente que ele próprio haveria de enviar doenças, espada e fome aos homens como produto de seu juízo parcial sobre eles, assim como fez em tempos passados.¹⁷⁰

As doenças vaticinadas nas Escritura tem uma amplitude muito grande, pois fala que grandes porções de pessoas seriam mortas por causa das pestes.

MORTE

Das obras providenciais de Deus que dizem respeito ao sofrimento retributivo imposto aos homens, a morte é a mais dolorida de todas. Das

¹⁷⁰ Veja alguns exemplos da Escritura onde a peste, juntamente com a fome e a espada, são expressões do juízo parcial de Deus contra uma nação que procede impiamente: Jeremias 21.7-10; Ez 12.16. Tome uma Chave Bíblica e verifique quantas vezes Deus fere o povo com fome, espada e peste, como produto de sua justiça retributiva.

imposições penais parciais de Deus sobre os homens a morte é a mais rejeitada porque eles não aceitam que ela seja resultado dos seus pecados. Todavia, não há como fugir dessa manifestação do desagrado divino por causa do pecado humano. Veja como Moisés viu a morte:

Sl 90.3-6 – “(3) Tu reduces o homem ao pó, e dizes: Tornai filhos dos homens. (4) Pois mil anos, aos teus olhos, são como o dia de ontem que se foi, e como a vigília da noite. (5) Tu os arrastas na torrente, como um sono, como a relva que floresce de madrugada; (6) de madrugada viceja e floresce; à tarde murcha e seca.”

Nesses versos o autor, provavelmente Moisés, fala da brevidade da vida e mostra que a morte não é um acidente, mas que ela é efetuada por Deus, o doador da própria vida. É prerrogativa divina “reduzir o homem ao pó”, isto é, fazê-lo voltar para o lugar de onde veio, do pó. Além disso, é Deus quem ordena: “volvei filhos dos homens”. Então, eles voltam ao pó, após desfrutarem da brevidade da vida que Deus lhes deu. O assunto deste salmo de Moisés não é simplesmente um tratado que contrasta a eternidade de Deus com a brevidade do homem, nem a infinidade de Deus com a finitude humana, mas nele ele trata do Todo-poderoso que tem domínio sobre as suas criaturas e que exerce juízo sobre elas quando elas quebram as suas leis.

A morte não é resultado natural, mas é imposição penal do justíssimo e santo juiz, o rei supremo de toda a terra. Os versos subseqüentes confirmam esta idéia:

Análise de Texto

Sl 90.7-11 – “(7) Pois somos consumidos pela tua ira, e pelo teu furor, conturbados. (8) Diante de ti puseste as nossas iniquidades, e sob a luz do teu rosto os nossos pecados ocultos. (9) Pois todos os nossos dias se passam na tua ira, acabam-se os nossos anos como um breve pensamento. (10) Os dias da nossa vida sobem a setenta anos, ou, em havendo vigor, a oitenta: neste caso o melhor deles é cansada e enfado, porque tudo passa rapidamente, e nós voamos. (11) Quem conhece o poder da tua ira? E a tua cólera, segundo o temor que te é devido?”

Há algumas verdades que precisam ser analisadas neste texto que mostram a razão da existência da morte entre os seres humanos.

Os pecadores são punidos pela ira divina (v.7)

A morte não é um acidente na vida dos homens. Em última instância ela é produto da imposição penal de Deus sobre os pecadores impenitentes. Ela é resultado da desobediência da lei de Deus, porque o pecado é a transgressão da lei. Ela é o salário que os homens recebem por causa dos seus pecados (Rm 6.23) e o cumprimento cabal da ameaça que Deus fez a Adão se comesse do fruto proibido (Gn 2.7).

— No Salmo 90 Moisés deixa bem claro que o homem morre por causa da ira divina. “*Somos consumidos pela tua ira*”. Uma pessoa não é consumida

pelos anos de vida, não pelo declínio que a presente natureza lhe traz, mas pela manifestação da ira de Deus.

A morte vem por causa da ira divina. A ira é o ferrão que nos leva à morte. É inapelável a situação de todo pecador, pois ninguém escapa do fogo da sua ira. Nenhum fogo deste mundo é mais poderoso do que a força da ira divina.

— Além disso, Moisés diz que “*pelo teu furor conturbados*”. Uma sensação de terror invade a nossa alma porque a ameaça de morte desestabiliza a constância da nossa vida. Quando o homem toma consciência do furor divino, ele tem medo da punição judicial de Deus.

A conturbação que vem à alma do pecador por causa do furor divino é percebida naquele a quem Deus está trazendo ao conhecimento da verdade. Uma pessoa debaixo da convicção e peso de pecado entende o sentido exato dessas palavras de Moisés. Nada pode trazer mais angústia e peso à alma humana do que a sensação de estar sob a mira da ira. Antes de trazer o pecador ao alívio de seus pecados, Deus faz com que essa alma passe pelo terror que o furor da sua ira traz.

Os pecados dos pecadores estão diante dele (v.8-9^a)

Os pecadores tem os seus dias passando debaixo da ira divina porque os pecados deles estão diante de Deus. Nenhum deles pode esconder a sua pecaminosidade dos olhos daquele que vê todas as coisas. Não há nada que possa ser escondido dele.

Mesmo os nossos pecados mais secretos, mais ocultos, estão sob a luz do rosto divino. Porque Deus é luz, não nele escuridão alguma. Não há segredos diante de Deus. Tudo está patente aos olhos daquele que perscruta todas as coisas. Não há trevas perante de Deus. Nada escapa do conhecimento presencial de Deus. Tudo está claro aos seus olhos não somente porque ele é onisciente, mas também porque ele é onipresente. Portanto, as cousas mais íntimas e secretas estão escancaradas diante da sua presença! Isso é algo terrível para o pecador!

Quando Deus vê os pecados dos homens a sua ira se manifesta. Não há como escapar da sentença. O único modo de sermos pessoalmente livres do castigo é através do sangue de Jesus Cristo que cobre os nossos pecados. É maravilhoso saber que Deus não vê mais os nossos pecados porque o sangue de Cristo é o pagamento deles!

Os pecadores têm a vida abreviada por causa dos pecados (9b-10)

Nesses versos Moisés usa uma interessante figura para descrever a brevidade da vida por causa dos nossos pecados.

“Acabam-se os nossos anos como um breve pensamento”, ou como uma fábula que é contada, mas que termina logo.

Se não fossem os pecados, a vida dos homens não seria cortada pela morte. Ele viveria para sempre. A única razão da vida ser interrompida pela morte tem a ver com o pecado. Por causa do pecado que torna a vida vã e a morte certa, a vida tem sido descrita “como um conto ligeiro” ou como um “breve pensamento”, que não dá tempo nem para medita nela. Ela é breçada pela morte, a imposição judicial de Deus sobre o pecador.

No verso 10 Moisés fala em termos médios sobre o número de anos que o ser humano vive. O próprio escritor desse salmo ultrapassou a média que ele estabeleceu para a brevidade da vida dos pecadores. A sua vida foi exceção, já não era a regra. Deus havia baixado mais uma vez a média da vida dos homens pelo seu desgosto com o pecador ou, quiçá, para que ele sofresse menos nesta vida. Setenta ou oitenta anos não é nada em comparação com a existência duradoura do mundo que conta muitíssimas gerações! O que os homens vivem é tão pouco em comparação com a história dos próprios.

Todavia, quando o homem ultrapassa a média estabelecida, não resta muita coisa senão sofrimento, cansaço, enfado, tédio, senso de inutilidade, e coisas dessa natureza. Nada mais. Mesmo aquele que é remido por Cristo não escapa dessas sensações. A diferença básica entre o incrédulo e o crente, é que este último anseia pela morte porque ela significa estar com Cristo (porque ele está *em* Cristo), o que é incomparavelmente melhor para ele.

Os pecadores desconhecem o poder da ira divina (v.11)

Novamente no verso 11 Moisés volta à carga com o assunto da ira divina e usa uma palavra similar – cólera. Expressões que denotam o desprazer de Deus com o pecador. Vários escritores de tradição cristã (como Dante Alighieri, John Bunyan, Richard Baxter) tentaram descrever a ira de Deus. Todavia, nenhum deles é suficientemente imaginativo para aquilatar o poder da ira divina. Ninguém entre os vivos conhece a cólera divina, ainda. Por essa razão, ninguém pode descrevê-la em plenitude. Conhecemos apenas vislumbres dela pelo que ele afirma e pelo que ele já fez de maneira parcial e provisória no meio dos homens, e que está registrado na Escritura.

Posso entender o verso 11 também como se ele houvesse dito: “Se os pecadores conhecessem o poder da ira divina e da sua cólera, eles teriam temor daquele que é justo e santo”. Isto é, eles não fariam o que fazem; não pecariam como pecam; não se afundariam na lama como constantemente fazem.

Portanto, de todos os males físicos impostos sobre os seres humanos o da morte é o mais chocante porque, além das dores e sofrimentos que a morte causa, ela separa os nossos queridos de nós. Essa é a dor lancinante que nenhuma palavra de condolências faz sarar. A morte é a imposição penal mais violenta e evidencia a santidade de Deus que se desgosta com a pecaminosidade humana. Ela é parte da retribuição providencial de Deus.

PROCEDÊNCIA DOS MALES FÍSICOS

As causas dos males físicos são muito mais difíceis de serem explicadas do que as causas dos males morais, quando vemos os males individualmente. Muitas são as causas diretas dos males físicos. É muito difícil enumerá-las todas. Todavia, embora não conheçamos as causas imediatas dos males físicos, a Escritura mostra os vários instrumentos através dos quais os males físicos surgem em nossa vida. Os males físicos possuem várias procedências, que são analisadas, abaixo:

MALES FÍSICOS CAUSADOS POR SERES ESPIRITUAIS

Embora não saibamos determinar a extensão da atuação de Satanás no mundo físico, sabemos que ele atuou na história dos tempos bíblicos porque a Bíblia nos informa algumas coisas sobre a sua atuação. Ele foi o instrumento da vinda de muitos males nas vidas dos seres humanos. Todavia, a sua atuação foi sempre determinada, autorizada, controlada e delimitada por Deus. Satanás não possui independência para agir ilimitadamente. Ainda que Satanás seja o causador de muitos desses males, ele está sob o controle de Deus que sempre permanece no trono.

Há algumas poucas passagens na Escritura que indicam o envolvimento de Satanás com males físicos, mas suficientes para estabelecermos uma doutrina correta sobre a matéria.

Veja o exemplo na vida de Jó

Num debate com Deus sobre a integridade de Jó, Satanás pediu licença a Deus para interferir na vida de Jó o que Deus concedeu, todavia, com limitações. Eis os passos que o texto da Escritura nos apresenta:

— Primeiro, Satanás foi autorizado a tocar nas posses de Jó. Eram posses materiais, afetivas e emocionais. Os males físicos que vieram a Jó foram relativos aos seus bens. Deus disse a Satanás: “Eis que tudo quanto ele tem está em teu poder” (Jó 1.12^a). Isto significa que Deus havia colocado as posses de Jó nas suas mãos. E ele tinha autorização para tocar nas posses de Jó. Portanto, debaixo da ordenação divina, Satanás trouxe males físicos a Jó matando os seus bois e as jumentas, suas ovelhas, aos seus servos e, por último, aos seus filhos e filhas (Jó 1.13-17);

— Segundo, Satanás foi autorizado a tocar na família de Jó (Jó 1.18-19). Essas posses tinham um valor afetivo muitíssimo maior do que os males causados aos seus bens. A família é um bem muitíssimo maior. Satanás tocou naquilo que era muito caro a qualquer ser humano.

— Terceiro, Satanás foi autorizado a tocar no próprio Jó (Jó 2.3-6). Satanás não estava satisfeito com o resultado anterior. Ele queria ver Jó blasfemando contra o Senhor. Por essa razão, ele desafiou Deus a tocar na sua pele, na sua carne. Perceba que o próprio Satanás entende que a sua ação é ação de Deus (v.2.4-5). Então, novamente, Deus autorizou Satanás a tocar na carne de Jó, mas que não o matasse (2.6). Daí para frente, vemos as dores e angústias de Jó causadas pelos sofrimentos físicos. Deus está por detrás de todo sofrimento, que possui as mais variadas causas. Uma delas é esta mencionada acima: Satanás.

As conseqüências dos males causados por Satanás foram males de morte (seus animais e filhos), males de doenças (as do próprio Jó), males sociais (Jó foi rejeitado pela sociedade – 17.6; 19.13-22), males filosóficos (Jó foi zombado e mal aconselhado por seus amigos) e males espirituais (sua mulher se tornou incrédula e desleal a Deus – 2.9-10).

Os males que vieram a Jó não têm nada a ver com seus pecados, com a imputação de penalidade, ou por causa da maldade de outros homens, como veremos abaixo. Eles estão relacionados a uma atividade do maligno, atividade essa que faz parte das obras providenciais de Deus. Já vimos que Satanás também é um trabalhador de Deus, um funcionário da

administração divina, que cumpre a vontade decretiva de Deus na vida das suas criaturas.

Não entendemos porque Deus usa Satanás, mas temos a certeza de que ele o usa para o cumprimento dos seus santos propósitos.

Veja o exemplo na vida de Saul

O texto abaixo é um exemplo clássico do ponto que estamos estudando, e poucos cristãos gostam de estudá-lo e, muito menos, de aceitá-lo, porque ele revela a plena soberania de Deus em suas obras providenciais.

Análise de Texto

1 Sm 16.14-16, 23 – “(14) Tendo-se retirado de Saul o Espírito do Senhor, da parte deste um espírito maligno o atormentava. (15) Então os servos de Saul lhe disseram: Eis que agora um espírito maligno enviado de Deus, te atormenta. (16) Manda, pois, senhor nosso, que teus servos, que estão em tua presença, busquem um homem que saiba tocar harpa; e será que, quando o espírito maligno da parte do Senhor vier sobre ti, então ele a dedilhará, e te acharas melhor... (23) E sucedia que, quando o espírito maligno da parte de Deus vinha sobre Saul, Davi tomava a harpa, e a dedilhava; então Saul sentia alívio, e se achava melhor, e o espírito maligno se retirava dele.”

A procedência do mal físico em Saul (v.14)

Saul enfrentava problemas de ordem psico-emocional. Andava triste. A causa do tormento de alma era dupla: uma negativa e a outra positiva. Ambas eram primariamente procedentes de Deus. A primeira é imediata, a segunda mediata. Na primeira o próprio Deus se encarrega de não agir mais na vida de Saul. Na segunda, Deus usa um instrumento para causar um mal em Saul.

A primeira eu chamo de *causa negativa*, que foi a ausência da ação do Espírito do Senhor em sua vida. O verso 14 diz que “o Espírito do Senhor havia se retirado de Saul”. Isso significa que Deus não mais estava agindo na alma de Saul. Agostinho diria que esse fenômeno da ausência da obra divina em Saul era o *privatio boni*, a ausência do bem.

A segunda, eu chamo de *causa positiva*. Trata-se de uma ação de um instrumento que Deus usa — o espírito maligno. No caso de Saul não havia somente a ausência do que é bom, mas a presença positiva do mal na vida de Saul. O mesmo verso acrescenta “da parte deste [do Senhor] um espírito maligno o atormentava.”

O tipo de mal físico que Saul experimentou (v.14)

O texto afirma que Saul possuía “tormento de alma” (v.14) como produto da obra de espírito maligno que invadiu a sua vida. Os demônios são os veículos usados por Deus para impor castigo sobre os homens. Esses demônios causam tormentos na vida dos homens debaixo da ordenação divina.

Se a graça divina não está presente, através da ação do Espírito que produz alegria e gozo, a presença do maligno na vida humana produz tormento de alma. O espírito maligno estava terrificando a alma de Saul. Esse terrível desconforto psico-somático causado pelo espírito maligno é apenas típico dos horrores infernais que todos os homens ímpios haverão de passar eternamente. Todavia, a grande diferença será que o atormentador no final será o próprio Deus, não os instrumentos que ele hoje usa.

O mal físico interpretado pelos servos de Saul (v.15-16)

Os servos de Saul tiveram uma compreensão clara do que estava acontecendo na vida do seu rei. Eles detectaram com clareza a procedência dos males vindos a Saul. Eles foram mais sábios do que muitos do nosso tempo. Eles entenderam não somente que o tormento de Saul vinha do espírito maligno, mas entenderam sobretudo que o espírito maligno havia sido enviado de Deus como seu instrumento para punir Saul, por causa dos seus pecados.

Eles entenderam que assim como o mal físico vinha a Saul através da instrumentalidade de um espírito maligno, também o alívio de Deus viria a ele através da instrumentalidade de Davi (“e o Senhor é com ele” – v.18). A procedência do mal físico da parte de seres espirituais também é reconhecido pelo autor do texto sagrado (verso 23).

Portanto, não podemos duvidar da ação maligna, sob a ordenação divina, para causar males físicos nas pessoas.

Veja o exemplo na vida da mulher possesa

O exemplo presente está descrito em Lucas 13.10-17. Há alguns casos onde os males físicos aparecem como resultado de uma obra do Maligno na vida das pessoas. Semelhantemente ao que aconteceu a Jó, aconteceu à mulher do texto acima. Este é um dos pouquíssimos exemplos onde é permitido a Satanás o tocar nas pessoas fisicamente. O texto diz que a mulher “*possuía um espírito de enfermidade*” (v.11). Certamente, o espírito maligno agia debaixo da permissão divina, como aconteceu no caso de Jó. Podemos inferir isso claramente porque o caso de Jó é padrão. Todos os outros casos podem ser explicados à luz do de Jó, porque nesse exemplo há a explicação clara que não há nos outros. Por essa razão, os outros podem ser entendidos à luz do caso de Jó, que mostra a soberania divina ao usar espíritos malignos para exercer a sua obra providencial, enviando males físicos aos homens.

Por causa da influência da obra maligna, a mulher tornou-se encurvada que nada podia endireitá-la. Também o texto diz que Satanás a mantinha cativa por dezoito anos com aquela enfermidade (v.16). Não há dúvidas desse texto de que há males físicos que são causados por seres espirituais malignos.

Isso não é equivalente a dizer que todas as enfermidades que possuímos têm essa origem. Os defensores do movimento de Batalha Espiritual não têm o direito de afirmar que as enfermidades dos homens (inclusive a dos cristãos genuínos) são produto da demonização deles. Ainda o texto diz que a mulher foi liberta daquela enfermidade causada por um espírito maligno pelo fato dela ser herdeira da promessa de Deus, isto é, pelo

fato dela ser “filha de Abraão” (v.16). Filha de Abraão aqui não significa ser simplesmente israelita, mas “verdadeira israleita”, filha da promessa. Ora, os filhos da promessa, quando libertos por Cristo, não mais podem ser demonizados. Todavia, ainda assim, podem receber males físicos da parte de Deus via espíritos malignos, o que não significa que eles estão demonizados. Os espíritos malignos são agentes do Altíssimo para cumprir os seus propósitos providenciais.

MALES FÍSICOS CAUSADOS POR IMPUTAÇÃO

A abordagem deste ponto é extremamente delicada em alguns círculos evangélicos. Todavia, é menos complicada em alguns círculos reformados. Nestes últimos crê-se muito firmemente que há males que uns recebem por causa da culpa de outros.

O método da imputação ensinado por Deus atravessa toda a Escritura. Em termos formais, esse ensino já é presente nos 10 Mandamentos. Falando dos primeiros mandamentos, com respeito à confecção de imagens e a adoração delas, o Senhor diz:

Ex 20.5-6 - “Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque eu sou o Senhor teu Deus, Deus zeloso, *que visito a iniquidade dos pais nos filhos* até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem, e faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos.”

Essa não é parte da lei que não está mais em vigor. Ela não é parte da lei de cerimônias, que já foram cumpridas em Cristo. Ao contrário, essa parte da lei pertence à lei moral que está em vigor e o estará para sempre.

Há vários exemplos deste ensino nas Escrituras: Há casos em que pessoas respondem pelos seus próprios pecados (Jr 31.29-30), mas há casos em que elas recebem punição pelos pecados de outros, inclusive males físicos.

Por causa do pecado de Acã, muitos acabaram sofrendo as conseqüências de males físicos. É o princípio representativo sendo posto em prática. Acã havia tomado dos despojos que o Senhor disse que nenhum hebreu deveria tomar dos povos vencidos. Então, houve pecado no meio do povo (Js 7.13). Houve uma acareação e acabaram encontrando o que Acã havia escondido. Então, veio a sentença sobre o infrator, Acã, e sobre todos os seus que, provavelmente, nem sequer sabiam do que ele havia feito. Seus filhos, suas filhas, seus animais foram apedrejados e mortos, assim como eles e seus bens foram queimados, como demonstração da ira de Deus contra o pecado de um homem (Jz 7.1-26). Todos acabaram sofrendo os males físicos, inclusive a morte, pelo pecado de um só.

Por causa do pecado de Esaú, na troca do direito de primogenitura, toda a sua descendência ficou fora das promessas do pacto (Gn 25.27-34; Gn 27).

Por causa do pecado de Datã, Abirão e Coré, pereceram muitas pessoas, sobretudo mulheres e crianças. Deus imputou a culpa dos líderes

nos liderados, embora alguns deles não tivessem nem consciência do que se passava.

Por causa do pecado de Amaleque, que se opôs a Israel no caminho quando este descia do Egito, todo o povo amalequita, incluindo especialmente as mulheres, meninos e criancinhas de peito, acabaram sofrendo os males físicos, que incluíram a morte (1 Sm 15.2-3).

Por causa do pecado de Davi com Batseba e Urias, Deus disse: “Agora, pois, não se apartará a espada jamais da tua casa, porquanto me desprezaste, e tomaste a mulher de Urias o heteu, para ser tua mulher.” (2 Sm 12.10). Toda a posteridade de Davi sofreu males físicos por causa da iniqüidade do homem “segundo o coração de Deus”.

Por causa do pecado de Arão e de alguns outros líderes, levantando um bezerro de ouro, Deus trouxe males físicos para muitos na congregação. Então, Deus lhes disse: “Amontoarei males sobre eles; as minhas setas esgotarei contra eles. Consumidos serão pela fome, devorados pela febre e peste violenta; e contra eles enviarei dentes de feras, e ardente peçonha de serpentes do pó” (Dt 32.23-24). O verso subsequente, então, mostra a quem são os objetos dos males físicos: “Fora devastará a espada, em casa, o pavor, tanto ao jovem como à virgem, assim à criança de peito, como ao homem encanecido” (v. 25). Nenhum pessoa foi poupada dos males físicos por causa do processo da imputação que Deus estabeleceu.

Esse processo ainda não parou. Em medida diferente, ele continua em vigor. Nem sempre as pessoas que cometem os seus pecados são as únicas a sofrer as conseqüências. Seus parentes também. Veja o caso de uma pessoa promíscua que adquire o vírus da HIV. Um homem contaminado passa para a esposa e para os filhos que venha a possuir, que não têm nada a ver com os pecados do seu pai. O pai é o representante família e, portanto, toda a sua família pode vir a receber as conseqüências dos males físicos.

Não são poucas as pessoas que recebem as conseqüências dos pecados por imputação. Por essa razão, precisamos meditar sobre esse princípio da representatividade que pode trazer conseqüências desastrosas para outras pessoas, assim como (no caso de obediência e amor a Deus) pode trazer benefícios enormes para eles, mesmo até a muitas gerações, como é promessa da Escritura.

MALES FÍSICOS CAUSADOS PELOS PRÓPRIOS PECADOS

Nem todos os males físicos provêm dos pecados dos outros ou dos pecados pessoais. Alguns dos discípulos de Jesus Cristo pensavam que as enfermidades provinham de uma dessas duas fontes. Olhe a pergunta dos discípulos a Jesus no caso do cego de nascença: “Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? (Jo 9.2). Esta pergunta prova a verdade do ponto anterior. Existia a crença de que alguns males físicos vinham por causa da imputação, isto é, filhos recebiam os males por causa dos pecados de seus pais. Jesus não negou essa crença, mas disse que o caso em questão não era esse.

Existia, portanto, a crença de que pessoas tinham enfermidades por causa dos seus próprios pecados, e isto não é errado, embora Jesus tenha ensinado que esse não era o caso do cego de nascença.

Há alguns exemplos bíblicos que nos mostram com certa clareza que algumas das enfermidades podem surgir dos pecados das próprias pessoas:

Nm 12.10-11 – “A nuvem afastou-se de sobre a tenda; e eis que Miriã achou-se *leprosa*, branca como neve; e olhou Arão para Miriã, e eis que estava *leprosa*. Então, disse Arão a Moisés: Ai! Senhor meu, não ponhas, te rogo, sobre nós este pecado, pois loucamente procedemos e pecamos.”

Os dois irmãos haviam falado mal contra Moisés (v.1-8), e a ira do Senhor se acendeu contra eles (v.9), e a manifestação da ira divina contra a irmã de Moisés se deu no envio de uma lepra sobre ela. O seu irmão Arão, com medo de receber a mesma punição, aproximou-se de Moisés, chamando-se respeitosamente de “Senhor”, e lhe pediu que aquela praga não caísse sobre ele também, pois ele confessou que “loucamente haviam pecado” naquele dia. A enfermidade, claramente é dito, veio por causa do pecado de Miriã.

Jo 5.14 – “Mais tarde Jesus o encontrou no templo e lhe disse: Olha que já estás curado; *não peques mais, para que não te suceda coisa pior.*”

O texto trata de um homem que havia estado doente há 38 anos. Provavelmente, a sua doença estava vinculada a uma paralisia que impedia que ele se movesse. Então, Jesus encontra-se com ele, cura-o e lhe faz a advertência acima. Essa advertência sugere que sua enfermidade tinha algo a ver com seus próprios pecados, pois ele diz: “Não peques mais”. Caso essa ordem de Jesus não fosse obedecida, coisa pior (que significa provavelmente doença pior) haveria de vir sobre ele. Obviamente, Jesus Cristo não está falando de males espirituais, mas de males físicos que podem proceder de Deus por causa dos pecados de uma pessoa.

Tg 5.15 – “E a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados”.

O texto trata da cura de enfermidades (v.14) que provêm, provavelmente, dos pecados das pessoas, porque esses são mencionados no verso reproduzido acima. Os pecados podem ser perdoados, mas antes eles podem a causa dos males nas vidas das pessoas. O perdão vem mas a cura também tem de vir. São pecados espirituais que causam males somáticos.

Não podemos fechar os olhos à possibilidade de que alguns recebem males físicos por causa dos seus próprios pecados. Há pessoas que se tornam sifilíticas ou aidéticas por causa de sua própria vida sexual promíscua. Outras recebem males físicos por causa da sua desobediência aos pais. Outros ainda recebem conseqüências físicas e emocionais por se desviarem de preceitos de Deus na sua vida de família. Há outros casos em que males físicos provêm da transgressão pessoal das leis de Deus.

MALES FÍSICOS CAUSADOS POR MAUS GOVERNANTES

Originalmente, as autoridades instituídas por Deus devem servir para refrear o mal e promover a justiça civil. Todavia, nem sempre isto acontece. Tem havido muitos maus governantes que não somente não promovem a justiça civil mas praticam o mal. A atitude de alguns governantes dá estímulo aos assassinios, exploração do mais forte sobre o mais fraco, distribuição injusta de renda, violência urbana, etc.

No tempo bíblico dos juízes havia uma situação caótica, onde os males vinham ao povo por causa das autoridades ímpias de vários juizes. Por essa razão, é dito que “naqueles dias não havia rei em Israel: cada um fazia o que achava mais reto” (Jz 21.25). Essa afirmação patética afirma, em outras palavras, que se não houver uma autoridade responsável para coibir os pecados dos homens, eles se tornarão cada mais cheios de licenciosidade e libertinagem, porque haverão de obedecer aos impulsos pecaminosos dos seus corações. Não seria justo dizer que todo o mal de um país vem da autoridade civil, mas quando ela não exerce devidamente as suas funções de promover o mal e refrear o mal moral (ver Rm 13.1-5), os males físicos se abatem sobre toda a população. Por isso, a Escritura diz que “a justiça [retidão] exalta as nações, mas o pecado é o opróbrio dos povos” (Pv 14.34). Quando um rei é justo, ele mantém a terra, mas quando ele é opressor, ele traz grandes transtornos sobre o seu país (Pv 29.4). Muitos reis de Israel e de Judá trouxeram enormes conseqüências, como pobreza e destruição, para toda a população por causa da sua maldade. O autor de Provérbios diz que “o príncipe falto de inteligência multiplica as opressões” (Pv 28.16). Muitos povos vêm sofrendo horrivelmente a fome, a violência, o infanticídio, e coisas semelhantes, por causa da maldade dos governantes que não somente não tomam providências corretas, mas eles próprios são infratores da lei, estimulando a prática de tudo quanto é forma de impiedade.

MALES FÍSICOS CAUSADOS PELOS FENÔMENOS DA NATUREZA

Por causa da comunicação no estágio em que se encontra, podemos ter conhecimento de muitos males físicos causados pelos distúrbios de fenômenos da natureza.

A Escritura fala que nos últimos tempos alguns sinais apontariam para a vinda de Cristo. Dentre eles, podemos dar destaque aqui para os fenômenos da natureza. Jesus fala que esse tempo seria marcado por guerras, rumores de guerras, nação se levantando contra nação, fomes “e terremotos e vários lugares” (Mt 24.7b). Segundo Cristo, esses fenômenos são indicativos do “princípio das dores” (Mt 24.8).

Tem havido várias enchentes localizadas em várias partes do globo, mas com muitas conseqüências desastrosas, trazendo muitos males sobre as populações de vários países. Além das enchentes, podemos observar avalanches, desmoronamentos, erupção de vulcões, etc. Todavia, dos distúrbios dos fenômenos da natureza, os terremotos são os mais temidos. Eles assombram e terrificam os habitantes da terra. Eles possuem uma força descomunal contra a qual não há recursos. A natureza se levanta ruidosa e violenta, ceifando muitas vidas e deixando um rastro de muita tristeza,

miséria, em razão da ruína de todos os sistemas de abastecimento que caracterizam muitas cidades modernas.

Nessas circunstâncias morrem e sofrem muitos outros males físicos tanto crentes como incrédulos. Eles não têm a ver com os pecados individuais das pessoas. Eles são produto dos juízos parciais de Deus sobre a raça humana, que ainda permanece sob os efeitos da Queda. Esses distúrbios da natureza são algo que vem sobre a raça humana sem distinção, embora não se exceção.

MALES FÍSICOS CAUSADOS IMEDIATAMENTE POR DEUS

Os males físicos podem proceder diretamente de Deus, sem que ele use instrumentos ou meios para isso. Há algumas poucas passagens que atribuem os males físicos a Deus.

Jó 5.17-18 – “Bem-aventurado é o homem a quem Deus disciplina; Não desprezes, pois, a disciplina do todo poderoso. *Porque ele faz a ferida e ele mesmo a ata; ele fere, e as suas mãos curam.*”

Este verso trata da disciplina causada diretamente por Deus na vida dos seus filhos desobedientes. Deus é o causador de males físicos que possuem funções terapêuticas. Não obstante essas funções curativas, essas feridas abertas por Deus doem, porque as suas santas mãos ferem e, às vezes, com grande gravidade e profundas dores.

Não podemos nos furtar a essa verdade de que Deus causa males na vida das pessoas. No texto de Números 12.10-11, vistos logo acima, pudemos perceber que Deus diretamente ocasionou um mal físico em Miriã, por causa dos seus pecados.

No caso dos crentes mostra o seu amor soberano por elas, enquanto que no caso dos incrédulos mostra a sua justiça. Deus fere para depois curar. Esse é o modo como Deus trabalha. Na sua administração Deus tem a prerrogativa de trazer desconfortos para os homens, pois os homens são violadores das suas leis e, portanto, sujeitos à disciplina que vem das suas mãos.

Os 6.1 – “Vinde, e tornemos para o Senhor, porque ele nos despedaçou e nos sarará; fez a ferida e a ligará.”

Este verso de Oséias tem as mesmas características das obras providenciais descritas no verso anterior referido acima. A idéia que o profeta dá é a da volta ao Senhor em face da obra disciplinadora de Deus. Deus é o causador das nossas dores, mas ele também é o que as cura. Ele abre a ferida e também a fecha.

Dt 30.15 – “Vê que proponho hoje a vida e o bem, a morte e o mal.”

Na verdade, de qual tipo de mal está o texto tratando aqui? Não é fácil dizer exatamente a qual mal Moisés se refere. Provavelmente, o mal aqui mencionado seja um mal de punição, que tem a ver com a morte. O texto fala em obedecer os mandamentos (v.16), fazendo o bem e, como conseqüência, dando vida, pois a vida é produto da obediência aos

mandamentos de Deus (v. 19). Todavia, quando o homem desobedece a Deus, vem a morte, que é o mal de punição. É uma espécie de lei de causa e efeito. Se obedecer vive, se desobedecer morre. Esse é o mal que vem de Deus.

Am 3.6 – “Tocar-se-á a trombeta na cidade, sem que o povo se estremeça? Sucederá algum *mal* à cidade, *sem que o Senhor o tenha feito?*”

Também esses males que vêm à cidade são males de punição por causa da quebra das leis divinas. Quando uma cidade rejeita as prescrições de Deus, ela é objeto do mal de punição que vem diretamente de Deus. Nesse sentido, Deus é o único que possui o direito de vingar as transgressões dos homens violadores das suas leis. A vingança do Senhor é direta, porque é sua prerrogativa punir os pecadores com males físicos.

Is 31.2 – “Todavia, este (o Senhor) é sábio, e faz vir o *mal*, e não retira as suas palavras; ele se levantará contra a casa dos malfeitores e contra a ajuda dos que praticam iniquidade.”

Novamente aqui são referidos os males de punição. Nesses três casos mencionados, os males de punição um somente tem caráter físico, embora a causa do mal vindo sobre os homens seja de caráter moral, ou seja, a quebra das leis divinas. Todavia, se olharmos melhor a Escritura, veremos outros. Um caso típico é o de Nabucodonozor (em Dn 4), que sofreu males físicos por causa da sua afronta a Deus e da sua arrogância. Da mesma forma, Deus mata os habitantes da cidade desobediente, levanta-se contra os lares dos que são malfeitores e pune com o mal de morte todo aquele que escolhe o mal.

MALES FÍSICOS CAUSADOS PELA MALDIÇÃO DIVINA

A natureza toda, incluindo os seres humanos, estão debaixo da maldição divina desde o Éden. Essa maldição é uma imposição penal de Deus sobre o mundo por causa do pecado de Adão. Depois dele, todos os seus descendentes nascem debaixo dessa imposição penal e possuem enfermidades que nunca serão tiradas da raça humana até que haja a completação da redenção.

Tanto incrédulos como crentes são passíveis dessa imposição penal de Deus, uma maldição que permanecerá até o fim do estado presente de coisas. Deus não trará remissão qualquer ao mundo físico, senão no dia final, no tempo da restauração de todas as coisas, que é o tempo da vinda de Jesus Cristo para o estabelecimento das coisas finais (At 3.21). Até que isso aconteça, teremos os males físicos de enfermidades, deformidades e coisas semelhantes no mundo de Deus.

A incidência dos males físicos não são consequência dos pecadores individuais dos homens, mas são produto, em última instância, da Queda de nossos primeiros pais que ocasionou a maldição divina sobre toda a terra.

PROPÓSITOS DOS MALES FÍSICOS

MANIFESTAR A GLÓRIA DE DEUS

João 9.1-3 – “Caminhando Jesus, viu um homem cego de nascença. E os seus discípulos perguntaram: Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? Respondeu Jesus: Nem ele pecou, nem seus pais; *mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus.*”

Havia uma crença muito comum entre os judeus: a de que as enfermidades eram sempre um resultado de um pecado pessoal ou pecado dos ancestrais. Daí a pergunta feita pelos discípulos de Jesus, no verso 2.

Neste texto Jesus Cristo nos ensina uma grande e indubitável verdade: os males físicos podem nos ser enviados para a glorificação do seu nome. Nesse caso, não havia nenhum outro propósito maior naquela enfermidade física. Deus é glorificado mercê de nossas enfermidades. Na verdade, não é a enfermidade em si uma coisa boa, mas o que Deus faz através das nossas enfermidades. É no meio das enfermidades que vemos Deus agir de maneira gloriosa! É no meio dos nossos males físicos que podemos ver e glorificar a Deus por suas obras!

O mesmo ensino Jesus trouxe às irmãs Marta e Maria e aos circunstantes. Quando Marta e Maria lhe enviaram uma oração embrulhada num recado, dizendo: “Senhor, está enfermo aquele a quem amas” (Jo 11.3), a resposta do Mestre foi a seguinte: “Esta enfermidade não é para a morte, e, sim, para a glória de Deus, a fim de que o Filho de Deus seja por ela glorificado” (Jo 11.4).

Este é o propósito de muitas enfermidades que aparecem na vida de nossas famílias. Você ainda ousa discutir com o Senhor do mundo as razões dele? Afinal de contas, não cremos que mesmo as coisas mínimas (como comer, beber, ou fazer outra coisa qualquer – 1 Co 10.31) devem servir para a glória de Deus? Ora, se as coisas corriqueiras são para a glória de Deus, quanto mais aquelas que nos parecem tão importantes, como as nossas enfermidades!

ADVERTIR-NOS PARA QUE NÃO PRATIQUEMOS MALES MORAIS

Deus pode usar dores de males físicos como uma advertência para que evitemos os males morais. Elas são uma espécie de despertador divino para prevenir-nos e chamar-nos a atenção em nosso procedimento. Quantas vezes fomos acordados pela Providência com males físicos quando estávamos na iminência de praticar males morais! Benditos males físicos! Por essa razão, nem toda dor tem resultados negativos. Ela pode ser a manifestação de propósitos bondosos de Deus em nossa vida.

Sl 119.71 – “Foi-me bom eu ter passado pela aflição, para que aprendesse os teus decretos.”

Davi aprendeu pelas aflições que sofreu, pois somente assim ele deixou de cometer males morais, isto é, ele deixou de desobedecer a lei moral

de Deus. O aprendizado da obediência pode nos vir pelo sofrimento que passamos. Davi entendeu que o sofrimento pelo qual ele passava foi positivo. Por isso disse: “Foi-me bom ter eu passado pela aflição”.

PURIFICAR NOSSAS VIDAS

Jó sofreu muitas dores físicas que estavam ligadas a advertências morais, mas o principal benefício das dores foi a purificação de sua vida espirituais.

Jó 23.10 - “Mas ele sabe o meu caminho; se ele me provasse, sairia eu como o ouro.”

Somos constantemente provados no cadinho da aflição. O propósito dos males que nos sobrevêm certamente é para aperfeiçoar o nosso caráter. Jó está falando de purificação que o metal sofre no fogo até que seja todo o ouro depurado. Assim Deus pode fazer conosco, para nos depurar de nossas impurezas e fazer-nos santificados.

Falando a respeito da função dos males físicos em nossa vida, C. S. Lewis afirmou com propriedade: “Com respeito aos nossos prazeres Deus nos sussurra; com respeito à nossa consciência Deus nos fala; com respeito às nossas dores Deus grita: elas são seu megafone para despertar o mundo surdo.”¹⁷¹ Deus nos tem despertado para crescer, para amadurecer em nossa fé através dos males físicos que nos sobrevêm. No final, seremos completamente purificados de nossos pecados e seremos comparados ao ouro depurado. É importante lembrar que a base da nossa purificação vem pelo sangue de Cristo, mas as dores que nos afligem são instrumentos do Altíssimo para o nosso aperfeiçoamento.

EXERCER A DISCIPLINA DIVINA

Os males físicos que vêm ao povo de Deus podem possuir uma finalidade terapêutica. Eles freqüentemente são usados por Deus para ensinar-nos o modo de vida que deve ser seguido. Por vezes, quando a igreja cristã não exerce a devida disciplina nos filhos de Deus, o próprio Deus, através de seus instrumentos faz a sua tarefa, pois ele não pode deixar de ensinar os seus filhos através da vara.

Há uma disciplina que pode ser considerada meramente espiritual, mas Deus pode usar *disciplina física* para aperfeiçoar o nosso caráter e fazer-nos parecidos com Jesus Cristo.

Tanto no AT como no NT podemos ver exemplos de disciplina divina (não necessariamente disciplina eclesiástica), onde males físicos aparecem claramente. A igreja de Corinto não exercer a disciplina devida sobre um dos seus membros. Então, Paulo sentenciou o faltoso de modo que ele veio a receber, através da instrumentalidade de Satanás, alguma disciplina que possuía caráter físico, pois Paulo fala em “entregá-lo a Satanás para a destruição da carne” (1 Co 5.5), que tem a ver com a natureza física do homem aqui neste texto.

171 C. S. Lewis. *The Problem of Pain* (New York: Macmillan, 1962), 93.

Deus também manda outros tipos de males físicos para chamar a atenção e repreender os seus filhos, a fim de que eles possam ser amadurecidos.

Os sofrimentos e as dores que os filhos de Deus experimentam como disciplina servem para tirar os fiapos da porta do coração, para que a Palavra entre com mais facilidade. Um filho de Deus humilhado pelas aflições abaixa a sua cabeça e recebe no coração a Palavra que lhe é pregada. Quando alguns filhos de Deus andam em muitas atividades, desfrutando dos confortos lícitos da vida, às vezes eles se esquecem de dar ouvidos à Palavra, de orar e de meditar nas Santas Escrituras. Então, as dores vêm e eles acordam para essa realidade. Elas são uma espécie de despertador divino que nos acordam para os nossos deveres espirituais.

Obviamente, nem todo o sofrimento causa esse tipo de reação positiva. Muitos apanham e não se voltam para Deus. Todavia, há crentes que pensam que se alguém não vem pelo amor vem pela dor. Isso é uma falácia. Ninguém vem a Deus pela dor. Se assim fosse, todos as pessoas com males físicos seriam crentes. Mas as pessoas sempre virão pelo seu amor, porque a vara da disciplina é prova do seu amor para com eles. As pessoas serão trazidas de volta a Deus pelos sofrimentos unicamente quando as dores são o instrumento do amor divino. Nunca será de outra forma!

Os sofrimentos e as dores que os filhos de Deus recebem como manifestação da disciplina divina servem para moldar-nos. Eles aperfeiçoam o nosso caráter, transformando-nos e fazendo-nos semelhantes a Cristo Jesus. Esta é a finalidade última da disciplina divina.

Os sofrimentos e as dores que os filhos de Deus experimentam como disciplina divina os ajudam a ter compaixão e a entender os sofrimentos que outros passam na mesmas circunstâncias. Os males físicos que sofremos fazem-nos mais compassivos criando em nós um espírito de empatia em relação aos outros sofredores. Paulo, através do sofrimento e da consolação divina aprendeu a ter compaixão das outras pessoas e a consolá-las. Veja o que ele disse: “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai de misericórdia e Deus de toda consolação! É ele que nos conforta em toda a nossa tribulação, *para podermos consolar aos que estiverem em qualquer angústia*, com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus” (2 Co 1.3-4). Deus quer que você que já sofreu disciplina, aprenda a ajudar aqueles que estão sob disciplina, debaixo da vara de Deus. Console-os e ensine-lhes que o que passam é produto do amor de Deus por eles!

EXERCITAR A NOSSA PACIÊNCIA

A finalidade das dores e outros males que nos vêm servem para aperfeiçoar algumas qualidades do caráter do cristão. Uma dessas qualidades é a paciência. Os sofrimentos pelos quais passamos procedem de outras pessoas. Elas nos fazem sofrer pelo ódio ou pela amargura que elas têm por nós. Portanto, quanto elas podem, elas trazem tormento sobre as nossas almas. Por essa razão, Paulo insta aos crentes de Roma que sejam “pacientes na tribulação” (Rm 12.12).

A palavra tribulação geralmente é vinculada com a perseguição que vem sobre os crentes, especialmente por causa do nosso amor a Cristo, e

que tem conseqüências físicas. Sem a tribulação, não há o exercício da paciência, que é a capacidade de não retribuir diante da provocação. Deus usa os maus atos dos homens contra os seus filhos para promover o bem neles. Essa é uma outra maneira de Deus desenvolver em nós a plenitude da estatura de Cristo, que foi paciente em todas as coisas que sofreu!

APLICAÇÃO

Aprenda a ver como as Aflições cooperam para o seu bem

Os males físicos de enfermidades e aflições vêm sobre os seres humanos constantemente, sejam eles crentes ou não. Eles fazem parte do mundo no estado de pecado em que se encontra. Até que a redenção se complete, esses males haverão de vir sobre o mundo como conseqüência de uma imposição penal de Deus. A terra está amaldiçoada por Deus, assim como os seus habitantes. Os males físicos fazem parte dessa maldição.

Todavia, nem todo sofrimento físico e emocional é produto da imposição penal de Deus, mas instrumento dele para o cumprimento de propósitos específicos que, em última instância, concorrem para o bem daqueles que fazem parte do seu povo, isto é, daqueles que são chamados segundo o seu propósito (Rm 8.28).

Esse é o ensino que podemos deduzir dos exemplos abaixo:

Veja Exemplos de aflições que cooperam para o meu bem

O caso de Jó

Jó olhou para as suas aflições tremendas, que eram produto de suas grandes perdas, e disse: “O Senhor deu e o Senhor o tomou”. Após as aflições tomarem conta da sua vida com a perda de tudo e, além disso, as chagas que cobriam todo o seu corpo, Jó tornou-se um espetáculo de miséria. Isto foi tremendamente aflitivo para Jó. Ele foi provado no cadinho das aflições, mas teve a sua vida melhorada em todos os sentidos. Os céus testemunharam da integridade dele no meio da aflição e ele recebeu muito mais do que havia perdido.

Ele entendeu que as aflições procedem do Senhor. Não há nenhuma aflição que não proceda dos desígnios providenciais de Deus. Quando entendemos isto, a nossa alma entende que é para o nosso bem e, como Jó, podemos aprender a dizer: “Deus deu, Deus tomou; Bendito seja o nome do Senhor”.

O caso dos Cativos na Babilônia

Quando Deus levou o povo de Judá cativo para a Babilônia, que foi a grande aflição deles, foi para o próprio bem deles. Veja o que Deus diz a Jeremias:

Jr 24.5 – Do modo porque vejo estes bons figos, assim *favorecerei os exilados* de Judá, que eu enviei deste lugar para a terra dos caldeus.”

Examine o texto todo mais detidamente. No verso 6 Deus diz: “Porei sobre eles favoravelmente os meus olhos”. No verso 7 diz: Dar-lhes-ei coração para que me conheçam...; eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus; porque se voltarão para mim de todo o seu coração”. Que maravilhas Deus tirou da aflição para o benefício de Judá.

O que poderia parecer extremamente negativo, foi para Judá tremendamente positivo. Deus lhes mandou a aflição que redundou em bênção, para o bem deles. Deus usa a vara da aflição para trazer o bem ao seu povo.

O caso de Manassés

A despeito de ter tido um pai piedoso no governo de Judá, Manassés foi um rei ímpio, pois praticou muitas abominações contra o Senhor queimando seus filhos como sacrifício a outros deuses, adivinhava pelas nuvens, era agoureiro, praticava feitiçaria, tratava com necromantes e feiticeiros, etc. Por causa de sua maldade, o Senhor fez vir males sobre ele, tornando-o cativo na Babilônia (2 Cr 33.2-11).

2 Cr 23.12-13 – “Ele, *angustiado*, suplicou deveras ao Senhor seu Deus, e muito se humilhou perante o Deus de seus pais; fez-lhe oração, e Deus se tornou favorável para com ele, atendeu-lhe a súplica e o fez voltar para Jerusalém, ao seu reino; então, reconheceu Manassés que o Senhor era Deus.”

Deus usou os males advindos de uma disciplina severa para acordar espiritualmente o rei Manassés. A angústia da parte de Deus que veio sobre o rei fê-lo acordar para o verdadeiro e único Deus. Ele foi mais contemplado nas suas cadeias no exílio (v. 11) do que quando portava a coroa real. Com a coroa ele se tornou orgulhoso e arrogante; com as cadeias ele foi humilhado e voltou-se para o Senhor seu Deus.

Esse é um tipo de aflição que, em princípio parece má, mas é prova do amor benevolente de Deus para com os seus filhos. São as aflições que cooperam para o nosso bem.

O caso de Paulo

Deus havia dado a Paulo alguns incômodos muito grandes. Um deles foi uma cegueira temporária (At 9.8-9). Esse desconforto veio a ser uma grande bênção para ele, pois no meio da cegueira Deus lhe mostrou o caminho para a luz graciosa que haveria de mudar para sempre a sua vida.

Além desse incidente, Deus deu a Paulo, através da agência de Satanás, um espinho na carne que ele teve que suportar a vida inteira, pois Deus não o tirou. Foi por causa e em meio dessa situação aflitiva que Paulo conheceu a suficiência da graça sobre si. Ele aprendeu pelas fraquezas nas aflições que ele necessitava da força graciosa de Deus (2 Co 12.7-10). São os males de aflições que são usados por Deus para o nosso bem.

Os males de aflições produzem o bem na vida daqueles que amam a Deus.

Veja Como as Aflições Concorrem para o Meu Bem

As aflições são um verdadeiro professor.

Elas nos ensinam muitas coisas, inclusive a entender o sentido das Escrituras. Lutero disse que nunca poderia entender corretamente os Salmos até que passasse por aflição. A aflição ensina o que as coisas agradáveis não ensinam. Por essa razão, o salmista, ao passar por aflições, disse: “Foi bom eu ter passado pela aflição, para que *aprendesse* os teus decretos” (119.71). A aflição é um dos maiores mestres na vida daqueles que amam a Deus. Os ensinamentos de Deus muitas vezes nos são passados interiormente por meio desse poderoso e eficiente instrumento das mãos de Deus que é a aflição. É como grande mestra que elas cooperam para o nosso bem.

As aflições servem para mostrar os problemas espirituais

Falando dos justos, dos quais Deus não tira os seus olhos (Jó 36.7), Jó diz que

Jó 36.8-10 - “se eles estão presos em grilhões e *amarrados com cordas de aflição*, ele lhes faz ver as suas obras, as suas transgressões e que se houveram com soberba. Abre-lhes também os ouvidos para a instrução e manda-lhes que se convertam da iniquidade.”

As aflições que vêm sobre os justos servem como espelho para que eles vejam a situação espiritual em que se encontram. Perceba que Deus é quem mostra a situação deles, mas ele usa as aflições. As transgressões tornam evidentes para os crentes as transgressões deles. Eles acordam para a percepção dos seus pecados, pois alguns dormem sobre eles quando não são afligidos. As aflições enviadas por Deus servem para despertar-nos da soberba espiritual, assim como elas abrem os nossos ouvidos para a instrução, instando-nos para que abandonemos os nossos pecados.

As aflições são os detectores da nossa situação espiritual e nos ajudam a nos voltar dos nossos pecados. É nesse sentido que elas cooperam para o nosso bem. Elas são a vara divina para nos mostrar os pecados e nos tirar deles, para o nosso bem.

As aflições são o instrumento para o arrependimento

Deus é extremamente bondoso e usa as aflições que ele impinge para os homens a fim de trazê-los dos seus pecados, arrependidos. O salmista fala daqueles que

Sl 107.10-12 - “assentaram nas trevas e nas sombras de morte, *presos de aflição* e em ferros por se terem rebelado contra a palavra de Deus, e haverem desprezado o conselho do Altíssimo, de modo que lhes abateu com trabalhos o coração — caíram e não houve que os socorresse.”

As aflições enviadas por Deus foram parte da sua disciplina para o povo de Israel pelo fato deles serem desprezadores de Deus e se rebelado

contra a sua palavra. O coração deles ficou abatido como parte dessa disciplina e ficaram entregues e presos às aflições sem terem salvamento.

Acontece que Deus usa as aflições como instrumento circunstancial para trazer os afligidos ao arrependimento de seus pecados. Por isso é dito que

Sl 107.13-14 - “então, *na sua angústia, clamaram ao Senhor*, e ele os livrou das suas tribulações. Tirou-os das trevas e das sombras da morte e lhes despedaçou as cadeias.”

O sofrimento trazido pelas aflições foi um bem para eles, pois eles fizeram oração, clamando ao Senhor, como fez Manassés no meio da disciplina divina. Isso é um claro sinal de arrependimento de seus pecados. Então, o Senhor foi pronto em atendê-los livrando-os não somente das aflições como da ignorância espiritual de seus pecados (que são as trevas da sombra da morte).

As aflições enviadas por Deus para causar arrependimento é produto da bondade de Deus. Paulo notificou aos gentios de Roma, dizendo-lhes: “Ou desprezas a riqueza da sua bondade e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?” (Rm 2.4). As aflições são produto da bondade de Deus para o nosso bem. Por isso, o Salmista conclama aos objetos das aflições, mais de uma vez: “Rendam graças ao Senhor por sua bondade...” (Sl 107.15, 19-21). Deus torna as nossas aflições e bem para nós!

As aflições causam o abandono dos pecados

Veja o contraste entre o ímpio e o justo no meio das aflições. “Os ímpios de coração amontoam para si a ira; e agrilhoados por Deus não clamam por socorro” (Jó 36.13). Eles são orgulhosos e não buscam socorro em Deus porque eles não gostam do modo como Deus os trata por causa dos seus pecados.

A reação do justo que passa por aflições, diferentemente da do ímpio, o leva a clamar a Deus por socorro. Ele se humilha na presença de Deus por causa dos seus pecados. Por isso, é dito que Deus “o livra por meio da sua aflição” e ainda, no meio da “opressão lhe abre os ouvidos” (Jó 36.15). Deus está mostrando a Jó, através do seu companheiro Eliú, que o sofrimento aflitivo que lhe vem concorre para o seu bem.

As aflições nos conformam à imagem de Cristo

A vara das aflições é o cinzel pelo qual Deus esculpe em nós a imagem de Cristo que foi apagada pela queda. Quando somos provados pelas aflições Deus nos molda e nos amolda para que sejamos parecidos com Cristo. Cristo foi “homem de dores que soube o que é padecimento” (Is 53.3) até chorar e sangrar. Há um sentido que sofremos como imitação dos sofrimentos de Cristo. Jesus teve aflições como resultado de uma imposição legal-penal de Deus sobre o representante dos pecadores. Nós, entretanto, sofremos aflições como consequência dos nossos próprios pecados, mas ao mesmo tempo elas são o instrumento de Deus reconstruir em nós o caráter de Cristo, fazendo-nos parecidos com ele. As aflições de Cristo são a punição

pelos nossos pecados; as nossas aflições são disciplinares para o nosso crescimento nele, como prova do seu amor conosco.

Pergunte aos crentes que passam por aflições por causa de seus pecados se eles não estão sendo conformados à imagem de Cristo. Certamente eles responderão afirmativamente. Somente o cristão que passa por essas aflições sabem que é para o bem deles.

As aflições mostram o cuidado de Deus conosco

As opiniões dos justos sobre o sofrimento estão diametralmente opostas às dos ímpios. Ao invés de verem as aflições como prova do descaso de Deus e de seu abandono, como fazem os ímpios, os justos vêem as aflições com outros olhos. Observe as opiniões de Jó sobre as suas aflições:

Jó 7.17 - “Que é o homem, para que tanto o estimes, e ponhas nele o teu cuidado, e cada manhã o visites, e cada momento o ponhas à prova?”

Jó está tratando das visitas matinais que Deus lhe fazia através de aflições. Cada manhã ele era provado nas suas dores. No entanto, ele chama isso de cuidado de Deus com ele e estima que Deus tinha por ele.

Deus mostra o seu cuidado por nós de algumas maneiras: (1) No sentido de prestar atenção a nós, gente tão pequena e pobre. É honroso que Deus, ser tão elevado, se preocupe com seres tão pequenos como nós. Por isso Jó pergunta: “Que é o homem, para que tanto o estimes...?”; (2) No sentido de mostrar que, a despeito de sermos criaturas pequenas e pecadoras, ele nos trata como a filhos: “É para a disciplina que perseverais (Deus vos trata como a filhos); pois, que filho há a quem o pai não corrija?” (Hb 12.7). Cada vergão da vara de Deus sobre nós é sinal do seu cuidado amoroso por nós; (3) No sentido de nos tornar conhecidos pelo nosso sofrimento. Os santos são mais conhecidos no mundo por seus sofrimentos do que os soldados por suas vitórias nas batalhas. Os que sofrem as aflições que Deus envia são mais lembrados do que os honrados deste mundo. Por essa razão, Tiago disse: “Tendes ouvido da paciência de Jó, e vistes o fim que o Senhor lhe deu...” (Tg 5.11). É proverbial e conhecido de todos a aflição que o Senhor lhe mandou e a maneira como ele reagiu a ela.

Quando o Senhor nos manda aflições é para o nosso bem mostrando-nos quão importantes somos para ele!

As aflições nos tornam bem-aventurados

Esta é uma opinião louca na mente dos incrédulos. “Como pode ser feliz aquele que passa por aflições?”, é o questionamento daquele que não entende o modo como Deus trabalha providencialmente na vida dos seus amados. O próprio Jó, vítima de tantas aflições (que não tinham nada a ver com os seus pecados pessoais), é a seguinte: “Bem-aventurado é o homem a quem Deus disciplina” (Jó 5.17). É importante notar que o sofrimento de Jó havia acontecido por tentativa de Satanás para derrubá-lo de seu senso de dependência de Deus, pois Deus havia dito a Satanás que ele não blasfemaria diante das aflições. Os seus sofrimentos não eram produto de seus pecados pessoais, como aconteceu em outros casos. Todavia, Jó viu o

sofrimento como uma disciplina de Deus sobre si e se alegrou pelo fato de ser disciplinado pelo Senhor.

As aflições que Deus nos faz passar tornam-nos bem-aventurados porque elas nos aproximam de Deus e nos fazem mais íntimos dele. Um cristão do passado diz que “o magneto da misericórdia não nos aproxima para tão perto como as cordas da aflição.” Por isso, quando somos atingidos pelas águas da aflição, mais rápido nadamos para o porto seguro de nossa salvação. Quando o Filho Pródigo perdeu todos os seus confortos pelas aflições que sofreu, então ele se aproximou de seu Pai (Lc 15.13). Quando Deus nos envia um dilúvio de aflições, logo corremos para a arca da nossa salvação que é Cristo. É nesse sentido que é bom e bem-aventurado passar pelas aflições! Todas elas, quando enviadas por Deus, são para o nosso benefício!

As aflições nos preparam para a glória

Quando sofremos muito não significa que merecemos a glória, como uma espécie de compensação. Nunca o sofrimento será meritória para a glória. Jamais! Fazer isso é tornar a redenção um produto de obras. Contudo, as aflições indicam que o caminho da glória está sendo preparado. Paulo diz:

2 Co 4.17 - “Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação.”

Assim como a lavoura prepara a colheita, assim as aflições nos preparam para o encontro glorioso com Cristo. Esse é o tempo da colheita final! Assim como um pintor pinta uma tela em cor escura para depois fazê-la brilhar em tons coloridos, assim Deus faz-nos passar primeiro pela escuridão das aflições para depois fazer-nos passar para as cores luzentes de sua glória. É nesse sentido que as aflições porque passamos concorrem para o nosso bem. Elas nos preparam para tempos melhores, para dias de glória!

Aprenda a ver o Conforto de Deus no meio das aflições

Precisamos refletir neste ponto muito cuidadosamente. Uma pergunta que tem de ser feita é esta: Quando é que refletimos no cuidado de Deus para conosco? Quando é que entendemos o conforto de Deus em nossa vida? Quando estamos gozando de toda a plenitude de conforto, de abundância, de vida cheia de justos prazeres? Não. Entendemos o conforto divino somente quando passamos por aflições.

Um dos propósitos dos sofrimentos que nos vêm tem a ver com a descoberta de certas facetas do caráter de Deus que, doutra sorte, nunca seriam conhecidas. Você vai experimentar o conforto divino nas horas de sofrimentos físicos (que incluem a totalidade do seu ser, não somente o seu corpo!). O nosso Deus é “refúgio e fortaleza; socorro bem presente nas tribulações!” (Sl 46.1). Você nunca conheceria este aspecto do ser divino se não fossem as aflições.

Antes de passar pelas aflições você só conhecia teoricamente sobre o conforto divino. Somente após passar pelas aflições é que você vai conhecer experimentalmente o que significa um real conforto! Então você vai experimentar os movimentos divinos dentro de sua alma trazendo a você a

sua grande preocupação paternal. Ele vai abraçar você, falar-lhe ao seu coração e apertar você bem junto dele, bem melhor do que faziam nossos pais quando éramos pequeninos e carentes do conforto paterno.

Há horas que as aflições nos deixam tão sozinhos, que parece que vamos afundar totalmente. O desamparo que os nossos queridos nos deixam é impressionante. Eles, na verdade, não podem fazer nada por nós, porque eles também são fracos. Somente no meio das aflições é que você vai entender o que o salmista quis dizer quando escreveu: “Porque se o meu pai e a minha me desamparem, o Senhor me acolherá” (Sl 27.10). Quando os seus mais próximos não puderem fazer nada por você, Deus vai fazer. Quando você passar por aflições, aprenda a ver o conforto divino, pois ele é quem firma os seus pés e o livra de todos os temores e aflições. Prove nas aflições e veja que o senhor é bom” (Sl 34.4, 8).

Aprenda a Enxergar que as Aflições não estão ligadas proporcionalmente aos pecados.

O elemento extraordinário neste estudo é saber que os sofrimentos ou aflições pelos quais passamos não correspondem ao montante de nossos pecados. Não existe proporcionalidade entre os pecados deste mundo e os sofrimentos que vêm sobre ele.

A tendência de muitas pessoas é chegar à seguinte conclusão: “Onde existem muitos pecados tem de haver muito sofrimento”. Nem sempre é assim. Se assim fosse, alguns lugares teriam de ser literalmente destruídos, tanta maldade houve. Muitos homens teriam que ser massacrados de tanto sofrimento por causa dos seus muitos pecados. Hitler teria que sofrer muito por causa dos seus pecados pessoais e suas maldades aplicadas a outros milhões de seres humanos. Todos nós achamos que ele deveria levar muito mais sofrimento em sua vida do que algumas pessoas boas que vieram a sofrer muito mais do que ele. Todavia, a administração divina funciona de modo diferente do que estamos acostumados a pensar. Por vezes, criancinhas nascidas em países do terceiro mundo sofrem conseqüências terríveis sem nunca terem tido qualquer pecado que justifique tanto sofrimento.

Pessoas amorosas e servidoras neste mundo, por vezes, padecem muito mais do bandidos que estão à solta em nossa sociedade. Crianças passam fome e mães morrem à míngua ao tentarem ajudar os seus pequeninos a não morrerem. Doenças atroztes atingir tribos inteiras e devastam quase toda uma geração, enquanto homens e mulheres pecam deslavadamente, sem sequer receberem qualquer sofrimento. É a agonia que nos causa o problema do sofrimento humano, que o salmista enfrentou no Salmo 73.

Os livros da sabedoria, ou seja, o de Jó e o de Eclesiastes, exercem um papel importantíssimo em nossa vida porque nos levam à conclusão de que há uma situação estranha em nossa sociedade. Carson diz que eles nos ensinam “a irracionalidade e a desproporcionalidade do mal neste mundo”.¹⁷²

172 D. A. Carson, *How Long, o Lord?*, 140.

Se levarmos em conta que, em última instância, os sofrimentos procedem de Deus por causa dos pecados dos homens, Esdras estava absolutamente certo quando confessou:

Ed 9.13 - “Depois de tudo que nos tem sucedido por causa das nossas más obras e da nossa grande culpa, e vendo ainda que tu, ó nosso Deus, *nos tens castigado menos do que merecem as nossas iniquidades...*”

Esdras estava aquilatando a pecaminosidade do seu povo e achou que ela justificava um sofrimento ainda maior da parte de Deus. Ele entendeu que Deus havia sido ainda bondoso com eles mandando somente uma quantia menor do que merecem os muitos pecados deles.

Não podemos pensar que Deus seja injusto fazendo com que haja desproporção de pecado e sofrimento. Nem sempre o juízo divino se manifesta enquanto os homens andam em pecados. Deus tem paciência com eles, Deus prolonga a sua espera, mas certamente a manifestação da sua justiça virá. Quando olhamos para o destino final dos pecadores — daqueles que desandam a boca contra os céus e desafiam Deus — então ficamos descansados, porque vemos que, no final, o sofrimento será proporcional ao grau de malignidade produzido pelos ímpios.

Todavia, enquanto a justiça não se manifesta de maneira final, sempre haverá desproporcionalidade na distribuição dos males de sofrimento neste mundo. Justos haverão de sofrer mais enquanto muitos injustos sofrerão menos. Até mesmo os cristãos serão disciplinados menos que seus pecados merecem.

Aprenda a enxergar a Vitória sobre as Aflições da perspectiva do fim da história

As aflições não existirão para sempre na vida do povo de Deus. Elas têm um fim. Deus vai limpar para sempre este mundo dos males de toda natureza, inclusive os males aflições! Se a nossa esperança fosse limitada a apenas esta vida, isto é, sem a limpeza do nosso físico que a ressurreição traz, seríamos os mais infelizes dos homens (1 Co 15.19), mas Deus tem dias melhores para nós porque haveremos de ter vitória sobre todas as aflições no mundo por vir!

Precisamos esperar pacientemente pelo dia da vitória, pelo dia da transformação ou da ressurreição. Nesse dia (e o cristão nunca pode perder a esperança nele!) Cristo transformará o nosso corpo de humilhação para ser semelhante ao corpo de sua glória! (Fp 3.21).

Há alguns exemplos de pessoas que foram confortadas por apreenderem a ver as presentes aflições olhando da perspectiva do fim.

Veja o exemplo de Asafe descrito no Salmo 73. Asafe sabia que Deus era bom para com o seu povo, para com os de coração limpo (v.1). No entanto, ele não entendia porque ele, justo, sofria tanto, enquanto os ímpios viviam regaladamente, sem sofrimentos físicos, sem a canseira dos mortais, sem serem afligidos como os outros homens (v.4-12).

Por não observar, a princípio, da perspectiva final, Asafe ficou desapontado por ser crente e ficou com inveja dos arrogantes, pois eles tinham tudo o que Asafe achava que os crentes deveriam ter (v.3). Asafe chega até o ponto de sentir que tudo o que havia feito como crente tinha sido em vão. Não tinha valido a pena viver santamente, pois isso lhe trouxe muitas aflições (v.13-14). Faltava-lhe a perspectiva da vitória que é vista do final.

Todavia, somente quando o salmista resolveu ver da perspectiva do fim, então ele entendeu que os injustos haveriam de ter a retribuição em sofrimentos, e que os crentes haveriam de ser livres de suas aflições. Então, ele se expressa: “Em só refletir para compreender isso, achei mui pesada tarefa para mim; até que entrei no santuário de Deus e atinei com o fim deles” (v.16-17). Nos versos seguintes, depois de meditar no fim dos ímpios, Asafe reconhece a ignorância que o cercava (v.21-22). Então, ele começa a deliciar-se com a perspectiva da libertação dos sofrimentos e, com novo ânimo, escreve: “Todavia, eu estou sempre contigo, tu me seguras pela minha mão direita (perceba que ele já começa experimentar conforto nesta presente vida!). Tu me guias com o teu conselho (perceba que ele já não está mais com a sensação de abandono!), e depois me recebes na glória (perceba que agora ele tem a perspectiva da vitória final!).” (v.23-24).

Então, o salmista sai cantando, esperançoso de que todas as coisas boas e santas haveriam de ser desfrutadas pelos justos (veja os versos 26-28)! Somente quando olhamos com a perspectiva do fim é que podemos ter a convicção e o conforto da vitória sobre todas aflições que experimentamos no presente tempo!

Quando você estiver sofrendo (e quando sofremos o tempo parece não passar), procure olhar da perspectiva do fim, quando a redenção final vai acontecer. Console-se na vitória que está por vir, e esteja seguro de que ela é certa, infalível! Um dia Deus haverá de livrar a nós todos de nossas aflições. No meio das suas aflições, ouça a doce voz do seu Redentor que lhe diz: “No mundo passais por aflições; mas tende bom ânimo, eu venci o mundo” (Jo 16.33).

CAPÍTULO 16

TRIUNFO DO BEM SOBRE OS MALES FÍSICOS, MORAIS E ESPIRITUAIS

Vimos em capítulos anteriores que a entrada do mal e do pecado no mundo tiveram propósitos. Após esses propósitos serem cumpridos, não há mais necessidade da permanência deles no universo criado. O mal tem o seu tempo determinado pelo próprio Deus e o seu tempo tem um fim. Virá um tempo quando Deus dirá ao mal de um modo definitivo: “Basta!” — Então, o próprio Deus se encarregará, de fazer com que os males físicos, morais e espirituais sejam banidos do seu universo, através do juízo e condenação de todas as coisas ímpias. Somente depois de destruir tudo o que é mal é que Deus fará todas as coisas novas com os méritos de Jesus Cristo.

Esse triunfo do bem, que vem através da obra redentora de Jesus Cristo, tem a sua expressão máxima da recriação de todas as coisas. No princípio de tudo, houve a criação, então a deterioração e a punição divina com a Queda. Desde a Queda, Deus vem anunciando a redenção de todas as coisas, em todas as esferas, como sendo a última coisa que ele vai fazer no final. Essa redenção não é nada mais nada menos do que o fazer novas todas as coisas. Jesus Cristo usou uma expressão interessante, à qual poucas pessoas prestam atenção, mas que diz respeito ao começo de todas as coisas outra vez.

Mt 19.28 – Em verdade vos digo que vós os que me seguistes, quando, na *regeneração*, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel.

O contexto deste verso diz respeito à entrada no reino dos céus dos ricos (v.24) que parecia impossível aos olhos atônitos dos homens, mas não para Deus (v.25-26). Pedro, então, fala do despreendimento dos discípulos que seguiam a Cristo que não sabiam do fim que lhes esperava (v.27). Diante da indagação de Pedro, Jesus então, fala numa ocasião especialíssima onde esses discípulos haveriam de estar numa posição privilegiadíssima — a de julgar os povos de Israel (v.28).

Contudo, o ponto focal de Jesus Cristo está na expressão “quando o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, na regeneração”. Qual é o sentido de “regeneração” aqui? A idéia é: quando tudo for feito novo; quando houver o recomeço de tudo. O termo regeneração realmente significa “geração da vida outra vez”. Jesus haverá de fazer todas as coisas novas, haverá de regenerar tudo, para que o mundo recomece mais uma vez, mas dessa vez será de um modo definitivo, final, perfeitíssimo, sem os resquícios da queda.

Deus recomeçou o mundo no tempo de Noé, mas sem tirar o pecado do mundo e suas conseqüências. Deus julgou o mundo, mas não o limpou. Deus puniu os pecadores, mas não fez novas todas as coisas. Deus derramou água sobre o mundo, mas não lavou os pecadores. Deus começou a história dos homens outra vez, mas usando homens ainda pecadores. Todavia, quando da regeneração, Jesus fará tudo diferente. Isto quer dizer que, quando Cristo fizer tudo de novo, ele começará com tudo limpo, renovado, sem a semente do pecado. O bem triunfará sobre o mal, certamente!

Vejamos, então, como Deus vai fazer isso. Começemos com o universo das coisas físicas.

TRIUNFO DO BEM NA ESFERA FÍSICA

ESFERA DO UNIVERSO FÍSICO

A criação física original de Deus foi boa, sem imperfeição alguma. Tudo estava perfeitamente ordenado. O profeta Isaías diz: “Porque assim diz o Senhor que criou os céus, o único Deus, que formou a terra, que a fez e a estabeleceu; *que não fez nada para ser um caos, mas para ser habitada*; Eu sou o Senhor e não há outro” (Is 45.18). Se não houvesse o pecado tudo continuaria para ser como originalmente o foi. Todavia, o pecado entrou no mundo e, como conseqüência também o juízo do Deus santo.

A Escritura retrata o universo físico como estando sob a ira de Deus, sob sua maldição. Desde a Queda de nossos primeiros pais Deus colocou toda a esfera física sob penalidade. Deus disse a Adão: “Maldita é a terra por tua causa” (Gn 3.17).

Após milênios de existência, na Segunda metade do século primeiro da Era Cristã, Paulo diz aos crentes de Roma:

Análise de Texto

Rm 8.20-22 - “(20) Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, (21) na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. (22) Porque sabemos que toda a criação a um só tempo geme e suporta angústias até agora.”

Vamos analisar somente o que diz respeito ao presente estado da criação.

Primeiramente vemos que Paulo distingue a criação das criaturas remidas que são chamadas “filhos de Deus”. Portanto, este texto trata da corrupção e sofrimento de duas coisas: o mundo físico e o mundo dos humanos e ambas as esferas experimentarão a redenção divina.

a condição da criação hoje

Nada mudou desde que Deus amaldiçoou o planeta (e, por extensão, o universo) do nosso *habitat*. A terra continua a possuir cardos e abrolhos (Gn 3.18). Esta é a terra em que vivemos.

— Por causa da maldição em que se encontra, é dito no texto acima que a criação “*está sujeita à vaidade*” (v.20). Qual é o significado dessa expressão? Provavelmente é que, por causa do pecado, a criação não mais está sujeita ao domínio pleno e correto do homem, como deveria desde o princípio. Ela cede à vaidade. A expressão grega *mataiôtes* (vaidade) pode indicar a “privação da glória que a criação deveria receber plenamente”.¹⁷³

— Ainda é dito que ela está sujeita à vaidade “*não voluntariamente*” (v.20). A criação não está sujeita à vaidade por causa de si própria, mas por causa da maldade humana. A criação não é responsável por nada, porque ela não é moral. Por essa razão, Paulo diz que ela está sujeita à vaidade “*não voluntariamente*”. A maldição veio a ela em razão do pecado do homem.

— Ainda é dito que ela está sujeita à vaidade “*por causa daquele que a sujeitou*” (v.20). Com o pecado do homem, Deus fez com que o *habitat* do homem se tornasse maldito. Deus é quem a sujeitou à vaidade. O homem é o responsável por seus atos, mas não foi ele quem sujeitou a criação à vaidade, mas o Criador que foi desafiado em sua soberania. O homem não tinha qualquer poder sob a criação, nem o diabo. Somente pode fazer o que fez com a criação Aquele que a trouxe à existência. Quando ele sujeitou a terra à vaidade, ele estava punindo a criatura responsável pelo pecado, porque esse ato de Deus torna a vida do homem mais difícil neste mundo. A natureza já não se submete de modo perfeito àquele que deveria dominá-la e sujeitá-la.

— Ainda é dito que ela “*está debaixo do cativeiro da corrupção*” (v.21). A idéia de cativeiro indica que ela não pode sair por si própria. É um cativeiro mostra a imundície e a poluição que permeia toda a natureza ao nosso redor.

— Ainda é dito que “*toda a criação a um só tempo geme e suporta angústias até agora.*” (v.22). A criação sente dores como as que uma mulher sente antes mesmo de dar a luz. Ela aguarda em dores a dor maior que sofrerá no dia de dar à luz uma criança. Assim são as angústias da totalidade da criação. Antes do nascimento, que é sinal de regozijo, vem a angústia da expectativa. Paulo tinha convicção do sofrimento pelo qual o mundo passava porque diz: “*sabemos que toda a criação...geme e suporta angústias*” (v.22). Somente alguém crente pode discernir no meio deste mundo mal as agonias silenciosas da criação muda. A expressão “*até agora*” mostra que nada mudou desde que houve queda e que nada mudará até que o tempo da restauração chegue.

Veja a ânsia da criação por libertação

“Na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção” (Rm 8.21).

Mesmo estando sob a condição de miséria que a criação ainda vive hoje, Paulo fala da ânsia que os criaturas têm a respeito da adoção deles e da redenção da seu corpo. Mas antes de falar das criaturas, ele se refere a essa “*ânsia*” com respeito à criação física. Ele fala “*e não somente ela* (a criação), mas também nós” (v.23^a). Isto indica que existe uma grande expectativa que revela a ânsia de um tempo quando tudo será novo na

173 Franz J. Leenhardt, *Epístola aos Romanos* (São Paulo: ASTE, 1969), na nota 33 do fim do capítulo, 240.

criação. É verdade que é uma expectativa muda, como mudas são todas as coisas da revelação da criação. Os seus gemidos são inaudíveis, mas podemos perceber a agonia em que a criação vive debaixo da ira divina, que no tempo próprio será retirada.

Essa esperança de que o texto fala tem o sentido de *expectativa*, de espera agonizante para que os frutos do bem tenham vitória sobre os frutos do mal pela ação redentora de Deus, pelos méritos de Cristo.

a condição da criação amanhã

A criação não ficará para sempre na condição de depravação e corrupção. A criação não ficará para sempre na expectativa de ser redimida. Ela de fato será redimida. A redenção da criação será a última coisa que Deus vai fazer, mas certamente a condição da criação no final será muitíssimo diferente da que existe hoje.

Veja a necessidade da libertação do cativo

Essa mesma criação “*redimida do cativo da corrupção*” (v.21). A redenção aqui é sinônimo de restauração. A Escritura diz que Jesus Cristo será retido no céu até o tempo da restauração de todas as coisas (At 3.21), o tempo em que Deus fizer todas as coisas novas, fazendo com o que existe seja retornado ao que era quando originalmente foi criado. Esse é o sentido de redenção.

A redenção da criação é uma necessidade porque a terra é o lugar que Deus fez originariamente para o prazer e deleite dos seres humanos. Com a queda a maldição veio. Deus, então, não somente retira a maldição mas também faz o que era velho se tornar novo, refeito. Por isso Deus diz: “Eis que faço novas todas as coisas”(Is.).

Veja o Significado dessa redenção

Portanto, podemos concluir algumas coisas muito importantes com respeito ao nosso *habitat*. A criação física não mais terá distúrbios e nunca mais será revolta, como instrumento da manifestação da ira divina contra os homens. Portanto, eu posso dizer que, quando o tempo da restauração da criação chegar este nosso planeta não mais sofrerá terremotos, não mais sofrerá maremotos, não mais sofrerá enchentes, porque essas coisas são produto de uma criação em desequilíbrio. Este nosso planeta não mais terá espinhos e abrolhos, não mais gerará debaixo da ira divina.

Quando o tempo da redenção chegar, o universo físico refletirá perfeitamente o poder e a glória do seu Criador. É verdade que já “os céus manifestam a glória de Deus e que o firmamento anuncia a obra de suas mãos” (Sl 19.1), mas que maior glória será quando o próprio Deus redimir este planeta em agonia! As manifestações ecológicas nunca mais serão necessárias porque, àquela altura, todos os elementos da natureza serão perfeitos, belos, que nenhum de nós hoje é capaz de imaginar!

Veja o propósito dessa redenção

O texto diz que o propósito da redenção da criação “*para a liberdade da glória dos filhos de Deus*” (Rm 8.21b). Os filhos redimidos de Deus estarão em plena liberdade não somente de seus pecados e de todas as

conseqüências que ele trouxe, mas terão a liberdade que inclui a “participação na glória divina, uma liberdade em que a glória do Criador se manifestará na realização do destino da nova criatura no seio da nova criação.”¹⁷⁴

As pessoas que serão novas criaturas, haverão de desfrutar de uma liberdade que nunca desfrutaram anteriormente. Na nova terra, eles serão terão domínio pleno sobre a criação renovada, agora sem a vaidade e sem a corrupção maldita a que foi sujeita anteriormente por causa do pecado. Nela os filhos de Deus gozarão eternamente essa liberdade gloriosa!

Veja o tempo dessa redenção

Essa mesma criação será redimida depois da manifestação “dos filhos de Deus” (Rm 8.21). Quando os filhos de Deus forem manifestos em sua salvação plena é tempo de começar a redenção da criação.

O texto em análise mostra que existe uma expectativa ardente da criação que aguarda a revelação dos filhos de Deus (Rm 8.19). Não haverá a redenção da natureza física enquanto não houver a revelação dos filhos de Deus, isto é, quando não houver a ressurreição dos mortos.

Não haverá restauração da natureza enquanto não houver a restauração completa dos filhos de Deus. Portanto, o triunfo do bem sobre o mal na natureza física sucederá o triunfo do bem sobre o mal nos seres humanos. Estes serão arrebatados e levados para os ares e, enquanto isso, Deus processa a restauração da natureza, para colocar as suas criaturas remidas num *habitat* remido.

O triunfo da criação visto Profeticamente

A Escritura do Antigo Testamento várias vezes anuncia profeticamente a restauração de todas as coisas físicas, especialmente do nosso *habitat*.

Análise de Texto

Is 65.17-18 – “(17) *Pois eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, jamais haverá memória delas.* (18) *Mas vós folgareis e exultareis perpetuamente no que eu crio; porque eis que crio para Jerusalém alegria, e para o seu povo regozijo.*”

A frase “*eis que crio novos céus e nova terra*” é indicativa de uma era que física, moral e espiritualmente estará em contraste com o que vemos no tempo presente. A natureza física da criação será transformada, adequada à nova natureza que os remidos de Deus haverão de ter. A nova terra e os novos céus serão absolutamente harmônicos com o que Deus haverá de fazer com o seu povo. A criação redimida em harmonia com a criatura redimida.

As frases “*não haverá lembranças das coisas passadas, jamais haverá memória delas*” não significam que a memória das pessoas será apagada. Se a memória delas for apagada com respeito às cousas passadas, como elas saberão que Jesus Cristo é o Salvador delas, se elas não terão idéia do que

174 Leenhardt, Epístola aos Romanos, 219.

fizeram no passado? A idéia das frases, no meu entendimento, é que não haverá relação com o passado pecaminoso na criação. As pessoas não mais terão referenciais para comparar a nova terra com a velha, porque tudo será novo. As coisas amaldiçoadas pelo pecado já não mais existirão. Tudo o que era velho, corrompido por causa da maldição será coisa do passado que nunca mais será trazido à baila. Não haverá qualquer interesse naquilo que é velho e corrompido. A tônica da mente das pessoas será absolutamente outra.

A frase “*mas vós folgareis e exultareis perpetuamente no que eu crio*” indica o novo tempo onde o povo de Deus vai se deliciar naquilo que ele promete criar. Ela indica também a grande harmonia que haverá entre a criação e a criatura, de modo que os dois se completam. A nova criação física estará perfeitamente adaptada a uma nova condição de existência absolutamente perfeita da criatura humana redimida. Essa perfeição de relacionamento é expressa em alegria e regozijo! O povo vai exultar na nova terra porque tudo de lamentação e choro já terão passado. É nesse sentido que não haverá lugar (memória) para aquelas coisas na vida do povo de Deus. A alegria que estará presente suplantará qualquer outro tipo de pensamento na vida dos eleitos remidos.

Is 66.22 – “Porque, como os novos céus e a nova terra, que hei de fazer, estarão de mim.”

Deus promete novamente aqui criar de novo o nosso habitat. Não um outro habitat, mas o mesmo renovado. O próprio Deus é que o fará. “Eu eu de fazer”. Não é prerrogativa de ninguém renovar o nosso habitat. O mundo novo que teremos não virá pelo aperfeiçoamento da raça, nem pelo desenvolvimento da ciência, ou outra coisa qualquer, mas será um ato imediato (ou direto) de Deus, quando ele vai purificar (através do fogo) aquilo que já existe. Eu é que faço isso, diz o Senhor. Uma intervenção sobrenatural do Altíssimo no mundo físico.

A frase “*estarão diante de mim*” indica que o nosso mundo será habitado por Deus e mantido por ele. Jamais ele permitirá que outra coisa, que não ele próprio, seja o governador absoluto da nova criação. Ele não permitirá nunca mais que neste mundo entre um tentador (ou outro perturbador qualquer) porque ele o lançará no lago de fogo (Ap 20.10). A nova terra estará sob as vistas e será habitada de um modo como nunca foi pelo seu Criador (Ap 21.3).

O Triunfo da criação visto *Prolepticamente*

A palavra prolepticamente significa a percepção de alguma coisa que realmente vai acontecer, como se já tivesse acontecido. É a antecipação de um fenômeno ou evento que é visto antes mesmo dele acontecer.

Há várias coisas que são vistas prolepticamente na Escritura. Muitos profetas viram certos eventos antes mesmo deles acontecerem, numa espécie de antecipação daquilo que ainda viria acontecer.

Foi exatamente isso o que aconteceu com o apóstolo João, quando exilado na ilha de Patmos, por causa da perseguição. Deus lhe mostrou

alguma coisa muito gloriosa que ainda haveria de acontecer, mas ele a viu como se ela já estivesse pronta. Veja as suas palavras:

Ap 21.1 – “Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe”.

Os profetas do Antigo Testamento vaticinaram o novo céu e a nova terra, mas João os viu. É verdade que ele não os viu objetivamente, como uma realidade, mas ele os viu subjetivamente, numa visão. O que ele viu não era uma irrealidade, mas uma realidade vista antecipadamente. O antigo já havia passado. Somente o que era novo estava presente na sua percepção. Isso não é uma profecia, mas uma visão proleptica da realidade.

Observe apenas um detalhe dessa visão proleptica da realidade vitoriosa do bem sobre o mal no universo de Deus:

Ele viu a restauração do que foi perdido – o Paraíso

Ap 22.2, 14 – “(2) No meio da sua praça, de uma e outra margem do rio, está a *árvore da vida*, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos... (14) Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras no sangue do cordeiro, para que lhes assista o direito à *árvore da vida*, e entrem na cidade pelas portas.”

João viu prolepticamente o paraíso restaurado, inclusive a árvore da vida, que apareceu no primeiro paraíso. Tudo que havia sido perdido por causa da maldição divina, e que é essencial para a vida dos remidos no estado de glória, volta à existência na criação divina. João viu a vida edênica de uma maneira gloriosa e as informações de João nos dão um antegosto da vida gloriosa que teremos na gloriosa nova terra.

ESFERA DOS SERES HUMANOS

O triunfo do bem sobre o mal ocorrerá principalmente na esfera dos seres humanos, pois estes têm plena consciência do que lhes acontecerá, se estudam a revelação das Escrituras.

Veja o estado dos homens hoje

O pecado trouxe toda sorte de malignas conseqüências sobre os homens que estão sob Adão. Nenhum deles escapou da maldição divina e de tudo que isso implica. Todos se tornaram corruptos, poluídos, escravos de toda sorte de paixões e pecados, uma corrupção que se evidencia em chagas da cabeça aos pés. Esse é o quadro que a Escritura pinta do homem pecador.

Todavia, o mal que ainda está em nós não ficará para sempre. Deus vai dar-nos vitória completa sobre a nossa natureza física.

Rm 8.23 – “E não somente ela [a criação], mas também nós que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção de nosso corpo.”

Por causa das conseqüências do pecado, os remidos de Deus ainda sofrem angústias neste mundo, esperando o dia em que Deus vai livrá-los

completamente da sua própria maldição. Deus já começou a boa obra em nós. Paulo diz que nós já temos “*as primícias do Espírito*”. Isso significa que a garantia do final é certa, pois o começo da obra já foi iniciado. Se o Espírito é penhor da herança, significa que receberemos no tempo próprio a herança completa que nos foi prometida.

Enquanto Deus não completa o que começou em nós, como a natureza física, também gemeremos angustiados em nosso íntimo, até o tempo quando formos final e cabalmente adotados como filhos de Deus. Essa espera de tensão nos causa ansiedade e angústia. Viveremos em algum tempo de sofrimento até a completção da nossa redenção.

Veja o que Deus promete para eles amanhã

Revelação completa da sua filiação

Por duas vezes o texto de Romanos 8 fala da nossa filiação que se dará no dia da restauração de todas as coisas.

(1) A criação aguarda ansiosamente a “*revelação dos filhos de Deus*” (v.19). A expressão desse verso mostra a agonia da criação é para que os filhos de Deus sejam revelados logo, porque quando isso acontecer é sinal que o tempo da redenção da criação já chegou. A revelação dos filhos de Deus se dará somente no dia da ressurreição. Enquanto os filhos de Deus não forem revelados, não haverá o triunfo do bem sobre o mal na esfera física de nosso planeta.

(2) A Segunda menção está em Romanos 8.23 – “...igualmente gememos em nosso íntimo, *aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo*”.

O que significa essa “adoção de filhos”? Há um sentido em que já somos filhos de Deus, pois aqueles de nós que já cremos em Cristo, adquirimos o poder de sermos filhos de Deus (Jo 1.12). Todavia, o essa adoção diz respeito apenas imaterial (ou o nosso espírito) pela fê. Já fomos tornados filhos de Deus, mas ainda não somos filhos de Deus completamente porque não fomos redimidos ainda na nossa totalidade. Falta a redenção do corpo, no dia final. Quando esse tempo chegar, então seremos completamente salvos, na ressurreição, e será revelada completamente a nossa filiação. A essa altura seremos filhos de Deus em plenitude porque Deus nos terá redimido plenamente. Teremos vitória sobre a nossa velha natureza física, e seremos chamados filhos de Deus. Somente nessa época é que seremos de fato e de verdade adotados na inteireza do nosso ser – matéria e espírito (ou corpo e alma)!

Triunfo sobre a maldições divinas

Tanto a nova terra quanto os homens que habitarão a nova terra serão livres de todas as maldições que havia sobre eles, por causa do desgosto divino contra o pecado dos homens. Deus amaldiçoou o habitat dos homens, os animais que faziam companhia aos homens, amaldiçoou a mulher que era a companheira idônea, e amaldiçoou o próprio homem.

Todavia, com respeito a essas coisas, a promessa divina é:

Ap 22.3 – “*Nunca mais haverá qualquer maldição. Nela estará o trono de Deus e do cordeiro. Os seus servos o servirão.*”

Os capítulos 21 e 22 do Apocalipse tratam integralmente da nova terra e de seus habitantes. A terra será absolutamente livre de todas as maldições divinas. Como consequência, os habitantes da nova terra ficarão também livres delas, porque amaldiçoados não podem habitar uma terra livre de maldições.

A terra já não produzirá mais cardos e abrolhos; o *homem* já não mais terá de trabalhar com fadiga e sofrimento. O seu trabalho será feito com grande contentamento, pois o seu trabalho será servir ao Senhor obedientemente; a *mulher* não sofrerá mais as maldições que lhe sobrevieram. Certamente continuará o seu papel de mãe, mas sem os incômodos que a maldição lha trouxe; os *animais* voltarão a ser como eram antes da queda. Não mais haverá desequilíbrio entre eles, e voltarão a fazer o que fizeram originalmente.

Os remidos completamente serão livres de todas as maldições. Será o triunfo da bênção sobre a maldição!

Triunfo sobre as enfermidades

As enfermidades sobre os homens são uma imposição judicial de Deus a todos os que estão sob o efeito da queda ainda. Os remidos, isto é, aqueles por quem Jesus Cristo morreu, serão livres das enfermidades porque as suas enfermidades foram levadas por Cristo judicialmente (Is 53.4-5). Um dia, e ele chegará certamente, como resultado da obra de Cristo, nunca mais os remidos padecerão dores.

Ap 22.2 – “No meio da sua [cidade] praça, de uma e outra margem do rio, está a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos.”

Um intérprete incauto pensará que na nova terra as enfermidades acontecerão, mas que os remidos serão curados delas pelas folhas e pelo fruto mensal da árvore da vida. Não é esta a idéia. O texto deve ser entendido como sendo a inexistência de enfermidade por causa da presença da árvore da vida no meio do jardim. Na verdade, ela é simbólica da vida e daquele que nos dá a vida, que é o que realmente nos curará de todas as nossas enfermidades por causa da sua obra.

No dia final, quando Deus terminar a nossa redenção, nunca mais ele nos permitirá ser doentes porque a sua redenção é completa e perfeita. Nada impuro invadirá o nosso mundo santo. Todos os que são lavados no sangue do Cordeiro participam do direito de comer da árvore da vida (Ap 22.14). Isto significa que aquele que foi remido por Jesus (em virtude de sua obediência passiva e ativa) adquire o direito de comer da árvore da vida que não permite que nunca mais fiquemos doentes. Jesus Cristo nos cura das nossas enfermidades que tínhamos sob a maldição divina e, ao mesmo tempo, ele nos abre a porta ao direito de, comendo da árvore da vida, não termos nunca mais a possibilidade de obter enfermidades. É nesse sentido que o verso acima deve ser entendido. Triunfo completo sobre as enfermidades!

Triunfo sobre a morte

Já somos vivos, porque os Espírito nos vivificou, mas ainda somos mortos. Isto é, Deus ainda não deu vida ao nosso corpo amortecido. Deus não fez nada ainda para redimir a nossa natureza física. Enquanto o nosso corpo não for remido, podemos dizer que ainda estamos sob o poder da morte. No final, contudo, seremos ressuscitados. A ressurreição será do homem, mas será o dia da salvação da sua natureza física.

Além disso, na nova terra, o triunfo nosso será sobre as conseqüências que a morte traz sobre os que ficam. Veja o que João fala:

Ap 21.4 – “E ele lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram.”

Ninguém mais vai chorar na nova terra porque Deus não deixará a morte acontecer mais. Ninguém vai derramar lágrimas pelos seus queridos que partiram, porque Deus não vai permitir a morte Ter domínio mais sobre os homens. O poder da morte está com Deus e ele nos livrará desse seu poder de juízo, com o poder de sua graça. É por essa razão que esse verso acima fala tão belamente do nosso triunfo sobre as conseqüências danosas que a morte dos outros nos traz.

Essas conseqüências da morte serão a essa altura coisa do passado. Elas são as primeiras coisas, mas nunca mais existirão no mundo de Deus. Triunfo total da vida sobre a morte e do bem sobre o mal na vida dos remidos de Deus!

Triunfo sobre os sofrimentos em geral

Is 60.18 – Nunca mais se ouvirá de violência na tua terra, de desolação ou ruínas nos teus termos; mas aos teus muros chamarás Salvação, e às tuas portas Louvor”.

Os sofrimentos serão banidos para sempre da nova terra de Deus. A glória do povo de Deus será tão grande no final que é dito que o seu povo resplandecerá por causa da glória que Deus colocará sobre os remidos (Is 60.1-2). Nunca mais os remidos de Deus experimentarão qualquer tipo de sofrimento que hoje ainda experimentam

O texto de Isaías 60,18 mostra que as coisas comuns que hoje existem, como a violência, a desolação, as ruínas não mais farão parte do contexto de vida da nova terra. A cidade murada de Jerusalém, que é típica de todo o glorioso povo de Deus, será conotada unicamente com a redenção e com o louvor a Deus.

Is 65.19 – “E exultarei por causa de Jerusalém, e folgarei do meu povo, e nunca mais se ouvirá nela nem voz de choro nem de clamor.”

Não haverá mais qualquer tipo de tribulação, tentação ou outro sofrimento. Todas as coisas tristes e doloridas serão banidas da terra paradisíaca. Ninguém mais vai chorar e possuir qualquer tipo de oração de sofrimento. O próprio Deus ficará exultante e se deliciará no seu povo porque o seu povo haverá de folgar e exultar perpetuamente com o que ele haverá de criar (v.18). A exultação divina existe no fato dele ver o seu povo exultando nas coisas santas e puras que ele criou.

Será um tempo de absoluto triunfo do bem sobre o mal na vida do seu povo.

ESFERA DO REINO ANIMAL

Veja o estado dos animais depois da queda

Com a queda no antigo paraíso houve uma imposição penal de Deus inclusive sobre os animais, que eram habitantes da mesmo lugar. Todas as coisas que faziam parte da vida do homem foram afetadas: o seu próprio habitat e os outros seres viventes —os animais. Tudo o que seria para o deleite dos homens recebeu a afetação do pecado por causa da maldição divina.

Como já tratamos em capítulos anteriores, vários animais claramente tiveram a sua natureza alterada por ação judicial divina contra os homens.

Por causa da maldição, houve não somente um desequilíbrio na vida animal com também uma desarmonia geral entre eles. A Escritura menciona alguns casos, como já frisamos, que são ilustrativos de tudo o que aconteceu no período pós-queda.

Veja o estado dos animais depois da restauração

Mas essa desarmonia não permanecerá para sempre assim. Deus vai tomar providências para que toda fauna chegue ao ponto de perfeição, como certamente era antes da queda. Depois da restauração do universo, na nova terra, os animais sofrerão novamente a intervenção divina, só que agora para que eles sejam restaurados à sua natureza original, mostrando a plena harmonia que haverá entre.

Vejamos pelo menos duas ilustrações de como os animais viverão nessa nova terra:

Is 11.6-9 - “(6) O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito; o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos, e um pequenino os guiará. (7) A vaca e a urso pastarão juntas, e as suas crias juntas se deitarão. O leão comerá palha com o boi. (8) A criança peito brincarà sobre a toca da áspide, e o já desmamado meterà a mão na cova do basilisco. (9) Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, porque a terra se encherà do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar.”

Is 65.25 - “O lobo e o cordeiro pastarão juntas, e o leão comerà palha como o boi; pó será a comida da serpente. Não farão mal nem dano algum em todo o meu santo monte, diz o Senhor.”

Se comparado com o que acontece hoje, será altamente estranho ver o lobo e o cordeiro pastando juntos, assim como a vaca e a urso, o leopardo e o cabrito. As crias desses animais crescerão juntas, sem que um animal ataque outro e o devore, como acontece ainda sob a maldição. O leão, parece-me, não será mais carnívoro. Seu alimento será a palha, semelhantemente ao boi.

Deus retirará algumas maldições mas, parece-me, somente uma ele não retirará — a que veio sobre a serpente. Nesse texto que fala da nova terra, a serpente ainda vai se arrastar e comer pó, o que não acontecia antes da queda. Talvez porque ela tenha sido o animal sagaz usado por Satanás.

Uma outra observação importante é que haverá plena harmonia entre os animais e os seres humanos. No texto de Isaías 11.8 há a sugestão de que uma criança poderá conviver pacificamente mesmo com os animais hoje violentos e que nada acontecerá a ela. Nenhum animal fará qualquer coisa danosa aos seres humanos no paraíso. A essa altura, todo o mal do universo terá sido eliminado. Triunfo do bem sobre o mal mesmo na fauna da terra paradisíaca.

TRIUNFO DO BEM NA ESFERA MORAL

A justiça original que era a tônica do homem antes da queda foi perdida. Essa parte importantíssima da imagem original do homem foi apagada. Eclesiastes 7.29 diz que Deus “fez o homem reto, mas ele se meteu em muitas astúcias”.

Deus, então, tomou providências para que a sua imagem começasse a ser restaurada no pecado. Primeiramente, Deus colocou a vida espiritual no homem. Imediatamente, após a regeneração, Deus começa o processo de restauração dessa imagem através da obra de Cristo (Cl 3.10). É um processo que dura a vida inteira. Todavia, a completação da restauração dessa imagem se dá somente no último dia, no tempo da ressurreição, quando o homem haverá de refletir perfeitamente a imagem de Deus. Então, ele terá a justiça original completamente restaurada. Nesse tempo, o homem obedecerá perfeitamente a lei de Deus, andando em equidade. A retidão será a tônica da conduta humana.

Na nova terra, que é a restauração do paraíso, haverá plena retidão dos homens. Por isso Pedro aguardava pacientemente pelo cumprimento da promessa divina dos novos céus e da nova terra, “*nos quais habita a justiça*” (2 Pe 3.13).

É por essa razão que tanto Paulo quanto João enfatizam que na nova terra não entram impuros, feiticeiros, mentirosos, injustos, assassinos, idólatras, covardes, abomináveis etc., (ver Ap 21.8; 22.15; 1 Co 6.9-10). Todos os que desobedecem a lei de Deus, isto é, os que não andam retamente, ficarão de fora da nova terra.

Moralmente os remidos serão perfeitos. Eles não praticarão injustiça alguma, porque na cidade santa, a nova Jerusalém, o triunfo do bem sobre o mal será a tônica, para que Deus seja glorificado na sua santidade e os remidos desfrutem do paraíso restaurado.

TRIUNFO DO BEM NA ESFERA ESPIRITUAL

Na nova terra de Deus o bem espiritual triunfará completamente sobre o mal. Deus vai tornar aquela terra e seus habitantes tão puros que não permitirá qualquer resquício de imundície nela e neles. Não somente ele vai retirar o Tentador e seus asseclas do nosso planeta (Ap 20.10), mas também

vai impedir que qualquer semente de maldade penetre nos limites do seu novo mundo paradisíaco.

Por essa razão, João diz com muita ênfase que na nova terra

Ap 21.27 – “*Nunca mais penetrará coisa alguma contaminada, nem o que pratica abominação e mentira, mas somente os inscritos no livro da vida do Cordeiro.*”

A expressão “*coisa alguma contaminada (koinon)*” pode ser traduzida como “impura” ou “comum” (o que não foi purificado por Deus. A expressão é retirada conceito do AT a respeito das coisas imundas, ou coisas que não foram aspergidas com sangue para o serviço divino. Foi esse tipo de sensação que Pedro teve quando Deus o mandou comer coisas imundas (At 10.14). Ele poderia comer, de acordo com a lei, somente coisas purificadas por Deus. Por essa razão Deus replicou: “Ao que Deus purificou não consideres *comum (koinou)*” (At 10.15). Pedro usou a mesma palavra que João. O sentido de ambos é o mesmo: “comum” ou “contaminada”.

Só entra nessa cidade aquele que foi purificado da contaminação, aquilo que deixou de ser comum, para ser dedicado exclusivamente ao Senhor. Esses são os eleitos que Deus remiu e que, por causa disso, têm os seus nomes “*inscritos no livro da vida do Cordeiro*”. Somente esses purificados é que adentram a nova terra e participam da glória dela.

Para deixar ainda mais clara a sua idéia da vitória do bem sobre o mal na nova terra, João mostra ilustrativamente alguns tipos de pessoas contaminadas que não entram na cidade santa e com ele concorda Paulo. Perceba nos três textos abaixo alguns pecados são repetidos em todas as listas, outros em duas. Eles não esgotam todos os pecados, mas são indicativos de que impureza alguma penetra o reino de Deus ou a nova terra.

Ap 22.15 – “Fora [da cidade] ficam os cães, os feiticeiros, os impuros, os assassinos, os idólatras, e todo aquele que ama a prática da mentira.”

Ap 21.8 – “Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a Segunda morte.”

1 Co 6.9-10 – “Ou não sabeis que os injustos *não herdarão o reino de Deus?* Não vos enganeis: *nem* impuros, *nem* idólatras, *nem* adúlteros, *nem* efeminados, *nem* sodomitas, *nem* ladrões, *nem* avarentos, *nem* bêbados, *nem* maldizentes, *nem* roubadores *herdarão o reino de Deus.*”

A lista é apenas ilustrativa dos pecados mais hediondos que a Escritura condena fortemente condena. A preocupação dos escritores bíblicos é mostrar a pureza do reino de Deus ou da nova terra, de forma que nada que mostre o contrário pode penetrar esse lugar santíssimo.

A nova terra será absolutamente livre do mal moral. Nenhuma coisa impura ou imunda adentrará o lugar que Deus preparou para aqueles a

quem ele preparou. Somente entram no lugar santificado aqueles que Deus santificou.

O relacionamento com Deus é estabelecido completamente

Ap 21.3 – “Então ouvi uma grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus e Deus mesmo estará com eles.”

O mal terá de ser completamente erradicado deste mundo porque Deus haverá de habitar de modo especial, como nunca habitou nesta terra, no estabelecimento das coisas finais. Deus sempre esteve presente em sua onipresença conosco. Deus até esteve presente teofanicamente entre os homens em alguns casos no Antigo Testamento. Até esteve presente conosco em Cristo, que era o Emanuel. Mas no final, o relacionamento de Deus conosco será pleno e completo. Ele tabernaculará nesta terra da mesma forma que ele habita no céu hoje. Deus será a nossa luz perpétua, e o Cordeiro será a nossa lâmpada (Ap 21.23). A presença relacional de Deus será única. Seu povo o verá (vendo o seu Filho), porque a luz só pode ser vista através da lâmpada. Então, teremos comunhão perfeita com aquele que ficará assentado no trono e com o Cordeiro. Nada mais quebrará essa comunhão porque eles nos aperfeiçoará de tal forma que nunca mais pecaremos contra ele. Será uma comunhão perfeita e inquebrável!

Será um tempo de vitória total do bem sobre o mal em nosso relacionamento com Deus e com nossos semelhantes!

O MODUS OPERANDI DO TRIUNFO

Deus já estabeleceu de antemão o modo como que haverá de estabelecer o triunfo do bem sobre o mal na esfera física.

Análise de Texto

2 Pe 3.10-13 – “(10) Virá, entretanto, como ladrão, o dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas. (11) Visto que todas essas cousas hão de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade, (12) esperando e apressando avinda do dia de Deus, por causa do qual os céus incendiados serão desfeitos e os elementos abrasados se derreterão. (13) Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça”.

O triunfo se dará de modo repentino

“Virá, entretanto, como ladrão, o dia do Senhor”(v.10).

Assim como a vinda do Senhor será repentina, também a sua obra se dará de modo repentino. A chegada do dia do Senhor assim como a realização de sua obra restauradora não terão um caráter gradativo, como pensam alguns pós-milenistas históricos. A intervenção divina será

repentina, como repentina é a ação de um ladrão no meio da noite, mesmo na redenção da criação.

A vitória sobre a criação amaldiçoada pelo pecado acontecerá de modo rápido. Não haverá um processo de restauração, mas será repentino no sentido de ser um ato de Deus. Provavelmente, a transformação da natureza física do universo não será num abrir e fechar de olhos, num piscar como a transformação dos vivos ou a ressurreição dos mortos, mas será um ato, não um processo, porque Deus usará o fogo vindo de céu (como aconteceu com Sodoma e Gomorra) para purificar tudo o que existe.

O triunfo se dará espetacularmente

“No qual os céus passarão com estrepitoso estrondo e os elementos se desfarão abrasados” (v.10).

Não será um evento silencioso, mas acontecerá estrepitosamente, visto e ouvido por todos remidos que, a essa altura, estarão nos ares com Jesus, observando a obra recriadora espetacular de Deus.

Tudo o que existe hoje será destruído de uma maneira avassaladora e ruidosa. Assim como podemos perceber o crepitar do mato quando queima numa incêndio perto de nós, em proporções muitíssimo maiores toda a natureza será reduzida a cinzas, de uma maneira extremamente barulhenta. Essa ação divina não passará despercebida dos homens. O estrondo é para que todos ouçamos da grandeza das obras de Deus. A essa altura, os remidos já estarão com Cristo nos ares, aguardando o apronto da nova terra para eles ali descerem.

A bela criação que hoje existe passará (deixará de existir da forma em que existe hoje) de uma maneira espetacular! Certamente não será uma manifestação de efeito pirotécnico, mas será um espetáculo indizível! Imaginem que toda a bela, mas velha criação, haverá de perecer estrepitosamente numa poderosa intervenção da justiça divina.

Eu não sei explicar, porque não consigo visualizar, mas toda a camada de gases que envolvem o nosso planeta, assim como toda a crosta terrestre pegarão fogo. Por essa razão, Pedro fala que “os céus incendiados serão desfeitos e os elementos abrasados se derreterão”. A intervenção divina provocará fogo nos gases e a conseqüência do fogo sobre a terra fará com que tudo na crosta se derreta. Imaginem a explosão dos gases e o crepitar de todas as coisas queimando sobre o planeta. Um espetáculo inolvidável! O melhor disso tudo é que nós veremos tal espetáculo de onde estivermos. Não vimos a criação da terra, mas veremos a sua recriação. Tudo será espetacular!

O triunfo se dará de uma forma total

“Também a terra e as obras que nela existem serão atingidas. Visto que todas essas cousas hão de ser assim desfeitas” (v.10b-11a)

Tudo o que existe no nosso planeta, incluindo a atmosfera que nos cerca, passará pela transformação ou purificação. As construções, as grandes estradas, as ferrovias, os grandes edifícios, os belos jardins, as avenidas cheias de árvores, as obras de arte, serão destruídos. Toda obra humana será atingida sobre a terra. Nada do que existe agora permanecerá

de pé. Tudo será derretido. Para que isso aconteça, a manifestação de Deus será muitíssimo violenta, mais do que podemos imaginar. Nenhuma manifestação da ira divina até agora, mesmo a dos tempos de Noé, se assemelhará à violência dessa intervenção. Será a maior mudança a ocorrer na face da terra. Tudo será atingido. Nada escapará do juízo de Deus e, de sua conseqüente ação transformadora.

Tudo que teve contato com o pecado e, portanto, sob a maldição divina, será atingido pela intervenção sobrenatural de Deus.

O triunfo do novo sobre o velho

“Nós, porém... esperamos novos céus e nova terra” (v.13)

A intervenção divina terá duas características. A primeira será a de destruição do que é velho, porque está amaldiçoado. A destruição do velho não significa a aniquilação da matéria, mas a destruição da afetação do pecado no que é velho. Esta é a expressão do juízo violento de Deus.

Todavia, a segunda característica se reveste da graça divina que toma o velho e o faz novo. Quando Deus age em juízo desfazendo o que existe, ele não aniquila a matéria, mas a derrete retirando dela toda a sua impureza e a refina, purificando-a de todas as coisas que lhe sobrevieram no tempo da maldição. Ao mesmo tempo em que a maldição é retirada, Deus remodela a terra escoimando-a de todas as suas impurezas e a refaz colocando nela toda a sua própria glória. Esta é a manifestação graciosa de Deus conosco, fazendo uma terra que seja apropriada à nossa nova natureza renovada que ele nos deu.

O velho é substituído pelo novo. Isto não quer dizer que a matéria desaparecerá, mas que o que já existe será tornado purificado. É o triunfo do bem sobre o mal, da bênção sobre a sua própria maldição!

O triunfo deve ser ansiosamente esperado

Há duas expressões que demonstram a ânsia que os remidos possuem até que o triunfo se dê efetivamente. A expressão “*esperando e apressando a vinda do dia de Deus*” (v.12a) e a expressão “Nós, porém, *segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra*” (v.13).

Como Paulo expressou em Romanos 8, Pedro mostra que vivemos numa atitude de expectativa, o que nos causa uma espécie de agonia. É um período de tensão entre o que Deus já fez em nós e o que ele ainda vai fazer. É a tensão que existe entre o começado e o não acabado. Enquanto Deus não terminar o que começou, não haverá alegria completa, nem regozijo. Além da tensão daquilo que falta ser terminado em nós, há o que precisa ser feito fora de nós, que é a restauração da criação. A ânsia de que o texto fala tem mais a ver com a expectativa de Deus nos tirar desta criação amaldiçoada e arrumar logo o nosso lar definitivo, pois é para ele que todos nós originalmente fomos feitos. Como novas criaturas que já somos, esperamos com ansiedade sermos colocados num lugar onde reina a abundante justiça.

A idéia de “*esperar e apressar a vinda do dia de Deus*” mostra a insatisfação com o *status quo* em que vivemos. Somos e agimos como meninos: quando nossos pais prometem alguma coisa para nós, ficamos

ansiosos e queremos que o tempo passe depressa e queremos até apressar o tempo do dia do cumprimento da promessa chegar. Enquanto o dia não chega, ficamos aflitos e, às vezes, se torna agonizante esperar pelo que é melhor. Deus prometeu (“segundo a sua promessa”) e estamos aguardando ansiosamente o triunfo do bem sobre o mal na esfera física de nosso mundo.

O triunfo deve ser aguardado com vida santa

“Visto que todas essas cousas hão de ser assim desfeitas, *deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade*” (v.11).

Pedro exorta a seus leitores (incluindo os que vivemos no tempo de hoje) a uma espera em novidade de vida, pois a nossa santa habitação na futura nova terra tem que ser começada aqui. A santidade que tem a sua culminância na nova terra, tem o seu início nesta presente existência, quando a velha terra ainda permanece. É perfeitamente possível uma vida de santificação crescente nesta vida, pois o Senhor exige dos seus filhos “santificação e piedade”. A fim de que habitemos numa futura terra santa é necessário começar a praticar a santidade e a piedade cristãs aqui e agora. Enquanto Deus não destrói dissolvendo todas as coisas desta presente terra, aproveitemos as oportunidades que Deus nos dá e vivamos piedosamente até que o Senhor complete o que ele já começou em nós — a nossa redenção.

Portanto, tanto a vinda do Senhor como a destruição do velho e transformação para o que é novo deve ser precedida por uma vida santa da parte dos remidos.

Paulo fala que é um dever viver em santo procedimento e piedade. Não é uma opção que os crentes possuem. Eles têm o dever de viver de modo que agrade ao Criador da nova terra.

APLICAÇÃO

Este mundo será redimido de todo mal. Deus vai tornar seus filhos “em todas as coisas somos mais que vencedores por meio daquele que nos amou” (Rm 8.39). Todavia, isso parece ainda distante.

Por enquanto você ainda enfrenta dor e sofrimento, mas você tem de crer nas palavras consoladoras de Jesus Cristo: “Não se turbe o vosso coração...tende bom ânimo. Eu venci o mundo...” Tenha confiança nas palavras da Escritura que dizem que “Deus é o nosso refúgio e fortaleza; socorro bem presente nas tribulações” (Sl 46.1). Não há outra saída. Deus quer que você espere pacientemente até que a libertação do sofrimento e de todos os outros males aconteça.

Creia que Deus é fiel e verdadeiro nas suas promessas; que ele não falha nunca; que ele haverá de trazer libertação plena e vitória total sobre os males físicos, morais e espirituais ao mundo dos remidos e aos remidos deste mundo.

Aprenda a contrastar a situação presente com a do porvir. Olhe para o que você está passando ainda hoje e dê uma olhada no que vai acontecer ainda a você.

Tome estas palavras de Paulo e peça para Deus aplicá-las ao seu coração: “Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não são para comparar com a glória por vir a ser revelada em nós” (Rm 8.18). Contraste essas duas grandes eras: a do presente e a do porvir. Seja consolado pela veracidade das palavras de Deus. Ele nunca falhou em suas promessas. Certamente, ele não falhará nessa sua grande e mais gloriosa promessa!

Você, por quem Cristo morreu e ressuscitou, vai experimentar as delícias do paraíso restaurado, porque você verá como os males serão absolutamente derrotados, sejam eles de natureza física, moral ou espiritual. Todos os relacionamentos hoje ainda quebrados, serão restaurados e, certamente, em todas as coisas seremos mais do que vencedores por causa de Jesus Cristo! A ele, pois, seja a glória já hoje e por toda a eternidade!

CAPITULO 17

O SOFRIMENTO HUMANO E A PROVIDÊNCIA

Creio que a matéria do sofrimento humano deve ser tratada à parte dos males físicos e dos males morais porque ele envolve mais do que isso. Os seres humanos não sofrem necessariamente por causa dos seus pecados, mas há outros fatores envolvidos nesta matéria que precisam ser abordados de um modo especial, a fim de que não haja confusão na mente dos leitores.

O sofrimento humano é o espinho na carne de todos os teólogos porque é uma das áreas experimentais das quais nenhum um ser consciente pode fugir. Todavia, o estudioso da Escritura tem que oferecer alguma resposta às questões freqüentemente levantadas em nossas salas de estudo. Por essa razão, temos que gastar algum tempo tentando achar respostas com base no estudo da revelação divina como um todo. Tolo é o estudioso que tenta fugir a essas questões porque elas são cruciais até para o entendimento da fé.

Embora sabendo que não terei as respostas últimas, esta é uma tentativa de ajudar o leitor interessado e curioso nesta matéria.

AS RAZÕES DO SOFRIMENTO HUMANO

Não há como estudar a providência de Deus sem levar em conta o assunto do sofrimento humano. Ele faz parte da história do homem desde os seus primórdios. As grandes perguntas são: Por que? Por que há tanta dor e sofrimento no mundo?

Qual é o envolvimento de Deus no sofrimento humano? Em que grau podemos ver a obra providencial de Deus no sofrimento humano?

Este capítulo é uma tentativa de dar respostas a algumas das perguntas que nos são feitas, sem ter a pretensão de esgotar a matéria.

SOFRIMENTO POR CAUSA DA LIMITAÇÃO HUMANA

É muito comum entre os cristãos o pensamento de que o sofrimento vem somente por causa do pecado. É verdade que o sofrimento maior deste mundo é uma imposição penal de Deus sobre o mundo pecaminoso. Não há o que contestar se o ponto-de-partida no estudo é a Escritura. Todavia, quando começamos a refletir muito seriamente sobre esta matéria há algumas coisas que devem ser levadas em conta e que, quase que invariavelmente, ninguém o faz.

A fim de fazermos uma distinção devida, devemos distinguir entre o sofrimento que vem por causa dos males físicos e morais e os sofrimentos e dores que provêm de nossa limitação.

Quando criou os seres humanos, Deus deu-lhes ordens para guardarem o Jardim do Éden, para cultivá-lo e para subjugar todas as coisas que Deus havia criado. Eis a ordem:

Gn 1.28 - “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, e sobre todo animal que rasteja sobre a terra.”

A grande questão que deve ser levantada aqui é: Quando Deus criou o homem santo e perfeito, deu-lhe a capacidade de fazer tudo isso sem que houvesse limitação na sua obra? Certamente, não. Deus fez os seres humanos limitados, finitos. Deus deu-lhes o trabalho, mas também deu-lhes um dia de descanso, a fim de que pudessem repousar do trabalho feito. Somente Deus não precisa repousar. Ele descansou no sétimo dia apenas para servir de modelo para os homens seguirem. Deus é infinito e ilimitado, não precisando, portanto, de manutenção. Todavia, a sua criatura precisa de repouso e de manutenção, por causa da sua limitação.

Deus deu aos seres humanos músculos e nervos que, se usados indevidamente, vão sofrer dor. As dores musculares não são produto do pecado, mas do uso indevido ou exagerado deles. Daí a necessidade do descanso. Toda a nossa composição física e mental é limitada e precisa de repouso. Estamos debaixo dessa lei física e não podemos fugir dela. A lei do repouso é necessária para que não ultrapassemos os nossos limites e venhamos a sofrer as dores que podem ser originadas pelo excesso de uso das coisas que precisam de repouso.

Quando Deus ordenou que o homem cuidasse da terra e dominasse os animais, ele lhe impôs limites. Exercer o domínio sobre toda a criação era uma obra árdua, que exigia muito esforço. A vida que Deus deu a Adão era de duro trabalho. A vida no jardim não era de ociosidade. Por essa razão, o homem não poderia trabalhar incansavelmente. Isso é próprio somente da divindade infinita, mas não de criaturas finitas, ainda que perfeitas. Perfeição não é sinônimo de ilimitação.

Se as ordens de repouso de Deus são desobedecidas, certamente as dores e o sofrimento podem aparecer como resultado da ultrapassagem dos limites da nossa constituição física e mental.

Gn 2.15 - “Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar.”

Não devemos pensar que o Jardim no Éden tenha sido algo pequeno, como o jardim de uma praça de nossas cidades. Segundo estudos sérios, o Éden tinha proporções enormes, abrangendo boa parte de nosso planeta. Tudo isso estava sob a responsabilidade de Adão e Eva e sua posteridade. A tarefa de cultivar a terra, guardá-la e subjugar os animais era muito grande, como já vimos. Visto que essa tarefa era pesada, e os seres humanos finitos, existia a possibilidade de dor e sofrimento no caso da não obediência das leis estabelecidas.

Esses tipos de dor e sofrimento são benéficos. Quando as dores aparecem é sinal de que ultrapassamos os limites. As dores são um

indicativo de que precisamos olhar para as nossas limitações e obedecer o descanso ordenado por Deus. É sempre salutar obedecer aos limites impostos pelo Criador. Uma vez que esses limites são ultrapassados, a luz indicadora acende e ela se reflete em dores físicas e, até, mentais.

Essas dores não têm nada a ver com a punição devida por causa do pecado, mas são uma advertência positiva da bondade do Criador infinito para com a sua criatura finita.

Deus estabeleceu leis para governar todos os aspectos do mundo. Não estou me referindo aqui às leis morais que criaturas racionais devem obedecer. Estou me referindo às leis naturais que regem as coisas criadas, não as pessoas. Quando existe a quebra dessas leis naturais, a dor pode vir sobre o homem, que também é uma criatura. Nesse caso, a dor vinda sobre o homem é a indicação das marcas de sua limitação, dentro da qual todos os seres criados vivem.

Portanto, podemos dizer que existe a possibilidade de dor e sofrimento quando as leis naturais não são devidamente observadas. Esse sofrimento não tem nada a ver com as transgressões da lei moral de Deus, nem com a imposição judicial de Deus sobre os seres caídos. Esse sofrimento pode ser considerado parte da existência humana que é próprio de criatura que vive debaixo de leis naturais que regem as criaturas finitas. Esse tipo de dor ou sofrimento pertence à criatura como criatura. C. S. Lewis disse: “tente excluir a possibilidade de sofrimento que a ordem da natureza e da existência das vontades livres envolvem, e você verificará que você excluiu a vida em si mesma.”¹⁷⁵

Estas observações sobre o sofrimento como produto de nossa limitação servem tanto para o período pré-queda como para o pós-queda. A diferença entre esses dois períodos é que o pecado, nesse caso, complicou ainda mais a situação da finitude humana em relação à dor. Após a queda o homem não somente continua finito, mas também já tem as conseqüências judiciais de Deus sobre si.

É importante observar que, quando Deus pronunciou maldição a Eva, ele disse: “Multiplicarei os sofrimentos da tua gravidez; e, em meio de dores darás à luz filhos” (Gn 3.16). Isso implica duas coisas: que já haveria sofrimentos naturais da gravidez (que seriam multiplicados por causa do juízo divino) e que a dilatação do colo uterino antes da queda deveria ser com algum tipo de dor natural (mesmo que não multiplicada), que não tinha nada a ver com o pecado, mas com estiramento de músculos e o alargamento dolorido de algumas partes do organismo feminino, a fim de que pudesse haver o nascimento dos filhos. Todavia, por causa da entrada do pecado no mundo e sua conseqüente punição, os sofrimentos da gravidez e do dar à luz filhos foram agravados.

Dor e sofrimento não são parceiros necessários do juízo de Deus sobre pecado. Eles são parte do processo natural de desenvolvimento de uma criatura (seja homem ou animal), a fim de que eles entendam a limitação que possuem e conheçam as suas fronteiras de ação.

175 C. S. Lewis, *The Problem of Pain* (New York: The MacMillan Company, 1969), 22 (citado por J. Rodman Williams, *Renewal Theology*, vol. 1 (Grand Rapids: Zondervan, 1988), 127.

Ao mesmo tempo que algumas dores e sofrimentos indicam uma limitação, podemos perceber que eles podem ser uma espécie de desafio para novas conquistas. Todas as conquistas que têm a ver com domínio e sujeição da terra – que é parte do mandato cultural – exigem algum tipo de sofrimento. Não há conquistas sem que haja um grande esforço ao ponto de provocar dores nos conquistadores. Todavia, todas as dores são altamente recompensadas pelas vitórias alcançadas. É assim no avanço da ciência, nas grandes descobertas e nas conquistas do espaço e das profundezas dos mares. Afinal de contas, somos ordenados por Deus a sujeitar e a dominar todas as coisas, mas não sem os sofrimentos e dores de nossas limitações que são causadas e aumentadas pela aceitação dos desafios que nos esperam.

Portanto, nunca pensemos que a única causa de dores neste universo de Deus seja o pecado, mas também nossas limitações impõem algum tipo de dor sobre nós, especialmente quando avançamos o sinal indicativo de nossas fronteiras.

Ter sofrimento e dor não pode ser identificado necessariamente com o pecado, pois o próprio Deus é passível de dor e sofrimento, quando ele é o ser perfeitamente santo. A dor não é exclusiva de seres finitos, mas o único ser infinito, Deus, é capaz de ter tristeza e dor. O Espírito desse santo Deus pode ser entristecido (Is 63.10; Ef 4.30). A capacidade de ter sofrimento que Deus possui foi passada às suas criaturas. Sem possuir pecado pessoal algum, Jesus Cristo “foi um varão de dores” (Is 53.10), sofreu angústias e dores as mais variadas, chegando várias vezes a chorar. É verdade que no caso de Jesus o seu sofrimento tinha um caráter vicário, mas ele próprio nunca fez nada que pudesse ser conotado com qualquer ato pecaminoso. Porque Deus é capaz de sofrer, ele é capaz de ter compaixão dos que sofrem. Se ele fosse um Deus impassível (isto é, incapaz de sofrer), dificilmente poderíamos concebê-lo como um Deus compassivo. Aquilo que ele é, ele tem ordenado a que sejamos, isto é, que aprendamos a ter compaixão uns dos outros nos tempos de sofrimento.

SOFRIMENTO POR CAUSA DO PECADO HUMANO

Os sofrimentos mais constantes na vida dos seres humanos vem como resultado do pecado. Esses são a imposição penal de Deus. O sofrimento de que vamos tratar agora não tem nada a ver com a quebra de leis naturais, como vimos anteriormente, mas com a quebra dos princípios morais estabelecidos pelo santo Legislador.

O sofrimento imposto ao homem por causa do pecado tem a ver com a santa retribuição da justiça divina. Ele é um dos mais tristes que o ser humano pode passar.

Desde a narrativa de Gênesis 3 temos as razões últimas dos sofrimentos do homem neste mundo. Os sofrimentos vieram aos maridos, às esposas, aos animais e ao *habitat* de todos eles. Tudo foi por causa da queda, como vimos anteriormente. Desde ali os sofrimentos são uma imposição divina por causa do pecado de nossos primeiros pais.

O SOFRIMENTO DOS ÍMPIOS

Os ímpios não conseguem escapar do sofrimento imposto pela justiça divina. Esse sofrimento é inescapável para eles. Deus faz com que eles caiam em seus próprios pecados.

Sl 7.14-16 – “ Eis o ímpio está com dores de iniquidade, concebeu a malícia, dá à luz a mentira. Abre e aprofunda uma cova, e cai nesse mesmo poço que faz. A sua malícia lhe recai sobre a cabeça, e sobre a própria mioleira desce a sua violência.”

Eles concebem seus pecados e os entregam dão à luz. No final, acabam vítimas de seus próprios pecados. Desde tempos muito antigos eram comum exércitos fazerem armadilhas para pegarem os seus inimigos. Usavam uma camuflagem para esconder essas armadilhas. Às vezes, inadvertidamente, eles próprios caíam em suas próprias armadilhas. O salmista usou esse fato para mostrar que assim acontece com os ímpios que, sem perceber, acabam caindo nas ciladas dos seus próprios pecados, e isso como expressão da justiça punitiva de Deus (v.11-13). Deus não permite que os ímpios são ilesos de suas impiedades. Ele é justo, embora nem sempre a sua justiça se manifeste do modo que queremos. Mas Deus é justo juiz e os ímpios haverão de experimentar o sofrimento por causa de seus pecados.

Sufrimento presente dos ímpios

Pv 11.31 – “Se o justo é punido na terra, quanto mais o perverso e o pecador!”

Ninguém escapa dos sofrimentos causados pelos próprios pecados. Os justos sofrem debaixo da disciplina divina, mas eles não estão debaixo de maldição! Todavia, a lição deste verso é que se os justos são punidos, muito mais serão os ímpios, ou os pecadores, aqueles que não tiveram os seus pecados pagos por Cristo Jesus!

Eles já sofrem por causa de suas maldades neste presente tempo como expressão da maldição divina sobre eles. Veja o que o texto seguinte diz a respeito dos ímpios.

Sl 32.10 – “Muito sofrimento terá de curtir o ímpio, mas o que confia no Senhor, a misericórdia o assistirá.”

O texto não está dizendo que os crentes não sofrem. Eles sofrem, sim, mas são assistidos pelo amor de Deus que opera o sofrimento da disciplina sobre eles. Deus é misericordioso com eles permitindo que para sempre sofram. Ele suspende o sofrimento quando os seus propósitos disciplinares terminam. O contexto desse verso 10 é o de sofrimento que o justo tem por causa da mão pesada de Deus sobre si, mas que é aliviada por causa da misericórdia divina.

Todavia, Deus não age assim com o ímpio. Nunca a justiça de Deus será compatível com a sua misericórdia, aplicadas à mesma pessoa. Com quem o Senhor é pessoalmente justo, ele nunca será misericordioso, porque as duas coisas se excluem quando aplicadas ao pecador pessoalmente. O

ímpio vai ter que curtir muito sofrimento, ainda nesta presente vida por causa da manifestação da ira divina sobre ele. Veja a manifestação da ira divina sobre o ímpio nos versos a seguir, que lhe provoca muito sofrimento.

Sufrimento Parcial dos ímpios

Quando digo parcial, não estou me referindo à manifestação final da ira divina que se dará somente no último dia, quando Deus jogar no lago de fogo todos os ímpios.

Toda a manifestação de sofrimento para o ímpio estão mostradas nos versos de Apocalipse, que evidenciam como Deus vê e trata com os ímpios.

Veja um crescente de manifestação de sofrimentos, como produto da ira divina:

Ap 16.1-2 – “Ide, derramai pela terra as sete taças da cólera de Deus. Saiu, pois, o primeiro anjo e derramou a sua taça pela terra, e, aos homens portadores da marca da besta e adoradores da sua imagem, sobrevieram úlceras malignas e perniciosas.”

O quadro apresentado por João é o de flagelos vindos sobre os ímpios, nos dias precedem a vinda de nosso Senhor, porque são juízos muito pesados, prenunciadores de que o pior está por acontecer. Eles pertencem aos dias finais porque tratam da besta e dos adoradores dela. Essas pessoas são abertamente ímpias, desprezadoras do Deus verdadeiro. Sobre elas Deus haverá de derramar a taça da sua ira em úlceras malignas e perniciosas. Perceba que os seus corpos ficarão cheios de chagas incuráveis que lhes causarão profundas dores. São os sofrimentos que os ímpios desse tempo curtirão!

Ap 16.5b-7 – “Tu és justo, tu que és e que eras, o Santo, pois julgaste estas cousas; porquanto derramaram sangue de santos e de profetas, também sangue lhes tens dado a beber. São dignos disso.... verdadeiros e justos são os teus juízos.”

Aqui o anjos fala do juízo de Deus que é absolutamente justo exercendo a sua justiça sobre aqueles que haviam martirizado os profetas, desde o Antigo Testamento, assim como os santos até o final dos tempos. Com a medida com que eles mediram os santos, iriam ser medidos também. A grande diferença, contudo, é que eles fizeram injustiça com os santos e profetas, e Deus haveria de retribuir com sangue com justiça. Eles pecaram contra os santos de Deus e, agora, Deus haveria de impingir sofrimento sobre eles que implicaria no derramamento de sangue. Eles apenas estarão recebendo o que merecem. Afinal de contas, o Senhor é justo juiz. Os ímpios vão ter que curtir muito esse sofrimento!

Ap 16.8-9 – “ O quarto anjo derramou a sua taça sobre o sol, e foi-lhe dado queimar os homens com fogo. Com efeito, os homens se queimaram com o intenso calor, e blasfemaram o nome de Deus que tem a autoridade sobre estes flagelos, e nem se arrependeram para lhe darem glória.”

Esses sofrimentos impostos pelo quarto anjo serão também sofrimentos da imposição penal de Deus que causarão muitas dores aos homens – as dores de queimaduras pelo extremo esquentamento da temperatura. Todos os ímpios foram queimados pelo desequilíbrio do astro-rei. Ao invés de reagirem positivamente, esses ímpios haverão ainda de blasfemar contra Deus. Este texto mostra que o arrependimento é obra do Espírito de Deus e que nunca ninguém se arrependerá pelo sofrimento. Se assim fosse, todos os ímpios se arrependeriam de seus pecados quando afetados pelo sofrimento extremo. Nunca os homens virão a Deus pela dor, mas sempre pelo seu amor. Quando mais houve o sofrimento penal imposto por Deus, mais os homens se endurecerão contra Deus. Por essa razão, creio, nas penas eternas no inferno, os homens continuarão a pecar contra o atormentador de suas almas.

Ap 16.10-11 – “Derramou o quinto a sua taça sobre o trono da besta, cujo reino se tornou em trevas, e os homens *remordiam* as línguas por causa da *dor* que sentiam, e blasfemaram o Deus do céu por causa das *angústias* e das *úlceras* que sofriam; e não se arrependeram de suas obras.

Mais uma vez podemos dizer que esses sofrimentos serão experimentados no tempo do fim, quando os homens forem governados pela besta que, no meu entender, é equivalente ao Homem da Iniquidade. Nesse tempo, o quinto anjo haverá de causar um sofrimento ainda maior nos homens e João diz que eles vão morder as línguas expressando a sua dor. É mais ou menos a mesma idéia de “range os dentes” que o evangelho apresenta como significativo de grande sofrimento. Ainda assim, mais uma vez é dito que quanto mais sofriam, mais blasfemavam contra Deus. As angústias e os tumores vieram uns atrás dos outros, mas eles não se arrependeram. Eles não foram atingidos pelo amor salvador de Deus. Somente a sua justiça caiu sobre eles. A sua justiça é sempre sem misericórdia. E, por causa disso, eles sofrem fortemente nas mãos de Deus que é justo juiz!

Ap 16.18-21 – “ E sobrevieram relâmpagos, vozes e trovões, e ocorreu grande terremoto, como nunca houve igual desde que há gente sobre a terra; tal foi o terremoto, forte e grande. E a grande cidade se dividiu em três partes, e caíram as cidades das nações... Toda ilha fugiu, e os montes não foram achados; também desabou do céu sobre os homens grande saraivada, com pedras que pesavam cerca de um talento; e, por causa do flagelo da chuva de pedras, os homens blasfemaram de Deus, porquanto o seu flagelo era sobremodo grande.”

Estes versos apontam para a parte final e crescente do quadro de terror apresentado pelos juízos justos de Deus. Os sofrimentos neste capítulo possuem um caráter progressivo para mostrar o desprezo e o ódio que o Deus Santo pelo pelos pecados dos homens.

Deus mexe nos alicerces da terra e em suas placas e provoca um terremoto inigualável, qual nunca houve e nem jamais haverá. Certamente muita gente vai morrer e sofrer por causa dele. Aqui Deus mexe também na

abobada celeste e nos elementos da natureza e faz alterações substanciais nelas para causa terror nos homens. As ilhas desapareceram e os montes também. Deus mudou a geografia da terra, alterando toda a localização deles. Eles perderam o rumo de tudo. Deus estabelece um caos por causa dos seus juízos. Além de mexer na natureza, ele age destruidoramente nas obras dos homens, que são as suas cidades. Eles ficam sem ter onde se esconder. Chuvas de pedras e fogo vêm do céu sobre os homens ímpios.

Novamente, é-nos dito que eles não se arrependem de seus pecados porque quanto mais a justiça se manifesta, mais os homens se endurecem em seus pecados. Eles continuam a blasfemar com o justo Juiz. Grande é o sofrimento que Deus impõe sobre eles como nunca aconteceu na face da terra. A ira daquele que está assentado no trono e do Cordeiro será manifestada de maneira parcial, mas violenta, a medida que o tempo do fim chega.

Deus é justo e a sua justiça imporá muito sofrimento que o ímpio terá de curtir. Essa é a esperança dos justos: ver a justiça de Deus ser implantada na terra. E é por isso que os justos na glória reclamam (Ap 6.10). Todos nós ansiamos para que a justiça divina seja manifesta. E uma dessas manifestações é o envio do sofrimento sobre o ímpio que, por muito tempo, tem sido poupado por causa da longanimidade de Deus. Um dia Deus deixará de manifestar longanimidade para exercitar a sua justiça punitiva. Que assim seja, para que haja regozijo entre os remidos de Deus que foram injustiçados pelos ímpios aqui neste mundo.

Sufrimento final dos ímpios

No ponto acima, vimos os sofrimentos parciais dos homens ímpios que eles experimentarão ainda neste tempo presente, como manifestação parcial da ira divina. Todavia, o sofrimento final dos ímpios tem a ver com a manifestação final da ira divina. É produto da manifestação da justiça punitiva de Deus de forma definitiva. Esses serão os piores sofrimentos que eles haverão de experimentar.

Esses sofrimentos trazidos por Deus aos homens ímpios são produto de sua justiça providencial. São sofrimentos providenciais porque mostram a solução definitiva de Deus para o mal e também porque livram os justos da presença desagradável e maléfica dos ímpios.

Os evangelhos e o livro do Apocalipse mostram de maneira contundente que eles estarão sob a maldição divina sofrendo as conseqüências judiciais dos seus pecados. Os termos usados para esse tipo de sofrimento são um indício dos terríveis sofrimentos que lhe serão impostos pelo santo Deus.

Análise de Texto

João fala que os ímpios serão atormentados pelos séculos dos séculos, por causa da cólera divina

Ap 14.9-11 - "(v.9b) Se alguém adora besta e a sua imagem, e recebe a sua marca na frente, ou sobre a mão, (10) também esse beberá do vinha da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice da sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos

santos anjos e na presença do Cordeiro. (11) A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e não têm descanso algum, nem de dia nem de noite, os adoradores da besta e da sua imagem, e quem quer que receba a marca do seu nome.”

Parece-me que João aqui está falando de uma geração específica que vive nos dias que precedem a vinda de nosso Senhor. De qualquer forma, aqueles que não adoram a Deus, mas a imagem da besta, que haverá de aparecer, receberão os tormentos da parte de Deus. Deve ser lembrado que todos os seres humanos viventes nessa época (exceto os eleitos e fiéis) haverão de adorar a besta. Nesse altura, tanto a igreja apóstata quanto os outros que nunca confessaram Jesus Cristo, todos eles prestarão culto ao homem da iniquidade (que é o mesmo que a Besta do mar). Os sofrimentos decorrentes desse comportamento cúltil são descritos de maneira muito clara no texto acima.

1) João usa duas expressões enfáticas para mostrar a origem desse sofrimento:

— “*vinho da cólera de Deus*” - A expressão “cólera de Deus” aparece em vários versos no contexto próximo (14.19; 15.1, 7; 16.1). A justiça retributiva de Deus virá sobre todas as nações para punir os que não adoram o único Deus. Deus cairá furiosamente sobre os adoradores da besta de tal forma que o seu juízo será absolutamente inescapável. Ninguém poderá fugir da sua cólera. É o Deus da vingança que se manifestará em justiça diante do mal no mundo.

— “*cálice da sua ira*” - A ira de Deus neste mundo é ainda misturada com a sua graça. Deus faz vir cousas boas sobre os ímpios também. O salmista fala que “na mão do Senhor há um cálice, cujo vinho espuma, cheio de mistura; dele dá a beber; sorvem-no até às escórias, todos os ímpios da terra” (Sl 75.8). O cálice da ira parcial de Deus é misturado com a sua bondade. Não é ainda a manifestação da ira absoluta de Deus. Contudo, no seu estado final, a ira divina será sem mistura. Os homens sorverão dessa ira pura, ira sem qualquer manifestação de bondade. Trata-se da ira sem misericórdia!

2) João usa uma expressão que mostra o instrumento do sofrimento:

— “*fogo e enxofre*” - Fogo e enxofre são símbolos de uma angústia inominável que haverá de vir sobre os homens ímpios. Em vários lugares do Antigo Testamento, esses dois elementos aparecem como instrumentos do juízo divino (Sl 11.6; Is 30.33; Ez 38.22). Fogo e enxofre já haviam sido usados por Deus como instrumentos do seu juízo no tempo da destruição de Sodoma e Gomorra (Gn 19.24, 28). O Novo Testamento também os usa várias vezes fogo e enxofre como instrumentos de destruição da parte de Deus (Ap 9.17, 18; 19.20; 20.10; 21.8).

3) João usa duas expressões para mostrar a força do sofrimento:

— “*e será atormentado*” - O tormento dos ímpios será de duas maneiras: negativo e positivo. Por negativo, eu quero dizer que os ímpios ficarão fora do gozo dos cristãos. Eles estarão fora dos privilégios gratiosos que Deus concede aos seus filhos. O texto de Apocalipse 22.14-15 fala que

ficarão fora do gozo eterno os ímpios. Eles, de alguma forma, sofrerão por não poderem gozar da bem-aventurança dos cristãos. Podemos inferir de Lucas 16.23-24 que eles contemplarão o gozo dos cristãos, e isso lhes será tormentoso. Por outro lado, o tormento deles será positivo porque não somente terão a ausência do gozo, mas também a presença de alguma ação divina que os faz sofrer. Será uma imposição penal de Deus sobre eles de forma que eles sofrerão dores físicas e morais. Não somente ficarão privados da nova terra, mas serão lançados no lago de fogo, para sempre, onde serão atormentados.

— *“a fumaça do seu tormento”* – Essa expressão é devido à atividade do fogo e do enxofre. Ambos se manifestam em fumaça, que é o resultado da combustão. O sofrimento dos homens ímpios será evidenciado nas queimaduras causadas pelo fogo e enxofre, e eles sofrerão eternamente, e a evidência de que estão sendo punidos severamente é a fumaça que sai da ação vingadora de Deus sobre eles. Esse é um tormento indescritível nas condições em que vivemos hoje porque nunca, jamais, nenhum ser humano conheceu nesta terra a expressão plena da cólera divina.

4) João usa três expressões para mostrar a duração do sofrimento:

As expressões abaixo mostram a eternidade das obras providenciais de Deus.

“pelos séculos dos séculos” – Essa expressão aparece em vários lugares indicando a eternidade das coisas definitivas: A glória de Cristo no cântico de todas as criaturas será eterna (Ap 5.13); o reino dos cristãos será eterno (Ap 22.5); a condenação em sofrimento para o diabo e seus anjos será eterna (Ap 20.10); também o sofrimento dos ímpios será pelos séculos dos séculos. Todas as obras finais de Deus têm duração sem fim.

— *“e não têm descanso algum”* – Esta expressão não se concentra na eternidade dos sofrimentos, mas na constância deles. Os sofrimentos penais dos ímpios não são intermitentes, mas ininterruptos. Não há trégua para os ímpios.

— *“nem de dia nem de noite”* – Esta expressão é similar a anterior, e indica que não haverá alívio, um sofrimento interminável, sem cessar.

Estas expressões acima vão além de nossa compreensão porque não conseguimos pensar nalgo que não termina nunca. Temos que crer na revelação divina, sem ficar procurando sentimentalisticamente o por quê desse procedimento da justiça divina. Basta-nos crer na Palavra autorizada de Deus!

5) João usa duas expressões para mostrar a intensidade do sofrimento.

— *“na presença dos santos anjos”* – A agonia dos ímpios será ainda maior porque será sofrimento na presença de cousas extremamente santas. Os santos anjos haviam sido testemunhas da horrível perseguição que esses homens ímpios trouxeram sobre os cristãos nesta terra. Agora, eles contemplarão o sofrimento deles, sendo testemunhas da vingança divina. Todavia, segundo o ensino geral das Escrituras, os anjos não serão apenas

contempladores do juízo, mas participantes dele, sendo instrumentos da justiça punitiva de Deus (Mt 13.49-50).

— “*na presença do Cordeiro*” – Este é santo por excelência! A presença da santidade de Cristo será mais atormentadora para os ímpios. A santidade de Deus imporá ainda mais dor para os objetos da ira divina. A santidade incomoda e causa dores ainda maiores sobre os pecadores impenitentes. Antes da sua condenação definitiva, esses ímpios zombaram do Cordeiro e desafiaram-no abertamente. Todavia, não se deve pensar que Jesus Cristo será apenas espectador do juízo, ficando passivo. Ele será o executor da justiça divina. Por essa razão, o terror dos homens se torna maior. Estarão na presença daquele de quem zombaram e a quem desafiaram. O horror deles se torna maior pela presença santa do Cordeiro de Deus, que se manifesta como juiz implacável (Ap 6.16-17)!

6) João usa expressões para mostrar que o sofrimento será individual e coletivo.

Primeiramente João usa expressões que apontam para um sofrimento individual. Ele diz que o adorador “*também esse beberá... será atormentado*” (v.10) – Os sofrimentos virão sobre cada adorador da besta. Será um sofrimento pessoal.

Em seguida, João fala dos que “*não têm descanso*” e da “*fumaça do seu tormento*”. O “*seu*” no grego se refere ao “*deles*”. Os sofredores aparecem no plural, visto como uma coletividade de ímpios. Todos sofrem individualmente e também coletivamente.

Análise de Texto

Jesus Cristo também fala de maneira muito clara a respeito do fogo do inferno que não pára de arder, para onde os ímpios serão lançados inapelavelmente.

Mt 13.42-43 – “Mandaré o Filho do homem os seus anjos que ajuntarão do seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade, e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes.” (vide versos 49-50)

Há algumas semelhanças ao texto de João estudado acima, mas com pequenas desselelhanças.

Neste texto Jesus Cristo é claramente o Juiz

Diferentemente do texto anterior, onde os ímpios ficam sendo atormentados na presença de Cristo, neste texto Jesus Cristo é visto como aquele que toma todas as iniciativas para ser o causador do sofrimento penal dos ímpios. Ele dá as ordens aos seus ministros, os anjos, e, assim, assume o comando do juízo sobre os homens. Esse poder de exercer juízo ele havia recebido de seu Pai. O Pai confiou todo julgamento a ele, a fim de que ele receba toda a honra (Jo 5.22-23). O Cordeiro manso e gentil agora, de forma final, toma todas as rédeas do juízo e o executa sem compaixão. Misericórdia e juízo nesse tempo serão absolutamente excludentes. Jesus Cristo terá todas as prerrogativas de impor a justiça retributiva de Deus.

Neste texto os anjos são os executores do juízo

Diferentemente do texto anterior, onde os anjos parecem contemplar o sofrimento dos ímpios, aqui eles são os agentes da justiça. Eles são os algozes que impõe a penalidade sobre os infratores. Eles não somente são ministros de Deus para trabalhar em favor dos que hão de herdar a salvação (Hb 2.14), mas também vão trabalhar contra os que não herdaram a salvação. O texto diz que eles retirarão os escândalos do reino de Cristo, mas tirarão dele também os praticantes da iniquidade, lançando-os na fornalha acesa.

Neste texto a figura do sofrimento é de uma fornalha acesa

Semelhantemente ao texto anterior, onde aparece fogo e enxofre, a ênfase aqui é no sofrimento causado pelo fogo, pois o texto fala em fornalha acesa. Apocalipse 20.10, 14-15 fala do lago de fogo e de enxofre. Certamente refere-se ao mesmo lugar, já que o ensino de Mateus procede do mesmo Cristo que deu as visões a João, no Apocalipse. Expressão semelhante Jesus Cristo usa em Mateus 5.22, onde ele fala de “inferno de fogo” e em 18.8-9 onde também fala de “inferno de fogo” e “fogo eterno”.

Não podemos ter certeza de que essa expressão “fornalha acesa” (e as similares) deva ser interpretada literalmente ou figurativamente. O que podemos dizer com certeza é que o Senhor está ensinando que o lugar dos ímpios é de extremo sofrimento, que será absolutamente real. As expressões “fogo e enxofre” são indicativas, na Escritura, de uma obra de Deus que causa profundo sofrimento em quem a experimenta.

4) Neste texto a idéia de sofrimento é inconfundível

O sofrimento fica patente nas expressões usadas: “choro” e “ranger de dentes”, que também aparecem em Mateus 8.12. Essas expressões denotam um sofrimento horrível que hoje nos é inimaginável. Não como negar a idéia do sofrimento no texto em estudo. Estas duas expressões, juntas, demonstram quão grande será a ira de Deus e resultado dela na vida dos ímpios!

Será um sofrimento sem conforto, porque a indignação de Deus será uma expressão da sua justiça seca, sem qualquer demonstração de sua bondade. Os corpos e almas dos ímpios serão atormentados ao ponto dessas duas expressões, choro e ranger de dentes, mostrarem a profundidade do sofrimento humano por causa da ira divina. Eles serão torturados por causa do seu ódio a Cristo e aos seguidores dele durante o tempo em que viveram neste mundo, vivendo em escândalos e na prática da iniquidade.

Esta é a obra providencial de Deus Deus pela qual ele precisa ser louvado, pois ele livrará esta terra de toda impiedade e, para sempre, os ímpios ficarão separados dos justos indo para um lugar que lhes é próprio!

O SOFRIMENTO DOS CRISTÃOS

Todavia, o que mais incomoda em nosso mundo evangélico é o sofrimento daqueles que são genuinamente cristãos. Por que os crentes tem que sofrer? Cristo Jesus já não levou as dores deles? Para que, então, o

sofrimento deles? Qual é o propósito dos sofrimentos e dores nas vidas deles?

A obra redentora de Jesus Cristo e a obra regeneradora e santificadora do Espírito Santo na vida dos crentes não lhes poupa das dores físicas e de outros sofrimentos. A realidade nua e crua é que Deus não realiza nenhum tipo de redenção do nossa natureza física nesta presente existência, nem nos livra totalmente dos sofrimentos e dores de nossa alma enquanto neste mundo.

Como norma geral os cristãos sofrem todas as coisas que os não-cristãos sofrem no que diz respeito aos males físicos e sofrimentos em geral. Eles passam por fome desesperadora quando ela é generalizada numa região ou um país. Os cristãos sofreram na Etiópia e continuam a sofrer em regiões onde a seca impera, onde a miséria campeia e a violência dos opressores se manifesta. Eles sofrem as conseqüências de um terremoto da mesma forma que os ímpios. Padecem nas grandes enchentes. Eles morrem das mesmas enfermidades que os ímpios. Possuem as mesmas angústias e ansiedades que eles.

Não há nenhuma promessa da Escritura de que os cristãos seriam livres de sofrimentos. Às vezes, eles sofrem mais do que os ímpios. Por causa desse duro é sofrimento é que muitos crentes no passado questionaram Deus (Sl 37 e 73), e mesmo crentes do presente fazem isso. Todos os males que fazem parte deste mundo caído podem vir sobre os cristãos. A obra de Jesus Cristo no lugar deles não os livra de passarem por esses sofrimentos nesta presente existência.

Os sofrimentos do povo de Israel foram principalmente por causa dos seus pecados, mas os tipos de sofrimentos que vou mencionar aqui não são típicos dos crentes. Ambos, ímpios e crentes podem passar pelos mesmos sofrimentos, embora o motivo dominantes deles seja diferente. Os de Israel sofreram guerras, pragas, doenças, oposição pessoal, etc., coisas que ímpios também sofrem.

Sl 107.39 – “Mas tornaram a reduzir-se, e foram humilhados pela opressão, pela adversidade e pelo sofrimento.”

Os povos pagãos também receberam humilhações por causa dos seus pecados. Deus julgou violentamente a Assíria, a Babilônia com os mesmos sofrimentos, quando eles invadiram Israel. Receberam a humilhação divina, mas os motivos eram diferentes.

Neste texto, o autor inspirado parece se referir ao sofrimento dos hebreus no Egito. Israel, todavia, experimentou a humilhação pela opressão dos seus exatores, os egípcios. Não há nenhuma indicação de que a humilhação, a adversidade e o sofrimento pelos quais passaram tenham vindo por causa dos pecados do povo. As razões divinas desse sofrimento nos são desconhecidas. Eles simplesmente sofreram porque isso foi parte da obra providencial de Deus sobre a nação que acabava de nascer e que haveria de ser liberta.

Is 24.3-6 – “A terra será de todo devastada e totalmente saqueada, porque o Senhor é quem proferiu esta palavra. A terra pranteia e se

murcha, enlanguescem os mais altos do povo da terra. Na verdade a terra está contaminada por causa dos seus moradores, porquanto transgridem as leis, violam os estatutos e quebram a aliança eterna. Por isso, a maldição consome a terra, e os que habitam nela se tornam culpados; por isso serão queimados os moradores da terra, e poucos homens restarão.”

Novamente vemos aqui sofrimentos comuns a ímpios e a crentes, embora neste caso a causa seja os pecados do povo.

O profeta Isaías está antevendo, por revelação divina, o que haveria de acontecer ao seu povo e à sua terra, porque tudo isso o que o texto mostra é produto da ordenação divina. A terra de Israel haveria de ser devastada e totalmente saqueada pelos inimigos, como demonstração do desgosto de Deus contra os pecados de Israel. Eles “violaram a aliança eterna” que constituía de leis e estatutos (v.5).

Esses sofrimentos se constituem na queima de tudo o que há na terra, na eliminação de muitos homens. Somente alguns sobrariam e ficariam na terra (v.6). A tristeza invadiria aquela terra e todos haveriam de gemer (v.7). Ninguém mais haveria de cantar e nem rir, nem tocar os instrumentos musicais que expressavam alegria (v.8). A desolação haveria de cair sobre toda a terra (v.9-12).

Esses sofrimentos vêm tanto a crentes como a incrédulos, mas o que quero enfatizar aqui é que mesmo os crentes não escapam dos sofrimentos que são comuns a todos os desobedientes.

Do Senhor Deus é que procede esse sofrimento, porque ele é quem devasta a terra usando os seus instrumentos humanos para esse propósito (v.1). Nabucodonozor foi esse instrumento divino. Desses sofrimentos ninguém escapou, fossem os homens ricos ou pobres, importantes ou não, senhores ou servos, credores e devedores (v.2). Todos os homens regularmente recebem sofrimentos como uma manifestação do descontentamento de Deus por causa de seus pecados.

A seguir, o texto abaixo mostra a profecia de Isaías acima sendo cumprida literalmente, porque foi o Senhor que falou essa palavra.

Lm 1.1-5 – “Como jaz solitária a cidade, outrora populosa! Tornou-se como viúva, a que foi grande entre as nações; princesa entre as províncias, ficou sujeita a trabalhos forçados! Chora e chora de noite, e as suas lágrimas lhe correm pelas faces; não tem quem a console entre todos os que a amavam; todos os seus amigos procederam perfidamente contra ela, tornaram-se seus inimigos. Judá foi levada a exílio, afligida e sob grande servidão; habita entre as nações, não acha descanso; todos os seus perseguidores a apanharam nas suas angústias. Os caminhos de Sião estão de luto, porque não há quem venha à reunião solene; todas as portas dela estão desoladas; os seus sacerdotes gemem; as suas virgens estão tristes, e ela mesma se acha em amargura. Os seus adversários triunfam, os seus inimigos prosperam. Porque o Senhor a afligiu, por causa da multidão das suas prevaricações...”

Quase cento e cinquenta anos depois da profecia de Isaías, o quadro se delineia vividamente. As cidades de Judá está desoladas, os seus moradores foram para o exílio, exerceram trabalho forçado, viveram na Babilônia por 70 anos sem qualquer consolação, zombados pelos adversários, sofrem muitas angústias. Ficaram de luto pelos que morreram. Os líderes religiosos assim como os liderados todos sofreram em amarguras “porque o Senhor os afligiu, por causa da multidão das suas prevaricações” (v.5b).

Todo o livro de Lamentações é o retrato da profecia de Isaías: desolação, miséria, fome, tristeza, morte, lágrimas e desconsolo. As crianças de peito e os meninos e meninas desfaleciam pelas ruas da cidade, morrendo nos braços de suas mães. (Lm 2.11). Mães acabaram por devorar seus próprios filhos por causa da fome (Lm 4.10); mesmo os que eram justos receberam os sofrimentos por causa dos malfetores de Judá (Lm 4.13); as virgens foram violentadas e as esposas viúvas forçadas (Lm 5.11); os príncipes foram enforcados e os velhos desrespeitados (Lm 5.12). O terror e a violência contra Judá foi extremos. O sofrimento de Judá foi extremamente grande!

Tudo isso foi produto da disciplina providencial de Deus sobre um povo rebelde. Todo sofrimento que Judá sofreu outros povos conquistados também sofreram, mas o que importa aqui é que Deus não poupa seu povo pelo simples fato de ser seu povo. O desagrado de Deus é com todos, embora os propósitos do sofrimento sejam diferentes entre os ímpios e os crentes.

ATITUDES DO CRISTÃO DIANTE DO SOFRIMENTO

RESIGNAÇÃO DIANTE DO SOFRIMENTO

Jr 10.19 – “Ai de mim por causa da minha ruína! É mui grave a minha ferida; então eu disse: *Com efeito é isto o meu sofrimento e tenho de suportá-lo.*”

Jeremias foi um dos homens que mais sofreu pelo fato dele ser um profeta fiel à mensagem de Deus durante um tempo de grande perigo para o seu povo. Jeremias sofreu duramente da parte de Deus (Jr 10.23-24) e da dos homens (Jr 26.8; 37.18). Ele sofreu por causa da ruína que estava vindo sobre o seu povo. Então, o texto trata do sofrimento do povo que Jeremias toma como sendo seu. Jeremias aqui encarna o povo de Judá e sofre como se fosse o povo.

Como que tendo um pouco de compaixão de si mesmo, ele afirma: “*Ai de mim por causa da minha ruína!*” Tomando as dores do seu povo ele as sente como se fossem dele próprio. Foi assim que a princípio ele se sentiu. Ele teve dó de si mesmo.

Este é o sentimento que temos sobre nós mesmos quando somos atingidos pelo sofrimento, sem que o sofrimento seja causado pelos nossos próprios pecados. Jeremias não havia feito nenhum mal ao seu povo. Ao contrário, ele havia alertado o povo do seu mau caminho. No entanto, ele sofre por ser um grande atalaia de Deus, que toma o lugar do seu povo e sofre as dores do seu povo. As primeiras sensações de um sofredor são a de

auto-comiseração. Mesmo um servo de Deus como Jeremias não está livre desse tipo de sentimentos.

Ele reforça a idéia dizendo que o seu sofrimento não era pequeno. Ele disse: *“é mui grave a minha ferida”*. O sofrimento era muito grande. Insuportável, até, em alguns instantes.

Todavia, Jeremias não se revolta, ele não amaldiçoa Deus, nem nega sua existência, como freqüentemente acontece entre os incrédulos (e até mesmo entre alguns chamados crentes!). Ao contrário, Jeremias resigna-se diante do sofrimento. Ele diz: *“Com efeito é este o meu sofrimento e eu tenho de passá-lo.”*

É uma espécie de reconhecimento de sofrimento por causa de alguma coisa errada feita no passado. Por essa razão, ele acrescenta, no verso 24: *“Castiga-me, ó Senhor, mas em justa medida, não na tua ira, para que não me reduzas a nada.”* Ele sabia do merecimento do castigo, e reconhece que deve passar por ele. Então, ele o aceita resignadamente, como sendo a porção pela qual ele deveria passar.

Se você sofre por alguma razão qualquer, mesmo que esse sofrimento não esteja vinculado ao seu pecado pessoal, aprenda a resignar-se e a entender que essa é a porção que Deus destinou a você. Aprenda a ficar calado, sem rebeldia, diante do sofrimento que Deus lhe dá.

Sl 119.71 – *“Foi bom eu ter passado pela aflição, para que eu aprendesse os teus decretos.”*

Depois de passar pelos sofrimentos e aflições que o Senhor lhe havia mandado, Davi reconheceu humildemente que foi muito bom ter passado por tudo aquilo. Freqüentemente, no meio das aflições é que aprendemos a verdade que Deus quer nos ensinar. Os decretos que Davi aprendeu foram de muita valia para sua vida. Se você passar por aflições, aprenda a ver o proveito que elas podem ter na sua vida. Freqüentemente, Deus nos manda aflições para o nosso ensino, para a nossa correção, a fim de que aprendamos a sua palavra pelas experiências doloridas.

Resigne-se diante do sofrimento que Deus lhe manda e aprenda a ver nele sempre um bom propósito divino. Somente assim você poderá ver as dores dos seus sofrimentos serem transformadas em bênçãos para a sua vida!

PARTICIPAÇÃO NOS SOFRIMENTOS

Uma outra atitude do cristão diante do sofrimento é a participação daquilo que outros cristãos sofrem, o que não tem sido enfatizado, justamente porque a presente igreja não tem passado pelos sofrimentos por causa de perseguição. No entanto, os cristãos do passado foram encorajados a esse tipo de comportamento.

2 Tm 1.8 – *“Não te envergonhes, portanto, do testemunho de nosso Senhor, nem do seu encarcerado que sou eu; pelo contrário, participa comigo dos sofrimentos a favor do evangelho, segundo o poder de Deus.”*

Timóteo era um fiel discípulo de Paulo e era encorajado constantemente a ser seu imitador. A imitação no sofrimento também é encorajada. Paulo estava preso por causa do testemunho de Jesus. Timóteo, como obreiro companheiro, é instado a participar dos sofrimentos de Paulo a favor do evangelho.

Esta atitude deve ser encorajada na igreja de Jesus Cristo, quando percebemos que algum irmão sofre por causa de Jesus Cristo. Se você vir alguma pessoa sofrer por causa de Jesus, participe com ela entrando na mesma luta.

2 Tm 2.3 – “Participa dos meus sofrimentos, como bom soldado de Cristo Jesus.”

Ser cristão é ser um soldado e, como tal, ele tem de enfrentar todas as conseqüências doloridas de uma batalha. Um soldado tem de satisfazer aquele que o arregimentou. Se o seu superior no exército da salvação sofre, não se envergonhe de entrar na mesma batalha. Ombreie com o seu mestre no evangelho. Foi este o ensino de Paulo para Timóteo, e o é também para você e para mim.

2 Co 1.7 – “A nossa esperança a respeito de vós está firme, sabendo que, como sois participantes dos sofrimentos, assim também o sereis da consolação.”

Esta palavra de Paulo aos Coríntios é encorajadora! Há compensação em sofrer por causa de Jesus Cristo. Se somos participantes dos sofrimentos, haveremos de ser participantes da consolação. Paulo ainda diz que, se somos participantes dos sofrimentos no tempo presente, eles não são nem para comparar com a glória a vir a ser revelada em nós (Rm 8.18). Parte dessa glória é a grande consolação que o nosso Deus nos dará. O restante dela é o gozo perene e a alegria indizível que invadirá a alma daquele que hoje participa dos sofrimentos de Cristo Jesus.

IMITAÇÃO NOS SOFRIMENTOS

A igreja contemporânea tem estado sem referencial, sem líderes suficientemente fortes para serem seguidos. Não há mais mártires em muitos recantos da igreja contemporânea que goza de uma liberdade muitíssimo mal usada. Todavia, quando nos voltamos para a história vemos que os exemplos a serem seguidos foram todos homens sofredores, especialmente pelo fato de serem seguidores de Jesus Cristo e homens tementes a Deus.

Precisamos de figuras exponenciais em nossa igreja contemporânea e esperamos ter pessoas para que as possamos imitar. Certamente, essas pessoas, por sua lealdade a Cristo e seu temor a Deus, serão pessoas experimentadas no sofrimento. Foi assim no passado e será sempre assim. Veja o que aconteceu aos profetas e imite-os no seu sofrimento. Eles são modelo para nós hoje.

Imitação do sofrimento nos profetas

Tg 5.10-11 – “Irmãos, tomai por modelo no sofrimento e na paciência os profetas, os quais falaram em nome do Senhor. Eis que temos por felizes aos que perseveraram firmes. Tendes ouvido da paciência de Jó, e vistes que fim o Senhor lhe deu; porque o Senhor é cheio de terna misericórdia, e compassivo.”

O sofrimento tem sido a tônica de algumas épocas na história da igreja cristã. Se você pessoalmente foi atingido pelo sofrimento (que não seja por causa do seu pecado!) dê uma olhada na história. A história é uma grande mestra. Olhe para os profetas, que falaram em nome do Senhor. Eles foram perseguidos e mortos. Todavia, eles foram homens bem-aventurados. Tiago lembra o caso de Jó, que foi afligido sobremaneira e também nos recorda o fim glorioso que Deus lhe deu!

Dê uma olhada nos sofrendores do passado e tome alento. Imita-os, e seja firme como eles no meio do sofrimento. Se você os imitar, você poderá o fim que eles tiveram. Mesmo que mortos até, eles foram glorificados por Deus, porque o Senhor é Deus de terna misericórdia e compassivo. Um dia ele os livra do sofrimento e os faz desfrutar da eterna glória! Assim também acontecerá com você.

Imitação do sofrimento em Cristo

1 Pe 2.21 – “Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos o exemplo para seguirdes os seus passos.

Os sofrimentos de Jesus Cristo foram primordialmente penais. Nesse sentido ninguém pode seguir os passos de Jesus porque ele foi único dos seus sofrimentos. Somente ele foi o representante daqueles por quem morreu. Nunca nenhum outro ser humano poderá imitar Jesus Cristo no seus sofrimentos penais. Deus não vai aceitar nenhuma outra pessoa para sofrer em lugar de outros. Só Jesus foi, nesse sentido, aceito por Deus para sofrer em nosso lugar.

Todavia, os seus sofrimentos possuem um caráter imitável. Ele sofreu por ser justo; ele sofreu por fazer a vontade de seu Pai; ele sofreu simplesmente porque era um enviado de Deus; ele sofreu até sem razão.

Ora, nesse sentido você poderá ser um imitador de Jesus, sofrendo pelos mesmos motivos que ele sofreu. Provavelmente as pessoas poderão até odiar você sem razão alguma (como fizeram com Jesus), sem que você lhes venha fazer algum mal. É nesse sentido que você deve seguir os passos do seu Salvador, sendo um imitador dele.

1 Pe 4.13-14 - “...alegrai-vos na medida em que sois co-participantes dos sofrimentos de Cristo, para que também na revelação de sua glória vos alegreis exultando. Se, pelo nome de Cristo, sois injuriados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória e de Deus.”

Por certo, mesmo quando em vida, Pedro já conhecia o que era sofrer os sofrimentos de Deus. Não somente ele fala da bem-aventurança nesse sofrimento, como ele insta aos seus próprios irmãos a terem contentamento no meio do sofrimento, quando este sofrimento é o compartilhamento com os sofrimentos de Cristo e, ao mesmo tempo, uma imitação dele.

CONTENTAMENTO NOS SOFRIMENTOS

A resignação é uma atitude passiva diante do sofrimento como um reconhecimento até do merecimento, especialmente quando tratamos dos sofrimentos pelos nossos pecados. Todavia, o cristão tem que ter uma atitude positiva em relação ao sofrimento, uma atitude que revela contentamento com o que Deus faz, especialmente quando o sofrimento nos vem por causa da fidelidade a Deus e do testemunho de Cristo Jesus.

O contentamento ilustrado

Cl 1.24 – “Agora me *regozijo* nos meus sofrimentos por vós; e preencho o resta das aflições de Cristo, na minha carne, a favor do seu corpo, que é a igreja.”

Aqui há uma distinção entre a bem-aventurança enfatizada no ponto anterior e o contentamento. A primeira é como Deus e os cristãos companheiros nos consideram. A segunda é uma atitude nossa diante da promessa de bem-aventurança. O contentamento é um sentimento que devemos ter diante do sofrimento pelo fato de Deus afirmar categoricamente que somos privilegiadamente bem-aventurados.

Paulo tinha um grande regozijo nos seus sofrimentos. Ele certamente não era um masoquista, que tivesse prazer no sofrimento, mas se considera feliz por tão nobre sofrimento pelo fato dele fazer o bem aos seus irmãos na fé.

At 5.41 – “E eles se retiraram do Sinédrio, regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome.”

Os apóstolos, ao invés de murmurarem pelo fato de sofrerem afrontas e perseguições, entravam e saíam das prisões com expressões de júbilo. Isso é incomum no mundo, mas deve ser uma prática entre homens e mulheres genuinamente cristãos. Eles foram uma ilustração viva do contentamento.

Não foi à toa que um imperador romano, certa vez, perguntou aos seus que estavam ao seu redor: “O que é que faz com que esses cristãos cantem e se alegrem enquanto estão sendo devorados pelas feras!?” O imperador romano não conhecia a experiência ímpar do contentamento no meio do sofrimento, porque ele não tinha nenhum amor por Jesus Cristo. Somente aqueles que conheceram Cristo e receberam o seu amor é que são capazes de regozijar-se no sofrimento.

Esse é um privilégio somente dos cristãos que recebem a doce consolação pela habitação abundante do Espírito Santo no coração deles. Eles se consideravam a si mesmos dignos de sofrer por aquele que havia sofrido tanto por eles! Por causa do santo e incomparável Nome eles sofriam regozijantemente.

Devemos aprender a sofrer não somente com resignação, mas o contentamento interior que faz com que um crente possa até cantar e bendizer a Deus no meio do sofrimento!

O contentamento ordenado

Mt 5.12 - *Regozijai-vos e exultai*, porque é grande o vosso galardão nos céus. Pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós.”

O verso 11 trata exatamente da injúria, da mentira, da perseguição e de todo o mal que o justo sofre. O verso 12 mostra que o contentamento (ou a exultação!) no meio do sofrimento não é uma opção para o cristão, mas um mandamento do Redentor. O argumento para os seus discípulos naqueles dias foi o dos profetas do passado. Eles sofreram, mas foram homens bem-aventurados. O que Cristo queria é que seus irmãos mais novos também fossem homens e mulheres felizes por sofrer por tão nobre causa.

Tg 1.2-3 – “Meus irmãos, tende por motivo de alegria o passardes por várias tribulações, sabendo que a provação da vossa fê, uma vez confirmada, produz perseverança.”

Tiago, provavelmente o irmão do Senhor, que antes não cria no seu irmão mais velho e Redentor, agora encoraja os seus outros irmãos a terem um comportamento singular: regozijo no meio da tribulação. É que ele tinha em mente o crescimento deles. Ele os queria amadurecidos. A madurez vem com o sofrimento porque quando este vem é com o intuito de provar a fê. Depois da aprovação no teste, os irmãos amadurecem, tornando-se perseverantes e firmes.

SIMPATIA NOS SOFRIMENTOS

Hb 13.3 – “Lembrai-vos dos encarcerados, como se presos com eles; dos que sofrem maus tratos, como se, com efeito, vós mesmos em pessoa fosseis os maltratados.”

Quando você vir alguém sofrendo aprenda a ter um gesto de simpatia com ele. O autor de Hebreus está se lembrando de pessoas que estão encarceradas (certamente por causa do evangelho, não por serem ladrões ou salteadores) e sofrem maus tratos na prisão. Ele está instando a seus leitores a terem um gesto de amor cheio de simpatia por eles.

Não é necessário que você tenha experimentado a cadeia para poder ter simpatia pelos que sofrem os maus tratos de uma masmorra. Esse é um exercício que você tem que praticar. Você e eu precisamos amar essas pessoas e lembrar delas como se nós próprios estivéssemos no lugar delas. A idéia de colocarmo-nos no lugar de outra pessoa nos ajuda um pouco no dever da simpatia. Neste verso, o autor está refletindo um ensino de Jesus: “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a lei, e os profetas” (Mt 7.12). Se um dia você sofrer você vai gostar de Ter a simpatia dos outros. Portanto, tenha simpatia agora pelos que sofrem os maus tratos no cárcere, como se você própria estivesse sofrendo.

Você pode mostrar simpatia pelos que sofrem de algumas maneiras: (1) Mostre simpatia visitando os prisioneiros no cárcere. A sua presença ali traz conforto ao prisioneiro. A sua mera presença será de encorajamento e força a fim de que o irmão sofredor venha a suportar com paciência e, até, com alegria a honra de ser participante do sofrimento de Cristo; (2) Mostre simpatia pelos prisioneiros trazendo-lhes alguma coisa que possa confortá-los e aliviá-los em suas aflições. Através da sua ajuda financeira ou de melhor alimento, você poderá trazer conforto espiritual ao seu irmão; (3) Mostre simpatia orando por ele constantemente. Ensine os seus filhos a orar pelos que sofrem, como se eles mesmos estivessem no lugar deles. Parece-me que foi isso que Paulo pediu que os crentes de Colossos fizessem por ele, já que não podiam estar presentes fisicamente, nem lhe mandar socorro. Apenas disse-lhes: “Lembrai-vos das minhas algemas” (Cl 4.18).

GLORIFICAÇÃO DO NOME DE DEUS NO SOFRIMENTO

1 Pe 4.16 – “mas, se sofrer como cristão, não se envergonhe disso, antes *glorifique a Deus* em esse nome.”

Esta atitude é o extremo da maturidade cristã. Ao invés de envergonhar-se por causa do sofrimento, o cristão dá glórias ao nome de Jesus. Para o cristão ao invés de ser ignominioso, esse tipo de sofrimento é glorioso!

Sempre foi através do sangue dos mártires que o crescimento maior da igreja se deu. “O sangue dos mártires é a semente da igreja” A perseguição aos cristãos tem feito com que essa semente caia no solo, germine e produza muitos frutos. Foi através do sofrimento na prisão de Paulo e Silas que a semente do evangelho caiu no coração do carcereiro de Filipos. Ali a semente germinou e produziu frutos para a glória de Deus. A semente do sofrimento é muito mais glorificadora de Deus do que pensamos.

Por essa razão, dirigindo-se aos Colossenses, Paulo disse: “Agora me regozijo nos meus sofrimentos por vós; e preencho o que resta das aflições de Cristo, na minha carne, a favor do seu corpo, que é a igreja” (Cl 1.24) e a Timóteo disse: “Tudo suporte por causa dos eleitos, para que também eles obtenham a salvação que está em Cristo Jesus com eterna glória” (2 Tm 2.10). Paulo tinha certeza que a semente dos seus sofrimentos haveriam de cair em solo fértil e produzir frutos de salvação.

Se, pois, você for chamado para sofrer, não tenha vergonha de enfrentá-lo porque você deve ser considerado um bem-aventurado. Antes, dê glória a Deus e espere o seu evangelho ser glorificado na vida de muitos incrédulos. As gotas de sangue dos mártires haverá de produzir frutos. Por causa disso, glorifique a Deus por causa do nome glorioso de Jesus!

CAPÍTULO 18

OS SOFRIMENTOS EXCLUSIVOS DOS CRISTÃOS

Há um tipo de sofrimento que todos os seres humanos possuem pelo fato deles viverem ainda neste mundo caído. Eles sofrem os males de causas naturais (que são manifestações parciais do juízo de Deus); eles sofrem doenças físicas; eles sofrem doenças mentais, psico-afetivas, e coisas semelhantes a essas. Nesse sentido, ímpios e justos sofrem igualmente. Em alguns casos, há crentes que sofrem até mais do que os ímpios.

Todavia, há alguns sofrimentos que são típicos e exclusivos dos cristãos. Nenhum ímpio padece desses sofrimentos, porque eles expressam algum tipo de relação com Jesus Cristo e sua obra. Desses os homens em geral não participam, pois eles não estão ligados pelos vínculos de amor a Deus nem ao seu Filho.

SOFRIMENTO POR CAUSA DA DISCIPLINA DIVINA

O sofrimento profundo da disciplina divina, que tem a ver com o pecado dos crentes, é muito diferente do sofrimento que os ímpios têm por causa dos seus pecados. Neste caso, a retribuição divina tem nascedouro na sua justiça. Os sofrimentos dos ímpios estão relacionados com a manifestação da ira divina. Diferentemente deste, o sofrimento dos cristãos está vinculado não à justiça divina, mas ao seu amor.

A disciplina é produto do bondoso amor de Deus que procura levantá-los e colocá-los numa posição de vitória sobre os seus próprios pecados.

O texto fundamental que trata do sofrimento que a disciplina traz está registrado em Hebreus 12.4-13. Vejamos a análise desta passagem:

A disciplina divina é por causa dos pecados

Hb 12.4-5 – “Ora, na vossa luta contra o pecado, ainda não tendes resistido até ao sangue, e estais esquecidos da exortação que, como a filhos, discorre convosco: Filho meu, *não menosprezes a correção que vem do Senhor*, nem desmaies quando por ele és reprovado;”

Os destinatários da Carta aos Hebreus estava cedendo às tentações dos pecados. Eles não estavam mantendo uma luta séria contra os pecados. Eles não estavam dando o sangue para vencer as suas próprias fraquezas. Esses versos parecem indicar que eles haviam se esquecido da seriedade como o Antigo Testamento tratava os pecados dos crentes. Lembremo-nos que os destinatários desta carta eram de origem judaica e conheciam bem o Antigo Testamento, mas estavam esquecidos de como Deus tratava os pecadores do seu povo.

Então o escritor lhes lembra o ensinamento de Provérbios 3.11, 12. Deus é santo e não permite que fiquem sem correção os pecadores e a sua correção causa um grande sofrimento.

Portanto, se esse sofrimento vem da parte de Deus, diz o escritor, “*não menosprezes a correção que vem do Senhor.*” Todos nós devemos dar ouvidos a esta verdade: Deus sempre corrige os pecadores do seu povo. Se você, irmão meu, está brincando com os seus pecados, não tenha nunca dúvida de que a correção do Senhor virá sobre você. Todavia, não menospreze a correção do Senhor. Ela tem uma finalidade muito grande na sua vida. Espere, pois, pela correção, que ela certamente virá. Ela é certamente parte da obra providencial de Deus para o bem-estar de sua vida!

A disciplina divina é para filhos

Hb 12.6b-8 – “[Porque o Senhor] açoita a todo filho que recebe. É para a disciplina que perseverais (Deus vos trata como a filhos); pois, que filho há a quem o pai não corrige? Mas se estais sem correção, de que todos se tem tornado participantes, logo sois bastardos, e não filhos. Além disso, tínhamos nossos pais segundo a carne, que nos corrigiam, e os respeitávamos; não haveríamos de estar em muito maior submissão ao Pai dos espíritos, e então viveremos?”

Esta verdade é discriminadora. Ela aponta para a grande verdade da adoção. Ela faz distinção entre aqueles que são filhos de Deus e os que não são. Ela nos ajuda ver quem somos. Ela nos dá a convicção de que somos parte da família de Deus. Somente os que são filhos é que recebem disciplina. Deveríamos nos alegrar por esta grande verdade! Se temos sido participantes da disciplina divina é porque somos seus filhos! O escritor deixa claro que a disciplina é parte integrante da relação pais e filhos. Por isso ele diz: “Deus vos trata como a filhos”.

Se não existe disciplina é sinal que não há a relação entre pai e filhos, mas somente entre um chefe de família e um bastardo. Um bastardo faz o que quer e o chefe de família não lhe aplica disciplina alguma, porque não tem as prerrogativas de pai sobre ele. Se alguém no meio do povo de Deus vive em pecado, mas permanece sem disciplina, é um sinal de quem não pertence à família de Deus embora viva no meio dela.

O escritor faz uma comparação entre os pais terrenos e o Pai Celestial. Os primeiros aplicavam sua correção aos filhos e o resultado era o respeito. Essa é a atitude correta dos filhos. Logo, esse tipo de obediência devemos muito mais ao Pai Celestial. A disciplina divina tem a finalidade de despertar a reverente obediência dos filhos para com Deus. Portanto, se você aprendeu a obedecer ao seu pai terreno, aprenda a obedecer muito mais ao Pai Celestial, de quem você é filho, se é que você tem sido participante da disciplina dele.

A disciplina divina é produto do seu amor

Hb 12.6^a – “Porque o Senhor corrige *a quem ama...*”

Esta verdade é altamente consoladora. Nunca pense que a disciplina divina é produto da sua justiça, mas do seu amor. Somente aqueles que são

objetos do seu amor é que recebem as manifestações da vara divina. A justiça revida, o amor disciplina. A justiça é sem misericórdia, o amor é acompanhado da misericórdia. Eles não se excluem. Todavia, justiça e amor na mesma pessoa são excludentes. Aqueles a quem o Senhor ama ele não revida com sua justiça, mas ele disciplina como prova do seu amor.

É difícil para alguns pais entenderem que, se eles realmente amam os seus filhos, eles estão debaixo da obrigação de discipliná-los. O amor exige disciplina, porque a disciplina é benéfica para a alma dos filhos. Todos os pais que realmente amam seus filhos, têm de discipliná-los. Salomão disse que o pai que “retém a vara aborrece a seu filho, *mas o que o ama, cedo o disciplina*” (Pv 13.24). Se não disciplinamos os filhos, é porque não os amamos verdadeiramente e, na verdade eles crescem nos desprezando, pois somente mais tarde eles vão reconhecer que o amor foi falho. O amor perfeito ama ao ponto de disciplinar. É dolorido não somente aos filhos a disciplina, mas o é também aos pais. Mesmo que seja com lágrimas nos olhos, os pais têm que imitar Deus nessa amorosa tarefa de educar os seus filhos.

Quando disciplinamos os nossos filhos com amor, eles sentem nosso amor e logo quando recebem a vara, correm de volta para nós e nos abraçam, pois eles precisam do amparo de quem ama. Da mesma forma, precisamos fazer com Deus. À medida que ele nos disciplina, devemos nos voltar para ele e reconhecer que o seu amor é a razão última de nossa disciplina. Ele quer o nosso bem.

Somente aqueles que são objeto do seu amor é que recebem o sofrimento da disciplina.

A disciplina divina é para o nosso proveito

Hb 12.10 – “Pois eles [os pais terrenos] nos corrigiam por pouco tempo, segundo melhor lhes parecia; Deus, porém, nos disciplina *para aproveitamento*, a fim de sermos participantes da sua santidade.”

Nossos pais, na aplicação da sua disciplina, certamente falharam conosco, como também falhamos com os nossos filhos, porque aplicamos disciplina segundo o nosso entendimento, “conforme bem nos parecia”. É por essa razão que há falhas em nosso relacionamento com eles e não crescemos como devíamos e nem nossos filhos crescem como devem. Tem havido falha na disciplina porque tem havido falha em nosso amor. Não disciplinamos com o amor devido, mas muitas vezes descarregamos a nossa ira sobre eles. Não é assim, contudo, que Deus faz.

Contrastando com a disciplina amorosa de Deus, o escritor diz: “*Deus, porém, nos disciplina para aproveitamento*”. Deus não falha nos resultados na sua disciplina. Nós crescemos quando Deus nos trata realmente como a filhos, porque a sua disciplina é cheia de amor. Ela nos faz bem. Tiramos grande proveito e lucro dela.

Quando Deus nos disciplina ele quer formar em nós o caráter que ele tem. Ele quer trazer de volta em nós toda a imagem dele que foi desfigurada pela queda. O que caracteriza o caráter de Deus é a sua santidade. É exatamente isso que ele quer reimplantar em nós. A santidade, que é parte da justiça original, havia sido perdida na queda, e Deus está nos refazendo à

sua própria imagem, restaurando-nos à condição primeva de santidade com a qual os seres humanos foram originalmente criados. Por essa razão, é que o texto diz que a disciplina nos torna “participantes da sua santidade”.

A disciplina divina produz frutos

A palavra disciplina é relacionada a ao verbo discipular que, por sua vez, diz respeito ao ensino. A disciplina é proveitosa, útil e benéfica para os participantes dela.

A Disciplina produz o fruto da submissão

Nossa resposta à disciplina divina nunca deve ser de revolta, mas de resignação, reconhecendo o merecimento dela, sendo submissos ao Pai Celestial em medida maior do que aos pais terrenos, por causa da diferença de dignidade entre eles. Essa é a idéia passada pelo ensino do verso 9.

A submissão deve caracterizar os filhos de Deus que são disciplinados pelo seu amor. No período do Antigo Testamento, os filhos rebeldes aos seus pais eram corrigidos e disciplinados com o apedrejamento (Dt 21.18-21). Uma disciplina muito pesada, mas não excessiva. Isso mostra como Deus leva a sério a obediência dos filhos aos seus pais. Lembre-se de que o escritor de Hebreus está apontando o ensino do Antigo Testamento a fim de que eles compreendessem o ensino do Novo Testamento, que basicamente é igual. Daí a referência ao escapar da morte, ou ter vida, mencionada no verso 9.

Portanto, não despreze a disciplina que vem do Senhor. Antes, ao receber esse sofrimento disciplinar imposto por Deus, reaja submissamente, mostrando que você é realmente filho dele.

A Disciplina produz o fruto da vida

O verso 9 diz que a disciplina que o Pai celestial nos envia é para o nosso aproveitamento. Um dos grandes proveitos dessa disciplina é a vida que se manifesta em nós em razão de nossa submissão.

Foi dito logo acima que, quando os filhos no Antigo Testamento desobedeciam os seus pais, eram apedrejados e mortos. Era uma disciplina pesada, mas foi dada para que a vida se manifestasse e se prolongasse pela obediência. Sempre a vida vem pela obediência. Por essa razão, o escritor fala que “havemos de estar em muito maior submissão ao Pai dos espíritos, e então viveremos” (v.9). Os filhos que reagem submissamente aos seus pais eram preservados. Somente os rebeldes e insubmissos eram mortos.

Na relação entre o Pai e seus filhos adotivos a relação é a mesma. A obediência produz vida, assim como a disciplina deve produzir obediência e submissão.

A Disciplina produz o fruto da santidade

Já nos referimos a isso ligeiramente acima. Todavia, é necessário que esta verdade seja reforçada, porque ela é fundamental para os filhos de Deus. No mesmo raciocínio do texto, o escritor de Hebreus diz que sem a santificação ninguém verá o Senhor” (v.14). Não há modo de entrar um dia na presença do Senhor sem essa expressão do caráter divino que Deus está restaurando em nós. Essa é a finalidade da disciplina.

Como a santidade de Deus é perfeita, também o é a sua disciplina. Diferentemente dos pais terrenos que erram na disciplina porque eles não são perfeitos, Deus, com absoluta perfeição, produz em nós paulatinamente aquilo que ele próprio é. É a santidade que vem através do sofrimento. Ele nunca falha nesse seu propósito de produzir em nós o precioso fruto da santidade. É o sofrimento que vem de Deus que santifica as nossas almas. Lembre-se de que Salomão várias vezes referiu-se aos vergões da disciplina como produzindo purificação da alma (Pv 20.30). É essa purificação (ou santificação) que o Senhor produz em nós com o sofrimento da disciplina.

A Disciplina produz o fruto da retidão

Quando estamos doentes, nós nos submetemos a tratamentos severos. Enfrentamos cirurgias, remédios que provocam reações terríveis, fazemos terapias doloridas, mesmo sabendo dos sofrimentos que esses tratamentos severos nos causam, porque esperamos a melhora ou mesmo a cura de nossas enfermidades. É por causa da nossa saúde física que nos submetemos a esse sofrimento todo!

Ora, se é assim na esfera do reino natural, quanto mais verdadeiro o é na esfera no reino espiritual! A disciplina divina é para produzir em nós a cura de nossos pecados, ensinando-nos a andar no caminho da retidão. É isso que o texto mostra: “frutos de justiça”.

Deus quer que andemos de conformidade com a norma de comportamento estabelecida por ele: a sua vontade preceptiva que está registrada nas Escrituras. Ela é poderosamente o instrumento útil de Deus para “o ensino, para a repreensão, para a correção, e para a educação na justiça” (2 Tm 3.16). Deus, ao nos disciplinar, quer produzir a retidão em nossa vida. Por essa razão, ele ordena, no mesmo texto de Hebreus:

Hb 12.12-13 - “Restabelecei as mãos descaídas e os joelhos trôpegos; e *fazei caminhos retos* para os vossos pés, para que não se extravie o que é manco, antes seja curado.”

A retidão é o alvo final de Deus para a vida dos crentes quando os disciplina. Ele começa apontando a vida para eles, santifica-os, habilitando-os a trilharem caminhos retos para as suas vidas.

Recorde aqui quão benéfico é o sofrimento causado pela disciplina de Deus! Bendiga a Deus porque você é parte da família dele e porque ele ama você!

Todavia, a disciplina divina implica em sofrimento

Hb 12.11a. – “Toda disciplina, com efeito, no momento *não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza;*”

Embora a disciplina divina seja proveitosa, faça-nos participantes da sua santidade, produza frutos de justiça, temos que admitir que ela implica em sofrimento. Nunca a disciplina é algo agradável, tanto para quem a aplica como para quem a recebe.

Não é fácil estar sob a mão disciplinadora de Deus. Às vezes, essa mão é pesada e permanece sobre nós por muito tempo. Por vezes, gememos

debaixo da poderosa mão de Deus que nos faz sentir a tristeza do seu coração conosco por causa de nossos pecados. Não é incomum um filho de Deus ficar longo tempo sem arrependimento, experimentando as varadas do abandono divino, um abandono que revela a tristeza que Deus sente pelos nossos pecados.

Está absolutamente certo o escritor quando diz que a disciplina “*não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza*”. É muito sofrimento estar sob a disciplina do Todo-poderoso.

Davi esteve sob essa disciplina por longo tempo. Enquanto o arrependimento não lhe veio (e ele é dom de Deus!) ele calou os seus pecados. Então, após longo tempo de sofrimento, os seus ossos se envelheceram e ele gemia constantemente, todo o dia. Veja a razão dos seus gemidos: “Porque a tua mão pesava dia e noite sobre mim” e o resultado foi que o seu vigor se tornou em sequeidão de estio (Sl 32.3-4). Esta é a situação de todo aquele que está sob a disciplina do Senhor. É um tempo de tristeza, de sofrimento, mas não sem a assistência da misericórdia. Outros homens de Deus poderão igualmente testificar desse duro sofrimento, mas nunca dirão que foi sofrimento em vão, porque é sofrimento causado pelo amor que o Pai Celestial tem por seus filhos!

Esse tipo de sofrimento é exclusivo dos crentes, os filhos de Deus. Ninguém mais tem essa espécie de sofrimento. Ele nos vem como produto do seu amor, mas é um amor que se manifesta doloridamente, embora não permaneça para sempre assim. Os outros que não pertencem à família divina não experimentam esse bendito sofrimento. Ela é exclusiva dos verdadeiros filhos de Deus, não dos bastardos.

SOFRIMENTO POR CAUSA DO AMOR A CRISTO

Há um tipo de sofrimento que não considerado como sofrimento pela grande maioria dos estudiosos. Aqui o considero como sofrimento pela dor que ele nos traz, uma dor necessária e benfazeja! Quem experimenta a dor do “negar-se-a-si mesmo” é o bem-aventurado.

Mc 8.34-35 – “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Quem quiser, pois, salvar a sua vida, perdê-la-á; e quem quiser perder a vida *por causa de mim e do evangelho*, salvá-la-á.”

Este sofrimento tem a ver primeiramente com a negação de nós mesmos. Essa negação certamente impõe sobre nós algum tipo de sofrimento, quando nos dispomos a lutar contra a nossa natureza confortável. Lutamos contra as nossas indisposições espirituais e impingimos sobre nós próprios, a mandado divino, uma dura disciplina. Jesus reconhece que essa luta deve ser chamada de “levar a cruz” (que não é a mesma cruz nem o mesmo sofrimento de Cristo), mas implica na idéia de sofrimento, de dizer não às nossas próprias paixões e prazeres que não nos fazem bem. Ele também chama essa luta de “ganhar a vida”, que é produto da negação de nós mesmos. Quem se nega a si mesmo é vitorioso!

Todavia, o sofrimento imposto a nós mesmos é, em última análise, por amor a Cristo e ao seu evangelho. Negamo-nos a nós mesmos porque queremos a vitória de Cristo e do evangelho. Por essa razão é que nós devemos nos impor esse sofrimento.

Análise de Texto

O texto abaixo trata propriamente dos sofrimentos que vêm aos cristãos porque eles amam a Cristo. Como os ímpios odeiam a Cristo, mas não podem fazer nada contra ele pessoalmente, eles atacam os seus irmãos mais novos, trazendo contra eles vários sofrimentos:

Mt 5.11-12 – “Bem-aventurados sois quando, *por minha causa, vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós.*”

Os sofrimentos que temos em vista neste texto tem a ver com a perseguição por causa do amor a Jesus Cristo. O próprio Jesus é o primeiro a advertir os cristãos dessa possibilidade.

Os sofrimentos vaticinados por Jesus Cristo, por causa de nosso amor a ele, são de vários modos:

Sufrimento que vem em forma de perseguição física

A palavra grega traduzida como “*perseguirem*” é *dioko*. Ela contém a idéia de caçar, correr atrás, como se persegue a um criminoso. De qualquer modo, essa palavra implica em algum tipo de abuso físico, de molestação física, maus tratos físicos. Muitos cristãos sofreram perseguições físicas que incluíram muitos maus tratos. O texto de Hebreus 11.35-38 mostra o que significa ser perseguido com conseqüências físicas. Paulo reporta que a tribulação sofrida pelos cristãos é constante, pois, diz ele, “por amor de ti, somos entregues à morte o dia todo, fomos entregues como ovelhas para o matadouro” (Rm 8.36). O catálogo de sofrimentos físicos foi dado pelo próprio Paulo, quando diante da perseguição por causa do seu amor a Cristo (veja 2 Co 11.23-27).

Assim foram as perseguições nos tempos dos imperadores romanos Nero, Diocleciano, Domiciano, Trajano, etc. No tempo da Reforma, os crentes sofreram perseguições de Maria, a sanguinária, rainha dos escoceses, de alguns reis da Inglaterra, dos reis de França, etc. A igreja de Jesus Cristo sempre está sujeita a esse tipo de perseguição que pode levar a derramamento de sangue e à morte.

O amor que os cristãos têm pelo seu Salvador desperta um ódio tremendo nas almas dos ímpios ao ponto destes se indisporerem violentamente contra aqueles.

Sufrimento que vem através de injúrias

Esse tipo de sofrimento tem um caráter um pouco diferente do anterior. Ele não contém necessariamente violência física, mas machuca a alma dos crentes. A palavra grega usada para “*injúrias*” é *oneidizo* e também

contém a idéia de lançar insultos e ultrajes. MacArthur diz que “lançar insultos é atirar palavras abusivas na face do oponente, zombar depravadamente.”¹⁷⁶

Quando Jesus Cristo foi preso, os seus algozes lançaram insultos sobre ele, ferindo-o não somente com bofetadas, mas com a língua (Mt 27.67-68). Ele foi zombado em seu ofício profético, ofício real e sacerdotal (Mc 15.17-20).

Esse tipo de sofrimento vem pelo fato dos cristãos serem expostos ao ridículo, tornando-se eles “espetáculo para o mundo” (1 Co 4.9), sendo motivo da diversão e do escárnio dos outros (Hb 11.36).

Esse tipo de sofrimento é muito dolorido porque é humilhante. Ele causa-nos parecer aos outros aquilo que não somos e causa em nós uma triste sensação de desolação e desesperança, até que compreendemos que é uma bem-aventurança sofrer dessa maneira e pelo motivo justo.

Sufrimento que vem pelas mentiras

Porque os seus adversários queriam condenar Jesus de qualquer maneira, eles forjaram *mentiras* que podem ser chamadas também de falsas acusações, calúnias ou difamações. O texto da Escritura diz que “os principais sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam algum testemunho falso contra Jesus, a fim de o condenarem à morte” (Mt 26.59). Disseram que ele era “um glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e dos pecadores” (Mt 11.19).

Não é diferente hoje com os filhos que são tementes e fiéis a Deus. Eles são alvo da mentira ou falsas acusações porque o objetivo do inimigo de nossas almas é derrubar os cristãos, principalmente aqueles que estão em evidência, na ministração fiel da Palavra de Deus, simplesmente porque eles amam a Jesus Cristo. Nessas mentiras eles dizem todo mal contra os filhos de Deus. Acusaram nosso Redentor de muitas coisas que ele absolutamente não era. Assim farão com os seus irmãos porque ele vaticinou: “Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós.” (Jo 15.20)

Sufrimento pela nossa ligação a Jesus Cristo.

Por isso, Jesus Cristo disse: “*por causa do meu nome*”. Na verdade, o ódio deles não é contra nós, mas contra o próprio Jesus. Se nos identificamos com ele, sofreremos as conseqüências dessa identificação. O alvo real de Satanás ao nos ferir com mentiras e falsas acusações e ferir o Senhor Jesus, que é o seu inimigo maior. Jesus disse que “se o mundo vos odeia” é porque antes ele me odiou a mim. Se o Senhor sofre, os seus servos também haverão de sofrer porque os servos não são maiores do que o seu Senhor. Todas as perseguições que vêm ao Senhor, os servos também podem enfrentar, sendo tudo por causa do nome do Senhor (ver Jo 15.18-21). Jesus sempre será a razão do sofrimento de muitos cristãos, que nesse caso são chamados de bem-aventurados!

176 John MacArthur, *Matthew 1-7 - MacArthur New Testament Commentary* (Chicago: Moody Press, 1985), 224-25.

SOFRIMENTO POR CAUSA DA RETIDÃO

Mt 5.10 – “Bem-aventurados os *perseguidos por causa da justiça*, porque deles é o reino dos céus.”

A argumentação anterior tem a ver com a perseguição por causa da pessoa de Jesus. Nesta bem-aventurança, a perseguição, que traz grande sofrimento, tem a ver com o resultado da vida daqueles que amam ao Senhor Jesus. Justiça neste texto deve ser entendida como vida de retidão, vida trilhada de conformidade com a Palavra de Deus. A retidão é produto do comprometimento deles com o Senhor e, por causa dela, eles haverão de sofrer.

Análise de Texto

2 Tm 3.10-12 – “(10) Tu, porém, tens seguido de perto o meu ensino, procedimento, propósito, fê, longanimidade, amor, perseverança, (11) as *minhas perseguições e os meus sofrimentos*, quais me aconteceram em Antioquia, Icônio e Listra, — *que variadas perseguições* tenho suportado! De todas, entretanto, me livrou o Senhor. (12) Ora, todos quantos querem viver *piadosamente* em Cristo Jesus *serão perseguidos*.”

Timóteo acompanhava de perto a vida de Paulo

Timóteo era um discípulo fiel. Onde Paulo andava, ele ia atrás. Não perdia nenhuma oportunidade de saber tudo da doutrina e da vida do seu mestre. Quando não podia acompanhá-lo pessoalmente, procurava inteirar-se de tudo quanto acontecia ao seu mestre, através dos vários veículos de informação. Por essa razão, Paulo diz: “Tu [me] *tens seguido de perto*”.

Tu tens seguido o meu ensino

Ele não perdia tempo de inteirar-se da teologia de Paulo. Para ser justo, Paulo não fazia teologia, mas ele ensinava a revelação sobre a qual nós hoje fazemos teologia. A revelação de Jesus Cristo era o conteúdo do seu ensino. O evangelho que ele havia recebido do seu Senhor, ele passava adiante porque o ensino de Paulo era o cerne do seu ministério no meio de tantos falsos apóstolos emergentes nas igrejas. Timóteo seguia de perto procurando inteirar-se de todas as coisas que seu pai espiritual lhe ensinava.

Tu tens seguido o meu procedimento

Paulo reconhecia que Timóteo seguia de perto a sua conduta. Paulo não era simplesmente um professor de teoria, mas ele sempre desafiou seus leitores a observarem a sua prática. Timóteo procurava espelhar-se em Paulo. Este era um imitador de Cristo e Timóteo era um imitador de Paulo. Timóteo era um ávido admirador do procedimento de Paulo. Por essa razão, Paulo lhe ordenou que ele também fosse padrão de procedimento (1 Tm 4.12). Uma cadeia de retidão!

Tu tens seguido o meu propósito

Ninguém descobre facilmente as intenções ou os propósitos últimos de uma pessoa. Podemos ouvir as pessoas falarem muito bonito, mas dificilmente conhecemos as suas reais intenções. Somente depois de Ter experiência com uma pessoa é que conhecemos os seus reais propósitos. Paulo já havia compartilhado seus propósitos com Timóteo. As intenções reais de Paulo era tornar o evangelho conhecido de todos os gentios, fortalecendo as almas dos discípulos. Paulo possuía metas, alvos supremos que ele nunca escondeu do seu discípulo. Paulo não era enganador e Timóteo sabia disso, pois ele o seguia de perto.

Tu tens seguido a minha fé

Seguir a fé de perto significa observar as mesmas crenças. A palavra “Fé” neste verso pode significar o conjunto de crenças em que Paulo cria. Timóteo era seguidor de tudo o que Paulo cria. Ele andava nas pegadas de Paulo mesmo no conteúdo da sua fé.

Todavia, a palavra “fé” também pode ser entendida como sendo a capacidade de crer em Deus que Paulo sempre demonstrou com firmeza. É como se Paulo tivesse dito a Timóteo: “Você tem me observado e constatou que eu nunca demonstrei qualquer dúvida em minha fé no meu Salvador. Essa fé eu tenho exercido com todas as minhas forças!” Paulo nunca vacilou na manifestação de sua fé, e isto era observado muito de perto por Timóteo. Por essa razão, Timóteo também veio a ter essa mesma fé na qual ele permanecia firme, aliás, a fé que primeiramente habitara em sua avó, em sua mãe ().

Nada impede que esses dois sentidos de “fé” sejam entendidos neste texto. Eles não se contradizem. Ao contrário, eles se harmonizam perfeitamente.

Tu tens seguido a minha longanimidade

Paulo há muito já estava sendo objeto de perseguição por causa da sua vida de retidão e do seu compromisso com Cristo. No entanto, ele sempre se portou de modo paciente com as pessoas que o perseguiram. Ele não revidava, mas sabia comportar-se no meio de situações adversas.

Tu tens seguido o meu amor

Não sabemos exatamente o que Paulo estava querendo dizer com essa expressão. Provavelmente, Paulo estivesse dizendo a Timóteo, que o conhecia bem, a respeito de pessoas a quem ele amava, incluindo os inimigos contra os quais lutava dentro da própria comunidade cristã, que eram os seus opositores teológicos.

Tu tens seguido a minha perseverança

Paulo nunca mostrou qualquer vacilação no meio das perseguições pelas quais passava. O sofrimento nunca causou nele qualquer tipo de abandono de trabalho. Ele possuía a graça de manter-se firme no meio das tribulações. Ele era um homem que não recuava com medo da adversidade. Várias vezes o Espírito Santo lhe informara das prisões e tribulações que haveria de enfrentar adiante (At 20.23), mas ele nunca acovardou-se. Diante do sofrimento continuado, Paulo possuía paciente, que é a graça de suportar o peso sem esmorecer (2 Co.1.6). Era um homem perseverante debaixo das

aflições. Porque o seguia de perto, Timóteo podia comprovar quão firme Paulo andava diante do sofrimento. É a perseverança que é fruto do sofrimento e que aumenta enquanto o sofrimento continua.

Estas coisas que Timóteo seguia de perto em Paulo eram, em última instância, a causa dos sofrimentos que sobrevieram a Paulo. Aquilo que ele vai advertir Timóteo, já acontecia com ele. Quem vive piedosamente, recebe perseguição.

Timóteo Acompanhava os Muitos Sofrimentos de Paulo

Os sofrimentos de Paulo estavam exatamente ligados ao seu ensino, procedimento, propósito, amor e perseverança. Paulo era uma homem piedoso, cheio de retidão. Por causa da sua vida reta ele era perseguido.

Perceba que Paulo liga os seus sofrimentos à perseguição. Ele disse: “tu tens seguido de perto...*as minhas perseguições e o meu sofrimento*”. Paulo sofria tribulações não só por ser discípulo de Cristo, mas porque o seu comportamento reto incomodava os inimigos do evangelho dentro da própria igreja. A perseguição acontecia nos círculos “evangélicos” onde Paulo vivia irreprensivelmente.

Os sofrimentos de Paulo não somente eram duros, mas muitos! Veja a expressão que ele usa:

“Que variadas perseguições tenho sofrido!” - As perseguições sobre Paulo tinham muitas fontes. Ele era açoitado por todos os lados. Prisões por fora e aflições por dentro. Na sua carta aos Coríntios ele fala das múltiplas perseguições que havia enfrentado (leia 2 Co 11.21-33).

No texto base Paulo menciona os vários lugares onde sofreu diversas perseguições. Ele fala da oposição e dos conseqüentes sofrimentos e perseguições *“que me aconteceram Antioquia,¹⁷⁷ Icônio¹⁷⁸ e Listra¹⁷⁹”*. Estes eram os lugares que Paulo havia visitado em sua primeira viagem missionária, onde o próprio Timóteo conheceu Paulo e viu os seus muitos e duros sofrimentos.

Os sofrimentos de Paulo são exclusivos dos obreiros intrépidos que não se envergonham do evangelho e se embrenham do meio das sociedades mais perversas.

Timóteo foi informado da libertação do sofrimento

A vida de sofrimento pela qual Paulo passava não era desesperadora, isto é, sem o acompanhamento providencial de Deus e sem o conforto de sua graça. Paulo não tinha medo de morrer. Ele sempre estava disposto a dar a sua própria vida, como Jesus Cristo fez pelos seus amigos (Jo 15), mas Paulo sempre havia recebido o socorro do Senhor no meio da tribulação.

Não há promessa de que Deus haverá de impedir os crentes de passarem por tribulações, mas há promessas dele nos confortar e nos livrar delas. Por essa razão, Paulo diz:

177 Ver Atos 13.44—52.

178 Ver At 14.1-6.

179 Ver At 14.8-20.

“Que variadas provações tenho suportado! *De todas, entretanto, me livrou o Senhor*” (v.11b).

O Senhor não deixa o seu povo perecer para sempre. Seu povo nunca será dizimado. No tempo próprio Deus socorre os seus filhos no meio da tribulação que causa muito sofrimento! É curioso que o Senhor pode livrar o seu povo de duas maneiras:

Deus pode livrar o seu povo *da* morte

Paulo foi livre da morte várias vezes. Enquanto as tribulações servem para cumprir a sua obra providencial de amadurecer os seus filhos, Deus os deixa sofrer. Quando ele cumpre os propósitos de determinadas tribulações, ele arranca os seus do meio da perseguição, e os livra de serem mortos.

Deus pode livrar o seu povo *por meio* da morte

Este é um aspecto bem diferente. É também produto de sua grande bondade para com os seus filhos. Ele os livra das tribulações levando-os consigo. O momento da morte deles, por meio das tribulações, é o momento da maior bem-aventurança deles porque quando os cristãos morrem em Cristo, eles repousam de suas fadigas (Ap 14.13). Deixar morrer na tribulação significa ser livre para sempre dos sofrimentos deste mundo. Esta é uma outra maneira de haver libertação. De qualquer modo, não há nada neste mundo que nos possa separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, *nem a morte* (Rm 8.38-39). Ela é parte da bondade de Deus para com os seus filhos sofredores. É esta a visão da obra providencial de Deus que a Escritura nos passa.

Timóteo foi informado dos Sofrimentos dos piedosos

Assim como Paulo tinha sido perseguido por causa da sua vida de pregador e também por causa da sua retidão (que Timóteo seguia de perto), da mesma maneira ele alerta a Timóteo sobre o que haveria de acontecer com crentes da mesma estirpe de Paulo. Veja as suas palavras:

“Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos” (v.13)

Os sofrimentos de Cristo também passam a ser dos seus irmãos porque estes estão intimamente unidos a ele. Todavia, nem todos os crentes sofrem da mesma forma. Esse sofrimento de que Paulo fala é típico daqueles que são corajosos e destemidos, vivendo piedosamente no meio de uma geração pervertida e corrupta, mas que procuram testificar de Cristo tentando implantar uma contra-cultura cristã. Os crentes que ficam acomodados, com vergonha do evangelho e sem coragem de testificar dele, provavelmente não serão incomodados. Mas aqueles que vivem piedosamente, o que significa dizer não à corrupção e lutar contra ela certamente será perseguido. Paulo sofreu perseguições porque lutou para purificar a sua sociedade contemporânea. A vida de piedade dos líderes causa transtorno da vida dos ímpios que, por sua vez, rebatem com perseguições.

SOFRIMENTO POR CAUSA DA PREGAÇÃO DO EVANGELHO

Este é um outro sofrimento típico dos obreiros intrépidos de Deus. A pregação ousada do evangelho é a maior causa de perseguição registrada na história da igreja. A pregação da palavra redentora de Deus sempre incomodou os odiadores de Cristo Jesus. Ela sempre tem causado um mal-estar neles a ponto deles se insurgirem contra os pregadores, os ministros de Cristo duma maneira até violenta.

2 Tm 2.8-9 – “Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado de entre os mortos, descendente de Davi, segundo o meu evangelho; *pelo qual estou sofrendo até algemas*, como malfeitor; contudo, *a palavra de Deus não está algemada.*”

Os sofrimentos de Paulo eram tantos ao ponto dele ser tratado como se fosse um bandido, um malfeitor. As prisões do tempo de Paulo eram puras masmorras, sem possuírem conforto algum que mesmo as piores prisões de hoje possuem. Ser tratado como um malfeitor era extremamente desonroso. Paulo foi preso no tronco pelos pés, sem possibilidade de locomoção dentro do próprio cárcere (At 16.22-24). Essa era a algema da época.

Todavia, Paulo se gloriava de que mesmo sofrendo algemas e prisões, “*a palavra de Deus não estava algemada*”. Esta frase significa que, em última instância, se Paulo fosse morto, outros se levantariam para pregar a palavra. Esta nunca haveria de ficar encarcerada. Ela triunfaria na vida das pessoas que a ouvissem e nela cressem. O que importava para Paulo era a pregação da palavra que produzia efeitos benéficos na vida de muitas pessoas. Ele era um pregador apaixonado pelo evangelho. Ele exortou Timóteo a lembrar-se de Cristo, porque este era o motivo do seu amor e causa de tudo o que ele passava.

1 Ts 2.14-16 – “(14) Tanto é assim, irmãos, que vos tornastes imitadores das igrejas de Deus existentes na Judéia em Cristo Jesus; *porque também padecestes*, da parte dos vossos patrícios, as mesmas coisas que eles, por sua vez, sofreram dos judeus, (15) os quais não somente mataram o Senhor Jesus e os profetas, *como também nos perseguiram*, e não agradam a Deus, e são adversários de todos os homens, (16) *a ponto de nos impedirem de falar aos gentios* para que estes sejam salvos, a fim de irem enchendo sempre a medida de seus pecados. A ira, porém, sobreveio contra eles, definitivamente.”

A sanha maligna dos judeus ficou manifesta ainda mais quando eles não somente rejeitaram o evangelho, mas eles perseguiram a Paulo porque ele foi pregar o evangelho aos gentios. O espanto de Paulo está no fato deles “impedirem de Paulo falar aos gentios para a salvação deles” (v.16^a). Eles pessoalmente rejeitaram mas também não queriam que os gentios cressem. O único modo de frear a pregação do evangelho era perseguir os seus pregadores.

A igreja dos tessalonicenses, que era intrépida do testemunho de Jesus, também já estava começando a experimentar as perseguições por causa da pregação do evangelho. Logo que o evangelho chegou a Tessalônica, os crentes já foram perseguidos, mas manifestaram alegria no sofrimento (1 Ts 1.6; cf At 17.1, 4-5). Onde o evangelho causava a persuasão, havia perseguição. Todos os líderes e crentes em geral que são testemunhas corajosas e fiéis, haverão de sofrer perseguição por causa da pregação da palavra de Deus.

O apóstolo Paulo, ao tratar dos sofrimentos por causa da pregação do evangelho, falava de cátedra. Ele foi o homem mais perseguido no seu tempo pelo fato de ser pregador. Ele padeceu tanto na mão de judeus como de gentios. Todos que eram inimigos de Deus o perseguiram violentamente. Todavia, o motivo claro para a perseguição era simplesmente a pregação do evangelho.

Falando a Timóteo sobre a eterna graça de Deus, que foi manifesta historicamente em Jesus Cristo que, mediante a pregação do evangelho, para o qual o próprio Paulo havia sido “designado *apóstolo, mestre e pregador*” (1 Tm 1.9-11). Então, ele conclui: “Por causa disso *“eu estou sofrendo estas coisas”* (v.12). Sendo apóstolo, mestre ou pregador, o conteúdo da fala de Paulo era o mesmo: o evangelho da graça de Deus. E, por causa do seu amor a esse evangelho, ele sofreu perseguições sem conta.

SOFRIMENTO POR CAUSA DA FIDELIDADE A DEUS

Este é um sofrimento típico dos cristãos: é o sofrimento que lhes vem por causa de sua fé em Jesus Cristo. Falemos um pouco sobre ele porque é um sofrimento que possui uma faceta que nenhum outro possui. Ele é acompanhado de uma glória indizível que faz com que sejam bem-aventurados os que passam por ele!

Diferentemente do sofrimento mencionado anteriormente, que procede da disciplina amorosa de Deus, este é um sofrimento que vem da parte dos opositores do evangelho, justamente porque eles pertencem a Deus.

No Antigo Testamento

O livro de Salmos é campeão nas amostras de como os filhos de Deus sofrem pelo fato deles serem leais a ele.

Sl 4.1-2 – “Responde-me quando clamo, ó Deus da minha justiça; *na angústia me tens aliviado*. Tem misericórdia de mim e ouve a minha oração. Ó homens, até quando tornareis a minha glória em vexame?”

Davi pede socorro a Deus na sua aflição porque essas aflições procediam dos homens maus do seu próprio país, que o perseguiram.

Em geral, os profetas do Antigo Testamento foram objeto da perseguição dos homens por causa de sua fidelidade à mensagem de Deus. Alguns deles foram mortos, pois a própria Escritura afirma isso muito claramente. Eles receberam uma oposição considerável que tornou amarga suas vidas, em alguma medida. Veja o caso de Jeremias: Ele não queria ser

um profeta porque isso significava sofrimento. Em geral, os profetas não eram ouvidos (Jr 37.2), eram zombados e perseguidos e presos (Jr 37.18). Sua vida foi colocada em risco várias vezes por causa da incredulidade dos líderes do seu povo. Sabedor dessas coisas dos profetas passados, Jeremias não tinha o desejo de ser um sofredor. Ele conhecia a história dos profetas que o antecederam. Jeremias conheceu a angústia de ser perseguido pelo fato de viver retamente.

Mais tarde, o próprio Jesus Cristo confirmou o tratamento maldoso que os profetas do Antigo Testamento receberam.

Mt 5.11-12 – “Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; *pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós.*”

Sempre os homens de Deus fiéis foram perseguidos por causa da justiça, porque andavam em retidão e porque falavam somente a verdade de Deus. Os profetas que viveram antes dos discípulos contemporâneos de Cristo sofreram muito nas mãos dos reis ímpios, dos profetas falsos e na maldade do povo. Por causa da fidelidade deles à revelação que haviam recebido de Deus, eles foram perseguidos.

Todos os profetas leais ao Senhor que os havia vocacionado sofreram profundamente. Cristo, então, confortou os discípulos do seu tempo que sofriam citando os exemplos dos profetas sofredores do Antigo Testamento, que viveram antes deles, mostrando que lhes importava sofrer por causa de sua fidelidade a Deus.

No Novo Testamento

O Novo Testamento é farto de exemplo de pessoas que sofreram por causa de seu amor à verdade ou porque eram comprometidos com a vida de retidão.

Jo 15.18, 20 – “*Se o mundo vos odeia, saíbe que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim... Lembrai-vos da palavra que eu vos disse: não é o servo maior do que seu senhor. Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros. Se guardaram a minha palavra, também guardarão a vossa.*”

De uma maneira profética nosso Redentor vaticinou o sofrimento que haveria de vir sobre os seus seguidores. Esse sofrimento é manifesto em perseguição que é o fruto do ódio dos ímpios contra os filhos de Deus. Na verdade, o ódio deles é contra Jesus Cristo, mas como eles não podem fazer nada contra Jesus, eles fazem contra os seguidores de Jesus Cristo. Sabedor disso, quando o Redentor encontrou-se com Paulo que perseguia os seguidores do Caminho, disse-lhe: “Saulo, Saulo, por que *me* persegues?” Jesus foi direto no problema de Paulo. O ódio dele era contra o Salvador dos cristãos.

Da mesma forma que Paulo perseguia - odiando em última instância a Cristo - hoje acontece do mesmo modo. Mas como os ímpios não podem

descarregar seu ódio na pessoa divino-humana de Cristo, eles tentam atingir os membros do seu corpo, que é a igreja. Se quando ele estava aqui entre nós foi odiado e perseguido - porque os homens podiam pegá-lo, prendê-lo e matá-lo - hoje o ódio permanece o mesmo, mas os recebedores do ódio são os seguidores dele, como no tempo de Paulo.

Esse sofrimento é exclusivo daqueles que fazem parte do corpo de Jesus Cristo, daqueles que foram regenerados pelo Espírito Santo. Ninguém mais recebe esse sofrimento de ver-se criticado, zombado, preterido, discriminado por sua fé, senão aquele que é filho do Deus Altíssimo e irmão do Redentor.

Como os seguidores não são melhores do que seu Mestre, é promessa-vaticínio que os discípulos e ministros de Cristo estão destinados ao sofrimento por causa dele!

A promessa-vaticínio de Cristo é confirmada por aquele que perseguiu os cristãos (leia cuidadosamente o texto de 1 Co 4.9-13). Depois de passar pela experiência regeneradora e transformadora, Paulo ensina ao seu discípulo aquilo que ele próprio havia experimentado. Ele estava sofrendo por causa da verdade e, então, mostra a Timóteo que importa a esse tipo de cristãos também sofrer.

2 Tm 3.12 – “Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão *perseguidos*.”

Este é um verso absolutamente intrigante, que questiona o comportamento da igreja contemporânea, que vive num clima de muita liberdade, especialmente na esfera da cultura ocidental. Em termos gerais, não há perseguição no mundo ocidental. Em parte, pelo menos, é porque a igreja ocidental perdeu o seu vigor e o seu primeiro amor, o amor do entusiasmo pelo Senhor Jesus e por sua Palavra. A igreja já não é agressiva e cheia de amor ao trabalho evangelístico e missionário. A igreja ocidental não é uma igreja que vive piedosamente, isto é, de conformidade com o ensino ético, moral e espiritual preconizado pelas Santas Escrituras. Poucos crentes professantes passam pelo crivo da seriedade e idoneidade morais. São meros professantes e não sofrem por causa do testemunho de Jesus porque não causam impacto na sociedade em que vivem.

Todavia, quando eles passarem a pregar o evangelho de Cristo e a vivê-lo intensa e piedosamente, certamente eles causarão um impacto no mundo e a reação da parte dos incrédulos certamente virá. Terão sofrimento por causa de sua vida de piedade cristã, mas honrarão o nome do seu Senhor.

Pedro, o outro que veio a ser perseguido violentamente pelos seus compatriotas judeus, também entendeu que os seguidores de Cristo haveriam de passar pelo sofrimento da perseguição, que é um sofrimento típico e exclusivo dos seguidores do Caminho.

Análise de Texto

1 Pe 4.12 – “Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo.”

O texto possui algumas nuances que devem ser examinadas:

Pedro compara o sofrimento ao fogo

Pedro diz: “*Não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós destinado a provar-vos*” - Com toda a probabilidade, Pedro tem em mente o calor fortíssimo de uma grande fornalha onde se processa a purificação de metais preciosos. A finalidade da fornalha é refinar o metal para se verificar da genuinidade dele. Tudo quanto é escória, é lançada fora. Somente aquilo que é precioso permanece.

A figura usada por Pedro é para mostrar que existe um sofrimento que o cristão passa a fim de que as suas impurezas sejam retiradas, permanecendo nele apenas aquilo que é puro, verdadeiro, santo, etc. Esse fogo é indicativo do propósito de Deus que nos faz passar por aflições por causa da nossa dedicação a Cristo e devoção a ele.

O desígnio desse sofrimento era provar a genuinidade da profissão de fé que eles faziam, pois já naquele tempo era absolutamente necessário que se fizesse diferença entre o que é precioso e o que é vil. Isso feito, o nível moral da sociedade melhorava porque melhorava o caráter dos cristãos que compunham aquela sociedade. O fogo do sofrimento melhorava pela purificação o caráter dos crentes.

Pedro diz que o sofrimento é severo

A menção do fogo indica a severidade da provação com a finalidade de purificação. O sofrimento aqui é comparado não ao calor do sol, nem a um fogo comum, mas ao calor de fogo esquentado várias vezes como acontece numa refinaria. Aqueles que já visitaram uma refinaria de metais podem comprovar quão quente é o forno onde se processa o metal. Ele é aquecido com calor muito mais forte do que o calor produzido pelo fogo comum. O calor chega a temperaturas altíssimas. Do contrário, o derretimento e a purificação do metal não se processa. Dessa forma, podemos ver quão fortemente os cristãos da primeira época eram provados por sua fé. Quando lemos a galeria dos heróis da fé, podemos perceber quão alta era a temperatura da fornalha da aflição deles. Apenas para refrescar sua memória, permita-me registrar transcrever o texto abaixo:

Hebreus 11.35-38 – “Alguns foram torturados, não aceitando seu resgate, para obterem superior ressurreição; outros, por sua vez, passaram pela prova de escárnios e açoites, sim, até de algemas e prisões. Foram apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos ao fio da espada; andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados (homens dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas, pelos antros da terra.”

Hoje não sabemos muito bem o que esse tipo de sofrimento significa. Vivemos numa época sem esse espírito de sofrimento e desconhecemos o verdadeiro sentido de cadinho da aflição. Especialmente nestes albos do século XXI, onde a verdade está sendo diluída, e os conceitos outrora importantes estão sendo deixados de lado. Quase ninguém hoje luta pela verdade.

A ausência dessa luta pela verdade é que faz-nos esquecer o que a fornalha da aflição significa e, por causa disso, como conseqüência, perdemos o conceito de purificação dos crentes através do precioso instrumento da aflição de que Deus tanto usou no passado e, certamente, ainda usará no futuro, quando estiver se aproximando a volta do seu Filho para juízo dos homens maus.

Pedro diz que o sofrimento causava estranheza aos crentes

O autor fala aos seus leitores sobre “*não estranhar o fogo...*” como produto de “*algo extraordinário que estava acontecendo*” – O sofrimento pelo qual passavam estava causando estranheza (ou uma espécie de surpresa) em alguns crentes, como se fosse algo anatural sofrer. Aliás, é assim que alguns que sofrem raciocinam: “nós somos de Deus e por que Deus não nos protege? Por que nós temos que sofrer? Por que Deus não nos livra do inimigo? Não é ele nosso salvador?” Alguns cristãos ficam frustrados e despontados porque sofrem.

Eles poderiam estar estranhando sofrer. Eles não eram perturbadores da ordem pública, não estavam invadindo os direitos dos outros. Eles haviam se portado como “filhos de Deus irrepreensíveis e sinceros, inculpáveis”. O problema deles é que eles estavam vivendo “no meio de uma geração pervertida e corrupta.”¹⁸⁰ Pedro, então, mostra às testemunhas de Cristo ¹⁸¹ do seu tempo que eles não deviam estranhar o sofrimento pelo qual passavam. Afinal de contas, eles estavam resplandecendo como luzeiros num mundo de trevas, preservando a palavra da vida.¹⁸² Esse tipo de comportamento causa uma reação contrária, que é a perseguição. Pedro está dizendo a esses crentes que eles não deviam achar estranho esse comportamento deles. Os corruptos estavam apenas fazendo o que é natural deles fazer.

O espírito do cristianismo é diferente do espírito do mundo. Um causa a oposição do outro. Se não fosse uma intervenção providencial de Deus, há muito o cristianismo já teria sido eliminado deste mundo. Todavia, Deus não deixa que todos os cristãos sejam eliminados, mas nunca lhes garantiu que não seriam perseguidos. Ao contrário, ele já havia dito que os seus filhos haveriam de ser perseguidos por causa do nome de Cristo (análise Jo 15.18).

Pedro diz que o sofrimento era para provar os cristãos

Pedro diz que o fogo do sofrimento no meio deles era “destinado a provar-vos”. Os crentes não deveriam estranhar o fogo do sofrimento porque era necessário que houvesse sofrimento. O sofrimento tem que vir sobre o corpo de Cristo porque esse corpo precisa ser fortalecido.

Os sofrimentos são necessários em determinadas épocas para que haja a limpeza do corpo. Quando a igreja fica muito tempo sem perseguição, ela se corrompe. Deixa-me explicar isso: durante um tempo quando há prosperidade, riqueza, desenvolvimento econômico, progresso de toda

180 Fp 2.15

181 Curiosamente, a palavra grega traduzida como “testemunha” é *martyrion* (da qual veio a nossa palavra portuguesa mártir). Naquela época, ser uma testemunha de Cristo era ser um sofredor. Não havia diferença entre falar de Cristo e ser separado do sofrimento conseqüente. Portanto, quando alguém testemunhava de Cristo sofria as conseqüências do seu ato.

182 Fp 2.15-16.

natureza no mundo, é tendência comum os homens se afastarem das coisas santas. A experiência tem comprovado essa teoria. Um período longo de prosperidade faz os homens confiarem no seu próprio progresso, nas suas próprias capacidades, e se esquecem de quem os benefícios procedem. A igreja começa, então, a ficar secularizada, isto é, a verticalidade das relações humanas tendem a se tornar somente horizontalizada. Como conseqüência, desaparece a distinção entre a igreja e o mundo. A igreja não se preocupa mais em converter o mundo, mas o mundo penetra na igreja e a influencia. A igreja não torna o mundo cristão, mas o mundo torna a igreja mundana.

Então, Deus levanta alguns crentes fiéis, e traz perseguição sobre eles de tal forma que os outros cristãos comecem a acordar para a realidade em que estão metidos. A tribulação é meio através do qual Deus prova o seu povo, despertando-o para as realidades espirituais, fazendo-o retornar à verticalidade de suas relações, sem que ele se esqueça de servir no sentido horizontal. A adoração se torna correta e correto também o serviço na comunidade. É assim que a igreja influencia o mundo. Todavia, o fogo de sofrimento que Deus manda para a sua igreja, é com a finalidade de prová-la, de testá-la, de torná-la apta para servir neste mundo.

O sofrimento torna os crentes fortalecidos, alertas, dispostos, perseverantes, pacientes, constantes e firmes na fé. O aperfeiçoamento do caráter do cristão advém também dos sofrimentos pelos quais ele passa. Essa é a prova que o sofrimento traz!

Pedro diz que o Sofrimento é somente para os cristãos

Ao se dirigir àqueles que estavam sendo provados pelo sofrimento, ele diz: “Amados”. Esse é um designativo daqueles que são filhos de Deus. Somente a esses é que ele ama salvadoramente, ao ponto de expô-los - para o seu próprio desenvolvimento - ao sofrimento.

Bem-aventurados os que são provados dessa maneira, porque isso é indicativo de que eles pertencem à família de Deus, pois somente a estes Deus prova!

Esse sofrimento é exclusivo da igreja militante, que igreja que sofre por causa de sua fidelidade ao seu Senhor. A eles Paulo se refere em Romanos quando diz que “os sofrimentos do tempo presente não são para comparar com a glória por vir a ser revelada em nós” (Rm 8.18).

CAPÍTULO 19

OS SOFRIMENTOS EXCLUSIVOS DA LIDERANÇA CRISTÃ

No capítulo anterior, tratamos dos sofrimentos exclusivos dos cristãos. Neste capítulo vamos ser um pouco mais específicos. Trataremos dos sofrimentos que são típicos e exclusivos dos obreiros cristãos, especialmente aqueles que lideram o povo de Deus no uso dos dons espirituais relacionados com a ministração da Palavra de Deus.

Não é de hoje que líderes da igreja cristã possuem sofrimentos característicos quase que inerentes à sua função de liderança no meio do povo de Deus. Eles são designados para sofrer como sofreu Jesus Cristo, sofrimentos esses procedentes de elementos que estão dentro e também de elementos que estão fora da igreja. Alguns desses crentes sofredores foram até mortos e despedaçados por causa do exercício fiel do seu ministério.

Os sofrimentos de que vamos tratar nesta parte do capítulo podem ser comuns a muitos crentes, mas eles são especialmente típicos dos líderes do povo de Deus.

SOFRIMENTO CAUSADO PELA PERSEGUIÇÃO

Sempre houve grande perseguição da parte de governantes maldosos sobre os líderes da igreja cristã, desde os seus primórdios, especialmente quando esses líderes foram intrépidos e agressivos no testemunho do evangelho, tentando criar uma espécie de contra-cultura cristã no meio de uma geração pervertida e corrupta.

Segundo a tradição, onze dos doze apóstolos foram martirizados. Paulo, que não fazia parte dos doze, talvez tenha sofrido mais do que todos eles individualmente pelo fato de viajar muito e de estar sob a autoridade de vários governadores de províncias debaixo do império romano. Por causa dos seus sofrimentos, ele pode dar uma catálogo extraordinário dos sofrimentos pelos quais passou, justamente por ser apóstolo de Cristo Jesus.

Análise de Texto

2 Co 11.23-25, 32-33 – “(23) São ministros de Cristo? (falo como fora de mim) eu ainda mais: em trabalhos, muito mais; *muito mais em prisões; em açoites, sem medida; em perigos de morte, muitas vezes.* (24) *Cinco vezes recebi dos judeus uma quarentena de açoites menos um;* (25) *fui três vezes fustigado com varas, uma vez apedrejado...* (32) Em Damasco, o governador preposto do rei Aretas, montou guarda na cidade dos damascenos, para me prender; (33) mas num grande cesto me desceram por uma janela da muralha abaixo, e assim me liberei das suas mãos.”

Obviamente, neste longo texto Paulo tem em mente os que criticavam e não aceitavam o seu apostolado, que eram “os falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, transformando-se em apóstolos de Cristo” (2 Co 11.12-13), que a si mesmos chamavam-se de apóstolos de Cristo.

Então, em sua defesa, Paulo começa a mostrar os sofrimentos pelos quais passava pelo fato de ser realmente apóstolo de Cristo.

Deus já lhe havia informado de que ele sofreria nas mãos dos homens por causa do nome de Cristo (At 9.16; At 20.22-23)

Paulo foi perseguido por maus governantes

O rei Aretas da Síria, mandou o seu governador para prender Paulo. Ele era caçado em todos lugares por onde passavam, mas Deus usou irmãos na fé (provavelmente) para o livrarem de ser preso, pois toda a cidade e os portões estavam cercados. Não havia outra maneira de escapar senão pela ajuda de alguns que o desceram pela muralha num cesto (v. 32-33).

Assim como ele deveria ser o anunciador do evangelho aos reis e governadores, deles também ele havia de receber perseguição.

As autoridades romanas tentaram arrancar informações de Paulo com açoites (At 22.24) para comprovar as acusações que lhe faziam.

Paulo foi perseguido por judeus

Quando escapava das mãos das autoridades romanas, estas o entregavam às autoridades judaicas, que compunham o Sinédrio. Justamente porque Paulo estava decidido a ir para os gentios é que ele foi perseguido, pois os judeus odiavam a possibilidade de os gentios serem recipientes da graça divina, e quiseram matá-lo por causa disso (At 22.20-22). Os judeus se portaram visceralmente opostos ao pensamento de Paulo e, por isso, trataram-no violentamente. No texto em questão, ele disse que “*Cinco vezes recebi dos judeus uma quarentena de açoites menos um*” (v.24). A idéia de quarenta açoites era típica da lei judaica (Dt 25.2-3) e eles aplicaram literalmente a Paulo, como se ele fosse um bandido.

Não temos os detalhes dessas cinco vezes, que Paulo menciona, mas podemos ver como era tratado brutalmente pelos judeus (ler At 23.2-3).

Paulo foi perseguido por gentios

Entre os gentios Paulo diz: “*fui três vezes fustigado com varas, uma vez apedrejado...*” (v.25). Instigado por judeus, os gentios apedrejaram Paulo (At 14.19). Paulo e Silas foram presos e receberam vários açoites em Filipos, uma cidade da Macedônia. Eles sofreram debaixo das autoridades romanas porque pregavam “costumes”, que não eram nada mais nada menos do que o “caminho da salvação” (At 16.21-23). O elemento mais triste ainda é que, por causa da pregação do caminho da salvação, eles foram envergonhados porque foram açoitados publicamente, como se fossem malfeitores (v.37).

Esses sofrimentos foram típicos dos ministros da palavra que eram pregadores itinerantes e se embrenhavam pelo mundo gentílico e pelas sinagogas dos judeus em toda parte, a fim de serem testemunhas do evangelho de Jesus. Por essa razão, isto é, para nos humilhar, “Deus nos

pôs em último lugar, como se fôssemos condenados à morte... até a presente hora sofremos fome, e sede, e nudez; e somos esbofeteados...” (1 Co 4.9-11.

Muitos líderes cristãos, como missionários, profetas, mestres, pastores e evangelistas, hoje ainda vivem debaixo de regimes ditatoriais sendo presos e maltratados, chegando até a serem mortos.

SOFRIMENTO CAUSADO PELO DESCONFORTO DA ÉPOCA

Na lista dos sofrimentos apresentada por Paulo nos versos abaixo, há alguns sofrimentos que não procedem da maldade dos governantes, nem na maldade em geral dos homens, mas do desconforto da época em que viviam. Tentemos analisar alguns deles que são típicos de uma sociedade sem muitos desenvolvimentos, mas que eram parte dos *pregadores itinerantes* da época.

Análise de Texto

2 Co 11.25b, 26-27 – “(26) *Em naufrágios três vezes, uma noite e um dia passei na voragem do mar; em jornadas, muitas vezes, em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos entre patrícios, em perigos entre gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos; (27) em trabalhos e fadigas, em vigílias, muitas vezes; em fome e sede, em jejuns, muitas vezes; em frio e nudez.*”

Eu creio que compensa enumerar os sofrimentos dos obreiros de Deus nos tempos apostólicos (com especialidade os de Paulo), mas que não são únicos em Paulo. Até o início da multiplicação da ciência, há algumas décadas atrás (e pasmem os leitores!) nossos obreiros itinerantes enfrentaram os mesmos problemas na propagação do evangelho. Quase vinte séculos se passaram, e a situação não mudou tanto em alguns quesitos!

Vejamos uma divisão dos sofrimentos que esses versos apresentam:

Sufrimentos nas jornadas

Esses sofrimentos não foram registrados no Livro de Atos, em suas viagens missionárias, mas não é difícil de imaginar o que os homens e mulheres de Deus sofreram enquanto tinham em mente a obediência à ordem de pregação do evangelho.

Perigos nos rios

As viagens eram extremamente perigosas e desconfortáveis naquela época. Não havia pontes para cruzarem os rios. Provavelmente Paulo não esteja falando de viagens fluviais, mas dos sofrimentos ao atravessarem rios sem balsas, quando estavam em fuga por causa da perseguição. Havia situações em que eles tinham de saltar nos rios para atravessá-los a nado ou seriam mortos pelos perseguidores. Certamente esse era o perigo de que Paulo fala tão fortemente.

Perigos no mar

O mesmo que foi dito acima podemos dizer destes outros perigos. As viagens marítimas eram muito desconfortáveis. Não havia transatlânticos

com os confortos de hoje. Os enjões, a sujeira dos barcos, a lentidão deles, as tempestades freqüentes juntadas à falta de segurança dos navios.

Além dos desconfortos dos viagens longas e demoradas, por vezes Paulo enfrentou os naufrágios. Ficou à mercê das ondas, na voragem do mar (v.25b). Lucas narra de uma viagem tempestuosa e muito sofrida que o perseguido e condenado Paulo experimentou, justamente por ser pregador do evangelho (At 27.9-44).

Perigos no deserto

As regiões desérticas pelas quais Paulo passou não possuíam estradas, nem qualquer tipo de abastecimento. A solidão é a tônica de um viajante pelo deserto, além da fome e sede.

Sofrimento pela falta de segurança

Este ponto é o mais parecido com os dias de hoje (talvez estes sofrimentos são mais recrudescidos hoje do que nos tempos de Paulo, mas por razões diferentes).

Toda a insegurança que se segue tem a ver com as suas viagens missionárias. Juntada ao desconforto dos meios de locomoção e à condição das estradas da época, havia os perigos abaixo assinalados

Perigo de salteadores

Além da maldade do coração humano, que é a causa dos pecados no mundo, a pobreza (não necessariamente) é um incrementador da violência entre os homens. Nos tempos de Paulo a pobreza era menor quantitativamente, mas qualitativamente era pior. A miséria era inominável, e as pessoas eram totalmente desamparadas, sem qualquer ajuda previdenciária. Com esta situação, os viajores eram vítimas de salteadores em todos os cantos.

Paulo, assim como outros pregadores cristãos, viajavam sem qualquer escolta militar ou outro tipo de proteção, eram objeto da violência dos salteadores.

Perigos nas vigílias

Certamente Paulo não está se referindo às vigílias de oração, mas ao estado de tensão que ficavam enquanto tentavam dormir nas longas viagens pelas estradas, desertos e mesmos nas cidades. Eles não tinham descanso. Quase nunca repousavam sossegadamente, porque estavam sempre alertas aos perigos de todos os lados. A idéia é a de dormir com os olhos abertos, para poderem fugir a tempo quando os inimigos aparecessem.

Perigos nas cidades

Não havia lugar em que os ministros de Deus, que eram itinerantes, não enfrentassem perigos. Mesmo nos lugares de maior movimento, como as cidades, os servos de Deus não estavam a salvos. Não havia segurança porque havia olhos em toda parte sobre esses ministros que “transtornavam o mundo”, virando-o de cabeça-para-baixo ética e teologicamente. Foi assim em Éfeso e em todos os lugares por onde passavam. Por causa da sua fé e do seu comprometimento com Jesus Cristo, eram visados tanto pelas autoridades das cidades como pelo povo.

Perigo entre patrícios e gentios

Aqui Paulo está falando da falta de segurança que havia enquanto pregava. As perseguições vinham de todos os lados: dos judeus, que eram os patrícios de Paulo, e da parte dos gentios. Não havia escapatória.

Perigos entre falsos irmãos

Esses falsos irmãos provavelmente tenha mais referências a judeus do que a gentios (embora estes não precisem ser excluídos). Havia os que penetravam sorrateiramente na igreja e se identificavam como irmãos para poderem trair os reais filhos de Deus. Paulo sabia disso, pois os enfrentou na igreja da Galácia e em suas outras viagens missionárias.

Sofrimento por causa da penúria

Sofrimento por causa fome e sede

Nenhum de nós, nas condições confortáveis em que vivemos pode aquilatar o sofrimento de fome e sede daqueles obreiros. Lembre-se de que eles viajavam o tempo todo, mas não havia abastecimento nas estradas, postos de combustível ou restaurantes, para comer e beber. As viagens eram longas e ninguém sabia o que poderia encontrar pela frente. Quantas vezes o planejamento de viagem deles não deu certo, porque não conseguiram chegar a tempo numa determinada vila e sofreram fome e sede, sem terem ninguém a quem recorrer. Os nossos irmãos do passado sofreram essas coisas que não são comuns em nosso tempo, por mais distante e demorada que possa ser uma viagem.

Sofrimento por causa do frio e da nudez

Nas noites de inverno em que viajavam, seja nas estradas, no mar ou nos desertos, eles não possuíam agasalhos suficientes e não havia hospedagens em todos os lugares por onde passavam. Muitos lugares não os recebiam simplesmente porque eram cristãos. São penúrias que esses nossos irmãos passaram que não enfrentamos em nossa geração, a menos que seja por uma situação emergente ou de descuido.

Alguns desses sofrimentos mencionados não pertencem aos obreiros de Deus no tempo presente, porque esses desconfortos foram minimizados em nosso tempo de rápido desenvolvimento, onde a tônica tem sido a de dar conforto aos indivíduos.

É importante observar que todos esses sofrimentos fazem parte da providência divina para aperfeiçoar e fortalecer os obreiros na sua tarefa de portador da verdade de Deus.

Aqueles de nós que vivemos numa época diferente, possuindo os confortos que jamais o mundo em toda a sua história presenciou, temos sofrimentos de natureza diferente, justamente por causa do avanço tecnológico: temos conseqüentes manifestações de estresse, angústia, ansiedade, pressão de todos os lados, insegurança de toda a natureza, que não era comum nos tempos quando os dias demoravam mais a passar. De qualquer forma, a Providência divina trabalha em nós para aperfeiçoar o nosso caráter e preparar-nos devidamente para que tomemos posse do seu reino e glória!

Sufrimento causado pelo peso das próprias igrejas

Paulo continua a trabalhar o seu catálogo de sofrimentos, que não param nas viagens. Além do que já mencionamos, há os sofrimentos causados dentro e por causa das próprias igrejas.

2 Co 11.28-29 – “Além das *coisas exteriores*, há o que *pesa* sobre mim diariamente, a *preocupação com todas as igrejas*. Quem enfraquece, que também eu não enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu não me inflame?”

As “*coisas exteriores*” a que Paulo se refere, são os sofrimentos mencionados nos versos anteriores. Todavia, os sofrimentos pelas “*coisas interiores*” eram causados por causa do seu amor pelo rebanho de Cristo. Tinha viajado constantemente, mas o seu coração estava ligado de maneira muito íntima às suas igrejas. Ele não se desligava delas. A sua preocupação pelos seus irmãos na fé era tão grande que ele sofria simpaticamente e empaticamente por elas. Isto significa que ele não somente sofria com elas, mas também no lugar delas como se fosse elas mesmas. Por essa razão, ele exclama:

“Quem enfraquece que eu também não me enfraqueça?”

Não houve nenhum cristão fraco por quem ele não tivesse simpatia. Ele não conseguia deixar um seu irmão na fé sofrer sozinho. Há muita coisa que fazer no corpo de Cristo. Nunca uma igreja será isenta de pessoas enfraquecidas e, portanto, um verdadeiro ovelheiro (e Paulo era um deles!) não poderia deixar de ter preocupações por ovelhas doentes e carentes do seu cuidado.

Esse tipo de preocupação era um sofrimento para Paulo. Ele não descansava. Sua preocupação ele chamou de “*peso*”. Ele nunca lamentou ter de carregar esse peso, mas ninguém pode contestar que é muito difícil e dolorido! São dores de um fiel pastor que ama o seu rebanho e quer vê-lo amadurecido.

“Quem se escandaliza, que eu não me inflame?”

Paulo não podia ver um irmão fraco escandalizado que ele não se irasse contra quem o escandalizou. Entre os que vivem no povo de Deus há aqueles que, de maneira imprudente (e até maldosamente), fazem os seus irmãos mais fracos sofrerem, causando-lhes escândalos. Paulo vivia pensando nesses irmãozinhos mais fracos e não conseguia ficar sem sofrer por eles. Quando sabia de algum escândalo causado, logo ele se inflamava contra quem feria a consciência do mais fraco. Ele era profundamente preocupado com o bem-estar de todos os seus irmãos na fé, por essa razão sofria.

Não podemos ignorar esse tipo de sofrimento que consome a vida de um fiel pastor. Esse peso é parte do ministério cristão e é típico daqueles que são líderes do povo de Deus.

Sufrimento causado pela insubordinação

2 Tm 4.14-15 – “Alexandre, o latoeiro, causou-me *muitos males*; o Senhor lhe dará a paga segundo as suas obras. Tu, guarda-te também dele, *porque resistiu fortemente* às nossas palavras.”

Não sabemos exatamente que tipos de males (ou sofrimentos) Alexandre causou a Paulo. É possível que os males causados a Paulo tenham sido por causa de elementos estranhos na doutrina. Precisamos nos lembrar de que Alexandre estava no episódio narrado por Lucas com respeito à deusa Diana (At 19.33). Ele parecia ser um mestre da religião que era seguidor de Paulo, mas havia sido influenciado por algum erro doutrinário pelos adoradores de Diana. Ele informa aos coríntios que ele estava vivendo “em perigos entre falsos irmãos” (2 Co 11.28).

Além disso, Paulo adverte Timóteo de que Alexandre havia “resistido fortemente às nossas palavras” (v.15). Isso implica que Alexandre era insubordinado teologicamente. Ele não concordava com as asseverações de Paulo e se rebelava contra o ensino de Paulo.

Dentro das congregações locais, os obreiros sempre enfrentam aqueles que são insubordinados doutrinariamente. Eles não querem estudar a totalidade das Escrituras e se perdem em loquacidade frívola, em contendas de palavras, em questão de comida, ou outra coisa qualquer. Essas pessoas causam muita dor ao coração do obreiro. Assim como Paulo, todos os ministros da palavra tem sofrimentos por causa da insubordinação doutrinária de muitos crentes.

Hb 13.17 – “Obedecei a vossos guias, e sede submissos para com eles; pois velam por vossas almas, como quem deve prestar contas, para que façam isto com alegria e não *gemendo*; porque isto não aproveita a vós outros.

O autor de Hebreus insta aos seus leitores a tornarem mais fácil o trabalho dos guias espirituais pela obediência. Como os guias espirituais têm a responsabilidade de prestar contas a Deus do rebanho que lhes foi confiado, a ordem para que os crentes sejam submissos aos que os servem, ou seja, os ministros. Quando não há a submissão, o trabalho dos guias espirituais se torna extremamente dolorido, cheio de sofrimentos, ao ponto de autor mencionar o “gemido” que os obreiros emitem quando enfrentam pessoas insubmissas ao trabalho fiel que prestam. Essa insubmissão pode ser de caráter doutrinário ou ético. Seja como for, a insubmissão traz muita dor ao trabalho dos guias espirituais.

Esse tipo de sofrimento é típico e exclusivo dos obreiros das igrejas locais. De ninguém mais!

Sofrimento causado por ciúme e inveja

Sofrimento de José causado pelo ciúme

(Ler Gênesis 37.2-4, 11)

No caso de José o sofrimento que ele veio a Ter foi por causa do ciúme de seus irmãos. Eles todos haveriam de ser líderes do povo, e cada um deles haveria de Ter o seu nome imortalizado nas doze tribos de Israel. Quando todos eram ainda eram potencialmente líderes, o ciúme já se manifestou

entre eles, porque José era mais privilegiado de seu pai e porque ele recebia sonhos da parte de Deus, o que não acontecia com os outros irmãos.

José foi lançado numa cisterna (v.22), foi vendido aos ismaelitas (v.27) e veio a tornar-se um escravo no Egito (v.36).

Tudo isso aconteceu por causa de ciúme. Não é difícil perceber esse tipo de comportamento entre obreiros que vivem em nosso meio, especialmente quando alguns deles percebem que outros foram mais dotados por Deus e tiveram mais oportunidades de desenvolver os seus dons. É impressionante ver como essas pessoas fazem coisa para tentar destruir os que são mais dotados, ou como torcem para que eles caiam de suas posições! Os irmãos de José tinham exatamente esse sentimento e queriam ver José humilhado e caído. Por isso fizeram-no sofrer.

Há obreiros de Deus que sofrem por causa desse tipo de comportamento de seus colegas de ministério. O ciúme causa um tremendo mal-estar para aquele que é mais dotado. Que o diga José do Egito e os demais que já têm passado por esse tipo de tribulação!

O sofrimento de Moisés causado pela inveja

(Ler Números 12.1-3, 8, 10-11)

O caso de Miriã e de Arão com relação a Moisés parece ser mais de inveja. Moisés havia sido mais aquinhoado pelo fato dele Ter audiência pessoal com Deus e também pelo fato de o povo receber de Moisés a palavra de Deus (v.2). Os dois irmãos sentiram-se minimizados pelo fato de não possuírem o mesmo que Moisés possuía. Tomados de inveja, os dois irmãos “falaram contra Moisés” (v.8). Esse é um pecado tão sério que Deus mandou uma enfermidade sobre Miriã (v.10). Por essa razão, Arão reconheceu o seu pecado diante de Moisés e lhe pediu que não imputasse sobre ele as conseqüências do seu pecado (v.11).

A inveja tem atacado dentro da esfera eclesiástica, no meio da liderança do povo de Deus, ainda em nossos dias. Muitas vezes obreiros ficam amargurados quando vêem o sucesso de outros obreiros. Não se trata de ciúme, mas de inveja. O ciúme até pode levá-los a querer superar as suas próprias fraquezas, mas a inveja não. Ao invés de melhorarem, eles querem que os outros sejam diminuídos. Por causa disso, até desejam que os outros colegas, a quem invejam, caiam em pecado, para que possam ficar acima deles, e tripudiar sobre eles.

Quando alguns obreiros têm inveja eles causam um grande mal-estar na vida daqueles a quem invejam. Esse é um sofrimento constante na vida daqueles obreiros aquinhoados que trabalham para o progresso do reino.

Sofrimento causado por questões doutrinárias

Fp 3.18 – “Pois muitos andam entre nós, dos quais repetidamente eu vos dizia e agora *vos digo até chorando*, que são inimigos da cruz de Cristo.”

Se há alguma coisa que causou muito sofrimento em Paulo foi o comportamento teológico de vários líderes nas suas igrejas. As suas cartas pastorais revelam a sua grande preocupação pela situação doutrinária dos líderes do cristianismo do seu tempo.

No texto acima, Paulo considera tão importante a questão doutrinária que ela lhe causa “lágrima nos olhos” por causa daqueles a quem ele chama de “inimigos da cruz de Cristo” por ensinarem uma outra doutrina. Os falsos mestres eram a grande dor-de-cabeça de Paulo, em quase todas as igrejas locais. Paulo tinha o coração pesado por causa de desvios doutrinários. Ele sofria profundamente e seu coração ficava partido quando percebia qualquer cheio de apostasia no seio da igreja.

Os presbíteros de Éfeso foram alertados por Paulo que, depois da sua partida, lobos vorazes haveriam de penetrar no meio do rebanho (At 20.29). Além disso, líderes dentro da própria igreja local deles haveriam de desviar alguns da verdade de Deus (At 20.30). A preocupação de Paulo demonstrada aos presbíteros da igreja de Éfeso aumenta quando ele diz: “Portanto, vigiai, lembrando-vos de que por três anos, noite e dia, não cessei de admoestar, *com lágrimas*, a cada um (v.31). Paulo tinha dores no coração pelo simples pensamento de ver os seus crentes se afastarem do verdadeiro evangelho, como fizeram alguns líderes da igreja da Galácia (Gl 1.). Paulo não era um ministro chorão, emotivo, mas ele possuía sofrimentos que o levavam às lágrimas, especialmente quando o assunto era o abandono da verdadeira fé.

Todo ministro de Deus, especialmente aqueles que possuem os dons relacionados com o ensino, sofrem muito quando percebem que igrejas estão sendo levadas por falsos mestres e falsos profetas. Não há dor maior para esses líderes do povo de Deus do que verem membros de igrejas sendo enganados e levados para o matadouro como ovelhas, sem perceberem o que lhes está acontecendo. Lágrimas vertem de nossos olhos por causa do ensino falso de alguns líderes de nossas igrejas locais.

LIÇÕES PARA O OBREIRO QUE SOFRE

Mostre humildade no sofrimento

2 Co 11.30-31- “Se tenho de gloriar-me, gloriar-me-ei no que diz respeito à minha fraqueza. O Deus e Pai do Senhor Jesus, que é eternamente bendito, sabe que não minto.”

Lembre-se de que no decorrer do capítulo Paulo está tratando do seu sofrimento por amor do evangelho. A tendência da natureza pecaminosa era a de jactar-se pela capacidade extraordinária que Deus lhe deu para enfrentar o sofrimento. Paulo conhecia a sua natureza pecaminosa. Às vezes, ele parece jactar-se das coisas que ele recebe de Deus, mas ao mesmo tempo, ele se corrige e diz: “para que eu não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações, foi-me posto um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte” (2 Co 12.7). Deus lhe mais um sofrimento, para que ele pudesse portar-se maneira humilde na sua presença. Todavia, com o sofrimento, Deus lhe deu novamente a graça de suportá-lo. Não era um sofrimento como produto da punição divina, mas um sofrimento para previni-lo de cometer o pecado da soberba contra o Senhor.

Deus fez Paulo humilde no meio das suas muitas capacidades, ao ponto de Paulo Ter “prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Porque, quando sou

fraco, então, é que sou forte” (2 Co 12.10). Deus humilha o seu servo, para depois exaltá-lo.

Por essa razão, Paulo fala no texto básico que ele não tem nada em que gloriar-se, além da sua própria fraqueza. Essa é a única coisa que realmente lhe pertence: a fraqueza. Ele se torna forte na sua fraqueza simplesmente porque a graça é suficiente para ele, porque o poder dele se aperfeiçoa na fraqueza (2 Co 12.9). Quando Deus quer fazer um homem forte, primeiro ele o deixa fraco. Isso é o mesmo que se Deus houvesse dito: “Eu quero que você, Paulo, seja honrado, mas antes você tem que ser humilhado. É na sua humilhação que você vai reconhecer que o poder está naquilo que eu faço em você. Por essa razão, você será forte com minha graça. Se você se gloriar só pode ser na sua fraqueza, porque você aprendeu com as aflições que eu lhe mandei, que a minha graça suficiente é que torna você forte.”

Mostre alegria e altruísmo no sofrimento

Cl 1.24 – “Agora me regozijo nos meus sofrimentos por vós; e preencho o que resta das aflições de Cristo, na minha carne, a favor do seu corpo, que é a igreja.”

Certamente Paulo estava em prisão enquanto escrevia esta carta (ver 4.10, 18). Nessa situação ele enfrentava muitos incômodos, maus tratamentos. Por essa razão, ele fala em “sofrimentos”, enfatizando o plural. Os seus sofrimentos eram uma prova cabal de que ele havia sido chamado para o apostolado e de que a palavra profética de Jesus Cristo era verdadeira. Jesus havia dito a Ananias, que recusava receber Paulo como irmão, algo que estava agora se cumprindo na vida de Paulo: “Eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo meu nome” (At 9.16).

O que o líder cristão deve fazer diante do sofrimento que lhe é peculiar? Ele deve fazer como Paulo. Ao invés de reclamar ou de maldizer, Paulo teve uma atitude digna de verdadeiro discípulo de Cristo: regozijou-se no meio do sofrimento. Ele disse: “*agora me regozijo nos meus sofrimentos*”.

Esse regozijo não significa que Paulo possuía uma tendência masoquista ou que ele possuía um procedimento doentio de quem gosta de sofrer, mas o regozijo do servo de Cristo, diante do sofrimento, advém do fato do seu sofrimento ter um propósito benéfico para a vida dos seus companheiros de fé. Não é sofrimento em vão! O regozijo no sofrimento é produto da certeza de que outros serão beneficiados com o seu sofrimento.

Observe que Paulo fala no regozijo do sofrimento “*por vós*”. Os cristãos de Colossos (assim como de outras igrejas) eram os beneficiários dos sofrimentos de Paulo. Em que sentido os sofrimentos de Paulo eram em favor deles? Pelos seus sofrimentos, os cristãos das igrejas gentílicas eram fortalecidos na sua fé. Todos os sofrimentos procedentes da sua luta eram visando o benefício da fé dos crentes, a fim de que eles fossem confortados e cada vez mais unidos em amor entre si e que viessem a ter entendimento dos mistérios de Cristo, sendo instruídos e sendo firmes na fé (ver Cl 2.1-5).

Você pode vir a ter sofrimento por causa do nome de Cristo na sua tarefa de líder espiritual, mas lembre-se de que, ao sofrer, você deve regozijar-se porque outros cristãos serão beneficiados no seu sofrimento.

Nunca murmure no meio do sofrimento. Antes, alegre-se pelos propósitos altruístas que devem permear o seu comportamento na hora do sofrimento. Não se coloque como vítima, mas procure enxergar que todas as coisas concorrem para o bem dos que amam a Deus e que estão relacionados com você. Eles serão fortalecidos na fé, encorajados no testemunho cristão ao verem o modo alegre e altruísta do seu sofrimento.

CAPÍTULO 20

OS PROPÓSITOS PROVIDENCIAIS NO SOFRIMENTO

Não existe nenhum evento neste mundo que não seja o cumprimento dos decretos divinos. Sempre haverá aqueles, no meio da igreja cristã, que vão enfatizar que os atos livres dos homens prescindem os decretos de Deus. Eles pensam que um ato livre dos homens não estejam necessariamente conectados com uma decisão do Altíssimo, que tem não somente o controle, mas é escritor de antemão de todas as coisas que acontecem em nossa vida.

Além do mais, os atos que acontecem historicamente são feitos voluntariamente pelos protagonistas da história (que somos nós), mas nunca eles fogem de um plano secreto estabelecido por Deus. Se não fosse assim, como Deus faria com que toda a sua história chegasse ao fim que determinou? Porque Deus é o Senhor absoluto da história, todos os seus atos são planejados (inclusive os sofrimentos de toda a natureza que vêm aos homens), todos os seus atos são realizados (geralmente através de suas criaturas racionais, que são os agentes secundários de todos os atos), e há sentido em todas as coisas que acontecem.

Há propósito para todas as coisas debaixo do sol. Nada é debalde. A fim de que seus planos sejam cumpridos devidamente, Deus põe sentido em todas as coisas que faz. Não há acaso, mesmo nos sofrimentos dos homens. A providência divina tem santos propósitos em tudo o que faz.

Neste capítulo estudaremos os propósitos divinos nos sofrimentos das duas classes de pessoas que compõem a humanidade: os ímpios e os cristãos.

PROPÓSITOS DO SOFRIMENTO ENTRE OS ÍMPIOS

Manifestar o Caráter Santo de Deus

Sl 107.17 – “Os estultos, por causa do seu caminho de transgressão e por causa da suas iniquidades, serão afligidos.”

As dores e angústias que os ímpios experimentam estão enraizadas no seu pecado contra Deus, contra os homens e mesmo contra si próprios. A rebelião contra a lei de Deus é a causa do sofrimento deles. Não é incomum ouvir ímpios (e até mesmo alguns ímpios que são chamados “crentes”) reclamando e dizendo: “Eu não sei porque Deus permite que eu sofra”, ignorando que a causa dos sofrimentos deles é a contínua transgressão da lei divina.

Algumas dessas pessoas vivem por anos pecando contra o Senhor e contra suas leis, desobedecendo abertamente e, quando recebem a paga parcial de seus pecados, ainda se queixam e se perguntam: “Por que eu

tenho sofrido tanto?”. Eles se submetem aos desejos pecaminosos de sua carne, afundam-se em seus pecados, sendo indulgentes consigo mesmos. Além disso, Deus não faz parte da conta deles. Eles ignoram Deus e as suas Palavras. Ainda assim, reclamam das aflições pelas quais vêm a passar.

As aflições que Deus impõe sobre os ímpios são judiciais. As aflições das quais o texto acima fala vêm diretamente de Deus. Elas são uma retribuição pelos pecados dos homens ímpios e, portanto, fazem parte da justiça providencial de Deus que revela o caráter santo de Deus. Essas aflições que vêm sobre os ímpios são doloridas porque são expressão da ira parcial divina sobre os transgressores de suas santas leis. Por causa de sua natureza santa, Deus não pode suportar o pecado, ficando impassível. Uma hora ou outra ele manifesta o seu desprazer contra os ímpios enviando-lhes sofrimentos angustiantes.

Promover a Prática da Justiça

Is 26.9 – “ Com minha alma suspiro de noite por ti, e com o meu espírito dentro em mim, eu te procuro diligentemente; porque quando os teus juízos reinam na terra, os moradores do mundo aprendem justiça.”

Os julgamentos providenciais de Deus se manifestam também em termos de sofrimentos que Deus impõe aos homens ímpios. Visto da perspectiva divina, podemos dizer que os sofrimentos são imposições penais de Deus sobre eles, mas com um propósito definido: para que as pessoas ímpias aprendam a justiça.

A providência divina trabalha de maneira bela, pois um dos instrumentos para fazer as pessoas ímpias conhecerem a verdade é dando-lhes penalidades. É nesse sentido que o sofrimento tem um papel de reforma na vida dos indivíduos e da sociedade. Numa sociedade onde há o sofrimento oriundo da justa punição há também uma volta para a prática daquilo que é reto. Está provado que num lugar onde a justiça funciona, as pessoas aprendem como andar retamente. Se as pessoas não aprendem a obedecer voluntariamente a lei de Deus, elas acabam não infringindo essas leis pelo medo da punição. A manifestação da justiça tem esse efeito salutar na sociedade. O refreamento da pecaminosidade está vinculado, em algum grau, à manifestação da justiça. Quando Deus resolve enviar os seus juízos parciais, o mundo acorda para conhecer a retidão, isto é, a prática de vida de acordo com as leis.

Portanto, se o mundo não manifesta mais maldade do que já pratica é por causa dos sofrimentos que vêm como manifestação da providência divina através dos seus juízos parciais.

PROPÓSITOS DO SOFRIMENTO ENTRE OS CRISTÃOS

Trazer o crente de volta ao Caminho Correto

A dor é megafone que Deus usa para fazer o surdo ouvir o que ele tem a dizer. Quando estamos enfrentando dores e sofrimentos, devemos pedir a Deus para nos fazer ver o caminho correto a seguir, para ajudar-nos em nossa conduta fazendo-nos voltar para o caminho da retidão.

Alguns sofrimentos vindo sobre os cristãos é para acordá-los de seus maus caminhos. É bom lembrar uma teologia errônea que existe no meio de evangélicos de que “aquele que não vem pelo amor, vem pela dor”. Isso soa muito comum e bonito, mas não é a expressão da verdade. Se alguém é trazido de volta para Deus é sempre pelo seu amor. Deus não traz ninguém pela força do seu poder de impingir aflições sobre os homens. Todavia, devemos nos lembrar que o amor de Deus tem vários modos de ser manifestado. Deus pode demonstrar amor com abraços afetuosos ou com a vara da disciplina.

Quando alguém é trazido de volta ao caminho correto, justamente por estar andando em descaminhos, o instrumento de Deus freqüentemente não é o abraço carinhoso, mas a vara da disciplina, que causa dor, mas ainda assim é produto do seu santo amor.

Muitos de nós fomos trazidos de volta ao caminho da retidão por sentir a vara dolorida de Deus batendo sobre nossas vidas. Quando entendemos que é Deus quem faz isso, nosso coração chora, não simplesmente por causa das varadas, mas por ter pecado contra o Senhor. Quando Davi estava andando em pecado com Batseba, Deus mandou o profeta Natã como o seu mensageiro, Davi reconheceu que toda a disciplina pela qual haveria de passar, vinha de Deus.

A vara é útil, porque deixa os vergões do amor de Deus em nossas vidas. Elas fazem bem, porque purificam a nossa alma e nos fazem trilhar o caminho da retidão. A providência amorosa de Deus nos aproxima dele a fim de que ela possa endireitar as nossas veredas.

Quando Deus nos manda aflições, ele tem o mais lindo dos propósitos em nossa vida: ele quer que andemos nas suas veredas, na vereda dos justos.

Salomão disse: “Filho meu, não rejeites a disciplina do Senhor, nem te enfades da sua repreensão. Porque o Senhor repreende a quem ama, assim como o pai ao filho, a quem quer bem” (Pv 3.11-12). Portanto, se você está sendo objeto do amor disciplinador de Deus, por causa de sua vida de pecado, agradeça a Deus porque você é filho amado. Então, ouça a exortação da Palavra dele:

Pv 3.5-7 - “Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento. *Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas.* Não sejas sábio aos teus próprios olhos: *teme ao Senhor e aparta-te do mal.*”

Desenvolver uma capacidade de compaixão pelos outros

Análise de Texto

2 Co 1.4-5 – “É ele que nos conforta em toda a nossa tribulação, para podermos consolar os que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus. Porque, assim como os sofrimentos de Cristo se manifestam em grande medida a nosso favor, assim também a nossa consolação transborda por meio de Cristo.”

Há algumas verdades neste texto que mostram um dos propósitos que Deus tem ao nos enviar sofrimentos.

É Deus que nos conforta no sofrimento

No mundo os discípulos sempre haverão de possuir tribulação. Ela é parte do presente estado de miséria em que vivemos. Todavia, com Deus esse estado de miséria é aliviado. Por essa razão, no verso 3 Deus é chamado de “o Pai das misericórdias e Deus de toda consolação”. Essas qualidades divinas são absolutamente necessárias num mundo cheio de dor e de tristezas. Somente um Deus com essas capacidades essenciais é que pode ser “apelidado” de “o Consolador”. Ele não poderia ser Deus se não possuísse essa maravilhosa capacidade de aliviar as nossas dores, de secar as nossas lágrimas, de sossegar o nosso coração! As suas misericórdias e consolações são muitas em nossas vidas. Ai de nós se elas não fossem derramadas sobre as nossas sofridas almas!

Os apóstolos (e especialmente Paulo) tiveram muitas tribulações que os faziam sofrer duramente. Todavia, Deus nunca lhes enviou sofrimentos sem supri-los com o sua doce consolação. É o Deus que fere através de vários instrumentos, mas é o mesmo Deus que nos “*conforta em toda a nossa tribulação*”.

É Deus que nos capacita para confortar no sofrimento de outros

Os sofrimentos providenciais que Deus manda aos seus filhos têm como finalidade equipar-nos a fim de que nós saibamos fazer com outros que sofrem o mesmo que Jesus Cristo fez conosco.

O sofrimento é uma excelente escola, na qual os servos de Deus se formam e se tornam preparados para exercer aquilo que o próprio Senhor fez conosco. Nunca haveríamos de aprender a fazer algo que não experimentamos pessoalmente. Só Deus conhece algo sem nunca ter experimentado por causa da sua natureza infinita e onisciente. No entanto, todas suas criaturas só podem aprender pela verificação ou pela experiência. Nunca aprenderemos a confortar pessoas a menos que passemos pelo sofrimento e recebamos o conforto divino.

Ora, se o próprio Jesus Cristo, (porque era perfeita e verdadeiramente homem!) teve que aprender a obedecer pelas coisas que sofreu, tendo de experimentar o sofrimento da tentação para poder socorrer os que são tentados (Hb 2.18), quanto mais nós temos de aprender da consolação divina para podermos consolar os que estão debaixo de sofrimento!

É parte da providência divina que passemos por sofrimentos, sejamos consolados, a fim de que aprendamos a exercer, em alguma medida, a misericórdia para com os que vivem em miséria e a exercer a consolação para com os que vivem em sofrimento.

É Deus que envia Cristo para que a nossa consolação transborde por meio dele.

Paulo também aprendeu a glorificar o merecedor de todas as graças que recebemos de Deus. Como recebemos a capacidade de consolar, temos de aprender a glorificar a Cristo, porque toda a nossa capacidade de

confortar é transbordada por meio de Cristo. É através dos seus sofrimentos que ele se compadece de nós e nos habilitar a sermos transbordantes em nossa consolação.

Quando consolamos as pessoas que estão em sofrimento, devemos falar da bondade de Deus demonstrada em Cristo, e proclamar o que Deus tem feito em nossas almas por meio de Cristo.

Tudo o que recebemos vem de Deus. Por essa razão, a glória tem de ser devolvida a Deus. Se somos capacitados para exercer compaixão com outras pessoas sofridas temos de proclamar os sofrimentos de Cristo em nosso favor, assim como a nossa consolação transbordante por meio dele. Ela jorra em nós por causa dele!

Confirmar o Valor da Fé

O sofrimento é um meio que Deus usa para fazer o crente crescer na sua fé. Quando sofrimentos de quaisquer espécies vêm ao crente, ele amadurece na sua fé. Escrevendo aos crentes que havia sido espalhados na dispersão, a quem Pedro chama de “eleitos”, e agora estavam sofrendo tribulações, isto é, sofrimentos da parte de opositores do evangelho. É a eles que Pedro se dirige.

Análise de Texto

1 Pe 1.6-7 – “Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações, *para que o valor da vossa fé, uma vez confirmado*, muito mais precioso do que o outro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo...”

Pedro diz que o Sofrimento é comparado à ação do fogo

A ação do fogo é múltipla. Ele destrói, consome, aniquila, mas a Escritura usa o fogo aqui como um elemento purificador, um elemento que torna o objeto aprovado, aperfeiçoado, confirmado. O processo de confirmação de nossa vida em fé é comparado ao processo da apuração do ouro pelo fogo. O fogo é sinônimo de sofrimento causado pelas provações. Por ele passamos e através deles somos confirmados em nossa fé.

Todavia, a nossa vida é muito mais preciosa mesmo que o ouro mais depurado. O valor da fé confirmada é muito maior do o do outro perecível. A nossa vida de fé confirmada tem duração inextinguível e é muito mais preciosa.

Pedro diz que a Confirmação da fé vem através de sofrimento

Os destinatários de sua carta estavam sendo provados no cadinho das aflições. Não haveriam de sofrer por muito tempo, mas estavam sofrendo para que o valor da sua fé fosse confirmado. Um metal é purificado à medida que o fogo o prova. O fogo é o recurso usado para tornar o metal ainda mais puro. As provações são na Escritura comparadas ao fogo que testa o valor da fé, que é muito mais preciosa do que o ouro. Essa fé amadurecida vai trazer louvor, glória e honra a Cristo no dia de sua vinda.

Pedro diz que a Confirmação da fé vem por uma gama de sofrimentos

O sofrimento possui várias manifestações, não somente uma. Deus usa de vários recursos de sofrimento para causar crescimento no meio do seu povo. Por essa razão, Pedro diz que os crentes seriam contristados “*por várias provações*”. Deus não manda uma somente, mas várias delas. Durante alguns períodos da vida cristã, aqueles que vivem piedosamente, podem enfrentar provação após provação. Não há qualquer indicação que o sofrimento seja apenas de um só tipo.

Pedro diz que a Confirmação da fé pelo sofrimento não é agradável

Esse teste de fé está longe de ser uma experiência agradável. Ao contrário, ele causa lágrimas por causa dos muitos sofrimentos. Por isso o texto diz que eles estavam sendo “*contristados por várias provações*”. As pessoas que passam por sofrimentos crescem e amadurecem em sua dependência de Deus. Quanto mais provados, mais purificados, mas essas provações implicam em sofrimento!

Pedro diz que o sofrimento para a Confirmação da fé vem quando necessário.

Nem todos os cristãos que passaram pelo mundo experimentaram sofrimentos dos quais Pedro falava. Não sabemos quais são os critérios divinos para enviar sofrimentos aos seus filhos. Certamente, ele os envia quando, no seu modo de entender, eles são necessários.

Por esta razão, Pedro fala: “Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, *se necessário*, sejais contristados por várias provações...”. A conclusão que posso tirar dessa passagem é que nem todos sofrem, porque não é necessário que haja crescimento ou confirmação de fé somente por meio de sofrimento. O sofrimento não é algo inevitável, necessário. Nem todo crescimento vem através desse meio, embora muitos cresçam através dele. Deus pode tornar a fé dos crentes confirmada através de muitos outros modos, não necessariamente através do sofrimento.

Todavia, por razões que lhe são suficientes, Deus resolve que em alguns casos torna-se necessário o sofrimento para causar essa confirmação de fé. Por essa razão é que o próprio Pedro diz que sofremos segundo a vontade de Deus (1 Pe 3.17). A necessidade do sofrimento vem em decorrência da vontade de Deus para a nossa vida. No entanto, não há nada que torne necessário o sofrimento, senão a santa vontade de Deus.

Pedro diz que o sofrimento para a Confirmação da fé não é longo

Mesmo que em certas ocasiões o sofrimento possa vir sobre os crentes, ele não permanece para sempre. Pedro diz que os crentes são contristados “*por breve tempo*”. Graças a Deus pela verdade de que os sofrimentos são transitórios! O sofrimento é de duração limitada. Ele não é eterno. Aliás, não podemos nos esquecer de que a duração curta da provação está em contraste com a alegria de que vamos desfrutar no mundo porvir. Não se deve pensar que o sofrimento é curto como alguns minutos ou horas. O “breve tempo” pode durar até toda a existência neste presente tempo como

cristãos, mas o cristão que sofre não deve perder de vista a duração sem fim na qual ele vai existir em bem-aventurança!

Mesmo que o sofrimento dure a noite inteira, a alegria vem pela manhã. A idéia do texto é a seguinte: vocês vão passar por sofrimentos, se isso for necessário, mas não pensem que vocês vão sofrer para sempre. O sofrimento é curto em comparação com a alegria eterna que vocês vão desfrutar. A manhã da alegria vem, mas após a noite de choro. Mesmo que seja curto o tempo, ele pode parecer longo, porque o tempo demora mais a passar quando se está debaixo de provação. Que esta verdade não seja esquecida! Todavia, consolemo-nos na esperança da glória que nos está preparada!

Aperfeiçoar o Caráter do Cristão

Veja Paulo tratando do assunto do sofrimento humano como um meio que Deus usa para aperfeiçoar o caráter dos cristãos:

Análise de Texto

Rm 5.3-4 – “E não somente isto, mas também nos gloriemos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança.”

É curioso que algumas versões americanas traduzem o texto de uma forma diferente da Versão Revista e Atualizada da SBB, que nos ajudam melhor na argumentação do nosso ponto e que não fogem ao sentido real da função das tribulações.

Primeiro, a palavra “tribulações” podem ser traduzidas como “aflições” ou “sofrimentos”. Nada impede que seja assim, pois este é o sentido do texto. Segundo, a palavra “perseverança” pode ser traduzida como “paciência”; Terceiro, a palavra “experiência” em nossa versão, pode ser traduzida também como “caráter provado”. Analisemos esse texto com essas possíveis interpretações.

Segundo, portanto, o raciocínio do texto, podemos perceber um progresso na carreira cristã desencadeado pelo aparecimento das tribulações.

Paulo diz que as aflições produzem a perseverança

A palavra grega usada para perseverança é *hupomone* (hupomone), pode ser traduzida de várias formas: paciência, persistência, constância e perseverança. Seja como for, a finalidade das aflições pelas quais os cristãos passam é criar em neles uma reação correta que mostre a maturidade deles.

Eu li de um homem que possuía um temperamento muito violento. Ele constantemente explodia diante de situações adversas. Certa vez, quando advertido pelo seu mau temperamento, ele replicou: “Outras pessoas já falaram isso para mim, e eu passei a estudar o meu comportamento para ver se isso era verdadeiro. Então descobri que não era verdade o que as pessoas diziam, porque eu nunca me portei assim conquanto eu tivesse as coisas indo do jeito que eu queria.” Uma outra forma de dizer a mesma coisa seria:

“Eu sou paciente quando não há nada que me faça ser impaciente.”¹⁸³ Todavia, não é isso que o texto diz. Quando Deus quer gerar paciência ou criar perseverança em nós, ele nos põe em situações adversas, não em situações que nos dão prazer.

Portanto, os sofrimentos ou aflições nos são enviados para fazer-nos perseverantes, pacientes, constantes, persistentes. Todas essas virtudes têm a conotação de continuação, sem que o desânimo abata os crentes. Deus quer criar em nós em espírito firme, inabalável. E ele faz isso através dos sofrimentos que nos tornam extremamente pacientes. A palavra grega acima pode ser entendida como a característica de um homem que o mantém leal à sua fé e seus propósitos mesmo quando debaixo das maiores tribulações e sofrimentos.

Quando Deus nos manda sofrimentos, via de regra, é para que nós aprendamos a nos portar corretamente diante de tempos de adversidade. Em geral, não crescemos quando estamos em plena calma de problemas. Em todos os ramos, o desenvolvimento aparece em hora de crise ou de sofrimento. É incrível como crescemos em paciência quando entendemos que os sofrimentos são para o nosso bem!

Paulo diz que a Perseverança produz experiência

Esta é parte da reação em cadeia. Assim como os sofrimentos produzem a perseverança (ou paciência, ou constância, ou persistência), esta produz experiência. A tradução da versão Revista e Atualizada traduz este verso da King James Version, que não é feliz nessa tradução porque a palavra “experiência” tomou conotação muito diferente. Uma pessoa com experiência é aquela que passou através de uma situação, não importando que reação ela teve durante a sua “experiência”.

O melhor sentido para a palavra grega dokimh/n (*dokimen*) é o de um “caráter provado”. Certamente, a palavra grega, que é traduzida como “experiência”, não é experiência no sentido moderno da palavra. O sentido real dela é o de alguém que saiu testado e vitorioso no teste, tendo desenvolvido um caráter amadurecido pelos sofrimentos. O próprio Paulo conhecia o desenvolvimento do caráter provado pelos sofrimentos havidos na sua vida de ministro da Palavra. Por essa razão, em suas viagens missionárias, depois de lhes anunciar o evangelho aos discípulos, “fortalecia as almas deles, exortando-os a permanecer firmes na fé; e mostrava que, através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus.” (At 14.22). Uma pessoa de experiência é uma pessoa com um caráter provado, pronta para entrar no reino.

Paulo diz que a Experiência produz esperança.

É comum pensarmos que os incrédulos que passam por sofrimentos não crescem nem ficam perseverantes. A razão é simples: quando os incrédulos passam por sofrimentos, eles não possuem pelo que esperar, exceto mais sofrimentos. Não há esperança de vitória final sobre os sofrimentos. Não há salvador para eles e não há a derrota do mal pelo bem, porque eles não crêem no desfecho que Deus prometeu para o problema dos males que acometem este mundo. O sofrimento do cristão o conduz à

¹⁸³ Citado por Donald Grey Barnhouse, *God's Remedy – God's River*, vol. 2 (Grand Rapids: Eerdmans, 1973), 93.

perseverança, à firmeza, à constância e à paciência porque eles são conectados com a esperança. Há alguma coisa no final que os faz levantar os olhos e augurar a reversão dos fatos. Barnhouse disse que “se alguns cristãos falham em agarrar o triunfo no meio das provações, é porque eles perderam a conexão entre o fogo e o futuro; eles falharam em agarrar a esperança, a laço que prende a dor ao prêmio.”¹⁸⁴ Todavia, para o cristão, o sofrimento é o ponto onde o poder da esperança fica cada vez mais claro, ligando o nosso presente ao futuro de vitória, porque para o cristão, “os sofrimentos do tempo presente não são para comparar com a glória a vir a ser revelada em nós” (Rm 8.18).

2 Co 12.7 – “E, para que eu não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações, foi-me posto um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte”

Paulo fala da necessidade dos sofrimentos da parte de Deus para que ele não se ensoberbecesse. O pecado da soberba é muito comum entre os líderes cristãos, quando estes galgam posições honrosas no meio do povo de Deus. A soberba facilmente atinge o ser humano. Mesmo o crente não foge à regra. Paulo era um grande cristão, sem dúvida alguma. Todavia, sujeito às mesmas paixões que todos nós. Ele também era tentado à soberba.

Então, sabedor supremo de todas as coisas, ele colocou em Paulo um espinho que pudesse frear a soberba do seu grande servo. Paulo reconheceu a função aperfeiçoadora do sofrimento na sua vida. Ele entendeu que o espinho na carne era um instrumento divino para esbofeteá-lo, a fim de que ele não se ensoberbecesse com a grandeza das revelações que lhe haviam vindo. Paulo podia gloriar-se nas muitas coisas que viu, mas Deus segurou a manifestação da soberba em Paulo, com o objetivo de aperfeiçoar o caráter do seu servo. Deus queria um servo humilde e, para isso, usou uma vara certamente dolorida (pois Paulo pediu três vezes que ela fosse removida) para trazer o seu apóstolo ao seu próprio lugar — o de servo — a fim de que somente o seu Senhor — Cristo — fosse glorificado.

De maneira muito feliz, Phillips parafraseou os versos de Romanos, da seguinte maneira:

Rm 5.3-4 – “Isto não significa naturalmente que temos somente uma esperança de alegrias futuras — podemos ser plenos de alegria aqui e agora mesmo em nossas provações e problemas. Entendidas no espírito correto estas coisas nos darão uma constância paciente; isto, por sua vez, desenvolverá um caráter maduro, e um caráter de tal sorte que produz uma esperança constante, uma esperança que nunca nos desapontará.”

Manifestar a Graça Divina

Fp 1.29-30 – *Porque vos foi concedida a graça de padecerdes por Cristo, e não somente de crerdes nele, pois tendes o mesmo combate que vistes em mim e ainda agora ouvis que é o meu.*”

¹⁸⁴ Barnhouse, *ibid.*, 94.

Estamos muitíssimo acostumados com a idéia de que graça unicamente produz coisas agradáveis em nossa vida. A graça produz regeneração, salvação, arrependimento, fé, e todos os outros elementos acompanhantes do processo total da nossa redenção.

Contudo, a Escritura nos ensina que há sofrimento que é produto da graça e não simplesmente resultado dos nossos pecados. Faz parte da vontade de Deus que nós sofram (1 Pe 15.19), e esse sofrimento deve ser considerado alguma coisa extraordinariamente graciosa. Os que sofrem esse tipo de sofrimento deveriam ser considerados agraciados. Não é questão de merecimento porque é sofrimento que o Salvador teve e nós o acompanhamos nisso. Você recebe o que não merece, o sofrimento, porque nisso você se assemelha ao seu Salvador, que também sofreu sem merecer.

Os crentes que sofrem por causa de Cristo devem ser considerados privilegiados porque são comparados a Jesus!

Paulo está dizendo que ele também sofre os sofrimentos de Cristo. Ele convida Timóteo a sofrer como bom soldado de Cristo, porque isso é uma felicidade indizível! Timóteo é convocado a participar dos sofrimentos do seu Salvador. Só pode ser considerado graça esse tipo de sofrimento! É altamente honroso sofrer por causa de Cristo. Por isso, aqueles que têm esse tipo de sofrimento, em vários lugares da Escritura, são chamados de “bem-aventurados”!

Crescer no Conhecimento de Deus

Jó 42.5 – “Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem.”

A fim de entender essa expressão de Jó temos de voltar ao princípio do seu livro. Como muitos cristãos hoje, Jó possuía um conhecimento teórico de Deus. Ele ainda não havia experimentado as várias facetas que Deus apresenta de si mesmo nas Escrituras.

Certamente Jó tinha ouvido falar da soberania providencial de Deus, mas nunca havia provado pessoalmente a sua vontade soberana. No entanto, no meio do sofrimento, ele entendeu experimentalmente da vontade soberana de Deus em sua vida, quando disse: “Porque as flechas do Todo-poderoso estão em mim cravadas, e o meu espírito sorve o veneno delas” (Jó 6.4; cf 16.13). Depois de passar muito sofrimento, ele conheceu de verdade a soberania de Deus no envio dos sofrimentos pelos quais passava.

Certamente Jó havia ouvido do poder de Deus, mas nunca havia experimentado esse poder. Então, resignado mas consciente de todas as coisas que lhe havia acontecido, disse: “Bem sei que *tudo podes*, e nenhum dos teus planos pode ser frustrado” (Jó 42.2). Poucos escritores bíblicos referem-se a Deus com tanta constância como Jó quando fala de Deus, o Todo-poderoso!

Então, ele confessa a sua ignorância sobre quem Deus de fato era. A sua confissão de conceitos errôneos sobre Deus é claramente mostrada quando ele diz: “...falei do que eu não entendia; coisas maravilhosas demais para mim, coisas que eu não conhecia” (Jó 42.3b).

Somente após passar pelas muitas aflições ele exclama: “*Eu te conhecia só de ouvir*”(v.5^a). Era um conhecimento teórico, um conhecimento não empírico. Então, após a experiência do sofrimento, ele tem um conhecimento experiencial de Deus, porque ele agora conseguiu vê-lo frente à frente (“*mas agora os meus olhos te vêem*”). O sentido do verso é: “Eu já tinha ouvido falar de ti, mas agora eu o conheci pessoalmente, eu te vi face a face”.

As verdades teóricas que ele havia ouvido sobre Deus são no final de seu livro comprovadas pela experiência. No princípio, o conhecimento que Jó possuía de Deus era de ouvir. No final da sua vida o seu conhecimento era comprovadamente experiencial. Ele havia crescido no conhecimento de Deus. Somente quando passamos por situações de sofrimento é que nosso conhecimento de Deus aumenta e temos comprovadamente em nossa vida a idéia que tínhamos sobre quem Deus era, quando no princípio cremos.

Portanto, se Deus dá a você, cristão, sofrimentos, é parte de sua obra providencial, para que você conheça cada vez mais e melhor quem ele é!

APLICAÇÃO

Quando você estiver sofrendo pelas mais variadas razões, lembre-se de que você não é um desafortunado, mas uma amado de Deus. Os sofrimentos que Deus lhe tem mandado são maneiras belamente estranhas para lhe fazer bem à vida.

— Ele tem trazido você de volta ao caminho dele, que é o caminho da vida, endireitando as suas veredas tortuosas. Você imaginou se Deus não lhe houvesse mostrado o seu amor disciplinador, onde você estaria ainda? Certamente, ainda estaria comendo as alfarrobas dos porcos, à semelhança do filho pródigo, que andava por descaminhos, mas Deus tem sido bondoso com você! Isso é maravilhoso. Sozinho, você nunca voltaria a trilhar os santos caminhos. Louve o seu santo Nome por esse propósito tão nobre de Deus em sua vida!

— Ele tem ensinado você a ter compaixão com os outros que sofrem através do sofrimento que ele lhe envia. Nunca você seria capaz de Ter compaixão de sofredores se, em alguma medida, você não tivesse experimentado os sofrimentos da parte do Altíssimo. O sofrimento tem sido um instrumento que o grande Professor tem usado para ensinar você a nutrir compaixão por outras pessoas. Bendiga a Deus pelas suas preciosas aulas!

— Ele tem confirmado o valor da sua fé, através das tribulações pelas quais ele faz você passar. Os sofrimentos possuem um caráter fortalecedor, tornando a sua fé amadurecida, firme, bem enraizada, cheia de vigor. Deus tem feito grandes coisas na vida daqueles que sofrem perseguições ou passam por outros tipos de tribulações. A fé provada é altamente desejável! Se você tem sido provado e purificado, bendiga a Deus, porque ele quer fazer de você um vaso limpo, depurado, preparado para toda boa obra.

— Ele tem aperfeiçoado o seu caráter. Que grande necessidade temos de que Deus nos amadureça, aperfeiçoando todas as coisas que compõem o nosso caráter. Ele tem nos feito Ter paciência, perseverança, esperança, coisas essas tão pouco desenvolvidas na vida de muitos crentes. Como fogo

purifica os metais, Deus está nos burilando, aperfeiçoando e tornando você uma pessoa cheia de experiência. Como precisamos na igreja contemporânea de pessoas desse quilate! Deus o ajude a ser uma pessoa assim”

— Ele tem manifestado a sua graça sobre você. Todas as coisas mostradas acima são propósitos gratiosos. A graça divina permeia todas as obras de Deus na vida dos seus filhos. Nunca há qualquer obra na vida dos seus amados que não seja obra de sua graça. O texto básico usado foi o de Filipenses que afirma que é graça divina sofrer por causa do seu nome. Considere-se um bem-aventurado por sofrer, especialmente se esse sofrimento vem por causa do seu amor ao nome do seu Redentor!

— Ele quer que você cresça no conhecimento dele. Você já conhece muitas coisas sobre Deus, mas ele quer que você o conheça experimentalmente, que você perceba o quanto ele é soberano, paciente, amoroso, gracioso, etc. Esse conhecimento é mais profundo quando você experimenta a sua mão sobre sua vida através de sofrimentos. Então o seu conhecimento é íntimo, experiencial, provado. É assim que ele quer que você o conheça. Não somente de ouvir falar dele, mas de senti-lo bem perto ou ainda, bem dentro de você. Esse é o maior privilégio que um ser humano pode ter: conhecer o Senhor do universo que digna-se mostrar-se a você!

Todos os sofrimentos pelos quais você passa são um indício de que Deus está trabalhando na sua vida. Nunca murmure por causa das suas aflições. Lembre-se de que Deus tem propósitos em tudo o que ele faz em sua vida e aprenda a ver nisso tudo a sua grande e maravilhosa graça!

CAPÍTULO 21

OS FRUTOS DA PROVIDÊNCIA NO SOFRIMENTO

Há vários frutos que a obra providencial de Deus produz em nós através do dolorido, mas precioso instrumento do sofrimento. Ele não é sem propósito em nossa vida. Aliás, não há nada que acontece conosco e em nós, os seus filhos, que não concorra para o nosso bem. Esta verdade é cantada por todos os lados, mas nem sempre conseguimos vê-la quando nós somos vítima de sofrimentos. Quando não percebemos os propósitos, dificilmente vemos os frutos. Estes são o resultado dos propósitos de Deus.

Esta capítulo é para que vejamos os proveitos que podemos tirar do sofrimento que Deus nos manda.

OBEDIÊNCIA

Este primeiro fruto é absolutamente fundamental para a vida dos cristãos porque sem a obediência não podemos agradar a Deus, pois ela é produto da fé. Das coisas que Deus requer de seus filhos, a que mais se destaca na Escritura é a obediência. Deus ordena fé àqueles que vão se tornar seus filhos, mas Deus requer obediência daqueles que já são seus filhos.

A obediência é um dos frutos que Deus gera em nós, através de alguns instrumentos: um deles é o sofrimento, como obra da providência divina em nossas vidas.

Vejamos primeiro a obediência como fruto do sofrimento do Salvador e, então, a obediência como fruto daqueles por quem Jesus Cristo morreu.

A Obediência de Cristo como produto do Sofrimento

A obediência está freqüentemente ligada ao sofrimento, mesmo na pessoa do Redentor. Este é um instrumento divino para ensinar aos homens como andar de conformidade com as regras de Deus. E esse relacionamento entre sofrimento e obediência está vinculado a Jesus Cristo.

Jesus Cristo é o Filho de Deus inculpável, separado dos pecadores, absolutamente santo e, por causa dessas qualidades, parece até estranho falar dele como um aprendiz da obediência. Mas é exatamente isso que o texto bíblico nos informa. Veja-o:

Análise de Texto

Hb 5.7-8 – “Ele, Jesus, nos dias da sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem o podia livrar da morte, e tendo sido ouvido por causa da sua piedade, embora sendo Filho, *aprendeu a obediência pelas cousas que sofreu.*” (cf Hb 2.10)

Há algumas expressões que precisam ser devidamente entendidas neste texto, a fim de não nos metermos em inconsistência teológica.

Observe a expressão “nos dias da sua carne” –

Esta deve ser entendida neste texto como sendo os dias em que ele viveu entre nós no estado de humilhação. Foi o período entre a sua fase não encarnada e o estado de exaltação. Esses dias duraram aproximadamente 33 anos. Ele não poderia passar pelos sofrimentos que sofreu fora desse período. Antes da encarnação porque não possuía a natureza humana; depois da exaltação porque a obra da redenção dos pecadores já havia sido terminada. Não mais humilhação! Os dias de sofrimento foram “*nos dias de sua carne*”.

Observe a expressão “a quem o podia livrar da morte, e tendo sido ouvido”

Se não devidamente analisada, esta expressão pode causar um grande mal-entendido. O texto diz que Jesus foi atendido nessas suas orações. Nós é que precisamos compreender que ele não pediu para não ser morto, mas para ser livre da morte, isto é, para não ficar sob o poder da morte. Na verdade, ao terceiro dia, ele foi liberto da morte, quando ressuscitou dos mortos (At 2.27).

Observe a expressão “súplicas e orações”

Estas foram devidas aos sofrimentos pelos quais passava. Os sofrimentos que suportava eram em razão dos pecados dos homens a quem substituía. No Getsêmani Jesus suou como gotas de sangue que caíam sobre a terra (Lc 22.42, 44). Súplicas e orações são coisas próprias não da divindade, mas da humanidade de Jesus Cristo.

Observe a expressão “com forte clamor e lágrimas”

Ela explica as agonizantes dores com as quais e por causa das quais orava. O sofrimento agonizante de Jesus Cristo foi o teste final para a sua obediência. O sofrimento de Jesus Cristo começou na sua encarnação, mas eles se tornaram atrozes, pois se manifestaram em lágrimas e orações que revelaram imensa dor, principalmente na última semana, quando esteve no jardim do Getsêmani e na agonia culminante da cruz. Nesses lugares, nosso Redentor “aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu” no meio de “*forte clamor e lágrimas*”.

Observe a expressão “aprendeu pela obediência pelas coisas que sofreu”

Esta expressão aponta para o sofrimento como um grande mestre. A despeito de ser impecável, nosso Redentor era um ser humano. E um ser humano normal possui um desenvolvimento e nele Cristo aprendeu coisas. Teve que aprender como obedecer. E o instrumento que Deus usou foi o sofrimento. Lembre-se de que no Getsêmani, diante do sofrimento iminente, ele teve temor e, então, orou ao seu Pai: “Se possível, passa de mim este cálice” . Todavia, ele acrescentou: “Não seja feita a minha vontade mas a tua”. Ele aprendeu a obedecer no meio do sofrimento. Este é um

instrumento precioso que Deus usa também para fazer os seus outros filhos obedecerem.

No caso de Jesus Cristo o sofrimento causou nele um aprofundamento de obediência ou desenvolvimento dela, porque ele nunca foi um desobediente.

A Obediência dos Cristãos como produto do Sofrimento

Paulo era um homem que aprendeu a obediência através do sofrimento. Desde o começo do seu ministério, Deus o expôs ao sofrimento para lhe mostrar que, no caso dele, era necessário que ele sofresse pelo nome de Cristo. Deus não exige isso de todos os seus ministros, mas exigiu de Paulo, porque Deus lhe iria ensinar a obediência.

At 9.15-16 – “Mas o Senhor lhe disse: Vai, porque este é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel; pois eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo meu nome.”

Paulo sofreu muito por causa dessas palavras de Jesus Cristo, na realização do seu ministério. Paulo teve a sua obediência aperfeiçoada, no desenvolvimento do seu caráter, através do sofrimento que lhe sobreveio.

Há muitos textos nas Escrituras onde é dito que Paulo sofreu muito (veja como exemplo o texto de 2 Co 11.16-28). Deus burilou o caráter de Paulo através do sofrimento, ensinando-o a obedecer.

Pedro foi outro homem que aprendeu a obedecer em meio ao sofrimento. Ele é o que mais fala sobre o sofrimento e da bem-aventurança de passar por ele. Foi também Pedro que escreveu aos que estavam sofrendo (1 Pe 1.6) a quem chamou de “filhos da obediência” (1 Pe 1.14).

Análise de Texto

1 Pe 4.1-2 – “Ora, tendo Cristo sofrido na carne, armai-vos também vós do mesmo pensamento; pois aquele que sofreu na carne deixou o pecado. Para que, no tempo que vos resta na carne já não vivais de acordo com o as paixões dos homens, mas segundo a vontade Deus.”

Há algumas questões que precisam ser respondidas nesses difíceis versos. Como ministros da Palavra não podemos ler um texto sem entender o seu significado. Abaixo segue uma tentativa de ajudar o leitor a entender o significado profundo do texto, a fim de que ele compreenda a relação entre o sofrimento e a obediência.

Assim como Jesus obedeceu pelas coisas que sofreu, assim também nós devemos aprender a obediência pelos sofrimentos que vêm da parte de Deus. Todavia, entendemos que a razão dos sofrimentos de Cristo e dos cristãos é diferente. Vejamos a análise dos versos.

O significado de “sofrido na carne”

Qual é o significado de “sofrer na carne”? A idéia de “carne” aqui provavelmente signifique natureza humana. Contudo, essa natureza

humana estava sofrendo porque ela foi assumida pelo Verbo com todas as conseqüências do pecado daqueles a quem ele representou e por quem morreu. A encarnação do Verbo trouxe sofrimentos à Pessoa do Redentor porque foi uma encarnação que incluiu os elementos humilhantes da queda. Por isso, ele sofreu aflições na alma e dores no corpo. O sofrimento de nosso Redentor foi grande. Na verdade, ninguém pode compreender a medida dos sofrimentos de Cristo porque são sofrimentos de um ser absolutamente santo.

Os cristãos também estão sujeitos ao sofrimento da carne, mas por razões diferentes, como veremos abaixo.

O significado de “deixou o pecado”

Essa expressão é bastante intrigante. Logo vem a pergunta: Qual é o significado de “deixou o pecado”? “Como poderia aquele que nunca pecou deixar de pecar?” Como pode ser dito de Jesus Cristo, que é santo, inculpável, separado dos pecadores (Hb 7.26), que ele haveria de deixar de pecar?

O entendimento literal de “deixou o pecado” é inconsistente com o ensino geral da Escritura com respeito a Cristo. Portanto, o sentido que vamos dar a essa expressão é diferente do literal. Talvez o problema esteja numa tradução melhor. Alguém traduziu essa expressão como “*ele descansou do pecado*”¹⁸⁵. Por que Cristo sofreu na carne? Por causa do pecado. Pecado de quem? Do seu povo. Então, quando Cristo terminou sua obra Redentora aqui neste mundo, ele descansou do pecado, isto é, ele não foi mais sofreu as conseqüências judiciais do pecado, que vinham de Deus.

Ele nunca havia pecado pessoalmente. Todavia, ele foi tratado como pecador porque estava no lugar de pecadores. Quando o tratamento judicial de Deus terminou, ele ficou livre do pecado, isto é, ele deixou de receber as conseqüências do pecado. Não podemos interpretar literalmente o pecado como sendo algo que Jesus cometeu. A interpretação que devemos dar à expressão “deixou o pecado” é a mesma que devemos dar àquela que diz que “Deus o fez pecado por nós” (). Cristo não tornou-se pecador, mas foi tornado aquele que tomou o lugar dos pecadores para receber a penalidade deles. Portanto, quando é dito que ele “deixou o pecado”, devemos entender como tendo deixado de sofrer por causa dos pecados daqueles por quem morreu, por ter terminado a sua obra.

A Obediência dos cristãos como resultado do sofrimento

Os cristãos são instados a deixar o pecado como produto do sofrimento pelos quais passam. A obediência aos mandamentos de Deus são uma conseqüência do instrumento divino do sofrimento.

Os sofrimentos que vêm ao nosso corpo e à nossa alma, quando passamos pela fornalha da aflição, a escória é retirada de nós a fim de que fiquemos purificados como acontece com o ouro quando é provado. O sofrimento pelo qual passamos nos ensina a obedecer, a ter o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que foi obediente às últimas conseqüências.

¹⁸⁵ Ver John Brown, *Expository Discourses on First Peter*, vol. III (Evansville, Indiana: The Sovereign Grace Book Club, 1958), 25 (nota de rodapé 1).

O texto fala que assim como Cristo sofreu na carne, “armai-vos também do mesmo pensamento”. Que pensamento? O mesmo que Jesus Cristo teve: O de abandonar as paixões dos homens obedecendo a vontade de Deus. Isto foi o que Cristo sempre fez. Como já vimos acima, Cristo, pelos seus sofrimentos, abandonou todas as conseqüências que o pecado lhe causou quando assumiu o nosso lugar. Cristo sofreu como penalidade judicial pela nossa substituição.

Todavia, há alguma coisa em nós que é diferente de Jesus Cristo no que diz respeito aos sofrimentos e ao deixar os pecados.

O nosso Redentor, divinamente enviado e qualificado, assumiu a natureza humana, sofreu violenta e severamente obedecendo até a morte, e morte de Cruz. Seus sofrimentos foram penais — pelos pecados —, sendo sua execução, uma execução penal, que manifestou a justiça divina em desagrado pelo pecado daqueles por quem Jesus morreu. Ele não morreu por causa dos seus próprios pecados, mas por causa dos nossos. “O Justo pelos injustos” sofreu, tornando-se “maldição em nosso lugar”. Seus sofrimentos foram expiatórios

Nós sofremos, não como resultado de penalidade por causa de nossos pecados, mas para aprendermos a abandonar os nossos pecados, a não fazermos mais as coisas que costumamos fazer e que entristecem ao nosso Deus. Através dos sofrimentos, podemos aprender a obedecer para abandonar, não simplesmente as conseqüências do nosso pecado (o que certamente acontecerá no final de nossa redenção), mas a idéia aqui é o abandono do pecado em si mesmo, porque o texto fala nas paixões dos homens em contraste com a vontade de Deus. Essas paixões o Senhor Jesus não teve mas, como pecadores que somos, as temos. Portanto, devemos aprender a obedecer a Deus a fim de abandonarmos as paixões dos homens nos dias que nos restam nesta presente existência (leia os versos 3 e 4).

Há casos em que o sofrimento como produto do desagrado divino provoca endurecimento, ao invés de abandono do pecado. Foi assim com o povo de Israel no deserto quando a ira de Deus veio sobre eles, eles pecaram ainda mais (Sl 78.31-32). Depois do sofrimento, alguns obedecem temporariamente, mas o seu coração é falso (Sl 78.34-37). Quando o sofrimento vem sem ser expressão da graça divina, ele não produz os frutos devidos. Todavia, essa não é a regra. Muitos há que são purificados pelo sofrimento, que é o instrumento divino para ensinar a obediência. Por essa razão, o salmista diz: “Bem-aventurado o homem, Senhor, a quem tu repreendes, a quem ensinas a tua lei, para lhe dares descanso dos dias maus...” (Sl 94.12-13). As aflições são úteis para aqueles que estão para se tornar filhos da obediência. O alvo do cristão é, pela obediência, abandonar os pecados não vivendo mais de acordo com as paixões dos homens, mas segundo a vontade de Deus.

Quem sofre o sofrimento que procede de Deus acaba aprendendo, como Cristo, pelas coisas que sofre. Portanto, eu posso dizer que Deus produz a obediência em nós. Bendito seja ele por isso!

CERTEZA DE AGRADAR A DEUS

O primeiro fruto tratado foi o da obediência. Este segundo é uma conseqüência imediata do primeiro. Aquele que obedece a Deus o agrada. Perceba que o contexto dos versos abaixo está dentro do ensino geral sobre a obediência que nos leva à santidade.

Análise de Texto

1 Pe 2.18-23 – (18) “Servos, sede submissos, com todo temor aos vossos senhores, não somente aos bons e cordatos, mas também aos perversos. (19) *Porque isto é grato*, que *alguém suporte tristezas, sofrendo injustamente*, por motivo de consciência para com Deus. (20) Pois, que glória há, se, pecando e sendo esbofeteados por isso, o suportais com paciência? Se, entretanto, quando praticais o bem, *sois igualmente afligidos* e o suportais com paciência, *isto é grato a Deus*. (21) Porquanto para isto mesmos fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos, (22) o qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca, (23) pois ele, quando ultrajado, não revidou com ultraje, quando maltratado não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente.”

O texto está ensinando sobre obediência (v.18)

Esse é o contexto da carta de Pedro. Há vários assuntos nela, mas a idéia de obediência a Deus para o abandono dos pecados prevalece e se torna destacada. Pedro chama seus leitores de “filhos da obediência” (1 Pe 1.14).

Todavia, você não deve se esquecer de que Pedro está ensinando dentro de um contexto social bem diferente do nosso. Era uma época onde havia senhores e escravos, uma situação bem mais forte do que a idéia de patrões e empregados, com os direitos sociais que estes últimos têm adquirido em tempos recentes. Muito diferente e muito desleal era o tratamento que alguns senhores davam aos seus escravos.

No entanto, Pedro ordena a obediência debaixo de qualquer tipo de senhorio, seja ele bom ou mau. Obviamente, a seqüência do texto aponta para a obediência debaixo de circunstâncias desfavoráveis, que é a obediência debaixo de um senhor mau.

O texto está ensinando obediência debaixo de sofrimento (v.19-20).

Pedro está ensinando que não há vantagem alguma sofrer (ser esbofeteado) por causa de pecado. Não há glória alguma nisso (v. 20). A glória do cristão está em sofrer injustamente, por causa da verdade, por causa da prática do bem. Somente debaixo de um senhor mau é que a obediência pode trazer muito sofrimento. Não há nenhum sofrimento quando se possui um senhor cordato e bom. Quando se está debaixo de um senhor mau, o servo obediente suporta tristezas porque ele sofre injustamente.

Neste texto Pedro está falando de servos obedientes que sofrem violência física (“esbofeteados”) por praticar o que é bom.

Esse tipo de sofrimento debaixo de injustiça é uma das coisas mais duras de suportar. Mas é justamente aqui, debaixo de humilhação de pessoas injustas, que Deus aperfeiçoa o nosso caráter. Não é vantagem alguma ser obediente a quem ama, mas é glorioso aprender a obediência quando todas as circunstâncias são desfavoráveis.

O texto está ensinando que devemos imitar Cristo nesse sofrimento de obediência (v.21)

Cristo é exemplo de sofrimento injusto. Nunca ninguém sofreu tão injustamente como ele. Ele até lamentou certa vez que o odiaram sem motivo (). Nunca ele havia feito nada de mal aos seus algozes. Nunca os ofendeu, nunca os tratou ofensivamente e, no entanto, foi tratado com tanta falta de justiça! Não há nenhuma dúvida de que muitos cristãos são também chamados para ter os mesmos sofrimentos de injustiça, simplesmente por fazerem o que são chamados para fazer o que o seu Salvador sempre fez — o bem.

Os sofrimentos de Cristo foram primariamente vicários, sofrimentos impostos pela justiça divina sobre aquele que tomava o lugar de pecadores. Todavia, não podemos nos esquecer de que os sofrimentos de Cristo podem ser experimentados, em alguma medida, por aqueles por quem ele morreu e ressuscitou. Isto significa que estes devem aprender a sofrer como Jesus Cristo, pois têm que aprender a seguir os seus passos. Todos os que andam em verdadeira obediência a Cristo certamente sofrerão por fazer o bem. Aprender o caminho da obediência debaixo dessas circunstâncias é tremendamente humilhante, mas glorioso! Devemos aprender com o nosso Redentor, pois ele sofreu para que seguissemos os seus passos.

O texto está ensinando a reação que devemos ter debaixo desse sofrimento (v. 21-23)

O grande segredo não é sofrer injustamente por causa da prática do que é bom, mas é a reação que temos diante do sofrimento. Muitos lamentam e maldizem quando o sofrimento aparece, mas Pedro diz que devemos aprender a sofrer com paciência (v.20). A nossa maturidade espiritual não deve ser medida pela quantidade de sofrimento que experimentamos, mas pelo modo como reagimos aos sofrimentos que Deus nos manda.

Jesus Cristo foi modelar também nisto. Ele sofreu pacientemente, indo para o matadouro como ovelha muda, sem abrir a sua boca. Ele não revidava com ultraje, mesmo quando ultrajado; não fazia ameaças quando maltratado. O seu comportamento diante do sofrimento foi exemplar e somos chamados a ter o mesmo comportamento. Assim como foi o Mestre, assim devem ser os discípulos.

O texto está ensinando que essa obediência sofrida agrada a Deus (v.19-23)

É esse tipo de comportamento diante do sofrimento que agrada a Deus. A virtude do sofrimento não está em sofrer (mesmo que esbofeteamento) por causa dos pecados, mas em sofrer por causa da

injustiça, de modo paciente, como Jesus Cristo. Sofrer por causa da prática do bem é glorioso tanto para o crente como para o seu Senhor, especialmente quando esse sofrimento é sucedido de uma reação de paciência, de resignação e de atitude de ternura!

Quando sofreu, Cristo entregou-se “àquele que julga retamente”. Isto é pura mansidão! Ele não reivindicou direitos, ele não deu o troco, mas confiou-se nas mãos do justo juiz. É esse tipo de atitude diante do sofrimento que agrada a Deus. Assim o cristão deve portar-se. Afinal de contas, a finalidade última de toda atividade cristã é fazer tudo que possa agradar a Deus. Não há nada mais sublime que o cristão possa fazer neste mundo!

Quando isto acontecer na vida de um cristão, então ele já terá entendido que o sofrimento é parte da obra providencial de Deus na sua vida!

CERTEZA DE CONSOLAÇÃO

Um outro fruto que Deus produz na vida dos cristãos através dos sofrimentos é o da certeza de que eles serão consolados. Paulo deixa essa idéia muito clara na sua Segunda Carta aos Coríntios.

Análise de Texto

2 Co 1.6-10 – “(6) Mas, se somos atribulados, é para o vosso conforto e salvação; se somos confortados, é também para o vosso conforto, o qual se torna eficaz, suportando com paciência os mesmos sofrimentos que nós também padecemos. (7) A nossa esperança a respeito de vós está firme, sabendo que, *como sois participantes dos sofrimentos, assim o sereis da consolação.* (8) Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a natureza da *tribulação* que nos sobreveio na Ásia, porquanto foi acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos da própria vida. (9) Contudo, já em nós mesmos tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós, e, sim, no Deus que ressuscita os mortos; (10) o qual nos livrou e livrará de tão grande morte, em quem temos esperado que ainda continuará a livrar-nos...”

Há alguns pontos que precisamos entender sobre o sofrimento aqui neste texto:

Que há propósitos divinos nos sofrimentos dos cristãos (v.6)

Que a igreja de Corinto estava passando por sofrimentos está absolutamente claro do texto. Todavia, nenhum sofrimento que vem aos filhos de Deus é sem propósito. A mão soberana de Deus envia os sofrimentos a Paulo para fazer duas coisas importantes na vida dos coríntios: (1) para conforto deles; (2) para a salvação deles.

Os sofrimentos de alguns sempre têm um propósito benéfico. Deus não nos traz nada sem que haja algum benefício para aqueles que vêm nossa dor. Os verdadeiros cristãos são abençoados e confortados nos sofrimentos dos outros. É assim a metodologia divina. O que é dolorido para uns pode ser de grande conforto para outros!

Esses propósitos demonstram claramente que somos membros uns dos outros, porque o que acontece a uns afeta a outros. Não somos desligados uns dos outros. Uns sofrem para que outros sejam confortados; outros sofrem para outros ainda sejam salvos. Cada um coopera em favor uns dos outros. Os crentes são instrumentos através dos quais Deus cumpre os seus propósitos de fazer o seu povo ser salvo e crescer em graça.

Que a consolação divina é proporcional aos sofrimentos (v.7)

Depois da falar dos sofrimentos Paulo, por fim, encoraja os sofredores de Corinto. Paulo possuía uma certeza de que os sofredores seriam consolados. Por isso diz que “ a nossa esperança a respeito de vós está firme”. A firmeza da confiança dele tem a ver com a consolação de Deus. Deus não abandona os seus no meio do sofrimento. Ele pode até não tirar o sofrimento do cristão durante a vida inteira, mas ele não o deixa sem consolação. Assim como Deus faz com que o sofrimento venha, assim também ele faz com a consolação.

A consolação é o passo seguinte do sofrimento. Nunca um cristão foi desapontado por Deus por ficar sem a sua doce consolação. “É Deus quem nos conforta em toda a nossa tribulação” (v.4). Ninguém pode fazer essa tarefa tão bem quanto Deus! Nós até podemos aprender a consolar mas ele é a própria consolação!

Por essa razão, Deus é chamado por Paulo de “o Pai das misericórdias e o Deus de toda consolação!” (v.3), que deve ser bendito para sempre!

O grande fruto do sofrimento do cristão é que certamente ele será consolado. Nesse sentido, mais do que ninguém, o cristão é bem-aventurado quando chora, porque ele é consolado!

Que os sofrimentos que os cristãos passam podem ser fortíssimos (v.8).

Se Deus quiser, ele pode poupar muitos cristãos de sofrimentos e tribulações, mas isso não é regra. Há aqueles que pensam que quando as pessoas se tornam cristãs, elas são livres de problemas e que a vida delas será somente um mar-de-rosas, mas essas pessoas estão muito enganadas. Somos informados por Jesus Cristo de que neste mundo haveríamos de ter tribulações, mas que tivéssemos bom ânimo. As tribulações e os sofrimentos fazem parte da vida do cristão. Todavia, há horas em que os sofrimentos vêm com grande força, ao ponto de ficarmos sobremodo afligidos.

Neste texto Paulo não está falando de probleminhas, nem está tratando de pouco sofrimento, mas considerou o seu sofrimento como sendo “*acima de nossas forças*” (v.8) Não somos da natureza dos sofrimentos, mas temos certeza pela veemência de suas palavras que forma singulares na vida do apóstolo. Era tão grande esse sofrimento que Paulo experimentou que ele chegou a “*desesperar da própria vida*” (v.8). Deus faz com que alguns de seus servos passem por sofrimentos atroz e não é estranho quando vemos alguns deles querendo morrer, a fim de que descansem de suas fadigas. A nossa fé em Cristo não nos isenta de grandes sofrimentos.

Que devemos aprender a confiar em Deus nas horas de tribulação (v.9-10)

Os sofrimentos que vêm aos cristãos às vezes são tão fortes que não resta outra alternativa senão pensar que vamos morrer. Por isso Paulo fala em “desesperar da própria vida” (v.8). É como se estivéssemos “*sentenciados à morte*”. O propósito dessa profunda dor é para que os que sofrem aprendam a não depender de suas próprias forças, mas a confiar em Deus. Essa confiança em Deus, todavia, não implica necessariamente em livramento do sofrimento. A idéia de Paulo é: “Ainda que venhamos a morrer por causa do sofrimento, temos que confiar nos Deus que ressuscita os mortos”. Paulo pensava em que ia morrer de tão grande era o sofrimento, mas ele tinha confiança no Deus que haveria de ressuscitá-lo. É verdade que Deus poderia até evitar que ele sofresse mais, mas Paulo vai a extremos em sua confiança. Pelo menos, pensava ele, quando eu morrer, eu sei que viverei novamente porque o meu Deus é poderoso até para ressuscitar os mortos, e eu serei ressuscitado no último dia!”. Além dessa confiança até as últimas conseqüências, Paulo havia sentido que as suas tribulações eram constantemente aliviadas pelo Deus consolador e, ainda, possuía a certeza de um livramento consolador que continuaria para sempre.

Deus nos envia sofrimentos para que aprendamos a confiar nele e não nos homens.

Que podemos aprender a consolar os outros (v.4)

Paulo diz que “é ele que nos conforta em toda a nossa tribulação, para podermos consolar os que estiverem em qualquer angústia, com a consolação que nós mesmos somos contemplados por Deus.

Além dos propósitos dos sofrimentos de Paulo serem benéficos para outras pessoas, Deus ensinou a Paulo que os sofrimentos que recebemos é-nos útil a fim de que aprendamos a confortar os que estão em sofrimento. Fazemos isto quando compartilhamos com eles as nossas experiências doloridas e lhes contamos das ternas misericórdias do Senhor. Deus nos dá experiências a fim de que sejamos habilitados para o exercício do conforto de outros que sofrem. As experiências pessoas nessa área são muito importantes quando se trata de conforto. Somente as pessoas provadas no cadinho da aflição podem entender com mais precisão aqueles que estão no meio da aflição e têm condições de trazer o conforto com o qual foram também consolados.

LIBERTAÇÃO

2 Tm 3.10-12 – “Tu, porém, tens seguido de perto o meu ensino, procedimento, propósito, fé, longanimidade, amor, perseverança, as minhas perseguições e os meus sofrimentos, quais me aconteceram em Antioquia, Icônio e Listra, — que variadas perseguições tenho suportado! *De todas, entretanto, me livrou o Senhor.* Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos.

Paulo teve, como já vimos anteriormente, muitas perseguições e sofrimentos. No entanto, ele faz uma afirmação confortadora: “*De todas,*

entretanto, me livrou o Senhor”. Que tipo de livramento é esse? Este texto quer dizer que Deus não nos deixa passar pela tribulação (como alguns querem que ele diga!)? Não. O ensino é que Deus nos livra do meio da tribulação, a saber, ele não permite que sejamos atribulados indefinidamente, e também significa que um dia nunca mais passaremos pelos sofrimentos. Ele possui um aspecto presente e um aspecto futuro. No presente há o alívio e o consolo no meio das tribulações. No futuro, a eliminação dos sofrimentos e das tribulações.

Graças a Deus o sofrimento é passageiro. Com isso, quero dizer que ele não durará para sempre. Há um tempo em que Deus põe fim ao sofrimento de seus filhos. É por causa disso que o apóstolo Pedro diz: “Ora, o Deus de toda graça, que em Cristo vos chamou à sua eterna glória, depois de terdes *sofrido por um pouco*, ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar” (1 Pe 5.10). A eterna glória sucede ao período de sofrimento nesta presente vida. O salmista confortadoramente nos informa que “o choro pode durar a noite inteira, mas que a alegria vem pela manhã”
()

BEM-AVENTURANÇA

Este é o elemento mais estranho que pode haver, quando olhado do ponto-de-vista do mundo incrédulo. A bem-aventurança no sofrimento pode cheirar loucura ou mesmo masoquismo na cabeça de muitos incautos ao interpretarem as Escrituras. Todavia, há uma certa abundância de afirmações dizendo da felicidade que existe no sofrimento dos cristãos, principalmente quando o sofrimento vem em razão de nosso amor a Cristo.

A bem-aventurança do sofrimento por causa da Justiça

Mt 5.10 – “Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.”

Infelizmente, na mentalidade dos homens comuns, a idéia de bem-aventurança está relacionada simplesmente com as coisas agradáveis aos sentidos. Nunca lhes passa pela mente que a bem-aventurança possa ter uma outra fonte e um outro instrumento.

Como o cristianismo é uma espécie de contra-cultura, os seus conceitos sempre causam estranheza às pessoas que vivem a cultura mundana. Jesus ensinou no Sermão do Monte que a felicidade pode ter origens diferentes, como a produzida pelo sofrimento. Ser bem-aventurado para Cristo é muito diferente de ser bem-aventurado para o mundano, porque as cosmovisões de ambos são muito diferentes. Cristo ensinou que é uma felicidade indizível e cheia de glória passar por perseguições pelo fato do cristão apresentar-se com justeza diante de Deus e dos homens.

Por causa da justiça (ou retidão), os cristãos genuínos são perseguidos quando a vida de piedade deles é notada na sociedade. Quando a luz tenta dissipar as trevas, isto é, quando os filhos da luz tentam se confrontar conceitualmente com os filhos das trevas, estes reagem negativamente e passam a perseguir os filhos da luz, porque os conceitos de Deus batem de frente com os conceitos das trevas. A piedade incomoda a impiedade assim

como a justiça incomoda a injustiça. A reação é a perseguição que os cristãos passam a receber.

No entanto, ao invés de ensinar os seus irmãos menores a revidarem, Jesus lhes ensina: “Considerem-se felizes, bem-aventurados, por sofrerem por causa da justiça!”

Análise de Texto

1 Pe 3.14-17 – “(14) Mas ainda que venhais a sofrer por causa da justiça, *bem-aventurados sois*. Não vos amedronteis, portanto, com as suas ameaças, nem fiqueis alarmados: (15) antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vossos corações, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós, (16) fazendo-o, todavia, com mansidão e temor, com boa consciência, de modo que, *naquilo em que falam contra vós outros*, fiquem envergonhados os que *difamam o vosso bom procedimento em Cristo*, (17) porque, se for da vontade de Deus, é melhor que sofraís por praticardes o que é bom do que praticando o mal.”

Pedro seguiu o exemplo do seu Mestre e Senhor repetindo a mesma verdade aos destinatários de sua carta, que eram homens e mulheres que estavam passando por tribulações. Ele próprio foi vítima de sofrimento por fazer o que é reto. Então, Pedro faz algumas recomendações aos crentes sofredores:

A Razão secundária do sofrimento

Há duas expressões que justificam a razão secundária do sofrimento, que é procedente dos homens.

Difamação por causa da justiça

Os sofrimentos aqui mencionados por Pedro tinham origem nos homens por causa da difamação. Perceba que o verso 16 usa duas expressões que nos ajudam a compreender o sofrimento que o cristão pode passar por causa da retidão. Ele fala: “*naquilo que falam contra vós*” e fala que os homens “*difamam o vosso bom procedimento em Cristo*”. Sempre os cristãos que andam em retidão serão perseguidos porque a retidão deles causa um mal-estar na vida dos que vivem impiamente, atrapalhando os negócios deles, trazendo-lhes embaraços. Um dos meios que os ímpios usam para evitar essas coisas é tentar colocar o cristão numa situação de vergonha. Como eles fazem isso? Falando contra eles coisas que não são verdadeiras. Por isso Pedro menciona que eles “*difamam o vosso bom procedimento em Cristo*”. Muitos cristãos retos têm sido difamados, porque é a única maneira de envergonhá-los até que seja comprovado que eles não são culpados daquilo que falam contra eles. Esse tipo de difamação traz sofrimento para os cristãos. Somente aqueles que foram vítimas de difamação é que sabem que dores ela traz.

Um dos pecados dos judeus que levou Jesus à cruz foi difamação (Mt 26.59). Eles fizeram tudo para desacreditar a retidão do Salvador. Se fizeram isso com ele, certamente farão com os que são seus seguidores. Por isso, ele

disse: “Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós”. Poucos sofrimentos causam tanta dor como a difamação de uma pessoa justa.

Ameaças por causa da justiça

Mas o sofrimento por causa da justiça não termina aí. Além de difamarem os cristãos, Pedro diz que os homens ímpios fazem ameaças. “Não vos amedronteis, portanto, *com as suas ameaças*” (v.14). A retidão dos cristãos causa tanto mal-estar na vida dos ímpios ao ponto de não bastar a difamação. Eles têm que fazer ameaças para fazerem os crentes calarem na sua retidão. Nesta ameaça está implícita a denúncia que os homens justos fazem contra as injustiças praticadas na sociedade. Ora, a fim de ficarem protegidos e de não serem acusados justamente, os ímpios fazem ameaças aos cristãos para que eles não evidenciem a sua retidão, porque faz parte da retidão a denúncia do erro. Se o cristão se cala no meio da impiedade, ele consente. E se ele consente, então se torna cúmplice da impiedade. Certamente, o leitor deve verificar que, por detrás das ameaças, está a denúncia do erro.

Ora, todos que os que vivem sob ameaça sofrem. É muito difícil viver acuado com medo da retaliação dos ímpios. Na verdade, muitos (mesmo os não-crentes) hoje vivem numa sociedade extremamente corrupta com medo de denunciar a corrupção e serem mortos. *Mutatis mutandi*, esta é a situação quando o império das trevas reina numa sociedade. Há cristãos neste mundo que sofrem pelo fato deles próprios serem praticarem a retidão.

A Razão Primária do sofrimento

Pedro formula um pensamento correto, que é expressão da revelação divina. Ele entende que, por detrás de todos os atos maus dos homens, ameaçando e difamando os cristãos, causando-lhes grandes sofrimentos, está uma vontade maior, que é a vontade providencial de Deus.

“Porque, *se for da vontade de Deus*, é melhor que sofraís por praticardes o que é bom do que praticando o mal” (v.17). Os ímpios fazem o que lhes é próprio, trazendo sofrimento para os justos, mas sem o saber, estão cumprindo uma vontade última, a de Deus. Se não fosse da vontade decretiva de Deus, nunca haveríamos de sofrer. É verdade que os homens são os agentes causadores do sofrimento humano, mas quando nós sofremos, em última instância, é por causa da vontade soberana de Deus.

Com essa “teologia” em mente, Pedro sugere que é melhor que soframos por fazer o bem do que por fazer o mal.

A Reação negativa diante do sofrimento

O verso 14 ordena duas atitudes negativas¹⁸⁶ diante dos sofrimentos causados pelas ameaças e pela difamação. Veja o que Pedro diz: “*Não vos amedronteis, portanto, com as suas ameaças, nem fiqueis alarmados*” (v.14).

Não se amedrontar

É como se Pedro tivesse dizendo aos seus leitores sofridos e perseguidos e por causa da justiça: “Vocês não devem ter qualquer temor de serem justos. Continuem vivendo retamente, não importa a difamação ou a

186 Por atitudes negativas em quero dizer uma atitude onde você não tem de fazer alguma coisa, mas sim deixar de ter medo e deixar de ficar alarmado.

ameaça que eles possam fazer.” Alguns deles certamente estavam com medo dos homens maus e do que eles podiam fazer. Pedro tenta encorajá-los a enfrentar o sofrimento sem qualquer temor.

Medo de quê? Por causa da justiça os cristãos eram difamados e ameaçados. Eles poderiam temer perder propriedades, perder a reputação, perder amigos, perder a vida – serem presos, torturados, etc. Havia razão para muitos temores, mas Pedro os encoraja a não terem medo dessas coisas. Afinal de contas, o único a quem devemos temer é a Deus, mas como ele está por detrás de todos esses sofrimentos nossos, então é bom aprender a descansar nele, santificando a Cristo em nossos corações.

Não ficar alarmado

Os cristãos que sofriam por causa da retidão não deviam ficar alarmados. Afinal de contas, eles não eram os únicos crentes que sofriam no seu tempo. Não era novidade sofrer por causa da justiça.

Dirigindo-se aos mesmos leitores, Pedro lhes diz que “sofrimentos iguais aos vossos estão-se cumprindo na vossa irmandade espalhada pelo mundo” (1 Pe 5.9). Eles não estavam sozinhos nos sofrimentos e tribulações. Por essa razão, não deviam ficar espantados ou perturbados como se alguma coisa fora do normal tivesse acontecendo especificamente com eles. Afinal de contas, o próprio Cristo já havia previsto que isso aconteceria. Nenhum alarme devia haver no meio dos cristãos.

A respeito dessas duas expressões acima, é provável que Pedro tivesse em mente aqui uma antiga exortação de Isaías, que ensina que se os crentes temer alguém é a Deus, antes que os homens, e se alguém deve se espantar, deve ser espantar com o que Deus faz. Veja o profeta:

Is 8.12-13 – “Não chameis conjuração a tudo quanto este povo chama conjuração; não temais o que ele teme, nem tomeis isso por temível. *Ao Senhor dos exércitos, a ele santificai; seja ele o vosso temor, seja ele o vosso espanto.*”

A Reação positiva diante do sofrimento

Assim como existe uma atitude negativa diante do sofrimento, há também atitudes positivas, onde o cristão é chamado para fazer alguma coisa:

Santificar a Cristo nos corações (v.15)

A Escritura diz que Cristo é majestoso, santo, sem mancha alguma, separado dos pecadores. Se ele é tudo isso, então o que significa a expressão “*santificai a Cristo em vossos corações*”?

Significa pensar dele como o Santo; significa retirar do seu coração qualquer idéia de impureza, erro, mutabilidade, imperfeição. Significa pensar dele em seu coração todos os seus mais altos ideais que você possa ter; significa estimá-lo e amá-lo, temê-lo e respeitá-lo em seu coração; significa dedicar a ele toda a sua afeição e tratá-lo como ele merece.

Quando você estiver sofrendo, olhe para o alto, lembre-se de Cristo, ponha o seu pensamento nele e lhe dê toda a glória que o mundo não sabe

dar; honre o seu nome, louve a sua beleza e formosura, adore-o obedientemente, bendiga-o por sua redenção. Quando você estiver sofrendo por causa da sua retidão, lembre-se de quem sofreu muito mais por você, sendo ainda muito mais reto que você. Ao invés de Ter o coração cheio de temores e alarmado, santifique a Cristo em seu coração, que é uma atitude interior do mais profundo do seu ser. Ninguém consegue ver essa santificação de Cristo. Só ele vai perceber e abençoá-lo por essa atitude positiva para com o seu Redentor.

Por último, você santifica ao Senhor quando, no meio do sofrimento, você não tem temor e não fica alarmado. Você santifica o Senhor quando não tem nenhum temor do que os homens possam fazer. Essa é a melhor maneira de você santificar a Cristo. É uma atitude de espera pela intervenção do Senhor, tendo temor e espanto daquilo que o Senhor pode fazer. Esse é o ensino de Isaías 8.12-13, que transcrevemos logo acima (Leia também Salmo 34.9-10, 17, 22).

Estar preparado para responder (v.15)

Quando você estiver sofrendo por causa do temor e das ameaças que os homens ímpios lhes tentam impor, esteja de guarda contra a tentativa deles, estando preparado para lhes dar uma resposta correta.

Responder a quem?

A todo os que pedem a razão da nossa crença ou do nosso comportamento de justiça. O questionamento vem porque os ímpios acham absolutamente estranho o comportamento destemido e sem espanto dos cristãos.

Responder sobre o quê?

“A todo aquele que vos pedir *razão da esperança que há em vós*”(v.15). Os cristãos que estão expostos ao sofrimento, são sempre questionados em sua esperança. Os cristãos têm muitas esperanças que os faz agir como agem. Eles têm esperança de glória, esperança de vida eterna, esperança de ter vitória sobre tudo o que é mal. Há muita esperança na alma do cristão que os faz viver com destemor e desassombro.

Responder de que forma?

Com que atitude devo responder ao questionamento dos ímpios? Através de Pedro, Deus nos ensina providencialmente como devemos nos comportar debaixo das pressões em que os ímpios nos colocam.

— “Com mansidão e temor”(v.16) - Qualquer resposta que implique um princípio espiritual (ou seja sobre a esperança que há em nós), deve ser dada com um espírito de mansidão e cheio de reverência para com aquele que é, em tudo, a nossa esperança. Nunca devemos agir precipitadamente, com jactância ou orgulho, mas com um espírito de ternura e temor, como sempre fez o nosso Salvador quando argüido pelos seus adversários.

— “Com boa consciência” (v.16) – A nossa resposta deve provir de lábios que revelam uma consciência sem temor de condenação da parte de Deus, porque ela não está corrompida pelos maus pensamentos (cf. Hb 9.14;

2 Tm 1.3). A boa consciência é aquela que é perdoada e tem convicção da sua limpeza em e por causa de Cristo Jesus, que por nós morreu (v.18).

Responder dessa forma com qual propósito?

O propósito do nosso comportamento e das respostas às inquirições sobre a nossa esperança é envergonhar os difamadores (v.16). Observe que no verso 16 Pedro nos recorda o que os ímpios nos fazem. Eles nos fazem sofrer por “daquilo que falam contra nós” por causa “do nosso bom procedimento em Cristo”. Então, recordando, por causa da nossa retidão é que sofreremos. Todavia, a melhor maneira de responder às inquirições dos ímpios sobre as razões da esperança que há em nós é sermos mansos e cheios de boa consciência. Quando preenchemos esses requisitos divinamente prescritos, então colocamos os adversários debaixo de vergonha. Contra fatos não há argumentos. Ninguém poderá vencer-nos nem derrubar-nos quando procedemos do modo de Deus. O próprio Deus se encarrega de envergonhá-los diante da vida de retidão dos seus filhos amados.

O Fruto da Bem-aventurança no Sofrimento

“Mas ainda que venhais a sofrer por causa da justiça, bem-aventurados sois” (v.14).

Não há dúvida de que Pedro tinha em mente o Sermão do Monte que o seu Salvador pregou. Ele repetiu a mesma idéia de Mateus 5.10. É como se Pedro houvesse dito aos seus leitores: “Felizes são vocês quando os homens injuriam ou insultam vocês; Felizes são vocês quando perseguem vocês e fazem acusações falsas a vocês, mesmo a despeito de vocês viverem tão retamente como vocês têm vivido.”

Não pode haver nenhum senso de vergonha ou de diminuição para quem sofre por causa da justiça. Ao contrário, os cristãos devem considerar uma grande honra sofrer em virtude da difamação e, em última instância, por causa da sua obediência às leis de Deus — a vida de retidão.

Pedro está falando da bem-aventurança de ser perseguido por causa da retidão! Somente os que têm sofrido por isso é que sabem do gozo interior que existe em sofrer afrontas por ser obediente a Deus. Que exultem esses sofredores! Levantem os olhos para o Alto e vejam a glória que os espera! Alegria e ânimo, sofredores! Esse é o grande fruto do sofrimento que vocês precisam colher!

A bem-aventurança do sofrimento por causa de Cristo

Mt 5.11 - Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós.

A razão maior do sofrimentos dos cristãos está na pessoa de Jesus Cristo. Os ímpios odeiam a Cristo, mesmo que alguns não saibam disto, justamente porque a graça comum ainda paira sobre eles. Todavia, quando Deus os entrega a si mesmos, eles vão manifestar o seu ódio a Jesus Cristo. Como não poderão expressar o seu ódio diretamente a Cristo, eles o manifestarão aos seguidores de Cristo. Os apóstolos não foram perseguidos

enquanto Cristo estava no meio deles. O ódio foi dirigido diretamente a Cristo, que disse: “odiaram-me sem motivo” (cf. Jo 15.18-20; 1 Co 4.9), mas logo que Jesus subiu ao céu, a perseguição começou a vir sobre os seus discípulos. Todos os apóstolos sofreram perseguição por causa do nome de Cristo, inclusive aquele que havia perseguido a Jesus Cristo — Paulo. Jesus claramente disse a Paulo, enquanto ele perseguia os seguidores do Caminho: “Saulo, Saulo, por que *me* persegues?” Jesus sabia que o ódio era dirigido a ele, não aos seus discípulos porque eles eram simplesmente seres humanos. Os ímpios não perseguirão os cristãos pelo fato deles serem más pessoas ou boas pessoas, mas pelo fato deles estarem vinculados ao nome de Jesus.

O santo Nome incomparável, de Jesus o Salvador, é o nome odiado que leva os crentes a serem perseguidos por causa desse nome. Um nome amado por uns (os seus remidos) e odiado por outros (os que não foram remidos). Um mesmo nome, ao mesmo tempo, sendo objeto de amor e de ódio.

No entanto, Jesus diz aos seus seguidores: “*Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós.*”

Certamente lembrando-se do Sermão do Monte, Pedro faz a mesma assertiva:

1 Pe 4.14 – “Se, *pelo nome de Cristo* sois injuriados, *bem-aventurados sois*, porque sobre vós repousa o Espírito da glória e de Deus.”

Se você for chamado para sofrer por causa do nome de Cristo, nunca se envergonhe disso. Considere uma grande honra, porque isso significa que você é objeto da obra do Espírito da glória, que é o Espírito de Deus. No fechamento da história, quando todas as coisas deste tempo presente se completarem, você o verá “vindo nas nuvens com poder e glória” e você se considerará, juntamente com os seus irmãos, o mais bem-aventurado dentre os seres humanos. Nesse tempo, você terá a sua maior bem-aventurança por presenciar o desfecho da história (tal como ela é hoje) e verá a inauguração do dia eterno, onde o mal será banido e o bem triunfará (cf 2 Ts 1.7-10). É por isso que você será bem-aventurado se sofrer hoje pelo nome de Cristo. Glorifique a Deus com esse nome”

APLICAÇÃO:

A fim de que você possa entender a idéia de bem-aventurança, aprenda a contrastar o tempo presente com o tempo futuro. Para usar uma terminologia bíblica, eu diria do contraste entre a presente era e a era vindoura.

Contraste a era presente com a era vindoura

Rm 8.17-18 – “Ora, somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo: *se com ele sofrermos, para que também com ele sejamos glorificados*. Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não são para comparar com a glória por vir a ser revelada em nós.”

Devemos viver uma vida de doce expectativa neste mundo porque não podemos olhar somente para o que está acontecendo agora. As coisas do agora devem ser vistas com as lentes da fé e, até onde é possível, olhar da perspectiva do que vai acontecer no futuro. O sofrimento com ele hoje é a garantia da glória na manhã da sua glória.

Quando você, cristão, estiver sofrendo (especialmente por causa da justiça e do nome de Jesus Cristo) olhe para a frente, para o dia glorioso, e aprenda a contrastar o tempo de hoje com o tempo de amanhã. Não precisamos ficar alarmados com o que está acontecendo (e ainda vai acontecer em futuro bem próximo com respeito aos sofrimentos) neste mundo. Isso tudo já foi predito pela Escritura. O que nos resta é olhar com os olhos da realidade para o que experimentamos e hoje e com os olhos da fé a glória que ainda está por ser revelada a nós e em nós.

Pedro tem a mesma perspectiva escatológica da expectativa da alegria incontida que está para acontecer conosco. Por ora recebemos ainda sofrimentos para fortalecer a nossa fé, mas tempo chegará quando, depois de apurados pelo fogo, haveremos de experimentar o contraste em forma de extremo gozo. Observe as palavras do apóstolo, que veio a ser um grande mártir da fé cristã:

Pedro encoraja os outros crentes sofredores no meio da perseguição e terem uma reação de alegria por participarem dos sofrimentos de Cristo, mas a sua meta final no ensino é apontar-lhes para o grande contraste do gozo perfeito no dia da glória de Cristo.

1 Pe 4.14 – “...*Alegrai-vos* na medida em que sois co-participantes dos sofrimentos de Cristo, para que também *na revelação de sua glória vos alegreis exultando.*”

A alegria e a bem-aventurança dos versos acima está enraizada no fato de os crentes perseguidos serem “co-participantes dos sofrimentos de Cristo”. A alegria não está em si mesma nos sofrimentos, porque seria anatural alegrar-se nas coisas doloridas, mas ela está fundada no privilégio de sofrer pelos mesmos motivos que o Redentor sofreu, compartilhando dos seus sofrimentos.

O que significa ser participante dos sofrimentos de Cristo? Significa que você tem comunhão com Cristo, andando nos mesmos passos do Salvador, que foi um homem de dores. É algo extremamente honroso compartilhar alguma coisa de Cristo.

Alegramo-nos em ser participantes dos sofrimentos de Cristo já neste tempo presente quando temos os nossos olhos voltados para o futuro. Não há como escapar da esperança gloriosa do final. Se podemos nos alegrar agora, quanto mais no tempo da revelação da sua glória. Nesse tempo a alegria será acrescentada da exultação, que é a alegria em altíssimo nível, inigualável neste presente momento, porque ainda não é o tempo da vitória.

Todavia, quando o dia da vitória chegar, a manifestação da nossa bem-aventurança será como nunca foi nesta terra, mesmo nos momentos mais alegres.

Por essa razão Paulo falou que os sofrimentos deste tempo presente não são para comparar com a glória a vir a ser revelada em nós.

1 Pe 1.6-7 - “Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações, para que o valor da vossa fé, uma vez confirmado, muito mais precioso do que o outro perecível, mesmo apurado por fogo, *redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo...*”

Pedro fala do contraste entre o “já” e o “não ainda” da vida cristã, do estágio em que agora vivem e do que ele viverão no dia de Cristo.

No aqui e agora Cristo é o objeto das afeições dos crentes, mas ele está ausente, sua presença gloriosa ainda não é vista por eles. Há um sentido em que ele é imperfeitamente conhecido deles, pois o que eles conhecem dele é apenas pela fé. Nas amanhã ele será conhecido deles e o seu relacionamento com eles será presencial. Não mais fé, mas realidade.

No aqui e agora eles estão expostos às provações de muitas maneiras; no amanhã eles serão enriquecidos com múltiplas formas de gozo, sem os resultados dos sofrimentos de agora.

No aqui e agora eles já estão salvos, mas a realidade plena da salvação deles ainda não se manifestou, porque ainda sofrem os resultados deste mundo caído, e vivem pela fé na Palavra de Cristo; amanhã, todavia, eles experimentarão o gozo da sua plena salvação, porque eles estarão face a face com Cristo.

No aqui e agora eles experimentam um antegosto de alegria, porque ela é misturada com muitos sofrimentos, mas amanhã a alegria deles será indizível e cheia de glória. Uma outra maneira de dizer a mesma coisa é: tristeza agora (embora com vislumbres de alegria), mas plena alegria amanhã (embora, sem nenhum resquício de tristeza)!

No aqui e agora eles vivem pela fé no Cristo ausente; no amanhã eles viverão com o Cristo presente e que visível aos seus olhos. Hoje contemplam pela fé; amanhã contemplam a realidade do gozo eterno. Não mais sofrimento.

Contudo, tanto o sofrimento quanto a alegria presente e a alegria gloriosa do futuro devem ser reconhecidas como parte das obras providenciais de Deus na vida dos seus filhos amados, a fim de que eles sejam aperfeiçoados nesta presente até que chegue a era vindoura.

CAPÍTULO 22

TIRANDO LIÇÕES DA PROVIDÊNCIA DIVINA

A obras da providência não são sem propósito. Um deles é para que o leitor possa aprender com as obras providenciais de Deus. Há uma porção de lições básicas que não podem cair no esquecimento.

Este é um dos capítulos finais deste livro e tem o propósito de ensinar-nos alguns princípios básicos sobre a providência, de advertir-nos contra o mau uso da providência e nos ensina atitudes corretas diante das obras providenciais de Deus.

APRENDA OS PRINCÍPIOS DA PROVIDÊNCIA DIVINA

TODOS OS SERES HUMANOS TRABALHAM PARA DEUS

Todas as pessoas são servas de Deus e cumprem os planos de Deus. Não há ninguém que escape de ser um funcionário da administração divina neste mundo. Uns trabalham mais visivelmente, outros menos. Uns cumprem alegre e desejosamente as decisões divinas obedecendo aos seus preceitos; outros a cumprem ignorantemente e sem qualquer desejo de fazer a vontade preceptiva de Deus, mas somente a sua própria vontade. Uns trabalham com alegria sabendo que estão obedecendo às prescrições do Senhor do universo; outros desobedecem abertamente a Deus, mas sem saber estão cumprindo os decretos divinos neste mundo. O certo é que todos os seres humanos possuem funções na realização do grande plano do Deus eterno, para que a história chegue ao seu final, exatamente do jeito que Deus disse que seria.

Em sua administração deste mundo Deus usa os homens crentes e os incrédulos para que, em todos os seus detalhes, cada evento determinado venha a ser realizado. Todos os seres humanos e os seres espirituais (mesmo o Diabo!) estão a serviço de Deus. A fim de que entendamos os propósitos de Deus em tudo, vejamos apenas apenas mais um texto que fala de como homens maus podem ser funcionários da administração divina, além de muitos outros que já estudamos em capítulos anteriores.

Análise de Texto

Pv 16.1-4 – “(1) O coração do homem pode fazer planos, mas a resposta certa dos lábios bem do Senhor. (2) Todos os caminhos do homem são puros aos seus olhos, mas o Senhor pesa o espírito. (3) Confia ao Senhor as tuas obras, e os teus desígnios serão estabelecidos. (4) O Senhor fez todas as coisas para determinados fins e até o perverso, para o dia da calamidade.”

Este texto apresenta verdades incontestáveis sobre a ação providencial de Deus naquilo que o homem planeja e naquilo que Deus decide fazer. Nem

sempre as duas coisas vem juntas. Nem sempre o que o homem planeja combina com o que Deus decreta fazer. Este texto lança alguma luz sobre esses problemas.

Os Planos dos Homens e o Plano de Deus

Fazer planos é características de seres racionais. Como Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, tanto um como outro possuem essa capacidade. Todavia, não somente a capacidade de fazer planos é diferente como também a capacidade de realizá-los.

Os planos que os homens fazem

“O coração do homem pode fazer planos” (v.1).

O homem nunca fica sem fazer planos. Grande parte do tempo dos homens consiste no planejamento da vida deste mundo. Nada acontece ao acaso da vontade dos homens. Tudo o que eles fazem é, via de regra, resultado de ações planejadas. É responsabilidade dos homens fazer planos. Literalmente, o texto hebraico significa “ao homem pertencem os planos, as preparações do coração”.

Como os homens foram criados à imagem de Deus, e uma das reflexões dessa imagem é o uso da mente para comparar idéias, situações, comparar resultados ou conseqüências. É típico de seres inteligentes, criados à imagem de Deus, fazerem planos. Não é errado planejar a vida, mesmo em alguns detalhes.

Não estou dizendo que o homem é capaz de realizar tudo o que planeja, mas tudo o que acontece no mundo, seja bom ou mau, tem o seu nascedouro no coração dos homens. Frequentemente, eles maquinam mal nos seus corações. As ações más são produto das maquinações dos corações dos homens.

O plano que Deus faz

“mas a resposta certa dos lábios vem do Senhor” (v.1).

Esta frase parece não ter nada a ver com o nosso assunto, mas tem. Os lábios dos homens são simbólicos daquilo que dizemos e do que planejamos fazer. Podemos planejar, mas quando vamos agir, Deus é quem tem a última palavra. As nossas palavras não são importantes como as palavras decisórias de Deus. Em outras palavras, o que nós fazemos é o resultado da palavra última (que é a de Deus), a resposta certa. Todavia, o que planejamos e não fazemos é simplesmente a palavra que vem de nós e, como não temos poder para contrariar a palavra última, a nossa palavra fica sem efeito.

Quando os homens planejam sem levar Deus em conta, é muito provável que os seus planos não funcionem. Quando o homens planejam eles têm de colocar Deus no meio dos seus pensamentos, a fim de que eles não esbarrem na vontade mais forte do Todo-poderoso. Os homens têm os seus planos mas os do Senhor prevalecem sobre os dos homens. Aqui vale novamente a máxima de que os homens propõem e Deus dispõe. Todavia, eu não posso deixar de crer que os planos dos homens são realizados somente quando os de Deus o são. Quando os homens planejam diferente do planejamento de Deus (que é secreto!), nada do que os homens planejam é

realizado. A resposta certa é a que vem da boca do Senhor. Quando o Senhor decide então acontece.

A Avaliação dos Homens e a Avaliação de Deus

A Avaliação que os homens fazem de si mesmos

“Todos os caminhos do homem são puros aos seus olhos” (v.2).

Os juízos que os homens emitem sobre si mesmos é parcial e imperfeito. Frequentemente os homens possuem uma boa opinião sobre si mesmos e sobre o seu planejamento. Muitos deles até possuem uma opinião sobre si mesmos além do que convém. Eles se acham ótimos naquilo que planejam. Em sua própria estima eles consideram os seus planos não somente bem feitos, mas também moralmente sem qualquer problema. Eles são confiantes no seu sucesso porque confiam que as suas próprias palavras combinam com os planos dos corações deles.

Porque os padrões morais deles são baixos, eles se acham ótimos no que fazem. A real pureza não faz parte das decisões ou dos propósitos deles. Eles é que pensam que os seus caminhos são puros porque o conceito de pureza deles está muito aquém dos padrões divinos. Eles não entendem que a justiça que eles pensam Ter não passa de trapo de imundície (Is 64.6). Eles julgam-se sábios aos seus próprios olhos.

A avaliação que Deus faz dos homens

“mas o Senhor pesa o espírito (v.2b)

A avaliação que os homens fazem de si mesmos e dos seus planos esbarra na avaliação que o próprio Deus faz dos homens. O sentido do texto é que Deus avalia as disposições íntimas do homem. Deus avalia os intentos e os propósitos do coração.

Os homens são enganados pelos seus próprios corações, mas Deus não é enganado por nada, porque ele conhece perfeitamente quem o homem pecador é. Deus tem todos as coisas íntimas dos homens perfeitamente claras em sua mente. Nada foge do conhecimento do Senhor. A Escritura diz que “todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas” (Hb 4.13). Por essa razão, é dito que o Senhor pesa o espírito, isto é, ele pesa o coração e suas intenções.

A avaliação que Deus faz de nossos atos e das nossas intenções que estão escondidas atrás dos atos deveria nos fazer tremer. Depois de dizer que o Senhor é o juiz de todos os seus atos, veja o que Paulo diz aos Coríntios:

1 Co 4.5 – “Portanto, nada julgueis antes do tempo, até que venha o Senhor, o qual não somente trará à plena luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios do corações; e, então, cada receberá o seu louvor da parte de Deus.”

Quando você fizer as suas decisões, lembre-se de que elas são totalmente monitoradas por Deus. Nada escapa aos seus olhos atentos. Você pode enganar os homens quando você faz alguma coisa, mas não a Deus. Ela pesa todos o seu coração quando você planeja. Ele conhece todas as

suas intenções e propósitos. O julgamento que Deus faz dos planos dos homens, pesando o espírito deles, é de acordo com as suas próprias santas leis. E Deus não erra em sua avaliação.

Portanto, ande limpo na presença do Senhor e esteja atento para fazer todos os seus planos em sintonia com a vontade revelada de Deus, mas ainda assim lembre-se de que ele pesa o seu espírito.

Deus Usa mesmo os homens maus para a execução dos seus planos

Este é o cerne da nossa discussão. Quando Deus executa seus planos, via de regra, ele usa instrumentos que ele próprio fez para a consecução dos seus planos. Todos os seres criados, como vimos acima, são funcionários da administração divina.

Deus fez todas as coisas com propósitos determinados. Não há nada sem propósito neste mundo. Por isso é que o escritor de Provérbios disse com todas as palavras que

“O Senhor fez todas as coisas para determinados fins e até o perverso, para o dia da calamidade” (v.4).

Desse verso, podemos concluir duas coisas:

1. Que Deus é a causa primeira de todas as cousas.

Ele é a fonte da existência de todas as coisas, mesmo que não possamos explicar todas as conseqüências dessa afirmação. Não há nada que venha a existir ou a ser sem que o próprio Deus deixe de assumir uma responsabilidade. Mesmo os ímpios são criados com propósitos definidos na história que Deus de antemão escreveu. Todavia, esses ímpios agem de acordo com a sua natureza, como seres agentes morais livres que são. Eles não fazem nada contrário à vontade deles próprios. Nunca eles podem culpar ninguém a não ser eles próprios por suas impiedades. Por uma questão da absoluta soberania divina, eles não vão ser salvos, pois o texto diz que eles são criados para o dia da calamidade, isto é, o dia do juízo divino. Ainda assim, os ímpios agem como instrumentos dos propósitos divinos;

(2) Que Deus é o fim último de todas as coisas.

Tudo começa em Deus e termina nele. Tudo é dele e para ele. Ele fez todas as coisas conforme o conselho da sua vontade e para o louvor da sua glória (Ef 1.10-11). Ele serve-se de tudo o que faz para cumprir os seus santos propósitos que nunca falham. Mesmo os ímpios existem para fins específicos (ou determinados) que trazem glória à justiça divina. Originalmente, Deus não criou homens ímpios, mas de um modo secreto e inescrutável ele fez com que viessem a existir ímpios, a fim de que, quando eles cometessem impiedades, a glória da sua santa justiça fosse manifestada. A sua ira e o seu poder são glorificados na condenação dos ímpios, que são os vasos de ira preparados para a perdição, no dia da calamidade (Rm 9.22). Todavia, devemos entender o verso de Provérbios 16.4 no sentido de que os ímpios são empregados da administração quando eles são os instrumentos dos quais Deus se serve para exercer juízo parcial sobre o mundo, através das guerras. No Antigo Testamento, já vimos, vários homens ímpios foram usados por Deus para trazer o mal físico sobre a

nação de Israel (com Senaqueribe) a de Judá (com Nabucodonozor), e sobre a Babilônia (com Ciro). Homens ímpios que Deus usou para a demonstração da sua própria glória!

Os ímpios geralmente são conhecidos como aqueles que rejeitam os princípios estabelecidos por Deus na sua palavra. Eles não tomam os preceitos de Deus como norma de conduta para eles. Eles fazem o que bem lhes parece, seguindo as inclinações dos seus corações pecaminosos. Quando eles pecam, acabam recebendo a manifestação da providência retributiva de Deus. São castigados, o que também combina com os planos da justiça de Deus.

Portanto, as decisões dos cristãos devem sempre ser norteadas pelas prescrições divinas na sua Palavra, mas os ímpios reagem a elas. No entanto, reagindo a elas, eles estão dentro dos planos secretos de Deus onde está incluído “o dia da calamidade”, o dia da punição divina para os ímpios.

TODAS AS COISAS QUE ACONTECEM GLORIFICAM A DEUS

Muitos de nós somos ensinados que a glorificação de Deus acontece somente quando obedecemos os princípios estabelecidos por ele na sua Palavra. Pelo menos é isso que muitos aprendem em suas igrejas locais. Todavia, essa não é a única coisa que devemos aprender sobre essa matéria.

Deus é glorificado pelo que fazemos de bom

Há um sentido em que trazemos glória a Deus pelas coisas que nós fazemos de bom, sejam elas de grande importância ou de pequena importância. Paulo, escrevendo aos Coríntios, diz:

1 Co 10.31 - “Portanto, quer comais ou bebais, ou façais outra coisa qualquer, *fazei tudo para a glória de Deus.*”

Quando lemos esse verso devemos entender que essa glorificação é uma tarefa dos homens em relação a Deus. Os cristãos devem proceder de tal forma que os ímpios aprendam a admirar a Deus e tê-lo em alta conta. Eles aprendem a respeitar Deus pelo modo como fazemos as coisas que devemos fazer.

É seu dever, cristão, obedecer a Deus em todas as coisas a fim de que o mundo em que vivemos testemunhe as suas boas obras e glorifiquem ao Pai celestial.

Deus é glorificado em tudo o que acontece

Todavia, as coisas desta matéria não precisam ser vistas somente do prisma acima. Deus é glorificado em tudo o que acontece neste mundo, mesmo nos atos maus dos homens.

Neste caso, não são os homens que estão atribuindo glória a Deus por quebrar os seus princípios, mas Deus é que se glorifica a si mesmo nos atos deles porque neles ele mostra a glória de alguns de seus atributos morais, como santidade, justiça e também torna ainda mais brilhante o atributo da sua soberania.

No Salmo 76.10 o salmista diz a Deus que “*até a ira humana há de louvar-te e do resíduo das iras te cinges.*” Os ímpios se enchem de ira contra Deus rebelando-se contra a sua autoridade. A ira humana neste caso é

pecaminosa e revela as indisposições do coração humano contra Deus. Os ímpios se iram produzindo mais pecado ainda. No entanto, Deus está por detrás de todos atos humanos e os controla totalmente porque tem acesso ao coração humano. Deus decide o quanto de ira o homem pode manifestar a fim de realizar os seus planos; Deus decide contra quem a ira humana pode manifestar-se; Deus decide em que ocasião ela pode manifestar-se. E o texto diz mais ainda: que Deus se veste do resíduo da ira ou se serve do resultado da ira humana para realizar o seu plano neste mundo. O resultado da manifestação da ira humana (que é o resíduo dela) Deus usa para manifestar a sua glória, pois todos os seus propósitos são cumpridos e, assim, ele é glorificado. Todas as manifestações da ira dos homens cumprem um propósito divino que, em última instância, trazem louvor a Deus.

Não é dito na Escritura que Deus se agrada dos atos maus dos homens, pois a Escritura diz exatamente o contrário, mas é dito que todos os atos dos homens são controlados, dirigidos e determinados por Deus de forma que eles acabam trazendo louvor a Deus pelo fato deles cumprirem os desígnios divinos.

TODOS OS INSTRUMENTOS DE DEUS SÃO AGENTES LIVRES

Nenhum teólogo reformado deve abrir mão deste princípio que já foi mencionado e explicado em capítulos anteriores. Todavia, é necessário que esse princípio seja enfatizado, porque ele envolve verdades fundamentais da providência divina.

Porque Deus é soberano ele decreta

Todas as coisas que acontecem no nosso mundo não são acaso. Nada acontece independentemente de um plano previamente estabelecido por Deus. Geralmente, os libertários são opositores ferrenhos dos reformados porque negam que os atos dos homens sejam um resultado da execução dos decretos divinos. No máximo, alguns deles afirmam que Deus decreta os eventos porque ele já sabia de antemão o que os homens haveriam de fazer, em razão da sua presciência.

Porque o homem é livre ele é responsável

A Escritura não somente diz que o Deus é absolutamente soberano, mas também que o homem é responsável por tudo o que faz. A responsabilidade do homem está diretamente relacionada com a sua capacidade de fazer o que faz, obedecendo os impulsos da sua própria natureza.

Quando você ouvir que o homem é cem-por-cento responsável, entenda que a sua responsabilidade está vinculada à sua liberdade de agência. Por liberdade de agência eu quero dizer da capacidade que todo ser racional tem de fazer qualquer coisa segundo as disposições dominantes da sua natureza. Quando o rei da Assíria agiu maldosamente, ele fez o que lhe era próprio (embora estivessem fazendo tudo debaixo do decreto divino), seguindo as inclinações do seu coração (que é ele próprio – Pv 27.19; cf 23.7).

As duas verdades acima não são inconsistentes

A mente teimosa de muitas pessoas insiste em ver inconsistência entre os dois princípios acima, justamente pela falta de compreensão de ambos. Eles não conseguem pensar em soberania absoluta que combine com liberdade humana (porque para eles essa liberdade tem de ser absoluta também). Se os libertários estão certos no seu conceito de liberdade absoluta, então não há como conciliar a soberania divina absoluta com a liberdade humana absoluta.

Todavia, as duas coisas — a soberania de Deus (que é absoluta) e a liberdade humana (que não é absoluta) — são verdadeiramente ensinadas na Bíblia, pela simples razão desse Deus soberano condenar pessoas que cumprem seus decretos, porque simplesmente elas fazem o que fazem sem que sejam forçados por nada de fora. Fazem o que querem, o que preferem, o que lhes agrada, o que está em harmonia com a natureza pecaminosa deles. Não há nenhuma inconsistência em Deus Ter decretado a invasão violenta do rei da Assíria (veja o exemplo logo abaixo) para derrotar Israel e, ao mesmo tempo, punir o rei da Assíria por fazer o que fez do modo como o fez.

Um texto bíblico bem claro a compatibilidade das duas verdades acima é o de Lucas 22.22 – “Porque o Filho do homem, na verdade, vai segundo o que está determinado [*está é a soberania divina*], mas aí daquele por intermédio de quem ele está sendo traído [*esta é a responsabilidade humana*].” Este texto mostra ao mesmo tempo a soberania divina e responsabilidade de Judas ao fazer o que fez sem que fosse coagido por alguma força externa. Ele agiu livremente, isto é, ele fez o que era compatível com a sua natureza, obedeceu as inclinações da sua carne, fazendo o que ele havia planejado há muito tempo. Por essa razão, Jesus já lhe havia dito algumas horas antes: “O que tens de fazer, faze-o depressa”. Judas agiu conscientemente, apenas levado por suas paixões ímpias e por seus interesses escusos.

Um outro texto claro é o de Atos 2.23 – “Sendo este [Jesus] entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos.” As duas verdades estão estabelecidas neste verso: a soberania divina (“*entregue pelo determinado desígnio de Deus*”) e a liberdade e responsabilidade humanos (“*vós o matastes...por mãos de iníquos*”). Alguns crentes incautos, só conseguem pegar a primeira parte do verso e chegam ao seguinte raciocínio: “Se Jesus foi entregue pela determinação divina para ser morto, então Deus é o único responsável pela morte de Jesus, não os judeus”. Todavia, a segunda verdade também está claramente afirmada: “Vós o matastes”. É como se Pedro houvesse dito: “Não pensem que porque Deus agiu soberanamente vocês estão livres de responsabilidade. De forma alguma! Vocês não estão desculpados. Vocês agiram de acordo com a maldade dos corações e o sangue dele caiu sobre vocês. Vocês são culpados por fazerem o que fizeram”.

Deus usou soberanamente os ímpios para eles cumprissem os propósitos divinos, mas ao fazerem isso, eles acabaram agindo impiamente, porque eles quebraram a vontade preceptiva de Deus ao fazerem o que fizeram com Jesus. Por isso, foram considerados culpados por seus atos.

TODOS OS INSTRUMENTOS DE DEUS SÃO PUNIDOS POR SEUS ATOS MAUS

Este é um outro importante princípio da providência divina, porque ele é o resultado imediato do princípio anterior. Todavia, é o mais difícil de compreender porque está relacionado com a soberania divina que decreta todas as coisas e com a liberdade humana que consiste no fazer todas as coisas segundo as disposições dominantes do coração humano.

A dificuldade, portanto, está relacionada com a atitude de Deus em punir os instrumentos que ele próprio usa para a consecução de seus propósitos. Esse raciocínio machuca a mente de algumas pessoas que não conseguem entender o princípio governativo da soberania divina combinado com a livre agência dos homens.

Já estudamos vários exemplos bíblicos deste assunto no capítulo que trata do “*concursum* providencial de Deus”. Todos os instrumentos usados por Deus que (como Senaqueribe, Nabucodonozor, Ciro, Absalão, Baasa, etc.), cometeram atos abomináveis, acabaram sendo punidos pelos atos que praticaram, mesmo que para cumprir propósitos divinos, porque simplesmente o fizeram como agentes livres.

Veja o exemplo da Assíria que é ilustrativo dos outros que já mencionamos acima: Deus quis punir Israel por sua maldade. Deus levantou o rei da Assíria, Senaqueribe, para fazer todos os males possíveis contra Samaria.

A Assíria era o “cetro da sua ira”, “a vara divina e o instrumento do seu furor” (Is 10.5). Deus despejou a sua ira contra uma nação ímpia (v.6) que era Israel através do seu instrumento que era a Assíria. Contudo, quando o rei Senaqueribe da Assíria age como a vara divina, como o instrumento do furor divino, ele o faz pecaminosamente, com soberba, com arrogância no seu coração (v.6-7).

Deus ordena ao seu instrumento para agir contra o povo da sua indignação (v.6), mas profere um “ai” contra a Assíria (v.5). Deus resolve punir a Assíria pelas maldades cometidas contra Israel, porque ela quebrou a vontade preceptiva de Deus, agindo de maneira arrogante. Veja o que o texto diz:

Is 10.12 – “Por isso acontecerá que, havendo o Senhor acabado toda a sua obra no monte Sião e em Jerusalém, *então castigará a arrogância do coração do rei da Assíria e a desmedida altivez dos seus olhos.*”

Em seguida, o verso 13 mostra como o rei Senaqueribe se mostrou altivo. Ele tomou para si toda a glória dos seus feitos, como se nunca Deus estivesse envolvido na história. Ele agiu arrogantemente, como se fosse o dono do mundo e esqueceu-se de botar Deus na sua conta.

O castigo de Deus não veio pelo fato de Senaqueribe cumprir os decretos divinos (que estão totalmente envolvidos aqui) mas pela maneira pecaminosa como ele o fez. Ele nunca considerou Deus um parceiro nas suas obras, quando Deus havia dito que ele é que havia feito tudo, numa

operação *concurativa* com o rei (v.12). Nos versos 5 e 6 Deus diz que a Assíria era o instrumento do seu furor para castigar Israel. Repito, Deus não iria castigar o rei pelo que ele havia feito, pois ele havia cumprido um decreto divino. Mesmo sem ter conhecimento do decreto divino, ele cumpriu a sua tarefa como instrumento do Altíssimo. Esse texto de Isaías é uma pancada na teologia sentimental de todos nós.

No verso 15 Deus pergunta: “Porventura gloriar-se-á o machado contra o que corta com ele [*quem é o machado, e quem usa o machado?*]? Ou presumirá a serra contra o que a maneja [*quem é a serra e quem a maneja?*]? Seria isso como se a vara brandisse os que a levantam, ou o bastão levantasse a quem não é pau! [*por acaso os atos dos homens controlam as ações ou os propósitos de Deus?*]”

Deus usou o rei da Assíria para exercer juízo sobre Israel e, então, quando o rei cumpriu os decretos divinos, Deus o puniu porque ele agiu com os motivos errados e com o espírito de vanglória, não colocando Deus como parceiro de suas obras.

Não parece injusto Deus usar alguém para ser seu instrumento e, depois, puni-lo pelo que fez? A dificuldade de crer nessas coisas está na falha de entendimento ou na ignorância da doutrina da soberania divina como se ela fosse inconsistente com a doutrina da liberdade humana. A dificuldade é aumentada quando alguns voluntaristas-libertários entendem a liberdade humana como sendo liberdade de independência ou de autonomia. Para essas pessoas, se o homem não possui liberdade total eles não podem ser considerados responsáveis ou culpados pelo que fazem. Esse é o cerne do problema nesta matéria.

Todavia, não podemos negar que Deus considera culpados pelos atos maus todos os seus instrumentos. Deus estabeleceu as regras desse modo que não há como o homem possa escapar de ser responsável por tudo o que faz, mesmo a despeito dele ser instrumento para a realização dos decretos divinos.

ADVERTÊNCIAS SOBRE O USO INDEVIDO DA PROVIDÊNCIA

NÃO DESCULPE O SEU PECADO COM BASE NA PROVIDÊNCIA DIVINA

Algumas pessoas ouvem sobre a soberania divina e a entendem mal. Simplesmente porque entendemos que Deus está por detrás de todas as coisas que acontecem em nossas vidas, apressada e imprudentemente pensamos que estamos desculpados pelo que fazemos com base nos atos providenciais de Deus.

Deus é santo e não pode ser responsabilizado pelo que você faz. Lembre-se de que você é responsável porque você age somente com base na natureza pecaminosa que é parte de você mesmo. Quando você peca é por causa dos impulsos interiores que você produz em seu coração, mesmo embora você não tenha domínio sobre o seu próprio coração. Todavia, você não pode fugir do fato de que você é aquilo que o seu coração é. Cada pecado seu é um ato de rebelião contra o Altíssimo e Santo Deus. Cada vez que você peca, você é objeto da ira divina. Contudo, ele não tem tratado você segundo

os seus pecados porque Cristo foi tratado com ira no seu lugar. Sobre ele veio a vingança divina por causa dos seus pecados.

Mesmo embora Deus tenha decretado todas as coisas que acontecem no mundo, você é que é o pecador. Não distorça a doutrina da providência para justificar os seus pecados.

Portanto, quando você ouvir sobre os atos providenciais de Deus nas obras más dos homens, não se desculpe nisso para pecar, porque Deus o considera responsável. E Deus não erra no juízo que ele faz de você.

NÃO MURMURE DIANTE DOS ATOS PROVIDENCIAIS DE DEUS

Os atos providenciais a que me refiro aqui tem a ver com os atos maus que nos trazem dissabores e com os outros sofrimentos pelos quais Deus nos faz passar, seja por nossos pecados pessoais ou por causa dos pecados dos outros, ou ainda sofrimentos que o atinjam sem que envolvam problemas morais.

Nada acontece neste mundo que não seja um ato da sábia e santa providência. Quando Deus faz vir os sofrimentos sobre você, ele tem santos propósitos: ele pode estar querendo amadurecer você, mostrar o seu amor com vara por causa da sua desobediência ou ainda, gerar em você paciência, perseverança, experiência, ou outras coisas parecidas com essa.

Se você murmura é provavelmente porque você não está satisfeito com o que Deus faz em sua vida (porque você não se acha merecedor do que você passa!), e isso pode tornar-se ainda mais dolorido em você. Em última instância, Deus quer que você aprenda a ser submisso à sua vontade. Se você se reportar ao que aconteceu com Jó, você vai aprender a proceder como ele. Aprenda a não murmurar quando as setas do Todo-poderoso lhe atingirem o corpo ou a alma. Se você murmurar, as setas se tornam ainda mais doloridas. A ação de graças e o louvor pelos atos providenciais de Deus tornam as dores suavizadas e você experimentará a bem-aventurança de confiar na providência divina. Depois das flechas em sua vida, que lhe causam doloridas perdas, como Jó, diga: “Deus deu, Deus tomou, bendito seja o nome do Senhor” (Jó 1.21). Quando os discípulos perceberam que o que lhes acontecia era obra da providência divina, resignados, disseram: “faça-se a vontade do Senhor” (At 21.14).

NÃO SE INQUIETE DIANTE DAS PROVIDÊNCIAS DE DEUS

Jesus havia dito aos seus discípulos que no mundo eles haveriam de experimentar tribulações. Geralmente, estas vêm dos homens quando eles perseguem os filhos de Deus, mas nem todas elas possuem esse caráter. Deus nos prova, enviando-nos tribulações através dos mais variados meios, como já vimos anteriormente.

Contudo, não podemos ficar ansiosos ou inquietos diante daquilo que chamamos de “ausência da providência”. Deus não falta nunca. Quando ele deixa de enviar o que queremos é um sinal de que o que queremos não é o melhor para nós. Melhor não é sinônimo de mais agradável. Deus vê as cousas de outra perspectiva. O melhor pode ser perfeitamente o que nos é dolorido. O salmista reconheceu essa verdade a duras penas. Veja o que ele

disse: “Foi bom eu Ter passado pelas aflições para que eu aprendesse os teus decretos” (Sl 119-71).

Na verdade, a chamada “ausência da providência” é uma maneira negativa de Deus trabalhar, o que também é parte de sua obra providencia. Quando Deus deixa de fazer o que queremos e esperamos que ele faça, é para cumprir em nós alguns de seus santos propósitos. Davi entendeu assim e disse que “foi bom Ter passado pelas aflições”. Se você também entender assim, a ausência do que você quer será a presença do que Deus quer.

Afinal de contas, Deus é o administrador da providência, não nós. Portanto, nunca fique ansioso pelo que lhe acontecerá no dia de amanhã. Basta cada dia o seu mal. Apenas espere confiantemente pelo Senhor (veja o ensino de Jesus em Mt 6.25-34). Apenas faça o que lhe cabe fazer: Busque primeiramente o reino de Deus e a sua justiça. O restante ele fará.

NÃO INVERTA A ORDEM PRIORITÁRIA DA PROVIDÊNCIA DE DEUS

Deus sempre usa meios para realizar os seus propósitos. Nunca desconsidere os meios que Deus usa. Todavia, nunca confie nos meios. Eles falham quando Deus não os usa. Embora Deus use regularmente os meios, estes não são os mais importantes, mas aquele que os usa.

Se os meios são estabelecidos por Deus, ele só vai usar os meios corretos de acordo com a natureza das coisas que ele vai fazer. Se Deus vai salvar os homens do pecado, ele não pode usar meios impróprios. Veja o que o profeta Oséias registrou: “Porém da casa de Judá me compadecerei, e os salvarei pelo Senhor seu Deus, pois não os salvarei pelo arco, nem pela espada, nem pela guerra, nem pelos cavalos, nem pelos cavaleiros” (Os 1.7). Em matéria de salvação, somente Deus pode executar. Nada da sua criação pode ser instrumento para a salvação de pecadores. Deus usa os meios que combinam com a sua obra. A natureza da obra determina o meio que Deus usa.

Se os meios são pouco prováveis, isto é, se eles não são muito próprio ou estão envelhecidos, Deus pode usá-los a despeito disso. Veja o caso de Abraão e Sara: “E sem enfraquecer na fé, embora levasse em conta o seu próprio corpo amortecido, sendo já de cem anos, e a idade avançada de Sara, não duvidou da promessa de Deus, por incredulidade; mas, pela fé, se fortaleceu, dando glória a Deus, estando plenamente convicto de que ele era poderoso para cumprir o que prometera” (Rm 4.19-21). Os meios, mesmo que despreparados ou encanecidos, podem ser usados poderosamente por Deus. Abraão creu nessa verdade e, ao invés de confiar nos meios (que eram ele e sua mulher) para gerar um filho na velhice, ele confiou na promessa daquele que usa os meios, a despeito da condição dos meios.

Portanto, nunca confie nos meios, mas naquele que usa os meios. A providência divina se serve de Deus, mas o objeto de nossa fé é o Deus providente.

ATITUDES NOSSAS DIANTE DA PROVIDÊNCIA DIVINA

APRENDA A VIVER CONFIANTEMENTE NO SENHOR

Se somos pessoas sábias, temos de aprender a viver confiando na providência divina. Temos de ser encorajados a essa fé porque muito regularmente somos tentados a ceder à dúvida de que Deus vai agir em nossa vida. Por causa de algumas coisas que vemos neste mundo, bem ao nosso lado, somos tentados a vacilar em nossa fé. Isso aconteceu com Asafe, o escritor do Salmo 73.

Ele acabou pensando que Deus não mais tinha o controle do mundo e que não tinha valido à pena andar em retidão, ter o coração limpo e ter lavado as suas mãos na inocência (Sl 73.13-15). Porque ele perdeu a confiança nas obras providenciais de Deus, ele viu o mundo de um prisma totalmente diferente, de um modo negativo. A incredulidade inverte as lentes com as quais enxergamos o mundo e o vemos de cabeça para baixo. Invertemos os valores da vida quando descremos num mundo sem o absoluto governo providencial de Deus.

Uma experiência similar à de Asafe tiveram os israelitas no tempo do profeta Malaquias. Veja o que acontece quando as pessoas perdem a confiança na providência divina.

Mal 3.14-15 – Vós dizeis: Inútil é servir a Deus; que nos aproveitou termos cuidado em guardar os seus preceitos, e em andar de luta diante do Senhor dos Exércitos? Ora, pois, nós reputamos por felizes os soberbos; os que cometem impiedade prosperam, sim eles tentam ao Senhor, e escapam.”

A incredulidade na obra providencial vem pelo desconhecimento do modo como Deus trabalha no mundo. Muitas confundem a providência somente com as cousas boas e agradáveis, mas a providência divina é muito mais abrangente do que costumamos pensar. Até as obras más dos homens fazem parte dos planos providenciais de Deus. No entanto, quando as pessoas ignoram essa verdade, elas passam a desconfiar da ação divina no mundo e acabam falando o que os israelitas contemporâneos de Malaquias falaram.

Além disso, eles acharam inutilidade no serviço de Deus e acabaram invejando os soberbos que sempre desandaram a boca contra o céu. Onde está a razão dessa inversão de valores? No entendimento errôneo de providência, pois isso fica evidente no fato deles verem os ímpios prosperarem. No fundo, esses judeus religiosos é que se achavam no direito de prosperar financeiramente. Aliás, essa era a providência que Deus tinha de tomar, na conta deles. Como Deus não fez isso, eles se rebelaram contra Deus, invejaram os ímpios, e não confiaram nas ações divinas na vida deles.

Se você é crente, não aja da mesma forma que essas pessoas. Procure Ter um conhecimento correto da doutrina da providência a fim de que você não cometa injustiça contra Deus, descrendo de suas obras providenciais.

APRENDA A ESPERAR PACIENTEMENTE PELAS PROVIDÊNCIAS DE DEUS

Aprenda a esperar até que as providências cheguem. Somos muito apressados para ver as obras de Deus realizadas e nem sempre damos conta de que o tempo de Deus não é o nosso, nem os caminhos dele os nossos caminhos.

Veja a atitude paciente do profeta Habacuque

O profeta Habacuque aprendeu a esperar pacientemente pelas manifestações providenciais de Deus. Lembre-se de que ele vivia em tempos de grandes injustiças sociais. Por causa delas, ele pergunta a Deus: “Por que me mostras a iniquidade e me fazes ver a opressão? Pois a destruição e a violência estão diante de mim; há contendas, e o litígio se suscita. Por esta causa a lei se afrouxa, e a justiça nunca se manifesta; porque o perverso cerca o justo, a justiça é torcida” (Hc 1.3-4). Como se portar numa sociedade tão injusta sem perder de vista a obra providencial de Deus?

Observe o que ele disse:

Hc 2.1 – “Por-me-ei na minha torre de vigia, colocar-me-ei sobre a fortaleza, e vigiarei para ver o que Deus me dirá, e que resposta eu terei à minha queixa.”

Este verso dá a idéia do homem que espera ver no horizonte a poeira do Deus que está chegando para intervir numa situação de opressão diante da qual o povo vivia. O profeta estava esperando pelos atos providenciais de Deus para corrigir e disciplina a vida de sua nação. Enquanto o Senhor não age acabando com as injustiças, temos que aprender a ter paciência pelas manifestações providenciais de Deus livrando o seu povo do sofrimento.

Veja atitude paciente do profeta Isaías

O *modus operandi* de Deus é diferente do nosso. O “tempo” de Deus não é exatamente igual ao nosso. Faz parte da nossa vida esperar pacientemente pelo Senhor. Por isso, o profeta Isaías disse:

Is 26.8-9 - “Também através dos teus juízos, Senhor, te esperamos... Com minha alma suspiro de noite por ti, e com o meu espírito dentro em mim, eu te procuro diligentemente; porque, quando os teus juízos reinam na terra, os moradores do mundo aprendem justiça.”

O profeta Isaías estava esperando pelo Senhor e pela manifestação da sua justiça paciente e anelantemente, porque ele cria que somente com a justiça divina reinando é que os homens aprendem sobre a retidão. Ele ansiava dia e noite pela presença de juízo e justiça do seu Deus. Ele esperava pacientemente pela presença de juízo de Deus porque ele possuía a certeza de que, quando os homens vêem Deus se manifestando, eles aprendem como viver retamente. Todavia, ele não podia apressar a vinda de Deus. Então, é dito que ele “suspirava dia e noite” pela manifestação justa de Deus.

Veja a atitude paciente do salmista

Nunca o mundo viveu tempos de plena justiça e paz. Sempre ele foi conturbado por desordens, injustiças, opressão e cousas equivalentes a essas.

Sl 130.1, 3, 5-6 – “(1) Das profundezas clamo a ti, Senhor... (3) Se observares, Senhor, iniquidades, quem, Senhor, subsistirá? (5) Aguardo o Senhor, a minha alma o aguarda; eu espero na sua palavra; (6) a minha alma anseia pelo Senhor, mais do que os guardas pelo romper da manhã...”

A iniquidade e a injustiça só mudam de nome e de endereço, porque elas são as mesmas em todas as épocas e lugares (v.3). O salmista vivia em grande angústia, pois ele diz que clamava ao Senhor “das profundezas”. Provavelmente essa expressão indique uma profunda tristeza de alma em que vivia no meio da sua geração que, segundo o seu entendimento, era perversa e corrupta, pois ninguém poderia continuar existindo se Deus levasse em conta as iniquidades dos homens. No entanto, ele esperava pacientemente até a manifestação da justiça divina. Ele esperava firmemente nas promessas da palavra de Deus, e aguardava com extrema ansiedade a vinda do Senhor mais fortemente do que os guardas esperavam pelo romper da manhã.

Algumas vezes a Providência trabalha de maneira muito clara que não há necessidade de se ter os olhos muito abertos para se ver. Ela resplandece como o sol diante de nós, mas há outras vezes em que ela trabalha quase que imperceptivelmente. Somente conseguem ver as obras da providência aqueles que observam atentamente a ação de Deus na história, mas para o observador incauto, essas obras não são vistas. Elas parecem envolvidas em trevas e somente quem possui uma visão bem clara da providência pode perceber. O cristão que está atento, mesmo que ele tenha dificuldades em ver durante a noite, ele pacientemente espera pelo romper da manhã para que possa observar o trabalho divino no mundo e na vida das pessoas. O crente fica esperando com paciência até o Senhor se manifestar de maneira aliviadora na vida do povo que sofre (ver Lm 3.49-50).

Vivemos numa sociedade relativamente parecida com a de Habacuque, a do salmista e a de Isaías. Reina a impiedade e a injustiça. Às vezes somos impacientes e queremos agir com a força de nossa natureza pecaminosa, sem esperar pacientemente pelo Senhor.

Aprenda a esperar pelo momento próprio do Senhor manifestar os seus juízos providenciais, pondo um fim às angústias que machucam a vida dos crentes importunados pela maldade dos homens.

APRENDA A PRESTAR ATENÇÃO QUANDO AS PROVIDÊNCIAS APARECEM

Is 25.9 – “Naquele dia, se dirá: Eis que este é o nosso Deus, *em quem esperávamos*, e ele nos salvará; este é o Senhor, *a quem aguardávamos*; na sua salvação exultaremos e nos alegraremos.”

O profeta Isaías está descrevendo uma esperança de salvação futura para o povo. Ele está antevendo o que o povo cristão haverá de dizer no dia em que Deus restaurar todas as coisas, incluindo a vitória sobre a morte, fazendo com que as lágrimas desapareçam da vida do povo, livrando o povo de toda ignomínia (v.8). Nesse dia o povo estará atento para as manifestações poderosas de Deus, completando a redenção do seu povo.

Quando a ação libertadora começar a aparecer, é tempo do povo de Deus dizer: “Este é aquele *a quem aguardávamos*”. Essa frase indica o estado de “alerta” em que sempre ficou o povo, aguardando a manifestação gloriosamente providencial do Senhor. Não somente devemos aguardar com paciência os atos providenciais do Senhor, mas devemos ficar atentos para que possamos discernir o tempo da ação do Senhor. Por que discernir? Porque nem sempre as ações providenciais de Deus são claras. Às vezes, as linhas da Providência são muito finas e curtas. Não podemos percebê-la se não estivermos atentos. Se os nossos sentidos não estão exercitados na atenção, elas passam despercebidas.

Houve caso na história de Israel em que eles não perceberam as manifestações providenciais de Deus, porque não estavam atentos a elas. Lamentando sobre a falta de atenção dos habitantes de Jerusalém quando às providências redentoras de Deus, Jesus disse: “Pois sobre ti virão dias em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras e, por todos os lados, te apertarão o cerco; e te arrasarão e aos teus filhos dentro de ti; não deixarão em ti pedra sobre pedra, porque *não reconheceste a oportunidade da tua visita*” (Lc 19.43-44). Jerusalém foi destruída no ano 70, como produto da providência retributiva de Deus, mas alguns anos antes, eles não prestaram atenção aos atos salvadores de Deus em Jesus Cristo. Eles não discerniram que o Messias era Deus visitando aquele povo. Eles não reconheceram a ocasião que lhes era devida. Quando estamos desatentos, as obras de Deus passam despercebidas na vida do mundo.

Todavia, os cristãos precisam ter os olhos abertos para ver o dia de Deus agir. Eles não podem ficar dormindo, descuidados dos acontecimentos que são produto da ação providencial de Deus. Precisamos discernir os tempos, porque os dias são maus, tentando antever as ações de Deus para que, quando elas aparecerem, tenhamos consciência clara de suas santas providências.

APRENDA A REMEMORAR AS PROVIDÊNCIAS ACONTECIDAS

A fim de que você tenha os olhos abertos e atentos par as providências divinas, você tem de exercitar a sua memória das intervenções providenciais de Deus no passado. Você precisa recordá-las em sua mente considerando-as atentamente. Somente pode enxergar o futuro aquele que tem olhos para o passado. É impossível ver as ações de Deus no presente ou no futuro se não sabemos como Deus agiu no passado. Ele não é um Deus que fica inovando cada vez que intervém no mundo. Ele freqüentemente age de maneira contínua e costumeira.

Não podemos simplesmente olhar a história das providência, mas analisar os eventos onde Deus agiu providencialmente. O salmista disse: “Grandes são as obras do Senhor, consideradas por todos os que nelas se comprazem” (Sl 11.2). Quando mais consideramos as obras do Senhor, mas

vemos Deus nelas. Quanto mais vemos Deus nelas, mais o conhecemos e mais temos prazer nele e nelas.

Quanto mais você observa as obras de Deus na vida das pessoas mais você descobre a profundidade de suas ações! Portanto, você não pode simplesmente ler a história de relance, mas meditar atentamente nos atos providenciais de Deus. Numa simples olhada é possível que você não perceba as obras de Deus. É necessário que você as observe com muita atenção e, então, você descobrirá que grande Deus é aquele em quem você confia!

APRENDA A GUARDAR O REGISTRO DAS PROVIDÊNCIAS DIVINAS

Tenha o precioso hábito de registrar todas as vezes que você percebeu as ações providencias de Deus. Aprenda a contar as suas intervenções. Um antigo hino, falando das intervenções providenciais de Deus, diz uma frase que alguns de nós desprezamos: “

“Se da as vagas procelosas são,
Se, com desalento, julgas tudo vão,
Conta as muitas bênçãos, dize-as de uma vez,
E verás, surpreso, quando Deus já fez.”¹⁸⁷

Havia alguns crentes piedosos no tempo do Novo Testamento que aprenderam a registrar os feitos de Deus de uma maneira singular. Deus havia agido na vida do seu povo, e a vinda de João Batista era mais uma das manifestações providenciais de Deus. Então Lucas relata que “os seus vizinhos ficaram possuídos de temor, e por toda a região montanhosa da Judéia foram divulgadas estas coisas. Todos os que as ouviram, *guardavam-nas no coração*” (Lc 1.65-66). As jóias preciosas das manifestações providenciais de Deus foram alojadas no lugar mais precioso que um homem pode ter — o coração. Quando via o que estava acontecendo com o seu Filho querido, é dito de Maria que “ela guardava todas as coisas no coração”.

As experiências que Deus nos faz passar precisam ser registradas. Quando as registramos devidamente, elas nos serão referenciais para discernir as obras de Deus no futuro. Portanto, se você quiser discernir as épocas, dê uma olhada para os registros do seu coração daquilo que Deus já fez em sua vida!

Quando registramos bem claramente as cousas que nos aconteceram na primavera da vida, elas nos serão úteis para entendermos o inverno da vida! O final da vida é muito melhor compreendido quando recordamos as ações de Deus no começo dela.

O salmista Asafe volta-se para os anos passados de sua vida a fim de entender os sofrimentos do seu tempo presente. Ele se expressa assim: “Penso nos dias de outrora, trago à lembrança os anos de passados tempos. De noite indago o meu íntimo, e o meu espírito perscruta... Recordo os feitos do Senhor, pois me lembro das tuas maravilhas da antigüidade.” (Sl 77.5, 6, 11). Não há como entender os sofrimentos providencias que nos vêm quando

187 Hinário *Novo Cântico* (CEP: São Paulo), no. 63.

não olhamos para os feitos de Deus no passado do povo e de nossa própria vida pessoal. Se você não olhar para o passado, você pensará que tudo o que está acontecendo no presente é debalde, como escreveu o autor do hino acima citado.

Os tesouros espirituais do passado não podem ser jogados fora. Eles são preciosos e úteis para conhecermos o presente e antevermos o futuro das ações de Deus. Portanto, guardem no coração as obras providenciais de Deus que o ajudarão muito a entender as cousas que estiverem por vir a acontecer em sua vida.